TERESINHA MARIA GONÇALVES

O PROCESSO DE APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO ATRAVÉS DOS MODOS DE MORAR E HABITAR O LUGAR

(Uma Abordagem Psico-Sócio-Ambiental do Bairro Renascer / Mina Quatro de Criciúma - SC)



CURITIBA, 2002.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
Curso de Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento
UFPR

PARECER

Os Membros da Comissão Examinadora após realizarem a argüição da tese da doutoranda apresentada pela candidata Teresinha Maria Gonçalves, intitulada **O Processo de Apropriação do Espaço Através dos Modos de Morar e Habitar o Lugar (Uma abordagem psico-sócio-ambiental do Bairro Renascer/ Mina Quatro de Criciuma-SC),** deliberaram aprova-la, com base nos seguintes conceitos: Professor Francisco de Assis Mendonça (A) Professora Maria Cecília Coelho (A) Professor José Ivo Follmann (A) Professora Yara Bulgacov (A) Professora Salete Kozel Teixeira (A). Resulta desta avaliação que a candidata é aprovada como o conceito (A) e assim completando todos os requisitos necessários para receber o grau e o Diploma de Doutor em Meio Ambiente e Desenvolvimento Urbano.

Curitiba, 20 de março de 2002.

Prof. Dr. Francisco de Assis Mendonça

Profª. Drª. Maria Cecília Coelho

Prof. Dr. José Ivo Follmann

Profª. Dr.ª Yara Bulgacov

Profª. Drª. Salete Kozel Teixeira

OBS.: CONCEITO "A" COM "DISTINÇÃO" E RECOMENDAÇÃO DE PUBLICAÇÃO.

Rua: dos Funcionários, 1540 – Juvevê CEP: 80.035-050 Fone/Fax (041) 350-5764
Curitiba - Paraná

TERESINHA MARIA GONÇALVES

O PROCESSO DE APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO ATRAVÉS DOS MODOS DE MORAR E HABITAR O LUGAR

(Uma abordagem Psico-Sócio-Ambiental do Bairro Renascer/Mina Quatro de Criciúma-SC)

Tese apresentada à Universidade
Federal do Paraná como
exigência parcial à obtenção
do grau de Doutor em
Meio Ambiente e Desenvolvimento.

Comitê de Orientação:
Prof. Dr. Francisco de Assis Mendonça – UFPR
Prof. Dr. Dimas Floriani – UFPR
Co-orientadora:
Profª. Drª. Maria Cecília Coelho – USP

Curitiba, 2002

Queria saber das letras
As letras que não lhe ensinaram
Queria enxergar um mundo
Um mundo que lhe negaram
A mim deu a tarefa:

Decifrar a linguagem das letras

E a do coração.

À Maria Benta Silvano Machado Gonçalves (*in memorian*).
Minha mãe.

AGRADECIMENTOS

À UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ-UFPR:

Ao Curso Interdisciplinar de Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento, pela oportunidade de aprender a dialogar com outras áreas da ciência que não a de minha formação;

Ao Grupo Interdisciplinar de Pesquisa do Urbano, pela motivação em trabalhar a degradação sócio-ambiental urbana;

Ao Prof. Dr. Paulo Lana, pelo "batismo" de imersão no Curso de Doutorado, no Centro de Estudos do Mar. Pela oportunidade de reafirmar que fazer ciência é, também, sujar as mãos no lodo do mangue e experimentar o sal das folhas da *Avicennia*;

Aos colegas de doutorado, arquitetos: Clóvis Ultramari e Gislene Pereira, por me instigarem a trabalhar o conceito de espaço, pelo incentivo e solidariedade nos momentos mais difíceis. Com eles, aprendi que a interdisciplinaridade é possível e que a prática científica não se antagoniza com as relações de afeto e amorosidade;

Às secretárias do Curso de Doutorado, Claudete Yolanda e Cássia, pela gentileza e atenção a toda hora;

À UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE-UNESC:

À Reitoria e Conselho Universitário pela oportunidade de aprimoramento em minha carreira de docente;

Ao Prof. Dr. Guilherme de Castilho Queiroz pelo senso de justiça e lealdade que sempre teve comigo, quando era Diretor da Diretoria de Pesquisa;

Aos colegas Eduardo Nosse, Patrícia Medeiros e Marcos Back, pelo apoio e carinho num momento muito difícil;

À colega Heliete dos Santos, sempre pronta a me acompanhar na leitura do capítulo IV, dando sugestões;

Aos colegas do IPAT que ficaram na luta durante meu afastamento para elaborar a tese;

À coordenação, colegas, alunos e secretárias do Curso de Psicologia pelo compartilhar de meu esforço;

Aos colegas que me apoiaram e incentivaram;

À ASSOCIAÇÃO CATARINENSE DE FUNDAÇÕES EDUCACIONAIS-ACAFE, pela ajuda no custeio da pesquisa de campo e elaboração da tese.

À UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO-USP:

Ao laboratório de psicologia Social-LAPSI, pela acolhida e iniciação à Psicologia Ambiental;

À PREFEITURA MUNICIPAL DE CRICIÚMA:

Ao Arquivo histórico pela disponibilidade em fornecer registros históricos;

À Companhia de Planejamento Urbano-CODEPLA, pelos esclarecimentos e informações técnicas;

À Secretaria Municipal de Habitação, pela gentileza e atenção no disponibilizar dados;

Aos moradores do bairro Renascer/Mina Quatro, pela acolhida e colaboração;

Ao ambientalista Mário Guadagnin, pelo companheirismo e ajuda na minha entrada a campo e pelo depoimento histórico, através de sua narrativa;

Ao ambientalista João Paulo Teixeira, pelo seu depoimento histórico;

Ao engº Sebastião Neto Campos, pelo seu depoimento histórico;

À EQUIPE DE APOIO:

Adroaldo Trajano de Andrade: *Formatação das imagens (desenho e fotografias)*;

Maria Eduarda da Silva Vieira: *Revisão de Português*;

Patrícia Elaine Medeiros: *Transcrições de fita*;

Sérgio Honorato: *Colaboração nas atividades de registros fotográficos*;

Vera L. Simplício: *Formatação e revisão final*;

AGRADECIMENTO ESPECIAL AO COMITÊ DE ORIENTAÇÃO:

Ao Prof. Dr. Francisco de Assis Mendonça, pela oportunidade de trabalhar a questão urbana em meio ambiente, pela firmeza, respeito, incentivo e a forma carinhosa com que conduziu os trabalhos de orientação;

Ao Prof. Dr. Dimas Floriani, pela doçura e incentivo nas sessões de orientação;

À Profª Drª Maria Cecília Coelho, pela dedicação total, respeito e profissionalismo no trabalho de orientação, pela oportunidade de acesso a um novo método de pesquisa na área ambiental, pela oportunidade de conhecer o LAPSI e pela vinda a Criciúma para acompanhar os trabalhos de campo.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS x

RESUMO xiii

ABSTRACT xiv

RÉSUMÉ xv

INTRODUÇÃO 1

O Programa Interdisciplinar de Pesquisa 1
Posicionando o Problema 4
Hipótese Central 8
Detalhamento Metodológico 8
Técnicas de Aborgagem 9
Análise dos Dados 10
A Estrutura do Trabalho 11

PARTE I
CAPÍTULO I
O OLHAR DA PSICOLOGIA PARA O MEIO AMBIENTE 15

1.1 Psicologia Ambiental 16
1.2 Apropriação, Simbolismo do Espaço e Identidade Social 18
1.3 A Apropriação como marca do sujeito através da identificação 20
1.4 O Modelo Dual de Apropriação do Espaço 22
1.5 O Interacionismo Simbólico 23
1.6 Concepção de Sujeito e Identidade 24

CAPÍTULO II
A POÉTICA 32

2.1 A Poética da Casa, do Morar, do Habitar 36
2.2 A Poética da Natureza 42
2.3 A Poética da Cidade 44

CAPÍTULO III
SUJEITO E ESPAÇO 50

3.1 A Noção de Espaço 52
3.2 Espaço e Subjetividade 54
3.3 Corpo e Espaço 56
3.4 Atividade Racional, Atividade Simbólica e Espaço 60
3.5 A Toponímia dos antigos bairros operários de Criciúma: Mina Quatro, Mina do Mato, Mina do toco, Mina Brasil, Mineira Velha... 65

CAPÍTULO IV
SOCIEDADE, DESENVOLVIMENTO E DEMOCRACIA 69

4.1 O Paradigma da Intersubjetividade 70
4.2 Democracia e Liberdade 72
4.4 A Noção de Qualidade de Vida 74
4.5 Desenvolvimento como Liberdade 77
4.6 Necessidades Econômicas e Liberdades Políticas 80
4.7 Fomes Coletivas 82
4.8 Intitulamento 83

CAPÍTULO V
MEIO AMBIENTE E A QUESTÃO URBANA 87

5.1 Sustentabilidade Urbana 88
5.2 Economia de Comunicação 90
5.3 Cidade e Cidadania 92
5.4 Cidades Saudáveis 94

CAPÍTULO VI
CRICIÚMA E A MARCA DO CARVÃO 97

6.1 O Esforço de Guerra 102
6.2 Impactos na Qualidade das Águas 109
6.3 Impactos na Qualidade do Ar 111
6.4 Chuvas Ácidas 114

CAPÍTULO VII
O BAIRRO RENASCER/MINA QUATRO 118

CAPÍTULO VIII
HISTÓRIAS DE VIDA 132

8.1 Resistindo ao abrigo das águas, e a esperança refletida na chama da vela 133
8.2 Passeando pelas bordas do bairro a caminho da igreja matriz, no centro de Criciúma 145

8.3 Vendendo pipoca, engraxando sapatos, levando almoço aos mineiros para manter o "padrão" de vida em Criciúma 156
8.4 Identificando lugares pelos odores: perfume das macieiras em São Joaquim; cheiro de enxofre em Criciúma 164
8.5 Trazendo para o bairro o sonho de uma vida rural 173
8.6 Uma poética alimentada pela fé no bem comum e pelas lembranças de menino: o sonho da bicicleta 179
8.7 A grávida, a casa e a Praça do Congresso 193
8.8 Uma casa, um jardim, uma rede na varanda 202
8.9 Trilhando no Renascer e andando no centro de Criciúma 212
8.10 Saindo do bairro pelos caminhos "Da Próspera", retorna com objetos poéticos que encontra no lixo: a guampa e o portão que enfeitam a sua casa 218

CONCLUSÃO 224
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 236
BIBLIOGRAFIA 242
PARTE II – Registros da pesquisa de campo 246

LISTA DE FIGURAS

1 – Concepção de sujeito 25

2 – "A casa retomada no momento poético" 37

3 – "A casa da minha infância" 37

4 – Poesia no repouso do "guerreiro"..... 39

5 – "Tava sem eira nem beira" e eis uma casa para Dona Zulma 40

6 – A casa concreta que foi um sonho para Dona Ilda 41

7 – Serra do Rio do Rastro, fonte de inspiração para o poeta..... 44

8 – Praça do Congresso de Criciúma: lugar poético para muitos dos entrevistados 45

9 – Praça Nereu Ramos – Criciúma 47

10 – O homem de Da Vinci..... 56

11 – O corpo do mineiro modificado pelo esforço físico (robustez) 57

12 – O corpo moderno..... 64

13 – No aeroporto de Criciúma, uma ode ao carvão e ao "progresso" 99

14 – O trem carvoeiro atravessando a cidade de Criciúma 100

15 – Vila Operária em Criciúma 101

16 – Mineiro no interior da mina..... 101

17 – Tributo ao mineiro na Praça Nereu Ramos – Criciúma 103

18 – Aníbal Alves Bastos, um "general do carvão", Praça do Congresso – Criciúma 104

19 – Chaminé da antiga Companhia Carbonífera Próspera em um dos bairros mais populosos da cidade: o Próspera – Criciúma 111

20 – Paisagem de vulcão após a desativação da Mina Quatro 120

21 – A linha férrea no bairro Renascer/Mina Quatro sobre os rejeitos de carvão e cercada por arame farpado..... 122

22 – Paisagem do bairro Renascer/Mina Quatro, parte baixa..... 123

23 – Estrebaria no pátio da casa de um catador de papel, abrigando a égua "ciganinha" 124

24 – O "valente" Maricá, crescendo sobre os rejeitos de carvão 126
25 – O trem carvoeiro a caminho do Renascer/Mina Quatro, para chegar a Termolétrica de Capivari de Baixo-SC 127
26 – Os moradores tentam melhorar as entradas das casas 128
27 – A casa de Dona Zulma 135
28 – Desenho da casa e do bairro, feito por Dona Zulma 141
29 – O pássaro, objeto poético na cozinha de Dona Zulma 142
30 – Desenho do bairro, feito por Seu David 151
31 – A oficina de Seu David 152
32 – Desenho da oficina e da casa, feito por Seu David 153
33 – A casa de Seu David 154
34 – Desenho do bairro, feito por Seu Patrício 158
35 – Desenho da casa, feito por Seu Patrício 159
36 – Lembrança de São Joaquim, em sua casa de Criciúma 166
37 – Fogão à lenha, objeto poético na cozinha de Dona Olga 169
38 – Desenho do bairro, feito por Dona Olga 170
39 – Desenho da casa, feito por Dona Olga 171
40 – Desenho do bairro, feito por Seu Antônio 177
41 – Desenho da casa, feito por Seu Antônio 177
42 – A casa-bar de Seu Roberto 181
43 – Sede Social do Metropol, time de futebol que tomou o nome da carbonífera, foi campeão catarinense 183
44 – Os troféus dos times de várzea de bairros de Criciúma, no bar de Seu Roberto 184
45 – Desenho do bairro, feito por Seu Roberto 185
46 – Desenho da casa, feito por Seu Roberto 188
47 – A igreja do bairro que Dona Lídia ajudou a construir 194
48 – Desenho da casa, feito por Dona Lídia 196
49 – A casa de Dona Lídia 197
50 – Praça do Congresso: lugar de fruição poética para Dona Lídia 199
51 – Desenho do bairro, feito por Dona Lídia 200
52 – Desenho do bairro, feito por Dona Ilda 206
53 – Desenho da casa, feito por Dona Ilda 207
54 – Avenida Centenário que atravessa a cidade, de Criciúma, de ponta a ponta; era a antiga linha do trem 208

55 – Os canarinhos "dobradores" na varanda de Dona Ilda 209
56 – Dona Ilda cultiva sua casa, enfeitando a parte interna do muro 210
57 – As luzes da cidade que fascinam Dona Lisandra 213
58 – Desenho do bairro, feito por Dona Lisandra 216
59 – Desenho da casa, feito por Dona Lisandra 216
60 – Rosa de gesso na parede da cozinha de Dona Lisandra 217
61 – A casa de Seu Paulo 218
62 – Rejeitos de carvão junto à via férrea na frente da casa de Seu Paulo 220
63 – Desenho do bairro, feito por Seu Paulo 221
64 – Desenho da casa, feito por Seu Paulo 221

RESUMO

O objeto da pesquisa é o processo de apropriação do espaço através dos modos de morar e habitar o lugar. A pesquisa de campo foi realizada no bairro Renascer/Mina Quatro da cidade de Criciúma, situada na região carbonífera de Santa Catarina, no Sul do Brasil. O problema está posicionado no conflito sócio-ambiental de Criciúma que se estabelece frente a um questionável progresso trazido pela exploração do carvão, e as perdas sócio-ambientais decorrentes dessa atividade econômica. Foram identificadas três categorias de agentes produtores da cidade: uma primeira, mineradores que se dedicaram à indústria do carvão, uma segunda, ambientalistas que lutam pela paralisação dessa atividade econômica e, uma terceira, moradores de bairros que se formaram sobre as áreas degradadas pelo carvão. Esses moradores apropriam-se ou estão em processo de apropriação desse espaço inóspito e hostil sob o ponto de vista ambiental. A discussão envolve quatro campos disciplinares: a psicologia, a filosofia/poética, a geografia e a sociologia. O método utilizado foi o da síntese poética e as principais técnicas empregadas foram: entrevistas, narrativas e registros etnográficos (fotografia e desenhos). A análise dos dados contemplou três dimensões: a poética, a sociológica e a psicológica.

ABSTRACT

The aim of this research is discuss the process of space appropriation by analysing the way people live. Site research was made in the Renascer/Mina Quatro District (city of Criciúma, Southern Brazil) characterised by coal mining activities. Problem is posotioned in the social and environmental conflict of Criciúma that can be viewed in the questioning of the progress brought by the coal mining itself and the social and environmental losses. Three categories of agents responsible for the construction of the city were indetified: miners who dedicated their lives to the mining industry, environmentalists who fight against this economic activity and dewellers of districtis settled on the degraded mining areas. Dewellers or are on the way to appropriate areas where environmental problems make them inhospitable and inappropriate to live in. Discussion involves four disciplinary areas: psychology, philosophy/aesthetic, geography, and sociology. The method adopted was that of the poetical synthesis. Main techniques adopted were: interviews, narratives and ethnographic records (photografy and drawings). The analysis of the data contemplated three dimensions: aesthetical, sociological and pychological.

RÉSUMÉ

La recherche porte sur le processus d'appropriation de l'espace à travers les façons d'habiter et de vivre le lieu. L'étude de terrain a été réalisée dans le quartier Renascer/Mina Quatro de la ville de Criciúma, située dans la région carbonifère de Santa Catarina, dans le sud du Brésil. Le problème se situe au centre du conflit socio-environnemental de Criciúma qui né de l'affrontement entre un progrès douteux dû à l'exploitation du charbon et le recul socio-environnemental lié à cette activité économique. Trois catégories d'agents producteurs de la ville ont été identifiées: la première, les mineurs qui ont consacré leur vie à l'industrie du charbon, une seconde, les défenseurs de l'environnement qui luttent pour la paralisation de cette activité économique et, une troisième, les habitants des quartiers installés dans les zones dégradées par le charbon. Ces habitants s'approprient ou sont sur le point de s'approprier cet espace inhospitalier et hostile du point de vue environnemental. La discussion recouvre quatre domaines: la psychologie, la philosophie/l'esthétique, la géographie et la sociologie. La méthode utilisée relève de la synthèse poétique et les principales techniques utilisées ont pris la forme d'interviews, de récits et de relevés etnographiques (photographies et dessins). L'analyse des données recouvre trois dimensions: la poétique, la sociologie et la psychologie.

INTRODUÇÃO

O Programa Interdisciplinar de Pesquisa

A terceira turma do Curso de Pós Graduação, doutorado, em Meio Ambiente e Desenvolvimento, da Universidade Federal do Paraná, realizou o Programa Interdisciplinar de Pesquisa em dois grupos. Um deles teve, como "locus" empírico e teórico, o meio ambiente rural, sendo o programa desenvolvido no litoral do Paraná.

O outro grupo, o urbano do qual participamos como assistente social pós-graduada (mestre) em Psicologia Social, foi composto por cinco alunos da III turma do Curso de Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento, dois arquitetos, uma jornalista e uma historiadora. Esse grupo participou do programa interdisciplinar de pesquisa, tendo, como "locus" a cidade e o meio ambiente urbano, ou seja, os problemas ambientais da cidade causados pelas interfaces naturais, sociais e econômicas. A equipe considerou que as Políticas Públicas se constituem como o fator determinante e transformador do espaço urbano, contribuindo para melhorar ou piorar a qualidade de vida das pessoas. O programa foi desenvolvido na região metropolitana de Curitiba.

O grupo do urbano fez um exercício de leituras, debates, discussões e oficinas de trabalho sobre o tema. Essa experiência deu-lhe a possibilidade para elaborar um programa comum de pesquisa, tendo como pano de fundo e "locus" da discussão a **degradação sócio-ambiental urbana** e seus desdobramentos.

As discussões do grupo avançaram na direção da noção de degradação ambiental mais ampla, indo além da relacionada ao âmbito físico, considerando a cidade e o urbano como uma outra natureza, interagindo com a natureza física e que também é degradada.

A utilização do termo sócio ambiental nos remete à concepção de que ambiente e natureza compõem uma mesma unidade. Estudar as alterações que ocorrem nos ecossistemas naturais, implica, portanto, conhecer a organização material e simbólica das sociedades e o modo com que elas se apropriam e interagem nos ambientes naturais.

Tal experiência, permitiu muitas trocas com os dois colegas arquitetos e nosso olhar curioso se direcionou ao espaço. Do espaço da arquitetura e da geografia à compreensão de uma visão mais ampla a um outro conceito que não o restringisse apenas ao espaço físico e arquitetônico. Foi com esse olhar que procuramos discutir juntos os espaços urbanos com especificidades físico-naturais e sociais semelhantes como a degradação físico-natural, a pobreza e as políticas públicas destinadas a essas especificidades.

Os problemas ambientais urbanos ligados à degradação e contaminação do solo, do ar e das águas, principalmente em países do terceiro mundo como o Brasil, têm configurações muito semelhantes. Cubatão, em São Paulo, e Criciúma, em Santa Catarina, por exemplo, tiveram e têm problemas de poluição graves ligados a indústrias agressivas ao meio ambiente. Aquela por ser um pólo industrial e esta por ter explorado e ainda estar explorando a extração, a comercialização e a utilização do carvão mineral para produzir energia através de termelétrica. A região carbonífera de Santa Catarina na qual está Criciúma, segundo Milioli (1995), é considerada a décima quarta área crítica de poluição ambiental do país, embora, todos os centros urbanos apresentam problemas de degradação ambiental. Essa constatação fez o grupo se perguntar: **Quem são os agentes produtores e transformadores da cidade?**

A cidade tem uma história. É produzida e consumida enquanto centro urbano, oferecendo serviços às populações que a ela recorrem. Mas a cidade não abriga a todos: a uns acolhe e a outros desampara. Aos desamparados ou excluídos das benesses da cidade, são destinadas as periferias onde vão criar e

sofrer problemas ambientais graves, pois, geralmente, essas populações se acomodam em áreas degradadas sem condicões de habitabilidade ou áreas de preservação ambiental, como acontece em Criciúma.

A questão ambiental foi internacionalizada. As Políticas Públicas e a legislação ambiental são discutidas internacionalmente nos mais diferentes fóruns. A Conferência de Estocolmo, em 1972, que reuniu países ricos e pobres, tornou-se um marco histórico e legitimou a ação das políticas públicas na questão ambiental.

No grupo interdisciplinar do urbano, a comunicação entre os pesquisadores se deu de forma heterogênea. O trabalho de grupo, numa pesquisa interdisciplinar requer uma predisposição dos interlocutores das diversas disciplinas para o diálogo, reflexão e ação em torno de um objeto comum. O grupo passou pela dificuldade a que Godard (1982, p. 435) se refere, ou seja, o desafio de ultrapassar a justaposição disciplinar e elaborar meios científicos, métodos originais distintos dos disciplinares ordinários. São vários e diferentes olhares a respeito de um mesmo problema.

A degradação sócio-ambiental urbana nos levou a pensar a questão do espaço. E, então, a interdisciplinaridade se esboçou, na nossa opinião em dois subgrupos. Fizemos a entrada na pesquisa pela Psicologia Social e Ambiental trabalhando a apropriação do espaço e tivemos uma afinidade maior com os dois arquitetos. Assim, compusemos um subgrupo. Os outros dois membros do grupo compuseram um outro subgrupo que também interagia com os dois arquitetos.

Pensar a degradação sócio-ambiental urbana de Curitiba, num primeiro momento, e a degradação sócio ambiental urbana de Criciúma, num segundo momento, exigiu-nos um grande esforço. Foram dois locus empíricos com características e situações bem específicas.

A pesquisa desta tese partiu da experiência interdisciplinar do grupo do urbano e define o **conflito sócio-ambiental de Criciúma** como o "lócus" para pensar o **processo de apropriação do espaço** dos moradores do bairro Renascer/Mina Quatro.

Posicionando o Problema

O problema da pesquisa, por sua complexidade e interfaces, demanda, necessariamente uma abordagem interdisciplinar. O diálogo interdisciplinar está posicionado na filosofia/poética, psicologia, geografia e sociologia. Dessa forma, tanto o objeto de pesquisa, como o método e a construção da hipótese central estão ancoradas nesse diálogo interdisciplinar.

O conflito sócio-ambiental da região carbonífera de Santa Catarina, cuja cidade pólo é Criciúma, estabelece-se frente a um questionável progresso, trazido pela exploração do carvão, e as perdas sócio-ambientais, decorrentes dessa atividade econômica que teve seu auge, num primeiro momento, entre as duas guerras mundiais (1914-1945) e, em segundo momento, nas décadas de 1970/1980.

O solo foi contaminado comprometendo as terras férteis. A contaminação também atingiu o ar pela alta densidade de material particulado. O potencial aqüífero foi colocado em risco pela contaminação de rios, fontes, encostas e comprometimento do lençol freático.

Populações essencialmente rurais e litorâneas, que se dedicavam às atividades da pesca e agricultura, foram deslocadas para a região carbonífera sem nenhum planejamento urbano, ocasionando cenas que podem ser comparadas às do início da revolução industrial descritas por Engels (1988, p.172) em A Situação da Classe Operária na Inglaterra. Houve recrudecimento de doenças contagiosas que praticamente dizimaram grande parte da população infantil. Uma comunidade da região (Guatá), segundo documento da Prefeitura Municipal de Lauro Müller-SC (1993), registrou 248 nascimentos no ano de 1948 e, naquele mesmo ano a morte de 240 crianças.

Os atores desse processo, ou seja, do conflito sócio-ambiental de Criciúma são: de um lado mineradores que enriqueceram, mineiros que obtiveram o emprego, grupos formados por empresários e técnicos que desejam uma cidade saudável sem a paralisação das minas, fortalecidos agora com a atual crise de energia; de outro lado, agricultores, donos das poucas terras férteis que

sobraram, ambientalistas que, tendo consciência do grau de destruição da atividade carbonífera, lutam pela paralisação dessa atividade.

O objeto da pesquisa se insere nessa problemática. Quem são os agentes produtores e transformadores da cidade de Criciúma que, praticamente, nasceu no bojo desse conflito ambiental e social? Como se dá o processo de apropriação do espaço nessa cidade? De que lugares do espaço os moradores do bairro Renascer/Mina Quatro se apropriam? Do bairro? Da cidade? Da casa?

O lócus da pesquisa empírica é o Bairro Renascer/Mina Quatro, periferia da cidade de Criciúma onde a linha férrea e a Rodovia Luiz Rosso que liga a cidade à BR 101, faz o seu contorno. Do bairro Renascer fazem parte, além do Mina Quatro, os antigos bairros Ayrton Sena e Primavera, segundo informações da Secretaria Municipal da Habitação de Criciúma em dezembro de 2001.

Este bairro foi escolhido para nosso estudo por se caracterizar como uma "síntese" dos problemas ambientais e sociais de Criciúma.

Procurando formular as bases da questão proposta, poder-se-ia questionar:

- Quem são os sujeitos que buscam se apropriar do espaço no bairro Renascer/Mina Quatro?
- Quem são os sujeitos que não se apropriam?
- Como é viver e que vida se pode levar no bairro Renascer/Mina Quatro?
- De que modo se apropriam do espaço?
- Como os moradores do Bairro Renascer/Mina Quatro fazem a síntese poética no processo de apropriação?

A história do bairro Renascer/Mina Quatro segue a lógica da atividade do carvão seguindo as seguintes fases :

- mata fechada;
- afloramento do carvão;
- abertura da mina;
- paisagem de vulcão;
- abandono da área degradada pelos mineradores;
- invasão[1] por pessoas destituídas de lugar para morar;
- lixão da cidade;
- objeto de políticas habitacionais de órgãos oficiais; Caixa Econômica Federal e Prefeitura Municipal de Criciúma.

Os sujeitos que compõem a amostra da pesquisa de campo são atores do conflito sócio-ambiental de Criciúma, divididos em três categorias:

- Moradores do bairro Renascer/Mina Quatro (10) que se configuram em dois segmentos: os excluídos do meio rural, que perderam a terra; os excluídos da cidade, ou seja, os que foram empurrados para a periferia. Ambos têm, como atrator[2] principal, o terreno e a casa.
- Minerador (um) informante qualificado, que está na cidade desde 1950 e exerceu importante papel no planejamento e execução das políticas voltadas à indústria do carvão em Criciúma e região. Foi escolhido pelo papel histórico desempenhado na indústria do carvão. Como representante do governo federal, foi uma figura chave no processo e

---

[1] Preferimos utilizar o termo invasão ao de ocupação por acharmos que a mera troca de termos não muda o problema. O termo invasão, na nossa opinião, tem força enfática no sentido de salientar a desigualdade e a injustiça social; as pessoas precisam invadir, em vez de tomarem posse legalmente do terreno. São pessoas não intituladas para o desenvolvimento na visão de Sen (2000). Não têm acesso à propriedade da terra, da casa e dos bens materiais e culturais que a cidade produz.

[2] Atrator é o motivo, o objeto, a situação que atrai as pessoas para determinado espaço (Coelho, 2001).

um grande articulador no sentido de buscar a garantia do subsídio do governo ao carvão, como pela abertura de mercado interno. Falou sobre a problemática do carvão na região carbonífera de Santa Catarina, principalmente de Criciúma, não só sob o ponto de vista econômico, mas também sócio-político.

- Ambientalistas (dois) informantes qualificados com conhecimento do conflito socioambiental de Criciúma, e ativistas em movimentos sociais e ambientais, conhecedores do bairro Renascer/Mina quatro, sensíveis à questão das perdas ambientais e da qualidade de vida em Criciúma.

O objeto da pesquisa é o processo de apropriação do espaço pelo sujeito através da **síntese poética** que é a construção de si, no interjogo dialético homem x mundo, onde o sujeito capta os conteúdos sociais com os quais se identifica. Recria-os dentro de si, materializa-os no mundo externo, através de objetos concretos presentes nos modos de viver, morar e habitar o lugar, como decorar a casa e eleger um modo de vida. Ao organizar a casa, com objetos decorativos, adereços, o sujeito está construindo sua poética à medida que elementos de seu universo simbólico são materializados.

Os objetivos da pesquisa são:

- Compreender o processo de apropriação do espaço dos moradores do bairro Renascer/Mina Quatro através dos modos de morar e habitar o lugar;
- Identificar o processo de apropriação do espaço através da síntese poética;
- Verificar como os moradores do bairro Renascer/Mina Quatro lidam poeticamente com o espaço e os lugares do bairro, da cidade e da casa;
- Contribuir para a construção de um instrumento metodológico para a intervenção das políticas públicas na questão ambiental urbana que contemplem não só os aspectos concretos e conceituais mas, principalmente, os psicológicos como os afetivos, cognitivos, interativos e poéticos das populações periféricas das cidades.

Hipótese Central

A construção do espaço urbano se dá através dos modos de apropriação (Poll, 1988). Estes são construídos pela produção da **síntese poética** (Croce, apud Tassara 2001). Na dimensão poética, faz-se a captura do espaço, através do processo de identificação e de recriação coletiva. Esse processo tem um momento interno e singular no sentido de que, mesmo forjado na interação social, o sujeito põe a sua marca nos conteúdos sociais internalizados. A apreensão e a internalização do mundo orientam e mobilizam o sujeito à ação. **É o encontro do dentro e do fora**. Essa compreensão dá a possibilidade "do insight", ou seja, compreender a situação atual, fazendo a síntese poética e projetar-se para o futuro. Quando o sujeito faz essa síntese, ele apropria-se do espaço.

Detalhamento Metodológico

A entrada no campo se deu através de um informante qualificado, um professor da Universidade do Extremo Sul Catarinense-UNESC, que conhecia um morador do bairro e nos apresentou a ele. Este morador é um catador de papel que morava em outro bairro, o Vila Manaus e que, junto com esse professor da UNESC, havia participado do Programa Nossa Rua. Fomos conhecer o morador com carta de apresentação da universidade na qual trabalhamos – UNESC. O objetivo foi conhecer a história do bairro através da história de vida dos moradores mais antigos. O primeiro morador apresentou a pesquisadora para um segundo morador e, assim, sucessivamente, até completar 10 moradores. Este método de entrada no campo conhecido como "Bola de Neve", foi apropriado do Laboratório de Psicologia Social da Universidade de São Paulo: LAPSI-USP, utilizado no projeto BARRA FUNDA – nós entre margens (Tassara, 2000).

Técnicas de Abordagem

Para os **moradores** foi utilizada a técnica de história de vida, caracterizada como um estudo da vida dos moradores do bairro Renascer/Mina Quatro. O desenvolvimento do método deu-se através de observação, entrevistas livres e semi-estruturadas, registros etnográficos, através de fotografias e desenhos.

As imagens – quer fotografia, quer desenho – são instrumentos metodológicos que ajudam a compreender o objeto de estudo, o processo de apropriação do espaço. No capítulo VIII, as imagens em marca d'água que abrem cada história de vida, são imagens sínteses, ou seja, sintetizam imagens poéticas, o vivido de cada sujeito.

As entrevistas foram realizadas nas residências dos moradores. Colocamos que a entrevista seria sigilosa e que, quando estivesse transcrita no papel, voltaríamos para apresentá-la. Foram aplicadas em duas modalidades:

- uma primeira, chamada de entrevista livre. Pedimos ao morador falar tudo o que quisesse sobre sua vida, sobre o bairro e dissesse como é viver no bairro Renascer/Mina Quatro. Foi esclarecido que a entrevista era sobre a vida das pessoas no bairro: o que fazem, pensam, almejam, sentem. Foi colocado, também, aos moradores, que essas informações eram importantes para nós. Procuramos deixá-los à vontade e dissemos tratar-se de uma entrevista, era sem pressa e com a disponibilidade de tempo necessário;
- uma segunda entrevista, chamada de semi-estruturada. Nela colocamos as questões para serem respondidas pelo morador.

As entrevistas foram gravadas com a prévia autorização dos entrevistados. Depois de transcritas, voltamos à casa do morador e a lemos com ele. Terminada a leitura, e esclarecidas as dúvidas, o morador autorizou sua publicação com o uso de pseudônimo.

Foi solicitado aos moradores, durante as entrevistas, que desenhassem a casa e o bairro e tirassem fotografias de ambos, com o objetivo de obter registros

não-verbais. Deixamos com eles uma máquina fotográfica. Tal procedimento foi até o quinto morador, pois o sexto quebrou a máquina e no-la devolveu. Depois desse fato, os outros não quiseram tirar fotos com a nossa máquina. Então, os registros fotográficos, das casas e do bairro, que se seguiram foram feitos por nós.

Para o **minerador** foi utilizada a técnica de depoimento testemunhai, através de entrevista semi-estruturada e narrativa. Tanto a entrevista como a narrativa, foram realizadas na casa do minerador. Depois de transcritas, foram lidas por nós e por ele que, após as devidas correções e esclarecimentos, autorizou, por escrito, a sua publicação e a divulgação de seu nome.

Para os **ambientalistas**, foi utilizada a técnica de depoimento testemunhal através da técnica da narrativa. A narrativa foi realizada no bairro Renascer/Mina Quatro onde os narradores, com o gravador na mão, fizeram narrativas caminhando pelo bairro com a pesquisadora. Depois de transcritas, as narrativas foram lidas pelos narradores e, após as devidas correções, autorizaram, por escrito, a sua publicação.

Análise dos Dados

A análise assenta-se na posição teórica da pesquisa nas dimensões:

- **Poética:** a síntese poética, uma das formas de apropriação do espaço; é um desafio metodológico na pesquisa para a Psicologia Ambiental por se pautar num paradigma ainda em construção. A síntese poética, a que nos referimos está ancorada nos trabalhos de Croce (1997) e Tassara (2001). O método de síntese poética, utilizado nesta pesquisa, foi apropriado da experiência do grupo de pesquisadores em Psicologia Ambiental do Laboratório de Psicologia Social, da Universidade de São Paulo-LAPSI-USP. É um método em construção com cujo processo procuramos contribuir. Acrescentamos as contribuições de Bachelard (1998a, 1998b, 1994), Baulelaire (1997) e de Marx (apud Vásquez, 1968).

Na síntese poética, o sujeito produz o mundo transformando-se a si. No momento de transcendência, ele vive uma experiência de superação das determinações históricas. O método da síntese poética joga luz à compreensão das experiências de vida, produzidas e sustentadas em determinadas realidades sócio-históricas. Nessa pesquisa é um instrumento para se compreender como ocorre a vida produzida e sustentada dentro do conflito sócio-ambiental de Criciúma.

- **Sociológica:** investigação da história de vida, localizando o sujeito no tempo e no espaço e sua posição na sociedade. Essa referida pelo ingresso ao desenvolvimento, através das liberdades substantivas e do intitulamento, na perspectiva de Sen (2000), à participação na vida sócio-política nas perspectivas de Dahrendorf (1981-1992), Habermas (1987, 1990a, 1990b), Sigal (1979) e acesso à qualidade de vida nas perspectivas de Galloping (1982) e Kadt e Tasca (1993).

- **Psicológica:** identificação dos processos psicológicos utilizados pelo sujeito no processo de apropriação do espaço. Pol, (1981, 1988, 1999, s.d.); identificação simbólica que supõe uma identificação do sujeito com o espaço através de processos afetivos, cognitivos e interativos; uma dimensão comportamental que supõe "ação-transformação". O entorno apropriado passa a desempenhar um papel referencial fundamental nos processos cognitivos (categorização, orientação), afetivos (atração do lugar, auto-estima) e simbólicos (valorização, identificação, identidade). Proshansky (1978) o processo de apropriação é relacionado à identidade de lugar. Rivière (1983); o sujeito constrói a si e o mundo no interjogo dialético com este.

A Estrutura do Trabalho

Este trabalho está estruturado em dois tomos. O Tomo I está dividido em duas partes e oito capítulos; o Tomo II contém a pesquisa de campo e anexos.

PARTE I

Na parte I, está colocada a discussão teórica, relativa à problemática da tese. A discussão envolve, principalmente, quatro campos disciplinares, quais sejam: a psicologia, a filosofia/poética, a geografia e a sociologia. A interdisciplinaridade se dá entre essas ciências.

Essa discussão teórica foi feita ao longo do processo da pesquisa empírica para esclarecer os conceitos utilizados. Por isso, fazemos referência aos dados empíricos para enfatizar e explicar determinados conceitos.

Esta também colocada uma discussão sobre a questão urbana e o meio ambiente, os problemas sócio-ambientais ligados ao urbano, que se remete à cidade de Criciúma, à história do carvão na produção da cidade, à apresentação do bairro Renascer/Mina Quatro (*locus* da pesquisa), à análise da pesquisa de campo à de pesquisas documentais, e às conclusões.

No capítulo I, está a discussão do olhar da Psicologia para o Meio Ambiente. Seus aportes teóricos são utilizados para discutir a psicologia ambiental, o conceito de sujeito, de subjetividade, de identidade e de apropriação do espaço. A interlocução no capítulo se dá entre vários autores como: Valera (s.d.); Proshanski (1976), Sansot (1996); Blumer (1982); Rivière (1983); Damergian (2001); Giddens (1991) e Harvey (1998).

No capítulo II está colocada a discussão sobre a Poética, enquanto uma dimensão humana que transcende o tempo e a própria história. Estão, também, colocadas as bases teóricas do método. Seus principais interlocutores são Croce (1997); Tassara (2001); Bachelard (1998a, 1998b, 1994); Baudelaire (1997). Fazemos uma referência a Marx (apud Vásquez, 1968). A poética é trabalhada através de sua expressão na casa e no morar; na natureza e na cidade.

O capítulo III traz uma discussão sobre o sujeito e o espaço, sendo os principais interlocutores Tuan (1983-1980); Claval (1997); Santos (1997), posicionados na geografia e Sennett (1997), nas Ciências Humanas.

O capítulo IV traz a discussão sociológica da pesquisa, tendo como principais interlocutores Sen (2000), que trabalha o desenvolvimento como

O capítulo IV traz a discussão sociológica da pesquisa, tendo como principais interlocutores Sen (2000), que trabalha o desenvolvimento como liberdade. A questão é colocada como direito e não meramente como um processo econômico. As pessoas precisam de liberdades substantivas para se intitular ao desenvolvimento; Dahrendorf (1981) que discute as questões da democracia e da cidadania utilizando os conceitos de homem autodirigido e dirigido por outros numa perspectiva de homem emancipado, ou seja, que acessou à consciência crítica. Habermas (1984, 1987, 1989, 1990a, 1990b), trabalha a noção de sociedade sob uma outra lógica de razão: a instrumental e a comunicativa. Daí resultam dois comportamentos ou de ação: uma instrumental, dirigida a um fim prático, e uma outra comunicativa, dirigida ao diálogo e ao consenso. Ainda nos reportamos às contribuições de Galloping (1982) sobre a noção de qualidade de vida e de Kadt e Tasca (1993) sobre iniqüidade e chances de vida.

PARTE II

O capítulo V traz a discussão sobre meio ambiente e a questão urbana (cidade e cidadania). Nessa discussão fazemos, referência à globalização onde o espaço é transformado e organizado pelas necessidades do processo produtivo, na visão de Acselrad (1999) e à economia de comunicação, na visão de Maletzieux (2001). Traz também a concepção de sustentabilidade, na visão de Lelé (s.d.) sendo que a discussão se remete à Criciúma e a seus problemas socioambientais.

O capítulo VI fala sobre Criciúma e a Marca do Carvão. Toda a dramaticidade social e a humana, gerada por essa indústria, e o questionável progresso trazido por ela, são analisados nesse capítulo. A análise se dá nas perspectivas histórica, social, política e cultural. A principal contribuição é dada pela narrativa de um integrante de uma das categorias de produtores da cidade identificados na pesquisa: um ex-minerador que desempenhou um papel sócio-político importante na região carbonífera de Santa Catarina, desde 1950. É um capítulo que trabalha com dados empíricos e documentais.

deixou-o do avesso, é abandonada e transformada no lixão da cidade. De seus escombros nasce um bairro: essa é a temática desse capítulo.

O capítulo VIII analisa as histórias de vida dos moradores. As histórias são um total de 10 e abrem com a imagem-síntese da história colocada em marca d' água. Cada história de vida tem, portanto, uma imagem e um título.

As conclusões procuram responder às perguntas formuladas no posicionamento do problema de pesquisa, colocando o conhecimento produzido que se evidencia na análise.

PARTE II

Essa parte traz os registros da pesquisa de campo e os anexos.

PARTE I

CAPÍTULO I

O OLHAR DA PSICOLOGIA PARA O MEIO AMBIENTE

O OLHAR DA PSICOLOGIA PARA O MEIO AMBIENTE

Este capítulo, no início da tese, elucida a disciplina com a qual marcamos nossa especificidade no grupo interdisciplinar de pesquisa e na elaboração desse trabalho. Como mestre em Psicologia Social, temos, nesta área, experiência docente e de pesquisa. Por outro lado, quisemos dar uma contribuição à discussão do Meio Ambiente e a do Desenvolvimento. Uma contribuição orientada por um novo olhar que possa levar em conta a questão das subjetividades, uma vez que os problemas ambientais e do desenvolvimento estão ligados diretamente à relação do sujeito com o mundo, tanto natural como social.

1.1 Psicologia Ambiental

As sementes da moderna Psicologia Ambiental, segundo Valera (s.d.), devem ser buscadas na Europa, no início do século XX e não precisamente dentro do campo da Psicologia, pois também teve influência a Ecologia de Haeckel (1866). Reconhecendo essa tradição, Hellpach (1911, apud Valera, s.d) na obra denominada "Geopsyche", analisa de forma rigorosa, a influência de fenômenos físico-ambientais sobre a conduta humana. Em 1924 é publicado o Manual de Métodos Biológicos cujo terceiro volume, compilado pelo próprio Hellpach, tem o título de "Psychologie der Umwelt", primeira referência clara à Psicologia Ambiental.

Kurt Lewin (1947), através de sua Teoria de Campo, influenciou, de maneira determinante, a formulação atual do conceito de entorno.

A Psicologia Ambiental tem, por objeto, o estudo do significado simbólico do espaço e a compreensão dos processos psicossociais derivados das relações

e interações entre as pessoas, grupos, comunidades e seus entornos sócio-físicos.

"El tema se enmarca dentro del ámbito de la Psicologia Ambiental, definida inicialmente como aquella disciplina que se ocupa de analizar ias relaciones que, a nivel psicológico, se establecen entre las persona y sus entornos" (Valera, apud Pol, s.d., p. 1).

Nos Estados Unidos, segundo Moore (1987), a Psicologia Ambiental estava preocupada com as intervenções urbanas; por isso, seus autores utilizam muito o termo entorno, visto ser o meio ambiente mais próximo do sujeito. E tem, juntamente com outras disciplinas, como: ergonomia, arquitetura, paisagismo, planejamento urbano, engenharia, ecologia ambiental, antropologia urbana, geografia humana e social, sociologia ambiental, psicologia social e psicologia ambiental, uma preocupação com a questão ambiental.

Porém, segundo Valera (s.d.), é necessário, numa primeira instância, situar a Psicologia Ambiental dentro das diversas áreas que configuram as Ciências Sociais e em especial à Psicologia Social Aplicada. Em segundo lugar, situar a Psicologia Ambiental dentro dos conjuntos das disciplinas, que se ocupam do estudo do entorno (meio ambiente) seja natural ou construído. Em terceiro lugar, considerar que desde seu início, e por seu caráter eminentemente aplicado, tem-se definido por um marcante pragmatismo, pelo estudo e solução de problemas concretos e por uma predisposição a abordagens novas no que se refere às questões ambientais que surgem ao gerar-se novas demandas sociais referentes ao tema.

Proshansky (apud Pol, s.d.), na década de sessenta, inaugura, nos Estados Unidos, uma Escola de Psicologia Ambiental que foi influenciada pelos Movimentos Ambientalistas e incorporou as questões ligadas ao meio ambiente natural mais amplo, além das preocupações com o meio ambiente urbano, já incorporadas com relação ao entorno

Proshansky (1978), relaciona o processo de apropriação com a identidade de lugar (place identity), quer dizer, o lugar tem um significado para o sujeito que o incorpora à própria identidade, ou seja, a identidade do "eu".

Para cada "rol" de identidade, segundo ele, existem dimensões e características do entorno físico. Nesse sentido a identidade de lugar (seu significado) é um componente específico do próprio "eu" do sujeito, forjado através de um complexo processo de idéias conscientes e inconscientes, sentimentos, valores, objetivos, preferências, habilidades e tendências.

O processo de apropriação tem uma dinâmica em dois sentidos: um dirigido para a conquista do espaço; outro para si. Isso implica o sujeito adaptar um espaço às suas próprias necessidades, dar-lhe característica própria.

Isso nos remete a Rivière (1983), quando diz que o sujeito resulta do entrecruzamento de sua história social e individual. Assim, o espaço, o lugar é incorporado pela dimensão simbólica, ao mundo interno do sujeito que o recria no processo de apropriação.

No Brasil, a Psicologia Ambiental está começando a caminhar como uma derivação da Psicologia Social que tem uma vertente caracterizada pela produção anglo-americana ligada à Psicologia Comportamental e à Experimental e uma européia, que tenta uma convergência com a Psicologia Social.

1.2 Apropriação, Simbolismo do Espaço e Identidade Social

A relação pessoa-sociedade-meio ambiente tem sempre uma dimensão vivenciada e simbólica. Essa dimensão tem sido referida nos tratados sobre qualidade de vida, bem-estar social e comunidade e nos relativos à percepção e à valorização da paisagem. O conceito de paisagem, em psicologia difere daqueles utilizados pela geografia e pela arquitetura. Paisagem em psicologia, liga-se a um mundo intrapsíquico, enquanto na geografia e na arquitetura é a organização de imagens no mundo externo. "Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc" (Santos M., 1997, p. 61).

1.3 A Apropriação como marca do sujeito através da identificação

Para Sansot (apud, Pol, s.d.), a apropriação é todo tipo de prática, através da qual deixamos nossa marca. Como exemplo de apropriação, cita a cidade como um caso paradigmático de uma realidade em que só podemos nos apropriar dela pela exposição, pela implicação de nós mesmos nela, pelo nosso próprio corpo; a cidade poderá penetrar em nossos sentidos, nossos olhos, nosso olfato, nossos ouvidos, nosso tato.

A apropriação, como processo de identificação, é, em certo sentido, um agente transformador pois, ao apropriar-se do espaço, o sujeito deixa sua marca ao transformá-lo iniciando, assim, um processo de reapropriação constante que vai desde a casa aos objetos dentro dela.

O conhecimento do entorno se faz pelos pés e pela cabeça; por nossos braços, nossas pernas, diria Sennett (1994), por nosso coração e nosso afeto, diria Tuan (1983). Faz-se de corpo e alma acrescentaríamos.

Para cada "rol" de identidade do sujeito existem dimensões e características do entorno físico. Nesse sentido a identidade de lugar (seu significado) é um componente específico do próprio eu do sujeito forjado através de um complexo processo de idéias conscientes e inconscientes, sentimentos, valores, objetivos, preferências, habilidades e tendências.

O processo de apropriação tem uma dinâmica em dois sentidos: um dirigido para a conquista do espaço, outro dirigido para si mesmo, o que implica, ao sujeito, adaptar um espaço às suas próprias necessidades, dar-lhe característica própria.

Isto nos remete a Rivière (1983) quando diz que o sujeito resulta do entrecruzamento de sua história social e de sua história individual. Assim, o espaço, o lugar é incorporado, pela dimensão simbólica, ao mundo interno do sujeito que o recria no processo de apropriação.

Os processos psicossociais da apropriação, segundo Pol (s.d.), compreendem os processos cognitivos, afetivos, simbólicos e estéticos que dependem da relação com outros sujeitos, grupos e de situações objetivas ligadas ao modo de viver, de morar. A partir das cores, das formas, dos odores, das

sensações de prazer, o sujeito vai modificando as paisagens concretas do lugar, deixando sua marca, e, ao mesmo tempo, vai modificando sua paisagem interna, ou seja, as paisagens de seu mundo interno.

Ao instalar-se numa casa vazia, o sujeito irá colocar nela objetos, utensílios, móveis. Na forma de organizar, ornamentar e decorar a casa estão refletidos os hábitos, os valores, os modos de vida. Dessa forma, faz-se uma equivalência entre espaço e sujeito. Esse processo dá-se em mão dupla. O sujeito demanda ao espaço e este ao sujeito: "apropriamo-nos do espaço e ele se apropria de nós". Do mesmo modo que transformamos os lugares que são parte do espaço e neles deixamos nossa marca, que reflete nossa identidade e nosso modo de vida, essa organização dos lugares, nos liga a formas de ser e agir.

Há que se ressaltar, no entanto, estar havendo, nos tempos atuais, uma inversão no processo de significação. Busca-se uma imagem ou uma significação pré-fabricada através do consumo de objetos aos quais se atribui um significado a priori. "Los intentos de crear espacios con una significación 'a priori' a menudo fracasan" (Valera, apud pol, s.d., p. 48).

Ao se "monumentalizar" um espaço urbano, por exemplo, para dar-lhe umsignificado preestabelecido corre-se o risco de esse significado não ser apropriado pela população. Os monumentos talvez fossem apropriados se os projetos fossem discutidos anteriormente com a comunidade. Assim, poderia haver uma recriação coletiva do significado desses monumentos e, portanto, do lugar; ao contrário, o lugar não penetra no tecido social como se pretendia.

1.4 O Modelo Dual de Apropriação do Espaço

Podemos considerar que o modelo de apropriação do espaço é um fenômeno complexo que engloba várias dimensões e podem dividir-se em um componente comportamental que supõe ação-transformação. Em outra dimensão, de identificação simbólica que supõe *uma identificação do sujeito com o espaço que inclui processos afetivos, cognitivos e interativos*. Ambos os componentes são fundamentais uma vez que se trata de reconverter um espaço distante e estranho em um lugar significativo, onde, nesse processo, a dimensão comportamental ocupa o lugar principal.

Mediante a ação sobre o entorno, a pessoa e a comunidade transformam o espaço, deixando suas marcas ou as suas estampas e o incorporam em seus processos cognitivo e afetivo e de uma maneira ativa e atualizada. Quer dizer, dotam o espaço apropriado de significado e através dos processos de interação põem as suas marcas. Por exemplo: ao comprar uma casa ou um apartamento em conjuntos habitacionais, onde as unidades são exatamente iguais, ao cabo de algum tempo, pelo menos a parte interna do apartamento, da casa e seu entorno já estarão modificados deixando a vista a marca de seus moradores. Esse sinal, porém, não é tão individual assim. Ele expressa traços de uma dada cultura, que, no coletivo do conjunto habitacional pode identificar-se com outros moradores que compartilham culturas semelhantes, assim como as de culturas diferentes.

Através da interação simbólica, a pessoa e o grupo se reconhecem no entorno e por processos de categorização do "eu" se auto-atribuem qualidades como definidores de sua própria identidade.

O **entorno apropriado** passa a desempenhar um papel referencial e fundamental nos **processos cognitivos** (categorização, orientação etc.), **processos afetivos** (atração de lugar, auto-estima etc.) e **processos simbólicos** (valorização, identificação, identidade etc), que se explicam para além do meramente funcional e comportamental. O peso, ou a importância de cada componente variará durante o ciclo de vida do sujeito, porém, sempre estará presente a ação-transformação e a identificação.

Os processos psicossociais da apropriação compreendem, por sua vez, os cognitivos, simbólicos e estéticos que dependem da relação com outros indivíduos ou grupos e de situações objetivas ligadas ao modo de propriedade. Lauwe (apud Pol, s.d.) incorpora o conceito de **desapropriação**, referindo-se a todos aqueles processos ou meios que fazem uma pessoa individualmente ou em grupo, sentir que o espaço não lhe pertence, é-lhe estranho ou distante.

O modo de apropriação de cada grupo, de cada família, de cada indivíduo, depende dos modelos culturais, papéis sociais, formas e estilos de vida. O ser humano projeta-se sobre o espaço de que se apropria, produzindo uma identificação entre sujeito e espaço que refletirá o modo de vida daqueles que o habitam.

1.5 O Interacionismo Simbólico

O **Interacionismo Simbólico**, na formulação de Blumer (apud Pol, s.d.), sustenta-se em três premissas:

1. O ser humano orienta seus atos em função dos objetos que têm significado para ele;
2. O significado desses objetos surge a partir da interação social que cada pessoa mantém com as demais;
3. Os significados se manipulam e se modificam, através de um processo interpretativo desenvolvido pela pessoa ao enfrentar os desafios da vida cotidiana. A partir dessa perspectiva, o significado é um produto social, uma criação que emana da interação. A utilização do significado pela pessoa implica num ato interpretativo: o sujeito, ao apropriar-se do significado, tenta compreendê-lo, analisá-lo, avaliá-lo. Não é apenas uma simples cópia automática de significados preestabelecidos, como também um processo formativo no qual os significados são utilizados como instrumentos para a orientação e a formação da ação. O sujeito

> vai agir no coletivo, ou mesmo no individual orientado por signos, símbolos e objetos que o dirigem no interagir com o espaço e com os outros sujeitos. A figura central desse processo é o sujeito que cria ou recria os significados; por isso é necessária sua contextuaiização física (espaço físico) e histórica.

A identificação comunitária se dá a partir da construção social do significado e das comunidades. A construção social de uma identidade comunitária surge das interações que os membros de um território local têm com "os de fora", servindo para definir sua comunidade. Sabemos que todo processo de identificação se dá pelo outro. Neste processo, têm especial relevância os níveis toponímicos, ou seja, a classificação nominal dos lugares, como sistema de classificação e de categorização, isto é, os limites que definem uma comunidade em comparação com outras.

As relações entre comunidades as definem como comunidades simbólicas, ou seja, com significados socialmente elaborados, e configuram identidades sociais a um entorno.

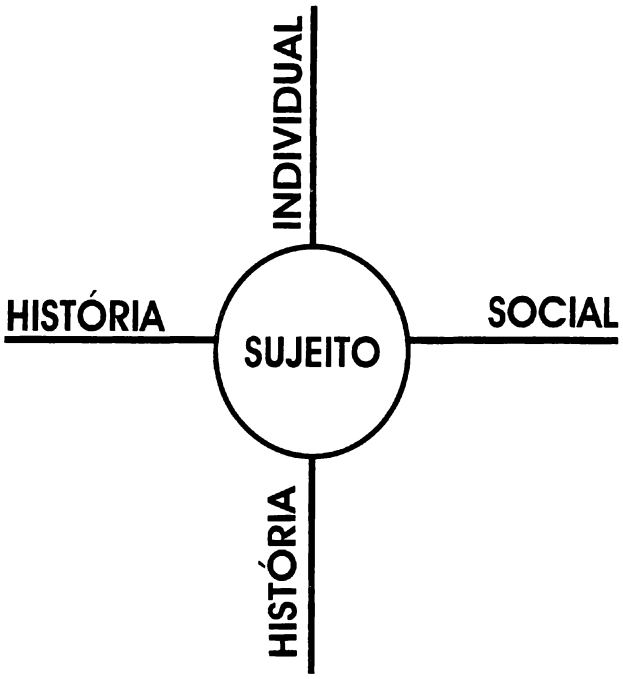
1.6 Concepção de Sujeito e Identidade

A concepção de sujeito, adotada neste trabalho, segue na perspectiva da psicologia de base psicanaiítica; portanto, o sujeito, aqui concebido tem inconsciente, parte de seu mundo interno, o qual, por sua vez, é forjado no interjogo dialético com o mundo externo.

Trabalhamos com as contribuições de Rivière (1982-1983); Petit (1981, apud Pol, s.d.); Stolorow (2000) e Damergian (2001).

Para Rivière, o sujeito emerge no entrecruzamento de sua história pessoal e de sua história social. Trabalha com os conceitos de verticalidade e de horizontalidade, conforme esquema Fig. 1.

FIGURA 1 – Concepção de sujeito



Nesse ponto de intersecção vai-se encontrar aquele lugar que Rivière (1983) chama de epistemologia convergente. É só nesse lugar que se pode falar de individualidade do grupo e sociabilidade do sujeito.

O sujeito não é um ser social e um ser individual; o social está no individual e este no social. É o que Pichón chama de totalidade totalizante. O sujeito nasce neste ponto de convergência.

Para Petit (1981, apud Pol, s.d.) o sujeito tem seu mundo interno e pelos mecanismos de projeção e introjeção faz o interjogo com o externo. Dessa forma, o sujeito projeta no espaço, seus conteúdos internos (medos, fobias, afeto, apego) e também os do mundo externo internalizados, como: valores, hábitos culturais, arte.

Para Stolorow a subjetividade só pode ser a experiência de um sujeito situado historicamente. "Significa estar posicionado dentro do contexto intersubjetivo do passado, presente, e futuro" (1999, p. 98).

Para Damergian (2001), o sujeito constrói seu mundo interno na relação com o mundo social que, nos primeiros instantes da vida, é representado pela mãe.

Em que condições a subjetividade se constrói? Que condições são necessárias para o desenvolvimento das capacidades humanas?

> Uma interação verdadeiramente humana deve se caracterizar pela representação do outro dentro de nós, sem nos confundirmos com ele; dar a ele um lugar no sistema simbólico aceitá-lo como um diferente enquanto ser desejante mas, igual enquanto direito ao desejo, reconhecendo-o sujeito de sua própria história (Damergian, 2001, p. 3.).

Se compreender a personalidade é o fundamento para compreensão da vida social, há que se entender o psíquico e o social atuando neste processo.

A primeira experiência de interação do ser humano é o ponto de partida da construção da subjetividade.

Pensar o social ou o meio representado é refletir a relação da criança com sua mãe que é, no momento do nascimento, todo o seu mundo. A mãe traz consigo o meio representado e é nele que estão os modelos de identificação. São os modelos que, ao serem internalizados pela criança, vão orientar a estruturação de sua personalidade. Assim, a mãe, como ser psicológico desejante, é também representante do social, transmitindo aquilo que incorporou em sua história pessoal. "O ponto fixo ou objeto bom, deve se constituir em núcleo de ego está fora e deve ser oferecido ao bebê por intermédio da mãe" (Damergian, 2001, p. 90).

Contudo, a criança não necessita só da mãe. Precisa de outras condições para se desenvolver como as da sociedade. Nos primeiros momentos da vida, o mundo que se apresenta à criança é a mãe que, necessariamente, não precisa ser a mãe biológica, mas alguém que a substitua.

Assim, o bebê necessita de pelo menos um ponto fixo para construir seu universo. Esse universo é seu mundo interno, a sua identidade. Sem isso, diz Damergian (2001), o núcleo do ego não se estrutura de forma saudável, a personalidade não se desenvolve positivamente e a identidade não se constrói adequadamente.

A sociedade dispõe, portanto, de outra condição vital para o ser humano: é nela que estão os objetos das necessidades e desejos humanos. A sociedade,

na argumentação de Riviére (1983), poderá, dessa forma, facilitar ou dificultar o desenvolvimento da personalidade e o processo de constituição do sujeito.

O estabelecimento dos limites da identidade, a diferenciação entre o eu e o outro vêm com a experiência da frustração, imposta pelo meio social. É pelo enfrentamento, pela frustração que se pode crescer, contatar a realidade e estabelecer uma relação dialética com o mundo externo. O contato com a realidade externa fará com que a natureza interior se particularize nessa realidade, ou seja, os objetos internalizados são devolvidos ao mundo externo com a marca do sujeito.

Por outro lado, "as contradições sociais à medida que atuam como mediadoras entre a mãe e o bebê no processo de socialização, influenciam as estruturas subjetivas. A mediação social tem um significado maior que o oferecido pela fórmula culturalista da influência do meio" (Lorenzer, apud Damergian, 2001, p. 93). A práxis materna é parte da práxis da sociedade, uma vez que a mãe se encontra numa trama de relações sociais. "Ela é a via pela qual o social é inserido no psicológico" (Damergian, 2001, p. 93).

Sendo a mãe o ponto fixo, ela é a valência positiva que ajuda, nos primeiros anos de vida, o bebê a construir seu mundo interno e sua personalidade. "A mãe suficientemente boa, o seio bom, a mãe capaz de ser continente para as angústias do bebê". Capaz, também, diríamos de oferecer um ponto fixo, um ponto seguro que acolha e estimule o crescimento emocional.

Desse modo, o outro, portanto (mãe) exerce uma ação importante na primeira experiência do bebê. É uma ação significante e portadora de uma complexa rede de relações sociais.

> pela oposição, pelo enfrentamento, pela frustração que se pode crescer, contatar a realidade, distinguir fantasia de experiência externa, estabelecer uma relação dialética com o mundo externo, através da organização e ampliação da experiência de interação com a mãe. Essa organização da experiência, tanto a nível cognitivo como afetivo é básica, pois precede todo o tipo de representação só é possível a medida em que a criança percebe o limite de sua ação e as propriedades do objeto. Isto lhe permite estruturar o mundo a partir de um ponto estável, delimitando o que ela é, uma vez que os objetos resistem à sua ação, não se confundindo com ela (Damergian, 2001, p. 92).

Segundo Castells (2000), as identidades são construídas valendo-se da matéria-prima fornecida pela história, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e relações de cunho religioso. Porém, todos esses materiais são processados pelos indivíduos, pelos grupos sociais e pela sociedade, que reorganizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados na estrutura social, na visão de espaço e de tempo.

Na discussão sobre a construção da subjetividade na metrópole paulistana, Damergian (2001) faz uma comparação analógica mãe/sociedade. A sociedade deveria ser a valência positiva para o sujeito. As instituições sociais, desde a família até instituições mais formais, como a escola, as "poderosas" como a mídia, constroem e oferecem os modelos identificatórios através dos pais, professores, porta vozes de notícias, novelas, filmes, programas de entretenimento. Essas instituições sociais influenciam os conteúdos vivenciais do sujeito num processo de "mão dupla": "Projetamos o psíquico no social e internalizamos o social" (Damergian, 2001, p. 96).

> [...] chegamos ao outro lado da moeda. A sociedade também pode ser encarada como uma grande mãe, capaz ou incapaz de maternagem, boa ou má, que acolhe e favorece o desenvolvimento de seus filhos membros ou os desampara. Assim o inconsciente social também influi na estrutura da personalidade. Acreditamos que a mãe sociedade também deve funcionar como um ponto fixo para o desenvolvimento de seus filhos membros ou os desampara (Damergian, 2001, p. 96).

Dessa perspectiva, a mãe-sociedade seria a valência positiva, onde a pulsão de vida seria predominante. Assim, a sociedade ajudaria o sujeito a superar as dificuldades dando-lhe condições para desenvolver o amor e a bondade, a capacidade para reparar ações destrutivas (em função da culpa), superar a inveja e desenvolver a gratidão.

Damergian (2001) traz a importância das condições internas do bebê atuando na internalização e troca com o objeto amoroso, como fundamentais para a constituição de uma subjetividade predominantemente solidária. Ao enfatizar o papel da bondade na estruturação do caráter, aponta-nos para o papel do amor enquanto constituinte básico da ética.

Por outro lado, diz a autora citada, a sobreposição de modelos identificatórios, produzidos pela mídia e pouco recomendáveis, fragmentados e

reunidos numa imagem narcísica que valoriza o que se tem e não o que se é,fragmenta o sujeito fazendo-o sentir-se nenhum, tudo e nada.

A descoberta de si, de que fala Giddens (1991, p. 124), é um projeto diretamente envolvido com a reflexibilidade; portanto, é através do outro com o qual reflito que me descubro sujeito singular, único. A construção do "eu" como um projeto reflexivo, na modernidade, constitui-se um desafio na medida em que o sujeito deve achar sua identidade entre as estratégias e opções fornecidas pelos sistemas abstratos.

Estes sistemas se antepõem ao sujeito. Por exemplo, o sistema bancário, o de transporte, a mídia e outras instituições que, na modernidade e na pós-modernidade, assumem o papel antes desempenhado por pessoas. Hoje no Brasil, por exemplo, o relacionamento com as companhias telefônicas é impessoal no sentido de que há bem pouco tempo nos relacionávamos com uma recepcionista frente a frente e hoje, com um teclado e uma voz desconhecida para obter qualquer serviço.

Harvey (1998) coloca a questão da identidade na modernidade como uma celebração móvel, ou seja, o sujeito não tem uma identidade fixa, essencial ou permanente.

> Há uma modalidade de experiência vital – experiência do espaço e do tempo, do eu e dos outros, das possibilidades e perigos da vida – que é compartilhada por homens e mulheres em todo o mundo atual. Denominarei esse corpo de experiência de "modernidade". Ser moderno é encontrar-se num ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, transformação de si e do mundo e, ao mesmo tempo, que ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos. Os ambientes e experiências modernas cruzam todas as fronteiras da geografia e da etnicidade, da classe e da nacionalidade, da religião e da ideologia; nesse sentido, pode-se dizer que a modernidade une toda a humanidade. Mas trata-se de uma unidade paradoxal, uma unidade da desumanidade; ela nos arroja num redemoinho de perpétua desintegração e renovação, de luta e contradição de ambigüidade e angústia. Ser moderno é ser parte de um universo que, como disse Marx, "tudo o que é sólido se desmancha no ar" (Harvey, 1998, p. 21).

As identidades podem se confundir com papéis, contudo, na visão de Castells (2000), elas são mais importantes as de significados do que as de papéis, por causa do processo de autoconstrução individual que as envolve.

Em termos mais genéricos, para Castells (2000), as identidades organizam significados, enquanto os papéis organizam funções. Significado é a identificação simbólica, por parte de um ator social.

Castells (2000) diz, que para a maioria dos atores sociais na sociedade em rede, o significado organiza-se em torno de uma identidade primária que estrutura as demais, auto-sustentáveis ao longo do tempo e do espaço.

Enriquez (1883), fala da identidade do "eu", a identidade de si que poderá ser a identidade primária referida por Castells. Nessa perspectiva, a identidade tem um duplo aspecto: o pulsional e o social. Na busca do outro o sujeito é movido pelo pulsional. Esse movimento, em direção ao outro, é para que seu desejo seja reconhecido; assim, o outro aceita a sua subjetividade, como ser desejante.

Direito ao desejo, assim fala Damergian (2001). Uma sociedade justa e solidária teria maiores condições de preservar esse direito ao ser humano.

A história social caminha, deixando fraturas na subjetividade, reprimindo vontade, desejo, humanidade. As conseqüências são rupturas de laços afetivos, abandonos.

Freud (1976, apud Damergian, 2001, p. 105) já alertava sobre a importância do amor pelos outros como uma experiência de valência positiva para o sujeito e para a sociedade.

O verdadeiro amor a si pressupõe identidades individuais, subjetivadas; a identidade do "eu".

Na sociedade moderna, o sujeito está preso à materialidade, às coisas de si, desligando-se das histórias de outros homens. É o sujeito de corpo inerte de que fala Sennett (1997).

Matteí (2000, apud Damergian, 2001) fala que a verdadeira barbárie é a do sujeito moderno, centrado em seu egoísmo e em seus desejos, desligando-se de todas as fontes de exterioridade: da história, dos outros homens, do mundo.

> Estamos presos à nossa materialidade, pois desligamo-nos da história dos outros homens, do mundo, das fontes de exterioridade, perdemos o sentido moral, da religião, da arte, da transcendência e de nós mesmos. É o que concluímos com Matteí. Entretanto, diferentemente do autor acreditamos que falta-nos o verdadeiro sentido de interioridade enquanto um espaço psíquico ao qual podemos Ter acesso através da busca do autoconhecimento da verdade interior, do encontro com o sofrimento e não com a sua negação. Enriquez (1996) afirma que ao nos interrogarmos e nos confrontarmos com o nosso sofrimento é que podemos estabelecer uma ligação com o outro e seu sofrimento (Damergian, 2001, p. 106).

A poética preserva esse espaço de interioridade, no momento do "instante consagrado", referido por Paz (apud Tassara, 2001), onde o *phatos* encontra sua figuração, o sujeito se transporta e vive a experiência estética da obra. O tempo interior do sujeito, ou seja, o tempo psicológico, no qual habita a poética, é acionado pelo objeto estético produzido. Ao se colocar no mundo, através do objeto estético, o sujeito tem a dimensão de si, e o mundo, que incorpora sua poética é transformado, assim como o sujeito se transforma ao modificar o seu habitat, a sua casa, o espaço.

CAPÍTULO II

A POÉTICA

A POÉTICA

A poética seria uma dimensão humana comum a todos os homens em que a pessoa transcende a própria história e o próprio tempo. Seria o "instante consagrado" de que fala Paz (apud Tassara, 2001). Faz-se homem ao fazer-se poeta e, assim, recuperar em si, naquele instante, a humanidade de todos os homens. O tempo é conduzido pelo objeto estético, capturado na obra estética; quer dizer a captura poética é involuntária. O sujeito entra em estado poético, na maior parte das vezes, sem ter consciência do mesmo.

Croce (1997) refere que o núcleo da estética é a intuição que tem um caráter pré-lógico. É no intervalo entre razão (percepção intelectual) e a impressão que se dá a captura poética. Bosi (2001) explicita que é a intuição do artista que produz imagens que estão aquém do julgamento de realidade. No momento da captura poética vive-se um momento de revelação O objeto estético, ou o objeto poético é o suporte material que media a relação do sujeito com a dimensão humana da poética. A experiência poética se dá em três tempos: sujeito, objeto estético e a relação entre eles. O sujeito se transporta e vive a experiência estética da obra. O tempo interior do sujeito, ou seja, o tempo psicológico onde habita a poética é acionado pelo objeto estético produzido.

Essa insistência, segundo Bosi (2001) tinha um alvo preciso: a poética determinista cartesiana que pretendia explicar o texto poético pela sua relação direta com pessoas, coisas e situações efetivamente percebidas pelo poeta. As relações entre o realmente acontecido, o sociologicamente pensado e o psicologicamente imaginado, eram, segundo Bosi (1997), postos como nexo de causa e efeito pelo tosco esquema determinista, então vigente.

Marx se referiu às questões estéticas e artísticas; sua concepção de homem leva-o necessariamente a abordá-las. Marx concebia o homem total já desalienado e na possessão de suas forças essenciais. Quando o homem consegue pôr essas forças essenciais em ação através da arte, projetar-se nela, torna-se um "homem mais humano", ou seja, um homem desalienado que já saiu do patamar da necessidade.

> Nesta capacidade de materializar suas forças essenciais, de produzir objetos materiais que expressam sua essência, reside a possibilidade de produzir objetos como as obras de arte, que elevam a um grau superior a capacidade de expressão e afirmação do homem. Certamente, a criação artística e o gozo estético prefiguram, aos olhos de Marx, a apropriação especificamente humana das coisas da natureza humana que há de dominar na sociedade comunista, quando o homem passar do reino da necessidade para o reino da liberdade (Vásquez, 1968, p. 11 e 69).

A revelação poética não é outra coisa que a revelação da condição humana, deste transcender-se sem cessar em que reside precisamente sua liberdade essencial (Paz, apud Tassara, 2000).

Ao lado desse aspecto de transcendência se dá o tempo do "instante consagrado", o não mecânico da física newtoniana. Entre uma e outra posição, passa-se qualquer coisa, diz Bérgson (1974). E é nesse tempo "onde se passa qualquer coisa" que está o tempo psicológico, o da poética, capturado pelo objeto estético. É como se o sujeito lançasse mão, lá no mais íntimo de seu recôndito, de um elemento muito precioso que dá sentido à vida.

O elemento poético faz uma ancoragem material no espaço, porque a poética se estrutura através de uma experiência com o objeto poético. É o encontro de *pathos X figuração* (Croce, 1997), ou seja, o encontro da emoção, do mundo interno com a imagem expressa em uma forma material. O objeto poético é evocativo. Uma fotografia aparentemente imóvel e muda tem o poder de evocar. Numa evocação, traz à consciência imagens e sentimentos numa mobilidade que transcende o tempo comum e fala numa linguagem que só é entendida no momento poético. Assim, com uma pintura, uma escultura, uma música, um poema ou uma paisagem produzida, no momento poético, a arte faz a mediação que liga o real ao infinito, os sentidos à transcendência, à empatia e à fruição.

> A experiência como base da poética se faz naturalmente concreta. Seria a liberdade contida na condição humana que estaria presente no fazer-se poeta. Embora a poética possa ser um sentimento de um só, ela compartilha, de algum modo, de algo que vem da longa cadeia dos seres humanos; ela se nutre da história que transcende (Paz, apud Tassara, 2000, p. 29).

Essa condição humana "consiste em não se identificar com nada daquilo com que encarna, mas também em não existir senão encarnada no que não é ela mesma" (Paz, apud Tassara, 2000, p. 29), ou seja, a poética traz em seu bojo a contradição em relação ao conceito de identidade na medida em que a condição

humana conteria o passo para um vir a ser que nega o que é, em uma dialética existencial superada apenas pelo momento do instante consagrado ao poético.

"Para escapar a sua condição temporal só resta ao homem fundir-se com o tempo; não alcança a vida eterna, mas cria um instante único e irrepetível. Sua condição o leva a ser outro: apenas sendo-o, pode ser ele próprio plenamente" (Paz, apud Tassara, 2000, p. 29).

> A relação entre uma imagem nova e um arquétipo adormecido no fundo do inconsciente será necessário explicar que essa relação não é propriamente causai. A imagem poética não está sujeita a um impulso. Não é o eco de um passado. É antes o inverso: com a explosão de uma imagem o passado longínquo ressoa de ecos e já não vemos em que profundezas esses ecos vão repercutir e morrer. Em sua novidade e em sua atividade, a imagem poética tem um ser próprio, um dinamismo próprio Procede de uma ontologia direta. A reflexão científica que se exerce sobre um pensamento científico longamente trabalhado deve fazer com que a nova se integre a um corpo de idéias já aceitas, ainda que a nova idéia obrigue esse corpo de idéias a um remanejamento profundo, como sucede em todas as revoluções da ciência contemporânea. A filosofia da poesia, ao contrário, deve reconhecer que o ato poético não tem passado, pelo menos, um passado próximo ao longo do qual pudéssemos acompanhar sua preparação e seu advento (Bachelard, 1998a, p. 1-2).

O esforço de Croce é para compreender o ato poético situando-o em uma esfera que o distinguisse quer do conceito, quer da pulsão inconsciente. Mas preservasse, no momento das distinções, a possibilidade de mediações (Bosi, 2001).

> É esse tesouro da experiência pessoal, feito de impressões e afeto que permite o jogo diferenciador das intuições. Deste modo nada escapa a Croce, ou nada entraria para o reino da arte sem cruzar a porta estreita, porta de subjetivação. Sem essa matéria subjetivada, a intuição careceria de objetos que lhe facultassem desempenhar sua função intencional de ver por dentro e daí, exprimir. Tudo que ainda não se converteu em pathos figurado é posto no mundo da prática (ou práxis) é o termo escolhido para nomear as instancias da necessidade e da eticidade: os níveis econômicos, políticos e, em senso lato, morais. Na esfera da prática, as paixões alimentam ações. Na esfera da estética, as paixões dão ao corpo as intuições e expressões (Bosi, 1997, p. 11).

A poética ultrapassa a determinação do sujeito; no instante poético o sujeito se transforma. No recriar concretamente o seu mundo ele recria a si. Ao identificar o objeto poético o sujeito vê-se nele como um todo, como uma síntese. A marca deixada no mundo externo é concreta. O sujeito se expressa no objeto poético.

A poética, na perspectiva de Bachelard (1998a), seria um produto direto do coração. Fala de alma e de espírito como duas dimensões da subjetividade, no sentido de que o espírlto estrutura o poema e a alma faz devaneios.

Entre uma e outra posição, passa-se qualquer coisa, diz Bérgson (1974). Neste tempo "onde se passa qualquer coisa" está o tempo psicológico, o da poética, capturado pelo objeto estético,

"É necessário estar presente à imagem no minuto da imagem: se há uma filosofia da poesia, ela deve nascer e renascer por ocasião de um verso dominante, na adesão total a uma imagem isolada, muito precisamente no próprio êxtase da novidade da imagem. A imagem poética é um súbito realce do psiquismo" (Bachelard, 1998a, p. 1-2).

O "instante consagrado", de que fala Paz (apud Tassara, 2001), o ato poético de Croce (1997), o minuto da imagem no dizer de Bachelard (1998a), refere-se ao momento poético. Esse é um dos pontos de convergência desses autores na discussão sobre a poética.

2.1 A Poética da Casa, do Morar, do Habitar

A casa vista como abrigo, como protetora, também é o lugar de nossos sonhos. É nela que o sujeito cria seus lugares mais íntimos. Em busca da casa todos vamos. Foi nela que nascemos, crescemos. A casa é o lugar do espaço onde o sujeito se referencia. Na perspectiva de Baudelaire (1997), perguntaríamos: uma bela casa não torna o inverno mais poético, e o inverno não aumenta a poesia da habitação?

"O sonhador pede um inverno rude, pede ao céu tanta neve, granizo e geada quanto possível. É preciso que haja um inverno canadense, um inverno russo, seu ninho será mais quente, mais amado, pesadas cortinas que ondulem até o chão. Atrás das cortinas escuras parece que a neve é mais branca" (Baudelaire, apud Bachelard, 1998a, p. 56).

A imagem poética é evocativa. O inverno evocado é um esforço da felicidade de habitar. No mundo, fora de casa, a neve apaga os passos, embaralha os caminhos, abafa os ruídos, mascara as cores. Sente-se em ação uma negação cósmica pela brancura universal. "Do inverno a casa recebe reservas de intimidade" Bachelard (1998a, p. 57). O sonhador da casa sente tudo isso e, pela diminuição do ser do mundo exterior, um aumento de intensidade de todos os valores de intimidade.

FIGURA 2 – "A casa retomada no momento poético"



Fonte: Wibbelt & Neotti – 1994

FIGURA 3 – "A casa da minha infância"



Fonte: Wibbelt & Neotti – 1994

"A casa de minha infância era grande. Era, embora quando a revi parecia ter-se encolhido. Porque as casas diminuem quando crescemos. O rio,

aprisionado pelo açude, de águas caladas, que não respondia a nenhuma de minhas perguntas, continuava ali, castigado" (Wibbelt, César e Neotti, 1994, p. 5 e 10).

O devaneio de Neotti (1994) ilustra um momento mágico da síntese poética. A fotografia da casa, como objeto estético e com seu poder evocativo, trouxe-lhe a possibilidade de reconhecer-se, através do registro do objeto poético. Porém, ao mesmo tempo, já não era o mesmo, "parecia que a casa tinha encolhido".

A figuração, presente no registro fotográfico, lhe traz o tempo do "instante consagrado" onde ao fazer-se homem (cresceu e a casa encolheu) faz-se também poeta no sentido de que a experiência poética não é outra coisa que a revelação da condição humana "que pode transcender-se, sem cessar".

O devaneio é o momento da condição humana onde reside sua liberdade essencial. É momento poético que está dentro do espaço psicológico. O objeto poético intermedia a relação com o sujeito e é carregado de significados de todos, da humanidade. Então, uma obra de arte, mesmo sendo apenas de um, é, ao mesmo tempo, obra da humanidade.

> Muitas vezes, bem antes do tempo em que comecei a ler diariamente os poetas, eu dizia a mim mesmo que gostaria de habitar uma casa como as que se vêem nas gravuras. A casa rústica, a casa feia com madeira talhada atraía-me mais. Parece-me que as madeiras talhadas exigem simplicidade. Por elas meus devaneios habitavam a casa essencial. Eu acreditava que esses desenhos ingênuos fossem só meus, mas qual não foi minha surpresa quando encontrei traços deles em minhas leituras! (Bachelard, 1998a, p. 64-65).

O devaneio permite que a imagem da casa assuma uma leveza, "leveza aérea" como diz Bachelard, como se ela integrasse o vento. A casa é um "ser" intensamente terrestre, mas registra, apesar disso, os apelos de um mundo aéreo, de um mundo celeste. As torres das igrejas e os monumentos altos parecem querer tocar esse mundo celeste. A casa tem um sótão com barulhos de folhagens. É pensando num sótão que Hartmann (apud Bachelard, 1998a, p. 64-65) escreve:

"Pela escada das árvores nós subimos".

Nesse devaneio, o céu é como se fosse o terraço de uma casa para o qual se subiria pela "escada das árvores". A casa seria um ponto a interagir com os elementos da natureza, como o vento. Seria uma imagem inspiradora e não descritiva, pois ela é criada no momento poético.

A casa como abrigo, "repouso do Guerreiro". Quantas lutas tiveram os moradores do bairro Renascer/Mina Quatro para conquistar esse abrigo! Casa velha, de tábuas velhas onde Paulo se recosta depois de um dia de caminhada pela cidade com seu cavalo e sua carroça catando papel. Casa onde as flores do jardim são o lixo que recolheu na cidade. Dentro dela, na sala, uma "guampa"[3] trabalhada enfeita a parede sobre um pano branco ao lado de uma tábua vermelha, cuja pintura não está terminada. A imagem poética de Paulo[4], uma parede enfeitada com uma guampa um pano branco.

FIGURA 4 – Poesia no repouso do "guerreiro"

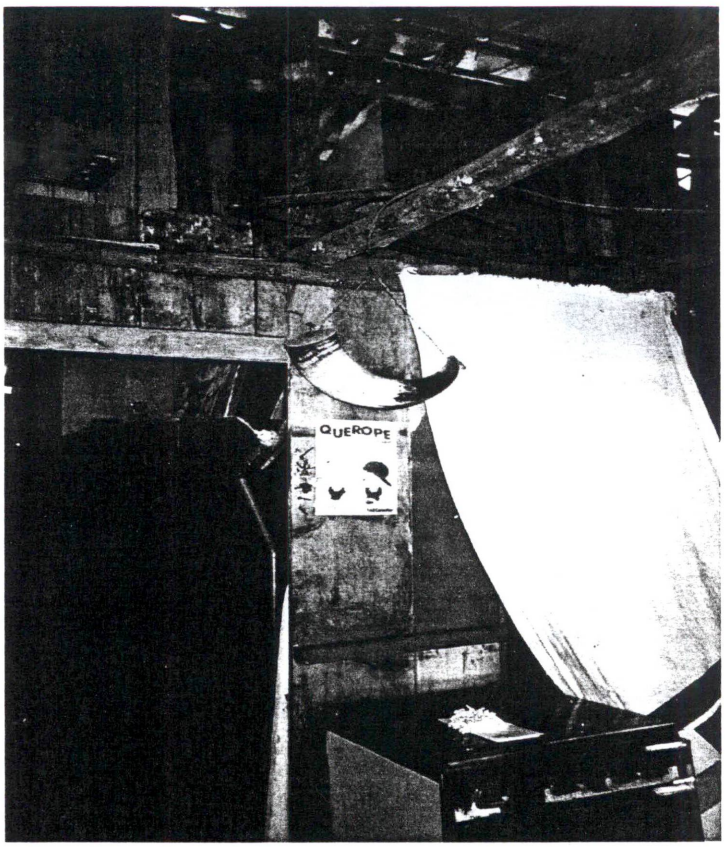


Foto: Teresinha M. Gonçalves - 2001

---

[3] Guampa é um chifre de boi que depois de trabalhada artisticamente com adereços de metal e couro serve como recipiente para guardar bebida. No sul do Brasil, os "nativistas" tomam aguardente diretamente do gargalo da guampa.

[4] Paulo. Morador do bairro Renascer/Mina Quatro, 2001.

A casa como ancoradouro de uma náufraga da exclusão social, Dona Zulma, que faz seu momento poético quando avista o abrigo embaixo da caixa d´água e vê uma possibilidade de salvação, de pelo menos ter um abrigo para permanecer viva.

FIGURA 5 – "Tava sem eira nem beira" e eis uma casa para Dona Zulma



Foto: Teresinha M. Gonçalves - 2001

> [...] daí tava sem eira nem beira então peguei entrei ali pra debaixo da caixa dágua que era a antiga mina quatro, entende? Até eles recramaram, não queriam nóis ali, queriam tocá nóis dali, e vieram com coisa pra tocá a máquna derrubá, í mais eu aguentei tá, não tinha porta nem janela, tinha morcego, oruja, era o que mais tinha naquela caixa água, e dentro naquele barraco ali. Mais eu não me importei, acendi uma vela e fiquei ali.[5]

É como se Dona Zulma experimentasse o mesmo sentimento do morador dentro da casa no centro da tempestade. "A casa apertou-se contra mim como uma bola e, por momentos, senti seu cheiro descer maternalmente até meu coração. Naquela noite ela foi realmente minha mãe" (Bachelard, 1988a, p. 61).

---

[5] Entrevista com Dona Zulma, moradora do bairro Renascer/Mina Quatro, jan. 2001.

"Digo minha mãe. E é em ti, ó casa! Casa dos belos estios obscuros de minha infância" (Milosz, apud Bachelard, 1998a, p. 61).

A casa concreta, que já foi sonho, hoje é um objeto material, poético, a casa bonita, assim Dona Ilda a vê:

> Olha a minha casa eu gostaria que ela fosse como ela é. Porque eu gostaria de ter uma garagem graças a Deus eu tenho, eu gostaria quando assim eu não tinha nada, eu sempre sonhava em tê uma casa com garagem pra botá uma rede pra mim descansá, uma área de serviço graças a Deus eu consegui com muito esforço e suor.[6]

A casa de dona Ilda é uma das mais bem cuidadas do bairro. Ela tem um cantinho preferido, do qual tirou uma fotografia, a garagem. Esta serve de varanda, (aqui na região de Criciúma chamam de área) com uma rede e vasos de folhagens que constituem em objetos poéticos.

FIGURA 6 – A casa concreta que foi um sonho para Dona Ilda

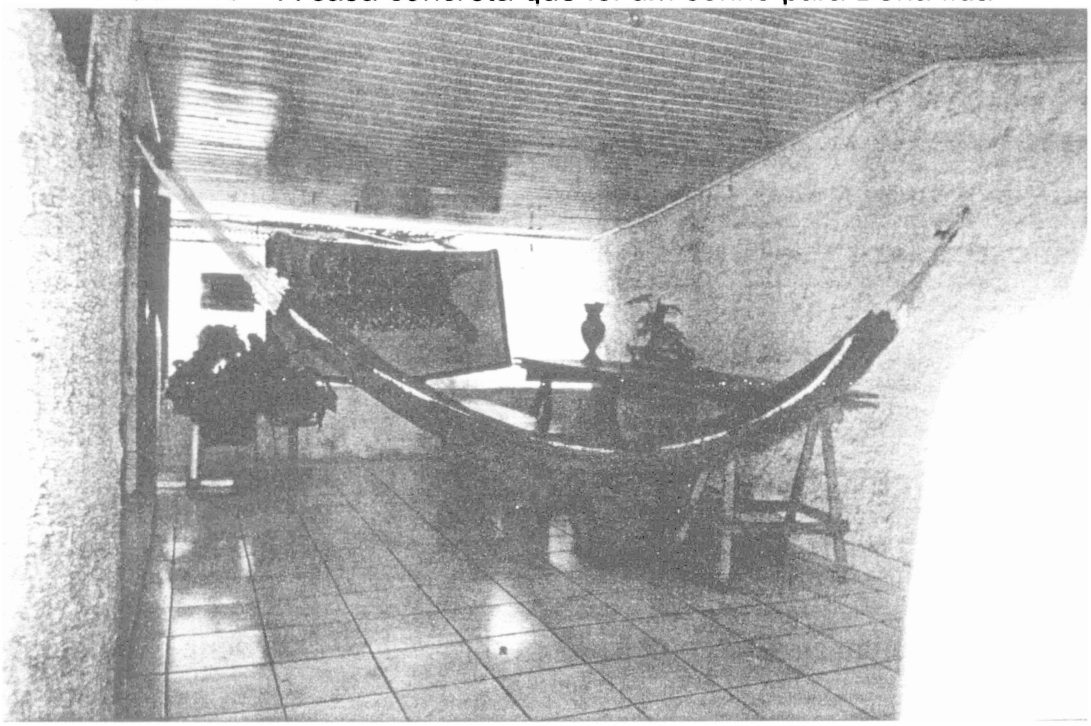


Foto: Dona Ilda - 2001

"Uma garagem pra botá uma rede pra mim descansá".

Diríamos que, também a partir dos modos de apropriação, o assunto da casa, da moradia, não pode ser resumido apenas numa questão que diz respeito às políticas públicas e sociais. A casa diz respeito à condição humana.

---

[6] Entrevista com Dona Ilda, moradora do bairro Renascer/Mina Quatro, 15 jan. 2001.

O homem, tanto em nível concreto como simbólico, precisa do abrigo da casa. É o seu bem maior ter um abrigo onde possa sonhar, refazer suas forças, alimentar-se da seiva da vida como uma segurança de estar abrigado, protegido. Não somente os pobres desejam isso. Os ricos dos devaneios de Baudelaire também (o homem querendo mais neve, mais granizo, um frio rude para cada vez mais se sentir protegido dentro de sua casa ao pé da lareira, tomando um bom vinho).

"No bairro Renascer/Mina Quatro, em Criciúma, ter a casa própria é a garantia da segurança dessa proteção. "Levantar a casinha né, ficou assim uma casinha de seis por quatro e eu tava contente porque já em seguida vim morar na minha casinha que construí abaixo de ajuda".[7]

Todos sonham em melhorar a casa, "aumentar a casa", deixá-la maior e mais bonita.

O modo de morar e habitar o lugar reflete o desejo do sujeito, tanto dos que habitam os lugares urbanos planejados e "urbanizados", com toda a infra-estrutura urbana, como daqueles que moram nas barrancas dos rios e nos amontoados de rejeitos de carvão, em Criciúma.

2.2 A Poética da Natureza

A natureza é fonte inspiradora da poética. Esta seria o experenciar, a fruição, o momento e a síntese poética, através de um objeto poético identificado na natureza.

A natureza ... como apreendê-la? Como expressar nosso amor por ela? "É necessário uma causa sentimental, uma causa do coração para senti-la com todos sentidos. Com efeito, acreditamos possível estabelecer, no reino da imaginação, uma lei dos quatros elementos que classifica as diversas

---

[7] Entrevista com Dona Lídia, moradora do bairro Renascer/Mina Quatro, 2001.

imaginações materiais conforme elas se associem ao **fogo**, ao a**r**, à **água** ou à **terr**a" (Bachelard, 1998b, p. 4).

Toda poética deve receber componentes de essência material a qual alia fortemente as almas poéticas. O devaneio necessita de sua matéria. É o objeto poético que intermedia essa relação, caso contrário, o devaneio passa a ser apenas a disponibilidade de uma hora fugaz. O elemento material lhe dá a própria substância, sua poética específica.

A beleza da natureza, as ondas do mar, o pôr-do-sol, as flores e os pássaros, o céu azul, o cantar da água que escorre da fonte, as paisagens, que ilustram tantos quadros e enfeitam as paredes das casas e dos museus se constituem imagens poéticas compartilhadas. A natureza viva, a mata, os bichos (em muitos momentos) compõem a figuração para materializar o pathos, na visão de Croce (1997), ou seja, a emoção colocada no objeto poético, no caso, a natureza.

A imaginação inventa mais que coisas e dramas. Cria vida nova, mente nova e abre os olhos que têm diferentes tipos de visão; verá se tiver visões. Terá visões, caso se eduque com devaneios que com as experiências. Pode-se dizer que os devaneios e os sonhos são a esperança e a vida contida expressada na poética. Amar a natureza é apreciá-la poeticamente:

> Ouço o canto dos pássaros e percebo seus vôos como passos de uma dança antiga. Parece mágico, mas percebo na medida exata em que vivo, sinto também que tudo está vivo. Lembro os velhos sábios ensinando seus mistérios sentados sob árvores. Lembro dos homens que procuravam abrigo nas cavernas, e também daqueles que chamam a terra de mãe [...]. Muita coisa mudou. Uma borboleta me rodeia, como que querendo me ensinar algo, pousa em minha caneta, infinitos segundos, talvez tentando me dizer [...] "escreva". Todas as cores ganham vida e nada do que eu diga poderá pôr em palavras o que estou vendo, pois estas imagens despertam em mim sentimentos esquecidos. É como que tudo de material existe [...]. A vida fosse eternamente mais (Livramento, 2001, p. 4).

A natureza foi e é fonte de inspiração para muitos poetas e pintores. A poética da natureza é produzida pelo ser humano, no "instante consagrado" de sua emoção, colocada nas mais diversas figurações (imagens) com que a natureza brinda os olhos humanos, traduzida na arte compartilhada a toda humanidade.

A contemplação solitária da natureza por um ser humano já é compartilhada à medida que o sujeito traz dentro de si o mundo tanto social como natural internalizado, ou seja, representado. Uma obra da natureza pode nos remeter a reflexões sobre o mundo social, inventado pelos homens.

FIGURA 7 – Serra do Rio do Rastro, fonte de inspiração para o poeta

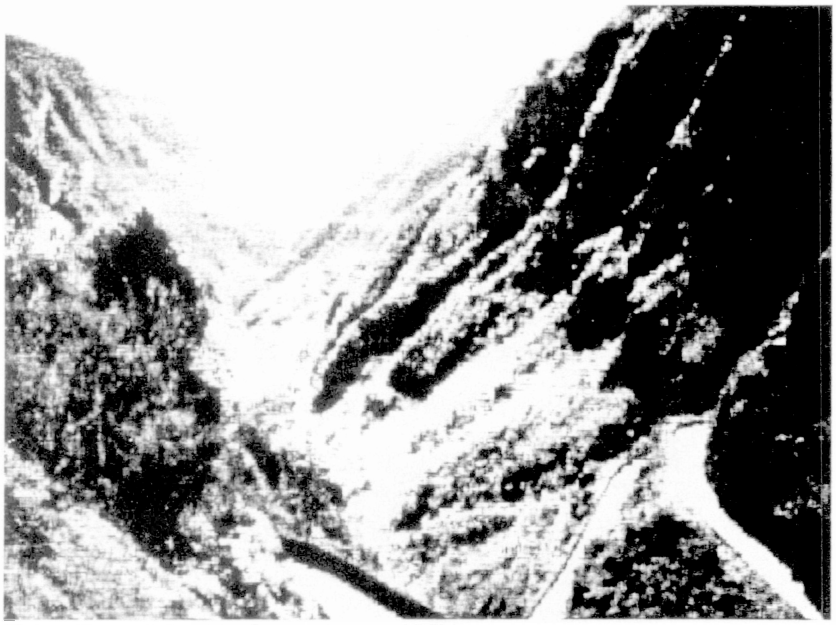


Foto: Teresinha M. Gonçalves - 1997

Gonçalves, em sua crônica poética sobre a Serra do Rio do Rastro, em Santa Catarina, escreve:

> A Serra é carregada de história; é testemunha viva da vida e da morte dos mineiros de carvão. Ela fala, sente, chora e sorri. Desde sempre está ali a Serra, fazendo parte do mundo natural a contemplar o mundo dos homens. Serra do Rio do Rastro! Quantas vezes eu vi Deus em teu altar! Quantas vezes eu rezei e quis me desmaterializar para incorporar-me aos raios do sol ao entardecer dos dias de verão. Ao entardecer, os raios de luz, filtrados pelas nuvens, embocam através das fendas e desenham no céu uma espiral que tece um rastro de poeira luminosa como se fossem fragmentos de estrelas (Gonçalves, 1995, p. 5).

2.3 A Poética da Cidade

"Mas a noite chegou. É a hora estranha e ambígua em que se fecham as cortinas do céu e se iluminam as cidades" (Baudelaire, 1997, p. 23). Na cidade, resplandece a luz, fervilha a vida, ressoa a poesia, vibra a música. No devaneio

de Dona Ilda[8], o prazer está em percorrer as ruas iluminadas do centro de Criciúma e olhar as vitrines; no de Seu Roberto[9] é estar na praça do Congresso, no centro de Criciúma, e ficar sentado, quietinho, olhando a beleza das árvores e as crianças brincando.

FIGURA 8 – Praça do Congresso – Criciúma
Lugar poético para muitos dos entrevistados

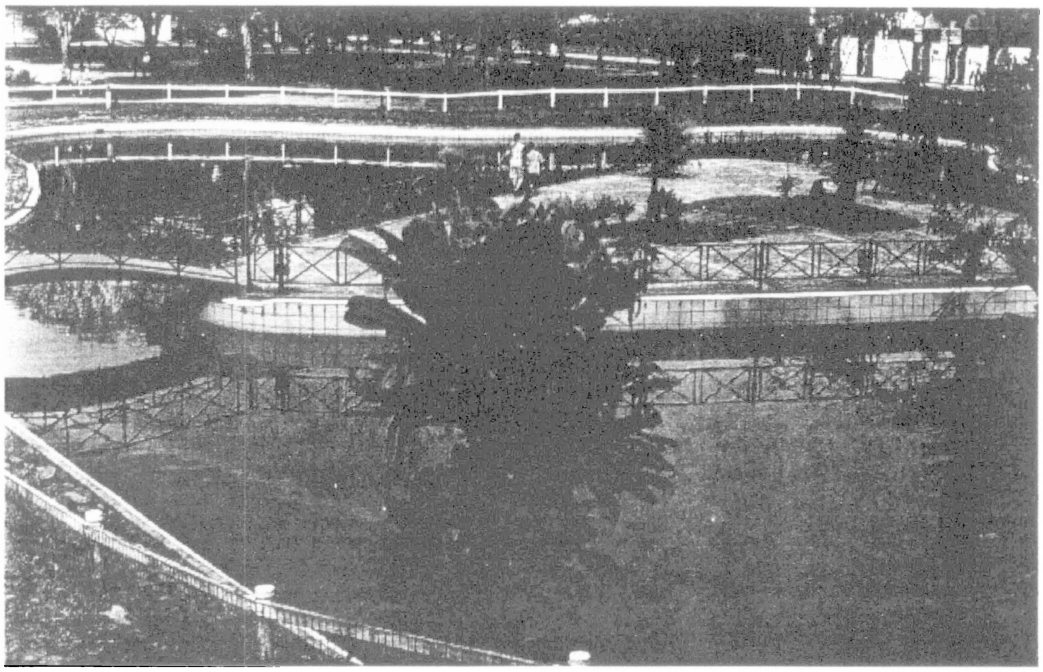


Foto: Sérgio Honorato - 2001

No devaneio dos moradores do bairro Renascer/Mina Quatro, a cidade iluminada deveria se estender até seu bairro e para lá levar a luz, a música e a alegria, a segurança dos homens intitulados.[10]

Para Sennett, a cidade apresenta unicidade consistente em torno de *locus* de poder. Na experiência urbana, diferença, complexidade, estranheza

---

[8] Dona Ilda. Moradora do bairro Renascer/Mina Quatro, 15 jan. 2001.

[9] Seu Roberto. Morador do bairro Renascer/Mina Quatro, 2001.

[10] Intitulados. Para Sen (2000), estar intitulado é estar apto a ingressar no desenvolvimento. O potencial para comprar alimentos, por exemplo, tem de ser adquirido. As pessoas passam fome quando não conseguem estabelecer seu intitulamento sobre uma quantidade adequada de alimentos. Estar intitulado é poder estabelecer sua posse sobre as quais quer dispor. Segundo Sen, o intitulamento é determinado por várias influências distintas: a primeira delas é a dotação à propriedade de recursos produtivos e de riqueza que tem um preço no mercado. Para boa parte da humanidade, a única dotação significativa é a força de trabalho. A segunda delas consiste na possibilidade da produção e seu uso. As possibilidades da produção são determinadas pela tecnologia disponível e influenciadas pelo conhecimento disponível e pelo potencial das pessoas, para organizar seus conhecimentos e dar-lhes uso efetivo.

sustentariam a resistência à dominação, em que "as pessoas, capazes de reconhecer tal dissonância e incoerência em si, entenderiam melhor do que dominam o mundo em que vivem" (1997, p. 24). Reconhece que talvez haja a possibilidade de culturas ocidentais moderna e pós-moderna, expressas nos grandes centros econômicos e tecnológicos, também nas periferias das grandes metrópoles e de pequenas cidades, como Criciúma. Isso ocorre, por exemplo, ao acessar ao reconhecimento das diferenças, da percepção do outro e da sua dor

Segundo Damergian (2001), o grande problema de nossa civilização é sua vocação essencialmente materialista e tecnocrática que se explicita de forma aguda nas grandes metrópoles. As considerações de Damergian vão ao encontro da fala de Habermas (1990a) quando este diz que a razão instrumental invade o mundo da vida, colonizando-o. Uma razão extremamente tecnocrática estende seus tentáculos a todos os domínios da vida. O afastamento do mundo do sentimento, a falta de estimulação ao aspecto amoroso, à pulsão de vida, na perspectiva de Damergian (2001), liberam o lado negativo do sujeito, o seu egoismo, a sua inveja, o seu narcisismo em detrimento do outro.

O ambiente hostil do bairro Renascer/Mina Quatro empurra os moradores para o centro de Criciúma onde, pelo menos, têm paisagens e imagens inspiradoras para seus davaneios. O firme propósito de não deixar morrer, dentro de si, a esperança, a preservação da capacidade de sonhar dá substância à vontade de resistir à dominação e à alienação. Buscam "salvar-se" na Praça do Congresso, vêm alimentar-se da valência positiva.

Na linguagem de Sansot:

> É a cidade que cria o homem, ou ao menos o modifica, para ser ela mesma e se dizer por ele, para exercer sobre ele sua potência poética. A poética seria uma qualidade de certos lugares, recriados por cada um que experencia a sua poesia. Esta qualidade estaria referida a vários tempos, o tempo longo da história evolutiva, o tempo mais curto das transformações sócio-históricas e o tempo breve dos desejos e sonhos individuais (apud Tassara, 2000, p. 30).

No urbano, a poética sustenta a vida em comum. A organização da cidade faz com que as pessoas estejam muito próximas e, inexoravelmente umas dependem das outras. Os elementos que dão sentido à vida no urbano são os lugares onde o sujeito mora e habita, trabalha e se locomove, mas, principalmente, os lugares de fruição poética resultam da montagem da realidade a partir de injunções materiais (Braudel, 1983). A cidade, na realidade, é montada a partir da cultura e da técnica.

A experiência poética do urbano estaria buscando aquele "recôndito", aquela essência interior que transcende a temporalidade, onde estão as fontes alimentadoras da esperança, do sonhar, do projetar-se enquanto ser de criação. É assim que Dona Lisandra, uma das moradoras entrevistadas, vê o centro florido e iluminado da cidade de Criciúma. Lá ela anda. No bairro ela "trilha" como se fizesse um caminho repetitivo como o do trem.

"O meio urbano é necessariamente poético porque carrega a humanidade dentro de sua concepção. As pessoas vivendo nas cidades recriam, necessariamente, sentidos e significados e constroem plenamente a si próprias sendo o outro. Este outro pode ser pensado como o que une os homens em sua trajetória comum, sua utopia de ser" (Tassara 2001, p. 31).

FIGURA 9 – Praça Nereu Ramos – Criciúma



Fonte: Arquivo Histórico da Prefeitura Municipal de Criciúma – s/d

No devaneio de Baudelaire (1997), a cidade é Paris moderna, onde a multidão é o universo, como o ar, o dos pássaros; como a água, o dos peixes; a paixão do *flâneur*[11] é desposar a multidão. Para o perfeito *flâneur*, para o observador apaixonado, é uma grande alegria fixar residência no numeroso, no ondulante, no fugidio, no movimento, no infinito.

---

[11] *Flêneur*. Personagem de Baudelaire, o observador, andarilho das ruas de Paris.

> Assim o apaixonado pela vida universal entra na multidão como se isso lhe parecesse como um reservatório de eletricidade. Pode-se compará-la a um espelho tão imenso quanto essa multidão; a um caleidoscópio dotado de consciência, que, a cada um de seus movimentos, representa a vida múltipla e o encanto cambiante de todos os elementos da vida (Baudelaire, 1997, p. 21).

A cidade é um lugar de fruição poética onde se desenvolve a vida social apropriada e produzida. A cidade é lugar dos rituais, das cerimônias das praças, dos monumentos, das igrejas e dos cemitérios. A cidade antiga, a cidade moderna, as grandes metrópoles. As cidades dos países pobres do terceiro mundo, com suas feiras cheirando a frituras e com seus "camelôs". Vozes, ruídos, transeuntes, mendigos, artistas, carros, trens, carroças.

A cidade, assentada sobre os rejeitos de carvão, exala odores de enxofre, fumegando nos dias úmidos como se fossem pequenos vulcões. A cidade cortada pela linha férrea que transporta o carvão. A cidade dos excluídos, não intitulados, dos homens sem liberdade dirigidos por outros; a cidade do lixão que hoje é bairro; a cidade de barracos que hoje são casas, a cidade encontro de diferenças e de contradições. A cidade onde o sujeito vive produz sua subjetividade, interage com outras subjetividades. Lugar onde expõe seu corpo põe sua marca, produz a cultura. A cidade produzida e consumida. A cidade de fruição e frenesi onde o ser humano pode viver ou sobreviver, lugar, ao mesmo tempo desejado e temido. A cidade é um lugar do espaço.

CAPÍTULO III

SUJEITO E ESPAÇO

SUJEITO E ESPAÇO

3.1 A Noção de Espaço

A noção demanda uma discussão interdisciplinar em que a contribuição de autores de outras áreas do conhecimento é trazida. O conceito de espaço é complexo, pois cada ciência o vê de um modo. Porém, as deferentes visões de espaço podem encontrar pontos de convergência.

Segundo Tuan (1983), a noção de espaço nos remete a uma visão de movimento e dinamicidade, isto é, o espaço é dinâmico, experimentado e vivenciado pelo homem. De corpo e alma aquele passa por uma experiência corpórea e mental, no sentido de projeção, e por outra emocional e simbólica.

Lucker (1997) observa que, para o homem primitivo, o espaço era uma multiplicidade mais ou menos ordenada de direções que buscavam uma localização. Essas estavam associadas, simbolicamente, a manifestações sensoriais, como o pôr do sol e a outros fenômenos da natureza.

Da antigüidade até Aristóteles, o espaço era finito e, em torno dele imaginava-se espaços míticos (esferas celestes, região dos deuses, o eterno). No pensamento judaico, segundo Lucker (1997), o espaço "makôn" servia como nome de Deus era o espaço de "schechina", da manifestação de Deus sobre a terra.

Lucker (1997) coloca que toda configuração do espaço contempla o marco, o caminho e a construção, o sinal que pode ser considerado como o ponto. O marco cujos lados têm significados cósmicos indicaria a amplitude do espaço como um obelisco ou a torre de uma igreja, apontando para o céu, o caminho que pode ser o ciclo solar do tempo ou da vida. Assim, o universo invisível seria interpretado por alguns povos como revelação da divindade invisível.

Se, na perspectiva de Gottdiener (1997), a verdade essencial da ciência urbana é revelar os segredos da organização social pelo estudo de suas formas materiais, o espaço, que se discute no contexto deste trabalho não se limita ao espaço geográfico, nem tampouco ao arquitetônico. A visão dele aqui é mais ampla. O espaço, aqui referido é o cósmico, o físico, o geográfico, o cultural, o histórico, o psicológico.

O espaço é movimento, contém o movimento, diz Santos em "Metamorfoses do espaço habitado" (1997, p. 71). Embora partam de posições teóricas diferentes para definir o conceito de espaço, Tuan (1983), Santos (1997) e Claval (1997), existem momentos de convergências em suas posições. Para os três o espaço é dinâmico, compartilhado.

Para Santos (1997, p. 71), o espaço é construído e resultado de múltiplas determinações naturais, sociais e culturais.

Para Tuan (1983, p. 9-11), o espaço é vivenciado por uma experiência que abarca a mente e o sentimento.

Para Claval (1997, p. 207) "o espaço, suporte da sociedade, é físico, social e simbólico, onde o sujeito significa. Os nomes dos lugares permitem falar do mundo e discorrer sobre ele, transformando o universo físico em universo socializado".

No espaço, há uma aparente diversidade e uma similitude das dimensões vividas pela pessoa. Em vez de sujeito, Claval (1997) emprega o conceito de pessoa. Então, para ele o espaço é onde a pessoa significa. Entendemos que, quando falamos de pessoa e de sujeito estamos falando do ser humano. Como partimos do enfoque da psicologia de base psicanalítica, empregamos o conceito de sujeito, que produz subjetividades. Não é apenas o espaço geográfico, nem tão somente o arquitetônico, produzido pelas forças sociais e pelo modo de produção da economia. A noção de espaço que consideramos é mais ampla. Ela abarca o cósmico, o físico-natural, o histórico, o cultural e o psicológico.

O espaço é diferente de lugar. Nos lugares, o sujeito efetiva o processo de significação. Quais são os lugares de produção da subjetividade no espaço? Nos lugares onde mora, trabalha, caminha, passeia, relaciona-se. Com o corpo,

mente e sentimento o indivíduo se torna sujeito. De corpo inteiro e alma atenta, ele se apropria do espaço que ele sente, observa e vê.

Para Santos (1997, p. 71) "o espaço seria um conjunto de objetos e de relações que se realizam sobre esses objetos. O espaço é o resultado da ação dos homens sobre o próprio espaço, intermediados pelos próprios objetos, naturais e artificiais".

O "lugar" é específico, concreto, conhecido, familiar, delimitado: o ponto de práticas sociais específicas que nos moldaram e nos formaram, com as quais nossas identidades estão estreitamente ligadas.

3.2 Espaço e Subjetividade

A experiência é constituída de pensamento e sentimento (Tuan, 1983). Como o espaço interior, o intrapsíquico é afetado pela experiência com o mundo exterior? A produção da subjetividade passa pelas necessidades e dificuldades inerentes ao processo de interação do sujeito com o mundo. Como se dá o processo identificatório do "eu" num cenário marcado por contrastes violentos, em que se promove o desenraizamento cultural de segmentos expressivos da cultura popular e se busca eliminar a heterogeneidade?

É uma tendência comum referir-se ao sentimento e ao pensamento como opostos; um registrando dados subjetivos e outros, objetivos, da realidade. Ver, sentir e pensar são processos intimamente relacionados (Tuan, 1983).

Segundo Tuan (1983), há muito tempo que já não se considera a visão apenas como registro do estímulo da luz; ela é um processo seletivo e criativo em que os estímulos ambientais são organizados em estruturas fluentes fornecedoras de sinais significativos ao órgão apropriado. Os sentidos do olfato e do tato são educados mentalmente? "Tendemos a negligenciar o poder cognitivo desses sentidos". O paladar, o olfato e o tato podem atingir um extraordinário

refinamento. Eles discriminam, em meio à riqueza de sensações, e articulam os mundos, gustativo, olfativo e textural.

A inteligência é necessária à estruturação dos mundos (interno e externo). Do mesmo modo que os atos intelectuais de ver e ouvir, os sentidos do olfato e tato podem ser melhorados com a prática até chegarem a discernir mundos significantes. Exemplo; o desenvolvimento de sensibilidades para fragrâncias florais nos adultos, ou odores fortes e desagradáveis como o de enxofre com a queima do carvão mineral exalado dos montes de rejeitos de carvão, em Criciúma, quando entram em autocombustão. Na representação dos moradores do bairro Renascer/Mina Quatro, em Criciúma, o espaço é percebido também por outros órgãos do sentido, como o olfato. Se alguém estiver de olhos vendados, passeando pelo bairro, sabe localizar as montanhas de rejeitos piritosos só pelo odor do enxofre evaporado.

Como o homem apreende o mundo ao seu redor? De corpo inteiro, segundo Tuan (1983), física, mental e emocionalmente. O espaço arquitetônico pode agradar aos olhos. Ficará mais enriquecido com os odores variados e agradáveis. Eles imprimem caráter a objetos e lugares, tornando-os distintos, fáceis de identificar e lembrar. Os odores são importantes para os seres humanos. O filósofo Fourier (1973, p. 153) em sua obra: "La armonia pasional Del nuevo mundo", remete-nos a um devaneio. Um compartimento da casa, a cozinha que ele imaginava ser um lugar onde estivesse sempre exalando odores agradáveis das ervas, que serviriam de temperos aos alimentos, estimulando, assim, o apetite e a saúde.

Tuan (1983) pergunta: "podem as fragrâncias e os perfumes constituir um mundo?". Mundo sugere estrutura espacial. Um mundo olfativo seria aquele em que odores estão espacialmente arranjados, e não onde apareçam em uma sucessão acidental ou como misturas rudimentares. Podem outros sentidos além da visão e do tato, proporcionar um mundo espacialmente organizado? É possível argumentar que o paladar, o odor, o tato e mesmo a audição não nos dão, por si, a sensação de espaço? Tuan (1983) pergunta: "quais os órgãos sensoriais e experiências que permitem aos seres humanos ter sentimentos intensos pelo espaço e pelas qualidades espaciais?" Como resposta ele dá cinestesia, visão, e

tato. Movimentos tão simples, como esticar os braços e as pernas, são básicos para se tomar consciência do espaço. Este é experenciado quando há lugar para se mover. Ainda mais, ao mudar de um lugar para outro, a pessoa adquire um sentido de direção. Para frente, e para trás e para os lados são diferenciados pela experiência, ou seja, conhecidos subconscientemente no ato de movimentar-se. Categorias espaciais plenas de simbolismo são em cima-embaixo, frente-atrás, direita-esquerda, dentro-fora (Lucker, 1997).

O espaço assume uma organização coordenada rudimentar, centrada no "eu", que se move e se direciona. Os olhos humanos, por terem superposição bifocal e capacidade estereoscópia, proporcionam às pessoas um espaço vivido, em três dimensões (Tuan, 1883). A experiência, contudo, é necessária. Tocar e manipular as coisas com as mãos produz um mundo de objetos que conservam sua constância de forma e tamanho. Avançar até as coisas e brincar com elas revelam a sua descontinuidade e a distância relativa. O movimento intencional e a percepção, tanto visual como tátil e olfativa dão aos seres humanos, acesso ao seu mundo familiar.

O valor simbólico do espaço que traz as significações produzidas pela ação humana nos conduz a Proshanski (1976), ao definir o sujeito por sua "identidade topológica" ou "situacional". Esta se estabelece como uma reação ao ambiente físico, através de um complexo de idéias, conscientes e inconscientes de crenças, de preferências, de sentimentos, de valores de comportamentos e atitudes que se relacionam com o meio ambiente de vida dos sujeitos.

> Nas sociedades pré-modernas, o espaço e o lugar eram amplamente coincidentes, uma vez que as dimensões espaciais de vida social eram, para a maioria da população, dominadas pela "presença" – por: uma atividade localizada [...]. Modernidade separa, cada vez mais, o espaço do lugar ao reforçar relações entre outros que estão "ausentes", distantes (em termos de local), de qualquer interação face-a-face. Nas condições da modernidade [...], os locais são inteiramente penetrados e moldados por influências sociais bastante distantes deles. O que estrutura o local não é simplesmente aquilo que está presente na cena; a "forma visível" do local oculta as relações distanciadas que determinam sua natureza (Giddens, apud Castells, 2000, p. 18).

O catador de papel do Bairro Renascer/Mina Quatro experiencia o espaço físico-sócio-cultural pelos vários **lugares** onde caminha com sua carroça e seu cavalo. Seus movimentos são dirigidos para os lugares que lhe dão gratificação, como a fábrica Canguru, onde se diz amigo dos diretores e funcionários que

guardam as caixas de papel para ele, no Bairro Próspera. Por isso, diz ser o caminho que mais gosta de percorrer, no seu bairro, aquele que leva à Próspera.

No entanto, sua esposa repele os movimentos que a possam levar para dentro do bairro. O "place attachment"[12] ela faz no Círculo da Luz, na Seara e no Colégio Michel, instituições localizadas fora do bairro. Por isso, o espaço pode ser experenciado de várias formas: por identificação, segurança e acolhimento como é o caso da esposa do catador de papel, ainda que o sentimento de pertença é o que caracteriza o conceito.

Todos os entrevistados citam vários lugares de Criciúma onde fazem, o "place attachment" (Proshanskl, 1976) como a Praça do Congresso (a mais citada), a da Catedral, oficialmente denominada praça Nereu Ramos no centro da cidade e as ruas iluminadas de Criciúma. Nessa praça, aos sábados, sente-se o cheiro das flores na primavera, dos doces e salgados do quiosque e a música, quase sempre de uma banda ou uma fanfarra acompanha as mais diversas apresentações populares.

"O espaço é uma coisa grande", diz uma entrevistada. "O espaço é uma casa espaçosa, onde eu me sinto livre", diz outra, abrindo os braços. "O espaço não é o meio (real ou lógico) onde se dispõem as coisas, mas uma forma pela qual a disposição das coisas se torna possível", diz Ponty (1971, p. 249).

O espaço não é paisagem. Para Santos M. (1997, p. 72) "[...] a paisagem é a materialização de um instante da sociedade. Seria uma comparação ousada, a realidade dos homens fixos, parados como numa fotografia. O espaço contém o movimento. Por isso paisagem e espaço compõem um par dialético. Completam-se e se opõem".

---

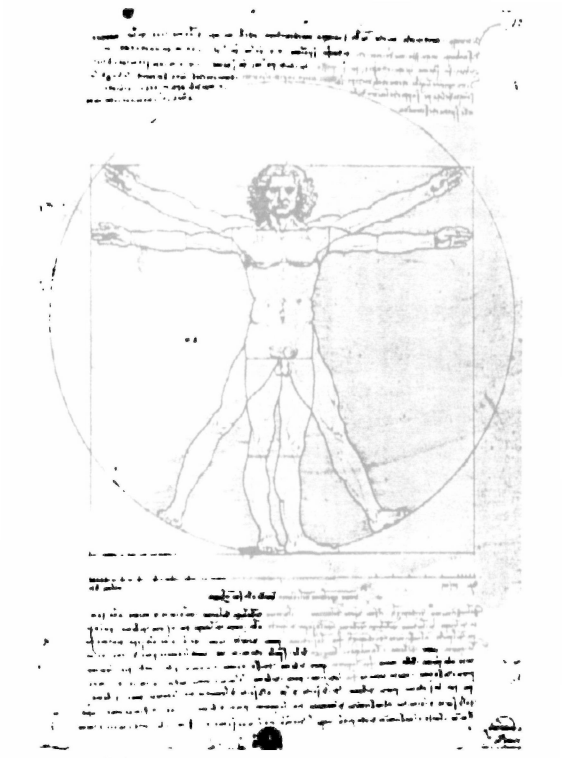
[12] "Place attachment". É uma categoria utilizada por Proschanski (1976). São laços que o sujeito faz com determinados lugares onde ele se sente pertencente a esses lugares. O sentimento de pertenência (sentimento de pertencer) é que caracteriza o conceito de "place attachment". Esses lugares podem ser vividos ou evocados através do imaginário do sujeito.

3.3 Corpo e Espaço

Espaço é um termo abstrato para um conjunto complexo de idéias. Pessoas de diferentes culturas diferem na forma de dividir seu mundo, de atribuir valores às suas partes e de medi-las.

As maneiras de dividir o espaço variam enormemente em complexidade e sofisticação, assim como as técnicas de avaliação de tamanho e distância. Contudo, existem certas semelhanças culturais comuns, e estas repousam no fato de que o homem é a medida de todas as coisas. Em outras palavras, os princípios fundamentais da organização espacial encontram-se em dois tipos de fatos: a postura e a estrutura do corpo humano e as relações (quer próximas ou distantes) entre outras pessoas. O homem, como resultado da experiência íntima com seu corpo e com outras pessoas, organiza o espaço a fim de conformá-lo às suas necessidades biológicas e de relações sociais (Tuan, 1883).

FIGURA 10 – O homem de Da Vinci



Leonardo da Vinci, *Figura Humana no Círculo, Proporções para Ilustração*, 1485-90

Fonte: Sennett, 1994, p. 172.

"A relação trabalho-corpo é certamente um dos pontos definidos na identificação social do mineiro" (Volpato, 1989, p. 54). O conceito de Robutez[13] é imediatamente associado ao corpo do mineiro. Esse conceito vem de outros tempos quando o trabalho das minas era totalmente manual.

> A construção da identidade social do mineiro parece acontecer simplesmente porque eles trabalham em locais subterrâneos, escuros, em oposição á luminosidade dos ambientes de superfície: porque estão expostos a riscos imprevisíveis e a perigos reais, existentes nas condições materiais de trabalho: porque enfrentam o desconhecido que os assusta: porque assiduamente testemunham acidentes graves e até fatais; enfim, porque neste local de trabalho, como já foi descrito no capítulo anterior, requer práticas específicas e adequadas (Volpato, 1989, p.165-166).

FIGURA 11 – O corpo do mineiro modificado pelo esforço físico (robustez)[14]

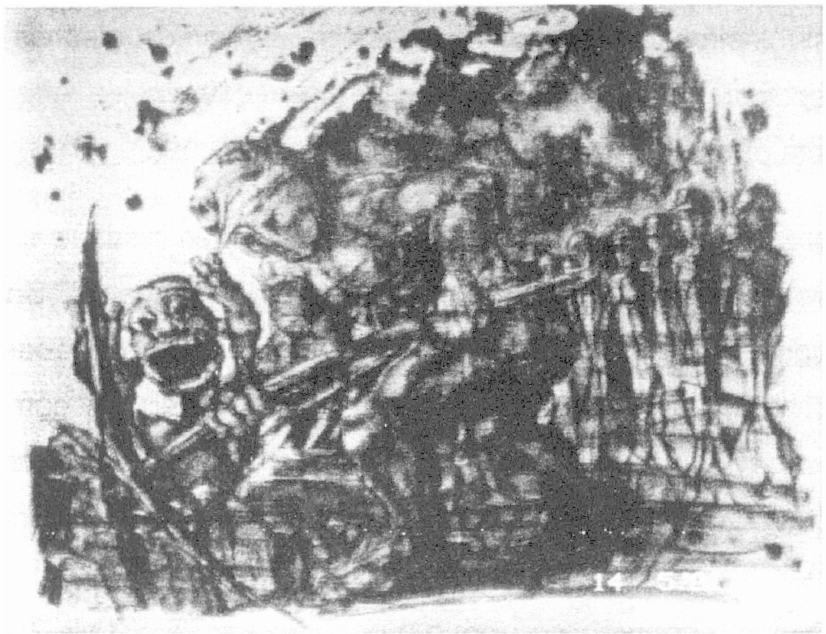


Foto: Teresinha M. Gonçalves - 2000

A identidade social do mineiro em Criciúma deu-se, também, pelo seu próprio corpo: robusto, sempre escuro coberto pela poeira preta do carvão.

O corpo é uma coisa que está no espaço e ocupa espaço. Ao contrário, quando usamos os termos **homem e mundo**, não pensamos apenas naquele como um objeto do mundo, ocupando uma pequena parte do seu espaço, mas habitando o mundo, dirigindo-o, criando. De fato, o simples termo mundo contém

---

[13] O mineiro usava a força física no seu trabalho. Por isso as minas precisavam de homens fortes e robustos, principalmente no início quando ainda não eram mecanizados.

[14] Quadro do pintor Leonardo Hansel (1995), a propósito do trabalho pesado nas minas de carvão.

e conjuga o homem em seu ambiente. Homem e mundo indicam idéias complexas.

O corpo é vivo e se espraia no espaço ocupando vários lugares e demarcando territórios. Os corpos de homens, mulheres e crianças, dos homossexuais, dos pobres e dos "rejeitados", sobre os rejeitos de carvão, ocupam os lugares do espaço. Sem a presença dos corpos eles não seriam percebidos e nem incomodariam. "A classe social está impregnada no corpo", diz uma médica de Criciúma, ao se referir às pessoas atendidas em seu consultório, precocemente envelhecidas pelo sofrimento da pobreza.

No início da mineração, na região carbonífera de Santa Catarina, os corpos dos mineiros e de seus filhos eram os pontos centrais de um ritual. Ocorriam repetidos funerais de mineiro que morto embaixo da mina e o da criança (menor de um ano), o "anjinho que Deus chamou ao céu".[15]

A produção do espaço é compartilhada. "A pluralidade é a condição da ação humana", diz Arendt (2000) em "A condição humana". Somos todos os mesmos ligados pela condição de sermos humanos. Labor, trabalho e ação são as três atividades, segundo Arendt, que têm íntima relação com as condições mais gerais da vida humana. O labor, como condição da sobrevivência da necessidade do sujeito enquanto ser biológico; o trabalho, modo de antefator por onde o homem inventa e faz o mundo social; a ação que seria a atividade ligada às interjeições do ser humano sobre o mundo inventado por ele. Local em que se funda o corpo político e que cria as condições para a lembrança, isto é, para a história.

Segundo Arendt (2000), das três atividades, a ação é que está mais intimamente ligada à condição humana da natalidade. Nascer é o começo. A cada nascimento pode-se fazer sentir, no mundo, por que o recém-chegado possui a capacidade de iniciar algo de novo, isto é, de agir. Ação, na perspectiva de nascimento de construir um mundo não para si somente, mas também para

[15] No trabalho das minas as mortes por acidentes eram constantes. Houve época que morria de quatro a cinco homens por mês embaixo das minas. Nas décadas de 40 e 50 morriam muitas crianças menores de um ano por desidratação, meningite e subnutrição. Quase todos os dias tinham um "enterrinho". As crianças da escola das vilas operárias saiam mais cedo para acompanhar o sepultamento do "anjinho" que Deus tinha chamado ao céu.

receber os recém-chegados, ou seja, a condição humana leva o homem a transcender o seu pensamento e pensar na existência humana. Tudo que é trazido pelo esforço humano torna-se parte da condição humana.

Ao nascer o bebê já inicia um processo de experienciar o espaço. Quando engatinha, pode explorar o espaço. Na perspectiva de Klein (apud Herrmann & Lima, 1982), após o nascimento, o espaço que a criança experiencia de imediato é o seio de sua mãe que o alimenta. Ele se constitui no objeto com o qual o bebê tem suas primeiras interações. No processo de desenvolvimento o bebê alarga sua percepção de espaço, quando percebe que o seio faz parte da mãe e, posteriormente, esta de uma família que compõe uma sociedade.

Segundo Tuan (1983), os mamíferos, logo após o nascimento, adquirem um sentido de orientação e dão alguns passos, seguindo a mãe. A criança adquire essa habilidade mais gradualmente, dada a sua lenta maturação. Antes, porém, passa por todo um processo de experienciar objetos como o seio da mãe, o aprendizado da amamentação. A experiência com a mãe ou outra pessoa que a substitua, nos cuidados do recém-nascido, vai configurar o primeiro ambiente.

Uma criança entende um lugar? Numa visão de geógrafo Tuan (1983), o primeiro ambiente percebido pela criança é a mãe? "Se definirmos lugar de maneira ampla como um centro de valor, de alimento, de apoio, então a mãe é o primeiro lugar da criança" (Tuan, 1983, p. 32).

Numa perspectiva psicanalítica, diríamos que para a criança em seus primeiros meses de vida, o mundo é a sua mãe. O espaço é construído pela experiência humana. O espaço é habitado por um mundo humano e um mundo natural com os quais o homem tem dificuldade de se relacionar[16]. As coisas e os

---

[16] Sobre a dificuldade da relação homem x natureza: remete-nos à atual crise da humanidade com a natureza, a degradação e destruição do meio ambiente. Remetem-nos a comportamentos de não respeito ao mundo natural físico e ao mundo social, construído pelo homem, os espaços construído, as cidades e aglomerados urbanos que se constituem em um outro tipo de natureza com suas características próprias e se diferencia do mundo físico natural. Temos uma hipótese: para a psicologia, essa dificuldade em relação à natureza, passa por uma dificuldade em nível de afeto, respeito, compreensão de que o mundo social e natural faz parte de uma mesma unidade. Essa dificuldade e essas atitudes foram percebidas na pesquisa de campo desta tese. Da dona de casa de Criciúma que corta a árvore de seu quintal porque as folhas sujam o pátio até o atual dirigente maior dos Estados Unidos que se nega assinar a Carta de Kioto que limita a poluição atmosférica.

homens constituem o ambiente de cada uma das atividades humanas que não teriam sentido sem tal localização.

Para a preservação da vida humana e do mundo natural há, hoje, necessidade de uma nova relação do homem com os seus mundos natural e social, com a natureza, com a sua casa e seu entorno, com o lugar onde vive. Morar e habitar são coisas diferentes. Morar, localizar-se em algum lugar. Habitar, apropriar-se de todos os espaços (físico, simbólico, emocional, cultural) nos quais estão todos os lugares, as pessoas, as coisas e os objetos com os quais o homem se relaciona. Dessa forma, a casa poderá ser habitada ou tão somente ocupada.

3.4 Atividade Racional, Atividade Simbólica e Espaço

Atividade racional, visando a um fim prático, não é somente uma atividade comunicacional, mediada por símbolos. Habermas vai além do mundo simbólico. Habermas fala do **Mundo da Vida** concreto, onde se dão as relações do cotidiano, não apenas o mundo simbólico. A ação comunicativa de Habermas não é somente uma ação simbólica, mas, sobretudo, prática que se dá no cotidiano, onde a palavra traz implícito o ato que é uma ação intersubjetiva, que tem em vista a vida coletiva e o consenso. A intersubjetividade se dá no movimento do espaço nos lugares existentes no espaço.

Um espaço habitado por corpos concretos, vivos, com artérias e veias, por onde, em movimento contínuo, corre o sangue. Falamos de corpos como também o falam os autores citados para dar concretude à pessoa e ao sujeito que, muitas vezes, são vistos pelas ciências sociais como uma categoria meramente teórica, um conceito.

O espaço não é, portanto, apenas uma localização físico-geográfica. É sócio-cultural e simbólico. **O conceito de espaço, na perspectiva que adotamos é um movimento da vida que,** a cada pousada ou cada parada, **cria**

lugares. Como se fosse o vento, ele se expande, ultrapassa fronteiras físicas, políticas e culturais. É recriado dentro de nós que o imaginamos, simbolizamos, introjetamos e o projetamos ao mesmo tempo. A globalização, assim como a discussão sobre a Modernidade e a Pós-Modernidade, é um processo sócio-político-cultural, pelo qual passa hoje o mundo e torna mais clara a dinamicidade do espaço.

Na perspectiva de Santos (1997), o espaço se dá no conjunto dos homens que nele se exercem, com valores desiguais. O uso desse espaço seria disputado a cada instante em função da força de cada qual. Santos (1997) e Tuan (1983) trabalham perspectivas diferentes; se, para aquele, o espaço é o **todo** de um múltiplo (físico-geográfico, cultural, sócio-econômico e político), para este **o espaço é um movimento** que se dá com tudo isso. Nesse sentido, a perspectiva de Tuan é mais integradora, pois caminha na direção da geografia cultural, ajudando, dessa forma, a esclarecer as possibilidades de trabalhar também com o conceito de espaço na **perspectiva da psicologia**.

O espaço urbano, um espaço de sensações, movimento de corpos, odores que exalam; os lugares onde as pessoas se alimentam, os mercados antigos onde tudo se comprava e tudo se vendia; locais como uma praça de alimentação de um "shopping center".

Segundo Sennett (1994), os lugares da cidade, mais que os lugares do campo, têm hoje essa privação sensorial, privação dos sentidos que é imposta pelos projetos arquitetônicos dos modernos edifícios. A passividade, a monotonia e o cerceamento tátil que aflige o espaço urbano têm simetria com a passividade do corpo. Em "carne e pedra" (1994), Sennett faz uma analogia da cidade com o corpo humano. Isso nos remete à noção de "espaço-movimento" de Tuan (1983).

A cidade como um corpo passivo, que ocupa o espaço, atrofia seus sentidos. A cidade não vê, não cheira, nem degusta; perdeu o toque tátil. Assim, não percebe o mendigo, em New York, na observação de Sennett (1994), a criança de rua, no Brasil, ou os velhos do Japão que chegam para dormir nas estações do metrô na nossa observação. Segundo Sennett (1994) um estudo dos psicólogos Robert Kubey e Mihaly Csikszentmihalyi, as pessoas consideram a TV passiva e relaxante, exigindo relativamente pouca concentração. Assim, as

pessoas se divertem vendo filmes de guerra, de violência, mas ignoram um mutilado de guerra na rua ou se omitem ante uma cena de violência.

Segundo Sennett, através dos meios de comunicação percebe-se que as pessoas experimentam seus corpos de uma maneira mais passiva do que faziam as pessoas que temerosas de suas próprias sensações, como os nossos bisavós, por exemplo. O que poderá tornar as pessoas mais conscientes umas das outras, mais capacitadas a expressar fisicamente seus afetos? Por que os moradores de determinados bairros de Criciúma acham ser um bom vizinho aquele que não os incomoda e fica quietinho na própria casa? Os espaços de falar e a vida comunitária ficam, assim, cada vez mais fragmentados num espaço urbano dividido, medido onde a função de "organizar" a posição dos lugares lhes é peculiar.

O planejamento urbano diz onde devem ficar as fábricas, o comércio e as moradias dos ricos e dos pobres. Hoje em dia não comenta onde estão os lugares de falar, de expressão das artes coletiva e individual. As praças, a maioria delas, nas cidades do terceiro mundo, deixam as pessoas reféns dos perigos da cidade. Parece que dos gregos só herdamos o conceito de democracia, pois, na Grécia Antiga, a democracia se dava, só era possível pelos vários e muitos lugares de falar. A democracia, em muitos países é outorgada. Não somos livres autodirigidos, e sim homens dirigidos por outros como diz Dahrendorf (1992).

Os bairros de Criciúma têm um "dono político": o presidente da associação de moradores que, no bairro Renascer/Mina Quatro, é chamado de "presidente do bairro", ou o vereador.

A experiência de lidar com o corpo (convivência comunitária, do toque, do abraço), já foi comum em comunidades antigas. Na visão de Sennett (1994), é ela que dificulta hoje a vida comunitária e a vivência da solidariedade.

Obviamente, as relações entre os corpos humanos, no espaço, determinam suas reações mútuas, como se vêem e se ouvem, como se tocam ou se distanciam. Se um cinema suburbano é um lugar propício ao desfrute da violência no conforto do ar-condicionado, a transferência das pessoas para espaços fragmentados produz efeito muito mais devastador, enfraquecendo os

sentidos e tornando o corpo ainda mais passivo. Se o corpo se torna passivo, os sentidos se tornam anestesiados, e não se ouvem mais os gemidos de dor, os gritos da criança e da mulher espancada. Criciúma, segundo pesquisa divulgada pela Rede Brasileira Sul de Televisão-RBS (dezembro, 2000), está em primeiro lugar no rol das cidades catarinenses, onde as mulheres são espancadas e agredidas. Se não ouço, não vejo, não sinto, muito menos ajo.

Sennett (1994) traz uma discussão sobre o corpo e o espaço. A relação entre corpos no espaço, determinando relações mútuas só é possível graças a outra experiência física - a **experiência da velocidade**. Hoje se viaja com uma rapidez que nossos ancestrais sequer imaginavam. A tecnologia da locomoção, como a dos automóveis nas grandes rodovias permitiu que as pessoas se deslocassem para áreas além da periferia. O **espaço** tornou-se um lugar de passagem, medido pela facilidade com que dirigimos nele ou nos afastamos dele quanto o telespectador, vive uma experiência narcótica: o corpo se move passivamente, anestesiado no espaço, para destinos fragmentados e descontínuos.

Ambos, o arquiteto e o engenheiro civil ou o urbanista e o diretor de TV, criam o que se pode chamar de **liberdade de resistência**. Enquanto um projeta caminhos por onde o movimento se realiza sem obstruções ou maiores esforços, com a menor atenção possível aos lugares de passagem, o outro explora os meios de comunicação que permitem às pessoas olhar para qualquer ponto, sem desconforto.

O objetivo de libertar o corpo da resistência associa-se ao medo do contato, evidente no desenho urbano. Ao planejar uma via pública, por exemplo, os urbanistas freqüentemente direcionam o fluxo de tráfego de modo a isolar uma comunidade residencial de uma área comercial, ou dirigi-lo através de bairros de moradia, separando zonas pobres e ricas, ou etnicamente diversas. À medida que a população cresce, os prédios escolares e as casas situam-se na periferia, para evitar o contato com estranhos.

As comunidades fechadas, com portões que as protegem, são vendidas como ideais de qualidade de vida. Portanto, não surpreende, segundo Sennett (1994), no estudo sobre um subúrbio próximo ao "shopping New York", que o

sociólogo M.P. Baumgartner tenha constatado um cotidiano em que a vida se consome em esforços tendentes a negar, minimizar, conter e evitar conflitos. As pessoas fogem do confronto e demonstram forte desagrado ao serem alvos de reivindicações e censuras por erros cometidos. Através do tato, arriscamo-nos a perceber algo ou alguém como estranho. A tecnologia nos permite evitar esse risco.

Essa carência, evidenciada pela dispersão geográfica das cidades contemporâneas, aliadas às modernas tecnologias para entorpecer o corpo humano, levou, na visão de Sennett (1994), alguns críticos de nossa cultura a consignarem uma divisão profunda entre o presente e o passado.

A plenitude dos sentidos e a atividade do corpo foram de tal forma erodidas que a sociedade atual aparece como um fenômeno histórico sem precedentes. Os primeiros indícios dessa transformação são perceptíveis, segundo esses críticos, a partir das mudanças de caráter da população das cidades.

FIGURA 12 – O corpo moderno



Fonte: Buarque, 1998.

A tela do computador e os bairros isolados da periferia são conseqüências espaciais de problemas até então insolúveis nas ruas, quarteirões,

igrejas auditórios, casas e pátios, locais de aglomeração de velhas construções de pedra que ainda forçavam as pessoas a se tocarem.

A compressão do corpo mantém correspondência com a do espaço. "Estou aqui fraco e cardíaco andando de lá pra cá, minhas pernas e meus braços para carregar as caixas e recolher o material neste caminho daqui até a Próspera, às vezes eu caio na rua e as pessoas me juntam. Quando acordo, vejo que estou na rua e tenho de voltar pra casa".[17]

A democracia ateniense foi feita por homens cidadãos cujas mentes habitavam um corpo sadio, de sangue quente. Essa força do "sangue quente", característica masculina para os atenienses, transformava a fala e os argumentos em atos. Seria como se uma força vital alimentasse a fonte motivacional e o empurrasse para a ação. O espaço, então já era cultural (argumentos), simbólico e de ação (debates).

Já o corpo do catador de papel de Criciúma que se refugia no bairro Renascer/Mina Quatro, desloca-se e se expõe não com a eloqüência do cidadão ateniense, nem com a beleza física de um espartano, mas com a dignidade de um ser humano que faz de sua casa um lugar limpo, e ornamentado mesmo que esses ornamentos sejam do lixo que ele cata.

3.5 A Toponímia dos antigos bairros operários de Criciúma: Mina Quatro, Mina do Mato, Mina do Toco, Mina Brasil, Mineira Velha...

As relações do indivíduo com o espaço fazem parte dos primeiros aprendizados culturais. Segundo Claval (1997), reconhecer-se e orientar-se são procedimentos indispensáveis a todos.

---

[17] Seu Paulo, morador do bairro Renascer/Mina Quatro, 2001.

1. Reconhecer-se é memorizar imagens concretas, apreensões visuais, (às vezes, odores ou barulho) que permitem saber se já se esteve em tal lugar.
2. Orientar-se consiste em situar os lugares num espaço de referência mais amplo e abstrato.

Todos os lugares habitados têm nome. A toponímia é uma herança preciosa das culturas passadas. Batizar a costa litorânea foi a primeira tarefa dos descobridores. O batismo do lugar, no dizer de Claval (1997), não é feito somente para ajudar uns aos outros, mas também para tomar posse (real ou simbólica) do espaço. Na cidade, os lugares já são institucionalizados, batizados para facilitar a orientação, mas não têm o mesmo atrativo que no campo, onde o homem se orienta muito pela natureza, quer pelas pegadas dos bichos, a posição do sol, o cume de uma montanha, um rio, uma floresta ou por uma árvore.

Na cidade, a rua é o lugar de todos os perigos. O espaço familiar limita-se a alguns itinerários bem batizados. Os limites referenciais são fáceis ao longo das artérias comerciais. Em outros lugares, a sucessão de portões fechados não oferece nada de atraente ao olhar. Uma fonte, uma ponte ou viaduto, um monumento ou uma estátua serve de referencial. Os andares de cima dos edifícios povoados permanecem num domínio misterioso e desconhecido, com exceção daqueles habitados por parentes, amigos ou conhecidos e que são freqüentados. O indivíduo sente-se perdido, sozinho, no dizer de Sennett (1988), um desconhecido diante de uma platéia de estranhos.

O problema da platéia como um conjunto de estranhos (Sennett, 1988) tem sido comparado ao do teatro: no caso dos estranhos como suscitar crença entre aqueles que não se conhecem?

A questão é mais complicada em meio de estranhos, quando desconhecidos, de que enquanto forasteiros. Para que um forasteiro desperte confiança, tem de ultrapassar uma barreira, ganhar confiança, tornar-se verossímil. Estranhos em um ambiente mais amorfo têm, diante de si, um problema mais complexo: o de suscitar crença pelo modo como se comportam, em uma situação em que ninguém está realmente seguro dos padrões adequados

de comportamento para um determinado tipo de pessoa. O comportamento está a uma certa distância das circunstâncias pessoais de todos e, portanto, não força as pessoas a tentarem definir umas para as outras quem são.

O **enraizamento,** ao mesmo tempo espacial e cultural, é mais difícil na cidade que no campo, mas mesmo assim, ele realiza-se. O bairro em que se habita é percebido como um "nicho" familiar, sobretudo se o tipo de arquitetura ou de ocupação atribui-lhe uma certa especificidade sociológica, como, por exemplo o *Bairro Latino* em Paris, o Bairro de Santa Felicidade (italianos), em Curitiba, e o Bairro Operário, em Joinville.

Em Criciúma, os bairros operários tomaram a toponímia das minas. Assim enfileiram-se: Mina Quatro, Mina do Mato, Mina do Toco, Mina Brasil, Mineira Velha...

Na cidade, o espaço torna-se mais fluido, mas pode ser suficientemente memorizado e reconhecido ao alcance da vista ou nos deslocamentos ocasionais, relativamente freqüentes.

O conhecimento do espaço é condição *sine qua non* para sua apropriação. Quanto mais amplo fisicamente o espaço, mais fácil é a mobilidade do mesmo, no sentido de que os olhos enxergam um horizonte mais largo sob o ponto de vista imaginativo e simbólico. Quanto mais "nichos" tiver o espaço, mais becos escuros, mais ruas estreitas, mais limitada fica a vista e o traço do horizonte.

Os bairros, abertos por longas avenidas em traçado ortogonal ou em estrela, são mais facilmente identificáveis. Por outro lado, estão mais expostos que os de ruas estreitas favoráveis à resistência de grupos preocupados em preservar sua integridade e fechados à curiosidade dos outros, como os bairros de algumas cidades do Oriente no exemplo de Claval (1997).

Reconhecer-se resulta de uma relação sensorial com o espaço. Essa depende, além do círculo familiar percorrido a pé, do tipo de locomoção. O andarilho e o cavaleiro das estepes ou das pistas têm visões pouco diferentes, mas todos prestam muita atenção aos primeiros planos e aos obstáculos do caminho. Fechados nas carroças, charretes ou diligências, os viajantes nada

percebem da estrada, além dos sobressaltos que ela impõe aos veículos. Dona Lisandra não percebe muita coisa no caminho repetitivo que faz no bairro Renascer. A estrada de ferro, com sua velocidade maior e mais regular, os vagões abertos ou envidraçados, faz descobrir os panoramas longínquos, a paisagem além dos primeiros planos que passam rápido demais para serem visíveis. Em algumas horas, tudo pode mudar. Isso excita a curiosidade ou o prazer do viajante. O automóvel prende o condutor à estrada, a seus painéis, a seus perigos; os passageiros têm uma vista mais livre e mais ampla da paisagem. Onde a rede é densa, o automóvel permite, também, uma exploração íntima das regiões atravessadas. A auto-estrada impõe a lei da velocidade e da tensão nervosa. O avião, quando as nuvens não mascaram a terra, dá uma prodigiosa imagem da maqueteria terrestre.

Os lugares permanecem fixos; é neles que temos "raízes". Entretanto, espaço pode ser "cruzado" num piscar de olhos – por avião a jato ou por satélite (Sennett, 1994).

Essa discussão sobre sujeito e espaço nos remete à reflexão da relação do sujeito, dos grupos e das comunidades com o seu ambiente de vida. Como vimos, o conceito de espaço é complexo, abstrato. As várias ciências têm diferentes concepções. Mas, é no espaço que o sujeito vive, contrói a sua existência. É nele que a humanidade produz as cidades, a cultura e a sua história.

CAPÍTULO IV

SOCIEDADE, DESENVOLVIMENTO E DEMOCRACIA

SOCIEDADE, DESENVOLVIMENTO E DEMOCRACIA

4.1 O Paradigma da Intersubjetividade

Não há como negar a incorporação de novos paradigmas à análise das condições de vida e do desenvolvimento no momento atual.

Um dos novos paradigmas da Ciência, o paradigma da intersubjetividade de Habermas (1987-1990a) contribui para a formulação da possibilidade do desenvolvimento humano. Sob esse paradigma, o processo simultâneo do conhecimento do mundo e a autosubjetivação humana pela razão são entendidas como uma grande construção coletiva. O diálogo contínuo que se dá entre os diversos discursos sobre a realidade e a forma coletiva de entendimento da realidade, levará ao consensso numa perspectiva de compreensão e solução dos problemas. Ela, porém, só será possível se a coletividade, pelo menos na sua maioria, for constituída de homens autodirigidos, com uma linguagem competente.

Ao admitir a existência de um mundo regido pelo sistema (normas, prescrições, leis e agir instrumental estratégico) e o mundo da vida (mundo da intersubjetividade), Habermas (1987) propõe uma interação permanente entre esses dois mundos onde a razão, que regeria o mundo da vida não é mais instrumental, mas sim comunicativa. Nessa, o entendimento e o consenso exerceriam o papel de um objetivo a ser conseguido.

O entendimento, para Habermas, é o processo de obtenção de um acordo entre sujeitos lingüística e interativamente competentes. A ação comunicativa pode ser entendida como mecanismo de coordenação da ação. Os atos de entendimento ligam os planos de ação. Esses pressupostos abrem uma perspectiva para análise da sociedade e das práticas humanas, entre elas a prática das políticas públicas. Dessa forma, a questão da participação da população, na implementação de Políticas Públicas, é vista como possibilidade concreta, pois reitera a formulação de Habermas, ou seja, que é possível com o diálogo e o consenso discutir e entender situações complexas.

Para Sigal (1979), a participação é fundamental porque se vincula de forma direta a processos de democratização política e às divergências de gestões, descentralizadas das administrações públicas. As práticas democráticas de participação colocam os cidadãos em relação mais próxima às instituições. Assim, os pontos de interesse comunitário seriam mais facilmente incorporados no processo decisório das políticas sociais.

A sociedade civil, como é vista pela teoria do Estado Mínimo, cria, hoje, o terceiro setor, ou seja, o Estado convoca a sociedade civil para participar do ônus do déficit das políticas públicas. Esse "chamamento" é constante na mídia (vide "Amigos da Escola") e na definição das políticas sociais. Habermas (1990a) não chamaria esse fato de participação, mas sim de colonização do mundo da vida pelo sistema. Para ele, cidadania é a possibilidade, pelo consenso, de decisão sobre os planejamentos social e econômico, estando aí implícitas decisões sobre as políticas públicas.

A reversão desse quadro, ou seja, a efetiva participação seria o fortalecimento do mundo da vida e dos universos consensuais no sentido de "colonizar" o sistema.

Fortalecer o mundo da vida é incentivar a criatividade e experiências comunitárias, é democracia viva e não outorgada, chancelada pelo governo ou pelos grupos que detêm os poderes político e econômico. A pastoral da saúde é exemplo de fortalecimento do mundo da vida, embora faça parte de uma instituição do sistema.

A institucionalização da participação social é uma “faca de dois gumes”, pois pode sair do mundo da vida e da conduta de homens autodirigidos para se constituir em instrumentos do sistema.

Os canais de participação no Sistema Único de Saúde, adotado pelo Brasil, sustentado basicamente nos Conselhos Municipais de Saúde, ficam de fato como princípio presente na grande maioria dos documentos oficiais. (UNESC/IPAT, 2000).

Então os conselhos, na maioria das vezes, ficam sendo instâncias figurativas “cartoriais”, quando não servem de manobras político-partidárias.

Existem como princípio nas Diretrizes do SUS (UNESC/IPAT, 2000).

4.2 Democracia e Liberdade

Dahrendorf (1981), utilizando como idéias centrais os conceitos de Homem autodirigido e Homem dirigido por outros, entende que o Homem autodirigido conhece seus próprios interesses e também sabe que os interesses dos demais não coincidem necessariamente com os seus discute a noção de democracia sem liberdade. Ao passo que a meta constante do indivíduo, dirigido por outros, é a de acomodar-se a todos os critérios vigentes com os quais possa encontrar-se.

Todos esses conceitos o autor utiliza para refletir sobre a noção de democracia sem liberdade, entendendo que o mundo do homem dirigido por outros homens representa o estranho paradoxo de democracia sem liberdade.

Nesse sentido, resgata a contribuição de Tocquevile entendendo a igualdade e a liberdade como pilares da democracia. Apesar disso, considera que os homens preferem a igualdade na escravidão à desigualdade na liberdade.

"Que sucede com a liberdade numa sociedade, na qual a conduta social da maioria pode ser descrita como dirigida por outros? Que resistência oferece o homem dirigido por outros? Que apoio proporciona a uma sociedade livre? Como se acomoda seu caráter às instituições políticas chamadas freqüentemente democráticas e como concordam estas com seu caráter?" (Dahrendorf, 1981, p. 19).

A discussão sobre democracia e liberdade é pertinente à análise da organização da sociedade civil, como os conselhos municipais de saúde e as associações de moradores que pressupõem uma conduta de homens autodirigidos.

Kadt e Tasca (1993) resgatam a contribuição de Dahrendorf (1992), trabalhando com os conceitos de chances de vida, chances correlacionando determinados indicadores sócio-econômicos e de meio ambiente, colocando-os

como fatores de risco para a saúde. Buscam em Max Weber a idéia de que existe probabilidade de as pessoas satisfazerem suas necessidades básicas. O risco não depende só de fatores genéticos e biológicos, mas, também, da estrutura social, especialmente da produção de bens.

A análise de chances de vida (Life chances, Dahrendorf, 1979), ocupa-se com as condições sócio-econômicas e ambientais, além das biológicas. Os problemas, ligados às condições de vida apresentam-se de forma diferente, porque as condições em que se enquadram também são diferentes. Em Criciúma, além dos problemas de desemprego, da baixa renda e do quadro epidemiológico, os problemas de saúde também são ocasionados pelos problemas ambientais, como a poluição do ar, da água e do solo pelo carvão e agrotóxicos.

O debate acerca da produção e distribuição de bens na sociedade nos remete à contribuição de Dahrendorf (1992). Em "O conflito social moderno", faz um ensaio sobre a política da liberdade, com base no paradoxo entre Socialismo Real e Capitalismo. Discute **prerrogativas** e **provimentos**, fazendo sua relação com as chances de vida. Para tanto, coloca em debate a questão das prerrogativas e provimentos, comparando a lógica das prerrogativas comuns aos países situados no campo do Socialismo Real, entendendo que, apesar da pouca quantidade de provimentos, a sociedade como um todo possui acesso a eles. Nisso reside a relação com o conceito de chances de vida. Já nos países de tipo capitalista, há quantidade maior de provimentos, e a diversidade pode também ter o consumo como prerrogativa. Dessa forma, o autor busca questionar em que medida se tem maior liberdade nesse modelo.

A noção de prerrogativas e provimentos está intrinsecamente vinculada às de chances de vida, entendendo que as chances de vida são produto das prerrogativas e provimentos. Em princípio deve ser possível medi-las. Na prática, os países podem, pelo menos, serem descritos em termos de nível de chances de vida que oferecem, assim como podem os grupos, categorias e classes que vivem em seu interior.

> Nesse contexto, há que considerar que o homem criou um mundo social onde subjetividades convivem e se confrontam em grupos organizados e outros nem tanto. Aqui a lógica é bem outra. Interesses baseados num sistema social, que prima pelo egoísmo e o imediatismo, orientam as políticas sociais que definem o modo de vida do homem e o seu relacionamento com a natureza. Nesse aparente caos estão as relações de trabalho e as relações sociais em geral que espacializam e localizam os diferentes grupos sociais que têm demandas diferentes em relação à sociedade. Assim é que, dependendo de situações dos diferentes grupos sociais, há as diferentes chances de vida. Se medíssemos os anos potenciais de vida perdidos em relação ao tempo médio de vida de uma população, já poderíamos saber, sob o ponto de vista social e econômico, quanto uma sociedade perde com as mortes prematuras. O problema é complexo porque envolve questões não só econômicas, mas principalmente, questões éticas, morais e culturais, A organização social define as condições e a qualidade de vida das diferentes populações. Os problemas que daí decorrem como emprego, renda, acessos aos equipamentos urbanos, estão vinculados a essas questões estruturais (Gonçalves, 2000, p. 18).

As chances de vida e saúde das pessoas são, em grande parte, influenciadas, para não dizer, estreitamente relacionadas pela estrutura social e econômica e as questões ambientais. Pelo modo como constroem a própria existência e pela posição que ocupam na esfera sócio-econômica as pessoas terão mais ou menos chances de saúde. Nesse sentido, é que Kadt e Tasca (1993) afirmam que as chances de saúde são parte da noção mais ampla das chances de vida.

Com a crescente taxa de urbanização que vem ocorrendo no mundo, a cidade é o *locus* produtor e reprodutor das desigualdades sociais, principalmente em países do terceiro mundo, e nos chamados países emergentes como o Brasil.

As iniqüidades se distribuem, mais visivelmente, no espaço urbano e as chances de vida também.

A noção de qualidade de vida é polêmica porque traduz a complexidade da sociedade e dos problemas que o mundo hoje enfrenta.

4.4 A Noção de Qualidade de Vida

A noção de qualidade de vida, segundo Galloping (1982) relativiza e contextualiza a questão das necessidades humanas e do processo social para satisfazê-las. Como o modelo econômico sobre o qual se assentam as necessidades humanas, hoje, é hegemonicamente capitalista e neoliberal, tem significativa importância a constituição das necessidades humanas traduzidas, na expectativa de usufruir, cada vez mais, de bens, serviços e produtos produzidos e oferecidos na lógica do mercado. Os aspectos qualitativos da condição de vida, sob essa percepção, traduzem-se na degradação do bem-estar, gerada pela crescente produção de mercadorias e pela deteriorização dos recursos naturais, dos serviços públicos básicos e da homogeneização dos padrões de consumo.

Isso aponta para uma avaliação do sentido da existência humana, da qualidade do consumo, da qualidade do trabalho produtivo e numa expectativa de vida, de paz e de felicidade que vá além dos problemas de emprego, de salário e de eqüitativa distribuição da renda.

A questão da qualidade de vida surge num momento em que a massificação do consumo, a concentração da riqueza e a degradação ambiental convergem para o empobrecimento das maiorias e para as limitações do Estado para prover os serviços básicos a uma população crescente, marginalizada pelos circuitos da produção e do consumo.

Essa situação tem gerado disfuncionalidade ambiental, pois, ao mesmo tempo em que o mercado se amplia, gera uma uniformização dos bens de consumo que são, muitos deles, produzidos em condições ecológicas e culturais, nas quais a canalização de importantes recursos econômicos é priorizada, isto é, "tudo para a produção e nada para as políticas sociais". Constitui-se, assim, um processo de produção ideológica de necessidade e desencadeia-se o desejo de consumo, numa demanda inesgotável de produtos.

A dimensão cultural é determinante para a noção de qualidade de vida, pois, aquela sugere uma complexização do processo de produção e de satisfação das necessidades. Essa supera a divisão simplista entre a necessidade objetiva e a de caráter subjetivo, assim como também a dicotomia entre fatores biológicos e psicológicos, incorporando a determinação cultural das necessidades.

A noção de qualidade de vida traz, em suas análises, as noções de bem-estar, nível de ingresso, condições existenciais e estilos de vida, que se entrecruzam com processos econômicos e ideológicos na definição de demandas simbólicas e materiais, na imposição de modelos de satisfação com os apelos da propaganda que manipula o desejo das pessoas.

Os valores culturais determinam a estruturação das necessidades e da demanda social, assim como dos meios para satisfazê-las. Existem diferentes vias para estabelecer uma qualidade de vida, que vão desde as formas menos materiais até as mais refinadas de cultura.

O que é mais importante para uma pessoa num determinado momento? Quem possui casa, carro, emprego, seguro saúde, escola garantida para os filhos tem espectativa diferente, em ralação à qualidade de vida de quem mora na favela. A noção de qualidade de vida implica abertura dos desejos e das aspirações para além da satisfação das necessidades básicas. Implica desejo de cidadania, participação garantida na gestão da solidariedade e os direitos e bens comuns, esperança, felicidade.

A qualidade de vida recoloca os valores associados com as restrições de consumo, estímulo e crescimento econômico, satisfação das necessidades individuais diante das exigências para a reprodução social; questiona os benefícios alcançados pelas economias de escala, de aglomeração e a racional idade do consumo que tende a maximizar o benefício presente em prejuízo do futuro.

O conceito de qualidade de vida traz consigo um esforço por “humanizar” o consumo e para explicar e hierarquizar as necessidades básicas (Galloping, 1982). Contudo, segundo o autor, muitos desses esforços não conseguem superar a racional idade produtiva dominante. Assim, essa racionalidade não é questionada na perspectiva ambiental. Por exemplo, é reconhecida a importância do acesso ao trabalho produtivo, a certas "amenidades" recreativas e à participação na tomada de decisões. Mas, por outro lado, não se colocam as necessidades como necessidade de autogestão aos recursos, do rompimento dos atuais padrões de consumo e as implicações macromecânicas que geraria maior auto-suficiência das comunidades fundadas em consumo diversificado. Isso leva

a uma redefinição das necessidades básicas, nutrição, saúde, moradia, vestuário, educação, emprego e participação.

Uma questão importante para análise de qualidade de vida é a percepção que o sujeito tem das suas condições de existência. Isso passa pela compreensão de que o mundo interno do sujeito é constituído pela internalização do mundo externo (Rivière, 1983). A forma de internalizar depende de cada indivíduo. Comunidades urbanas e rurais podem perceber de forma diferente a questão da moradia. Cada indivíduo, conforme a cultura, internaliza signos de *status* e de noções de modernidade tidos como melhoramento de sua qualidade de vida, sem perceber as disfunções e desadaptações que podem ocorrer no seu estado de saúde e no bem-estar geral. Nesse sentido, a percepção das condições de existência, gera processos de adaptação às situações impostas ou a mobilização social em protestos, incorporando-se o indivíduo em suas lutas demandadas por novas formas de satisfação de necessidades, fora das normas estabelecidas pelos benefícios da economia de mercado.

4.5 Desenvolvimento como Liberdade

Para Sen (2000), o desenvolvimento é visto como um processo de expansão das liberdades individuais. O autor diferencia desenvolvimento e crescimento econômico. O desenvolvimento econômico identificado como o crescimento do produto nacional bruto (PNB), aumento das rendas pessoais, avanço e modernização tecnológica contrastam com o enfoque das liberdades humanas.

As liberdades humanas dependem de outros fatores além do desenvolvimento econômico. Esses fatores que o autor denomina de determinantes e que chama de disposições sociais e econômicas são os direitos sociais, políticos e individuais.

Coloca que existem diferentes tipos de liberdades. E são as relações empíricas, ou seja, a prática, a vivência, os grandes reforçadores entre liberdades de diferentes tipos. As liberdades substantivas, na visão do autor, estão ligadas aos direitos básicos.

Diz o autor que, às vezes, a ausência de liberdades substantivas relaciona-se diretamente com a pobreza econômica que rouba das pessoas a liberdade de saciar a fome, de obter uma nutrição satisfatória ou remédios para doenças tratáveis, e oportunidade de vestir-se e morar de modo apropriado, de ter acesso à água tratada e ao saneamento básico. Em outros casos o autor cita que a privação das liberdades está ligada enfaticamente à carência dos serviços públicos e dá como exemplo enfático a saúde e a educação. Não ter acesso a um bom serviço de saúde e a uma boa escola, para o autor, é uma privação das liberdades. E finalmente o autor coloca a privação das liberdades ligadas a negação dos direitos civis e políticos.

> Deve ter ficado claro, com a discussão precedente, que a visão da liberdade aqui adotada envolve tanto os processos que permite a liberdade de ações e decisões como as oportunidades reais que as pessoas têm, dadas as suas circunstâncias pessoais e sociais. A privação de liberdade pode surgir em razão de processos inadequados (como a violação do direito ao voto ou de outros direitos políticos ou civis), ou de oportunidades inadequadas que algumas pessoas têm para realizar o mínimo do que gostariam (incluindo a ausência de oportunidades elementares como a capacidade de escapar de morte prematura, morbidez evitável ou fome involuntária) (Sen, 2000, p. 31).

O que o autor traz de novo, na nossa percepção, é colocar o indivíduo, as pessoas, como um agente importante no processo de desenvolvimento não como mais um "ser pasteurizado" num coletivo amorfo mas um ser com liberdades individuais garantidas e que, através delas, ele se expressa e contribui para o processo de desenvolvimento.

O **descontentamento criativo** e a **insatisfação construtiva** são elementos constitutivos dessa liberdade e fatores altamente positivos para o processo de desenvolvimento. Descontentamento que pode se dar pela via da organização popular, diferentes formas de resistências etc.

A importância de considerar **a** liberdade como o principal fim do desenvolvimento é fundamental no sentido de se destacar que existe uma visão restrita quanto ao processo de desenvolvimento como essa de considerá-lo como

o crescimento do PNB (Produto Nacional Bruto) ou industrialização. Essa visão restrita deixa passar ao largo a importante concepção de que as liberdades substantivas, ou seja, a liberdade de participação política ou a oportunidade de receber educação básica ou assistência médica, estão entre os componentes constitutivos do desenvolvimento.

A vida que se pode levar é uma colocação muito interessante e realista do autor (Sen, 2000, p. 27). Coloca em xeque a questão da riqueza ou o exemplo da mulher Maitreyee que se frustra ao saber que a riqueza material não garante a imortalidade do homem. Dando-se conta de que a vida é finita Maitreyee pergunta "de que vale a riqueza material?". Este exemplo do autor nos remete a pensar na relação entre rendas e realizações, entre mercadorias e capacidades, entre nossa riqueza econômica e nossa possibilidade de viver do modo que gostaríamos. A lacuna entre as duas perspectivas, ou seja, entre uma concentração exclusiva na riqueza econômica e um enfoque mais amplo sobre a vida que podemos levar, para o autor é uma questão fundamental na conceituação do desenvolvimento. Reportando-se a Aristóteles e a Maitreyee, a riqueza evidentemente não é o bem que estamos buscando, sendo ela meramente útil e em proveito de alguma outra coisa (apud Sen, 2000).

> Se temos razões para querer mais riquezas, precisamos indagar: quais são exatamente essas razões, como elas funcionam ou de que elas dependem, e que coisas podemos 'fazer' com mais riqueza? Geralmente temos excelentes razões para desejar mais renda ou riqueza. Isso não acontece porque elas sejam desejáveis por si mesmas, mas porque são meios admiráveis para termos mais liberdade para levar o tipo de vida que temos razão para valorizar. A utilidade da riqueza está nas coisas que ela nos permite fazer as liberdades substantivas que ela nos ajuda a obter (Sen, 2000, p. 28-29).

Coloca o autor que muitas, muitas pessoas mesmo no mundo inteiro, são vítimas de privação de liberdade. Nos países do terceiro mundo a maioria das pessoas é privada de liberdade de usufruir seus direitos básicos, principalmente os direitos sociais relacionados à vida concreta. Há outras formas de privação da liberdade como a negação dos direitos civis básicos. O autor cita como exemplo alguns países da Ásia onde a "disciplina para o progresso" passa por cima dos direitos civis (políticos e individuais). A denominada tese de Lee, defendida pelo ex-primeiro ministro de Cingapura Lee Yuan Yew, às vezes é defendida por meio de algumas evidências políticas rudimentares. Porém, o autor é veemente ao afirmar que há poucos indícios de que a política autoritária realmente auxilie o

crescimento econômico. As evidências empíricas indicam que o crescimento econômico está mais ligado a um clima econômico mais propício do que a um sistema político mais rígido.

4.6 Necessidades Econômicas e Liberdades Políticas

Concepções como essa são apresentadas com muita freqüência em debates internacionais. Por que se preocupar com a sutileza das liberdades políticas diante da esmagadora brutalidade das necessidades econômicas intensas? Essa questão, bem como outras afins que refletem dúvidas quanto à urgência da liberdade política e direitos civis, tomou vulto na conferência de Viena sobre direitos humanos, realizada em meados de 1993, e delegados de vários países argumentar contra a aprovação geral de direitos políticos e civis básicos em todo o planeta e particularmente no terceiro mundo. Em vez disso, afirmou-se, o enfoque teria de ser sobre "direitos econômicos" relacionados a importantes necessidades materiais.

Essa é uma linha de análise bem estabelecida, e foi veementemente defendida em Viena pelas delegações oficiais de diversos países em desenvolvimento, encabeçadas por China, Cingapura e outros países do leste asiático, mas não objetada pela Índia ou outros países da Ásia meridional e ocidental, nem pelos governos africanos.

Existe nessa linha de análise a retórica freqüentemente repetida: o que deve vir primeiro – eliminar a pobreza e a miséria ou garantir liberdade política e direitos civis, "os quais, afinal de contas, tem pouca serventia para os pobres?"

Colocar como antagônicas, a eliminação da pobreza e da miséria e a garantia da liberdade política e dos direitos civis, a nosso ver é um contra-senso sem precedentes. O autor mostra suas vivências, suas percepções. Nós brasileiros e sul-americanos, sabemos muito bem a que isso nos conduziu. O autor tem uma tese contrária a esse contra-senso. Percebemos, contudo, que o conceito de liberdade não é um conceito filosófico, ou seja, como classicamente a

filosofia trabalha em suas diversas vertentes, correntes e escolas. A liberdade para ele, pelo menos nos exemplos que dá, é muito concreta e está ligada aos direitos básicos. Talvez os que defendam essa idéia absurda ainda estejam na idéia de correlacionar liberdade com desordem; como diz nossa bandeira brasileira: "sem ordem não há progresso", ao dizer "ordem e progresso".

Tem se afirmado, muitas vezes, que a ênfase sobre liberdade política, liberdades formais e democracia é uma prioridade especificamente "ocidental" que contraria particularmente os "valores asiáticos", os quais, supostamente, são mais voltados à ordem e à disciplina que as para liberdades formais e liberdades substantivas. Argumenta-se, por exemplo, que a censura à imprensa pode ser mais aceitável em uma sociedade asiática (devido à sua ênfase sobre disciplina e ordem) do que no ocidente.

Na conferência de Viena, em 1993, o ministro das relações exteriores de Cingapura alertou que "o reconhecimento universal do ideal dos direitos humanos pode ser prejudicial se o universalismo for usado para negar ou mascarar a realidade da diversidade". O porta-voz do ministério das relações exteriores da China chegou a registrar formalmente a seguinte proposição, aparentemente aplicável à China e a outras partes da Ásia: "os indivíduos têm de pôr os direitos do Estado antes dos seus próprios direitos".

Lee (apud Sen, 2000) procurou demonstrar que, se aos pobres for dado escolher entre as liberdades políticas e a satisfação das necessidades econômicas, eles invariavelmente escolherão a segunda alternativa.

Argumento perigoso e reacionário, pois, raciocinando dessa forma, Lee coloca uma contradição entre a prática democrática e a sua justificação. O autor coloca que a questão é outra: não tanto o que eles realmente escolhem, mas o que têm razão para escolher. Essa razão vem do acesso à escola, da formação da consciência crítica da construção da linguagem competente.

Como se vê, o autor chama a atenção para a "qualidade" das informações da tese de Lee e a falta de análise estatística das mesmas. Nem uma vez, entretanto, fez menção a nós, da América latina, que só vimos crescer fome, miséria, desigualdade social, aviltamento humano, concentração de renda e

desigualdade social com as ditaduras aqui implantadas. Diz-se que o Chile cresceu economicamente, contudo não se desenvolveu, se quisermos seguir o raciocínio do autor. Este discorda de afirmações feitas de que os cidadãos do terceiro mundo são indiferentes aos direitos políticos e democráticos.

O único modo de comprovar essa hipótese, segundo o autor, seria submeter o assunto a um teste democrático com eleições livres, com liberdade de oposição e expressão e acrescenta: "precisamente as coisas que os defensores do autoritarismo não permitem que aconteça". E dá o exemplo indiano.

4.7 Fomes Coletivas

É uma situação desesperadora, pois milhares, para não dizer milhões de pessoas morrerem de fome como acontece, hoje, na África e Leste Europeu. Isso sem falar dos famintos crônicos da América Latina. Aliás, a América Latina não é especificamente citada pelo autor. Diz Sen (2000, p. 188), "no mundo de hoje, um pessimismo tácito muitas vezes domina as reações internacionais a essas misérias. Essa falta de liberdade para remediar a fome pode levar ao fatalismo e à ausência de tentativas de sanar os sofrimentos que vimos".

O autor menciona os estudos empíricos como os que dão conta de que as análises econômicas, políticas e sociais recentes possibilitariam identificar medidas capazes de eliminar as fomes coletivas e possibilitar uma redução radical da subnutrição crônica. O autor acha importante, neste momento, fazer com que as políticas e programas utilizem as lições que emergiram das investigações analíticas e dos estudos empíricos.

Diz Sen (2000, p. 189), "para eliminar a fome no mundo moderno é crucial o entendimento dos casos das fomes coletivas de um modo amplo, e não apenas em função de algum equilíbrio mecânico entre alimentos e população". Mais uma vez, o autor coloca em xeque a liberdade substantiva do indivíduo e de sua família para adquirir quantidade adequada de alimento. "Uma pessoa é forçada a

passar fome mesmo tendo a abundância de alimentos ao seu redor, devido à perda de renda, emprego etc" (Sen, 2000, p. 189). O enfoque, sugere o autor, tem de ser sobre o poder econômico e a liberdade substantiva dos indivíduos e das três famílias para comprar alimentos suficientes e não sobre a quantidade de alimentos disponíveis no país em questão.

Esta perspectiva requer análises econômicas e políticas. Mais uma vez o autor se reporta a um exemplo asiático (leste e sudeste da Ásia).

> Um bom exemplo é o tipo de dificuldade enfrentada recentemente por alguns países do leste e sudeste da Ásia. Nessas crises, assim como nas fomes coletivas, alguns segmentos da população perderam seus intitulamentos econômicos inesperadamente e de modo súbito. A rapidez e a intensidade acentuada da privação durante essas crises (e ainda o caráter inesperado dos desastres) diferem do fenômeno mais 'regular' da pobreza geral, da mesma maneira que as fomes coletivas diferem da fome endêmica (Sen, 2000, p. 189-190).

4.8 Intitulamento

Com esse conceito, o autor quer dizer que a fome coletiva pode ser causada, mas, principalmente amenizada ou até erradicada, pelo intitulamento e interdependência de várias forças sociais, com a ação das disposições políticas e sociais que podem influenciar direta ou indiretamente o potencial das pessoas para adquirir alimentos e obter boa saúde e nutrição. Coloca a importância das políticas governamentais sensatas ao integrar o governo com a sociedade civil desde a troca, o comércio e a participação ativa dos partidos políticos, ONGs e instituições que mantém e facilitam a discussão pública bem embasada, como os meios de comunicação de massa eficazes.

Subnutrição, fomes crônica e coletiva são, segundo o autor, influenciadas pelo funcionamento de toda a economia e de toda a sociedade, não apenas pela produção de alimentos e atividades agrícolas. "É crucial examinarmos adequadamente as interdependências econômicas e sociais que governam a incidência da fome no mundo contemporâneo".

> Os alimentos não são distribuídos na economia por meio de caridade ou de algum sistema de compartilhamento automático. O potencial para comprar alimentos tem de ser adquirido. É preciso que nos concentremos não na oferta total de alimentos na economia, mas no 'intitulamento' que cada pessoa desfruta: as mercadorias sobre as quais ela pode estabelecer sua posse e das quais ela pode dispor. As pessoas passam fome quando não conseguem estabelecer seu intitulamento sobre uma quantidade adequada de alimentos. O que determina o intitulamento de uma família? Isso depende de várias influências distintas. A primeira é a dotação: a propriedade de recursos produtivos e de riqueza que têm um preço no mercado. Para boa parte da humanidade, a única dotação significativa é a força de trabalho. A maioria das pessoas do mundo possui recursos além da força de trabalho, que pode apresentar um grau variado de qualificação e experiência. Porém, em geral, o trabalho, a terra e outros recursos compõem a cesta de aditivos. A segunda influência importante consiste nas possibilidades de produção e seu uso. É aqui que entra a tecnologia: as possibilidades de produção são determinadas pela tecnologia disponível e são influenciadas pelo conhecimento disponível e pelo potencial das pessoas para organizar seus conhecimentos e dar-lhes um uso efetivo (Sen, 2000, p. 190-191).

Segundo Sen (2000), diversas considerações que requerem atenção requerem que as avaliações sejam feitas com sensibilidade. Chama a atenção para a questão das **prioridades**, na hora de decidir o que deve estar no centro da consideração normativa. O autor procura demonstrar que as prioridades, que são aceitas, muitas vezes implicitamente, nas diferentes abordagens de ética, economia do bem estar e filosofia política, podem ser evidenciadas e analisadas identificando-se as informações que servem de base aos juízos avaliatórios nas respectivas abordagens.

Segundo o autor, as "bases informacionais" e os diferentes sistemas éticos que as empregam precisam ser analisados para que se entenda o seu funcionamento. Chama a atenção de que diferentes sistemas éticos e avaliatórios empregam bases informacionais muito diversas.

Isso nos reporta a questão das pesquisas e planejamento social. Com que bases operam?

Trata-se de liberdade e fundamentos da justiça. Com isso, o autor examina as implicações que o enfoque direto nas liberdades substantivas dos indivíduos envolvidos e identifica uma abordagem geral que se concentra nas capacidades das pessoas fazerem coisas que elas têm razão para prezar e na sua liberdade para levar um tipo de vida que elas, com razão, valorizam.

Desenvolvimento como liberdade, para o autor, implica a compreensão das relações econômicas, políticas e sociais e a expansão das liberdades substantivas individuais.

A sociedade, entendida pelo autor como uma variedade de instituições sociais, desde as ligadas à operação de mercados, a administrações, legislaturas, partidos políticos, ONGs, poder judiciário, mídia e comunidade em geral, contribui, precisamente para o processo de desenvolvimento e a sustentação das liberdades individuais.

O autor fala em ética social, contudo não deixa claramente explícitos os fundamentos dessa ética. Se considerarmos que ética é a "ciência" da moral, o autor não deixa claro o comportamento moral que regula o processo de desenvolvimento à expressão das liberdades individuais.

O princípio organizador "ético" explicitado **é o comprometimento social de ajudar** que nos remeteria a uma certa visão de solidariedade?

O desenvolvimento é realmente um compromisso muito sério com as possibilidades de liberdade, diz Sen (2000).

Esse argumento de Sen nos remete a reflexão sobre a relação sobre meio ambiente, desenvolvimento e justiça social.

Sob uma ótica socialista clássica, há uma tendência de priorizar os aspectos de justiça social em relação aos aspectos ambientais na perspectiva de meio ambiente natural. Por outro lado, há em determinadas correntes do ambientalismo, uma tendência contrária, ou seja, os aspectos ligados ao meio natural teriam prioridade aos aspectos sociais.

O debate sobre desenvolvimento e sustentabilidade, contribui para ultrapassar essa lógica. O argumento de Sen (2000), trazendo o desenvolvimento como um forte compromisso com a liberdade, contribui para a superação dessa visão dicotômica entre meio ambiente e desenvolvimento; entre sociedade e natureza.

A temática do meio ambiente e desenvolvimento nesse contexto serão discutidos no próximo capítulo.

CAPÍTULO V

MEIO AMBIENTE E A QUESTÃO URBANA

MEIO AMBIENTE E A QUESTÃO URBANA

O debate acerca da relação entre meio ambiente e a questão urbana nos remete ao conceito de sustentabilidade, particularmente à urbana. Acselrad (1999) tem dado importante contribuição ao debate sobre sustentabilidade urbana. Segundo ele:

> O que parece organizar analiticamente o discurso da "sustentabilidade urbana" seria sua distribuição em dois campos: de um lado, aquele que privilegia uma representação técnica das cidades pela articulação da noção de sustentabilidade urbana aos 'modos de gestão dos fluxos de energia e materiais associados ao crescimento urbano'; de outro, aquele que define a insustentabilidade das cidades pela queda da produtividade dos investimentos urbanos, ou seja, pela incapacidade destes últimos acompanharem o ritmo de crescimento das demandas sociais, o que coloca em jogo, conseqüentemente, o espaço urbano como território político (Acselrad, 1999, p. 79).

O espaço pode ser contextualizado no processo de globalização da sociedade e da economia. Isso ocasiona a mundialização do espaço geográfico, dando-lhe novo significado. Com as necessidades do processo produtivo, são criadas hierarquias de utilização do espaço; por isso, há uma reorganização das funções entre as diferentes frações do território (Santos, 1997). Esse fato implica pensar a gestão ambiental no contexto urbano associada "à gestão dos ecossistemas e à produção dos fundamentos racionais da organização do território" (Acselrad, 1999, p. 84).

A questão nos faz pensar: a cidade, como espaço de qualidade de vida, serve para questionar as bases técnicas do urbano.

> As implicações sanitárias podem alternativamente ser associadas a representações coletivas de cidadania em que emissões líquidas e gasosas resultantes de tecnologias urbanas que são entendidas como imposição de consumo forçado de produtos invendáveis de atividades de produção mercantil ou do modo de consumo das mercadorias, notadamente os veículos automotores (Acselrad, 1999, p. 84).

5.1 Sustentabilidade Urbana

A problemática nos remete à reflexão sobre a cidade a partir do questionamento da noção de sustentabilidade como base para o conceito de cidades sustentáveis. Para tanto, utilizaremos a discussão de Lelé (s.d.). Durante os últimos anos, o conceito de desenvolvimento sustentável ou DS emergiu com a mais recente fase de propaganda do desenvolvimento. O conceito se tornou um paradigma que orientou organizações não-governamentais (ONGs) e governos que o abraçaram e fizeram dele uma bandeira a ser desfraldada.

Porém, segundo o autor citado, surgiu uma revisão na literatura que indica uma falta de consistência em sua interpretação. Mais importante, enquanto a natureza cerca o conceito, dá-se a ele a força política. Sua atual formulação pelo pensamento popular contém significantes fraquezas. Estas podem conduzir a contradições na formulação de políticas públicas.

O conceito de desenvolvimento sustentável ficou universal, diz Lelé (s.d.). Tornou-se uma "contra-senha" para agências internacionais, o jargão do planejador do desenvolvimento, o tema de conferências e documentos lidos e o "slogan" de ativistas, desenvolvimentistas e ambientalistas. Parece ter ganhado o apoio, a base geral que outros conceitos, como o de ecodesenvolvimento, não tinham, sendo estabelecido para se tornar o paradigma dos anos 90.

O conceito de DS está em perigo real de se tornar um clichê, a frase da moda, que todo mundo presta homenagem, mas ninguém se preocupa em definir (Lelé, s.d.). Tolba (apud Lelé, s.d.) lamentou que o conceito de DS **havia se tornado um artigo de fé, uma contra-senha**.

Um dos possíveis caminhos desse debate teórico indica a necessidade de discussão do desenvolvimento e da sustentabilidade, numa perspectiva que inclua, além dos argumentos da ecologia, os sociais como a pobreza e a exclusão da maioria da humanidade no processo de desenvolvimento, e a crítica do sistema social que produz a brutal desigualdade nesse processo. Os argumentos dos economistas do livre mercado restringem o conceito de desenvolvimento a um processo meramente econômico.

Sen (2000) vê o processo de desenvolvimento como expansão das liberdades substantivas. As liberdades humanas dependem de outros fatores

além do meramente econômico. Esses, que Sen denomina de determinantes e de disposições gerais e econômicas, são os direitos sociais, políticos e individuais pelo menos teoricamente garantidos no Estado de Direito. Porém, todo o debate não teria sentido se, dentro dele, não fossem discutidos os fatores estruturais dos sistemas sociais que produzem o desenvolvimento de forma desigual. No contexto, está a enorme desigualdade entre países ricos e pobres.

5.2 Economia de Comunicação

O desenvolvimento puramente tecnológico, ligado ao desenvolvimento econômico, que não leva em conta o desenvolvimento social e cultural, tem produzido uma desigualdade geradora de conflitos sociais e políticos (Maletzieux, 2001).

A corrente ideológica, representada pelo neoliberalismo e concretizada pela globalização da economia, tem produzido, segundo Maletzieux, desenvolvimentos tecnológico e financeiro estupendos dos países localizados nos arquipélagos, formados pelos pólos tecnológicos, interligados por uma rede que exerce a dominação no mundo.

Esses pólos tecnológicos, também chamados pólos de negócios internacionais ou de mercados globais, além de concentrar riqueza e poder, alteram a paisagem urbana. O poder está, nesses centros de interesses arquitetonicamente representados. Escritórios de arquitetos famosos se colocam em concorrência para efetivar esse processo de rede. São famosos os arquitetos que construíram torres, como as torres gêmeas do World Trade Center, em New York.

Esses pólos, além da arquitetura arrojada, têm sofisticadas decorações, incluindo jardins, lagos, cinema, teatro, obras de arte, com a preocupação de deixar uma imagem limpa, sadia, bonita; portanto, agradável ao lugar.

O ator mais ativo desse processo é o capital internacional, controlador

das torres e de seus conteúdos. Essas são construídas por um conjunto de atores chamados de investidores, construtores e utilizadores do capital internacional.

Se, à primeira vista, para a maioria do mundo, esses pólos possam parecer "ilhas de fantasia", uma coisa artificial, na verdade não o são, pois, comandam, atualmente, a economia mundial, ditam normas e estão gerando, segundo, Maletzieux (2001), a chamada Economia de Comunicação. Sua principal característica consiste em ser lugar de comunicação e a realizam em todos os sentidos possíveis.

Ao lado dessa economia de comunicação, que é emergente está a economia de produção em franca decadência, nos países dos pólos. Segundo Maletzieux, a desindustrialização em países, como: França, Holanda, Bélgica, Estados Unidos, Japão é um processo em ascensão. Como conseqüência, ocorrem grandes transformações sociais, econômicas e espaciais nesses países.

O terceiro mundo não fica fora desse processo. Levam adiante a Economia de Produção para atender os países dos pólos, ao mesmo tempo em que consomem a alta tecnologia de comunicação aí produzida.

Com a economia da comunicação, as cidades sofrem uma transformação espacial, principalmente através da revitalização dos velhos centros decadentes e valorização de áreas de chamamento turístico.

Os países que não fazem parte do clube dos países ricos, como o Brasil, sofrem a interferência dessa economia emergente nos países centrais.

O principal setor da economia em Criciúma é a indústria. Mas, de alguma forma, está ligada à economia de comunicação, quer pelo consumo de tecnologia, quer pelo fornecimento de produtos como material cerâmico.

Atualmente, em Criciúma, como em outras cidades do país, há um "clamor" por geração de empregos. Um dos entrevistados dessa pesquisa culpa os robôs e a tecnologia pela diminuição dos postos de trabalhos. O atual prefeito afirmou, em sua campanha, que geraria 10.000 empregos em sua gestão. Esse objetivo poderá ser alcançado ou não, buscando uma nova estratégia seguidora de outra perspectiva diferente da economia dos pólos de negócios internacionais.

A comunidade da cidade de Criciúma, assim como toda a região carbonífera, com seus recursos materiais, imateriais e humanos, poderá servir de base para esse empreendimento.

5.3 Cidade e Cidadania

Como espaço de legitimação das políticas urbanas, a cidade tem sustentabilidade nas condições de legitimação de tais políticas. Godard (1982) chega a falar da viabilidade política do crescimento urbano, ou seja, das condições de construção da base material das cidades, considerando que a insustentabiiidade exprime a incapacidade de as políticas urbanas adaptarem a oferta de serviços urbanos à quantidade e à qualidade das demandas sociais, provocando, assim, um desequilíbrio entre as necessidades da população e as formas de satisfazê-las.

Na Região Carbonífera, a problemática está bastante colocada pelo fato de termos, no processo de exclusão social, um espaço destinado à pobreza, qual seja, as áreas cobertas por rejeitos do carvão. Pode aparentemente ser paradoxal, mas as outras áreas ocupadas pela pobreza são as de preservação ambiental. Isto é exemplo de crescimento urbano que não está associado a investimentos de infra-estrutura e à oferta de serviços urbanos.

Sebastião Neto Campos[18], fala do início da urbanização da cidade de e da região carbonífera, dizendo que o carvão aflorava em pouca profundidade e, onde isso ocorria, abria-se uma mina e fazia-se uma vila operária de casinhas de madeira, não havendo nenhum cuidado com a poluição. Então, a cidade ficou rodeada com pilhas de rejeitos jogados fora. Hoje, esses pontos estão dentro do perímetro urbano da cidade de Criciúma. Essa pirita dos amontoados de rejeitos poluiu todos os mananciais de água disponíveis para o consumo humano. Conta ele que, "se um animal de pequeno porte bebesse essa água de cor alaranjada,

---

[18] Ex-minerador de Criciúma, depoimento a esta pesquisa em 2001.

poluída pela pirita, morria em pouco tempo".

Em decorrência da queima natural do carvão, o ar tornou-se "muito cheiroso", com ácido sulfúrico, o "cheiro de ovo podre".

Em conseqüência disso, morria uma criança recém-nascida e menor de um ano a quase toda hora. Quando morria alguém, o sino da igreja batia para avisar a comunidade. Então, era um badalar constante do sino e aquelas fileiras de caixõezinhos saíam das vilas, perto das bocas das minas, iam para a igreja e a seguir, as crianças eram enterradas.[19]

Criciúma cresceu no bojo dessa fatalidade. Como foi uma cidade que praticamente nasceu do industrialismo, não houve nenhuma preocupação com a infra-estrutura urbana. Ao contrário, a atividade mineradora destruiu os recursos naturais, deixando a cidade e seu entorno quase inabitáveis para os seres humanos. Concomitante a morte das crianças, ocorriam as mortes de muitos mineiros jovens, por falta de segurança nas minas, deixando muitas "viúvas do carvão". Essa situação só veio melhorar com a mecanização das minas e a aplicação das leis trabalhistas.

Atualmente, Criciúma ainda carece de infra-estrutura urbana. Uma cidade com 170.322 habitantes (IBGE, 2000), tem apenas 2% de esgotamento sanitário. Só recentemente, em 1999, segundo informações da CODEPLA (Companhia de Desenvolvimento Econômico e Planejamento Urbano de Criciúma), a prefeitura elaborou o plano diretor e o código de postura do município que são instrumentos essenciais para o planejamento urbano.

A falta de investimentos, como podemos observar no exemplo, repercute sob a forma de segmentação sócio-territorial entre populações atendidas e não atendidas por tais serviços (Acselrad, 1999).

O impacto material dessa política é questionado em função do desperdício de meios e da concentração sócio-territorial dos benefícios. Por isso, a desigualdade social, no acesso aos serviços urbanos, é utilizada para questionar a legitimidade das políticas urbanas.

---

[19] Sebastião Neto Campos, ex-minerador de Criciúma, depoimento a esta pesquisa em 2001.

Perante esse quadro, torna-se necessário resgatar a cidade como espaço de qualidade de vida com base nos modelos da cidadania, bem como fazer a reconstituição da legitimidade das políticas urbanas com base nos modelos de eficiência e da eqüidade. "A mim, a cidadania retorna a seu espaço de origem, a cidade" (Acselrad, 1999). Podemos falar de sustentabilidade urbana não só relacionada às cidades sustentáveis, mas também às saudáveis, entendendo que uma envolve a outra.

Além das questões estruturais, a noção de cidades saudáveis acarreta a implementação de políticas de saúde, baseadas na universalização, integração, descentralização, unificação e a participação, conforme modelo SUS e modelo Sigal. Tais modelos requerem ultrapassar a noção de saúde, situada no campo individual, trabalhando sob uma perspectiva de saúde coletiva e reconhecendo a importância do aspecto ecológico em epidemiologia e no estudo da saúde de populações.

> Em todos os momentos de nossa experiência vital tanto como indivíduos como coletivos, apresentamos um perfil de saúde-doença. Saúde e doença são expressões da vida, do "modo de levar a vida", como disse Canguilhem. Sentimo-nos doentes quando os problemas de saúde/doença limitam a realização de nossos projetos e/ou coletivos. Sentimo-nos sãos quando os problemas de saúde/doença não limitam esta realização (Barata, 1997, p. 62).

5.4 Cidades Saudáveis

Segundo Duhl e Hancock (apud Xavier, 1999), cidade saudável é aquela que coloca em prática, de modo contínuo, a melhoria de seu meio ambiente físico-social, utilizando todos os recursos de sua comunidade.

Nos países pobres e nos chamados em desenvolvimento como o Brasil, a maioria da população vive em situação de miséria, a exemplo dos trabalhadores rurais sem-terra, dos moradores de rua de São Paulo, Rio de Janeiro e outras grandes cidades. O crescimento dessas populações implica o crescimento do sofrimento humano.

Dessa forma, a deterioração dos sistemas naturais em áreas pobres é

sintoma e causa de miséria, pois, na luta pela sobrevivência, a população de baixa renda não se preocupa com tendências ambientais globais (Eckholm, 1982). Perguntados sobre o que entendiam de meio ambiente, os moradores do bairro Renascer/Mina Quatro, em Criciúma, conceituaram meio ambiente de forma diferente da academia.

O processo de desenvolvimento, em Criciúma, não difere do perfil do Brasil, ou seja, é um processo excludente. Existe, em Criciúma, um segmento social, representado por empresários e pequena parcela de profissionais liberais, que goza das liberdades substantivas, na perspectiva de Sen (2000). Por outro lado, a periferia da cidade é habitada por uma população não intitulada.

João Paulo Teixeira, em sua narrativa sobre o bairro Renascer/Mina Quatro, coloca com propriedade essa questão do não intitulamento da população de Criciúma que mora na periferia da cidade.

> Uma comunidade inteira, comunidade que foi colocada em cima de lixão né. Aí se pergunta, até que ponto foi feito algum tipo de análise, alguma investigação, alguma pesquisa que indicasse a possibilidade da construção ou surgimento de uma comunidade em cima de um lixão né, sem que esse tenha sido preparado, trabalhado, obedecendo algumas técnicas mínimas necessárias. Para que as pessoas que viessem morar aqui como estão morando né, não sentisse tanto os efeitos dessa situação de degradação, antes mina, depois mais tarde lixão, e aí eu fico me perguntando, como se sente um morador ou uma comunidade que diante de áreas boas para se morar são colocadas em cima de um lixão. Se partisse do meu sentimento eu me sentiria muito inferiorizado, me sentiria menos do que os outros, porque como que alguns podem morar em áreas que eles chamam de nobres e a outros fica reservado essa situação, essa situação de convivência dioturna com essa vergonha. Essa vergonha, com que é o que a gente está vendo nesse momento que é esse valo né, esse esgoto a céu aberto, esse cheiro é o cheiro de uma água envenenada né, uma água completamente morta né, essa água com certeza já foi uma fonte, quem sabe de alimento para algumas pessoas.[20]

O não-intitulamento priva as pessoas das liberdades substantivas. Com a privação das liberdades, no processo de desenvolvimento, fica complicado falar de preservação ambiental. Por isso, a discussão sobre meio ambiente e a degradação sócio-ambiental urbana necessariamente passa pelo processo e modelo de desenvolvimento adotado.

---

[20] João Paulo Teixeira, ambientalista. Narrativa realizada no bairro Renascer/Mina Quatro, 6 jan. 2001.

Continuando a sua narrativa, o ambientalista registra, estarrecido, o fato de Criciúma, além de ser uma cidade altamente comprometida sob o ponto de vista ambiental, não tem rede de esgotamento sanitário nem nos bairros considerados nobres apesar de a prefeitura, hoje, em dezembro de 2001 dizer que tem 2% de rede de esgoto com tratamento do mesmo. O que se sabe, segundo técnicos da própria prefeitura, é que existe uma tentativa de tratamento em alguns bairros ,funcionando precariamente. Diz que para se falar da questão urbana, faz-se necessário falar de uma concepção de mundo e de cidade.

Situada em um contexto ecologicamente relevante dada a problemática ambiental que a envolve, Criciúma, cidade polo da região carbonífera, estimula, nos meios acadêmicos regionais e em determinados segmentos da sociedade local as discussões sobre a problemática do meio ambiente e do desenvolvimento.

O conflito sócio-ambiental de Criciúma representa um conflito mais amplo que atualmente permeia o mundo: como preservar o ambiente natural e o social, as cidades, principalmente, e, ao mesmo tempo, promover o desenvolvimento econômico?

Eckensberger (2001) diz que a poluição ambiental é conseqüência de decisões e ações humanas. Por isso, toda análise de questões ambientais deve, necessariamente, lidar com aspectos descritivos e normativos.

A descrição de problemas ambientais como o do carvão, por exemplo, bem como as normas da gestão ambiental, fazem uso de conhecimentos técnicos e científicos. Estes conhecimentos, segundo o autor, norteiam as decisões que os agentes da gestão ambiental, incorporados de poder político tomam, em relação aos problemas de meio ambiente.

CAPÍTULO VI

CRICIÚMA E A MARCA DO CARVÃO

CRICIÚMA E A MARCA DO CARVÃO

Este capítulo discorre sobre o carvão em Criciúma, o ponto de vista histórico, social e econômico. Além das fontes documentais consultadas, o depoimento histórico do ex -minerador Sebastião Neto Campos, representante de uma das categorias de agentes produtores da cidade, identificada na pesquisa, veio enriquecer a discussão trazendo dados novos à história da indústria do carvão, na região carbonífera. Por ser depoimento, é colocado em forma de narrativa e não de argumentação técnico-científica, no sentido da linguagem e da redação.

O exclusivismo da mineração identificou a cidade e trouxe, como conseqüência, as oscilações, econômica e política, com altos e baixos, principalmente depois da Segunda Guerra Mundial, quando já era possível importar outros combustíveis mais baratos, de mais fácil manejo e menos desastrosos para a saúde humana e o meio ambiente.

Segundo Sebastião Neto Campos, o carvão do Brasil não é de primeira qualidade, pois tem alto teor de enxofre. Hoje é mais barato importar do que minerar em que pese a existência de jazidas no sul de Santa Catarina, com previsão para 100 anos.

Para uma região de imigrantes, que se tornaram colonos pobres, representou o sonho de uma vida melhor e, para alguns grupos econômicos, o de riqueza.

Quando as locomotivas, os navios e a indústria substituíram o carvão por óleo diesel, um grupo de empresários mineradores, apoiados pelo então Departamento de Produção Mineral iniciou um trabalho de convencimento do Governo Federal para continuar subsidiando o carvão. Assim, esse grupo, tentava, de todas as formas, encontrar mercado para o carvão. Uma das indústrias que acatou este convencimento foi a indústria cimenteira.

O carvão, gerador de riqueza e responsável por destacar o município no cenário regional e nacional, constituiu-se, também, em um fator que dificultou o processo de crescimento econômico com sérias conseqüências na área social. Durante meio século tudo dependia do carvão e era dele que os empresários, os políticos e os trabalhadores esperavam o lucro, o poder e a subsistência respectivamente (Volpato, 1989).

Durante 50 anos, Criciúma foi uma cidade mineira (Volpato, 1989). A lembrança do passado ainda perdura no espaço da cidade e no imaginário de sua população. Com a atual crise de energia, alimentam-se sonhos de volta à atividade mineradora. Criciúma e o carvão são indissociáveis pela tradição mineira da cidade e pela continuidade da mineração no município e na região.

Hoje há marcas do carvão não somente nos montes de rejeitos e nas áreas degradadas da cidade. No universo simbólico, as marcas estão vivas e em destaque. No aeroporto, uma das portas de entrada da cidade, está duas "odes" ao carvão.

FIGURA 13 – No aeroporto de Criciúma, uma ode ao carvão e ao "progresso"

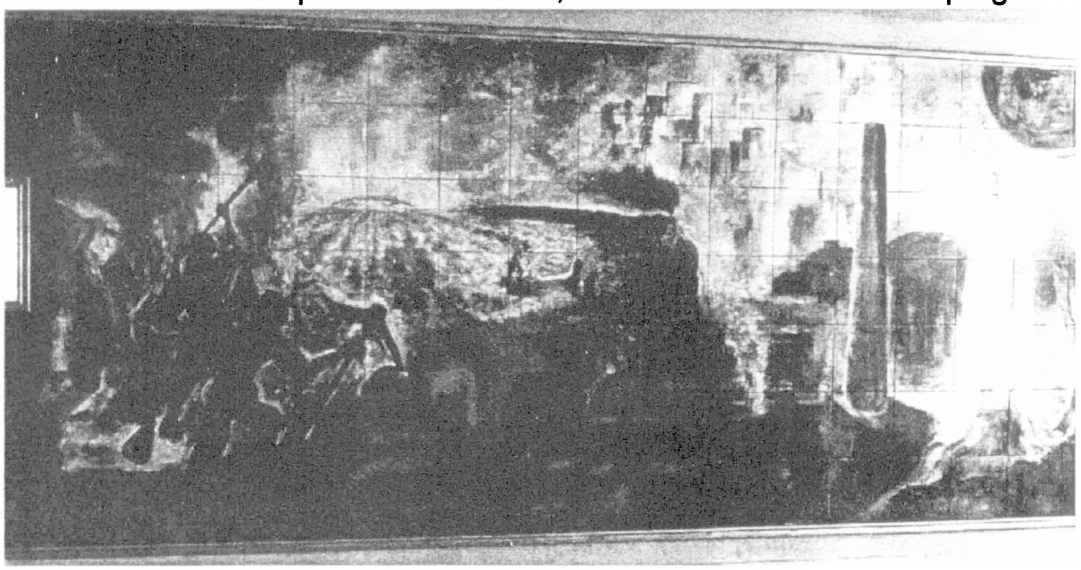


Foto: Sérgio Honorato - 2001

> A identificação de Criciúma com carvão é tão forte que nem mesmo a diversificação das atividades econômicas, ocorrida nos últimos 25 anos, não conseguiu relativizar o significado e a importância da mineração de carvão na região. Hoje a grande maioria da população trabalhadora, formada de operários, vive do trabalho em outros ramos industriais que não as minas de carvão. Outros ramos industriais se afirmaram, mas a libertação do exclusivismo da exploração do carvão mineral encontra amarras na dimensão cultural e na tradição histórica de sua gente (Volpato, 1989, p. 54).

O trem tornou-se um "personagem" importante na região carbonífera. A principal avenida que corta Criciúma de um lado a outro da cidade – a Centenário, era a antiga linha de trem, associada ao progresso, porque, além de transportar carvão, levava passageiros e cargas, as mais diversas, como: alimentos, vestuário e matérias-primas para a indústria e o comércio. Antigamente esse meio de transporte era movido a carvão, a velha "Maria Fumaça"; hoje, a óleo diesel, transporta só o carvão a granel, solto, nos vagões descobertos. Esse trem carvoeiro atravessa várias vezes ao dia a área próxima do centro da cidade e do bairro Renascer/Mina Quatro.

FIGURA 14 – O trem carvoeiro atravessando a cidade de Criciúma

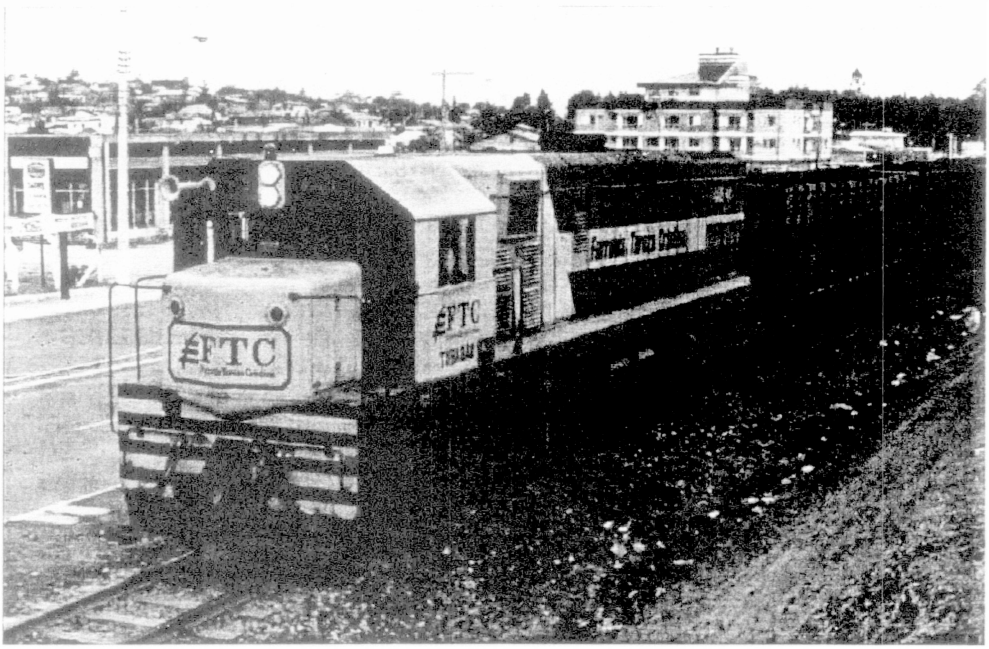


Foto: Sérgio Honorato - 2001

> [...] durante anos e anos passa o carvão, que passa com medo, passa carregando o medo. É o trem que passa carregando o medo dos mineiros, das suas esposas, de seus filos. O trem passa carregando o próprio carvão, que passa carregando o lucro dos empresários que não fizeram outra coisa a não ser lucrar durante esse período ganharam muito dinheiro. Aliás, hoje eles são donos de outras fontes de renda, outras atividades econômicas, não mais só o carvão, mas com certeza o carvão que produziu alguma casta em nossa sociedade e que produziu a Criciúma que nós conhecemos. Uma Criciúma aonde alguns tem até helicóptero, tem até avião particular, né. E a maioria vive nessa situação.[21]

Em Criciúma, o processo de urbanização se deu com a abertura das minas e a criação das vilas operárias. Estas vilas deram origem aos bairros. Havia

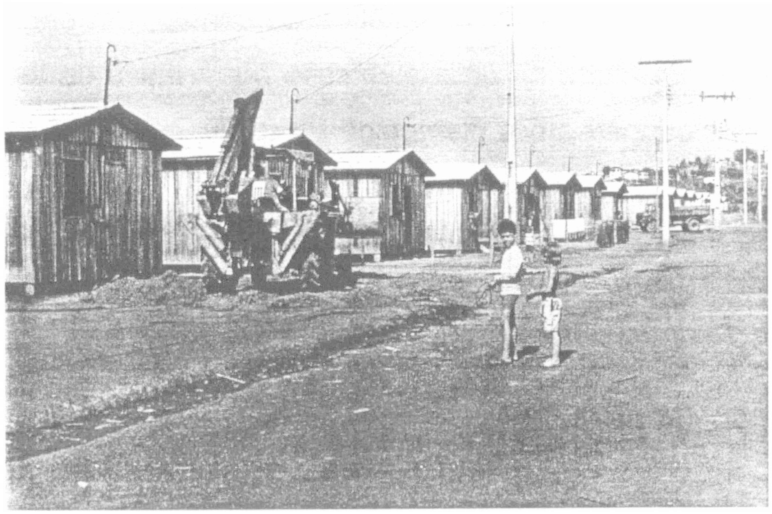
---

[21] Narrativa do ambientalista João Paulo Teixeira, feita no bairro Renascer, 6 jan. 2001.

toda uma estrutura montada, com a estrada de ferro que percorria os pontos da produção do carvão, e as pequenas casas de madeira, geralmente de quatro peças, enfileiradas lado a lado. Atrás delas, da mesma forma estavam as "casinhas" ou as latrinas utilizadas pelos mineiros e suas famílias.

A indústria do carvão, num processo abrupto, produziu um espaço urbano que caiu como um trator, devastando tudo e descartando qualquer possibilidade da cidade surgir como um processo normal ou tradicional de transformação do campo. Então, onde o carvão aflorava, vinha operário de todo lado, abria-se uma mina e, nas proximidades, uma vila operária.Os espaços das vilas de mineiros deixaram sua marca na área urbana de Criciúma e região.

FIGURA 15 – Vila Operária em Criciúma



Fonte: Arquivo Histórico da Prefeitura Municipal de Criciúma – s/d

FIGURA 16 – Mineiro no interior da mina

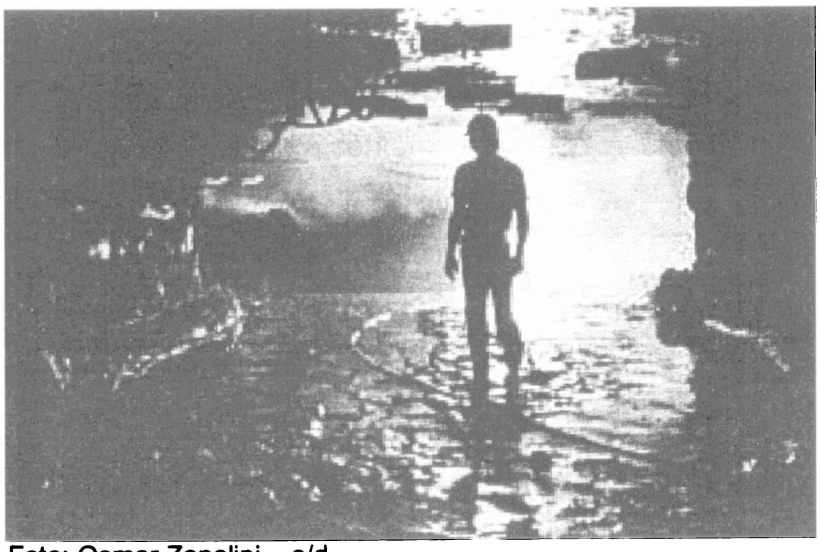


Foto: Osmar Zapelini – s/d

As pessoas que se tornaram "mineiros" das minas de carvão eram, sobretudo pescadores, dada a proximidade da região carbonífera com o mar, e agricultores, a maioria descendente de imigrantes italianos. Dois universos culturais se cruzaram embaixo da mina onde o espaço foi apropriado e recriado por eles. O pescador ou o agricultor, depois de oito, dez ou quinze anos de mina, já não era a mesma pessoa.

Criciúma é cidade consolidada pelo industrialismo, com o carvão veio também uma casta política composta por mineradores, apoiada pelos políticos e subsidiados pelo governo. Muitos mineradores tornaram-se deputados e exerceram pressão frente ao governo federal para manter e fortalecer a atividade mineradora.

Em 1950, o governo enviou um representante do Departamento de Produção Mineral para trabalhar na análise do carvão, um engenheiro químico. Este veio a se tornar chefe de uma comissão que tratava de todo o controle do carvão desde a produção até a distribuição aos diversos consumidores, como a Central do Brasil e as Empresas de Navegação.

6.1 O Esforço de Guerra

Durante a Segunda Guerra Mundial, o carvão passa a ser uma importante fonte de energia para o Brasil. Naquela época, o governo federal enviou para a região carbonífera um representante.

FIGURA 17 – Tributo ao mineiro na Praça Nereu Ramos – Criciúma

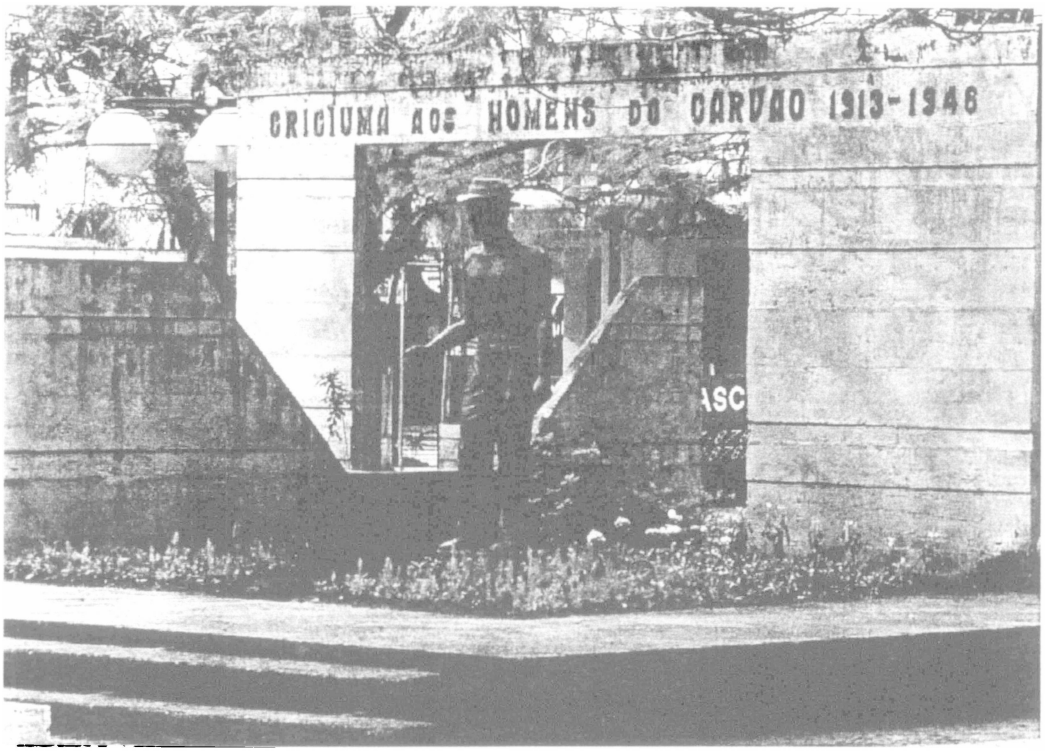


Foto: Sérgio Honorato - 2001

No tempo da guerra, existia uma **mobilização econômica**, para implementar a produção do carvão, sendo, o representante do governo, o engenheiro Aníbal Alves Bastos. Segundo Sebastião Neto Campos, essa autoridade sobrepunha-se, muitas vezes, à do governador do Estado.

Ele tinha poderes para requisitar veículos e até trabalhadores, que eram tidos como "mobilizados" para o esforço de guerra, como se estivessem prestando o serviço militar. Tanto que, na época, os jovens, ao se alistarem, eram dispensados do serviço militar oficial porque moravam em áreas de mineração e essa força de trabalho era indispensável ao esforço de guerra.

FIGURA 18 – Aníbal Alves Bastos, um "general do carvão", Praça do Congresso – Criciúma

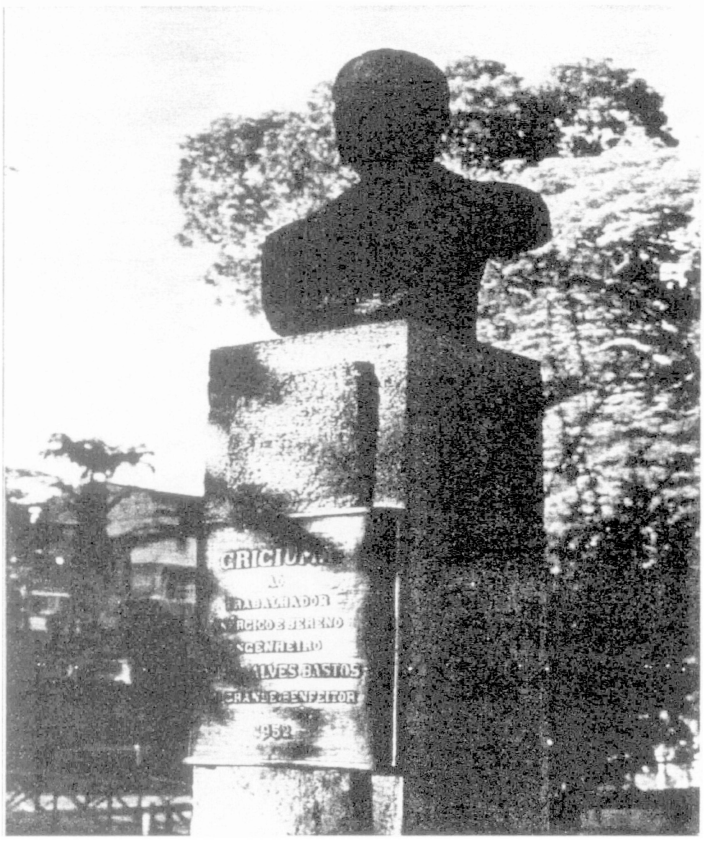


Foto: Sérgio Honorato - 2001

Havia, em Criciúma, um grupo que se reunia numa espécie de **Estado Maior**, composto pelo presidente do sindicato dos mineradores dos empresários, naquela ocasião representado pelo ex-governador Heriberto Hülse, o engenheiro Colombo Salles, também ex-governador, o engenheiro Octávio Ribeiro de Castro chefe do Porto de Imbituba, Annes Gualberto, chefe da Estrada de Ferro Dona Teresa Cristina e o Sr. Geraldo, que o entrevistado Sebastião Neto Campos esqueceu o sobrenome, chefe da Companhia Siderúrgica Nacional, a CSN.

Como se vê, a atividade carbonífera foi implementada na região sob a total tutela do governo federal, que, aliada a empresários e autoridades, fez dela, num primeiro momento, uma atividade de guerra e, após isso, uma atividade de interesse da burguesia e da classe dominante, cujos principais expoentes não eram da região de Criciúma, a exemplo das famílias Catão e Henrique Lage que ganharam muito dinheiro com a atividade carbonífera, em Lauro Müller e Imbituba.

Com o fim da Segunda Guerra (1945), "o esforço de guerra" não teve mais sentido, mas as jazidas de carvão permaneceram aguçando a cobiça dos "empreendedores" que se atrelaram mais uma vez ao governo federal, exigindo deste o protecionismo para o carvão. Prova disso é a composição da comissão formada por empresários, políticos e representantes do governo.

Depois da guerra, o carvão passa a ser abandonado pela substituição de outros combustíveis mais nobres, como o óleo diesel. A região, que havia experimentado "progresso", sofre com isso. Há um alto índice de desemprego.

Junto a outros mineradores da esfera privada, atuava aqui a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), uma empresa do governo federal, que com uma escavadeira conhecida por "Marion", fez um verdadeiro desastre ecológico no município de Siderópolis, a 10 km de Criciúma. Essa máquina revirava o solo, deixando-o do avesso para abrir as frentes de trabalho em minas a céu aberto.

Segundo Sebastião Neto Campos, o carvão foi, entre altos e baixos, uma atividade de relativo sucesso até a era Collor. Quando o presidente Fernando Collor cortou totalmente o subsídio veio o desastre total para o carvão. A produção, até então de 400.000 toneladas/mês, baixou para 120.000.

Além dos profundos agravos ao meio ambiente, prejudicando a qualidade de vida e piorando o perfil epidemiológico da cidade e da região, estava agora instalada a crise econômica.

> Dr. Aníbal Alves Bastos que era o chefe anterior a ele em decorrência do esforço de guerra trouxe recursos pra cá; ele fez a captação e o tratamento da água do rio Mãe Luzia foi o escritório do Saturnino de Brito, escritório especializado, que fez a instalação moderna com captação de tratamento. Mas, incompreensivelmente a escolha de captação da Mãe Luzia. Este rio, a cabeceira dele passava lá, exatamente lá, em Siderópolis aonde a própria Companhia Siderúrgica Nacional desenvolvia o tipo de mineração mais agressiva que era a céu aberto com a Marion. A Marion veio depois, mas foi lá também. Então, em pouco tempo, as águas do Mãe Luzia se tornaram poluídas. Então aqui tinha uma estação de tratamento, e coleta de água. Mas essas águas tinham quantidade excessiva de material pesado, ferro etc, e tornou-se também uma água ruim, e não era saudável.[22]

Segundo Milioli (1995), o carvão mineral, como fonte de energia, começou a ser consolidado em meados do século XVIII, com a Revolução Industrial. No

---

[22] Entrevista com o Sr. Sebastião Neto Campos, minerador de Criciúma, fev. 2000.

Brasil, segundo o autor citado, é a maior reserva de energia primária não renovável, sendo 20 vezes superior ao petróleo e 76 vezes superior ao gás natural. As reservas carboníferas conhecidas no Brasil, computadas as medidas, indicadas e aferidas, somam 32,3 bilhões de toneladas, representando 0,33% do total mundial, segundo a AMREC[23] (1995). No Brasil, a exploração do carvão mineral iniciou-se no século XIX, segundo o Plano Básico de Desenvolvimento Econômico e Ecológico da Região Carbonífera de Santa Catarina.

Em 1913, é descoberto carvão mineral em Criciúma. O minério só tem impulso nos períodos de 1914 a 1918, devido à 1ª Guerra Mundial, quando o Governo Federal incentiva a produção carbonífera como recurso estratégico para o desenvolvimento do país. Estabelece-se, então, um vínculo entre Criciúma e o porto de Imbituba, através da estrada de ferro.

A lavra de carvão é realizada a céu aberto e no subsolo. Em épocas passadas, a mineração a céu aberto se deu em grande escala. Atualmente essa atividade vem sendo desenvolvida em proporções menores, na região de Urussanga e Lauro Müller.

O desenvolvimento carbonífero nacional foi, contudo, nas primeiras décadas do século XX, seriamente afetado pelo surgimento dos combustíveis derivados do petróleo, cujo poder calorífico, preço e facilidade de transporte tornaram seu uso mais econômico. Como conseqüência, o mercado do carvão fez-se instável, somente apresentando grande procura durante as duas guerras mundiais e em períodos de dificuldades na obtenção de outros combustíveis.

Dada a função significativa do carvão nessas excepcionalidades, o Governo Federal começou a tomar medidas controladoras de mercado, regulamentando o consumo, em épocas de grande procura (oferta e demanda), e criando um mercado compulsório nos períodos de baixa demanda.

A Comissão Executiva do Plano do Carvão Nacional (CPCAN), a qual congregava todas as atividades ligadas ao carvão, deu incentivo e amparo à atividade carbonífera nacional. Como resultado desse plano, o carvão metalúrgico catarinense teve grande impulso, entrando em operação nas siderúrgicas. Por

[23] AMREC. Associação dos Municípios da Região Carbonífera de Santa Catarina.

outro lado, começou a faltar mercado para o carvão vapor, ou seja, utilizado para produzir energia elétrica, usada nos transportes marítimos e ferroviários. O plano compreendia: "todo o ciclo econômico do carvão, abrangendo as atividades de pesquisa, lavra, beneficiamento, transporte, distribuição e consumo do combustível nacional" (Milioli, 1995).

Segundo Milioli (1995) As constantes crises, geradas pela instabilidade da economia carbonífera, na região compreendida por Criciúma e municípios vizinhos, iniciou um processo de diversificação industrial, nas décadas de 60-70. Alguns ramos tiveram muita prosperidade, como a indústria cerâmica e a do vestuário. A diversificação, contudo, não foi suficiente para deflagrar na região um processo de desenvolvimento seguro e sustentado, "hoje, o sul catarinense é visto pelos agentes financeiros como uma das regiões menos desenvolvidas do estado" (Milioli,1995).

Em Santa Catarina, dois estilos de prospecção marcaram a evolução da atividade mineradora.

> A mineração de lavra manual com métodos precários, como foi praticada até a década de 50, oferecia poucos danos à natureza. Nas minas de poço e de encosta, a seleção do carvão era feita no fundo das minas. Todo o entulho de pedra, pirita e barro ficavam nas galerias das minas e só o carvão era retirado. Nas bocas de minas havia uma segunda escolha; porém, os rejeitos significavam quantidades reduzidas frente ao volume dos rejeitos atuais. À medida que os processos de lavra foram se mecanizando, a poluição ambiental tornou-se incontrolável. Foram extraídos aproximadamente 70 milhões de toneladas de carvão pré-lavado de 1920 até hoje. Metade desta quantia era carvão siderúrgico que foi consumido pelas usinas nacionais. A outra metade, de carvão energético, foi sendo estocado em extensas áreas a céu aberto no banhado da estiva em Capivari, município de Tubarão, que as termoelétricas e outras indústrias não esgotam, pois estas reservas são continuamente renovadas pela mineração (Volpato, 1989, p. 64).

A perda da qualidade sócio-ambiental na região, decorrente do modelo extrativista que privilegiou apenas o lucro fácil e imediato não considerando a perspectiva dos custos sociais e ambientais, atinge proporções alarmantes, principalmente no que diz respeito aos índices de poluição do sistema hídrico.

Em função das condições das jazidas, a mineração de carvão na região sul de Santa Catarina, pode ser praticada em subsolo ou a céu aberto. Nos dois casos, há um risco potencial de impactos negativos na qualidade do solo, da água e do ar.

As operações de beneficiamento, estocagem e transporte, quando não realizadas adequadamente, também degradam o ambiente, poluindo, além das águas e do solo, também o ar.

As minas interceptam o sistema hídrico (superficial ou subsuperficial). Essas águas percolam até as galerias através de fendas, falhas ou rachaduras existentes na camada de cobertura, devendo ser drenadas e bombeadas para a superfície, a fim de permitir a execução dos trabalhos. Isso pode causar o rebaixamento do lençol freático na área de influência da mina.

Além disso, os pilares de proteção das galerias eram recuperados (hoje não é mais permitido a recuperação de pilares), ocasionando freqüentemente o fenômeno conhecido como subsidência (abatimento do teto das galerias), refletindo-se na superfície por rachaduras do solo, rebaixamento do terreno com danos às edificações e à agropecuária, infiltração e desaparecimento dos cursos de água, açudes e poços.

Em razão disso, comunidades rurais, onde o abastecimento doméstico era realizado em poços ou pequenas fontes comunitárias, após a mineração da área (com recuperação de pilares), passaram a ser abastecidas pela companhia mineradora por meio de carros-pipa, nos quais a contaminação da água no transporte podia favorecer a incidência de doenças de veiculação hídrica (DVAs).

O material extraído das minas era então transportado até o local do beneficiamento. Dependendo da localização da mina e da planta de beneficiamento, o próprio transporte tornava-se foco poluente, atravessando vilas operárias, ocasionando maior concentração de poeira (material particulado). Ainda hoje, janeiro de 2002, o trem carvoeiro atravessa a região de bairros próximos ao centro da cidade de Criciúma.

No beneficiamento, em que ocorre a separação do carvão dos outros materiais agregados a ele, como: pirita, siltitos e folhelhos, há geração de outro foco de poluição ambiental pela disposição dos rejeitos.

Até meados da década de 1980 (Milioli, 1995), esse material, cerca de 75% do total retirado das minas, foi depositado em menor distância possível do lavador e, muitas vezes, nas margens de rios ou próximo das vilas operárias.

Hoje, inúmeros bairros encontram-se sobre depósitos de rejeitos piritosos. Em Criciúma, existem grandes concentrações de rejeitos em plena área urbana, principalmente nos bairros Rio Maina, Santa Augusta, Boa Vista, São Roque e Santa Libera, Renascer/ Mina Quatro e outros.

Isso demonstra, que o município tem muitas regiões degradadas como mostra o quadro abaixo.

QUADRO 1 – Áreas Degradadas por Carvão na Região da AMREC

Municípios	**Pop. 1997**	**Áreas degradadas por carvão (ha)**
Criciúma	162.288	1.547,06
Forquilhinha	16.718	6.022,7
Morro da Fumaça	13.534	710
Siderópolis	10.923	1.716
Urussanga	17.141	1.858,5

Fonte: IBGE, Censo Agropecuário 1995-1996.

6.2 Impactos na Qualidade das Águas

As águas de drenagem das minas (céu aberto e subsolo), assim como os efluentes das usinas de beneficiamento, tornam-se ácidos em função da oxidação da pirita. O ácido resultante (H_2SO_4) solubiliza os metais presentes no minério e nos rejeitos associados, possibilitando a contaminação dos recursos hídricos.

Em função disso, segundo Milioli (1995), aproximadamente 2/3 dos recursos hídricos das bacias dos rios Tubarão, Urussanga e Araranguá encontram-se seriamente comprometidos pela mineração, beneficiamento e uso do carvão.

As principais características da poluição hídrica na região carbonífera podem ser assim resumidas:

- a maioria dos rios apresenta pH variando entre 2 e 4 unidades;
- a poluição não se refere apenas a baixos índices de pH e elevadas concentrações de sulfatos e acidez, mas também às altas concentrações de metais dissolvidos na água;
- a concentração de chumbo, zinco e cobre pode ser superior a 1000 vezes.

QUADRO 2 – Principais características dos rios da Região Sul de Santa Catarina

Parâmetro	Rio sem influência da mineração do carvão	Rio com influência da mineração do carvão	Padrão: Resolução 20 do CONAMA
PH	6,5 a 7,4	2,0 a 4,0	6,0 a 9,0
Ferro Total	Menor 4,0 mg/l	10-100mg/l rio Sangão 190 mg/l	0,3 mg/l 5,0 mg/l
Sulfatos	8 a 25 mg/l	100-1000 mg/l rio Sangão 2000 mg/l	250 mg/l
Alumínio	0,2 a 0,5	10-100 mg/l rio Sangão 1000 mg/l	0,1 mg/l
Metais Pesados			
Chumbo	Não detectado	0,02-0,2 mg/l rio Sangão 2 mg/l	0,03 mg/l 0,05 mg/l
Zinco	Não detectado	1-5 rio Sangão 10 mg/l	0,18 mg/l 0,5 mg/l
Manganês	Não detectado	0,5-10 mg/l rio Sangão 15 mg/l	01 mg/l 0,5 mg/l

Fonte: Japan International Cooperation Agency/UNESC/IPAT, 1997.

Os danos mais significativos, com relação ao sistema hídrico, são encontrados no município de Criciúma, que, com uma área de 396 km² e 170.322 habitantes (IBGE, 2000), possuía em operação, até a década de 1980, 15 minas e 10 lavadores de carvão. Hoje o município conta com oito empresas mineradoras.

Nos municípios de Siderópolis, Urussanga, Criciúma e Lauro Müller, onde ocorreu a produção a céu aberto, as áreas improdutivas já atingem um total de 2100 hectares (Japan International Cooperation Agency/UNESC/IPAT,1997). Por outro lado, a disposição dos rejeitos, produzidos pela lavra de subsolo, ocupa uma área de 1600 hectares (Japan International Cooperation Agency/ UNESC/IPAT, 1997) nesses municípios. Ao redor dessas cidades, podem ser encontradas áreas consideradas totalmente estéreis para fins produtivos.

As práticas agrícolas, na região, são marcadas pela predominância das culturas do arroz, fumo, milho e batata. As atividades de mineração acabam

comprometendo a sobrevivência de muitos agricultores, mas estes tentam resistir às brutais conseqüências da economia extrativista, especialmente à redução alarmante de áreas aptas para o plantio.

Outra conseqüência está relacionada ao assoreamento dos rios, causado pelos rejeitos finos e ultrafinos do carvão, levados às áreas de plantio, quando os rios transbordam por ocasião das chuvas.

6.3 Impactos na Qualidade do Ar

Além dos problemas já citados, com relação ao sistema hídrico (acidificação e solubilização de metais), o rejeito piritoso fica sujeito a autocombustão, quando exposto ao oxigênio e à umidade, gerando gases tóxicos, principalmente hidrocarbonetos, monóxido de carbono e o gás sulfídrico, o que caracteriza o "cheiro de ovo podre" da região carbonífera.

Hoje, em função das técnicas adotadas de deposição de rejeitos (cobertura e revegetação dos depósitos), esse problema está reduzido, restringindo-se a localidades no interior de Lauro Müller, Siderópolis e Treviso. Porém, não se podem esquecer os prejuízos causados à saúde da população pela falta dos controles ambientais mínimos dessa atividade até os finais da década de 1980, podendo, ainda, refletir-se, nos estudos realizados atualmente. Nesse contexto, não podem ser esquecidos relatos de Lock (apud Milioli, 1995), que disse ter sido o quadro agravado pelos padrões vigentes de armazenagem dos rejeitos piritosos nas periferias e zonas suburbanas. Os depósitos concentram elevados teores de pirita, induzindo a autocombustão espontânea de gases altamente tóxicos. No perímetro urbano do município de Criciúma, os focos de degradação estão localizados no centro da cidade, nos bairros Santa Augusta, Cidade Mineira, União, São Defende, Próspera e Sangão, entre outros.

"A vegetação nestas áreas apresenta um tom escuro sobre o verde de sua ramagem. O odor de enxofre é permanente, sendo mais acentuado ainda nos dias com alto índice de umidade relativa do ar" (Milioli, 1995, p. 39).

Municípios, como Criciúma, Urussanga e Siderópolis, foram considerados muito poluídos com relação à qualidade do ar em monitoramento, realizado em 1981 e 1982 pela Fundação de Amparo Tecnológico e Meio Ambiente de Santa Catarina (FATMA). Nesse mesmo estudo, o município de Morro da Fumaça foi considerado como município mediamente poluído com relação à qualidade do ar.

Atualmente, a qualidade do ar nos municípios de Criciúma, Urussanga e Siderópolis apresenta melhorias quando comparados com os dados de 1982; o mesmo não se pode dizer do município de Morro da Fumaça, onde o monitoramento realizado aponta índices insatisfatórios com relação à concentração de material particulado (IBAMA/FATMA/UNESC, 1999). Os índices se devem ao incremento na utilização de carvão mineral nos fornos das olarias.

Segundo Milioli (1995), o dióxido de enxofre (SO_2) é resultado da queima de combustível. O carvão mineral do Brasil contém elevado percentual de sulfeto de ferro (pirita). Quando entra em combustão, forma gases sulfurosos, causando danos ao seres humanos e também às plantas, participando do fenômeno das chuvas ácidas.

Este é resultante de reações com os compostos de enxofre, proveniente da queima de carvão mineral, e também tem efeito corrosivo oxidando metais, desgastando pinturas de casas, causando danos a plantas e, segundo Branco (1988), contribuem para a má qualidade da água de consumo público.

Segundo a FUNDACENTRO (1986) a queima inadequada de combustíveis fósseis pode liberar alcatrão e outros hidrocarbonetos. Partículas menores de 10 μm entram no trato respiratório, sendo que destas, as menores de 3 μm atingem os brônquios e as menores de 1 μm, os alvéolos pulmonares. Poluentes como esses podem reduzir ou até mesmo parar a atividade ciliar, aumentando a suscetibilidade a infecções respiratórias, ou induzir a câncer linfômico.

FIGURA 19 – Chaminé da antiga Companhia Carbonífera Próspera em um dos bairros mais populosos da cidade: o Próspera – Criciúma

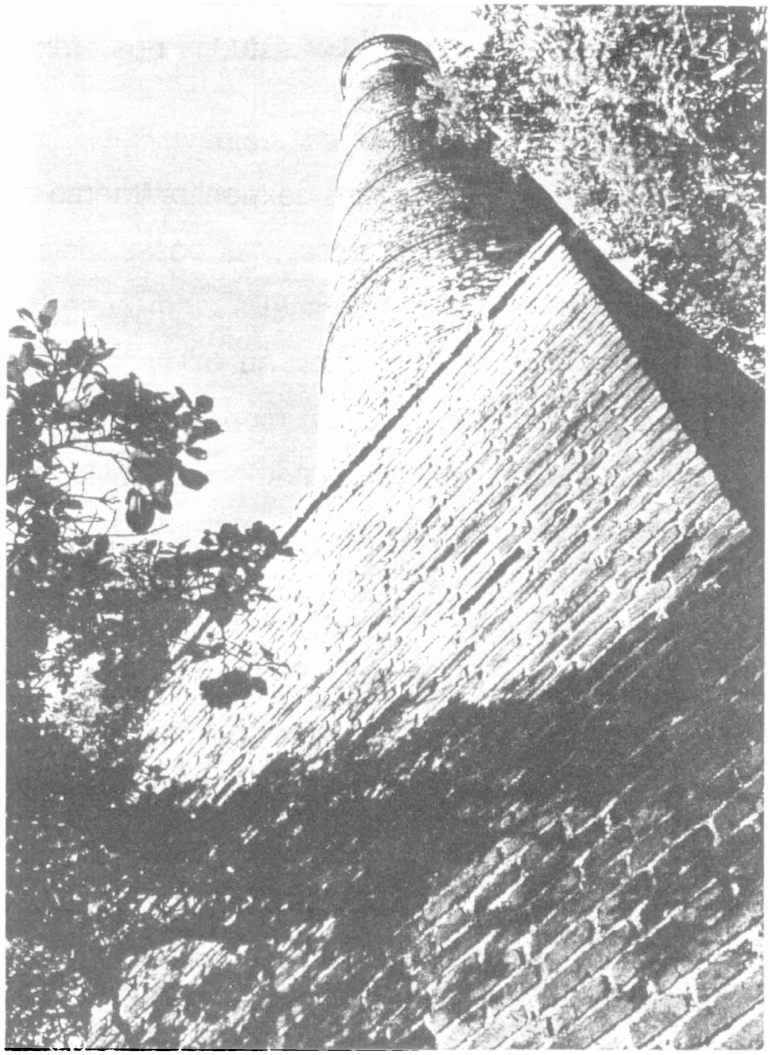


Foto: Sérgio Honorato - 2001

Os gases sulfurosos atacam as camadas sensíveis das células epiteliais expostas ao ar, como a conjuntiva ocular e o revestimento epitelial dos alvéolos pulmonares.

Segundo Back (1997), o estudo do clima de uma região necessita de longas séries de dados observados dos diversos elementos climáticos. As condições metereológicas, aliadas à topografia e às características das fontes, têm papel importante na dispersão dos poluentes na atmosfera. O nível de poluição do ar é medido pela quantificação de substâncias poluentes presentes no ar. Quando se determina a concentração de um poluente na atmosfera, está se medindo o grau de exposição dos receptores (seres humanos, animais e plantas).

A avaliação dos poluentes atmosféricos é fundamental para o desenvolvimento de programas de controle e criação de bancos de dados, com informações básicas, que possam subsidiar estudos dos efeitos nocivos para o homem e a natureza.

Atualmente, existem duas estações de monitoramento da qualidade do ar em operação em Criciúma, sendo que cada uma possui dois equipamentos de medição: um para parâmetro de partículas totais em suspensão e outro para gases. Estão previstas as instalações de mais quatro estações, que medirão PTS (partícula total em suspensão) e SO_2. Para o monitoramento da concentração de fumaça e gases, provenientes de veículos automotores, foi instalada uma estação no terminal de ônibus central da cidade.

Os resultados do monitoramento, no Centro e no Bairro de Boa Vista, na cidade de Criciúma, referentes ao período de 1993-95, estão de acordo com os padrões estabelecidos pelas legislações, estadual (Decreto 14.250/81) e federal (Resolução CONAMA nº 03/90).

Comparada aos indicadores de 1982, a qualidade do ar melhorou. Esse fato pode estar relacionado a alguns fatores, como, por exemplo, a drástica diminuição da atividade carbonífera em Criciúma, além da adoção de sistemas de controle ambiental por parte das mineradoras, de instalação de equipamentos antipoluentes nas indústrias, do revestimento asfáltico das estradas com rejeitos de carvão, da desativação de coquerias[24], da cobertura com argila dos depósitos de rejeitos de carvão, reduzindo-se sensivelmente a queima espontânea de pirita.

6.4 Chuvas Ácidas

A região Sul do Estado de Santa Catarina possui indústrias, como: cerâmicas e olarias, estufas de fumo, mineração de carvão, termelétricas e

---

[24] Coqueria: segundo a INCCOL (Indústria e Comércio de Coque LTDA, 1999) de Criciúma, coqueria é uma fábrica de coque. Do carvão moído e queimado são feitas pedras porosas chamadas de coque que são utilizadas, como fonte de energia na indústria siderúrgica.

veículos automotores, que lançam poluentes na atmosfera. A partir desses pontos, as partículas e gases são transportados, de um local para outro, pelas correntes aéreas.

Parte das partículas e de outras substâncias químicas, lançadas na atmosfera, voltam à superfície terrestre com a precipitação pluviométrica, podendo ocasionar acidez à água da chuva. A chuva ácida interfere na diminuição do pH das águas de superfície, na modificação da fauna e da flora, na solubilização de metais pesados dos solos, na alteração química dos solos, nos efeitos nos processos biológicos de decomposição, na nitrificação, na redução e outros, bem como na corrosão de monumentos históricos e edificações (Althoff, 1994).

No ar puro, desprovido de poluentes, o ácido carbônico é o único ácido que influencia no pH das precipitações pluviométricas. Esse ácido, dissolvido em água pura, mantém o pH em torno de 5,65.

A acidez das chuvas pode ser decorrente de processos bioquímicos normais (volatização de fosfato) ou emissão de poluentes de regiões industriais distantes. Grande número de pesquisadores concorda que os principais causadores da acidez das águas das chuvas são o dióxido de enxofre (SO_2) e os óxidos de nitrogênio (NO_2), lançados na atmosfera (Althoff, 1994).

Segundo a UNESC/IPAT (2000), a maioria da população da região percebe, como fonte de poluição, o carvão e as indústrias. Há possibilidade de que a poluição do carvão volte a fortalecer-se ainda hoje com a perspectiva da instalação de usinas termelétricas.

Uma manchete do Diário Catarinense (2001), "Área carbonífera ganha comitê", acena com a possibilidade da volta das termelétricas. O argumento é dar um destino aos rejeitos de carvão. A mesma manchete abre noticiando que o Ministério do Meio Ambiente presidiu a comissão do comitê para elaborar um projeto de recuperação ambiental com o objetivo de recuperar 4,7 mil hectares em sete municípios do extremo sul. Esse verdadeiro paradoxo de se gastar dinheiro do governo para recuperar áreas degradadas (solo) e poluir o ar com as usinas termelétricas vem demonstrar que a região ainda tem presente a crença de ser o

carvão elemento impulsionador da economia. Uma das prioridades do Comitê é conseguir a liberação de US$ 750 mil junto ao Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e US$ 96 mil, do Estado de Santa Catarina.

Essa tendência é compreensível, dada a crise de desemprego, porque passa o país e a região, e as extensas áreas de jazidas ainda intocadas. Se a continuação da exploração da indústria carbonífera representa a possibilidade de emprego para a maioria da população pobre e desempregada e a de ganhos para os mineradores, por outro lado, preocupam os ambientalistas, os órgãos ligados ao meio ambiente, os profissionais de saúde e urbanistas, pois os custos sociais e ambientais dessa indústria são altos, em que pese a introdução de novas tecnologias para minimizar os problemas.

Essa perspectiva de reaquecimento da atividade carbonífera, para alimentar usinas termelétricas na região carbonífera, alerta a comunidade acadêmica e a população. Ambas estão conscientes da necessidade de investimentos nas áreas, ambiental e de saúde pública.

Segundo o ambientalista João Paulo Teixeira, hoje seria muito difícil fazer de novo do carvão, a ponta do desenvolvimento da cidade de Criciúma. Segundo ele, hoje as pessoas têm uma consciência ecológica mais apurada, senso de defesa e preservação da vida. Hoje não seria mais como antigamente, diz ele.

> Imagine só se eles conseguirem fazer de novo do carvão a ponta do desenvolvimento ou a frente do desenvolvimento da nossa cidade de novo, aí vai ser uma vergonha, mais acho que isso não vai acontecer porque hoje felizmente existe uma gama grande de pessoas que tem uma consciência ecológica mais apurada né, o senso de defesa da vida de preservação da vida e isso é uma avaliação pessoal me parece ser muito hoje em Criciúma nas pessoas que moram em Criciúma do que era a dez, quinze, vinte anos atrás, né aos pouquinhos parece que as pessoas não vão sentindo a necessidade de se defender e se defender hoje é preservar a nossa vida, preservar o meio em que a gente vive.[25]

Dessa forma, o ambientalista deixa claro que, atualmente em Criciúma há uma consciência pública em defesa do meio ambiente. Quando fala em vergonha está se referindo a um código moral implícito no comportamento de parte da população. Voltar a degradar com o carvão seria como infringir esse código moral.

---

[25] João Paulo Teixeira. Narrativa do bairro Renascer/Mina Quatro, 6 jan. 2001.

Hoje a população já assimilou novos valores, como a preocupação com o ambiente de vida e a possibilidade de um futuro ambiental e socialmente diferente de quando o carvão estava no seu apogeu.

CAPÍTULO VII

O BAIRRO RENASCER/MINA QUATRO

O BAIRRO RENASCER/MINA QUATRO

Como o capítulo anterior, além das fontes documentais, o bairro é apresentado pela narrativa de dois agentes produtores da cidade, ambientalistas integrantes da segunda categoria de agentes, identificados na pesquisa. Não existe, atualmente, uma história do bairro sob o ponto de vista sócio-ambiental. Por isso, as narrativas dos dois ambientalistas são importantes e fundamentais; elas documentam uma história inicial do bairro Renascer/Mina Quatro. Ambos os narradores são conhecedores do bairro. Um deles acompanhou toda a sua história e participou de lutas sócio-ambientais em Criciúma; portanto, são informantes qualificados. A narrativa, como já foi mencionado, difere de um texto técnico-científico. Nem por isso, diz Goff (2001), é menos profunda que este.

Segundo João Paulo Teixeira[26], o projeto Mina Quatro compreende uma área de 43 mil metros quadrados, destinada à criação de um loteamento popular (para 650 famílias), à criação de Porto Seco (para cargas e descargas) e ao aterro sanitário.

Quando a Mina Quatro parou de funcionar, deixou, no local, uma paisagem de vulcão. Os rejeitos de carvão ficaram expostos em todo o entorno da boca da mina. Montes de "terra preta" (moinhas de carvão) eram vistos no local. Esses rejeitos piritosos, em contato com a umidade, entram em autocombustão, devido aos agentes inflamáveis em sua decomposição, e exalam gases tóxicos. Um dos filhos de um morador entrevistado, o Seu Paulo, sofreu queimaduras quando brincava nos amontoados de rejeitos de carvão. O morador conta que isso também ocorreu com outras crianças e pessoas adultas, em contato com os rejeitos.

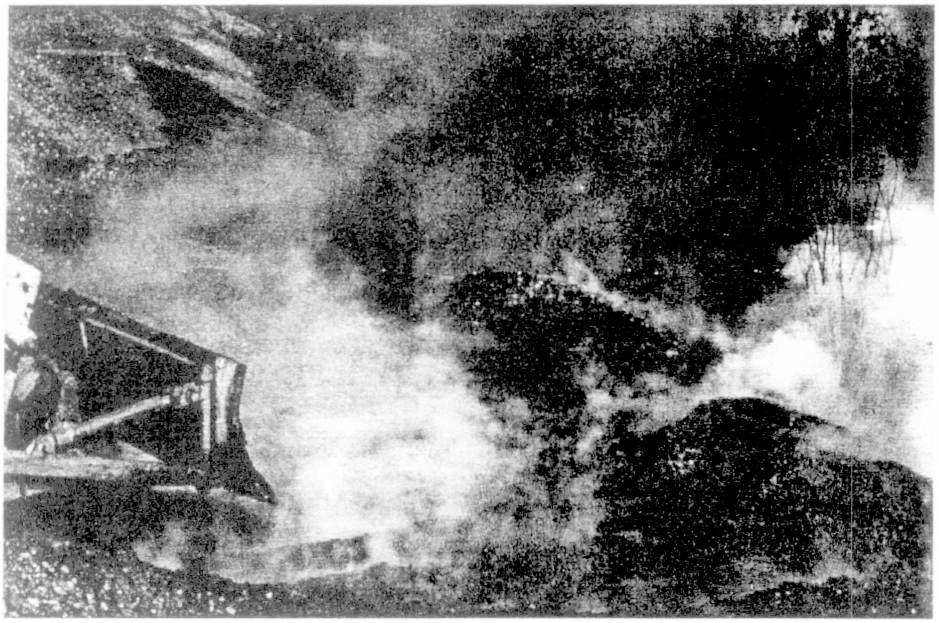
Com a sua desativação, a prefeitura iniciou a recuperação da área que, segundo o Jornal Tribuna Criciumense (1984), compreendia aproximadamente 43 ha. Para a prefeitura, não houve, na ocasião, nenhuma preocupação ambiental,

---

[26] João Paulo Teixeira. Um dos ambientalistas entrevistados, 6 jan. 2001.

pois os rejeitos permaneceram no local sem a devida recuperação da área, além da utilização dos buracos entre os montes de rejeitos para colocar o lixo, conforme mostra o assessor de meio ambiente da prefeitura, na época, Seu Antonio Luiz Crema, em depoimento ao Jornal Tribuna Criciumense (27/10/1984): "depois de estudos minuciosos foi desenvolvido um plano específico de recuperação da área, para que seja aproveitada no futuro pelos moradores do Poço Quatro".

FIGURA 20 – Paisagem de vulcão após a desativação da Mina Quatro



Fonte: Arquivo Histórico da Prefeitura Municipal de Criciúma – s/d

Prossegue o Jornal:

> O projeto desenvolvido pela assessoria de meio ambiente do município visou a transferência do aterro sanitário que passou a ser feito nas depressões, que eram as antigas baías de decantação de xilhame. Nestes buracos com aproximadamente 20.000 m^3, está sendo depositado o lixo de município, atendendo aos requisitos sanitários que são indispensáveis a disposição adequada os resíduos sólidos. Com o preenchimento, a prefeitura de Criciúma recuperou a área, e hoje, está implantando um segundo projeto, constatando da abertura de uma estrada que ligará com a rua Miguel Patrício de Souza.

Como se vê, as questões ambientais e de saúde não foram sequer pensadas pela prefeitura que estava mais preocupada em nivelar o terreno para ser aproveitado como loteamento para a população pobre.

O projeto Mina Quatro, segundo João Paulo Teixeira (1999), foi criado no mandato do prefeito José Augusto Hülse (1983-1988) e tinha por objetivos a

criação de um loteamento popular (para 650 famílias) do porto seco (local para embarque e desembarque de cargas).

Inicialmente, o local foi escolhido para o lixão da cidade. Antes do lixão, porém, já havia sido invadido por pessoas que não tinham onde morar, notadamente, os catadores de lixo.

Criciúma, ainda hoje, não tem aterro sanitário (UNESC/IPAT, 2000). Existe apenas o chamado aterro controlado, que hoje está na divisa com o município de Forquilhinha, bem próximo do aeroporto e do Instituto de Pesquisas Ambientais e Tecnológicas-IPAT da UNESC, no bairro Sangão.

O lixão ficou no bairro até 1993 (João Paulo Teixeira, 1999) e só foi retirado por conta de uma ação popular movida pelos moradores.

Com a saída do lixão, o Mina Quatro começa a tornar-se bairro. Além de casas muito precárias em termos de construção, há as construídas em mutirão com a planta doada pela prefeitura e, por isso, seguem um padrão, e as populares, edificadas pela Caixa Econômica Federal, além de outras de moradores com certa condição econômica que seguem um outro padrão de construção.

A atração industrial de Criciúma faz com que as pessoas se desloquem à cidade à procura de emprego e moradia. Assim, a periferia da cidade é ocupada. Só após isso, que vem o traçado das ruas e outros melhoramentos que vão, gradativamente, dando uma feição de bairro.

No interior do bairro correm, valetas a céu aberto, bueiros que despejam águas de cor alaranjada, contendo ferro e outros materiais pesados, presentes nos rejeitos. Outras valetas despejam águas contaminadas com materiais biológicos.

FIGURA 21 – A linha férrea no bairro Renascer/Mina Quatro sobre os rejeitos de carvão e cercada por arame farpado



Foto: Teresinha M. Gonçalves - 2001

Em 1988, já havia sido entregues 245 lotes. Até então, segundo o autor citado, era uma área coberta de pirita e outros rejeitos de carvão, abandonada pelas autoridades. Antes do Bairro Mina Quatro ser transformado em lixão, o lixo da cidade de Criciúma era depositado na localidade de Mina Naspolini, uma área de mineração a céu aberto, cercada de bairros populosos, como o bairro Próspera.

Quanto a dados sócio-econômicos, apenas do Renascer/Mina Quatro, a prefeitura de Criciúma e a CODEPLA não disponibilizaram, pelo simples fato de não existir um levantamento organizado. Em 2001, a prefeitura elaborou um levantamento sócio-econômico do Renascer inteiro, ou seja, um levantamento que inclui os bairros Ayrton Sena, Mina Quatro e Primavera. Achamos que não teria sentido analisar esses dados, pois não falam diretamente de nosso universo de pesquisa. O levantamento da prefeitura segue em anexo no Tomo II.

Quem chega ao bairro Renascer/Mina Quatro pela rodovia Luiz Rosso, que liga Criciúma à BR 101, logo após a ponte sobre a via férrea, tem uma surpresa: não é possível perceber que aquele lugar já foi uma mina, um "vulcão", e o lixão da cidade. Chama a atenção uma casa de alvenaria bem cuidada, com a calçada gramada e com árvores plantadas.

Mas, logo em seguida, já se avista a linha férrea e os montes de rejeitos piritosos, ou rejeitos de carvão, como são conhecidos pela população e, sobre eles a linha férrea, cercada com grossos moirões de madeira e arame farpado. Chama mais atenção, os lugares onde a poluição do solo está mais visível.

FIGURA 22 – Paisagem do bairro Renascer/Mina Quatro, parte baixa



Foto: Teresinha M. Gonçalves – 2001

A paisagem do bairro é heterogênea: casebres que se equilibram nas barrancas de um riacho altamente poluído, tanto químico como biologicamente, casas de alvenaria simples, resultado dos programas habitacionais dos órgãos citados e moradia de melhor padrão daqueles com melhor condição econômica.

O entorno, principalmente nas áreas mais pobres, é muito poluído; tem valetas a céu aberto e, na falta de galerias pluviais, quando chove, as águas da chuva, tingidas de negro retinto, acumulam-se nas beiradas das ruas, fazendo enormes poças.

Tanto na casa do Seu Paulo, um dos moradores entrevistados, como na do vizinho, Seu Francisco, o pátio é maior que a morada. Nesse local, eles separam os papéis que catam na rua e também fica a estrebaria dos cavalos e as carroças utilizadas para carregar o lixo catado. A sala do Seu Paulo fica na frente da casa, enquanto a do Seu Francisco, nos fundos. Na frente da casa do Seu Francisco, além do lixo e da estrebaria, localiza-se uma pequena oficina, onde ele faz de tudo, desde recuperação de objetos achados no lixo até estofaria. As casas, tanto a do Seu Paulo como a do Seu Francisco são decoradas com

objetos achados no lixo, como quadros de santos e vasos de folhagens, guampa, ferradura.

Numa das voltas do bairro, após nosso trabalho, oferecemos uma carona para a esposa do Seu Francisco. O olhar de Dona Aurora era para as caixas de papelão que estavam nos lixos amontoados pela cidade, à espera da coleta.

Os catadores de papel de Criciúma utilizam carroças puxadas a cavalo para recolher esse tipo de material. Dona Aurora falou do companheirismo dos animais que puxam a carroça, como a égua "Ciganinha", sua companheira de trabalho. Segundo ela, o animal sabe quando o sinal está verde, amarelo ou vermelho, além de saber cuidar-se dos carros. Fica comovida ao falar do animal.

FIGURA 23 – Estrebaria no pátio da casa de um catador de papel, abrigando a égua "ciganinha"

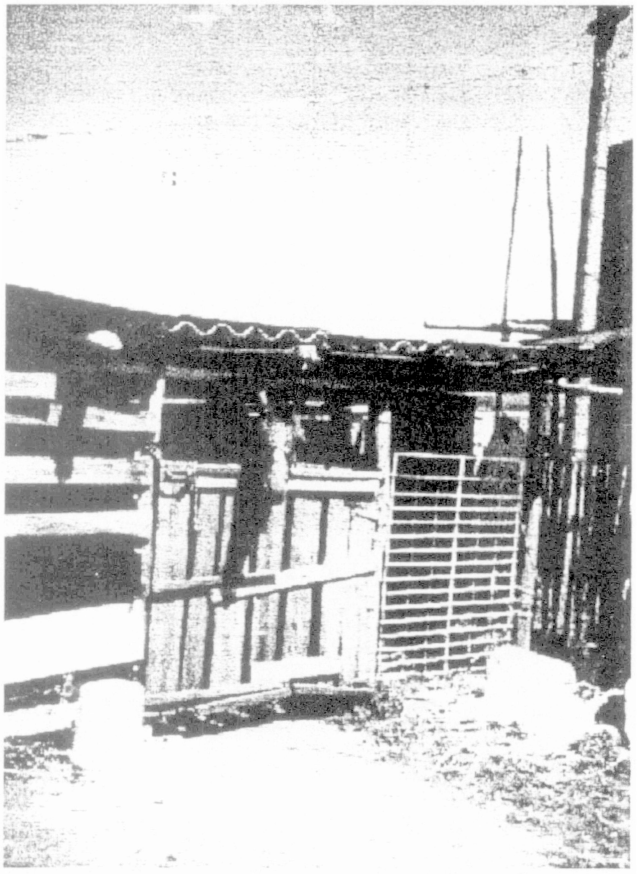


Foto: Teresinha M. Gonçalves – 2001

Em sua narrativa sobre o bairro Renascer/Mina Quatro, Mário Guadagninn[27] fala que o Renascer é um espaço urbano, onde todos

[27] Mário Guadagninn, ambientalista. Narrativa sobre o bairro Renascer/Mina Quatro, fev. 2001.

> os impactos da mineração estão à vista. A tão propalada recuperação ambiental (do solo) é feita com uma pequena camada de argila sobre os rejeitos. Com a chuva, as depressões e as erosões retiram essa camada de argila deixando novamente a descoberto os rejeitos de carvão.

Essa prática, segundo Mário Guadagninn, era muito comum em Criciúma até 1988. Foi feito terraplanagem nos amontoados de carvão no entorno da cidade e, em muitos amontoados, colocadas as frágeis camadas de argila com o objetivo de diminuir o cheiro de ovo podre, produzido pelo enxofre, um dos companheiros dos rejeitos, a fim de melhorar o visual da cidade.

No Renascer/Mina Quatro, segundo Mário Guadagninn, após a terraplanagem eram colocadas camadas de argila em cima dos terrenos para depois as casas serem construídas. Além dos rejeitos mal encobertos pela argila, ainda fica no solo do bairro o lixo do chamado "aterro sanitário". O fato de se colocar argila, segundo o narrador é para esconder as cores escuras, (preta/ cinza) e um pouco para encobrir a história que aconteceu no bairro.

O cheiro de enxofre é percebido pelo visitante de forma mais intensa que pelos moradores. Nas calçadas das poucas ruas pavimentadas, dá para ver, em cima das lajotas, a formação de sulfato ferroso, dando-lhes uma cor ferrugem-alaranjada. Isso denota a presença de enxofre, além do ferro. O amarelo do enxofre escorre pelas valetas a céu aberto, margeando as ruas.

A narrativa de Mário Guadagninn foi realizada após uma noite de enxurrada. Então, ele percebeu claramente e ficou estarrecido com essa água ferrugem amarelo-alaranjada e a camada de argila que desceram rio abaixo. As pilhas de carvões ainda estão no entorno do bairro e embaixo dos dormentes da ferrovia que o contorna. Em cima, dos rejeitos, crescem samambaias cuja presença indica acidez do solo.

Na passagem pelo bairro, podem-se ver crianças brincando no córrego poluído e nos montes de rejeitos. Os maricás, arbustos espinhentos que, como as samambaias, crescem sobre as sobras do carvão, amenizando a paisagem. No verão, ficam completamente floridos, carregados de flores brancas, fazendo um

contraste com o negro do carvão. Segundo Mário Guadagninn, flores muito bonitas e odor agradável, atraindo abelhas. Como é engenheiro agrônomo, o narrador a identifica como uma leguminosa.

FIGURA 24 – O "valente" Maricá, crescendo sobre os rejeitos de carvão



Foto: Teresinha M. Gonçalves - 2001

Diz o narrador que poucos se beneficiaram com a mineração. Essa atividade deixou sobras, sendo o bairro Renascer/Mina Quatro uma delas. Apesar da prefeitura dizer que no bairro Renascer há 100% da coleta do lixo, vê-se claramente, o lixo sendo jogado nas barrancas dos riachos.

Durante a narrativa de Mário Guadagninn passa o trem carvoeiro e o narrador comenta:

> Sinal do trem, o trem está passando, lá em cima onde tem o cruzamento, ele avisa que vem. Vem lá com a sua força, vem com sua potencia, fumegando, acelerando, pelo jeito né. Deve ter um aclive aqui. Ele está levando o carvão para a usina termelética de Capivari de Baixo. E continua a exploração do carvão. Ainda deve ter no município umas oito mineradoras. Aí vai ele com a sua fumaça e sua característica. Vários, vários vagões geralmente passam. É uma carga bastante grande. Geralmente eles levam em torno de 20 a 25 vagões, todos carregados de carvão até a usina. E passam várias vezes por dia. Tem os horários mais ou menos pré-determinados.[28]

[28] Mário Guadagninn, ambientalista. Narrativa sobre o bairro Renascer/Mina Quatro, fev. 2001.

FIGURA 25 – O trem carvoeiro a caminho do Renascer/Mina Quatro, para chegar a Termelétrica de Capivari de Baixo-SC

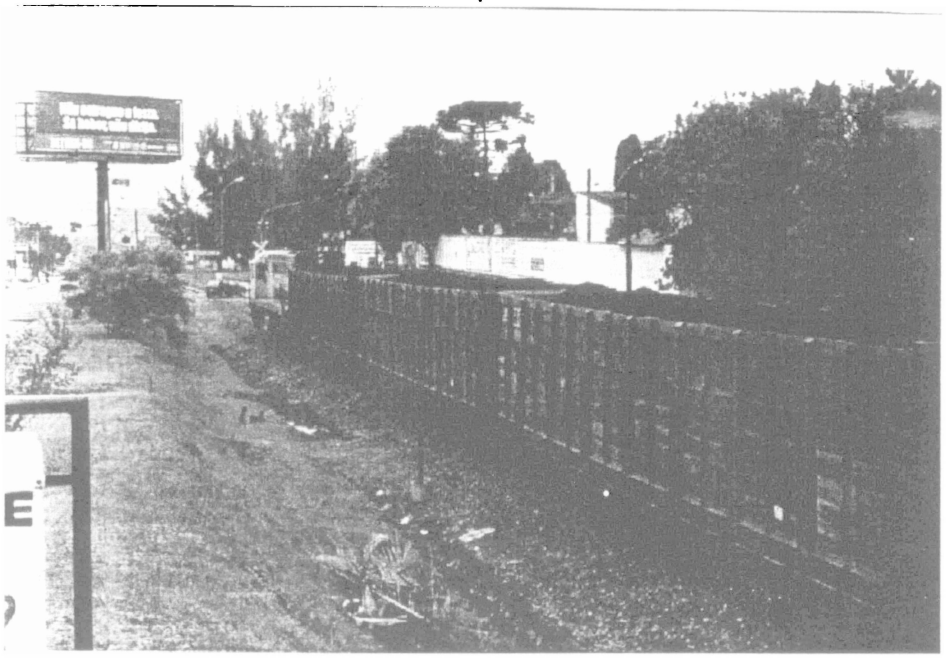


Foto: Sérgio Honorato - 2001

O carvão é jogado nos vagões sem a lona de cobertura então, ele pode espalhar rejeitos pelo caminho.

Estivemos no bairro, com o narrador, no dia seguinte ao da enxurrada e, na parte mais pobre do bairro, a paisagem era desoladora: pessoas tirando lodo de dentro das casas e raspando com uma enxada. Crianças semidespidas, cães (há muitos deles na vila), parecendo que em cada casa existe um.

O bairro acabou sendo dividido em uma parte alta e outra baixa. Quem chegou por último pegou a parte baixa, que foi a atingida pela inundação. Essa área é imprópria para construção porque as casas estão na barranca de um grande córrego que, com a enxurrada, virou um rio. As casas da área são construídas com sobras de madeiras, provavelmente de outras casas. São barracos chamados de meia-águas. Entre uma meia-água e outra, já ao subir, vê-se uma alvenaria em um terreno murado, cujo portão está fechado com cadeado. O morador fez uma cerca alta, grande, um muro alto com portão de ferro. É questão de preservar o seu espaço.

FIGURA 26 – Os moradores tentam melhorar as entradas das casas

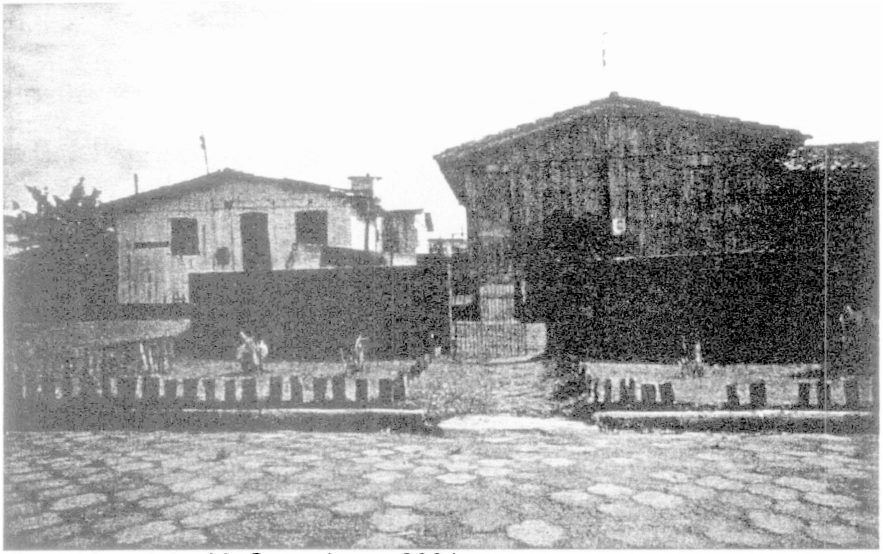


Foto: Teresinha M. Gonçalves - 2001

Percebe-se que os moradores tentam fazer melhorias nas entradas das casas, tornando o caminho mais acessível. Tentam melhorar os entornos das casas, colocando um pouco de argila sobre os rejeitos e plantando grama. Mas, segundo Mário Guadagninn é um espaço segregado, degradado.

"É complicado ver as pessoas num espaço rejeitado, depois que foi intensamente explorado pela industria carbonífera. As pessoas não têm poder aquisitivo, não tem qualificação profissional, não tem colocação, acabam sendo rejeitadas num espaço segregado, afastado, longe dos olhos porque é um bairro afastado do centro".

É um bairro que tem uma série de problemas, como: pessoas desempregadas, usuários de drogas e insegurança à noite. Para o narrador, a qualidade de vida deles é complicada:

> Tem de sobreviver e aceitar como norma isso. Eles acabam aceitando o rejeito, a casa sobre o rejeito piritoso porque fazer isso é uma questão de sobrevivência. As sobras da industria de exploração de carvão criam um espaço para a construção de um território, de um espaço urbano, um território urbano e ainda acham que isso é um grande avanço social, porque dá uma condição, dá um dos requisitos de qualquer pessoa que é ter uma casa para morar, não importa que qualidade de casa, aí depois dá um arruamento mínimo, colocam aí uma estrutura mínima de luz e; água. Não existe saneamento e no máximo, pode ter uma fossa. Os que moram perto do rio largam dentro dele.[29]

---

[29] Mário Guadagninn, ambientalista. Narrativa sobre o bairro Renascer/Mina Quatro, fev. 2001.

As pessoas invadiram o local, ou foram à prefeitura pedir uma casa, sendo colocadas no bairro Mina Quatro. Aceitaram porque foi a única opção que tiveram, sem uma perspectiva melhor de vida, ali ficaram. Uns perceberam que foram jogados: "somos também rejeitos".

O presidente da Associação de Moradores, como é chamado, não mora mais no bairro. No dia da enxurrada, os moradores estavam revoltados porque, às 10 horas da manha, ele ainda não havia aparecido no bairro. Foi candidato a vereador nas últimas eleições municipais, mas não conseguiu se eleger. Eis o desabafo de um morador, no dia seguinte à enxurrada:

> Por isso que a população está revoltada com ele, porque só chegou agora. Ontem que era pra ele tá na calamidade que nós acudia as criança. Em minha casa não foi água e agasalhou um montão de criança. Todo mundo pedindo socorro. Aquela criançada, água dentro de casa, pessoas ficaram sem roupa de cama, tudo, sofá, aparelho de som. Foi uma calamidade. Isso eu digo uma coisa aqui, diante de vocês que quero que essas autoridade grande que tem, prefeito, vereadores, deputados, saiba da calamidade que está passando esse bairro porque eu vou dizer uma coisa: eu não vi coisa mais terrível como aconteceu ontem, o bombeiro tirando gente de dentro do rio porque estava morrendo afogado.

Mário Guadagninn afirma que, nessa situação, fica difícil falar como ambientalista para essas pessoas, vivenciadoras de situações trágicas, que elas tem de preservar o meio ambiente. Para o narrador, eles têm mais de preservar a vida. Mantê-la de imediato.

"Olha! Tu tens de preservar o meio ambiente, a planta. Tu tens de colocar o lixo no lugar certo, não podes jogar tudo. Como descartar, se eles já estão descartados, jogados no lixo?".

Para o ambientalista João Paulo Teixeira, o Renascer/Mina Quatro não é muito diferente da situação dos bairros periféricos de Criciúma, que estão assentados sobre os rejeitos de carvão. Para ele, esses bairros são fruto da concepção de cidade, de mundo, que os produtores da cidade, pertencentes à classe dominante têm em relação à humanidade.

> Um grande proprietário abre uma fábrica constrói algumas casas para os seus trabalhadores. Então os moradores de uma cidade ou de uma comunidade se constituem basicamente a partir do interesse econômico, de alguém, de algumas pessoas, sejam elas governantes ou fortes empresários. O bairro Renascer expressa a continuidade de anos e anos desse tipo de pensamento. Então, as pessoas são vistas, nós, infelizmente somos vistos, como força de trabalho, braçal ou intelectual, e que a nós, pra que a gente possa oferecer esse serviço precisamos de um lugar pra gente se abrigar minimamente. O bairro Renascer/Mina Quatro é isso, é um espaço, o suficiente pra que as pessoas digam, não, eu tenho onde morar. Mas não se vê nada além dessa questão da moradia. [30]

O narrador fez uma comparação analógica do comportamento da sociedade humana e a do mundo animal. Diz que cada pássaro constrói sua casa, seu abrigo no lugar mais tranquilo que possa encontrar para cumprir seu ciclo, viver com suas crias e com o ser humano não acontece exatamente assim.

Para o ambientalista, Criciúma é uma cidade minada, isto é, como se aqui estivéssemos pisando em terreno minado. Queixa-se da falta de pesquisas no sentido de verificar a habitabilidade desses lugares, como o Renascer/Mina Quatro. Pesquisas que digam do grau de contaminação do solo e do ar.

Para ele, as pessoas do Renascer/Mina Quatro não precisariam estar passando por essa situação, porque Criciúma é uma cidade rica. Na sua visão, a luta dos moradores desse bairro não foi suficiente para melhorar a sua qualidade de vida.

Segundo ele, a comunidade desse bairro já é o resultado de uma articulação política. "Ele já nasce meio que com seus caciques dentro do próprio bairro". Esses caciques a que ele se refere são pessoas influntes na cidade e na própria administração municipal.

Ele espera que o novo governo que se instala no município tenha uma preocupação maior com essa situação. "Essa é a nossa esperança. Mas enquanto nada se faz em defesa da terra, do ar, da água, enfim, a situação do meio ambiente não mudará".

Os ambientalistas fazem uma crítica política pertinente e importante sobre a questão da degradação da cidade e a situação dos bairros como o

---

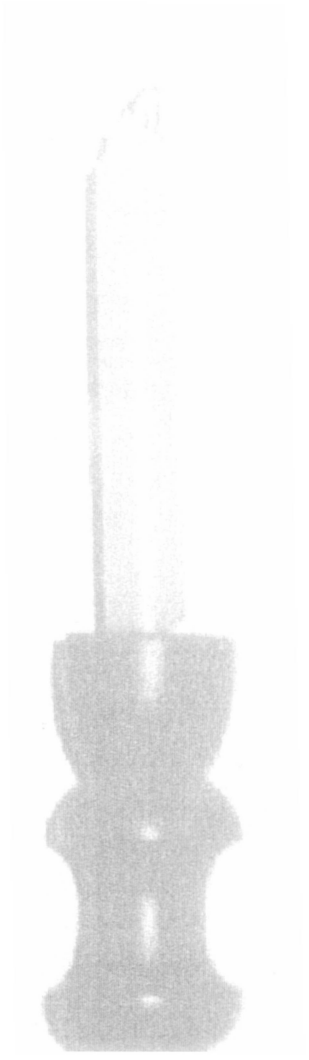
[30] João Paulo Teixeira, ambientalista. Narrativa em 6 jun. 2001.

Renascer/Mina Quatro. Porém, o que é importante ressaltar é a enorme dívida social que os agentes do poder econômico e político tem para com a cidade e a região em potencial de luta que as pessoas que moram nesses bairros tem para mudar a situação.

CAPÍTULO VIII

HISTÓRIAS DE VIDA

RESISTINDO AO ABRIGO DAS ÁGUAS E A ESPERANÇA REFLETIDA NA CHAMA DA VELA



"...não tinha porta nem janela;
tinha morcego, tinha coruja
naquela caixa d'água.
Mas eu não me importei.
Acendi uma vela e fiquei ali".
(Zulma)

Foto: Teresinha Maria Gonçalves - 2001

HISTÓRIAS DE VIDA

8.1 Resistindo ao abrigo das águas, e a esperança refletida na chama da vela

Dona Zulma nasceu em Morro Grande, interior do município de Turvo-SC na região do extremo sul catarinense, onde o plantio de arroz é o forte da economia. É uma região de extensas planícies cercadas pela Serra Geral e pelo mar.

Seu pai tinha uma pequena propriedade. Vendeu-a e foi em busca do trabalho assalariado, trabalhando para outros como diarista. A caminhada de seu pai terminou em Criciúma, onde faleceu, segundo ela, de uma doença ligada aos pulmões, "um barro que entranhou no pulmão". Trabalhava num serviço insalubre com Diomício Freitas, um conhecido minerador e ceramista de Criciúma, já falecido.

Quando seu pai estava mal, foi despedido. Segundo ela, "sem direito a nada". Fizeram-no assinar um papel, dizendo que era para fazer o internamento, mas, na verdade, era para abdicar de seus direitos trabalhistas.

Sua mãe ainda vive. Hoje está com 83 anos e mora num bairro vizinho ao Renascer/Mina Quatro. Refere-se a sua mãe como uma batalhadora, pois desde Morro Grande trabalhava na colheita do fumo. A mãe e as crianças faziam o serviço da casa e trabalhavam na lavoura. Aquela amamentou todos os filhos até os cinco anos.

Conserva a teia familiar. Sua mãe ainda é o elo afetivo agregador da família. Mora na Mina Cinco, ao lado do bairro Renascer/Mina Quatro; portanto, perto de seus filhos. Os passeios de Dona Zulma consistem em ir visitar a mãe e as próprias filhas.

Apesar de tudo, de todas as rupturas dos laços com os lugares onde morou, das pessoas com as quais conviveu e do esforço de reconstruir tudo de novo, a cada recomeço, Dona Zulma teve uma família que não se desagregou.

Mantêm fortes laços com seus familiares, fortes lembranças dos lugares onde morou. Teve uma ligação muito forte com a vida. O mundo dela é o mundo da natureza, pois veio da área rural. Seu imaginário é povoado de conteúdos simbólicos dessa cultura: um mundo de sofrimento numa família unida, onde a mãe desempenhou um papel central.

Dona Zulma é mais uma vítima da exclusão social e traz um sentimento de desamparo. O mesmo sentimento trazido por todos os moradores entrevistados. Vítima de uma sociedade madrasta, na perspectiva de Damergian (2001). Diz que não teve infância. Trabalha desde os oito anos de idade e para comprar roupa, na sua juventude, fazia um trabalho extra; cortava lenha no mato, para vender. "Pois agora, a gente quase não teve infância assim né, porque a gente desde oito anos sempre trabalhou né. Às vezes pra comprá uma ropa tirava lenha no meio do mato".[31]

Dona Zulma não é, por certo, daqueles brasileiros que levam vantagem em tudo, dos narcisos autocentrados, voltados à satisfação de seus prazeres a qualquer preço: aquele "capaz" de competir e vencer.

Na ótica da moral neoliberal e do darwinismo social, Dona Zulma seria uma derrotada, pois não acessou ao desenvolvimento; é uma mulher que, na perspectiva de Sen (2000), não tem liberdade substantiva. É, portanto, uma não intitulada, ou seja, sua "liberdade" não lhe permite sequer viabilizar a escritura de seu enterro e legalizar seu comércio (bar).

Assim, Dona Zulma é fragilizada por uma sociedade que valoriza apenas o desenvolvimento cognitivo, segundo Damergian (2001), exemplo acabado de uma sociedade pós-moderna, apegada à razão ao mesmo tempo em que despreza os sentimentos. Dona Zulma teve a força agregadora do amor na figura da mãe, mulher forte que, na sua vida, foi a valência positiva, o ponto fixo, o modelo identificatório e o exemplo que lhe ensinou a sobreviver e a não sucumbir diante das dificuldades.

---

[31] Dona Zulma, moradora do Bairro Renascer/Mina Quatro. Entrevista em 10 mar. 2001.

"Ah! Sempre lutou muito para viver. Sempre trabalhô, sempre lutô. É mãe de seis filho. Tem quatro home e três filha mulhé, entende? E ela sempre lutou coitada da velha. Mora aqui na Mina Cinco. Né, bem velhinha, 83 anos ela fez".

Sozinha, "sem eira nem beira", como diz, sem emprego e sem casa foi até o lixão em busca de guarida. Lá encontrou a caixa d'água, cujos pilares de sustentação serviram de esteio para sua casa ali instalada. Quando entrou, celebrou em agradecimento: "[...] não tinha porta, não tinha janela, morcego, coruja era o que mais tinha naquela caixa d'água. Mas eu não me importei, acendi uma vela e fiquei ali".

FIGURA 27 – A casa de Dona Zulma



Foto: Teresinha M. Gonçalves - 2001

O que é morar? Como Dona Zulma significa e se constrói, como sujeito, através das casas que morou e da atual casa onde mora? Como é para ela estar do outro lado da cidade e ao mesmo tempo, ver a cidade como um lugar inatingível?

Dona Zulma "sem eira nem beira", sem teto, foi morar debaixo da caixa d'água da Mina Quatro, hoje, bairro Renascer. Como é morar embaixo de uma caixa d'água e nem saber se pode ficar ali? "Eu, uma filha, e dois netos e ela grávida, só nóis quatro, cinco com o que estava pra vim".

Dona Zulma, mulher grávida, de vida, de natureza, de fogo, de madeira, de coisas, recolhia, do lixo, coisas que vendia para sobreviver. O modo como tenta se apropriar do espaço do bairro sempre esteve pleno de objetos e relação com a natureza. Em busca da casa, levou os seus que também não a tinham. Seus valores, seus referenciais simbólicos ligados à natureza, à vida do campo, desde Morro Grande onde nasceu.

Embaixo da caixa d'água fez seu ninho. "Em casa de minha mãe nóis ia pegá água de carroça. Levava os latões, lavava a roupa e trazia os latões para a gente sobreviver aí". Sua poética é como um poema onde o "eu" está sempre em relação com o universo histórico-social. Dona Zulma apropria-se, dessa forma, de sua casa embaixo da caixa d'água.

Em referência à sua mãe: "Ah! Ela sempre lutô muito pra vivê. Sempre trabalhô, sempre lutô, é mãe de seis filhos. Tem quatro home e treis filha mulhé, entende? Mora aqui na Mina Cinco né, bem velhinha, 83 anos ela fez".

Toda essa vida de sofrimento é povoada de imagens de uma vida inteira relacionada à terra (mato, lenha, roça, carroça, água) no espaço urbano. Na periferia de Criciúma, esse destino também é cumprido. O processo de identificação, entendido com o de construção de significado por meio de um processo de individualização. Castells (2000), expressa em Dona Zulma significados internalizados, próprios de uma cultura rural, e recriados no meio urbano com sua marca individual na visão de Sansot (1996) o sujeito se apropria daquilo com o qual se identifica.

Identidade é o sentimento de si. Na perspectiva da Psicologia Social, de Rivière (1977), a identidade se constrói no jogo dialético homem x mundo. O processo de significação é um exercício poético de introjetar coisas e objetos do mundo externo, recriá-los no mundo interno e devolvê-los ao mundo externo com a marca do sujeito. Por isso, morar 10 anos debaixo de uma caixa d'água foi algo terrorífico. Porém, haveria um elemento de identificação para uma mulher que, quando menina, encontrava prazer nas brincadeiras dos riachos, nos caminhos das fontes, onde ia levar os baldes para trazer água para casa.

Os projetos de Dona Zulma são expressos em sonhos. Diz que não realizou o principal sonho: melhorar de vida.

O que é melhorar de vida? Dona Zulma tinha uma expectativa utópica de vida. Parece que está em busca de um passado perdido que traz para o futuro. O objeto poético estaria ligado à busca do passado perdido?

A cena de entrada na caixa d'água, rodeada por corujas e morcegos, acendeu uma vela, foi um momento poético no sentido de que se desligou da realidade e, no tempo psicológico, na transcedência poética, naquela atmosfera como que "sagrada", viu seu sonho de uma vida melhor refletida na chama da vela.

A vela, naquele momento seria o suporte material para que a poética se estruturasse. A experiência como base da poética a fez necessariamente concreta (Tassara e Rabinovich, 2001).

O vir a ser que está implícito no conceito de poética, segundo Paz (apud Tassara e Rabinovich, 2001, p. 215), "seria a expressão da contradição, em relação ao conceito de identidade, resolvida numa dialética existencial superada no momento da poética". Assim, naquele momento poético, quando entrou embaixo da caixa d'água, a chama da vela, tão efêmera e sutil, trouxe ao presente seu sonho perdido. Esse momento poético a empurraria para esse constante vir a ser. A partir daquele momento, dona Zulma não seria mais a mesma.

"No urbano a poética seria um elemento de sustentação de vida" diz Tassara e Rabinovich (2001). Sustentação no sentido de que a vida pode realizar-se nesse meio. Mesmo em situações mais adversas, o homem pode sonhar. Na poética, ele pode acessar a um outro tempo, desligar-se da razão. Essa força poética, alimento que é dado ao sujeito no momento poético fá-lo projetar-se para o mundo externo e, ali, concretamente, poderá iniciar um caminho de esperança.

Embora o mundo interno de Dona Zulma esteja povoado de imagens e símbolos de uma cultura rural, no meio urbano, a busca do ponto fixo, do "re-enraizamento" é realizada através da casa que a liga fortemente à terra.

Mora no Renascer/Mina Quatro mas, ainda não o habita. Porém, o processo de apropriação já se iniciou: a porta de seu bar a leva para fora de sua casa.

Gosta de sua casa e, principalmente, do seu trabalho no bar. Reconhece a melhora do bairro, e a felicidade de morar numa casa de alvenaria, mesmo construída em mutirão. Nesse lugar onde está a casa, fica também o seu trabalho.

Hoje já não precisa do lixo (e nem ele está mais no bairro), pois tem o bar do qual tira o seu sustento. Demonstra, ainda dificuldade em se apropriar do bairro; de sua casa e de seu bar apropria-se com mais facilidade. Mora na casa, e a habita no sentido poético. O modo de relacionar-se com os objetos, móveis adereços demonstra isso. Com ela, tem momentos poéticos: como o modo de lidar com seus pássaros em várias gaiolas dentro de casa, mas tem medo de perdê-la. Quer a escritura definitiva: "eu queria uma coisa assim que eles dessem o alvará sem a escritura ou desse a escritura pra gente podê pagá o IPTU, a escritura direitinho...".

Assim é a poética de Dona Zulma, transformando o infortúnio em um sonho silencioso, desconfiado, porém, um sonho que sempre conteve a esperança. Como o fogo de Bachelard, seus infortúnios estão sendo purificados com uma firme vontade de viver, ter a posse definitiva da casa e legalizar o seu bar.

A arte não é um sentimento de imediatidade. "O poeta não vacila, não delira, não fica com o rosto paralisado, não recupera a fala com dificuldade, não rompe em um longo pranto, mas exprime-se em versos harmoniosos, tendo feito de todas aquelas comoções o objeto de seu canto" (Croce, 1997, p. 159).

O canto de Dona Zulma é um canto silencioso, gestado ao longo da vida. Não se exprime em versos harmoniosos, mas numa vida de espera, de paciência, uma longa espera...

> Se tudo o que muda lentamente se explica pela vida, tudo o que muda velozmente se explica pelo fogo. O fogo é ultravivo. O fogo é íntimo e universal. Vive em nosso coração. Vive no céu. Sobe das profundezas da substância e se oferece como um amor. Torna a descer à matéria e se oculta, latente, contido como ódio e a vingança. Dentre todos os fenômenos, é realmente é o único capaz de receber tão nitidamente as duas valorizações contrárias: o bem e o mal (Bachelard, 1994, p. 11).

A queima do lixo, simbolicamente, traz um sentido de purificação àquele lugar fétido, sujo, feio, para dali nascer o lugar sonhado ou, ao menos onde pudesse ficar, nem que fosse ao abrigo da caixa d'água.

Não visita os vizinhos. A relação de vizinhança é complicada. Vem de uma estrutura social muito familiar. A comunidade que ela enxerga é aquela que sua visão abarca da porta do bar.

Dos lugares intermediários, o caminho que leva a Criciúma é o de que mais gosta. É lá, no centro de Criciúma. que faz suas compras.

Entre os lugares excluídos está a própria cidade de Criciúma, urbanizada, acesa e bonita, na qual não tem acesso para morar.

Os lugares imaginados estão em seus sonhos realizados (casa/bar) e os que ainda estão por se realizar.

Em todo o seu relato, contou uma história de vida sem homem. Referiu-se à figura de homem apenas para contar sobre o pai, que trabalhava na roça e de lá saiu para vir à Criciúma e o genro que trouxe o caminhão do lixo para o bairro Renascer/Mina Quatro.

Dona Zulma chegou ao bairro Renascer/Mina Quatro sem chão, sem terra. Foi morar sob a caixa d'água, dividindo o espaço com as corujas, os morcegos e as moscas do lixão. Lá fez um lugar, um "nicho" onde recebeu as filhas casadas, sendo que uma estava grávida. O genro trazia o caminhão do lixo. Catar e separar o lixo foram o seu primeiro emprego no bairro.

Nas lides com o lixo começou seu aprendizado de viver na cidade. Esse aprendizado se realiza quando começa a dar significado aos objetos do lixo: seco (papel, metal, madeira, plástico), sujo (orgânico) e hospitalar.

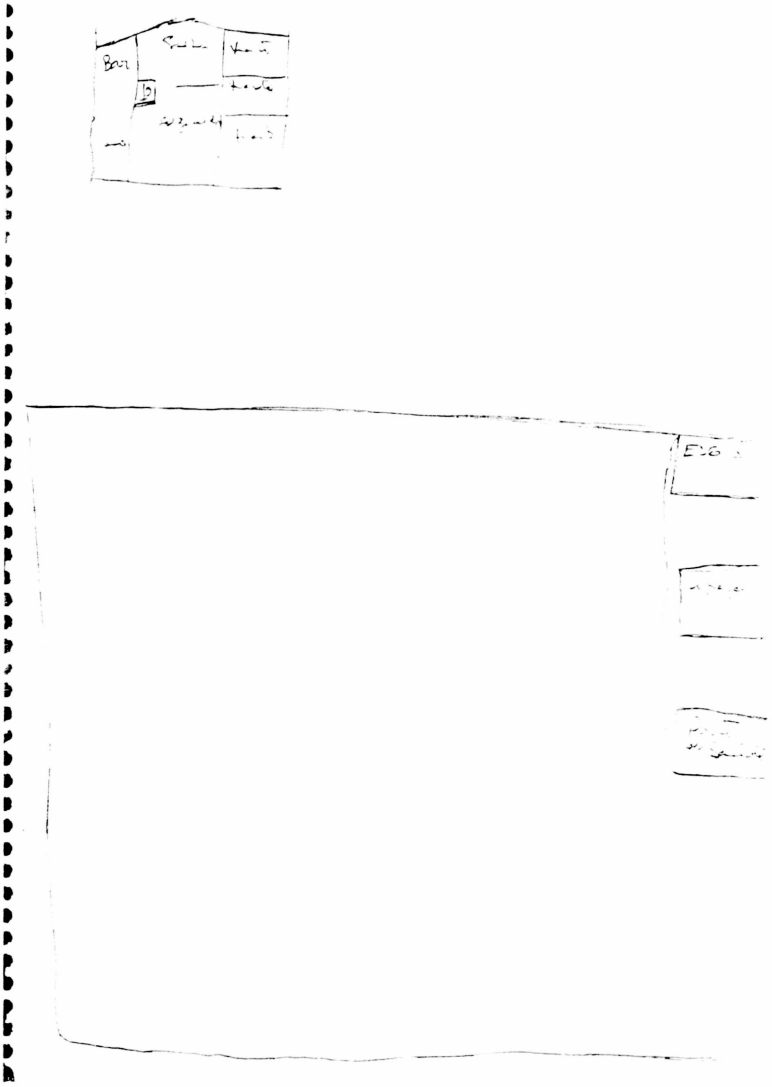
No lixo, assombrou-se com a cidade. Onde morava, no meio rural, as pessoas morriam e eram enterradas. Ali no lixão, encontrou "uma perna de gente", feto, placenta, restos de comida podre etc.

Pode-se imaginar o conflito de valores, de sentimentos e até de pavor que Dona Zulma enfrentou. estarrecida. diante dessa realidade brutal. Relata que alguma parte do lixo era queimada e isso para ela é o certo, pois, de certa forma, era purificada pelo fogo.

Segundo Pol (s.d.) o espaço não tem um sentido meramente funcional; ele é o resumo da vida e das experiências públicas e íntimas. A apropriação contínua e dinâmica do espaço dá ao sujeito uma projeção no tempo e a garantia da estabilidade de sua própria identidade. O ser humano necessita de referências estáveis que o ajudem a orientar-se. Identidade e pertença são as chaves da criação e absorção de um universo de significados que constitui a cultura e o entorno do sujeito situado no mundo físico.

Na análise do desenho do bairro, percebe-se a dificuldade de apropriação. A única rua que desenhou não nominou. A casa está fora do bairro. Citou três lugares coletivos: a escola, igreja e o posto de saúde, com os quais tem uma relação funcional. Mas o lugar preferido é a sua casa. E da sua casa o lugar preferido é o bar, onde faz seu espaço de socialização.

FIGURA 28 – Desenho da casa e do bairro, feito por Dona Zulma - 2001



Dona Zulma mora no bairro Renascer/Mina Quatro, mas ainda não o habita. "O habitar envolve outras dimensões; é a partir da casa que se vai construindo os elementos que vão compor os indícios que vão gerar a base segura que constrói a identidade, a partir da casa, mas estendida ao bairro e a metrópole – aqui se gestam as relações com o outro para além daquela dos membros da família" (Carlos, 2000, p. 236).

Os lugares do espaço não são simples cenários para a vida. Habitar significa ter uma relação que se efetiva no processo de apropriação e envolve uma dimensão comportamental e uma dimensão de identificação simbólica, segundo Pol (s.d.).

Na dimensão comportamental, o sujeito age concretamente sobre o espaço. Na dimensão simbólica, dá-se o processo de identificação. Dona Zulma ainda não aprendeu por completo os significados e valores da cultura urbana. Enclausura-se em sua casa e no aconchego de sua família.

A vida fora do âmbito da casa é um elemento importante para o desenvolvimento da sociabilidade, da afetividade. A troca de idéias, o participar com outros na vida da comunidade, dá ao sujeito a possibilidade da recriação simbólica do espaço.

Na cozinha há um pássaro na gaiola, como objeto decorativo. Diz que é a decoração da casa. O pássaro é um elemento que compõe o acervo experiencial de Dona Zulma; uma expressão de sua subjetividade.

FIGURA 29 – O pássaro, objeto poético na cozinha de Dona Zulma

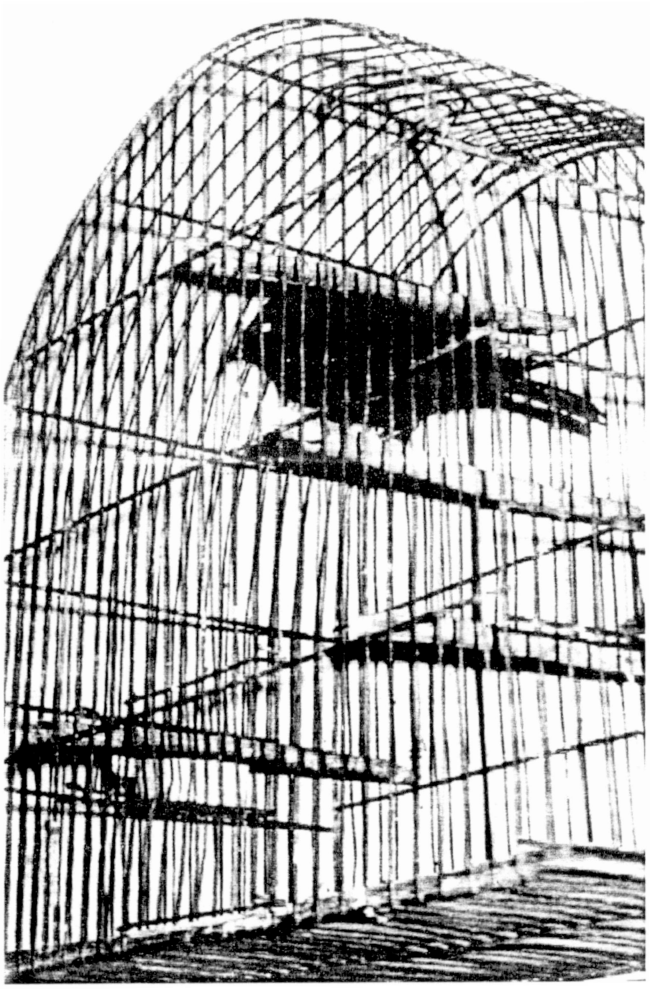


Foto: Teresinha M. Gonçalves - 2001

> A subjetividade expressar-se-ia pelas figuras que representam as imagens e estas, por sua vez, alimentam o pensamento que se expressa através de falas. O que se conhece do sujeito é aquilo que ele vai ser capaz de expressar a respeito destas imagens que compõem o seu acervo experiencial, mediado pela linguagem, que não o define, mas o veicula (Tassara e Rabinovich, 2001, p. 217).

Dona Zulma gosta de ficar em casa e cuidar do bar. Diz que não pensa em sair do bairro. Para ela é muito importante ter a posse da casa embora se preocupe porque não tem a escritura. Sem esta não pode tirar o alvará para legalizar o bar e a polícia fica no seu encalço. Isso a deixa muito insegura e angustiada.

Dona Zulma não quer sequer pensar em sair do bairro. Perguntada se não morasse no Renascer/Mina Quatro em que bairro gostaria de morar, pensou, pensou e não conseguiu nominar um. Para ela é importante ter a casa num lugar fixo. Quer legalizá-la, para não correr o risco de perdê-la.

Nos lugares onde o sujeito mora, trabalha, caminha, ele efetiva o processo de significação. Nos lugares do espaço é onde ele produz a sua subjetividade. De corpo inteiro e alma atenta, ele se apropria do espaço que sente, observa e vê.

Dona Zulma, como já foi dito está em processo de apropriação do espaço do bairro. Apropriou-se de sua casa, deu-lhe significado, mas ainda não habita o bairro.

A cidade, para ela é um lugar interdito: "O que é cidade? É um lugar assim, bem movimentado, bem povoado, né. Assim mora mais os ricos e não os pobres; daí cidade".

A cidade vista por Dona Zulma, é como um corpo passivo no dizer de Sennett (1994). "A cidade não vê, não cheira, não degusta, perdeu o toque tátil". Assim, não percebe o mendigo em New York, e nem vê Dona Zulma em Criciúma. Por sua vez Dona Zulma vê a cidade e a admira, mas sabe que não é para ela. Vem rapidamente ao centro resolver questões funcionais e retorna ao bairro.

Dona Zulma está em processo de apropriação do bairro Renascer/Mina Quatro. Ainda não o apropriou, pois, com ele não fez a síntese poética, não fez o processo de identificação e recriação coletiva do espaço. O processo de apropriação da casa é mais efetivo. Com ela teve momentos poéticos desde a entrada na primeira casa, ou seja, desde a caixa d'agua quando entrou e acendeu uma vela.

PASSEANDO PELAS BORDAS DO BAIRRO A CAMINHO DA IGREJA MATRIZ NO CENTRO DE CRICIÚMA



"EU ME SINTO BEM DENTRO DA IGREJA... É A MATRIZ, É O LUGAR QUE ACHO MAIS... SINTO BEM, AS MIL MARAVILHA".

(DAVID)

FOTO: SÉRGIO HONORATO - 2001

8.2 Passeando pelas bordas do bairro a caminho da igreja matriz, no centro de Criciúma

Seu David está no bairro há 14 anos. Como os outros sujeitos levou uma vida de peregrinação mudando de cidade em cidade até aportar em Criciúma.

Não gosta de lembrar do passado, pois acha que falar do futuro é mais interessante que ficar relembrando o passado. "Passô já passô né, interessante é o futuro".[32]

Para ele, lugar bom é aquele que oferece a oportunidade de trabalho. "Eu vim para cá que na época era bom de serviço, em época se saía duma firma e pegava na outra". Demonstra verdadeiro pavor do desemprego e atribui à tecnologia a responsabilidade pelo desemprego. "Naquele tempo, tinha uma porção de gente, mas quem tirou o serviço das pessoa, foi o computadô, o robô; nas indústria foi o robô".[33]

Seu David está se referindo a uma indústria de cerâmica, em Criciúma, que automatizou grande parte da sua linha de produção.

Lugar bom para Seu David é aquele, que lhe permite construir um projeto de vida, onde possa reconstruir sua história pessoal, dar significado a seu presente e a seu futuro. É o lugar que tem emprego. Andou pela região toda e acabou novamente em Criciúma, onde se viu há 14, anos desempregado, pagando aluguel. Foi quando ouviu que estavam dando lotes no então bairro Mina Quatro.

Veio para Criciúma, cidade industrial, em busca desse emprego. Lembra com saudades do tempo que "era só sair de uma firma e entrar na outra".

---

[32] Seu David, morador do Bairro Renascer/Mina Quatro. Entrevista em 9 jan. 2001.

[33] Hoje em Criciúma o carvão já não é a alavanca da economia. A indústria cerâmica ocupa o papel de destaque. E, algumas indústrias cerâmicas utilizam robôs nas linhas de produção. Antigamente as minas não eram mecanizadas. Da década de 70 para cá a mecanização das minas racionalizou a utilização da força de trabalho.

Quando a mina encerrava a produção, deixava uma herança da qual os mineradores queriam se livrar. Aquela era fechada e o terreno degradado passava a ser um problema. Então, doavam o terreno à prefeitura ou diretamente às pessoas. Dessa forma, não precisavam arcar com os custos da recuperação da área degradada.

Assim foi com o bairro, antiga Mina Quatro, hoje Renascer, uma massa falida, que se transformou em local de invasão e no lixão da cidade. Quando a prefeitura abriu inscrição para doar terreno lá, Seu David se inscreveu.

Foi o que restou de seu sonho de menino. Sonhava em ter um terreno grande para plantar e criar animais.

"Tê um terreno só prá gente prantá, criação sua é o que interessa, porque o resto... Carro é caro, a gasolina nem compensa. Eu digo carro, essas coisas, nem compensa o cara tê porque a gasolina é muito cara, mas o terreno... Eu não consegui e nunca vou consegui".

Seu David experimenta o que Rivière (1983) chama de "neurose do fracasso". De tantas tentativas frustradas, o sujeito passa a acreditar que não conseguirá mais realizar um sonho.

Essa vulnerabilidade do tempo, no sentido de fixação no espaço, o chão fugindo-lhe aos pés sempre que terminava um "serviço". Essa história de peregrinação, a insegurança de não poder ficar, essa experiência de sentir o "vento" passar tão rápido e não constituir um lugar, dificulta o processo de apropriação do espaço, no sentido da construção de um projeto de vida. As experiências da vida individual foram todas refratárias. Não havia uma linha de continuidade. Começava um serviço que não sabia o quanto duraria. Quando aquele serviço chegava ao fim, ia procurar trabalho em outra parte.

Assim, o processo de produção de significado que, na visão de Pol (s.d.) define o processo de apropriação, era dificultado. Aportava em outro território e recomeçava tudo de novo, como um forasteiro diante de sua platéia de estranhos (Sennett, 1998).

Hoje ainda se sente um estranho no bairro, enclausurado em sua oficina. Até uma cama ele tem dentro da oficina. Quando não suporta mais "tanto sufoco" , como diz, pega a bicicleta e vai até a catedral aliviar suas tensões, suas dores. Abastece-se de positividade, de paz. Como a catedral tem uma fruição poética, lá tem momentos poéticos.

Seu David vai sistematicamente, de bicicleta, ao centro da cidade "abastecer-se" no interior da catedral onde diz existir paz. Là sente-se "as mil maravilhas". A experiência com base na poética se faz naturalmente concreta. "A liberdade contida no ser humano se faz presente no momento da poética, no instante consagrado onde o encontro do dentro e do fora acontece fazendo a síntese para o futuro" (Tassara, 2000, p. 29). Esse instante consagrado superaria a contradição existente no bojo da poética pelas experiências que pudessem transformá-lo no homem que desejaria ser.

"Ah! Eu me sinto bem é dentro da igreja... é a matriz, é o lugar que acho mais... sinto bem que eu vou no centro que eu chego lá. Ah! Eu me sinto como a maior maravilha...".

O interior da igreja como espaço íntimo estava ao alcance de Seu David. Como sonhar ao sentir-se excluído, desamparado, destituído, tendo de lutar com a dura realidade do cotidiano, do aqui e do agora para sobreviver a cada dia?

A prefeitura mudou o nome do bairro "Mina Quatro" para "Renascer". Mas Seu David não apropriou o significado desse novo nome. "Pra mim é a mesma coisa, não toca nada né, não toca nada, é a Mina Quatro".

Sentimentos? O que Seu David entende por sentimentos? Perguntado quais sentimentos nutria pelo bairro, disse que esse estava ligado à falta de esgoto: "[...] o sentimento que eu tenho aqui é só por causa do esgoto, não tem outro motivo". Sentimento ligado à perda, ao não ter. Um sentimento de estar magoado, frustrado, quem sabe de não ver um direito seu respeitado ou no dizer de Sen, (2000), de não ter acesso às liberdades substantivas.

Gosta de ficar em casa, trabalhando na sua oficina. O lugar que mais gosta de ficar é lá. Não freqüenta lugares públicos, não vai aos bares do bairro, nem ao salão de baile. Diz que não é chegado a essas coisas. Perguntado se passeia no bairro, diz que faz passeios de bicicleta em volta do bairro. "Passeá a gente passeia, dá uma volta pra distraí um pouco... dá uma volta ao redor do bairro de bicicleta e a pé".

Nesse espaço, onde vários lugares se descortinam à sua frente, ele vê apenas alguns. Da cidade, vê só o tamanho: "a cidade é grande", enquanto outros entrevistados viram luzes, sentiram odores e sons. Contudo, foi na cidade que enxergou a igreja matriz de São José, que hoje é a catedral, onde fica lá recolhido e acolhido. Talvez, até sentindo-se abraçado pelos anjos e santos. A catedral, quem sabe, possa ser para o Seu David um continente que o ampare, influenciando seus conteúdos vivenciais. Dessa forma, o momento poético fica mais próximo de ser vivenciado.

Sai do bairro para se alimentar afetivamente na igreja. Percorre 15 km de bicicleta numa estrada sem acostamento. Talvez nessa igreja sinta a presença de sua mãe que, na sua narrativa foi a figura que o emocionou e da qual sente saudades. "Queria que ela vivesse de novo".

Como nas histórias de vida de outros moradores, na de Seu David, a força agregadora do amor é transmitida pela mãe que faz com que essas pessoas, mesmo passando fome, rejeição e desemprego são capazes de lutar e manter a família unida; os laços afetivos, preservados num ambiente hostil.

O pai trabalhava na roça e a mãe cuidava da casa. Emociona-se ao lembrar da mãe, queria que ela estivesse viva. Tiveram dificuldade com alimentação. A mãe amamentava as crianças até quatro anos. Seu David foi amamentado até esta idade. Contudo havia uma alimentação suplementar.

"Naquele tempo era feito um pirão, assim um pirão de água doce, ali nóis um pirão doce, e a chupeta naquele tempo não existia mamadeira. Era botado um tipo de fralda assim né, hoje em dia tudo pilado, hoje em dia tem".

Desde o início da entrevista, percebemos que queria "exorcizar" o passado. De Braço do Norte, sua terra natal, uma cidade da região de Tubarão, vizinha à carbonífera não tem boas recordações. "Ah! A lembrança que eu tenho lá em Braço do Norte é horrível, é pesca. É e lá pesca, pegá um peixe, tá fazendo nada é lá pegá um peixe lá, tem que está aonde tem serviço".

Braço do Norte foi onde passou a sua infância. Eram em sete irmãos. Os pais já morreram e a convivência com a família era boa, mas as dificuldades eram muitas na luta pela sobrevivência e não lhe dá prazer de recordá-las. "Ah! Era bom, né, a dificuldade era muita né, muita dificuldade naquele tempo era difícil de se vivê".

Aos sete anos, ia trabalhar na roça, logo que chegava da escola, e não tinha tempo para brincar. A mãe ia à frente e a criançada atrás. Os poucos momentos de brincadeira eram aos domingos. O brinquedo era fabricado pelas próprias crianças, como "carretilha"[34] canoa de coqueiro. Na sua época, Braço do Norte tinha pouca gente, os vizinhos viviam isolados, moravam longe uns dos outros.

Desde pequeno, Seu David sabe o que é não estar intitulado ao desenvolvimento. A fome de Seu David não é só dele; ela faz parte das fomes coletivas de um modo mais amplo.

"Para eliminar a fome no mundo moderno é crucial o entendimento das fomes coletivas e não apenas em função de algum equilíbrio mecânico entre alimentos e população" (Sen, 2000, p. 189).

Seu David é um homem sem liberdade substantiva. "Uma pessoa é forçada a passar fome mesmo tendo abundância de alimentos ao seu redor, devido à perda de renda e emprego" (Sen, 2000, p. 189). Sabe, na prática o que significa as palavras de Sen. Mudar de lugares, de cidade à procura de emprego que lhe permitisse a liberdade de pelo menos de matar a fome.

---

[34] Carretilha era um brinquedo parecido com um skate, tinha quatro rodas e a criançada fazia de madeira e descia morro abaixo, assim como a capa dos cachos de coqueiros em formato de canoa.

"Será que nós conseguimos nos imaginar como moradores de rua, atravessando a porta virtual que separa os cidadãos dos excluídos para entrar no seu mundo, que ocupa o mesmo espaço pelo qual transitamos, nos divertimos e que, magicamente, nos vemos?" (Damergian, 2001, p. 10).

E perguntaríamos: será que os reconheceríamos como iguais a esses moradores do rejeito de carvão, como Seu David, magro, esquálido, doente, respirando com dificuldade, sendo que até hoje, ainda não conseguiu o tão sonhado emprego que lhe garantisse o mínimo de liberdade substantiva? Seu David é um sobrevivente da hecatombe econômico-social globalizada no dizer de Damergian (2001).

Seu David sonhava em ser bem de vida. Seu sonho era ter um terreno para plantar, ter criação (animais: boi, porco, vaca, cavalo, galinha). Diz que isso ele poderia ter tido acesso. Outras coisas acha mesmo que não poderia ter acesso (até hoje diz que a gasolina e a manutenção do carro são muito caros).

Na cidade, sonhando com uma vida rural. No Renascer/Mina Quatro, tem uma oficina no pátio da casa. Seu prazer se reduz a andar de bicicleta, ir de bicicleta até a cidade, entrar na igreja matriz e sentir-se bem, às mil maravilhas. Ele passeia de bicicleta em volta do bairro (pelas bordas) e não por dentro do bairro.

Para ele, a natureza significa árvore, bichos. Diz, literalmente, que não significa nada porque, se tem um cuidando tem cem matando... "É justamente essa aí a natureza hoje em dia, é isso aí muitas pessoas conversam, conversam mas ninguém faz nada".

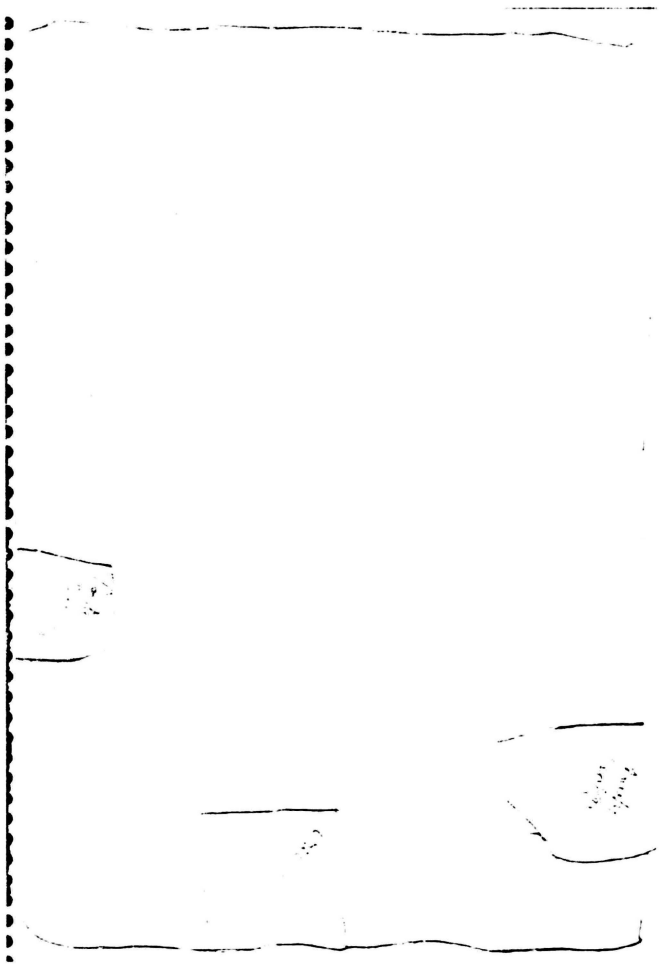
Espaço para ele é o espaço físico, concreto. Mas não é apenas uma localização geográfica; é um espaço que tem vida, objetos, o sonho. "O espaço para mim é ter bastante como eu digo né. Ter um terreno grande né, criação, ter um pouco de criação e um pasto bem grande né, e um lugar prá plantá, isso aí é espaço". Na cidade sonhando com a vida rural.

O espaço é recriado dentro de nós que o imaginamos e o simbolizamos. A cidade para ele é apenas um lugar grande, amorfo que não lhe toca.

"A cidade para mim é um lugar grande né, um lugar igual a Curitiba né, já tive lá em Florianópolis né, a cidade grande também, diz que é uma grande cidade mas não é, Criciúma também não é grande, lugar é igual a Curitiba."

No bairro, nominou os lugares funcionais do bairro: escola, creche, posto de saúde. Seus passeios de bicicleta são em volta do bairro. Não caminha por ruas, mas pela estrada sem acostamento, a rodovia Luiz Rosso, do bairro até o centro de Criciúma, mais ou menos 15 Km. para abrigar-se no seio da igreja matriz e sentir-se bem e feliz.

FIGURA 30 – Desenho do bairro, feito por Seu David - 2001



Na lâmina de papel, desenhou sua casa e sua oficina num mesmo terreno, como realmente são. A oficina aparece num primeiro plano e diz que é o melhor lugar de sua casa, onde gosta de ficar.

FIGURA 31 – A oficina de Seu David



Foto: Seu David - 2001

FIGURA 32 – Desenho da oficina e da casa, feito por Seu David - 2001



Gostaria que o bairro tivesse indústria para dar emprego, não para ele porque se acha velho (tem 57 anos), mas para os jovens.

Felicidade para Seu David é viver bem com a família (filhos e mulher) e ter dinheiro para comprar comida.

Seu David não fez uma identificação simbólica com o espaço do bairro. O modelo dual de apropriação do espaço, segundo Pol (s.d.), engloba uma dimensão comportamental e uma dimensão de identificação simbólica. A identificação simbólica supõe uma identificação do sujeito com o espaço, através

de processos afetivos, cognitivos e interativos. A troca afetiva e a interação social ele as fez no espaço de sua casa e no local de seu trabalho que é a oficina de bicicleta. O bairro ainda continua sendo um espaço distante e estranho: ainda não o habita. Sua fruição poética é com o centro de Criciúma, com a catedral.

A ação sobre o entorno ele faz no ato de morar. Com a oficina, de certa forma, ele se apropriou indiretamente do espaço do bairro pois, através dela interage com os vizinhos e a clientela. Contudo, persegue um caminho. Um caminho que ele faz de bicicleta até o centro de Criciúma para, experimentar a felicidade no interior da igreja matriz.

O modo de apropriação de cada indivíduo, grupo, ou família depende dos modelos culturais, papéis sociais, formas e estilos de vida (Barbey, 1976, apud Pol, s.d.). O modelo cultural em que Seu David se tornou sujeito, o estilo de vida errante, pobre e "fracassado" na perspectiva de Rivière (1977) neurose do fracasso, produziu em Seu David uma dificuldade no processo de apropriação do bairro. Ele não refere em sua fala uma rua, uma instituição do bairro, a não ser quando se refere aos bares e aos bailes, mas de forma negativa. Quando desenhou o bairro, localizou nele o colégio, a creche, o Posto de Saúde, lugares com os quais tem uma relação funcional.

FIGURA 33 – A casa de Seu David

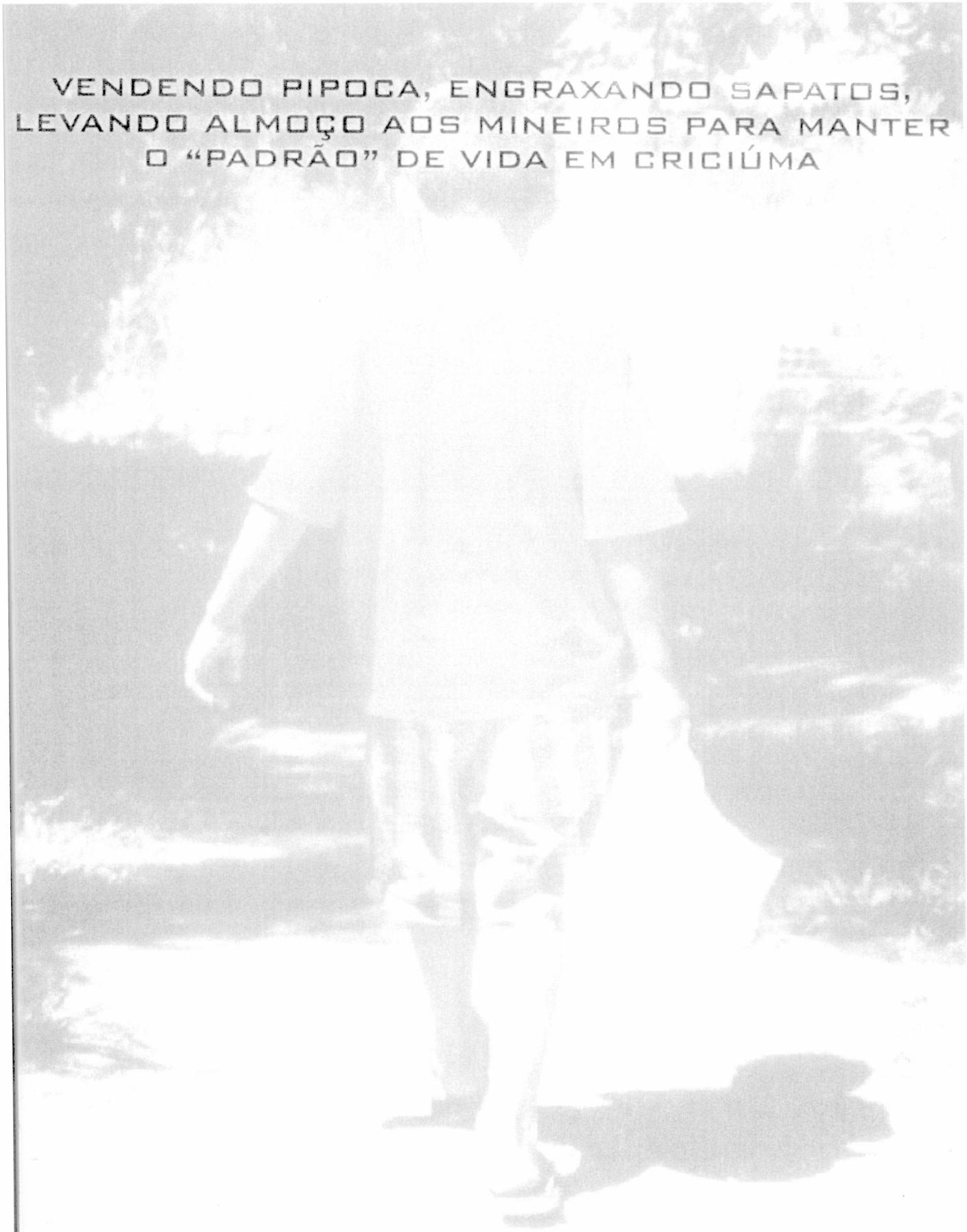


Foto: Seu David - 2001

O lugar onde consegue fazer uma interação mais fluentemente é a oficina. Tanto no desenho como na seqüência de fotos a oficina vem em primeiro lugar. Nunca nos convidou para entrar em casa. Nas vezes em que fomos visitá-lo sempre nos recebeu na oficina que, como já foi dito, tem uma cama de casal e uma mesinha com caneca e copos.

Dessa forma, Seu David ainda não se apropriou do bairro. Desapropriou-se do rural e ainda não se apropriou do espaço urbano. Está em processo de apropriação. O comportamento de dar voltas ao redor do bairro é um indicativo disso. O seu referencial simbólico e de fruição poética é a igreja.

VENDENDO PIPOCA, ENGRAXANDO SAPATOS, LEVANDO ALMOÇO AOS MINEIROS PARA MANTER O "PADRÃO" DE VIDA EM CRICIÚMA



"A GENTE VAI VIVENDO CONFORME O PADRÃO... QUANDO ERA MOCINHO CARREGAVA AQUELAS MARMITAS DE COMIDA PARA OS MINEIROS. EU CARREGAVA E ATÉ TINHA UM APELIDO: BÓIA-FRIA".

(PATRICIO)

TO: SÉRGIO HONORATO - 2001

8.3 Vendendo pipoca, engraxando sapatos, levando almoço aos mineiros para manter o "padrão" de vida em Criciúma

Começa o relato falando da data de seu nascimento, 24 de dezembro de 1958, em Criciúma, no bairro Mina do Toco. Nasceu e criou-se em Criciúma. Filho de mineiro, o primeiro de 17 irmãos. Refere ter se criado numa época boa e ruim. Boa no sentido de que apesar da pobreza e do trabalho infantil a que foi submetido desde a mais tenra idade, a família foi sempre muito unida; ruim no sentido de que a vida lhe foi muito dura, com muitas privações. Foi uma criança sem infância, como os demais dos entrevistados, percorreu um caminho de várias paradas, morando em vários lugares, inúmeros bairros de Criciúma. Uma vez morou em outra cidade; Tubarão.

Acha normal, na sua época, uma criança trabalhar. Uma normalidade que poderá ser traduzida numa naturalidade quase ingênua. "É, pobre precisa".[35] O normal é trabalhar. A isso ele chama de padrão. O padrão da criança pobre é trabalhar, "não se desviar do bom caminho", não roubar, nem se entregar às drogas. Nesse padrão está implícito um código moral, baseado na pressão de sua religião, sobretudo. Isso nos remete a Baró (1989), quando fala da internalização da dependência. O oprimido internaliza e incorpora, no seu modo de agir os valores e a conduta do opressor.

Essa conformidade com o papel de pobre e esse "quase orgulho" em "ser direito", cumprir as normas de quem tem o poder fazem-nos pensar no conceito de homens dirigidos por outros de Dahrendorf (1981). Seu Patrício construiu um padrão moral/social tipo, **ser pobre, mas ser honesto**, não matar, não roubar."A gente vai vivendo a vida conforme o padrão, aquilo que a gente está acostumado".

Não trabalhar fereria esse código moral. "Por mais pobre que a gente seja, se ele disser que passa fome ele tá, ele não tá querendo nem botar a mão numa enxada pra carpi quintal né".

---

[35] Seu Patrício, morador do Bairro Renascer/Mina Quatro. Entrevista em 7 fev. 2001.

Seu Patrício estabeleceu um padrão de vida. O padrão de vida de pobre já referenciado por Gans (apud Damergian, 2001).

O descontentamento criativo e a insatisfação construtiva que, na visão de Sen (2000), são elementos constitutivos da liberdade e fatores altamente positivos para o processo de desenvolvimento não são experimentados por Patrício. O descontentamento pode se dar pela via de organização popular e constituir diferentes formas de resistência. A insatisfação construtiva é o inconformismo a injustiça, com a miséria e com a desigualdade.

A resistência de Seu Patrício à miséria e ao infortúnio se dá sob outra forma. Ele refugia-se na sua igreja evangélica. A vida lhe ensinou a obedecer e a se conformar. "Tudo está nos desígnios de Deus".

Essa alienação traz ao sujeito prejuízos, no sentido de sentir-se impotente, imobilizado e dependente, ou seja, sempre esperando que alguém venha resolver os problemas da comunidade, fazer favores a esta. Essa alienação, por outro lado, dificulta o processo de apropriação, pois o homem alienado é embotado em sua criatividade: tem sua liberdade limitada.

As condições de desamparo nas quais vivem os pobres, na perspectiva de Damergian (2001), são opostas a tudo o que é necessário para a construção da subjetividade integrada, saudável.

A privação à falta de oportunidades serve para aumentar a violência. O sofrimento afasta o sujeito de sua verdadeira humanidade (Damergian, 2001).

Seu Patrício refere-se à família, na qual foi criado, como uma família boa, bem criada, unida.

Na infância, trabalhou vendendo pipocas, engraxando sapatos e, quando era mocinho, levava marmitas com o almoço dos mineiros que entregava na boca da mina. "As lembranças são boas, quando eu era mocinho carregava aquelas marmitas de comida para os mineiros né. Eu carregava até inclusive tenho um apelido, é bóia fria, eles me conhecem por bóia fria, porque eu fazia carretilha de tampa de leite ninho e levava o almoço para os mineiros".

Morou em 12 bairros de Criciúma. todos de periferia, até chegar ao Renascer/Mina Quatro, onde vive há 11 anos. Renascer para ele representa mudança de vida "uma mudança nova, uma nova vida".

Fala de toda a discriminação sofrida por ser morador do Mina Quatro, hoje Renascer. "Quando a gente chegava numa empresa e falavam assim: mora aonde? Mina Quatro? Então ninguém dava emprego. Já quando dizia: no Renascer? Ah! Tá então tem serviço".

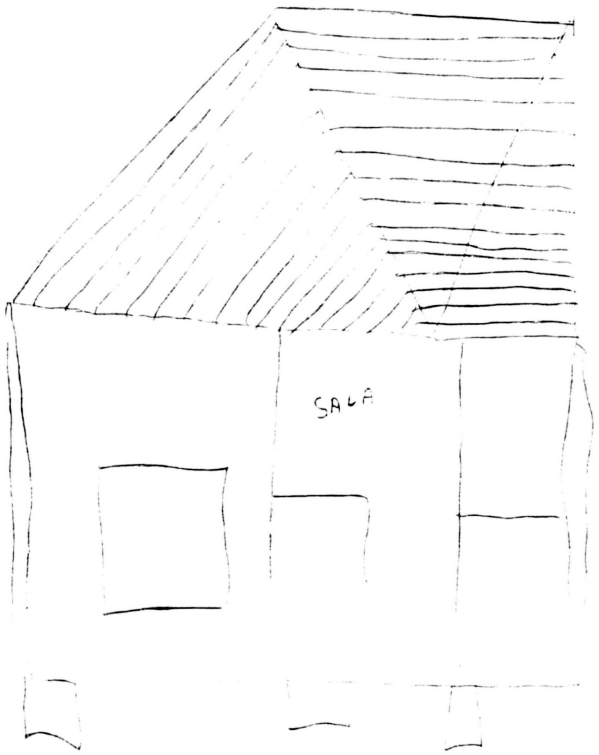
É otimista quanto a situação do bairro e justifica a discriminação. "É porque Mina Quatro foi o começo do bairro né; muitos problemas, muito assalto, muita morte, mais agora graças aí já ta humanizado o pessoal já ta mais humano".

Os lugares especiais do bairro, para ele, são os coletivos como a creche, o campo de futebol e áreas verdes que diz lá existirem.

FIGURA 34 – Desenho do bairro, feito por Seu Patrício - 2001



FIGURA 35 – Desenho da casa. feito por Seu Patrício - 2001



"E também tem lazer que eu gosto muito que é a minha igreja evangélica, Assembléia de Deus". Lá passa todo os finais de semana, lendo a bíblia e cantando com os "irmãos".

Expressa o sentimento de pertencer ao bairro e, quando sai dele fica feliz ao voltar.

De Criciúma, gosta dos pontos históricos e cita a Praça do Congresso, que conheceu "quando Criciúma era só mato". "Gosto de sentar ali, às vezes quando vou no centro no culto evangélico me sento lá e fico apreciando a natureza né, o verde, a vida".

Sua poética é voltada para a Praça do Congresso. É ali que ele gosta de ficar e se reconfortar nos finais de semana. Ali encontra paz, tranqüilidade, beleza. "Eu gosto de estar ali na Praça do Congresso porque ali a gente descansa, fica lá no cantinho sozinho refletindo né, se preparando para o novo começo de semana e isto é muito bom".

Mas também cita outros lugares importantes para descansar, para lazer em Criciúma, como a avenida Getúlio Vargas e a rua Seis de Janeiro. Porém, põe uma ressalva. Diz que ali tem más companhias. Gosta mesmo é da Praça do Congresso.

"Tem outros lugares importantes né, que a gente né... mas, para descansar para lazer é ali. Já no Jardim central que é ali na Seis de Janeiro, ou na Getúlio Vargas ali já é difícil de ficar, eu já não gosto muito de ficar naquele ambiente ali por causa das más companhias".

Refere-se ao bom relacionamento com os vizinhos

Suas lembranças estão voltadas à Mina do Toco, bairro onde nasceu e teve momentos poéticos, como os dos tempos de menino carregando almoço para os mineiros que o esperavam na boca da mina. Nos caminhos que os levavam às minas encontrava um "tempinho" para brincar, principalmente, na volta.

Eram 17 irmãos e só seis se criaram. "Somos em seis, morreu 11 irmãos, todos crianças de dois a cinco anos".

Além de trabalhar, ainda tinha de cuidar dos irmãos mais novos. "Então quer dizer, sempre ajudando a criar os irmãos porque naquela época os mais velhos, eram os que sofriam mais, né. A gente é que apanhava pelo mais novo, porque não tinha tomado conta".

A alimentação sempre foi deficiente porque não podiam comprar leite. "Aquele pirão d'água, aquele é o mingau de pirão d'água né, água, farinha e açúcar, fazia aquele pirão e a gente ficava barrigudo, achava que tava engordando...".

Não havia água tratada na época em que se refere ter vivido. As vilas operárias de Criciúma eram precárias, carentes de saneamento básico, de água tratada e alimentação.

As regiões de mineração sempre foram carentes de comida. Segundo Carola (1997), não havia uma rede de abastecimento eficiente, nem um cinturão verde perto da cidade porque as terras férteis foram mortas pela exploração do carvão. Então a mortalidade infantil atingia índices alarmantes.

Foi morar no bairro por indicação de uma cunhada. Dos bairros que morou em Criciúma, além do bairro Mina do Toco, é do bairro São Luiz que tem as melhores lembranças.

Se não morasse em Criciúma, gostaria de morar na cidade de Tubarão (61 Km de Criciúma).

O menino que brincava de "bolinha de gude", armava arapuca para caçar passarinho quando lhe sobrava tempo para brincar e carregava almoço para os mineiros em sua carretilha, tinha um sonho: queria ser médico.

> É, não se realizou não, não se realizou meu sonho de criança, era estudar para ser médico. Mas não deu, esse era o meu maior sonho, estudar para ser médico né. Era estudar, para ser médico, cuidar de vidas humanas. Mas, através daquela irmandade como eu já frisei alguns segundos atrás, a gente teve que sair do estudo para trabalhar para criar os outros irmãos que eram muitos, aí então não deu para estudar. [36]

Seu Patrício diz isso com tristeza e desânimo como se já estivesse acometido daquilo que Rivière (1983) chama de "neurose do fracasso".

Desde criança, viu os irmãos morrerem de fome. "Era uma família grande, nós éramos em 17 irmãos. Passamos grande necessidade, alguns não agüentaram".

---

[36] Seu Patrício, morador do bairro Renascer/Mina Quatro. Entrevista em 7 fev. 2001.

> Na época, a gente, meu pai, trabalhava na mina, né. Meu pai aposentado da mina, trabalhava na mina, então naquela época mineiro que trabalhasse na mina ele sempre tinha um, ele sempre tinha um ganhozinho bom, né, porque tirava e as coisas eram mais fácil né. E a gente que era mais velho ajudou muito, muito, vendia muita coisa: pé de moleque, fazia uma coisa, fazia outra. Então quer dizer, sempre ajudando a criar os irmãos porque naquela época os mais velhos eram os que sofriam mais né. A gente é que apanhava pelo mais novo porque o mais novo ia lá aprontava e a gente apanhava, porque não tinha tomado conta. Fomos até o pai se aposentar, depois que o pai se aposentou, ele se aposentou com um salário muito baixo, aí a gente veio aqui para cidade, ali para a Mina do Mato, e ali começamos a passar uma vida de necessidades. De certo por causa da necessidade que alguns irmãos nem agüentaram por causa da disnutrição né. Mas, os que agüentaram estão por aí. [37]

Criado nesse cenário de terror, nem percebia que, além da falta de comida, também não havia água potável disponível. A grande mortalidade infantil na região carbonífera ocorria pela desnutrição, pela falta de água e saneamento básico. "As águas que tinham era da vertente. Água de poço, naquela época, tinha pouco encanamento então a gente pegava água da bica que eram águas cristalinas, puras".

"Renascer representa uma mudança de bairro, uma vida nova, porque Mina Quatro, há 11 anos atrás era um bairro muito mal afamado, um bairro de muito perigo mesmo. Era perigoso há 10 anos atrás. Mas agora, graças a Deus, a gente acha que dá para tapar um pouco aquele emblema daquelas pessoas perigosas que tinha por aí...".

A fala de Seu Patrício nos remete a Sen (2000), quando nos diz em liberdade e fundamentos da justiça que as liberdades substantivas permitiriam às pessoas fazerem coisas, que elas têm razão para prezar, e, na sua liberdade para levar o tipo de vida que valorizam.

O processo de desenvolvimento, para Sen (2000), é visto como expressão de liberdades substantivas e a sociedade constituída por uma variedade de instituições que sustentariam ao mesmo tempo o desenvolvimento e as liberdades individuais.

---

[37] Seu Patrício, morador do bairro Renascer/Mina Quatro. Entrevista em 7 fev. 2001.

Participa da vida social do bairro. Freqüenta todos os espaços de sociabilidade, creche, onde estão seus filhos, vai à sua igreja, ao campo de futebol. Participa da associação de moradores, luta para melhorar a imagem do bairro. Refere-se a um bom relacionamento com os vizinhos. Gosta de ajudar os outros. No dia em que houve uma enchente no bairro, ele, que mora em um terreno mais alto, socorreu seus vizinhos, retirou as crianças que haviam caído no riacho. Estava revoltado com o "presidente do bairro" (é assim que as pessoas se referem ao presidente da associação de moradores), porque não tinha aparecido no bairro do dia da enxurrada que deixou muitas famílias desabrigadas.

Meio ambiente, para ele, é a "preservação de todo o mundo". Para ele, natureza é o que Deus criou. Tem uma fruição poética com a natureza. "Mas tem coisa melhor do que preservar a natureza? Plantar um pé de coqueiro, um pé de mamão, uma qualquer coisa. Sentar na varanda assim e ficar olhando né o que é a criação de Deus. Aí a gente passa a refletir e talvez buscar até mais humildade porque, se a planta cresce humilde, a gente pode crescer também".

Espaço para ele é o espaço físico. "No meu tempo quando eu era criança até falo para os meus filhos, tinha muito espaço há muitos anos atrás porque eles preservavam muito os verdes, preservavam muito o espaço".

Seu Patrício estava em processo de apropriação do bairro, mas seis meses depois da entrevista mudou-se para outra cidade. Foi morar em Araranguá, vizinha de Criciúma.

IDENTIFICANDO LUGARES PELOS ODORES: PERFUME DAS MACIEIRAS EM SÃO JOAQUIM; CHEIRO DE ENXOFRE EM CRICIÚMA



"...ME LEMBRO DAQUELES POMAR DE MAÇÃ.
AS MACIERA CHEINHA DE FLOR
AQUELE PERFUME... NAQUELE CAMPO LINDO,
AQUI SINTO O CHEIRO DO
ENXOFRE E O CHEIRO DA BANANA FRITA".
(OLGA)

FOTO: VITOR NAKABA - 1997

8.4 Identificando lugares pelos odores: perfume das macieiras em São Joaquim; cheiro de enxofre em Criciúma

O conceito de paisagem, em psicologia, difere daqueles utilizados na geografia e na arquitetura. A noção de paisagem, em Psicologia, refere-se a organização de imagens no mundo interno. Isso remete ao processo de apropriação que pressupõe uma relação dialética do sujeito e o mundo físico, psicossocial e cultural.

Dona Olga, 77 anos, nasceu em São Joaquim, no planalto serrano. No seu imaginário, estão muito presente as paisagens da natureza, os extensos pinheirais, os pomares de macieiras. Também cenas de sua infância como a derrubada da pinha que se debulha no chão e as rodas de conversas na cozinha de chão batido.

Os serranos, assim chamados os moradores da região serrana de Santa Catarina tinham duas cozinhas. Uma era de chão batido, para acender o fogo de chão de inverno. Em volta do fogo as pessoas se reuniam para fazer a sapecada (pinhão assado na brasa), que, acompanhado do leite quente aquecia e embalava as famílias nas noites de inverno. Tinha muita prosa e, às vezes, uma "sanfona" ajudava a alegrar a noite. A outra cozinha era para uso diário.

Dona Olga é filha de sitiante (dono de sítio) e criou-se com muita "fartura". Diz que serrano é um povo hospitaleiro. "Você chega na casa de um serrano e logo já vem cafezinho, é diferente daqui".

Lembra dos passeios pela enstância (sítio), o cheiro da madeira (pinheiro), das flores das macieiras, do charque assado e socado para fazer a "paçoca de carne", que era servida com salada de pepino colhido na hora, no quintal de casa. "Me lembro daquele pomar de maçã. As macieira cheinha de flor. Aquele perfume... naquele campo lindo. Aqui sinto o cheiro do enxofre e da banana frita".[38]

---

[38] Dona Olga, moradora do bairro Renascer/Mina Quatro. Entrevista em 12 jan. 2001.

O fogão à lenha, presente em toda casa de serrano, traz-lhe o cheiro do pão assado e sendo cortado ainda fumegante, derretendo a manteiga que se colocava nas fatias junto aos doces de jila, marmelada e de maçã.

Essas cenas que povoam o imaginário de Dona Olga, fazem parte dessa paisagem serrana descrita como um paraíso por Gonçalves (1995).

"[...] hospedava-me, em uma fazenda muito bonita, alimentação farta, as macieiras em flor na primavera, o cheiro da terra molhada, o perfume das flores nas longas cavalgadas nos finais de tarde [...]" (Gonçalves, 1989, p. 143).

"As fragrâncias e os perfumes podem constituir um mundo?" Pergunta Tuan (1983). Os sentidos permitem aos seres humanos sentimentos intensos pelos espaços e pelas qualidades espaciais. O espaço é experienciado (Tuan, 1983). No espaço o corpo é espraiado, ele se move, dá direção. É também onde os sentidos formam e dão a sinestesia (percepção entre a visão, o tato e o olfato).

Dona Olga identifica o cheiro do espaço serrano pelo perfume das flores, pelo cheiro de comida pelas cantigas ao redor do fogo. Sente o frio na pele. Em Criciúma, sente sua pele pegajosa, porque está sempre suando.

São Joaquim está a 1446 metros acima do nível do mar e Criciúma está exatamente no litoral a 20 km do mar. O clima, as paisagens geográficas, arquitetônicas e culturais são bem diferentes. Ela diferencia esses dois espaços pelos sentidos, principalmente pelo olfato.

O paladar, o olfato, a sensibilidade da pele, a audição não podem individualmente (nem talvez juntos) tornar-nos cientes de um mundo exterior habitado por objetos, diz Tuan (1983). No entanto, em combinação com as faculdades "espacializantes" da visão e do tato, esses sentidos, essencialmente, são distanciadores, pois enriquecem muito nossa apreensão do caráter espacial e geométrico do mundo.

O espaço litorâneo de Criciúma é identificado pelo cheiro de banana frita, das flores de laranjeiras, principalmente pelo cheiro do enxofre, presentes nos rejeitos de carvão. Traz a poesia no seu coração de serrana. O fogão à lenha foi reproduzido em sua casa, no Renascer/Mina Quatro, embora o clima aqui seja

muito quente. Seu jeito de falar. seu sotaque é serrano. Não usa o pronome "tu" característica da fala catarinense. Usa sempre a terceira pessoa do singular, como os serranos, ou seja, "você".

O corpo sofrido de Dona Olga, seu olhar opaco, a expressão dura de seu rosto se transformam quando olha com carinho o banquinho verde onde seu pai sentava há 40 anos, na cozinha de chão batido da casa serrana. Os sulcos de seu rosto se suavizam, seu olhar brilha, seus gestos se tornam mais leves no momento que traz à memória sua vida na serra. Esse é um momento poético que dona Olga vivencia. A poética se expressa também no corpo. Este transcende as determinações históricas e sociais.

FIGURA 36 – Lembrança de São Joaquim, em sua casa de Criciúma

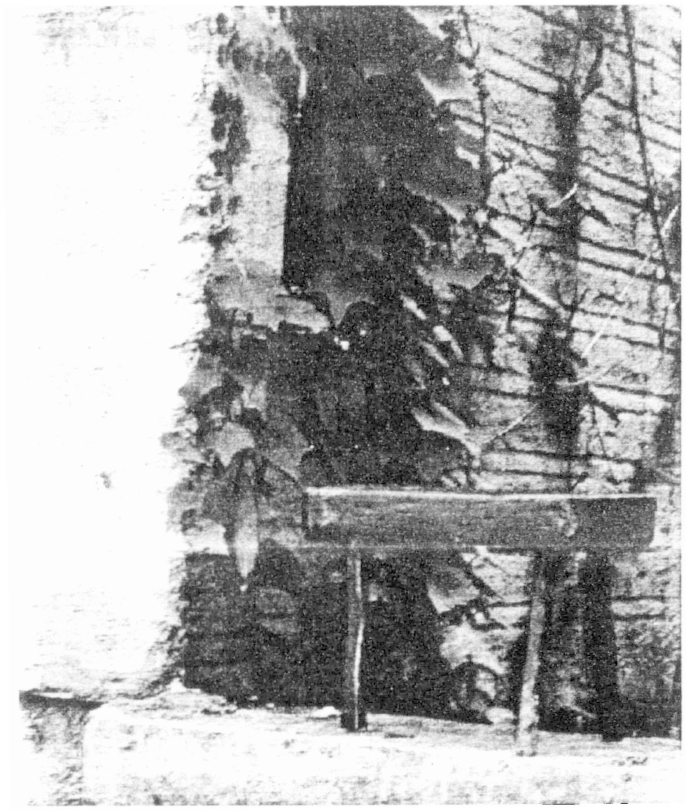


Foto: Teresinha M. Gonçalves - 2001

Dona Olga é uma mulher de origem rural, da região serrana de Santa Catarina (cidade de São Joaquim). Vivenciou todo o processo de instalação da Mina Quatro. É a mais antiga moradora que contatamos. Mora no bairro há mais de 20 anos.

A instalação de mina representou, para ela, uma época de fartura, onde ganhou muito dinheiro, vendendo a lenha que era retirada da mata para o minerador fazer o "terreiro" local onde eram colocados os rejeitos de carvão, retirados do interior da mina. Como nas minas de carvão na França, descritas por Zola (1987), em Germinal, o poço da Mina Quatro descia em linha vertical e lá no fundo se ramificava em túneis de onde era retirado o carvão.

Dona Olga, desde que chegou no bairro, sempre esteve imersa numa paisagem natural, numa região litorânea de mata atlântica, onde o viço das plantas saltava aos olhos e tinha abundância de água nas encostas e nos riachos. No bairro, construiu "uma morada" constituída de vários terrenos onde planta e cria gado. Levava uma vida rural.

"[...] tinha mato, calipo, grama, era tudo mata pura, eu e meu marido ganhemo muito dinheiro aqui nesse lugar né, bá! Cortando lenha e uns caminhão pegava né, nóis vendia".

Com a instalação da mina, as águas sumiram tanto pela poluição quanto pelo rebaixamento do lençol freático. Então, para ela era penoso morar num lugar sem infra-estrutura.

> É sobre o bairro aqui agora tá bom, já foi ruim porque no começo deu muito bem assim, não tinha água, nóis não tinha luz, eu caminhava meia hora pra trazê um barde d'água, depois os meus filho, fizero uma caixa né, então foi foi miorando, mas eu morei o quê? Uns dois ou três anos sem luz, sem água, sem água, pegando água do caminhão e eu carregava de lá. É uma distância de meia hora.[39]

Dá para imaginar o quanto é sofrido andar meia hora carregando água nas costas. Com a caixa d'água, feita pelos filhos, a água ficou mais próxima. O caminhão-pipa da Companhia Carbonífera enchia a caixa d'água. Uma outra opção era pegar água do trem que servia a mina. O trem trazia um vagão cheio de latões de água. "É, tinha uns latão, ele tinha uns latão de água boa né, água boa, água boa mesmo, então eles davo, porque eles sabia que nóis sofria muito por causa da água né, então dava sempre. O trem carregava aqui, a mina era aqui. Ele parava bastante duas a três horas".

---

[39] Dona Olga, moradora do bairro Renascer/Mina Quatro. Entrevista em 12 jan. 2001.

De bom, nessa época, foi o dinheiro que ganhou com a venda de lenha que era retirada da mata para fazer as clareiras que serviram de depósito de rejeitos de carvão. Ela e sua família desmatavam para o minerador. Ganhavam a lenha e vendiam.

> Lenha de calipo, lenha de mato mesmo né, lenha de mato também era tudo mato. Calipo só em pé longe era tudo mato, então aqui eu sofri muito, sofri com a água, energia qui não tinha, mas foi um lugar muito bom de si ganhar dinheiro. Aqui por acaso que daí a mina queria bota pirita, então eles dero o mato pra nóis tira a lenha pra vendê. Então ganhei bastante dinheiro.[40]

São Joaquim fica a uns 130 Km de Criciúma. É o lugar mais frio do Brasil. Fica num planalto e, para chegar a Criciúma, há que se descer uma serra de 1446 metros de altitude. A cultura serrana, os costumes, as vestimentas, os hábitos são bem diferentes da região litorânea onde fica Criciúma.

A poética que Dona Olga faz é com a serra. Até ó frio serrano para ela é gostoso. O fogão à lenha e as pessoas se aquecendo ao redor, o pinhão assado na brasa, o leite abundante tirado das vacas de manhã cedo, os pomares de maçã são objetos poéticos de uma paisagem totalmente diferente da que Dona Olga vivencia no bairro Renascer/Mina Quatro, em Criciúma. O processo de significação é um exercício de introjetar coisas e objetos do mundo externo.

No bairro, onde tenta reproduzir uma vida rural, seu terreno é grande e nele cria vaca de leite. Tem quintal, uma pequena roça, galinheiro e um fogão à lenha. Se o mundo interno do sujeito é a construção de si através do interjogo dialético homem x mundo (Rivière, 1977) onde o sujeito capta os conteúdos sociais com os quais se identifica, recria-os dentro de si e os materializa no mundo externo, Dona Olga fez a sua síntese poética com essa paisagem serrana introjetada no seu mundo interno e tenta recriá-la em sua casa em Criciúma.

O fogão à lenha de Dona Olga, no bairro Renascer/Mina Quatro é um objeto poético. Evoca lembranças que traduzem as expressões dessa cultura original de sua família serrana.

---

[40] Dona Olga, moradora do bairro Renascer/Mina Quatro. Entrevista em 12 jan. 2001.

Fala do pai com muito carinho. Das viagens do pai quando descia a serra e vinha para o litoral e levava produtos, coisas que não tem na região serrana.

FIGURA 37 – Fogão à lenha, objeto poético na cozinha de Dona Olga

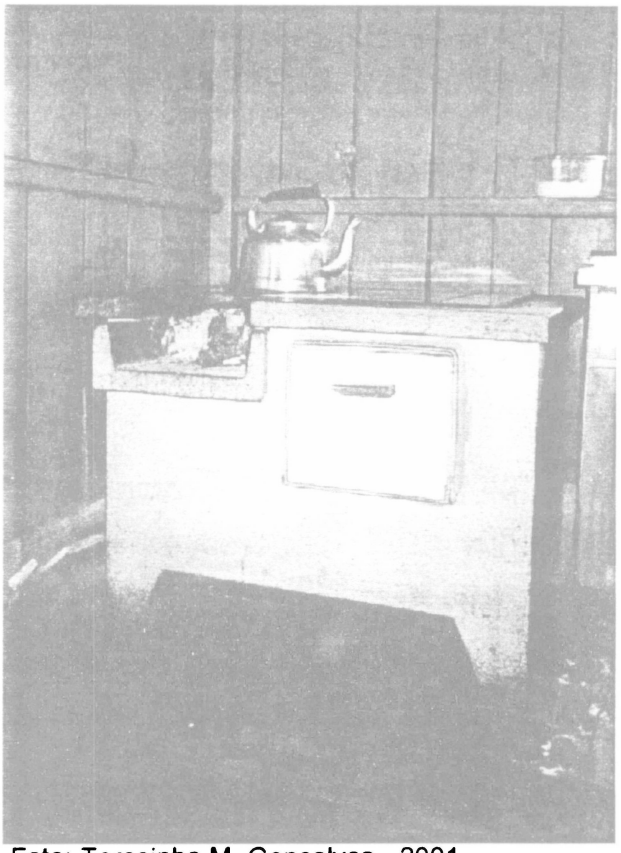


Foto: Teresinha M. Gonçalves - 2001

"[...] me lembro como estou lhe falando do meu pai que vinha pra baixo, assim era tão bom quando chegava. Nóis avançava nas laranja, banana que nóis nem conhecia um pé de bananeira né, então nóis levava aquilo, nóis gostava que nossa".

Do pai lembra com carinho. Refere-se à mãe como muito brava. Desde criança sonhava em se casar, ter filhos, formar uma família. Diz que o momento de maior felicidade que experimentou foi o dia de seu casamento.

"É, graça a Deus minha família são muito, uma família muito, tudo trabalhando, tudo honesto, não tem nem um maconheiro, nem um viciado, nada, só trabaio".

Sobre a natureza assim se expressou: "natureza para mim é aquele homem que não desmatô, ainda é a natureza, aí pra fora, como a gente vê na

televisão, do mato, aquele matão tudo pra lá, aquilo lá é a natureza que Deus deixo, né".

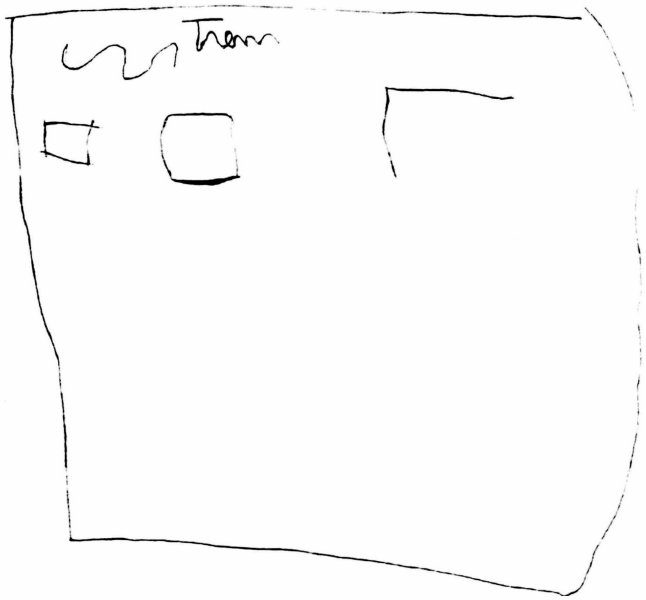
Sobre o espaço assim se referiu: "Espaço? Espaço que eu entendo, o que é ter um espaço né, uma casa espaçosa, grande, não sei se isso é espaço, os campos de São Joaquim, o pomar de maça".

Em Psicologia Ambiental quando se fala de espaço, de entorno e de lugar, é uma forma de se referir ao meio ambiente que discorre sobre a vida cotidiana das pessoas. Essa interação pessoa-meio ambiente é inevitável dado que é no meio físico circulante que se assentam os espaços culturais onde o sujeito vive e constrói a sua subjetividade.

Para Dona Olga seria inimaginável morar no bairro Renascer/Mina Quatro, sem um terreno grande onde pudesse recriar de certa forma, uma cultura rural. Daí a dificuldade de se apropriar do bairro enquanto espaço urbano.

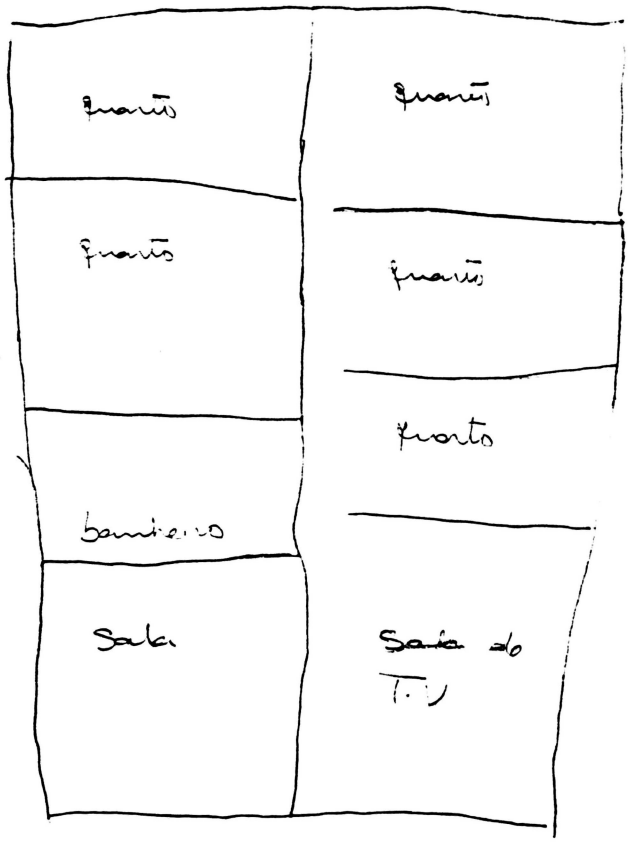
No desenho, apropriou-se dos lugares funcionais do bairro: linha do trem, mercado, ponto de ônibus.

FIGURA 38 – Desenho do bairro, feito por Dona Olga - 2001



Em sua casa ampla, de três quartos, tem três espaços coletivos onde a família se reúne: a sala de TV, a sala de estar e a cozinha, que é a maior peça da casa.

FIGURA 39 – Desenho da casa, feito por Dona Olga - 2001



A relação que estabelece no bairro é mais estreita com seus parentes, sua família. É muito mais ligada a casa e ao entorno, o quintal, o "potreiro"[41], os animais, as plantas.

Muito raramente sai de casa, a não ser quando precisa fazer compras ou visitar os filhos. Vai pouco a Criciúma. De Criciúma diz que conhece o Jardim, a Praça Nereu Ramos e a Praça do Congresso.

Cidade para ela é onde tem prefeitura. Diz que o bairro Renascer/Mina Quatro não é cidade porque é um lugar pequeno e não tem prefeitura.

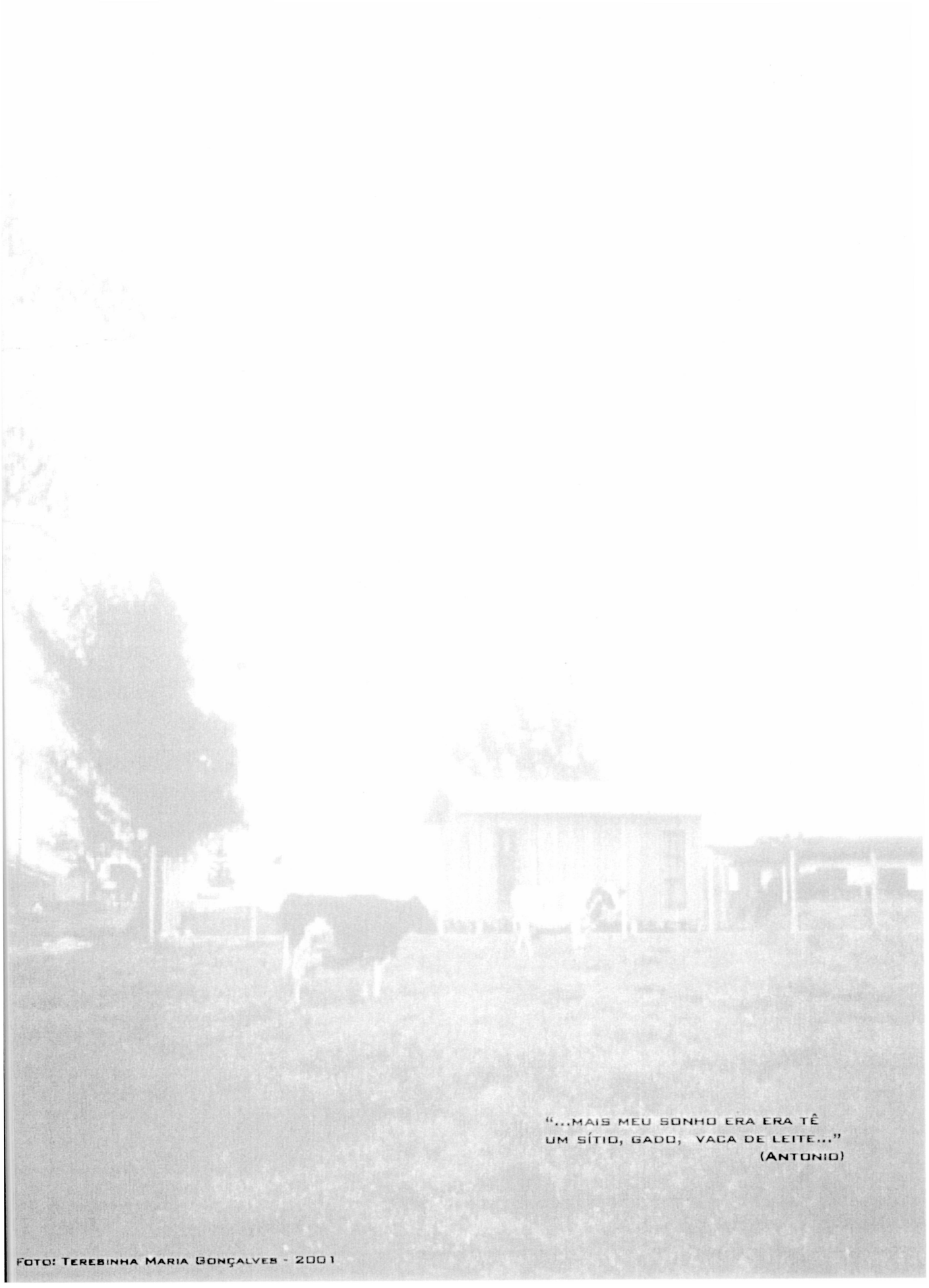
Dona Olga não se apropriou do bairro Renascer/Mina Quatro. O processo de apropriação do espaço foi efetivado no modo de morar, na casa onde habita,

---

[41] Potreiro: espaço de pastagem, cercado, onde ficam os animais, geralmente, bois e cavalos.

ou seja, não apenas se localiza na casa nem a vê como um simples abrigo. Recria, nela, os conteúdos simbólicos e culturais através de objetos e pessoas com as quais se relaciona (sua família e seus parentes) e que alimentam sua poética.

TRAZENDO PARA O BAIRRO O SONHO DE UMA VIDA RURAL



"...MAIS MEU SONHO ERA ERA TÊ
UM SÍTIO, GADO, VACA DE LEITE..."
(ANTONIO)

FOTO: TEREBINHA MARIA GONÇALVES - 2001

8.5 Trazendo para o bairro o sonho de uma vida rural

Seu Antônio mora há 18 anos no Bairro Renascer/Mina Quatro, antes morou nas cidades de Urussanga (16 anos) e na cidade de Tubarão.

Hoje mora e trabalha no bairro. É vizinho de Dona Olga de quem é cunhado, mas não se dão, pois tiveram uma desavença familiar.

Seu relato é objetivo, sempre elogiando o bairro e fazendo comparações com o que é hoje e como era antes.

> Moro aqui. Pra mim não tem lugar melhor. E vou continuar porque localizado aqui, a casa é minha e vou ficando aqui. Não tenho nada a reclamar do bairro.
> Prefeito aí pra mim esse tempo todo foi bom porque aqui era lixão aqui na Mina Quatro. Era só mato quando eu vim pra cá. Hoje está quase igual a cidade de Criciúma, tem posto de saúde, tem a creche, tem esse ônibus que leva as crianças lá para Scan. Pra mim tá bom. Sempre tem alguém, algum pessoal que reclama aí eu não sei como é que eles reclamam porque eu aqui pra mim vivo bem nesse lugar. A Scan é o ônibus que pega as crianças e leva lá pro Pinheirinho. Leva o ônibus lá pro Pinheirinho, pra Scan né. É uma Escola. Todo dia eles vêm buscar de ônibus. Então leva o ônibus e leva as crianças pra lá. Um bairro que é novo ta bom né. Não tinha nada e hoje tem bastante casa. O ônibus aqui direto, direto. Eu não tenho nada a reclamar aqui.[42]

Conta as obras e melhorias realizadas no bairro, demonstrando ter uma identificação funcional com o mesmo. Reconhece-se como um de seus moradores.

Sente-se bem no bairro onde tem uma casa de madeira ampla, num terreno grande, onde cria gado, planta e, à noite é vigia em uma fábrica perto de sua casa. Está no segundo casamento e sente-se feliz.

"Moro junto com uma mulhé muito bacana. Também criei um filho meu desde mocinho aí, me viro".

Demonstrou gratidão com os políticos que trouxeram melhorias para o bairro, numa conduta de homem dirigido por outros, na perspectiva de Dahrendorf (1981), e internalização da dependência na perspectiva de Baró (1989).

"Aqui não tinha energia, conseguimos energia aqui nesse loteamento, água tudo. Foi tudo eu e o meu ex-sogro aqui que conseguimos esse lotemento. Faz muito anos né, então a gente vai se virando. Então foi Dona Dizelda que deu, a vereadora, a energia pra nóis aí".

Dahrendorf (1981), discute a democracia sem liberdade. Uma sociedade que se diz livre e tem homens dirigidos por outros na realidade não é livre. Não tem liberdade substantiva na perspectiva, de Sen (2000). O indivíduo, dirigido por outros, acomoda-se a todos os critérios vigentes. Desse ponto de vista prefere seguir que conduzir, desde que fazendo parte da massa, possa obter o reconhecimento de seus semelhantes.

Para Seu Antônio o que lhe importa de imediato é a sua situação pessoal. Reclama dos catadores de papel que moram no bairro e deixam cavalos soltos.

"[...] que a prefeitura mandasse tirá esse cavalada daí. É que eles sortam. É porque eles tem um cavalinho, o outro tem outro, podiam amarrá, achá um cantinho. Tem muita estrebaria por aí dentro da vila que não dá".

No decorrer do discurso, porém, muda a direção da crítica e reconhece que a situação não está boa para todo mundo. Só para alguns.

> Também muito bom não tá porque eles têm que catá papei deles, porque se não faz o que nesta crise de serviço que taí. E tem gente aí que eu tinha as veiz algum servicinho. Assim eles trabalhava comigo ganhando até oito pila por dia e não tem nada. É ruim. Pra muito tá bom demais e pra outros as coisa tá ruim né. Porque não tem um creditozinho pra comprá um fiadinho, não tem nada pra vendê, então... tem gente aí que não tem onde gastá o dinheiro. Eu conheço muito amigo meu aí. Aqui tá ruim. A maioria é tudo assalariado.[43]

A ligação funcional com o bairro é bem clara.

"O lugar pra mim que é um pouquinho mais especial é ali na creche, posto de saúde, que eu vou buscar o meu menino é o lugar que eu mais me sirvo".

O lugar de que mais gosta no bairro é a sua casa. Preocupa-se com o desemprego e com as pessoas que estão desempregadas. Se não morasse no

---

[42] Seu Antônio, morador do bairro Renascer/Mina Quatro. Entrevista em 11 jan. 2001.

bairro Renascer/Mina Quatro, gostaria de morar no bairro Próspera que é "um lugar bem sossegado".

Acha a cidade de Criciúma bonita. Quando lhe sobra um "tempinho" vai até a Praça do Congresso, senta-se no banco da praça e fica lá olhando as crianças.

Do lugar que nasceu (Tubarão) tem a lembrança da fome que passava. Trabalhava na roça desde criança. Deixou a escola porque tinha de trabalhar. Brincar? Muito pouco. Só de vez em quando, com os primos nos intervalos do trabalho.

Tem uma ligação muito forte com a família. Muito ligado à mãe que o amamentou até os seis anos de idade.

Diz que nunca teve grandes sonhos porque, segundo ele, não adiantava sonhar e não conseguir.

"[...] eu desde a idade de nove anos eu sempre, tinha às vezes, umas criaçãozinha, alguma coisa. Eu nunca tive sonho de ter muita coisa não. Porque a gente não adianta sonhá e não consegui. Então a gente tem que ir levando conforme pode. Eu nunca tive sonho de ter coisa não. Mas meu sonho era tê um sítio, gado, vaca de leite".

A mãe foi em sua vida, a figura central. o ponto fixo, a valência positiva na perspectiva de Damergian (2001).

"A coisa que eu mais lembro é da minha mãe, porque eu não posso estar ao lado dela toda hora porque eu tô trabalhando aqui longe. Mais estou sempre junto com ela quando eu posso. Gosto muito da minha mãe e dos meus irmãos".

Vem de uma família de 13 irmãos.

Natureza para ele é: "A natureza é o mato, as coisa bonita, árvore, mato, é a coisa que eu mais gosto".

---

[43] Seu Antônio, morador do bairro Renascer/Mina Quatro. Entrevista em 11 jan. 2001.

"Cidade é uma coisa bem caprichada, limpa, bonita, um lugar pra... lugar bonito. Cada um cuidar do que é seu dentro de seus lotes, dentro da cidade, que cada um é dono e proprietário e a prefeitura caprichadar bem que é o dever deles e é cidade né. Coisa bonita, coisa rica".

Adora Criciúma, mas também gosta de Tubarão e Urussanga. Diz que são as três cidades que mais aprecia.

"Espaço é ser livre para andar, né. Vai aonde qué. Ninguém incomoda, eu acho que é isso aí".

A noção de espaço se funde com o de liberdade.

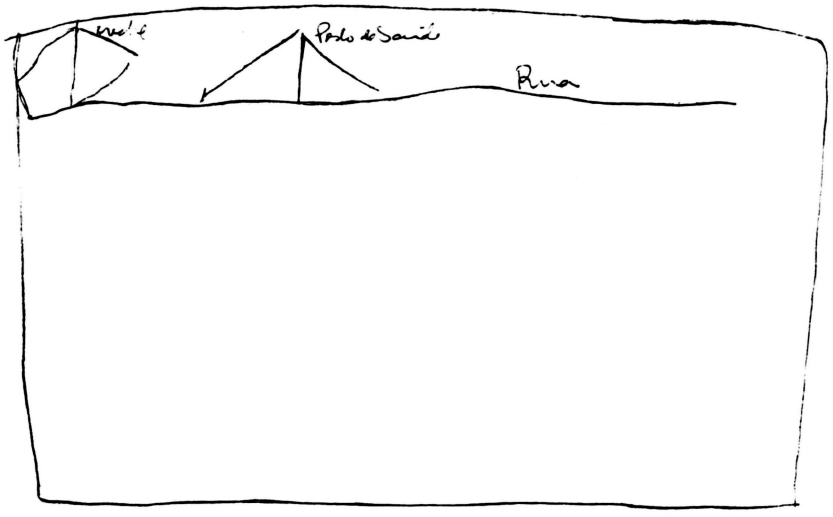
"Felicidade é ter dinheiro no borço, tá trabalhando pra vivê bem, vivê bem com a família e com os filho".

A noção de espaço para Seu Antônio está mais direcionada para o espaço físico, onde pode caminhar, "sentir-se livre" e, sobretudo, criar suas vacas e seus bois. Tem um terreno de aproximadamente um ha. Durante o dia cuida dos animais; à noite, é vigia numa fábrica perto de casa.

Reproduz, no meio urbano, os modos de morar de uma cultura rural. Sua casa lembra a casa de sítio, de madeira ampla com uma cabeça de boi enfeitando a porteira. Atrás de casa tem a estrebaria para os animais.

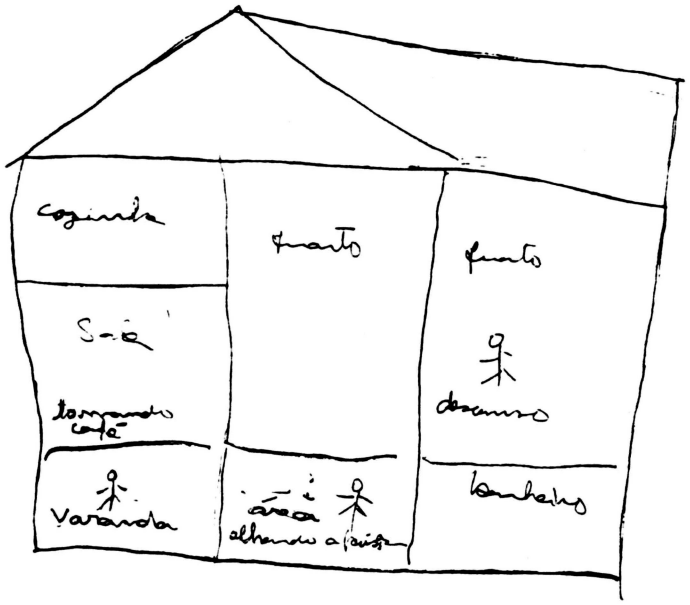
No desenho do bairro situa-se fora dos limites de sua propriedade. Nele colocou a creche e o posto de saúde. Estes representados por casa de cumieira, lembrando abrigo, proteção. São as duas instituições sociais do bairro que ele utiliza.

FIGURA 40 – Desenho do bairro, feito por Seu Antônio - 2001



No desenho da casa colocou-se dentro dela. Na "área" como é chamada a varanda, colocou-se olhando a paisagem, na sala colocou-se tomando café. Sua poética é com a casa e seu entorno, onde tem seu gado. Tem uma fruição poética com esse ambiente.

FIGURA 41 – Desenho da casa, feito por Seu Antônio - 2001



A cidade para ele é um lugar idealizado. Cidade sonhada como um espaço de lugares limpos, caprichados, mas cada um dentro de seu lote, cuidando de si.

Felicidade é ter liberdade substantiva, ou seja, "dinheiro no borço, tá trabalhando pra vivê bem".

Seu Antônio apropriou-se do bairro de forma funcional. Com a casa e seu entorno tem uma fruição poética.

UMA POÉTICA ALIMENTADA PELA FÉ NO BEM COMUM E PELAS LEMBRANÇAS DE MENINO: O SONHO DA BICICLETA



"...foi a vez quando meu irmão, que hoje é falecido, me deu uma bicicleta. Aquilo marcou bastante; ele chegou e disse: o que o pai não pode te dá, hoje eu vou te dá. E ele, me deu uma bicicleta".

(Roberto)

oto: Teresinha Maria Gonçalves - 2001

8.6 Uma poética alimentada pela fé no bem comum e pelas lembranças de menino: o sonho da bicicleta

Seu Roberto, morador do bairro Renascer/Mina Quatro, trabalhou como mineiro. Hoje trabalha por conta própria num barzinho que montou na sua casa. Mora no bairro há 16 anos. Têm consciência das necessidades sociais do bairro, principalmente as voltadas ao saneamento básico.

> Hoje é o bairro Renascer, antigamente era Mina Quatro, conhecido por Mina Quatro, né. Aqui a prioridade hoje, aqui, é a canalização do vaião que existe, que ali o esgoto corre a céu aberto. É, precisamos de pavimentação, porque vieram pra cá quando eles começaram a pavimentar a metade. Pavimentaram a metade, as parte mais de prioridade, ficou que é a entrada do colégio que eles sempre dizem que aqui eles queriam fazê um cartão de visita.[44]

Uma infra-estrutura urbana mínima até hoje é reivindicada. A história do bairro ainda está presente. De um terreno abandonado pelo minerador que, ao chegar encontrou um paraíso da Mata Atlântica e, ao sair, deixou uma paisagem lunar, formada por amontoados de rejeitos de carvão, cheio de fendas e crateras. Seu Roberto, como os demais moradores, quer se ver livre da pirita, do lodo negro que se mistura com o barro e fica rente ao meio fio, formando, nos dias de chuva, uma valeta. A pavimentação é muito desejada, para encobrir, sobretudo, esse lodo preto.

Seu Roberto experiencia o bairro, tenta apropriá-lo como seu lugar. A experiência é constituída de pensamento e sentimento (Tuan, 1983). O espaço interior, o intrapsíquico é afetado pelo mundo exterior. A produção da subjetividade passa pelas necessidades inerentes ao processo de interação do sujeito com o mundo.

O processo identificatório é dificultado por um cenário, marcado por contrastes violentos.

---

[44] Seu Roberto, morador do bairro Renascer/Mina Quatro. Entrevista em 5 jan. 2001.

No bairro Renascer/Mina Quatro até o contorno físico é violento. O bairro é cercado pelos montes de rejeitos, onde só os maricás e as samambaias se atrevem enfrentá-los. Com a umidade, o cheiro de ovo podre exala por todo o espaço do bairro.

Diferentemente das fragrâncias e perfumes sugeridos por Tuan (1983) e Fourier (1973), a estrutura espacial olfativa no Renascer/Mina Quatro, é muito desagradável e sugere sofrimento, sentimento de discriminação.

As políticas públicas urbanas, em relação à periferia, segundo Damergian (2001), nivelam por baixo as populações pobres, rebaixadas em sua subjetividade, como se não tivessem direito a nada melhor que o indispensável.

Apesar de constatar o descaso do poder público frente ao bairro, em Seu Roberto, o sentimento de pertença é revelado. Apesar de todos os problemas, defende o bairro.

> [...] a gente fica um pouco descontraído, porque, por exemplo, lá fora é só crítica a respeito do bairro né, porque o bairro, toda vida foi discriminado pela prefeitura. Então aonde a gente se sente porque não é aquilo que eles falam tudo lá fora. Porque aqui é um bairro bom de se morá, eu graças a Deus, eu aqui me sinto muito bem, né, não é crítica deles lá fora que vai me desfazê daqui do bairro Renascer.[45]

Nomina as principais ruas, tanto no discurso como no desenho. Valoriza os espaços sociais de convívio coletivo, como: escola, a creche, o posto de saúde e o campo de futebol. Sente que algo de seu está no bairro. Portanto, apropriou-se do espaço do bairro, de sua casa, do terreno, de seu bar, dos amigos.

O ser humano necessita marcar território. Precisa de referências estáveis que o ajude a orientar-se, mas também preservar sua identidade diante de si e dos demais.

"Como los animales que marcam instintivamente 'su' território com 'sus' excrementos, y si es preciso lo defiender com una conducta beligerante, el ser humano se apropria de 'su' espácio, y lo defiende" (Pol, s.d., p. 45).

---

[45] Seu Roberto, morador do bairro Renascer/Mina Quatro. Entrevista em 5 jan. 2001.

Identidade e pertença, privacidade e intimidade são sentimentos que constituem a chave da criação de um universo de significados que constituem a cultura do entorno do sujeito. Seu Roberto sente-se pertencente ao bairro. "Fincado" nele, defende-o.

O espaço não tem um sentido meramente funcional. Ele resume a vida e as experiências íntimas das pessoas. O entorno ambiental serve de continente para nosso mundo externo. Objetos inanimados podem servir também como continente ou depositário de nossas projeções pessoais. Uma casa, uma cidade, um bairro, na visão de Berry (apud Pol, s.d.) passam a fazer parte de nosso ego expandido, compondo uma espécie de componente material concreto.

A peça mais importante de sua casa é o bar que ocupa as peças da parte da frente da casa. É lá que se encontra com os amigos e acha isso muito importante. Diz que não tem muito tempo para a família porque precisa cuidar do bar.

FIGURA 42 – A casa-bar de Seu Roberto

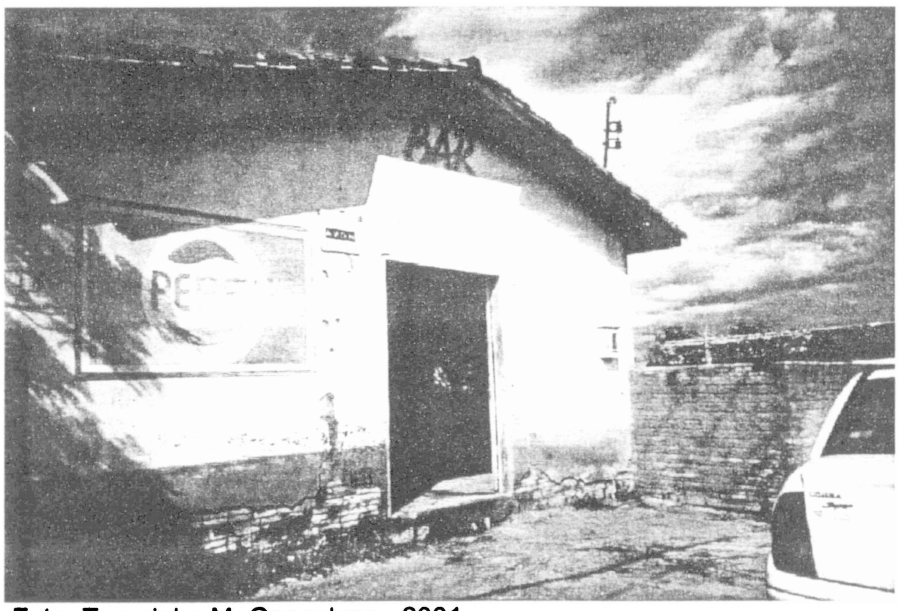


Foto: Teresinha M. Gonçalves - 2001

O bar é seu lugar de convívio social, onde gosta de ficar. No bar, estão objetos poéticos com os quais se relaciona. Os troféus de campeonatos de futebol, a gaiola com o pássaro de estimação. "Gosto de passarinho, tenho várias gaiolas. Mineiro gosta de passarinho. Gosto de ouvir o canarinho, o sabiá, cantá".

> A subjetividade expressar-se-ia pelas figuras que representam as imagens e estas, por sua vez, alimentam o pensamento que se expõe através de falas. O que se conhece do sujeito é aquilo que ele vai ser capaz de expressar a respeito dessas imagens que compõem o seu acervo experiencial, mediado pela livre imagem, que não o define, mas o veicula. Tal é o processo interativo (Tassara e Rabinovich, 2001).

O pássaro, segundo Carlos Renato Caroia[46], já foi usado pelos mineiros da Europa como um medidor da qualidade do ar. Para verificar se embaixo, nas profundezas da mina era possível o ser humano respirar, colocava-se uma gaiola com um pássaro na mina. No outro dia, se estivesse vivo, os mineiros desciam para o trabalho.

Outro objeto poético que Seu Roberto cultiva no bar são os troféus de campeonatos de futebol.

Durante os áureos tempos da mineração Criciúma e região tinham grandes times de futebol, integrantes da primeira divisão. Os mineradores investiam nesse esporte, inclusive financiando a construção dos estádios e trazendo jogadores de fora. O campo do "Henrique Lage Futebol Clube", da cidade de Lauro Müller, na região carbonífera, foi o primeiro estádio de futebol iluminado de Santa Catarina. Em 1991 o "Criciúma Futebol Clube" foi campeão brasileiro.

Esse amor ao futebol faz parte do imaginário de todo brasileiro, porém em Criciúma tem esse componente que, mais uma vez, nos remete às marcas do carvão. Até hoje, a sede social do Metropol, um forte time de futebol de Criciúma, das décadas de 1960-1970, ainda existe bem conservada, no bairro Metropol. Os nomes, tanto do time de futebol, como do bairro são originados da Companhia Metropolitana que era uma mineradora.

---

[46] Carlos Renato Carola, historiador da UNESC, 2001.

FIGURA 43 – Sede Social do Metropol. time de futebol que tomou o nome da carbonífera, foi campeão catarinense



Foto: Teresinha M. Gonçalves - 2001

Seu Roberto gosta de futebol. Tirou uma foto do campo de futebol do bairro, que no momento estava servindo de pasto aos cavalos dos catadores de papel.

Os troféus são objetos poéticos assim como o pássaro na gaiola. Muitos moradores possuem um ou mais pássaros na casa como objeto decorativo. Seu Roberto mostrou os troféus e o pássaro como elementos importantes, belos e queridos que compõem o ambiente do bar.

FIGURA 44 – Os troféus dos times de várzea de bairros de Criciúma, no bar de Seu Roberto



Foto: Teresinha M. Gonçalves - 2001

Explica o desenho do bairro: "Essa é a Estrada de Ferro Tereza Cristina, que é onde ela faz quase paralelo com a José Patício de Souza e a Aristidi Amboni".

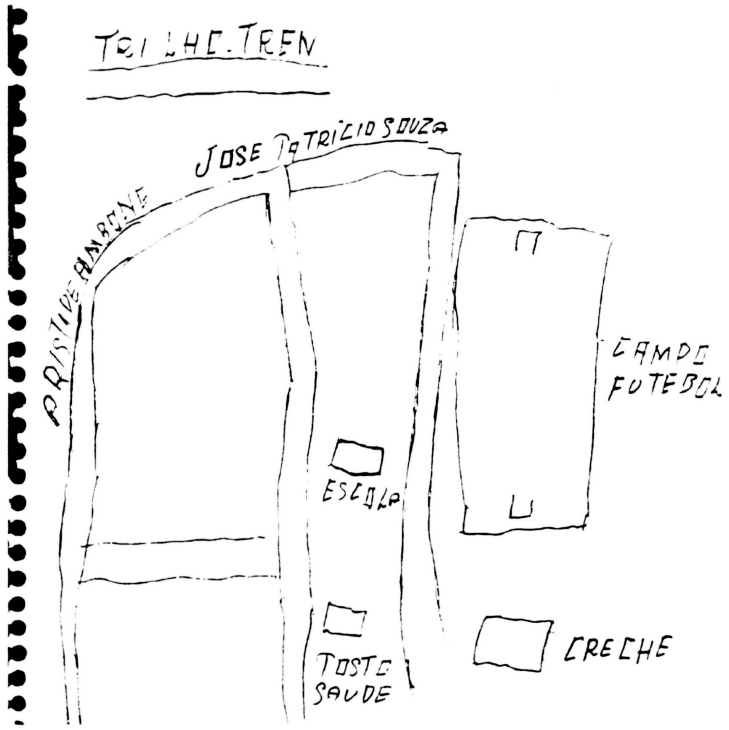
O trem é um "personagem" histórico e vivo para a cidade de Criciúma e para o bairro Renascer/Mina Quatro. Estrada de ferro é uma das linhas delimitatórias do bairro. Seu Roberto fala da estrada de ferro e tirou uma fotografia do trem, que passa várias vezes pelo bairro levando o carvão de Criciúma para a Termelétrica de Capivari. O carvão é colocado solto "a granel". O trem atravessa a cidade e o bairro carregado, sem proteção, poluindo o ar e o solo por onde passa.

Os espaços funcionais e de sociabilidade são valorizados. Foi um dos poucos moradores que colocou o campo de futebol dentro do bairro.

> [...] a escola nóis temos muitas crianças que estudam aqui no colégio que aí as séries que tem eles estudam aqui. depois quando eles passam da série que não têm aí eles vão a outros colégios, Arruda Ramos, vão pro Hiriberto Hülse, vão pro centro lá no Prof. Lapagesse, então a escola é uma prioridade, posto de saúde que nóis não tínhamos que hoje nós temos, por exemplo, atende a nossa comunidade né. A creche que hoje ela tem a capacidade de 200 e poucas crianças na creche é onde facilita as mães, porque elas trabalham e tem o local para deixar as crianças. Eles entram às 6:30 horas da manhã até às 6:00 da tarde, às 18:00 horas. E temos esse campo de futebol que aquilo ali foi lutado, mais muito ano foi lutado pra adquirir, adquirir esse campo de futebol que é onde, por exemplo, ajuda a tirar as crianças da rua, porque por exemplo eles estão ali brincando, não tá passando coisas ruins pela cabeça por exemplo, hoje se sabe que a situação pra criar um filho não tá fácil. Porque tem que cuidá muito bem, porque devido essas drogas... Enquanto eles tão ali no campo eles não tão pensando em fazê coisa errada.[47]

O desenho do bairro reproduz o modelo de ocupação de uma vila. Tem a concepção de espaço urbano. Esse "urbano" introjetado que ele representa. Ele sabe o que é uma quadra, a linearidade da rua, os principais traçados. Assim como sabe identificar os espaços de sociabilidade, a creche, a escola, o posto de saúde, o campo de futebol.

FIGURA 45 – Desenho do bairro, feito por Seu Roberto - 2001



[47] Seu Roberto, morador do bairro Renascer/Mina Quatro. Entrevista em 5 jan. 2001.

Ressente-se com a falta de um centro comunitário. Sempre nos colocou, nos contatos tidos, a falta desse espaço que poderia desempenhar um papel de agregação da comunidade. Não se refere à Associação de Moradores, mas ressalta a falta do Centro Comunitário.

> [...] nós precisamo de um centro comunitário que aqui não tem né, aqui não tem o ciube de mães. cedo minha salinha todas às 5ª feiras. porque, por exemplo, clube de mães já foi formado aqui na minha casa. porque antigamente n a catequese aqui no colégio, por exemplo. São todos os sábados, e eu todos os sábados eu chegava, cedia, fechava o meu barzinho que é a única renda que eu tenho, não sô aposentado. A única renda que tenho é aquilo ali. Mas eu me sacrificava. fechava pra vê aquelas crianças fazê a Primeira Eucaristia. Pois é porque aquilo ali é o principal, porque. por exemplo, as crianças estavam ali, aquelas duas horas que eles ficava pra mim não me fazia falta, porque Deus quando qué dá ele dá pra todos né, não é aquelas duas horas que ia pegá. Dizia não vai me atrasá o lado.[48]

Uma interação verdadeiramente humana deve se caracterizar pela representação do outro dentro de nós, diz Damergian (2001). A valência positiva representada pela mãe deu-lhe a possibilidade de construir uma amorosidade que o leva a esse sentimento solidário a vida comunitária compartilhada.

A bondade, na estruturação do caráter, é um constituinte básico da ética (Damergian, 2001). Esse desejo de compartilhar da vida social de seu bairro, de lutar por ele, melhorar sua imagem revela, em Seu Roberto uma pessoa preocupada com o bem comum.

Antes de morar no Renascer/Mina Quatro, vivia em casa alugada, em outro bairro. Como era funcionário da prefeitura, na época, soube do loteamento do bairro Mina Quatro e que lá estavam dando terreno. Então se candidatou a um e ganhou. Foi o primeiro terreno e a primeira casa de sua propriedade. Isso lhe dá segurança, alegria e prazer.

"Então esse tempo todo que é onde estou bem a vontade aqui, porque, por exemplo, foi a minha primeira casa de eu ser proprietário da minha primeira casa, então eu gosto muito e não saio".

---

[48] Seu Roberto, morador do bairro Renascer/Mina Quatro. Entrevista em 5 jan. 2001.

O processo de apropriação de um espaço inóspito como o Renascer/Mina Quatro, requer muito esforço por parte do sujeito no sentido de trazer a valência positiva e os modelos identificatórios que dêem a possibilidade de acreditar na transformação desse espaço, onde o desejado, ou seja, o bom, o tranqüilo, o justo, o seguro, o necessário, esteja presente.

A apropriação é um processo interno que se dá por meio da identificação, da introjeção e da recriação do espaço e dos lugares. Os lugares apropriados trazem ao sujeito um sentimento de intimidade, privacidade onde o place attachment se efetiva.

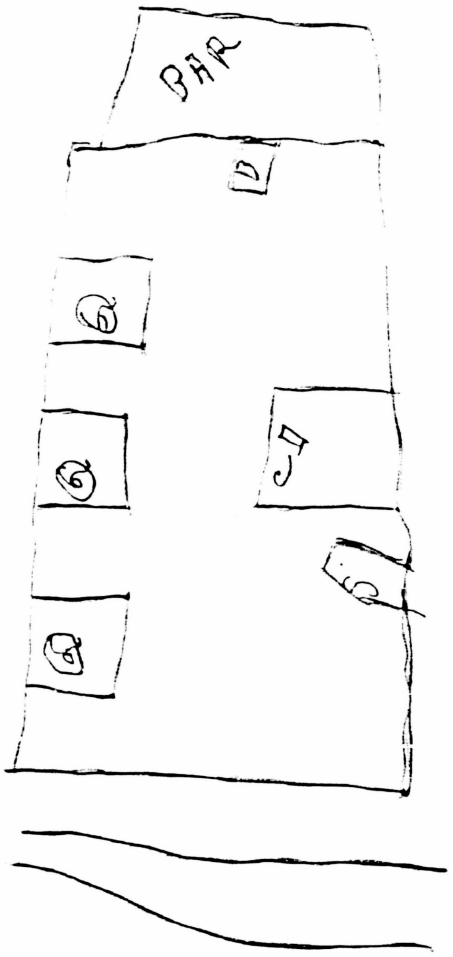
Seu Roberto não está feliz só porque tem a propriedade da casa. O Renasce/Mina Quatro para ele é um lugar também simbólico, onde ele significa, ou seja, dá-lhe significado. Por isso, lá se sente bem e de lá não quer sair. O simbolismo do espaço aparece ligado ao sentimento de pertença. A apropriação do espaço é a dos lugares carregados de significados.

É um processo que o sujeito faz a si através de suas ações. A apropriação não é meramente domínio legal. Mas sim domínio das significações de objetos.

Já a captura poética se dá num momento individual no tempo psicológico e pré-lógico. O elemento poético faz uma ancoragem material no espaço, porque a poética se estrutura de uma experiência com o objeto poético. Assim, no fazer a síntese poética o sujeito utiliza um recurso psicológico que, através da intuição e da empatia, ele identifica o espaço e o lugar, apropria-os e recria-os com a sua marca.

Uma das noções de espaço interiorizado, para Seu Roberto, é a da mina. Desenhou sua casa com um corredor estreito como se fosse uma mina. O *self* incorporou essa identidade de mineiro, subjetivada pela experiência. Na referência externa da casa está o trem, o trilho do trem, personagem importante, e em Criciúma está sempre ligado à mina e ao carvão. Esse simbolismo do trem poderá ser uma forma de resistência a uma cultura de mineiro construída embaixo da mina e nas vilas operárias.

FIGURA 46 – Desenho da casa, feito por Seu Roberto - 2001



Seu Roberto refere-se ao Renasce/Mina Quatro como o seu bairro; às pessoas que lá vivem como a sua comunidade. Com esperança faz projetos para o futuro. Tem uma atitude positiva em relação a ele. Tem uma atitude crítica em relação ao atrelamento do bairro aos políticos, caçadores de votos, que atuam no bairro como curral eleitoral.

"[...] porque esse pessoal de colarinho branco, do centro, eles chegam e dizem que esse loteamento não era para existir porque disseram que aqui na Mina Quatro só tinha vagabundo [...]".

Segundo Pol (s.d.) o cotidiano é apreendido por uma atitude crítica à comparação e à contestação, incluindo a crítica ideológica.

Os caminhos do bairro que gosta de percorrer são as principais ruas. Nomina-as todas.

> Oh! Aqui a gente sempre pega essa avenida Aristidi Amboni como pega a outra que é a José Patrício de Souza, que são saída do bairro para outros bairro, para a grande Próspera né, pro centro, que muitas vezes nóis vamos pela Aristidi Amboni, se nós, nós pegamo, nós tomamos o ônibus aqui na Luiz Rosso né, vão para o centro. Então são as duas principais saídas do bairro para outra localidade.[49]

Seu Roberto freqüenta o centro de Criciúma e, como muitos dos entrevistados, a Praça do Congresso. Como os demais, com ela, tem fruição poética.

"Porque ali tem aquelas piscinas que tem ali, que tem os cágados, tem várias coisas ali que a gente vai e fica aqueles minutos ali na praça do Congresso né, é um local que é aonde o pessoal freqüenta".

Se não morasse no bairro Renascer/Mina Quatro moraria no bairro Ceará que ajudou a construir. Lá tem muitos amigos. Participou da Associação de Moradores desse bairro, da construção do centro comunitário, da pavimentação das ruas, da instalação da canalização do esgoto. Tudo conseguido através de lutas comunitárias das quais gosta de participar.

"[...] que era pra luta né, para a prefeitura do bairro. Por isso é que eu cheguei bem, bem contente daquele bairro de eu morar por ali dois anos".

Tem uma boa relação com os vizinhos, mas diz que não tem intimidade com ninguém. É uma característica dos bairros de Criciúma. As pessoas têm uma idéia que se dar bem com o vizinho é não o incomodar.

Uma pesquisa da Universidade de Criciúma, UNESC, publicada em 2000, sobre relações de vizinhança, relatou que a maioria dos entrevistadsos acha bom o vizinho que fica "na dele", ou seja, aquele que não freqüenta a sua casa. Como os bairros da periferia geralmente são muito violentos, as pessoas têm medo de freqüentar a rua. Ficam mais nas suas casas. Isso inibe os espaços de vivência coletiva, as oportunidades de lazer ao ar livre e dificulta o processo de socialização e politização das pessoas. Para seu David, por exemplo, um dos entrevistados, freqüentar bar, "não é uma boa coisa" porque lá pode ocorrer violência e "fofocas".

---

[49] Seu Roberto, morador do bairro Renascer/Mina Quatro. Entrevista em 5 jan. 2001.

Nos tempos das vilas operárias, havia muitos bares e muita violência também. Violência também nos bailes dos bairros da periferia que, quase sempre, terminava em crimes e mortes. Talvez essa visão de violência, nos espaços públicos das comunidades dos mineiros, ainda esteja presente no imaginário dos moradores de hoje, dos bairros periféricos de Criciúma, principalmente, bairros como o Renascer/Mina Quatro conhecido como violento. Percebemos, no discurso de Seu Roberto uma contradição. Gosta dos vizinhos, mas não tem intimidade com eles. "Aqui tenho muitos vizinhos, mas não tenho intimidade com ninguém".

Gosta do bairro, mas é na Praça do Congresso que se sente seguro, sentado num banco reabastecendo suas forças. Com o centro urbanizado de Criciúma, com a Praça do Congresso, seu Roberto tem uma fruição poética.

A cidade apropriada e produzida coletivamente, cheia de marcas humanas em todos os lugares, apresenta esse contraste entre o centro urbanizado e a periferia.

Sobre a sua vida pessoal, fala que eram oito irmãos: quatro homens e quatro mulheres. Diz que não teve infância porque era de uma família grande e pobre. Trabalhava desde criança, estudou pouco, tinha de trabalhar para ajudar na manutenção da casa.

Seu sonho de criança era com a melhoria financeira de sua família. Queria ter muito uma bicicleta. Sonhava de ter uma bola. Quando brincava, chutava bola de pano. De sua infância, contou emocionado, um fato que lhe marcou muito.

"[...] foi a vez que quando meu irmão que hoje ele é falecido me deu uma bicicleta, aquilo marcou bastante. Aquilo marcou bastante; ele chegou, ele disse: o que o pai não pode te dar, hoje eu vou te dar, que é uma bicicleta. Ele me deu uma bicicleta. Foi o que me satisfez bastante. Aquilo me deixou contente e eu nunca esqueço".

Sempre morou em Criciúma, mas mudou muito de residência.

"[...] meu pai sempre trocou muito de residência porque ele sempre pegava aonde tinha serviço que o ordenado era mais. Toda vida o negócio dele era nem sabê se ele ia fazê uma mudança ou duas por mês. Isso para ele não fazia diferença".

Ele gostava dessas andanças. "Era tudo festa". Por outro lado, trazia sofrimento psicológico no sentido da dificuldade de consolidar laços afetivos com amiguinhos, com coleguinhas de escola.

O sentimento de identidade é absolutamente fundamental para o ser humano. Ser reconhecido como pessoa faz parte de seus anseios básicos. Muitas vezes, até o sentimento de ser reconhecido sobrepõe-se à necessidade de prazer. Um outro sentimento diferente é o de existência, de estar vivo, que, embora diferente do sentimento de identidade, é parte componente deste.

À vida errante, de peregrinação traz insegurança. As constantes mudanças podem ter trazido ao seu Roberto um sofrimento ligado a um sentimento de insegurança e incerteza.

Os caminhos que nos conduziram a esse estado de destruição das subjetividades, segundo Damergian (2001), passam pelas necessidades inerentes ao processo de construção da identidade. Manter a identidade do "eu" em um cenário, no qual as interações são marcadas por contrastes violentos, exige do sujeito a elaboração de estratégias eficientes, o que demanda um esforço quase sobre-humano.

Emocionado, fala da mãe chamando-a de amiga. Era o filho caçula.

A figura da mãe realmente desempenhou, em sua vida, aquele ponto fixo referido por Damergian (2001). Essa valência positiva fez dele um ser humano integrado, um cidadão comprometido com o seu meio. Embora more num bairro violento, não é assim que o deseja. A marca que ele imprime, no processo de apropriação, é a positividade e a esperança do Renascer/Mina Quatro vir a ser, realmente, um bairro bom para viver. Durante todos os contatos, demonstrou altivez e dignidade.

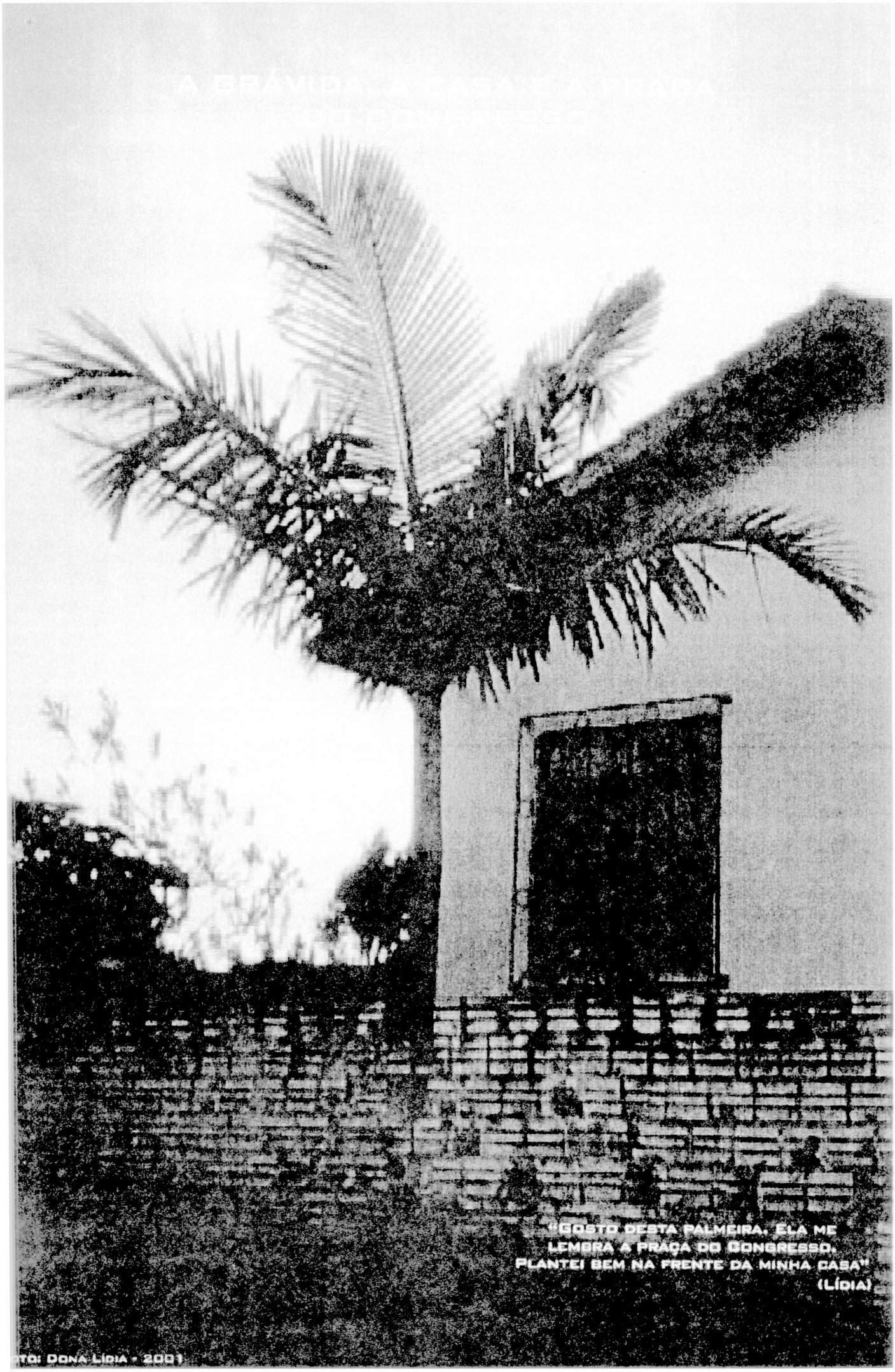
"Eu gostava porque ela era minha amiga. Uma porque eu era filho caçula, daí tinha aquela ganja, né. Procurava fazê tudo pra mim porque ela sempre dizia: esse aqui é meu filho último. Então é o meu caçula, então a gente sempre tem aquela, aquela prioridade com ela, porque, ela, toda vida o que queria, ela sempre chegava e fazia... era muito, muito ligado a ela".

Sua mãe o amamentou até os cinco anos de idade. A famíiia era unida, embora os irmãos mais velhos sempre saíssem para trabalhar fora. De certo, de concreto tinha sua família, seus pais, seus irmãos com os quais podia contar todos os dias. Assim como mudava "de galho em galho, em Criciúma", sua família foi se desfazendo, os irmãos foram embora em busca de trabalho, e o pai morreu. Ficou a mãe como porto seguro, acolhedor, fonte de troca de afeto. Depois que ela morreu os laços ficaram mais frouxos. Mas, mesmo longe da família não perdeu o contato. Ainda se encontram.

"Então depois que eles foram se formando a nossa família foi se desviando um pouco né, mais sempre de vez em quando se encontra, um vai na casa do outro, que na época só eles se formaram, começaram a sair de casa".

Apesar dessa dinâmica familiar que se desenvolveu ao sabor das oscilações sociais (emprego), seu Roberto tem muito forte o sentido e a ligação com o grupo familiar.

Faz a síntese poética com dois objetos poéticos: os troféus do futebol e o pássaro na gaiola que enfeitam o seu bar, local onde convive com seus amigos e frequeses. Joga carta com eles, no bar, porém a fruição poética faz com a Praça do Congresso, no centro de Criciúma, onde se sente em paz, rodeado de coisas bonitas, como: árvores, flores, lagos, cágados, crianças brincando... Outro objeto poético identificado é a bicicleta, sonho de menino que o irmão concretizou. Desde então sempre teve bicicleta. Hoje tem uma motocicleta.



"GOSTO DESTA PALMEIRA. ELA ME LEMBRA A PRAÇA DO CONGRESSO. PLANTEI BEM NA FRENTE DA MINHA CASA"
(LÍDIA)

TO: DONA LÍDIA - 2001

8.7 A grávida, a casa e a Praça do Congresso

Dona Lídia nasceu em Imaruí, na região de Laguna em Santa Catarina. Mora há 28 anos em Criciúma, e no bairro Renascer/Mina Quatro, há 19 anos. Seus pais são falecidos.

Em Imaruí, seu pai tinha uma chácara de café na localidade de Ribeirão, onde ela brincava enquanto trabalhava na chácara colhendo café. Considera que foi uma menina travessa que subia nos galhos de café para brincar. Lembra do corte que fez na cabeça, resultado de uma briga com uma das irmãs.

Entre correrias pela chácara de café, atrás das cabras de leite, nas margens da lagoa de Imaruí, Dona Lídia experimentou uma infância feliz, protegida.

> Lá em Imaruí eu lembro pouco. O meu pai tinha uma chácara de café lá na, como era o nome? Ai é, ai... é Ribeirão, é o nome. Então, a gente levava, a gente levava tudo piquininho mais somos em sete né. Minha mãe tinha boa saúde aí nóis ia colhê café iá. Enchia as latinhas, dessas latinhas de leite ninho. Nóis virava tudo ali dentro do balaio que tinha, né os café bem madurinho. Eu era muito safada, chupava café. Eu adorava o meu pai, dizia: não chupa café estraga as mendinhas. O pai tem que torrá para botá pra vendê. Mas é pouquinho pai não vou chupá toda a lata de repente, passou-se... a gente era em sete.[50]

De origem rural, tinha uma família integrada. O pai, dono de chácara, trabalhava por conta própria. Vivia em contato direto com a natureza. Era uma criança sadia e feliz. Conta que sua mãe morreu cedo, aos 54 anos.

Comenta que quinta-feira santa é a data mais triste para ela, porque é aniversário de sua mãe.

Aos 16 anos veio morar com os tios, em Criciúma, para poder trabalhar. É uma mulher altiva, de postura serena, fala mansa que expressa dignidade. A pobreza, o sofrimento e as frustrações não lhe tiraram o gosto pela vida, nem o romantismo de sua esperança. Casou apaixonada. "Sou pobre, mas sou feliz. Casei com a pessoa que amo".

---

[50] Dona Lídia, moradora do bairro Renascer/Mina Quatro. Entrevista em 9 jan. 2001.

Quando a entrevistamos pela primeira vez (jan. 2001), estava desempregada. Hoje, novembro, está novamente empregada, trabalhando na sua profissão, numa confecção de roupas, perto de sua casa.

Ao contrário da maioria dos entrevistados, freqüenta a casa dos vizinhos, tem muitos amigos no bairro e é solidária com eles. Preocupa-se com os problemas dos outros. Sempre que pode socorre-os, quer acompanhando-os até Criciúma, em busca de recurso médico, quer orientado-os com os problemas do dia-a-dia.

Ajudou, também, nas campanhas, para angariar fundos para a construção da igreja.

FIGURA 47 – A igreja do bairro que Dona Lídia ajudou a construir

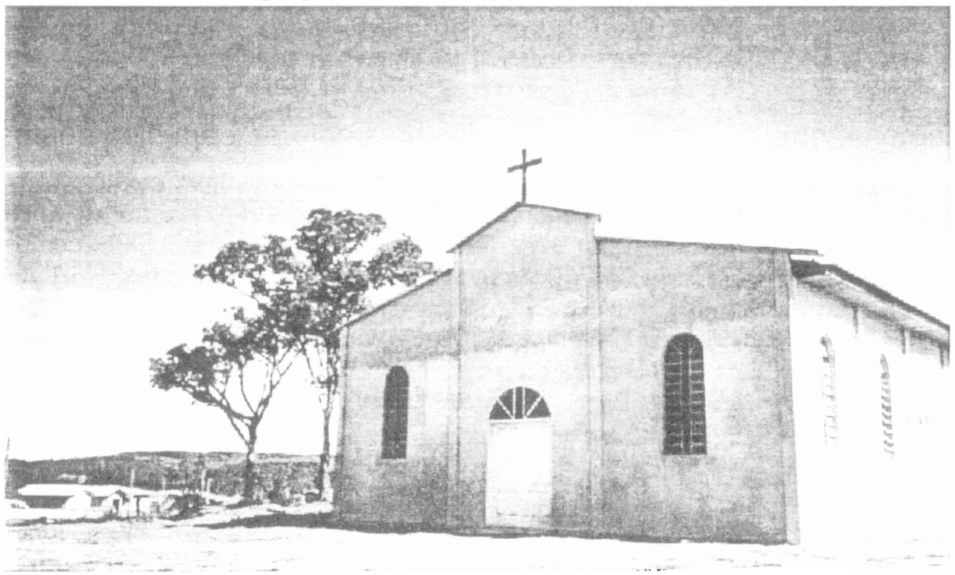


Foto: Dona Lídia - 2001

Para ela, os lugares especiais do bairro são a igreja e o campo de futebol, onde seus garotos jogam bola. Hoje (18 jan. 2001), fez questão de nos mostrar a quadra desportiva que a prefeitura está construindo na escola municipal. Sempre demonstrou aflição com a falta de lugares de recreação para as crianças. Hoje estava muito feliz e nos pediu para tirar uma fotografia da quadra e da creche. Porém, sempre que pode, leva os filhos para brincar na Praça do Congresso, no centro de Criciúma.

Grávida de nove meses foi à prefeitura de Criciúma para fazer a inscrição para um terreno no bairro Mina Quatro, hoje Renascer.

> Eu fui por outras pessoas lá do bairro que eu morava que é o Boa Vista. Ah! Lídia vamos lá fazer a inscrição. Aí eu falei, mas dizem que lá é muito matagal ainda não tem nada plantado né, eu falei para as pessoas que hoje eu não lembro mais quem são porque elas também vieram mais não tão mais aqui né, são outras pessoas, então eu falei ali mais tá quase na hora de eu ganhar meu neném que agora tá com 18 anos, e qualquer coisa lá aí a gente se socorre na Prefeitura. Tá lá mesmo né, aí mais, mais umas três vizinhas do Boa Vista. Chegamos lá a fila estava enorme e eu com um barrigão, isso foi a 4 de agosto de 82, o bebê nasceu dia 30/08/1982, e então o sol muito quente e aí a secretária lá da Habitação viu que a única grávida era eu né, aí veio na fila confirmá e distribuí os número, tudo pra gente que era tudo por número. Então peguei o número ali, não lembro se era o 15 se era o seis, aí olhei, nossa, até chegá lá, mais credo, desmaio. Mas, na hora que começou entrou umas quatro ou cinco. Eu acho que alguém, o da frente, foi assim, mandou atender primeiro a da frente foi assim, mandou atendê aquela senhora que tá muito gorda né. Daqui a pouco vai ter o neném aí né... aí a secretária veio falar: "a senhora não vai ficar nesse sol quente, vamos lá fazer a sua inscrição". Aí prontamente fui atendida.[51]

Dona Lídia, em busca da casa, grávida de nove meses. A casa, simbolicamente, figurando como uma mãe protetora, na hora de dar à luz. Em busca da "casa-mãe" enfrentaria um dia inteiro se fosse preciso. A casa como abrigo, conseguida através de luta, de muitas lutas. Como integrante de uma população errante em constante peregrinação, sempre mudando de casa e de lugar, Dona Lídia grávida de vida e de esperança luta por seu terreno no bairro Mina Quatro, lixão da cidade. Ganhou umas madeiras velhas, arrumou um caminhão com a prefeitura e levou a madeira até o terreno no bairro Mina Quatro.

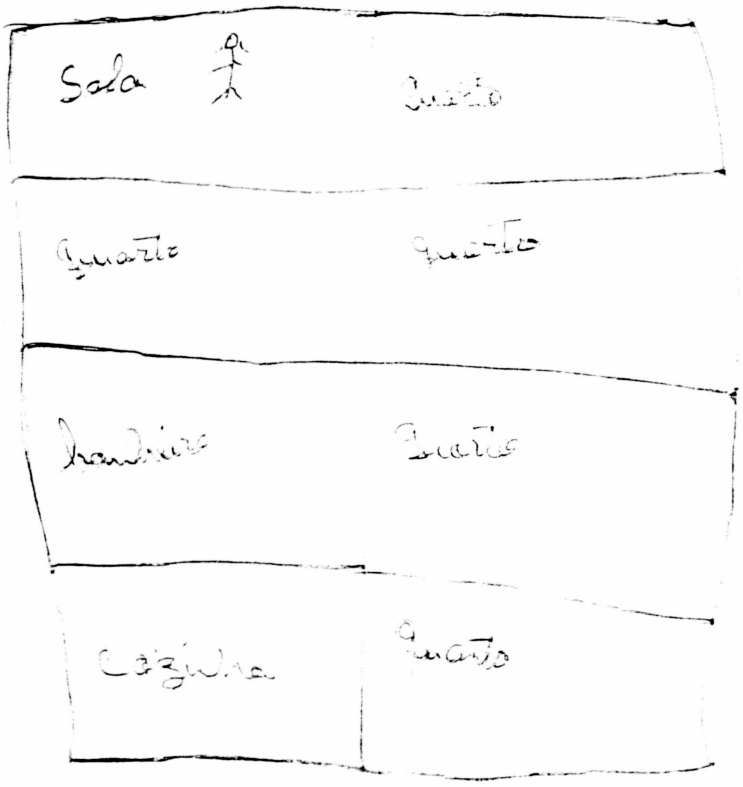
"[...] aí deixando ali amontoadinho, aí depois no outro dia ela veio ver se era aquele lote ali mesmo e realmente era. A gente começou a levantar a casinha né, ficou assim uma casinha de 6 x 4, e eu tava contente, porque já em seguida eu já vim morar na minha casinha até sair teste na prefeitura que eu tinha sido sorteada. Mas eu esperei muito, mais quatro anos naquela casinha".

Dona Lídia, não intitulada, tira no desamparo forças para recomeçar. Mesmo excluída e desamparada prestes a dar à luz, sonha com sua casinha.

---

[51] Dona Lídia, moradora do bairro Renascer/Mina Quatro. Entrevista em 9 jan. 2001.

FIGURA 48 – Desenho da casa, feito por Dona Lídia - 2001



Segundo Damergian (2001), a tese fundamental da psicanálise é a determinação pulsional de toda a vivência. Essa pulsão de vida esteve muito presente na fala de Dona Lídia. A valência positiva que dá à vida fá-la superar o sentimento de derrota, a falta de esperança que outros entrevistados demonstraram.

Diz Lorenzer "a pulsão, é imanente à vivência, fundamento dos conteúdos psíquicos desde os estados emocionais não estruturados até os atos racionais elaborados" (apud Damergian, 2001, p. 6).

Do ponto de vista do bebê, na abordagem de Damergian (2001), é preciso que ele possua não apenas as condições de troca possível, mas também a condição para trocar em termos de sistemas de significação, onde há a elaboração afetiva.

Dona Lídia fala com otimismo de sua vida atual. No relato de como encontrou seu marido, fala até com certo romantismo.

"A praça do congresso, que nunca esqueço, onde eu e meu marido nos conhecemos, namoramos e casamos. Então a gente ia lá brincar. Lá era tão legal, dá saudade. Quando vou no centro levo meu pequeninho e falo a ele: aqui a mãe foi bem feliz...".

A Praça do Congresso exerce um fascínio sobre quase todos os entrevistados. É um local de fruição poética para eles, diríamos.

Nos lugares, o sujeito efetiva o seu processo de significação; o espaço o apropria e ele se apropria do espaço. A esperança da casa protetora no futuro bairro Renascer apropriou dona Lídia, que por sua vez apropriou-se daquele lugar para erguer sua casinha. E lá está há 19 anos.

FIGURA 49 – A casa de Dona Lídia



Foto: Dona Lídia - 2001

O objeto de sua casa, para o qual volta sua admiração, é a palmeira de seu jardim. Pediu que tirássemos uma foto dela. Diz que ela lembra a Praça do Congresso, que lhe transmite paz, lhe dá ânimo. "Gosto desta Palmeira, ela me lembra a Praça do Congresso. Plantei bem na frente da minha casa".

A história de vida dos moradores demonstrou que a peregrinação cessa ou diminui quando conseguem a posse da casa. Mesmo que tenha de mudar tanto de emprego tem um ponto fixo para se referir; um local para acolhê-los, quando voltam do trabalho. A casa passa, ao mesmo tempo, ser o ponto de referência e o elo de ligação entre a luta pela vida e o sujeito. "Luto, brigo,

caminho, mas sei para onde voltar. Mesmo que esse lugar que dá abrigo esteja no meio do lixão".

"Não tenho no começo assim que reclamar, porque não tínhamos vizinhos né, os vizinhos que tínhamos era lá em cima, no bosque do repouso. Tinha um lixão que era uma imundiça né. A maioria do pessoal também trabalhava nesse lixão. De manhã acordava com aquele mal cheiro que ardia os olhos, nariz, tudo né".

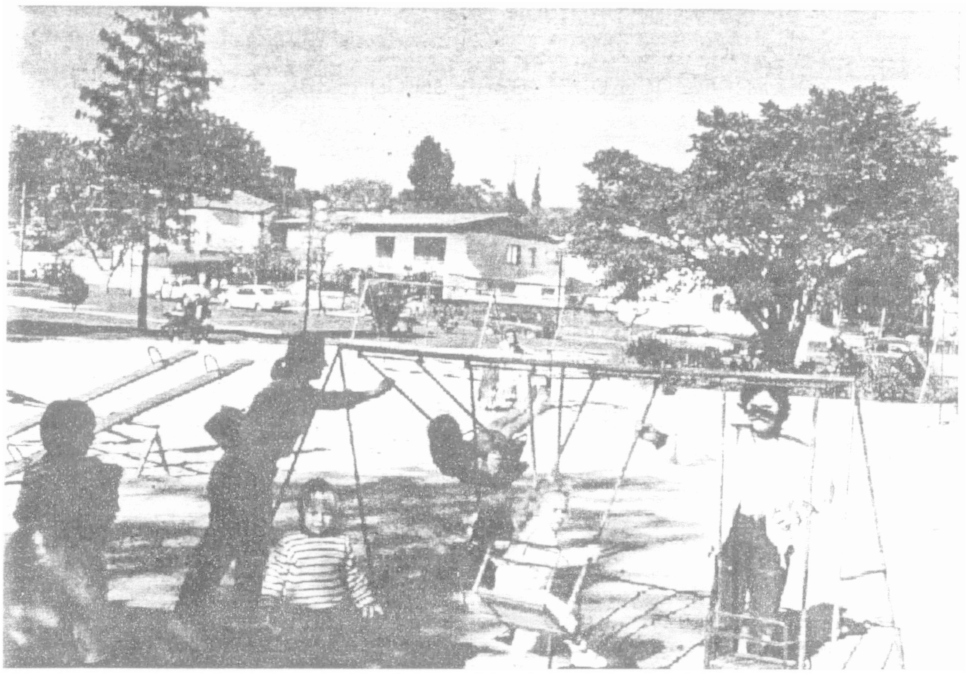
Dona Lídia acha que o bairro melhorou muito. Reconhece o fato de hoje o bairro ter o mínimo de infra-estruturacomo: creche, escola, posto de saúde, porém, o que mais a deixa feliz, é ter a propriedade da casa.

"E gosto muito de morar aqui né, tenho minha casa própria né, tudo não tá terminado, mas é minha, não pago aluguel".

Tem dois lugares que gosta de freqüentar no bairro: a igreja que está sendo construída em mutirão, e o campo de futebol. Seus filhos são muito ligados ao futebol.

Na Praça do Congresso, em Criciúma, tem momentos poéticos. Lá namorava com seu marido quando ainda não eram casados. É um local que lhe traz muitas lembranças. Quando seus filhos eram pequenos e os levava a Criciúma, ia com eles até a Praça do Congresso. Lá, segundo ela, passava momentos alegres, brincando na gangorra, nos balanços.

FIGURA 50 – Praça do Congresso: lugar de fruição poética para Dona Lídia



Fonte: Arquivo Histórico da Prefeitura Municipal de Criciúma – s/d

A maioria dos moradores tem fruição poética com a Praça do Congresso. A praça os faz sonhar, e os sonhos os levam a pensar num futuro melhor. Um futuro de morar em cidade urbanizada, bonita, de praças bonitas, iluminadas, cheia de flores. Num ambiente assim, sentem-se mais humanos, mais gente, menos discriminados pela pobreza e pela exclusão social.

Quem sabe o bairro Renascer/Mina Quatro possa um dia vir a ser uma praça. Uma grande praça florida, de cheiros agradáveis, diferentes dos cheiros de enxofre e de esgoto que estão presentes hoje no bairro.

É bom ter uma casa no bairro Renascer/Mina Quatro. Mas que bom seria morar em Criciúma quem sabe, pertinho da Praça do Congresso.

Porém, Dona Lídia sente a cidade de Criciúma como um lugar do qual se sente excluída.

"Ah! Criciúma é uma cidade, é um exemplo né, que mais, quer dizer, a cidade fica lá na cidade. A cidade é para quem pode. Eu acho que a gente que trabalha o dia inteiro não pode tá nessa cidade".

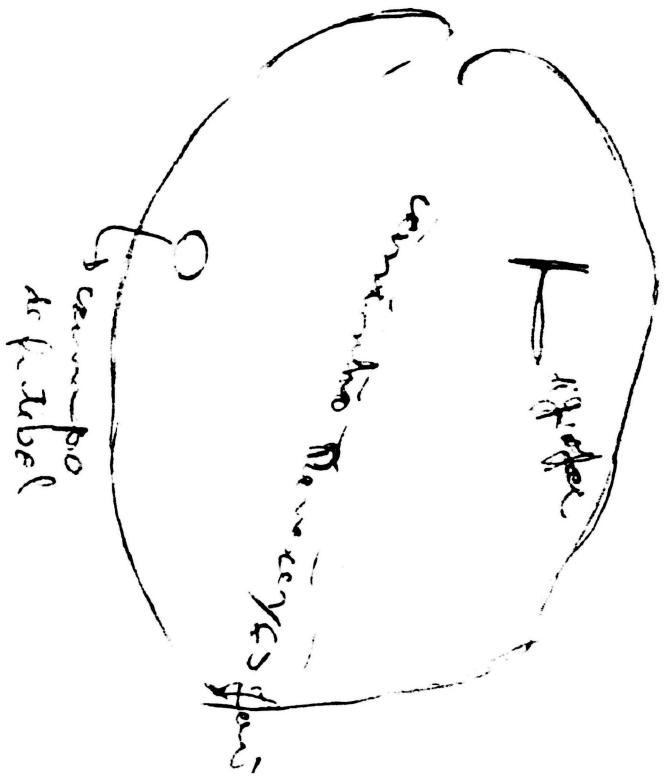
Lefebvre (1991), fala do habitat, noção assegurada pela III República na França. Até então, hábitos em participar de uma vida social, de uma comunidade,

aldeia ou cidade. "A vida urbana detinha, entre outros, essa qualidade, esse atributo. Ela deixava hábitos, permitia que os citadinos – cidadãos habitassem" (Lefebvre, 1991, p. 16).

Habitar a cidade, usufruir dela, de seu conforto, de sua beleza, de suas luzes. Dona Lídia não se sente com esse direito. "A cidade é para quem pode". Ela acha que não pode, não obstante acha, que o bairro Renascer/Mina Quatro faz parte da cidade de Criciúma. Alguns entrevistados acham que não. Ao dizer isso, que o Renascer faz parte da cidade, ela o compara com o centro de Criciúma e diz: "O Renascer em vista do centro de Criciúma? Meu Deus! É 'vaiadinho'; quer dizer, pobrezinho".

Como diria Gans (apud Damergian, 2001) "pobre", tem professor pobre, advogado pobre, médico pobre [...]. Diríamos acompanhando o raciocínio de dona Lídia: "pobre", tem cidade pobre, bairro pobre...

FIGURA 51 – Desenho do bairro, feito por Dona Lídia - 2001



Com a Praça do Congresso, Dona Lídia, assim como a maioria dos moradores entrevistados, tem uma fruição poética. Com a Palmeira que está na frente de sua casa, no seu jardim, ela faz a síntese poética. A palmeira é uma das figurações de suas emoções, um objeto poético.

UMA CASA, UM JARDIM E UMA REDE NA VARANDA



"QUANDO EU NÃO TINHA NADA SEMPRE SONHAVA TÊ UMA CASA ASSIM COM GARAGEM PRA BOTÁ UMA REDE PRA MIM BALANÇÁ".
(ILDA)

OTO: DONA ILDA - 2001

8.8 Uma casa, um jardim, uma rede na varanda

Dona Ilda, 55 anos, viúva de três maridos, nasceu em Laguna, criou-se em Criciúma. Mora há quinze anos no bairro Renascer. Veio do bairro Santa Augusta, na periferia de Criciúma, onde está localizado o presídio regional. Aliás, foi o presídio Santa Augusta que deu nome ao bairro. Aos nove meses, mudou-se com sua família para Criciúma, no bairro Mina Brasil. Porém, no decorrer de sua vida, morou em outras cidades do estado de Santa Catarina, como: Florianópolis, Blumenau, Joinville, Balneário Camboriú, Indaial e Timbó. Como os demais entrevistados, levou uma vida errante, de peregrinação. Dessas cidades, a que mais lhe traz boas lembranças é Florianópolis.

"Porque, sei lá, Florianópolis. Foi lá que eu tive meus filhos né, morei cinco anos lá, e sei lá, tenho irmão morando lá, tenho parente morando lá, deixou bastante saudade. Acho que meu futuro ainda vai se lá".[52]

Nasceu em Laguna e criou-se no bairro Mina Brasil, em Criciúma. Diz que, naquela época, o bairro era um matagal só. De uma família de 12 irmãos. Sua mãe morreu aos 39 anos, de varíola. Na doença e morte de sua mãe foi socorrida pelos vizinhos que foram muito solidários, segundo ela.

Diz que a mãe sempre foi muito frágil fisicamente; "era muito fraquinha". Apesar da família numerosa e da pobreza diz que viviam unidos e em harmonia. Lembra de sua mãe levando uma vida de penúria.

"Ah! A lembrança de minha mãe? Minha mãe foi uma pessoa muito pobre, uma pessoa que lutou muito. Nóis passava com um ovo. Ela dava pros 12 filhos, um ovo. Ela repartia. Às vezes não tinha comida pra nóis, ela dava banana com farinha de mandioca que os vizinhos davam. Então nóis era sustentado assim. Mais, graças a Deus temo tudo vivo...".

Tem saudade do bairro Santa Augusta, porque lá tinha bons vizinhos.

---

[52] Dona Ilda, moradora do bairro Renascer/Mina Quatro. Entrevista em 15 jan. 2001.

"Olha! Eu gostei, morei e gostei do Santa Augusta. E sinto saudade daquilo ali. Porque foi desde aqui, foi um dos bairros que eu morei e que eu adorei, vizinho era tudo maravilhoso lá".

Sua vida foi marcada pelo trabalho duro. Casou e ficou viúva três vezes. Os maridos não lhe deixaram pensão. Então colocou os filhos numa escola pública em regime de semi-internato, a SCAN e se pôs a trabalhar.

"Tive uma vida de muita dificuldade. Pagando aluguel, ganhando 20 real por..., 20 cruzeiros por mês naquela época, mais sustentei meus filhos, não dei nenhum, porque mãe não dá filho né. Hoje tem quem passa dificuldade, mais eu adoro meus filhos. Hoje tenho uma casada, tenho um casal solteiro em casa, mas hoje eu me sinto rica, porque trabalho eu já passei na vida, não foi fácil".

Sente-se muito grata aos prefeitos que deram o terreno e o material para fazer a casa que foi feita em regime de mutirão. Sente que ganhou o terreno e a casa de favor. Não os sente como uma conquista e um direito. Não tem a escritura da casa, nem do terreno, portanto, não está intitulada na perspectiva de Sen (2000). Porém, sente que a casa e o terreno são seus, presentes do prefeito.

"Não, não tenho a escritura. Quando eles deram o terreno prometeram que iam dar a escritura. Mas, até hoje... né... Agora nóis temo que, disseram que nóis temo que dá 200 reais pra pegá a escritura das casas. Como é que a gente vai pegá a escritura se a gente não trabalha, não é aposentado, não é nada?" Baró (1989) fala da internalização da dependência em povos de sociedades sem autonomia; sociedades de homens dirigidos por outros na perspectiva de Dahrendorf (1981).

Trata-se de um processo em que o sujeito assume, como próprias a cultura e a ideologia das instituições sociais. O sujeito internaliza, assimila comportamentos correspondendo às expectativas da dependência. Essa atitude é observada na região carbonífera de Santa Catarina e pode se aventar à hipótese de que esteja relacionado à figura do minerador que "dava" trabalho, casa, luz, armazém, médico, tudo pertinho, na boca da mina.

As companhias carboníferas eram donas das terras, das águas, dos transportes, do emprego; só não era dona do ar. Assim, o povo habituou-se a pedir e a esperar pelo comando de alguém. Em que pese lutas de resistências dos mineiros nas décadas que precederam e sucederam a ditadura militar principalmente entre 1945, 1950 e 1980. Na década de 1950, o Partido Comunista Brasileiro teve uma ação forte em Criciúma e região.

"Quando o objeto que temos como referência, modelo de identificação é agressor ou oponente procuramos ficar parecido com ele, imitar os símbolos de poder para diminuir a distância e a diferença que existe entre nós" (Damergian, 2001, p. 21).

Os moradores entrevistados do Bairro Renascer/Mina Quatro, na sua maioria, têm essa relação de dependência com as autoridades (prefeitos e vereadores). A solução dos problemas vem de fora. Alguém, um pai, talvez, viria dar uma solução. Cada bairro da cidade tem um dono que poderá ser o presidente da associação de moradores, o vereador, o dono do armazém ou outro.

A solução dos problemas que uma sociedade democrática, livre, onde a maioria de seus membros são homens autodirigidos no dizer de Dahrendorf (1981), não coloca essa questão no âmbito individual, nas mãos de alguém (um salvador da pátria), os problemas são discutidos no coletivo.

As pessoas não se sentem cidadãs com direitos. Foram morar no lixão e ainda agradecem. Moram em cima dos rejeitos, construíram as casas com as próprias mãos e agradecem.

"E a história do bairro é, e até agora eu sô contente com o prefeito, não tenho o que dizê nada do prefeito também que deixou esse lugarzinho pra gente né, que construíram aqui pra nóis e tô bem, o que falta no bairro é mudança no posto de saúde né, porque ali começando desde médico, de enfermeiro pra atendê é um sacrifício e o mais tá tudo bom. Tudo bom".

Na sua fragilidade e insegurança, dona Ilda que, às 22 horas, caminhava pelos becos do bairro com uma vela acesa na mão para lhe iluminar o caminho na escuridão da noite na volta para casa, após um dia de trabalho no curtume, acha

natural esperar que alguém a ajude, assim também se refere com naturalidade, ao fato de ter tido três maridos e nem um deles ter lhe deixado pensão, amparo. Trabalhou num curtume (fábrica de couro) das 14 às 22 horas. Voltava para casa "tremendo de medo".

Reclama do posto de saúde, mas diz que é um lugar do bairro que gosta de ir.

Assim que chegou ao bairro Renascer/Mina Quatro, há 15 anos sua vida foi um verdadeiro "Inferno de Dante". Os presos, que fugiam do presídio, iam se esconder no bairro, não havia o mínimo de infra-estrutura e ainda tinha o lixão.

"Porque eles fugiam, às vezes a polícia queria pegá então eles corriam pra cá, aí atrás de minha casa eles pegavam prisioneiros. Muita gente que roubava, que assaltava aqui no bairro, então não era cercado nada aqui, então eles corriam né, para trás de casa pra se defenderem, até dentro de minha casa foi pego preso".

Refere que, no início, só tinha história triste. Assim que chegou ao bairro foi morar num barraco. As coisas só começaram a melhorar quando começou a fazer sua casa.

"Aí trouxe pra cá essa casinha. Morei aqui. Depois surgiu essa casa aqui. Eu trabalhei de pedreiro junto com os pedreiros pra ajudar a levantar essa casa. Eu e meu filhinho".

Ganhou o material de construção e fez a casa em mutirão. Sofreu com a falta de água. Pegava água que corria ao lado do trilho do trem. "[...] carregava água do trilho, fervia pra eles com uma velinha acesa e ia trabalhá".

> Eu vinha quase meia noite, no escuro. Bêbados, maconheiros. Uma vez eu até peguei um homem cheio de pregos. Eu tinha colocado umas madeira atrás de casa que eu tinha trazido da Santa Augusta, da casinha. Aí veio o repartimento da casinha aí eu peguei tinha botado tábuas de prego atrás e aí quando eu cheguei do serviço tinha um bêbado dormindo lá atrás. Aí as minhas meninas estavam tudo gritando dentro de casa porque tavam com medo que era bandido né, aí eu fui vê. Era o próprio vizinho que tinha bebido e tinha errado a casa dele e foi lá para trás da minha casa.[53]

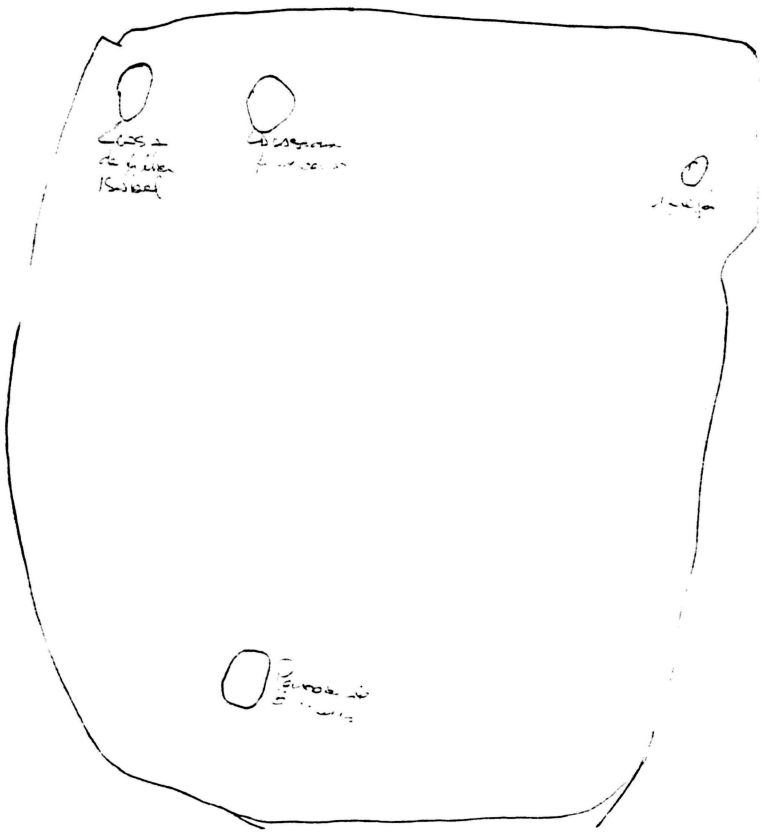
---

[53] Dona Ilda, moradora do bairro Renascer/Mina Quatro. Entrevista em 15 jan. 2001.

Essas histórias grotescas e trágicas do bairro Renascer/Mina Quatro são histórias dessa população pobre e desvalida das periferias das cidades. As cidades e seus esconderijos; os esconderijos de suas vítimas.

No desenho, que fez do bairro, representou-o com os seus limites. Nele colocou o Posto de Saúde, no qual vai toda a semana, porque é hipertensa, e o mercado. Ao delimitar o bairro, percebe-se que já existe um processo de apropriação. Desenhou a rua na qual faz suas caminhadas. A mesma rua sai do bairro, mas não disse para onde ia.

FIGURA 52 – Desenho do bairro, feito por Dona Ilda - 2001

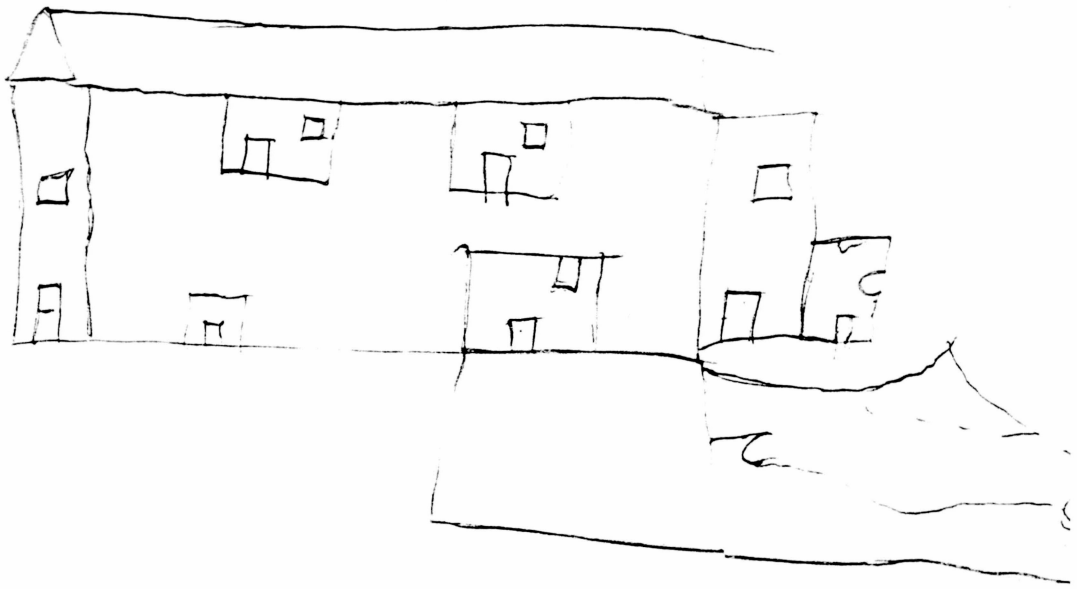


Mora perto da caixa d'água, na mesma em que Dona Zulma morou por 10 anos.

"[...] o dia que derrubaram a caixa d'água ali, foi um sufoco pra mim. Eu tive até de ir no pronto socorro. Ela deu um estouro muito forte e eu me senti mal. Aqui estremeceu toda a casa e eu [...]".

No desenho da casa colocou todas as peças. Diz que sua casa é grande. Representou a casa com volume e espaçosa.

FIGURA 53 – Desenho da casa, feito por Dona Ilda - 2001



Liga a natureza à vida, ao nascimento, ao início. Pode-se dizer que também faz sua poética com esse fato. A vida é, para dona Ilda, um fato muito forte, viceral. Deu um conceito contundente de natureza. Isso nos remete a valência positiva, a pulsão de vida na perspectiva de Damergian (2001). Essa pulsão de vida que se sobrepõe à pulsão de morte e fez Dona Ilda sonhar e acessar ao momento poético. "Comparo a natureza ao nascimento: o que eu vou dizê o que é natureza? Olha, quando tu vê uma criança nascer, tu vê que é uma coisa da vida, uma natureza, né, então ali eu acho bonito, eu me sinto bem tá? Então é isso aí que deve ser".

Já de meio ambiente tem uma noção caricaturada, tal como os meios de comunicação e alguns programas de Educação Ambiental o vêem.

"Meio ambiente, eu acho que essas árvores que estão arrancando agora né. Que ta tirando tudo o que é de bom pra nóis né, inclusive esse calor, essas coisas aí. Isso aí é da natureza que tão arrancando essas árvores. Essas coisas aí, que não tão deixando nóis nem com um pé de árvore plantando. Então eu disse, eles vão arrancando lá, e eu vou plantá tudo na frente da minha casa".

Espaço para ela é onde se pode caminhar, sentindo-se bem. Gosta da cidade de Criciúma. Os caminhos de Criciúma, que gosta de percorrer, são os que levam à gruta num bairro central da cidade.

"Olha eu gosto de ir até a gruta. Adoro ir à gruta. Eu gosto muito de caminhar no centro da cidade".

"Sei lá, eu gosto de ver as coisas boas, bonitas né. Bastante dinheiro no bolso, mas isso a gente não tem".

FIGURA 54 – Avenida Centenário que atravessa a cidade, de Criciúma, de ponta a ponta; era a antiga linha do trem

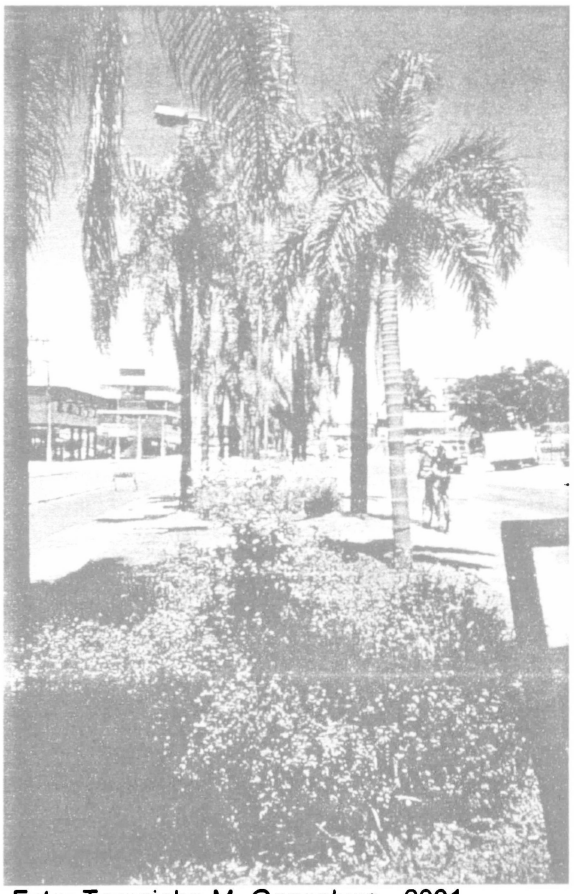


Foto: Teresinha M. Gonçalves - 2001

A imagem do centro de Criciúma é o centro da cidade urbanizada, iluminada, limpa com suas praças e vitrines.

Essa é a imagem da cidade que a maioria dos moradores entrevistados têm de Criciúma. Localizam os problemas urbanos no bairro. No centro de Criciúma, fazem os momentos poéticos no sentido de que esta cidade iluminada, bonita e limpa é a figuração de sua emoção mais pura.

Dona Ilda quis transportar essa imagem para o bairro, fazendo de sua casa esse lugar limpo, bonito e florido. Dos entrevistados é a que tem a casa mais bonita, mais organizada, mais limpa, mais cultivada, com jardim florido.

Ela transformou sua casa, através do processo de cultivação. Cultivou, melhorou, ampliou, pintou, ajardinou, colocou flores, pássaros e gaiolas. Gosta do canto dos pássaros.

FIGURA 55 – Os canarinhos "dobradores" na varanda de Dona Ilda

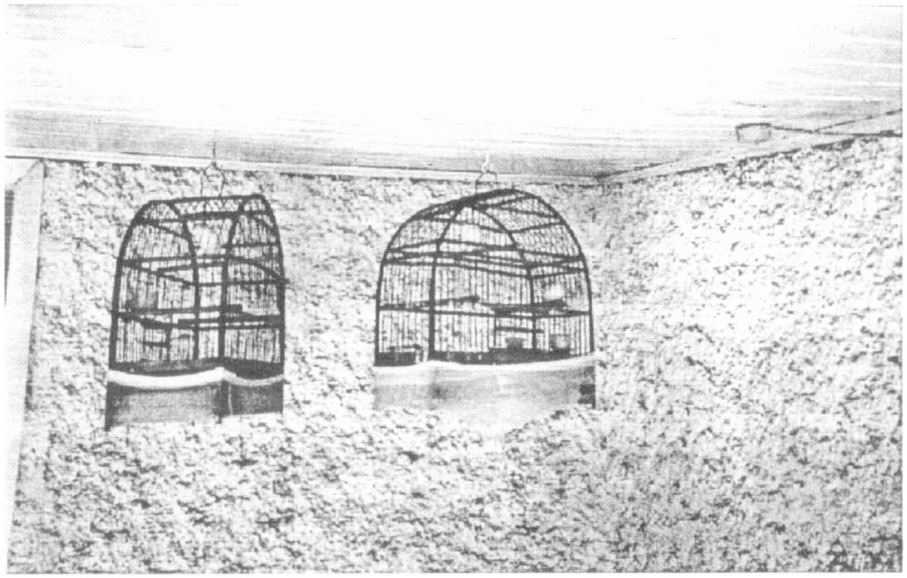


Foto: Dona Lídia - 2001

Sua casa é ajardinada. Na parte interna, todos os muros são enfeitados por flores. Na varanda, nos fundos da casa, cultiva a gaiola com pássaros. Orgulha-se de estar ali, hoje, numa casa bem cuidada, cultivada, no lugar que um dia foi apenas um amontoado de madeira com pregos à vista, ferindo o vizinho bêbado.

FIGURA 56 – Dona Ilda cultiva sua casa, enfeitando a parte interna do muro

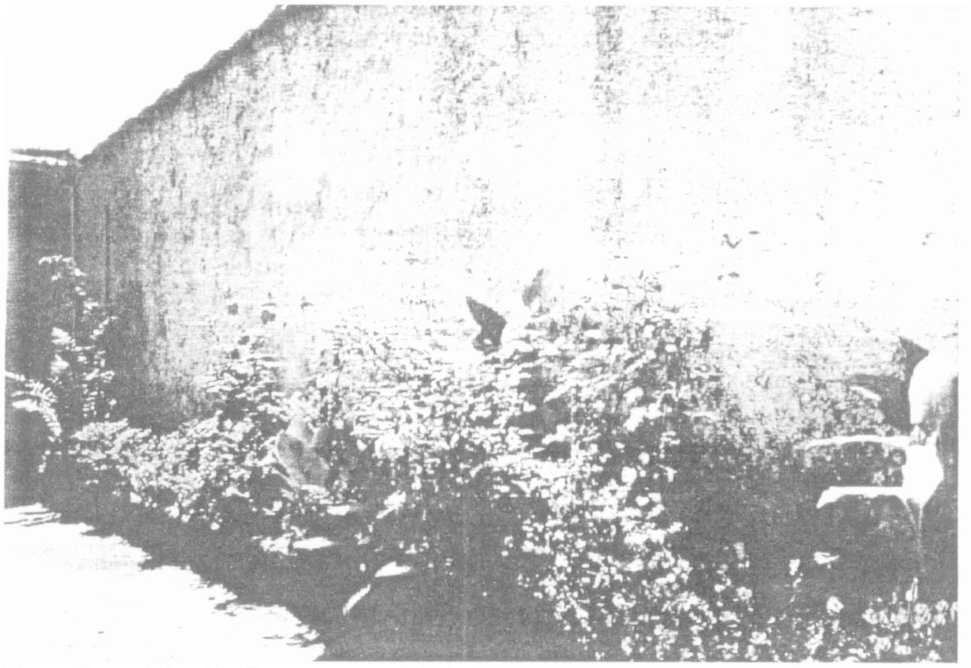


Foto: Teresinha M. Gonçalves - 2001

Internamente a casa também é bem cuidada, com piso cerâmico, pintada em cores suaves, mobiliada. Tudo muito simples, limpo e discreto. Da sala onde estávamos na hora da entrevista, víamos uma bruxinha presa ao teto do quarto da filha que balançava ao sopro do vento que entrava pela janela.

Percebe-se que a auto-estima dela foi crescendo, modificando-se junto com a casa. Gosta de se arrumar, de estar bonita, de uma forma discreta.

A peça mais importante de sua casa é a garagem que transformou em varanda, colocou uma rede para se balançar.

"Olha, a minha casa eu gostaria que fosse como ela é. Porque eu gostaria de ter uma garagem e graças a Deus eu tenho. Eu gostaria quando assim que eu não tinha nada, eu sempre sonhava em te uma casa assim com garagem pra botá uma rede pra mim balançá. Pra mim descansar. Uma área de serviço. Graças a Deus eu consegui tudo com muito esforço e muito suor".

A rede, a brisa, Criciúma perto do mar. O mesmo mar que a viu nascer. O mar de Laguna. A brisa balança a rede e os sonhos de dona Ilda. Como um vai e vem das ondas, segue sua vida num constante vir a ser, fechando-se e abrindo-se a cada síntese que consegue fazer...

A rede é, pois o *pathos* figurado. É o objeto poético com o qual fez a síntese poética, apropriando-se assim de sua casa. A rede, como objeto poético, é o elemento mais forte na casa e no entorno. Tem os pássaros, tem as flores, porém, é na rede, no balanço da rede que dona Ilda sente-se inteira como mulher que sonha, que deseja ser feliz e sente-se realizada.

TRILHANDO NO RENASCER E ANDANDO NO CENTRO DE CRICIÚMA



" Aí sempre tô trilhando, ali pra
cima e pra baixo pra ir na minha filha
que eu tenho treis que moro aqui.
Aí trilho um pouco"
" Cidade é um centro que a gente
vai e começa a andá"
(Lisandra)

to: Sérgio Honorato - 2001

3.9 Trilhando no Renascer e andando no centro de Criciúma

Dona Lisandra é de beira-mar, do Km 37, perto de Laguna. Mora há 10 anos no Renascer/Mina Quatro. mas ainda se sente deslocada no bairro.

"Agora, quer dizer, que eu já tô conhecendo mais, porque a gente né, mais não bem".[54]

Se não morasse no bairro Renascer gostaria de morar no bairro Santo Antonio, porque lá tem parente. Porém, para morar gosta mesmo é do bairro Renascer e acha que só vai sair de lá quando morrer. Quase não sai de casa. Só faz isso para ajudar os outros.

"Bom mesmo não tem aonde, porque quase não saio mesmo né. Gosto de sair assim, quando assim, quando uma pessoa precisa de mim. Ai é que eu saio né? Eu não sô mulhé de andá na casa dos outro não".

De sua infância, guarda uma imagem de uma menina peralta, de uma família grande, com 12 irmãos. Seu pai ficou viúvo duas vezes e teve três mulheres, contando com sua mãe. Foi criada pela madrasta. Perdeu sua mãe quando tinha apenas quatro anos. "A minha madrasta? Foi ela que me criou. Até hoje eu tenho pesar dela, porque nóis se dava muito bem. Nunca ela brigou com nóis por causa de irmão, nada. Nóis se dava muito bem mesmo".

Foi morar no Renascer/Mina Quatro depois de ficar viúva, há 10 anos. Sua filha já morava no bairro e, na época, fez mais uma peça na casa para abrigar a mãe.

Quando era mocinha, não gostava de namorar. Diz que depois de casada sua vida virou um inferno. Separou-se do marido e depois ficou viúva.

Morou no bairro Naspolini, do qual tem muitas saudades.

---

[54] Dona Lisandra, moradora do bairro Renascer/Mina Quatro. Entrevista em 12 jan. 2001.

"Ah! Saudade deles lá, que é uma família muito boa. Não tenho o que falá deles né. Aí dispois queriam vim pra cá. A gente veio, né, mais eu também gosto daqui. O pessoal falou muito do luga, mas...".

Gosta de Criciúma, do Centro, das lojas, da catedral.

"Ah! Ir ali no centro dar uma vortiada, pra lá, um passeio por ali para repará como é. Que tá as loja tudo ali. Sinto muito bem".

Passear, sair por prazer, ir ao centro de Criciúma. O lugar exerce fascínio sobre todos os entrevistados. As luzes, quase todos se referem às luzes, à cidade iluminada. O centro de Criciúma, dessa forma, se converte no objeto poético para os moradores entrevistados, mesmo para dona Lisandra, tímida, confusa, com muita dificuldade de expressar suas opiniões, seus sentimentos. Como foi uma entrevista ao vivo, conseguiu-se entender o que queria dizer em seu discurso, aparentemente desarticulado, pelas expressões faciais que fazia.

FIGURA 57 – As luzes da cidade que fascinam Dona Lisandra

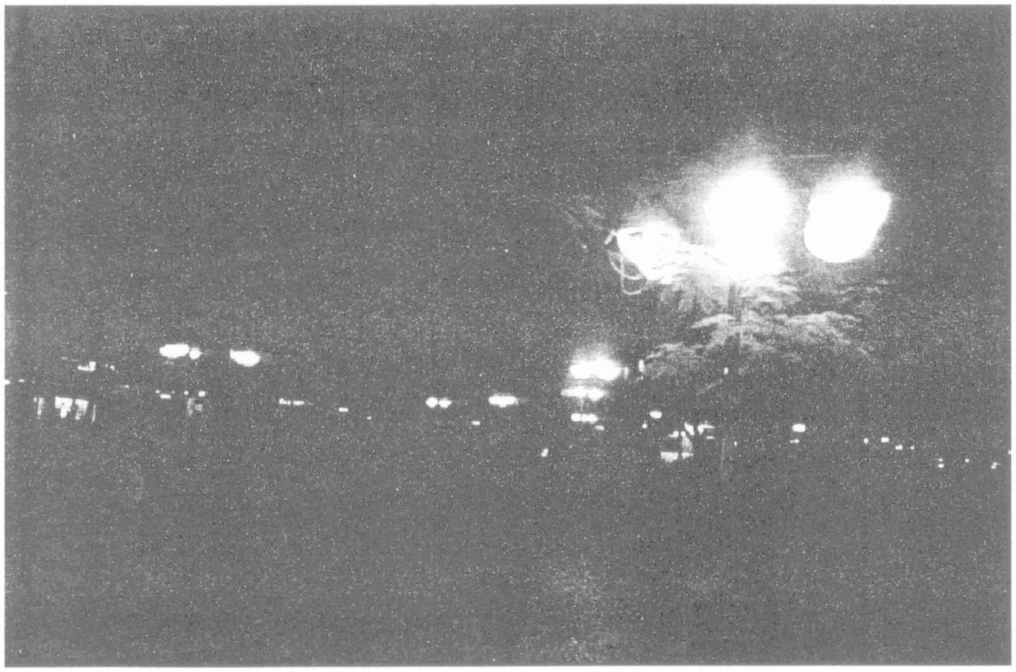


Foto: Teresinha M. Gonçalves - 2001

Baudelaire (1997) também ficou fascinado pelas luzes da cidade. O momento da noite cobre tudo, inclusive o que é feio e só as luzes aparecem com sua beleza própria e com a beleza do que iluminam. Parece que os moradores entrevistados captam isso: luzes e a multidão.

> Assim, o apaixonado peia vida universal entra na multidão como se isso aparecesse como um reservatório de eletricidade. Pode-se igualmente compará-lo a um espelho tão imenso quanto essa multidão; a um caleidoscópio dotado de consciência, que, a cada um de seus movimentos, representa a vida múltipla e o encontro cambiante de todos os elementos da vida. É um insaciável "não-eu", que a cada instante o revela e o exprime em imagens vivas de que a própria vida, sempre instável e fugidia (Baudelaire, 1997 p. 21).

Uma nova Lisandra, quem sabe, uma a mais na multidão da cidade, mas que intereage com outras pessoas, outras energias que alimentam sua fruição, a esse desejo de estar andando em Criciúma no meio da multidão: andar por outros caminhos, diferentes do percurso repetitivo que faz no bairro e que se compara com o percurso do trem.

Na cidade, seu corpo cruza com outros corpos. Sente outros cheiros, vê as luzes, as vitrines coloridas. O corpo ocupa espaço. Sabemos que dona Lisandra existe porque a vemos, os outros a vêem. Seus pés, suas pernas "trilham" o mesmo caminho que vai de sua casa à casa de suas filhas. "É trilho mais pra ir na minha filha a que eu tinha mais né, que ela trabalha né, aí custa de vim. A í sempre tô trilhando alí pra cima e pra baixo pra ir na minha filha, que eu tenho três que mora aqui. Aí trilho mais um pouco".

Ela diferenciou dois movimentos corpóreos: trilhar e andar. O primeiro expressa opressão, falta de possibilidade de expansão, de liberdade, de criação. O trilhar é seguir um percurso repetitivo, como faz o trem que não pode sair dos trilhos. Um percurso sem possibilidades de mudar de rota, onde o novo parece que nunca será alcançado.

Esse tipo de relação com o espaço pode ser visto, na perspectiva de Sennett (1994), como a relação do sujeito que mantém um corpo anestesiado, inerte, sem muita reação ao meio. Se o corpo se torna passivo, os sentidos ficam anestesiados, os sentimentos represados. Trilhar é um caminho sem horizontes, sem fruição poética. O segundo movimento, o andar, expressa as possibilidades de alargamento de horizontes, de confirmação da esperança, do encontro consigo. Nesse segundo tipo de relação como espaço, o corpo já não está anestesiado, reage aos estímulos da cidade, às luzes, à multidão, à Praça do Congresso.

"A cidade é um centro que a gente vai e começa a andá. Eu vou nas lojas né, dá umas espiada, assim pra passeá. Ali no centro dá uma vortiada, pra lá, um passeio por ali pra repará como é que as lojas tão".

Para Sansot (1996) "é a cidade que cria o homem, ou ao menos o modifica, para ser ela mesma e se dizer por ele, para exercer sobre ele sua potência poética. A poética seria uma qualidade de certos lugares, recriados por cada um que experiência sua poesia" (apud Tassara, 2000, p. 30).

O ideal de prazer, de felicidade, para Dona Lisandra estaria em compartilhar desse frenesi, dessa fruição poética em relação ao "bonito", ao "vivo" da cidade? A cidade bonita com praças e jardins, luzes, mas, sobretudo, com a multidão, muita gente, andando nas calçadas, freqüentando as lojas, passeando. A vida está nas pessoas, presentes nas ruas, nos jardins, iluminados pelas luzes da cidade.

O bairro Renascer/Mina Quatro para ela não faz parte dessa cidade iluminada, bonita, pois no bairro ela não anda, trilha, ou seja, anda de um lugar para o outro num caminho fixo, repetido como se fosse o trilho do trem. Na cidade ela anda: "cidade é um centro né que a gente vai e começa a andá".

Morar num lugar onde é preciso "atolar o pé na lama", esperar horas num ponto de ônibus, aguardar dias por consulta médica e não confiar no profissional, conviver diariamente com a violência, cheirar o enxofre que sai dos amontoados de rejeitos de carvão não é, por certo, habitar o lugar sonhado pelo morador do Renascer/Mina Quatro. O ideal de cidade é o centro de Criciúma, que além da beleza e da limpeza tem mais facilidades de recursos de todo tipo (comércio, saúde etc).

Dona Lizandra, como a maioria dos moradores entrevistados está em processo de apropriação do bairro. Até agora, apropriou-se de sua casa, onde tem objetos poéticos com os quais se relaciona.

No desenho do bairro, não se coloca dentro dele, não se representa no bairro. Desenhou o bairro de forma circular e dentro dele colocou as casas das filhas, a igreja e o ponto de ônibus.

FIGURA 58 – Desenho do bairro, feito por Dona Lisandra - 2001

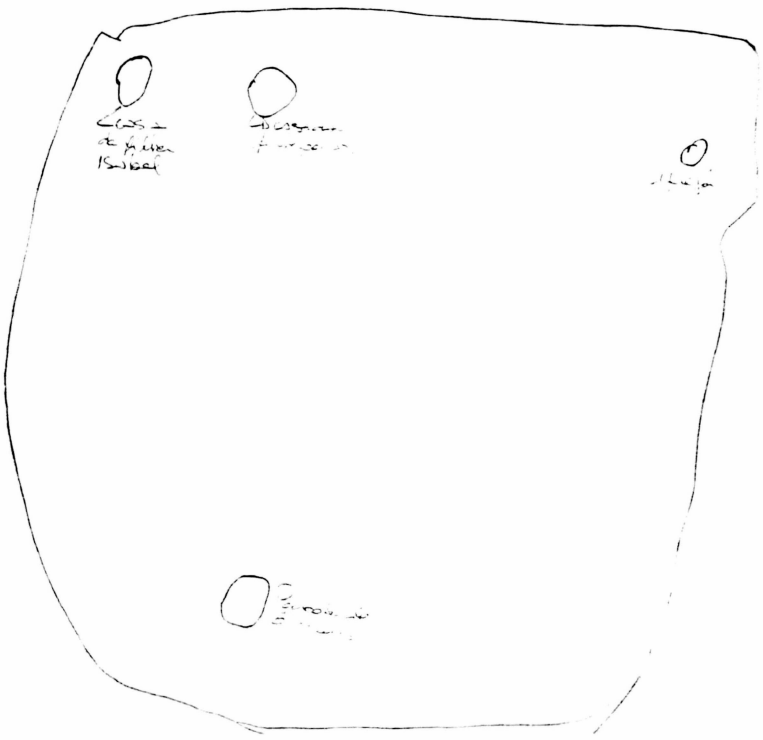
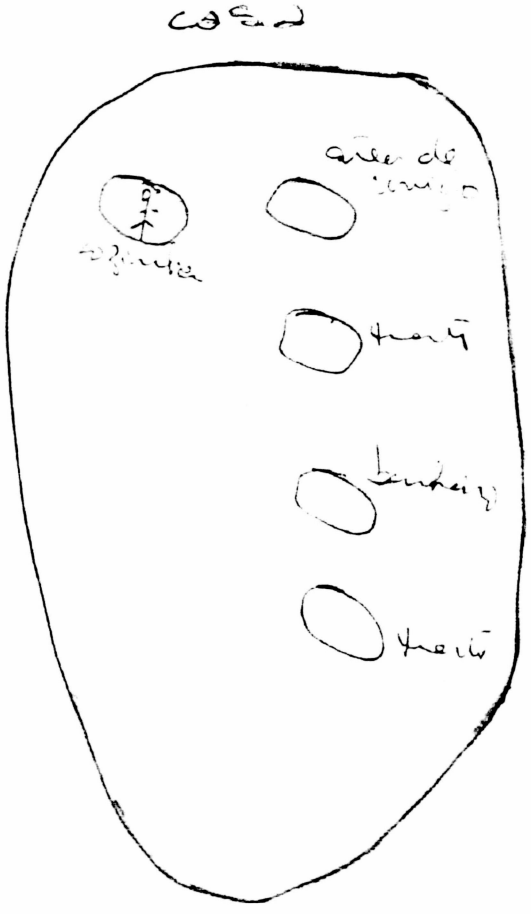


FIGURA 59 – Dezenho da casa, feito por Dona Lisandra - 2001



A casa é bem cuidada, arborizada. Parece que na cidade vai buscar o alimento para sua poética que, na sua casa se expressa no enfeite que mais gosta: é uma rosa de gesso que está na parede da cozinha.

FIGURA 60 – Rosa de gesso na parede da cozinha de Dona Lisandra



Foto: Teresinha M. Gonçalves - 2001

Poucos moradores entrevistados se apropriaram efetivamente do bairro. Trancam-se em suas casas, o lugar do bairro de que se apropriaram de fato. No Renascer/Mina Quatro, para a maioria, o bom é a casa. O espaço de lugares bonitos e desejado é o centro de Criciúma. É lá que vão, como Dona Lizandra, buscar energia para sonhar, motivação poética para enfeitar a casa, criar ambientes onde se sentem bem.

Dona Lisandra está em processo de apropiação da casa, do bairro não se apropriou. Contudo é através da casa que se inicia o processo de apropriação. Poderíamos dizer que ela esta em processo de apropriação do bairro. Até porque, a casa não é uma ilha dentro dele.

SAINDO DO BAIRRO PELOS CAMINHOS "DA PRÓSPERA", RETORNA COM OBJETOS POÉTICOS QUE ENCONTRA NO LIXO: A GUAMPA E O PORTÃO QUE ENFEITAM A SUA CASA



"Encontrei este portão, é uma parte, achei bonito. Coloquei aqui na entrada de minha casa".

(Paulo)

Foto: Teresinha Maria Gonçalves - 2001

8.10 Saindo do bairro pelos caminhos "Da Próspera", retorna com objetos poéticos que encontra no lixo: a guampa e o portão que enfeitam a sua casa

Seu Paulo mora no bairro Renascer/Mina Quatro há oito anos. Quando chegou ao bairro foi morar debaixo de uma lona. Aos poucos, foi ganhando umas tábuas e começou a erguer seu "ranchinho", como diz.

É catador de papel e tem uma carroça puxada a cavalo. No pátio de sua casa, está a estrebaria e os amontoados de papelão que ele cata na rua durante o dia e também à noite.

FIGURA 61 – A casa de Seu Paulo

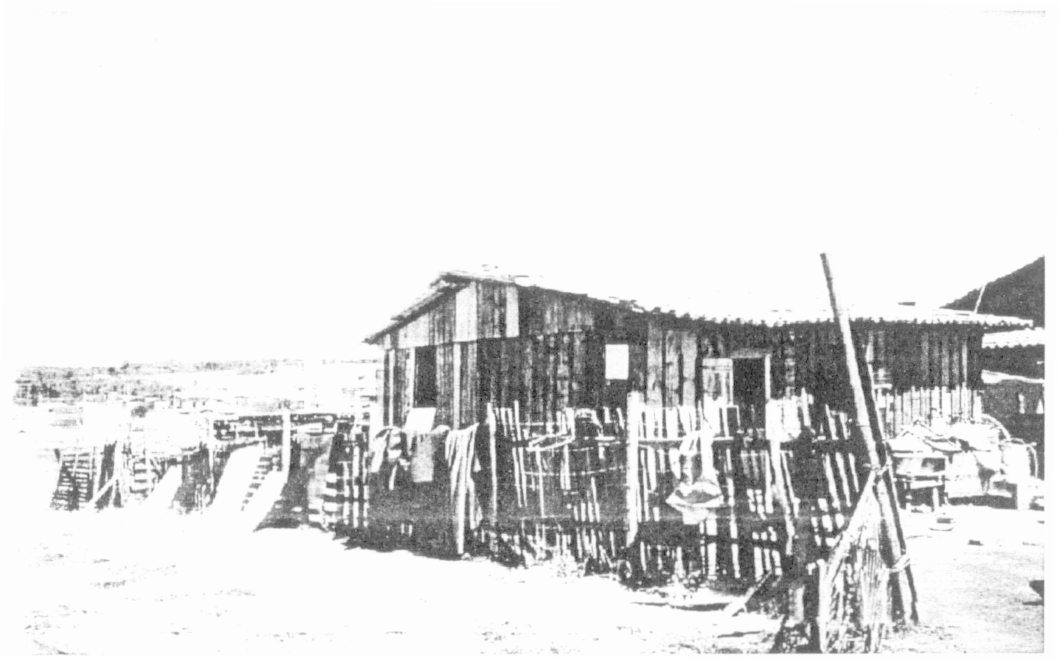


Foto: Teresinha M. Gonçalves - 2001

Antes de morar no Renascer/Mina Quatro, morou em vários lugares: Siderópolis, Araranguá e Jaguaruna – sua terra natal – de onde guarda boas lembranças. "Gosto de Jaguaruna porque lá é terra boa, uma terra de capacidade, não se vê briga, não se vê mau elemento, não se vê nada né".[55]

---

[55] Seu Paulo, morador do bairro Renascer/Mina Quatro. Entrevista em 26 dez. 2001.

Morou em Jaguaruna até os 12 anos de idade. Lembra que brincava nas dunas da praia que ele chama de "cômodos". "Brincava na areia, nos cômodos da praia, era bom, hum!".

É, portanto proveniente do meio rural. Vem de uma família de seis irmãos. Foi amamentado até os seis anos. Não sabe direito, a idade. Diz que está entre 60 a 66 anos. Aparenta ter, no máximo, 53 anos.

Seu Paulo inclui-se na primeira categoria de moradores do bairro, ou seja, os expulsos da terra.

Sonhava em ter um carro e um cavalo. "Eu queria ter um carro, aprender a dirigir. Depois outro sonho: ter um cavalo".

Assim relata sua vida atual:

> Eu saio buscá papel, caio na estrada, os outros é que me socorre, é a minha vida aqui. É, doente toda a vida, é lidando, é uma coisa é outra. Quero ir pra frente mais não dá, a minha força não dá mais. Tem hora que eu posso dormi, tem hora que eu não posso dormi. Eu ando porque eu sou obrigado a anda, porque eu sou o home da casa né. Recurso de saúde é que é mais necessário aqui no bairro. Uma vez o menino e mulhé ficaro doente, ela com pressão, alta foi no posto e dissero que não era nada. Foi no posto da Próspera e mediram e estava bem alta. Quando preciso de socorro aqui não adianta, vou passando mal, passando mal aqui dentro de casa porque não tinha o que comê. É muita despesa, é água, é luz. O bairro aqui está cada vez meis esculhanbado. Em vez de endireitá é força de maconheiro, ladrão, bandido. Isso aí tem.[56]

Demonstrou, durante toda a entrevista, que se sente inseguro no bairro. Refere-se a "maconheiros", bandidos. Sua casa fica perto da linha do trem que faz um dos contornos do bairro, em cima dos rejeitos de carvão, ao vivo, sem cobertura de terra. O entorno da casa, são os montes de rejeitos que, ao entrarem em autocombustão queimaram seu filho que estava brincando nos amontoados.

---

[56] Seu Paulo, morador do bairro Renascer/Mina Quatro. Entrevista em 26 dez. 2001.

FIGURA 62 – Rejeitos de carvão junto à via férrea na frente da casa de Seu Paulo



Foto: Teresinha M. Gonçalves - 2001

> Esse carvão aí tem que tomá uma providença. A história da queimadura do meu menino aí né, que foi queimado lá embaixo, aí só foi brincado. Daqui a pouco, tava mais o sobrinho, sabe o ex-primo. Foro lá brincá naquela pedra vegetal, pedra femo, aquilo queima mesmo. Jogaro lá e ninguém tava sabendo, foi quando viero dizê que meu menino tava todo queimado, todo queimado. Há um mês atrais uma menina também se queimou lá naquele carvão.[57]

Seu Paulo tem verdadeiro pavor do bairro. Diz que lá se sente inseguro, infeliz. No desenho do bairro destacou um caminho e disse que era a saída do bairro que o leva ao bairro Próspera.

---

[57] Seu Paulo, morador do bairro Renascer/Mina Quatro. Entrevista em 26 dez. 2001.

FIGURA 63 – Desenho do bairro, feito por Seu Paulo - 2001

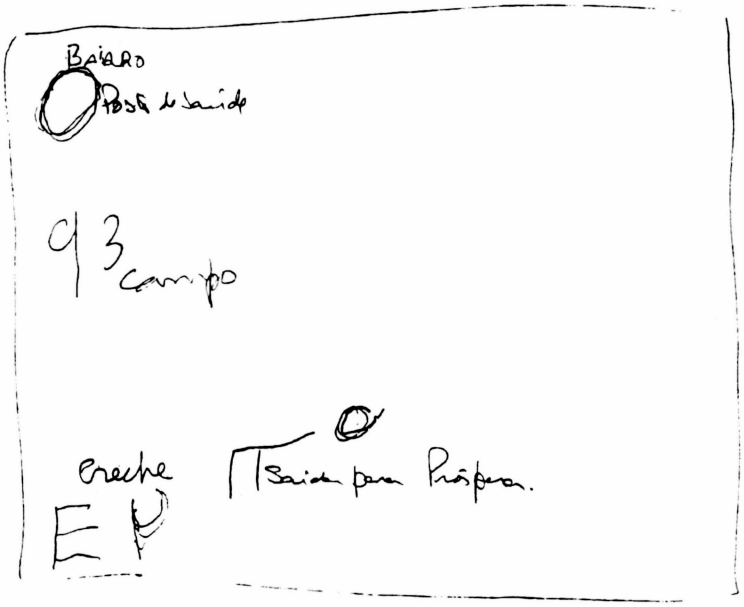
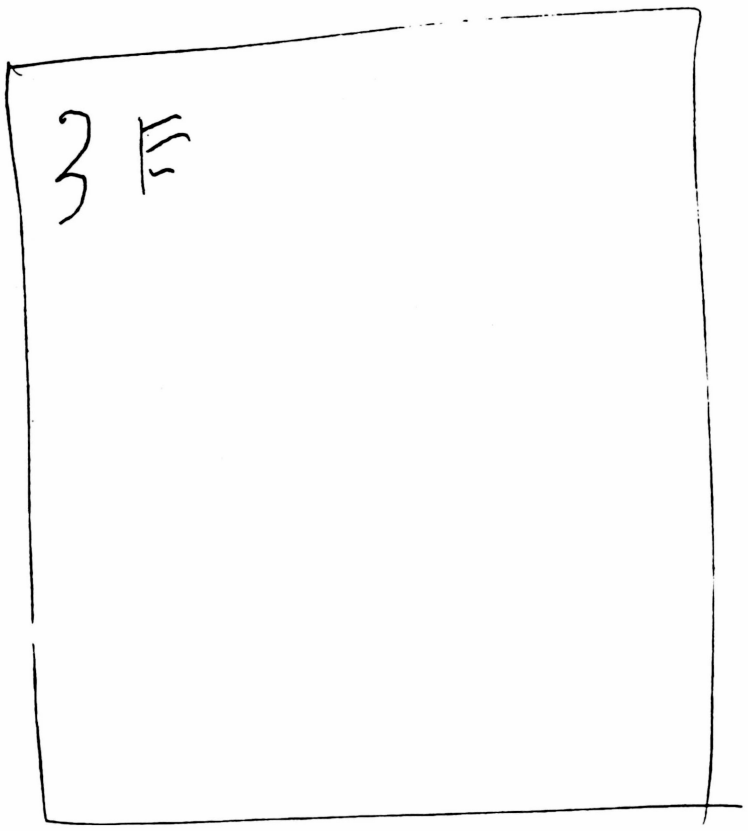


FIGURA 64 – Desenho da casa, feito por Seu Paulo - 2001



> Fui muito agredido aqui em casa, eu e a mulhé. Mais vai se levando a vida devagazinho. Agora até a mulhé tá caída, o filho tá caído. A minha vida é esta: sempre sofrendo, sacrificado pra trazer o mantimento pra dentro de casa. Tenho essa perna aqui, tem trombose, já foi operada. Agora querem cortá a minha perna, mas eu não quero, prefiro morrê. Tem hora que eu caminho e sou obrigado a pará. Vou fazê o serviço e caio na estrada, fico tonto. Dinheiro pra comprá remédio não se tem.[58]

Esse relato doloroso de Seu Paulo demonstra, mais uma vez, nesta pesquisa, como é a vida de um não intitulado, que mora na periferia da cidade de Criciúma. O que nos chama a atenção é que, apesar de toda a dureza, a vida não tirou o brilho do seu olhar. Olhando para ele, percebe-se, naquele rosto sofrido, uma vibração que lembra o rosto de um jovem que contrasta com seu corpo esquálido, franzino.

Sua maior alegria é pegar o caminho que leva ao bairro Próspera, um dos maiores bairros de Criciúma, chamado de a Próspera, pois tomou a nominação de uma mineradora que lá existiu: a Companhia Carbonífera Próspera. É lá que está a fábrica de embalagens "Canguru". Diz ser amigo do dono. O pessoal da fábrica guarda os papelões para ele, trata-o com carinho e respeito e até lhe emprestam dinheiro. Fica radiante, sente-se valorizado por essas pessoas, diz sentir-se gente.

"Tem muitas loja, todo mundo atende com carinho e depois a gente precisa deles, o negócio do papelão, eles guardam pra gente. Tenho amizade com o pessoal das loja no centro, com o pessoal da Canguru, porque é uma pessoa que não tem luxo. Tem pessoa dessa que me ajuda, me empresta dinheiro, vem aqui em casa e me trais umas coizinhas".

Do lixo recolhe objetos que enfeitam sua casa: "Encontrei esse portão, é só uma parte, achei bonito, coloquei aqui na entrada".

A compreensão da vida urbana afeta a condição subjetiva do sujeito que se relaciona com meio que o assujeita (Tassara, 2001).

---

[58] Seu Paulo, morador do bairro Renascer/Mina Quatro. Entrevista em 26 dez. 2001.

Seu Paulo produz sua subjetividade nesse meio urbano hostil e inóspito. A relação afetiva com o seu ambiente se dá na dependência. Valoriza o afeto que recebe de seus "protetores". No meio urbano as subjetividades estão sempre se estruturando, porque o sujeito interage continuamente com esse meio.

> Se as trocas entre os humanos são fundamentais para a construção e a afirmação da subjetividade, se o sujeito se constitui pela existência do outro, que o reconhece ou nega, como fica essa relação de dependência de Seu Paulo com seus "protetores"? Na percepção dele é amado por eles. A derrota dos pobres é tão acachapante nas sociedades pós-industriais que eles próprios acabam se convencendo de que são um peso para a comunidade e não merecem mesmo que os mais favorecidos se sacrifiquem por eles [...] (Damergian, 2001, p. 99).

Como se dão as trocas afetivas de Seu Paulo? No bairro sente-se agredido, na rua sente-se amado. Mesmo assim, tem uma casa, lá nos rejeitos onde pode, ao menos, voltar; descansar ser corpo e tratar de seu cavalo. Nesse "oásis" libera sua parte humana essencial, sua poética. A casa, construída com sobras de matérias que provavelmente teriam sido utilizados em outras construções é extremamente limpa e organizada. Até os papelões que se amontoam no seu pátio estão organizados, separados e classificados.

Dá para compreender, então, como teve forças e vontade para num cenário, quase "dantesco", fazer um "altar" para colocar o objeto que achou bonito e retirou do lixo; uma guampa que colocou com todo o cuidado sobre uma tábua pintada de vermelho, fixando-a na parede de sua casa. Da mesma forma, o portão de ferro, que também trouxe do lixo, colocou na entrada de sua casa. Nesses momentos poéticos, seu Paulo inicia o processo de apropriação da casa.

CONCLUSÃO

Os sujeitos são analisados nas dimensões poética, psicológica e sociológica. A poética compreendida como uma dimensão psicológica mais profunda, ou seja, onde está a fonte da criatividade humana; a psicológica onde se localizam os processos cognitivos, afetivos e interativos dentro de uma dimensão social onde são analisadas as questões do acesso ao desenvolvimento e à questão da liberdade.

A poética, nas perspectivas de Croce (1997) e de Paz (apud Tassara, 2001), remeteu-nos a uma concepção de pesquisa na área da psicologia ambiental, que detectou a fruição, os momentos e a síntese poética na fala, nas expressões não-verbais (desenhos e fotografias), na casa, no entorno e na cidade dos moradores do bairro Renascer/Mina Quatro que participaram da pesquisa.

O elemento poético, que é gestado no tempo psicológico, no da poética, fazendo uma ancoragem material no espaço, levou-nos a uma outra instância de compreensão da realidade concreta, a do meio ambiente concreto. Essa realidade é construída pelo sujeito que deixa nela a sua marca, a de sua subjetividade, de sua afetividade, que se concretiza no objeto poético, concreto, embora esteja carregado de significados e de emoção.

As dimensões da construção de si, a internalização do mundo e a apreensão do mesmo orientam e mobilizam o sujeito à ação no mundo; é o encontro do dentro e do fora: essa é a nossa compreensão de dimensão poética.

A impossibilidade de fazer essa síntese, ou seja, de ver-se como sujeito no mundo e com o mundo, produtor e produzido mata a possibilidade de emancipação na perspectiva de um sujeito descentrado, sujeito da história e de seu destino.

Quantos devaneios fizeram os moradores do Bairro Renascer/Mina Quatro? Alguns expressaram, durante a entrevista, essa outra dimensão na compreensão de sua situação do bairro, na sua maneira de relacionar-se com o

que chamamos de natureza, quando libertaram a sua imaginação para que as histórias de suas vidas pudessem ser contadas. Nem todos, porém, fizeram devaneios, pois estavam aprisionados aos fatos concretos de sofrimento e desesperança.

Nesta pesquisa, foram identificadas três categorias de agentes produtores da cidade: a) minerador ligado à atividade carbonífera e à história político-econômica do carvão; b) ambientalistas, agentes ligados à problemática ambiental; c) moradores ligados ao problema da degradação sócio-ambiental.

Entre os moradores foram identificadas, também, três categorias:

Uma primeira categoria, os expulsos da terra, moradores que tiveram sua infância e juventude na área rural e o imaginário povoado de conteúdos simbólicos dessa cultura. Essa categoria tem mais dificuldade de desenvolver o processo de apropriação. O espaço apropriado do bairro é a casa e não freqüentam os lugares coletivos, onde se dá a sociabilidade. Têm apenas, com esses lugares, uma ligação funcional: freqüentam o posto de saúde, a creche, a escola, o mercado.

Os moradores do Bairro Renascer/Mina Quatro, de origem rural, tiveram e têm uma ligação forte com a natureza que, em Criciúma, foi brutalmente destruída pela indústria do carvão. Muitos dos entrevistados vivenciaram a destruição, como, por exemplo, colocar dinamites dentro das minas para arrebentar as camadas de pedra que ficam acima dos veios de carvão, desmatar para fazer "terreiro"[59] para colocar os rejeitos que não podiam mais "ficar" dentro da mina.

Dona Olga[60] falou que ela e o marido, na década de 80, ganharam muito dinheiro; derrubando a Mata Atlântica para fazer "terreiro" para os mineradores. A identidade de lugar, para os moradores de origem rural, ainda é dada pelos lugares do espaço rural.

---

[59] Terreiro. Pátio a céu aberto, onde eram despejados os rejeitos de carvão que não podiam mais ficar dentro das minas.

[60] Dona Olga, moradora do bairro Renascer/Mina Quatro, jan. 2001.

Uma segunda categoria, os expulsos da cidade, empurrados para a periferia de Criciúma pela pobreza. Esses moradores já têm identificação com a cultura urbana e são os que estão mais adiantados no processo de apropriação do bairro. Identificam lugares de sociabilidade, nominam ruas, ficam mais tempo no bairro. Já esboçam o "place attachment".

Uma terceira categoria, que chamamos de "flutuante", caracterizada como moradores que vão ao bairro por um motivo explícito de obter alguma vantagem, como: ganhar um lote e depois vendê-lo. Segundo o relato do médico do Posto de Saúde do bairro, é comum esse tipo de morador negociar sua casa, nos finais de semana, numa mesa de bar.

A ação de morar é a de construção do espaço simbólico. Todos os entrevistados do bairro Renascer/Mina Quatro moram e habitam a casa, com exceção de seu David que mora na casa e habita a oficina. Têm com ela uma fruição poética. Com o bairro, têm uma ligação funcional, com execeção de dois moradores, já citados. Dessa forma, a maioria ainda não habita o bairro porque não faz uma recriação coletiva do espaço simbólico do lugar, porém, já está em processo de apropriação do bairro.

Esses moradores, têm, com o centro urbanizado de Criciúma, com suas praças, seus jardins, suas luzes uma fruição poética. Dessa forma, o "place attachment" também é feito com lugares fora do bairro, como: a Praça do Congresso e os lugares onde nasceram e viveram antes de chegar a Criciúma. O centro de Criciúma é o espelho do outro: vivem no bairro, "namorando o centro da cidade". "Gosto de ir lá na praça do Congresso, pois tem árvores, pássaros e crianças brincando...''. "Lá tudo é bonito". "Gosto de ver as vitrines, as luzes". Contudo, fazem a síntese poética através da casa, dos modos de morar.

Os moradores do Bairro Renascer/Mina Quatro fazem parte de uma população errante, em constante peregrinação, que sempre, desde criança mudou de lugar em busca de trabalho, sustento e melhores condições de vida. O **trabalho**, o **emprego**, são valores primordiais para essa população que só conheceu a miséria e o sofrimento no campo, trabalhando na roça, passando todo tipo de privação. Para alguns deles, a natureza é o mato, onde não tem recursos,

não tem luz elétrica, nem ônibus e nem salário para receber no final do mês (nem salário, nem "boró" e nem "ordem").

Ter um salário, carteira assinada e uma aposentadoria aos 15 anos de serviço, foram os sonhos de muitos. E esses estavam no "eldorado" do carvão, em Criciúma. Que importa P^1, P^2, P^3 [61]

Que importa os rejeitos estarem ali perto da casa queimando, exalando odores insuportáveis? Que importa não ter água? Os moradores percebem a poluição e seus efeitos nefastos, mas ainda vale mais o emprego, quem sabe a volta do trabalho na mina...

O espaço onde moram foi ocupado de uma forma desesperada. Não tinham aonde ir e a prefeitura estava doando lotes no lixão; os que não conseguiram, invadiram.

As casas do Bairro Renascer/Mina Quatro, no início, eram exatamente iguais, pois a planta foi fornecida pela prefeitura, enquanto as das áreas de invasão tinham o jeito de seus donos. Mas, ao cabo de algum tempo, seu entorno já estava modificado, expressando a marca de seus moradores.

Esta marca, porém, não é tão individual assim. Ela expressa traços de uma dada cultura, que, no coletivo do bairro, pode identificar-se com outros moradores de culturas semelhantes, assim como com os que as têm diferentes.

Através da interação simbólica, a pessoa e o grupo se reconhecem no entorno e se atribuem qualidades como definidoras de sua própria identidade. Foi detectada uma identidade social entre eles: "somos também rejeitos".

As diferenças culturais mais marcantes existentes entre os mineiros que chegavam ao "Eldorado" do carvão, eram a dos pescadores que habitavam o

---

[61] P^1, P^2, P^3 são os graus de gravidade de uma doença chamada de "pneumoconiose" que atinge os mineiros. As partículas de carvão se alojam nos alvéolos pulmonares, petrificando-os. Quando o mineiro atinge o grau P^3, já está com quase todos os pulmões petrificados e tem muita dificuldade de respirar.

litoral, e a dos descendentes de italianos, principalmente, que eram agricultores de subsistência, "eram homogenizadas embaixo da mina" (Volpato, 1989).

Os moradores do Bairro Renascer/Mina Quatro buscam sua identidade saindo da condição de "rejeito" para uma ação de valorizar o fato de terem uma casa, deles, mesmo que o bairro, na opinião de muitos, não tenha valor, seja mal visto pelo pessoal da cidade. Quando estávamos caminhando pelo bairro, com um dos ambientalistas que estava fazendo sua narrativa, fomos abordados por um grupo de rapazes que nos perguntaram se éramos da RBS (rede de TV regional) e se iríamos falar mal do bairro na TV. Fizeram, na ocasião, questão de afirmar que, no bairro, não moravam somente bandidos.

Um morador entrevistado afirmou, muitas vezes, durante a entrevista, que a luta do bairro é para melhorar a imagem. Muitos têm um jardim e muros ao redor da casa; outros procuram pintá-la em tons coloridos. O importante é que têm a propriedade da casa. De uma certa forma, a maioria os moradores entrevistados ainda não se apropriaram do bairro. Dona Lisandra, anda na cidade e "trilha" no bairro para ir às casas das filhas. De resto, enclausura-se em sua casa. Seu David vive em sua oficina, no pátio de sua casa, e vai de bicicleta ao centro da cidade refugiar-se na igreja matriz.

A casa é o lugar deles; o bairro e a cidade não. "A cidade é bonita, tem tudo o que se precisa, mas é só para os ricos". Fazem uma partição entre o bairro e a cidade, como se o bairro não pertencesse à cidade. Porém, têm com a cidade, com o centro urbanizado, principalmente com a praça do Congresso, em Criciúma, uma fruição poética, como já foi mencionado.

Há a partição centro-periferia. A imagem, o sonho de cidade, para os moradores do bairro Renascer/Mina Quatro que participaram, da pesquisa é o centro de Criciúma, com toda a infra-estrutura de serviços, de recursos, de bancos, sem esquecer a admiração pelos jardins floridos e as aconchegantes igrejas. Para alguns, o bairro não faz parte da cidade. O bairro Renascer/Mina Quatro não tem prefeitura; portanto, não é cidade. Para outros, como dona Zulma, cidade é para os ricos; assim não é para os moradores do Renascer/Mina Quatro. Outros moradores expressaram que desejariam que a beleza e as luzes do centro de Criciúma se estendessem até o bairro. Assim, o centro de Criciúma passa a

ser um lugar sonhado. Podem usufruir dos espaços coletivos da cidade, como as praças, as igrejas, os centros de acolhidas, como as obras de assistência social. Olham os bairros dos ricos, como se referem o Michel e ao Pio Corrêa, admirando-os. Para eles, são lugares interditos.

A praça do Congresso, a praça da matriz, que hoje é catedral, o centro de Criciúma, para eles, tem uma fruição poética. Lá têm momentos poéticos. No bairro, vivem enclausurados em suas casas. A maioria habita a casa e não o bairro. Uma cidade iluminada, bonita, com belas e seguras praças, onde é possível, para eles, sentarem-se sossegados principalmente, a praça do Congresso, a Nereu Ramos, a Rua Henrique Lage. A praça do Congresso foi citada por quase todos os entrevistados como um lugar aprazível, bonito, "bom de se ficar". No bairro, os lugares mais citados foram as instituições básicas, como: escola, creche, igreja, posto de saúde. Com elas, têm uma relação meramente funcional.

Não houve uma apropriação prévia dos significados do centro de Criciúma e uma posterior recriação coletiva daqueles no espaço do bairro. Quando se muda de um bairro para outro, que se considera "melhor", ou seja, quando se avalia, por exemplo, que morar no bairro Michel aqui em Criciúma é melhor que morar no Pinheirinho, no Mina do Mato, ou no Bairro Renascer/Mina Quatro, há uma apropriação prévia de significados daquele bairro, ou seja, do Michel.

Portanto, não houve ainda uma recriação simbólica do bairro, enquanto espaço público, então, estes espaços não são frequentados. O campo de futebol, por exemplo, serve de pasto aos cavalos dos catadores de papel.

A descentralização implica, segundo Lefebvre, levar para os bairros, junto com às moradias, os espaços de socialização, a boa qualidade dos serviços urbanos. Uma cidade igual, no dizer de Harvey, em termos de qualidade de vida, do centro à periferia.

A casa e seu entorno podem ser espaços de trocas afetivas e permitir uma interação satisfatória em termos de sociabilidade, onde possam ser

desenvolvidos e cultivados os valores éticos e de solidariedade. O bairro é o "pedaço" da cidade que está mais próximo do sujeito.

A mudança de nome do bairro não foi feita pelos moradores, mas pela prefeitura há dois anos; porém, a maioria deles não se apropria do significado do nome. Para outros, o nome bate com o desejo de **renascer** em sua casa própria.

Através da dimensão simbólica, o sujeito capta e põe para dentro de si (mundo interno), os significados de seu mundo cultural, apreendidos na interação social. O significado é, portanto, um produto social.

Dar o melhor de si para melhorar a imagem do bairro. O vínculo inicial e a razão de ser, por ter ido morar lá, foram as possibilidades da casa própria e da sobrevivência.

Dois dos entrevistados vivem de um pequeno bar instalado na parte da frente da casa, um terceiro, tem oficina, outro ainda cria alguns animais (bovinos) para "negociar", como diz ele, e à noite trabalha de vigia numa fábrica, perto de sua casa.

O sentimento de pertença foi observado nos moradores que se apropriaram e nos que estão neste processo.

Uma questão importante para a análise da qualidade de vida é a percepção que o sujeito tem das suas condições de existência. A maioria dos moradores entrevistados tem consciência de que foram discriminados quando se auto-denomimam de rejeitos. Percebem suas reais condições de vida, assim como sua qualidade de vida, bem diferente da dos moradores do centro da cidade.

Ao perceber suas condições reais de existência, o homem percebe as chances que tem de viver e de sonhar. E, com que sonhar.

A pesquisa mostrou como se dá o processo de apropriação do espaço em uma população excluída da sociedade, não intitulada, trazendo, em sua história de vida, uma bagagem de desamparo, frustração, desenraizamento, negação da identidade cultural, rupturas de laços afetivos, causados, entre outros fatores, pela

vida errante que viveram, sempre em peregrinação, correndo atrás da sobrevivência. Mesmo assim, sua subjetividade não se desintegrou e tiveram uma família, um ponto fixo. Isso possibilitou o acesso ao momento poético, ao "instante consagrado" onde todos fizeram a síntese poética com a casa e, dois deles, também com o bairro.

A força agregadora do amor, trazida pela valência positiva da mãe que todos tiveram em suas vidas, foi o ponto fixo, a referência maior da construção de suas identidades como sujeitos singulares. Conservam a unidade familiar, o afeto, o carinho que uns têm pelos outros. Isso lhes permite construir sua subjetividade, em um espaço socialmente excluído, constituído por pessoas sem liberdades substantivas, portanto não intituladas, onde o mundo da vida é constantemente violentado pelo sistema, ambientalmente inóspito, árido, agressivo e psicologicamente "esquisofrenizante", ou seja, cheio de partições.

Reconhecer-se é memorizar imagens concretas, apreensões visuais, (odores e barulhos) que permitem saber se já se esteve em tal lugar. Criciúma tem um odor característico, percebido pelos visitantes, e, às vezes não mais percebido pelos habitantes; que é o cheiro de enxofre, que tem na pirita que está a céu aberto nos montes de rejeitos de carvão. O barulho do trem, que corta diariamente o centro da cidade e o bairro Renascer mais de uma vez por dia, é percebido por todos. Durante quase todas as entrevistas, o trem passou, deixando a marca de seu barulho na gravação.

Alguns dos moradores entrevistados do bairro Renascer/Mina Quatro reconhecem-se no espaço da cidade de Criciúma como rejeitos, tais quais os rejeitos de carvão, como já foi mencionado. Assim, se comportam, amontoados em suas casas, escondidos, desconfiados.

Dois deles, seu Roberto e dona Lídia, reconhecem-se como cidadãos, com direitos e deveres e apropriaram-se da casa e do bairro.

Outros recriam, na casa, os conteúdos simbólicos e culturais do inventário de sua história de vida. Dona Olga, por exemplo, recria, na sua cozinha, o ambiente da casa serrana da sua infância e juventude: o fogão à lenha e outros objetos, típicos da serra. Seu Antonio recria, o sítio de seu sonho, nos

cinco lotes onde cuida de suas vacas. Dona lida coloca, no lugar preferido de sua casa (varanda), a rede, objeto da cultura "praiana" da cidade onde nasceu: Laguna.

Orientar-se, o espaço tem uma relação direta com o corpo humano, pois é ele que o direciona. Neles, os corpos se tocam, mostram-se ou se escondem. Sabemos que as pessoas existem porque estão no espaço, ocupando seu lugar. É no espaço que as vemos; foi no espaço do bairro Renascer/Mina Quatro que as enxergamos. O diálogo contínuo, resultante da interação entre os diferentes horizontes subjetivos abertos por experiências concretamente vividas dá-se no espaço.

O **enraizamento**, ao mesmo tempo espacial e sociológico, é mais difícil na cidade. Para uma população andante e errante, onde o lugar e a casa sempre foram temporários, porque o emprego também o era, e sempre estava mudando, em função deste, ter uma casa sua, de verdade, e de alguma forma conseguir parar, fixar-se no lugar, dá-lhes a possibilidade de enraizamento na perspectiva de Claval (1997). Com a posse do terreno, no bairro Renascer/Mina Quatro, construiram suas casas e lá se fixaram.

Mesmo a população tida como marginal nos bairros e citada por eles como problemáticas (jovens que "fumam maconha", desempregados que têm passagem pela polícia) está preocupada com a imagem do bairro.

Como já foi citado, um grupo desses jovens nos abordou, achando que éramos da imprensa e estaríamos fazendo uma reportagem falando mal do bairro.

O bairro que se habita é percebido como um "nicho" familiar, sobretudo se a arquitetura atribui-lhe uma certa especificidade sociológica (Claval, 1997).

No Renascer/Mina Quatro, além da arquitetura, a condição social e a história de sofrimento de uma vida errante dão essa especificidade.

O conflito sócio-ambiental de Criciúma, contexto desta pesquisa, remete a discussão de sujeito autônomo e ao conceito de homem autodirigido. Deu-nos a possibilidade de pensar a sociedade e a democracia na perspectiva de Habermas (1990a). Uma noção de sociedade onde os conceitos de sistema e mundo da vida

se confrontam. Esse confronto é analisado à luz da razão comunicativa em oposição à razão instrumental.

A relação homem x natureza, para ser compreendida, leva em conta a questão das subjetividades, o vivenciado e o simbólico, o meio social e cultural onde isso se dá.

Os moradores do Bairro Renascer/Mina Quatro estão sempre à espera de um "pai", um protetor, do "presidente do bairro" como eles chamam o presidente da associação de moradores. Muitos almejam a melhora do bairro e a da vida e até se mobilizam, de alguma forma, para consegui-la.

Os espaços coletivos de lazer são pouco freqüentados. O campo de futebol serve, na maioria do tempo, de pastos para os cavalos dos catadores de papel.

Na casa, fazem seu "mundinho" particular onde se protegem das agressões de uma sociedade madrastra na visão de Damergian (2001), uma sociedade violenta que sintetiza o bairro Renascer/Mina Quatro. É para lá que vão os criminosos, os drogados, os desempregados, os rejeitados, os não intitulados. No dizer de Gans (apud Damergian, 2001)), o Renascer é um bairro pobre, tem casa de pobre, serviços urbanos de pobre, estrada de pobre, ônibus de pobre.

Para os ambientalistas, o bairro Renascer/Mina Quatro é uma afronta à dignidade humana. Um lugar inóspito, com restos das minas de carvão que ficaram jogados ao léu, porque os mineradores não cumpriram a legislação ambiental e não recuperam as áreas degradadas. Para eles, as pessoas, que estão lá, são tratadas pelos mineradores e pelas autoridades como rejeitos tais quais os rejeitos de carvão.

Fazem uma crítica aos políticos e dirigentes econômicos da cidade. Porém, é importante que se perceba que as pessoas que moram no Renascer/Mina Quaro, não são apenas vítimas.

Percebê-los, enquanto subjetividades integradas com valores, dignidade, lutadores, em um ambiente hostil, para manter a tradição, a sua cultura, os valores morais, e mudar a imagem do bairro, é compreendê-los na brava

resistência contra a desintegração, enquanto sujeitos. Isso seria o mundo da vida resistindo ao sistema. Ao lutar para melhorar a imagem do bairro, estão lutando para melhorar a própria imagem e preservar a subjetividade.

Para o ex-minerador, é inegável o progresso que o carvão trouxe à Criciúma e à região. Os danos e agravos sócio-ambientais e as vidas, que foram perdidas, são, para ele, mera conseqüência do processo. Vê isso como uma coisa natural, positiva na relação custo-benefício.

A noção de **desenvolvimento como liberdade** de Sen (2000), constituiu-se, para nós uma ferramenta de análise, uma nova forma de pensar a questão da pobreza e das populações que habitam as periferias das cidades. As liberdades substantivas, o não intitulamento nos remeteram a pensar o desenvolvimento como direito e não meramente como uma questão sócio-econômica.

A noção de meio ambiente, que permeia este trabalho, pressupõe uma concepção de mundo natural e de mundo social, ou seja, de natureza e de sociedade.

"O desafio da ciência é o desafio da própria sociedade", diz Floriani (2001, p. 22). Acrescenta o autor que o único consenso provisório, por isso instável existente hoje em esfera mundial "é de que o modelo de expropriação da natureza não pode perdurar indefinidamente, sob pena de inviabilizar a vida sobre a terra".

Há que se pensar, portanto, em mudanças de mentalidades, de modos de vida, de produção e de reprodução do conhecimento.

A produção deste trabalho se deu ao longo de quatro anos no Curso de Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento, da Universidade Federal do Paraná, em Curitiba. Todo o trabalho – teórico e prático – foi realizado em nível interdisciplinar o que nos demandou um grande esforço no sentido de aprender a apreender das discussões das diversas disciplinas e das práticas de campo, os conteúdos para a compreensão da problemática do meio ambiente e do desenvolvimento.

O método de pesquisa, a **síntese poética**, possibilitou uma nova compreensão de pesquisa de campo e uma nova dimensão de análise dos dados. Estar atento à produção das subjetividades no espaço urbano e, principalmente num espaço urbano inóspito e hostil, como foi o caso desta pesquisa, deu-nos outra compreensão da relação sujeito-meio ambiente, homem-sociedade.

Todos os moradores pesquisados com exceção de um, Seu David, fizeram a síntese poética com a casa; portanto, apropriaram-se dela. Dois deles, Seu Roberto e Dona Lídia fizeram-na também com o bairro; portanto, o habitam. Os outros estão em processo de apropriação.

As histórias de vida dos 10 moradores estudados contribuíram para nossa compreensão da vida urbana e como ela afeta a condição subjetiva do sujeito que se relaciona com o meio que o assujeita, como é o caso do bairro, parte da cidade, que é visto como ambiente. Uma vez que as subjetividades estão continuamente se estruturando, o estudo psicossocial da cidade, como ambiente, visaria compreender onde as subjetividades estão sendo construídas, transformadas e mantidas.

A experiência psicossocial integradora possibilitaria a integração da subjetividade, o acesso ao espaço poético, onde o sujeito teria a possibildade de elaborar as estratégias de apropriação do lugar e não a mera sujeição a ele.

A relação do sujeito com o objeto poético se dá na casa, no entorno, nos lugares do espaço. Essa modifica o sujeito e o espaço ao mesmo tempo. Dessa forma, olhar as pessoas com os olhos da poética ouvi-las com os ouvidos da poética, senti-las sob a iluminação da poética nos remeteu a uma outra perspectiva de análise: ser pobre, morar sobre os rejeitos, ser excluído, não intitulado já não é o mais importante, mas ser gente, ser humano com uma fonte criativa dentro de si, com uma subjetividade integrada, capaz de lutar e de fazer a síntese poética é o que importa, pois, daí sairá a energia que permitirá ao sujeito modificar a situação atual e projetar-se para o futuro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ACSELRAD, H. Discursos da sustentabilidade urbana. In: **R.B. Estudos Urbanos e Regionais**, [s.l.:s.n.], 1999.

2. AGENDA 21 BRASILEIRA. Fundação Instituto Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro, 1999.

3. ALTHOFF, Darci Antonio. Análise do PH das chuvas em Urussanga-SC. In: **Agropecuária catarinense**, [s.l], v. 7, n. 3, p. 30-31, set. 1994.

4. ÁREA carbonífera ganha comitê. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 3 jun. 2001.

5. ARENDT, Annah. **A condição humana**. 10. ed., Rio de Janeiro: Perspectiva, 2000.

6. BACHELARD, Gaston. **A psicanálise do fogo**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

7. _____. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1998a.

8. _____. **A água e os sonhos**. São Paulo: Martins Fontes, 1998b.

9. BACK, A.J. **Determinação da precipitação efetiva para irrigação suplementar pelo balanço hídrico horário**. Porto Alegre, 1997. Tese (Doutorado em Recursos Hídricos e Engenharia Ambiental) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

10. BARATA, R.B. **Condições de vida e situação de saúde**. Rio de Janeiro: Abrasco, 1997.

11. BARÓ, Martin. **Sistema grupo y poder. Psicologia Social desde centroamérica II**. El Salvador: C.A., UCA, 1989.

12. BAUDELAIRE, Charles. **Sobre a modernidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

13. BERGSON, Henri. **Coleção os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

14. BLUMER, H. **El interaccionismo simbólico. Perspectiva y método**. Barcelona: Hora, 1982.

15. BOSI, Alfredo. Prefácio. In: CROCE, Benedetto. **Breviário de estética**. São Paulo: Ática, 1997. 207 p.

16. _____. Reflexões sobre a arte. 7. ed., São Paulo: Ática, 2001. 80 p.

17. BRANCO, S.M. **O meio ambiente em debate**. São Paulo: Moderna, 1988.

18. BRAUDEL, F. **O mediterrâneo e o mundo mediterrâneo**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

19. BUARQUE, Cristovam. **O colapso da modernidade brasileira:** uma proposta alternativa. 5. ed., São Paulo: Paz e Terra, 1998.

20. CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Espaço – tempo da vida cotidiana na metrópole**. São Paulo, 2000. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade de São Paulo. Departamento de Geografia, Tese de Livre Docência.

21. CAROLA, Carlos Renato. **Dos subterrâneos da história as trabalhadoras das minas de carvão de Santa Catarina (1937-1964)**. Florianópolis, 1997. Dissertação – (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina.

22. CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. v. 2., 2. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

23. CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. Florianópolis: UFSC, 1997.

24. COELHO, Maria Cecília. **Barra Funda, modos de morar – Uma cartografia psico-ambiental**. São Paulo, 2001. Relatório Pós-Doc. (em Psicologia Social) – Universidade de São Paulo.

25. CROCE, Benedetto. **Breviário de estética**. São Paulo: Ática, 1997. 207 p.

26. DAHRENDORF, Ralf. **Life chances**. Approaches to social and political theory, Weidenfeld and Nicholson. Londres: [s.n], 1979.

27. _____. **Sociedade e liberdade:** para uma análise sociológica do presente. Brasília: Universidade de Brasília, 1981.

28. _____. **O conflito social moderno**. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

29. DAMERGIAN, Sueli. **A construção da subjetividade na metrópole paulistana:** desafio da contemporaneidade. São Paulo: PUC, 2001.

30. DIAGNÓSTICO de saúde da região carbonífera de Santa Catarina e da região do extremo sul catarinense. Criciúma: UNESC/IPAT, 2000.

31. ECKENSBERGER, Lutz H. Juízos morais no contexto de orientações de valores econômicos e ecológicos – o caso de uma usina de força abastecida a carvão. In: TASSARA, Eda T. de Oliveira (org.). **Panoramas Interdisciplinares para uma Psicologia Ambiental do Urbano**. São Paulo: EDUC/FAPESP, 2001. p. 141-186.

32. ECKHOLM, E.P. **Down to erth, environement an human needs**. New York: WW Norton, 1982.

33. ENGELS, F. **A situação da classe operária na Inglaterra**. 2. ed., São Paulo: Global,1988. 293 p.

34. ENRIQUEZ, E. **Da horda ao Estado. Psicanálise do vínculo social**. Rio de Janeiro: Zahar,1983.

35. FLORIANI, Dimas. Diálogos interdisciplinares para uma agenda sócio-ambiental: breve inventário do debate sobre ciência, sociedade e natureza. **Revista Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba: UFPR, n. 1, 2001.

36. FOURIER, Charles. **La armonia pasional del nuevo mundo**. Madrid: Taurus,1973.

37. GALLOPING, G. **Calidad de vida y necessidades humanas, sistemas ambientaies venezoelanos**. Caracas: Marnr, 1982.

38. GIDDENS, Antony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

39. GODARD, Oliver. La relation interdisciplinaire: problemes et stratégies. In: JOLIVET, M. (org.). **Sciences de la Nature et Sciences de la Société:** les passeurs de frontières. Paris: CNRS, 1982.

40. GOFF, Jacques Le. **São Francisco de Assis (narrativa)**. 3. ed., Rio de Janeiro: [s.n], 2001.

41. GONÇALVES. T.M. **Estereotipia da Relação Profissional-paciente e Inibição do Processo Terapêutico**. São Paulo, 1989. Dissertação – (Mestrado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

42. _____. Vendo o invisível através das imagens. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 1 jul. 1995. Caderno de Cultura, p. 5.

43. _____. **Diagnóstico de saúde da região carbonífera e da região do extremo sul catarinense**. Criciúma: UNESC/IPAT, 2000.

44. GOTTDIENER, Mark. **A produção social do espaço urbano**. São Paulo: Edusp, 1997.

45. HABERMAS, Jürgen. **Mudança estruturai da esfera pública**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984. 387 p.

46. HABERMAS, Jürgen. **Teoria de la acción comunicativa**. Madrid: Taurus, 1987.

47. _____. **Consciência moral e agir comunicativo**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

48. _____. **Pensamento pós-metafísico**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990a.

49. _____. **O discurso filosófico da modernidade**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1990b.

50. HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. 7. ed., São Paulo: Loyola, 1998.

51. HERRMANN, Fábio & LIMA, Amazonas. **Melanie Klein**. São Paulo: Ática, 1982.

52. JAPAN INTERNATIONAL COOPERATION AGENCY & UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CTARINENSE-UNESC/IPAT, Criciúma, 1997.

53. KADT, E. de, TASCA, R. **Promovendo a eqüidade:** um novo enfoque para o setor saúde. São Paulo: Hucitec, 1993.

54. KOROSEC-SERFATY, P. **L'appropiation de l'espace**. IAPC-3. Strasbourg-Louvain la Neuve, CIACO, 1986a.

55. LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Moraes, 1991.

56. LELÉ, Sharachchandra M. **Desenvolvimento sustentável:** Uma revisão crítica. [s.n.t.].

57. LIVRAMENTO, Rafael M. Eternamente mais. **Jornal Universidade-UNESC**, Criciúma, ano 3, n. 26, p. 4, abr. 2001.

58. LUCKER, Manfred. **Dicionário de simbologia**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

59. MALETZIEUX, Jacques. **Economia de comunicação e organização do espaço**. Curitiba, outubro/2001. Conferência-Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento – Universidade Federal do Paraná.

60. MILIOLI, G. **Mineração de carvão e desenvolvimento sustentado no Sul de Santa Catarina**. Florianópolis: Livraria Luana, 1995.

61. MOORE, G. Environment and Behavior Research in North América. History, Developments, and Unresolved Issues. In: STOKOLS, D., ALTMAN, I. **Handbook of Environment Psycology**, New York: Wiley & Sons, v. 2, p.1371-1410, 1987.

62. POL, Enric. La apropiación del espácio. In: IÑIGUEZ, Lupicínio, POL, Enric. **Monografies psico-socio ambientales**. Barcelona: Universitat de Barcelona, [s.d]. Cap. 5, p. 45-62.

63. POL, Enric. **Psicología del medio ambiente**. Barcelona: Oikos-Tau, 1981.

64. _____. **La psicología ambiental en Europa**. Barcelona: Antrhopos, 1988.

65. _____. **Apropriación, simbolismo del espácio e identidad social**. Barcelona: [s.n.], 1999.

66. PONTY, Maurice Merleau. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Freitas Bastos, 1971.

67. PREFEITURA MUNICIPAL DE CRICIÚMA. **Coletânea de fotos**, Criciúma: Arquivo Histórico, [s.d].

68. PREFEITURA MUNICIPAL DE CRICIÚMA. **Informações sobre saneamento básico**, Criciúma: CODEPLA, 2001.

69. PREFEITURA MUNICIPAL DE CRICIÚMA. **Relatório sócio-econômico sobre o bairro Renascer**, Criciúma, 2001.

70. PREFEITURA MUNICIPAL DE LAURO MÜLLER. **Plano Plurianual de Saúde 1993-1996**, Lauro Muller, 1993.

71. PROSHANSKY. H.M. **Appropiation et nonappropiation (mis-appropiation) de l'espace**. [s.l.:s.n.], 1976.

72. _____. **The city and self, Environement and Behavior**. [s.l.: s.n.], 1978.

73. RIVIÈRE, Enrique Pichon. **Psicologia social**. [s.l.: s.n.], 1977.

74. _____. **Teoria do vínculo**. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

75. _____. **O processo grupai**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

76. SANSOT, P. **Poétique de la Ville**. Paris: Armand Colin, 1996.

77. SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1997.

78. SEN, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

79. SENNETT, Richard. **O declínio do homem público**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

80. _____. **Carne e pedra:** o corpo e a cidade na civilização ocidental. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 1994.

81. SIGAL, S. **Elements for** a **new health strategy in third world contries**. Paris: Cired, 1979.

82. STOLOROW, Robert. Psicanálise relaclonal. In: **Revista Percurso**, São Paulo: Instituto Sedes Sapintiae, n. 24, p. 97-102, 2000.

83. TASSARA, Eda T. de Oliveira (org.). **Barra Funda – nós entre margens. Um estudo psicossocial da relação pessoa meio-urbano**. São Paulo: USP, 2000.

84. _____, RABINOVICH, Elaine. **A invenção do urbano e o poético:** uma cartogarfia afetiva-Estudo sobre o bairro paulistano da Barra Funda. São Paulo: EDU/PUC, 2001.

85. TRIBUNA CRICIUMENSE. Criciúma, 27 out. 1984.

86. TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**. São Paulo: UNESP, 1983.

87. VALERA, Sergi. Psicologia ambiental: Bases teóricas y epistemológicas. In: IÑIGUEZ, Lupicínio, POL, Enric. **Monografies psico-socio ambientales**. Barcelona: Universitat de Barcelona, [s.d]. Cap. 1, p. 1-14.

88. VÁSQUEZ, Adolfo S. **As idéias estéticas de Marx**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

89. VOLPATO, T.G. **Os trabalhadores do carvão. A vida e as lutas dos mineiros de Criciúma**. Florianópolis, 1989. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal de Santa Catarina.

90. XAVIER, D. **Cidade saudável**. Rio de Janeiro: Fio Cruz, 1999.

91. WIBBELT, José, CESAR, Henrique, NEOTTI, Clarêncio. **Um olhar fotográfico sobre a moradia**. Petrópolis: Vozes, 1994.

92. ZOLA, Émile. **Geminal**. São Paulo: Círculo do Livro, 1987.

BIBLIOGRAFIA

1. ALEXANDRE, Nadja Zim. **Diagnóstico ambiental da região carbonífera de Santa Catarina:** degradação dos recursos naturais. Criciúma: Fundação de Amparo Tecnológico ao Meio Ambiente-FATMA, 1999.

2. BARANGER, Willy. **Posição e objeto na obra de Melanie Klein**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.

3. BAUDELAIRE, C. **Les fleurs du mal**. Paris: Union générale d éditions, 1994.

4. BOFF, Leonardo. **Ética da vida**. Brasília: Letra Viva, 2000.

5. BRANDENBURG, Alfio. Modernidade, meio ambiente e interdisciplinaridade. In: **Cadernos de Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba: UFPR, n. 3, p. 49-59, 1996.

6. CADERNOS de Meio Ambiente e Desenvolvimento. Curitiba: UFPR, n. 1 e 2, 1994-1995.

7. CALHOUN, Craiz (org.). **Social theory and the politics of identity**. Oxford: Blackwell, [s.d.].

8. CARLOS, Ana Fani A. **Espaço e indústria**. São Paulo: Contexto,1989. 70 p.

9. CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

10. CHOAY, Françoise. **O urbanismo, utopias e realidades, uma ontologia**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

11. CIAMPA, Antonio da Costa. **A Estória do Severino e a Estória da Severina:** um ensaio de psicologia social. São PAULO: Brasiliense, 1996.

12. CLARK, David. **Introdução à geografia urbana**. 2. ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991. 286 p.

13. D' EPINAY, LALIVE Christian. Récit de vie et comportement: pour une exégèse sociologique. In: REMY, Jean, RUQUOY, Danielle. **Méthodes d' analyse de contenu et sociologie**. Bruxelles: Facultés Universitaires Saint-Louis, 1990. p.37-68.

14. FOSTER, Belamy, J. **The vunerable planet a short history of the environment**. New Yok: Monthy Review Press, [s.d].

15. GIDDENS, Antony. **A constituição da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes,1989.

16. GONÇALVES. T.M. **Degradação ambiental e saúde**. In: VI CONGRESSO PAULISTA DE SAÚDE PÚBICA, 1999, Águas de Lindóia. Anais. São Paulo, 1999. p. 39.

17. _____. **O olhar da psicologia social para o meio ambiente**. ENCONTRO NACIONAL DE PSICOLOGIA SOCIAL, out. 1999, São Paulo. Anais. São Paulo, 1999. p. 150-151.

18. GUATTARI, Felix. **As três ecoiogias**. 7. ed., São Paulo: Papirus, 1998.

19. HALL, Stuart. **Identidades culturais**. Rio de Janeiro: DP/A, 1997.

20. ÍÑIGUEZ, L., POL, E. Cognición, represetación y aprpriación del espacio. **Monografias psico-socio-ambientales**, Barcelona: Universitat de Barcelona Publicacions, [s.d.].

21. KOROSEC-SERFATY, P. **Seminario sobre la apropiación del espacio, impartido en el Departamento de Psicología Social de la Universidad de Barcelona**. Espanha: [s.n.], 1986b.

22. LASCH, Scott, URVY, John. **Economies of signus and space**. Londres: Sage, 1994.

23. LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

24. MILLS, Charles Wright. **Imaginação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1962.

25. MORIN, Edgard. **O método I: a natureza da natureza**. [s.l]: Mem Martins; Publicações Europa-América,1972.

26. _____. **O método II: a vida da vida**. [s.l]: Mem Martins Publicações; Europa-América, 1980.

27. MOSCOVICI, S. **La psychanalyse, son image et son public**. Paris: Presses Universitaires de France, 1976.

28. MOSER, Gabriel. **D' une Psychologie environnementale de l'instanta a une Psychologie environnementale ancree dans les dynamiques culturelle et temporelle**. Paris: Université René Descartes, Laboratorie de Psychologie Environnementale, [s.d.].

29. MULLER, Charles C. A degradação da pobreza no Brasil. **Revista Ambiente e Sociedade**, Campinas: Nepam/Unicamp, ano 1, n. 1, 1998.

30. ORGANIZAÇÃO PANAMERICANA DA SAÚDE-OPS. Condições de saúde nas Américas, 1994.

31. PINHEIRO, José. Um pouco da Psicologia Ambiental no Brasil: identidade, incertezas, perspectivas. In: TASSARA, Eda T. de Oliveira (org.). **Panoramas Interdisciplinares para uma Psicologia Ambiental do Urbano**. São Paulo: EDUC/FAPESP, 2001.

32. POL, Enric. Seis reflexiones sobre los procesos psicológicos en el uso, la organización y la evaluación del espacio. Ponencia en Actas de las Jornadas sobre **El comportamiento en el medio construido y natural**. Barcelona: Universitat de Barcelona, 1992.

33. PONTY, Maurice Merleau. **Signos**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

34. PROSHANSKY. H.M. FABIAN, A.K., KAMINOFF, R. Pace-identity: physical word socialization of th self. **Journal of Environmental Psychology**, [s.l], n. 3, p. 57-83, 1983.

35. RABINOVICH, E.P. **Vitrinespelhos transicionais da identidade:** um estudo de moradias e do ornamental em espaços liminares brasileiros. São Paulo, 1997. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de São Paulo.

36. RANDOLPH, Rainer. Redes estratégicas e de solidariedade e organização territorial: à procura de novas formas territoriais. In: **Cadernos IPURR**, Rio de Janeiro: UFRJ, ano VIII, n. 1, abr. 1994.

37. RIVERA, F.J.U. **Agir comunicativo e planejamento social:** uma crítica ao enfoque estratégico. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1995.

38. ROLNIK, Raquel. **A cidade e a lei**. São Paulo: Livros Studio Nobel, 1997.

39. SACHS, Ignacy. **Ecodesenvolvimento:** crescer sem destruir. São Paulo: Vértice, 1986.

40. _____. Estratégias de transição para o século XXI. **Cadernos de Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba: UFPR, n.1, p. 47-63, 1994.

41. _____. **Ecodesenvolvimento: crescer sem destruir**. São Paulo: Hucitec,1997.

42. SÁNCHEZ, Enrique. Gerenciamento ambiental e a indústria da mineração. **Revista de Admiministração**, [s.l], v. 99, n.1, p. 67-75, fev.-mar. 1994.

43. SANTOS, Boaventura. **A crítica da razão indolente**. São Paulo: Cortez, 2000.

44. SEGAL, Hanna. **Introdução à obra de Melanie Klein**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

45. SINGER, Paul. **Economia política da urbanização**. São Paulo: Contexto, 1998.

46. TEIXEIRA, José Paulo. **Nos tempos do Zé:** um estudo sobre o PMDB, e o governo popular em Criciúma (1983-1988). Florianópolis: Cidade Futura,1999. 151 p.

47. TRIBUNA DO DIA. Criciúma, 10-11 fev. 2001.

48. TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**. São Paulo: UNESP, 1980.

49. WALLERSTEIN, Immanuel et al. **Para abrir as ciências sociais**. São Paulo: Cortez, 1996.



REGISTROS DA PESQUISA DE CAMPO



BAIRRO RENASCER/MINA QUATRO

PARTE II

SUMÁRIO

REGISTROS DA PESQUISA DE CAMPO

Entrevista – História da Vida I – Zulma 4
Entrevista – História da Vida II – David 13
Entrevista – História da Vida III – Patricio 24
Entrevista – História da Vida IV – Olga 36
Entrevista – História da Vida V – Antônio..... 48
Entrevista – História da Vida VI – Roberto..... 57
Entrevista – História da Vida VII – Lidia..... 68
Entrevista – História da Vida VIII – Ilda..... 79
Entrevista – História da Vida IX – Lizandra..... 93
Entrevista – História da Vida X – Paulo..... 104
Entrevista – Sebastião Neto Campos – Engº. Químico/Minerador..... 113
Narrativa – Mario Guadagnin – Ambientalista..... 128
Narrativa – João Paulo Teixeira – Ambientalista..... 145
Apresentação da Pesquisadora..... 155
Autorizações de Publicação das Informaçõe do Minerador e dos Ambientalistas..... 158

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – UFPR

Entrevista

História de Vida I – Zulma

Curitiba, 2002

Curitiba **1ª Entrevista**
1ª Fita/K **Data: 10/03/2001**

Laboratório: Doutorado

Ficha Técnica:
Entrevistado: Zulma
Entrevistador: Teresinha Maria Gonçalves

Local de Gravação:
Bairro: Renascer – Residência da moradora
Cidade: Criciúma

Equipamento:
01 Microcassette Recorder
Marca: Panasonic FP (Fast PlayBack) 2- SPEED
1ª FK MC- 60'

Transcrição e digitação:
Patrícia Elaine Medeiros

Revisão:
Teresinha Maria Gonçalves

HISTÓRIA DE VIDA I – ZULMA

Nome: Zulma

Local de Nascimento: Morro Grande – Turvo-SC

Idade: 57 anos

Estado Civil: Separada

Profissão: Comerciante de bar, ex-trabalhadora rural, ex-empregada doméstica

Tempo que mora no bairro: 14 anos

Outros lugares onde morou fora de Criciúma: Morro Grande, Meleiro, Treviso, Praia Grande, São João do Sul, Imbituba, Araranguá – Santa Catarina.

Família: Seis irmãos

Participação: Movimentos comunitários, principalmente o que retirou o lixão do bairro.

Proveniente: do meio rural

ENTREVISTA

T: Dona Zulma, esta entrevista é muito importante para mim, a gente quer saber a vida das pessoas sobre o bairro aqui. Então a senhora precisa faiar com toda franqueza, do seu coração, desde quando a senhora nasceu, como foi a sua vida, como que a senhora chegou aqui, tudo o que a senhora quiser falar, a senhora pode falar. A senhora tem todo o tempo que quiser, a entrevista é sigilosa, nem o seu nome será divulgado, depois que a gente terminar de gravar eu passo para o papel e venho aqui ler com a senhora, para a senhora ver. Então eu vou abrir o gravador e se a senhora puder segurar tudo bem, é só falar. Grava aqui ó.

Z: Se qué sabê de quando eu vim pra Mina Quatro? Eu morava ali no Bosque do Repouso, morei 6 meses na casa do Sinhosinho daí ele precisou da casa, ai eu morava com uma filha e dois netos, ela tava grávida de 6 meses, daí eu peguei vim pra ali, cheguei aqui daí não sabia pra onde ia, daí tava sem eira nem beira, ai peguei entrei ali pra debaixo da caixa d'água que era a antiga Mina Quatro, entende? Até eles recramaram, não queriam, queriam toca nóis dali, e vieram com coisa pra toca a máquina e derrubá, aí mais eu guentei tá, não tinha porta, não tinha janela, morcego, morcego, coruja, era o que mais tinha naquela caixa d'água, e dentro daquele barraco ali. Mais eu não me importei, ascendi uma vela e ficava ali. Ai a minha filha....Eu, uma filha e dois netos e ela grávida. Sozinha, só nois quatro, cinco com o que estava pra vim. Daí fiquei ali, depois viuvou uma filha lá de Siderópolis, pegou veio pra li também comigo, mais dois netos. Moremo ali. Daí tá. Daí outra filha minha casada, pegou veio pra li também, junto com nóis. Então, nóis ficamos ali, numa turma. Aí o marido dela trabalhava no caminhão do lixão, nóis escolhia lixo por aí tudo, porque aqui era só lixo, o lixo era tanto e a mosca que eu nunca vi. Se botasse uma criança a dormi, você olhava não aparecia mais a criança, era só mosca. Credo, era uma tristeza, guentemo. Aí foi que quando chego, aí começou a sair essas casas aqui. A cabo de 6 meses, 7 meses, quase um ano, começou a sair essas casa branca, ai foi vindo morado, foi vindo. A água sabe onde nóis ia buscá? Lá na Mina 5. E na casa da minha mãe, nóis ia pega água lá de carroça. Levava os latão, lavava a roupa lá e já trazia os latão e para a gente sobreviver aí. E assim foi indo. Ai começou a sair essas casa, começou assim, casa de madeira né, começou a vim um morador, vim outro. Há tá. Vim um morador, vim outro e foi enchendo, ai veio o Marinho feiz uma casa ali, depois veio o Divino ai o seu Rubinho começou a construir a casa dele lá, só que quando o seu Rubinho veio as casas da Cohab já estavam quase tudo pronta, entende? Ele veio morá ali. E um pouco foi saindo e um pouco foi vendendo e nóis fiquemo ai, até que um dia veio lixo lá embaixo e nóis colhia lixo ainda ó. Ai veio uma perna de gente dentro de uma caixa, daí andava o filho do Vardemar com a perna de uma mulhé não sei o que era, aí deu bronca né, porque não pudia né, aquilo ali, aquilo ali assim. Aí comecemo a querê a tirá o lixo, daí, todo mundo, porque era muita nojeira muita coisa né, aquelas coisas de hospital, era aborto que vinha, eles jogavam lá um pouco eles queimavam, um pouco ficava descoberto, aquelas gulhas de injeção, era tudo

jogado assim. Daí nois comecemo a, aí nóis tentemo a tirar o lixão daí. É, deu um trabalho pra nóis tirá o lixo. Nóis ficava dia e noite fazendo barreira lá no trilhão, pra não o lixo, vinha o caminhão nóis fazia vorta tudo. Até que tiremo. Agora, graças a Deus está muito bom aqui, mais um tempo se a senhora visse, quando nóis viemos pra cá. Mulhé, não tinha quem guentasse mesmo, era a maior tristeza, a maior piedade. Então, eu não sei, hoje, hoje pode dizer que a Mina Quatro está uma cidade né, um bairro bem legal mesmo, porque mosca é bem pouca, mais assim nas telhas, em redor da casa, não tinha onde não tivesse mosca. Parecia assim um enxame de abelha. Tinha que tá comendo, tapá, se não deixa elas come junto, porque era coisa por demais. Aqui na Mina Quatro. Então é isso aí né, agora eu não sei, eu já vai fazê 14 ano que eu tô aqui, farta 4 meses pra 14 anos, mais do tempo que nóis viemo para cá. pra hoje, olha, pudemo dizê que estamos numa cidade aqui. Não tinha luz, nem água, nem nada era aquela tristeza. E a gente não sabia o que fazê, não sabia pra onde ir, era brabo. Ai eu peguei de lá, o meu genro, pegô comprô essa, aí pegô essa casa pra ele né, que era tudo assim, não sei como era, era sorteada . tudo, aí ele ficou com pena de mim que morava embaixo da caixa d'água, daí eu vim pra cá, daí a minha filha fico lá. Aquela minha filha lá, ficou mais tempo aqui, já tinha saído a escola e tudo ali, quando ela morava ali embaixo da caixa d'água. Até a caixa estava caindo daí vieram com uma máquina, e só deram, amarraram e puxaram um pouquinho, por lado porque poderia caí encima da casa. E, hoje está muito bom, mais olha foi difícil. Pra enfrentá tudo isso ai. 14 ano que eu estou aqui eu acho que... Por tudo onde eu andei, por tudo onde eu passei foi o lugar mais ruim de morar assim, no começo foi aqui. De tanta mosca e de tanto mau cheiro do lixo. Á mulher, era uma tristeza mesmo. E se a gente não trabalhasse não comia, e não bebia e não né, não vivia, então tinha que lutá.

T:Quer falar mais alguma coisa dona Zulma?
Z: Pois agora né. O que eu queria falá era o seguinte: que eu queria ansim, um, sobre agora, tá eu vivo disso aqui, não sô aposentada não sô nada.

T: Dona Zulma tem um barzinho que ela toca, inclusive a entrevista está sendo realizada aqui no bar.
Z: É. Então o que eu queria era ansim, porque... eles acham que eu não posso tocar isso aqui, né. A polícia veio outro dia aqui, disse que eu tinha que fechar, porque eu não tenho Alvará. Mais como que eu vou tirar o Alvará se eu já tive na Prefeitura com o Táio, todos que tem barzinho aqui, nóis já tivemo tudo lá pra nóis colocá, pegá o Alvará entende? Eles só dizem que não dão enquanto não tem a escritura, mais eles não dá a escritura pra nóis, como é que nóis vamos tirar Alvará. E se eu fechar isso aqui vou viver do que, meus netos? Eu queria uma coisa assim que eles, ou dessem o alvará sem a escritura ou desse a escritura para gente para gente podê pagá né e botasse isso aqui no nome da gente, pra que a gente pudesse pagá o IPTU, a escritura direitinho que daí a gente podia pagá aos pouquino, assim como é que eu vou fazê? Eles estão dando, fazendo de tudo pra mi tirá daqui, agora eu não sei, não é tira é fechá né. Eu não posso tocá até umas 10 horas, 9 horas. Mais de dia não dá de ninguém só de noite que a gente vende uma cachacinha, coisa assim. Então eu não sei... Precisa aqui também era um posto policial né? Porque se a gente.. até hoje nunca roubaram

nada aqui mais, se a gente sai não dá pra deixar a casa sozinha, nem nada, então a gente, precisava de uma coisa assim mais legalizada né! No bairro né? No mais pra mim tá bom.

T: Dona Zulma, vou fazer um outro tipo de entrevista com a senhora. Eu falo, coloco algumas questões, pergunto sobre alguma coisa e a senhora responde.
Bem, vamos lá. Como gostaria que fosse o bairro? Quais são os lugares aqui do bairro, um lugarzinho que a gente gosta mais. Os lugares do bairro que são especiais para a senhora?
Z: Eu gosto mais é aqui na antiga Mina Quatro onde começô, na velha né. Lá pra baixo nem vô mesmo né. Lá é mais, sei lá mais arretirado assim né e eu convivo sempre aqui dentro não saio pra lá nunca. Eu acho que o lado de cima aqui tá melhor.

T: Como é o seu relacionamento com a vizinhança?
Z: É bom. Me dô com todo mundo né, eu não tenho nada que falá deles e nem eles de mim, eu cuido da minha vida.

T: A senhora contou uma história trágica, assim do lixo que tinha uma perna, mosca...Todo mundo me conta para essa história da "perna de gente" encontrada no lixo. A senhora tem alguma história importante de vizinho para contar?
Z: Não, não tenho não.

T: Não? Como foi a sua infância? A sua família, onde que a senhora nasceu. A senhora lembra da sua família? Quantos irmãos eram. Como viviam?
Z: Eu nasci no Morro Grande. Lá perto do Turvo entende? Lá, quando nóis vivia lá era bom. Depois o falecido meu pai vendeu lá, saiu, aí nóis corremo muito o mundo entende? Sim, moremo desde Praia Grande, por tudo até lá em Imbituba já moremo por tudo, entende?

T: Por que mudavam tanto?
Z: Era porque assim, nóis trabalhava com os otros né. Ai depois o meu pai nóis viemos pra Criciúma, daí o meu pai foi pra, trabalhava aqui com aquele Agenor Daufenback, aí fomo lá pra Imbituba. Ai lá ele começou a trabalhar com o falecido Diomísio e o falecido Diomísio Freitas, tira aquelas **"diatomitas"** da água entende. E, até a morte dele foi prejudicado por aquilo lá. Aí quando eles viram o que falecido meu pai estava memo mal, que não tinha mais cura, porque daí aquele pó, daquele barro entranhou no pulmão, ele tava mal. Aí ele não sabia lê nem nada, até mandaram ele assiná, assim como era pra ele se interná, ai botaram ele pra rua sem direito a nada. O velho. Então, de lá viemo prà cá.

T: E de sua mãe, a senhora lembra dela?
Z: Minha mãe é viva ainda.

T: É viva?
Z: É viva, graças a Deus. Minha mãe vai fazer 83 anos.

T: E que lembranças a senhora tem dela, da sua infância?
Z: Ah! Sempre lutou pra viver né. Sempre trabalho, sempre lutou. É mãe de 6 filhos. Tem 6 filhos homem e duas filhas mulhé entende. E ela sempre lutou, coitada da velha, agora. Mora aqui na Mina Cinco né, bem velhinha ela, 83 anos ela fez.

T: Neste momento, entrou um grupo de adolescentes no bar, para assistir a entrevista. Esse mesmo grupo já havia abordado a pesquisadora, perguntando se iria falar mal do bairro. Dizer que no bairro só há "maconheiro e ladrão". Perguntaram à pesquisadora se ela era da RBS – a rede de T.V. regional.
Estamos em um um lugar mais sossegado agora, na cozinha da Dona Zulma e vamos continuar a nossa entrevista.
Estávamos falando sobre a sua mãe, foi uma mulher muito lutadora como a sra. disse. Como criou tantos filhos? alimentava as crianças com quê? Elas tomavam leite, como era isso?
Z: No começo quando nóis morava lá no Morro Grande, o falecido pai tinha uma vaca de leite né, que era a que sustentava. E depois não, depois se criou assim, eles mamavam também né, tinha argum que mamaram até 5 ano.

T: A sua mãe amamentava as crianças até cinco anos?
Z: Até cinco ano é.

T: A senhora foi amamentada até cinco anos?
Z: Ah, eu não, eu foi menos né. Mais eu tenho um irmão que até o cunhado dele matou ele na, perto da Vila Nova, aquele mamou até cinco anos. A mãe ia pra roça colhê fumo e ele ia pro meio da roça com um banquinho, e senta mãe, senta mãe, que eu quero mamá ele dizia. Era bem grandão já. Aí depois teve mais outro mais o outro mamou menos, também. Que daí também ela trabalhava né! Ela sempre lutou também. Sempre trabalhô. Ela trabalhô muito aqui no..., nesse..., como é meu Deus... que morava aqui que era o único que dono daquela, agora esqueci, que era aquela pedra. Como é? Que tem aqui pra baixo, o seu Otavaio Coan. A mãe trabalhou muito em casa dele também, de doméstica.

T: Dona Zulma, se a senhora não morasse aqui, no Renascer, teria algum bairro na cidade de Criciúma ou em outra cidade que a senhora gostaria de morar?
Z: Olha! Eu acho que, eu não sei, eu gostei de morar aqui. Não sei se porque sufri muito né, no começo, mais eu gosto de morar aqui. Eu não tenho intenção de sair daqui e morar em outro lugar.

T: Não! Eu estou falando numa hipótese, um sonho, assim se a senhora...
Z: Pois agora. Eu não, assim, coisa, não tenho, nem penso assim né de... em outro bairro.

T: Outra pergunta, eu gostaria que a senhora me esclarecesse. Quando essas casas da Cohab ou da prefeitura saíram, o lixão ainda estava aqui?
Z: O lixão, quando que saiu ainda tinha lixo aqui sim. Era lá embaixo, lá pra baixo.

T: Quando a senhora era criança, a senhora tinha algum sonho? A senhora lembra do seu sonho de criança?
Z: Pois agora, a gente quase não teve infância assim né, porque a gente de desde idade de 8 ano sempre trabalhô né. Na roça ou com os outros. Sempre lutava. Às vezes pra comprá uma ropa tirava lenha no meio daqueles mato, chegava final de semana né, semana inteira trabalhava assim. Falecido Polono, que morava lá em Araranguá, aí quando chegava assim final de semana eu ia pros mato de carro de boi assim, ia lá tirava duas carrada de lenha, uma pra ele e uma pra mim pra comprá ropa, era assim. Toda vida, comprava aqueles vistidinho de chita que a gente usava. Tinha um sonho de assim de um dia né, a gente assim melhorá de vida né, sempre mais... Só que o meu sonho não foi realizado.

T: Eu queria perguntar para a senhora; sempre se ouve falar em duas palavras, na televisão, por ai afora, a natureza e meio ambiente. O que a senhora entende disso? O que vem na sua cabeça, quando a senhora ouve essas palavras assim, natureza e meio ambiente?
Z: Pois agora eu fico em dúvida né, porque...

T: Vamos ver a primeira, o que é Natureza para a senhora?
Z: Natureza eu acho assim que, não sei. É vivê, não sei não entendo. Acho assim que natureza é vivê, é cuida da né assim do, sei lá mulhé eu nem intendo. Também estudei pôco né.

T: E Meio Ambiente?
Z: Também não sei bem .Só sei que tem de preservá o meio ambiente.

T: Cidade! Que imagem lhe passa na cabeça? O que é cidade? Cidade! O que isso diz para o seu coração? Para o seu coração, para sua cabeça. Cidade!
Z: O que é cidade? É um lugar assim, bem movimentado, bem povoado né, assim, mora mais os ricos e não os pobres né. Daí é cidade .

T: Felicidade. O que é felicidade? Uma coisa que se sente. O que é felicidade para a senhora?
Z: Felicidade pra mim é, ter vida, saúde e ter meus netos e minhas filhas perto de mim. É maior minha felicidade.

T: Agora a gente vai fazer aqui uma empreitada. Eu queria que a senhora desenhasse numa folhinha de papel, o seu bairro e os lugares especiais. desenho. E daí, também a sua casa e a peça de sua casa que a senhora mais gosta. Vamos pelo menos tentar? (Dona Zulma foi fazer os desenhos)

T: Quais os caminhos do bairro que lhe são importantes? Por onde a senhora anda no bairro?
Z: Ai eu passo aqui pelo posto, né. Subo pra cima. Depois passo aqui na escola. Depois desço. Passo pelo posto, pela casa da filha e venho embora. Faço a vorta assim.

T: Só?
Z: Lá pra baixo eu só passo de ônibus quando vou no centro. Nunca fui. Também não vô em casa de vizinho, não incomodo vizinho nenhum. Só paro em casa.

T: Só para gente em de casa?
Z: Não. Se eu perciso do vizinho, eu falo com ele. Se eles precisam de mim eles vem me procuram assim. Agora de eu ta lá na casa dos outros, não. Só vô na casa de 4 filho. Só. Dali deles venho pra cá. É assim. E é muito difícil também saí, não é todo dia.

T: Os caminhos da cidade de Criciúma. Quais que a senhora gosta mais de percorrer?
Z: Pois agora, eu saio se eu vô no centro. Saio dali vô lá, sarto do ônibus, vô lá faço o meu serviço, vorto de vorta, as vezes vorto até no mesmo ônibus.

T: Nunca passeou em Criciúma?
Z: Não, não, nunca. Pra ir em Criciúma é um trabalho. Não gosto de sair assim ô. Como é que pode né.

T: Então para se distrair o que a senhora faz?
Z: Pra me distraí vô em casa de uma filha, vô na outra, depois venho pra casa vô ali, quando é de noite me deito, fico ali na cama, olhando as vezes a televisão, as vezes nem olho né, assim.

T: Então dona Zulma muito obrigada por hoje. Eu vou voltar. E daí a gente conversa e eu gostaria de saber... eu estou com uma máquina ai, que teve com o seu Rubinho agora está com a dona Linda, para a senhora tirar umas fotos da casa, mas é bem simples, a senhora vai poder manejar, para depois a gente, na outra conversa, quando a entrevista estiver no papel a gente também começar a falar sobre as fotos juntas, é.. essa maquininha está com a dona Linda aí eu pedirei para ela vir lhe entregar e explicar como ela funciona e a senhora tiraria umas três fotos. Pode ser?
Z: E precisa mais alguém assim, pra...

T: Preciso. Preciso. Eu estou no quinto morador preciso de mais cinco. Muito obrigada dona Zulma
Z. De nada.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – UFPR

Entrevista

História de Vida II – David

Curitiba, 2002

Curitiba **Entrevista**
Fita/K **Data: 09/01/2001**

Laboratório: Doutorado

Ficha Técnica:
Entrevistado: David
Entrevistador: Teresinha Maria Gonçalves

Local de Gravação:
Bairro: Renascer – Oficina do entrevistado
Cidade: Criciúma

Equipamento:
01 Microcassette Recorder
Marca: Panasonic FP (Fast PlayBack) 2- SPEED
1ª FK MC- 60'

Transcrição e digitação:
Patrícia Elaine Medeiros

Revisão:
Teresinha Maria Gonçalves

HISTÓRIA DE VIDA II – DAVID

Nome: David

Local de Nascimento: Braço do Norte-SC

Idade: 57 anos

Estado Civil: Casado

Profissão: Mecânico de bicicleta, ex-trabalhador rural, ex-pedreiro, ex-carpinteiro

Tempo que mora no bairro: 14 anos

Outros lugares onde morou fora de Criciúma: Braço do Norte, Tubarão e Capivari – Santa Catarina; Curitiba e Porto Alegre.

Lugares em Criciúma onde morou antes do Renascer/Mina Quatro: bairro Nossa Senhora da Salete.

Proveniente: do meio rural

ENTREVISTA

T: Seu David esta entrevista é muito importante para mim. É sobre o bairro e a vida das pessoas aqui no bairro. O sr.. pode falar com toda a franqueza do fundo de seu coração. Conte sua vida desde quando o sr. nasceu como foi sua vida, como o sr. chegou aqui. O sr. tem todo o tempo que quiser. É uma entrevista sigilosa, seu nome não será citado. Depois da gravação, passarei para o papel e voltarei aqui para o sr. ler.
D: Aqui no bairro o que precisa é de esgoto, esgoto que é a céu aberto, esgoto a céu aberto aqui e o resto ta bom é só. O esgôto preocupa porque é tudo a céu aberto né, causa da doença nas crianças né. Aqui deve ter é alguma indústria né, pra dá imprego pra turma né. A gente tem mais nada o resto tá tudo bom. Antes eu morava aqui, eu morava em Braço do Norte, depois de Braço do Norte eu vim pra Tubarão, Tubarão eu vim pra cá, ai já é passado né, e passado é passado né.

T: Não gosta de lembrar o passado ?
D: Passô já passo né, interessante é o futuro. Eu vim de Braço do Norte a Tubarão nos tava com serviço na Eletrosul, ai onde que Braço do Norte não tinha serviço, em Tubarão tinha, ai trabalhei uns dois anos, três anos, três anos, e meio. Eletrosul em Tubarão ai terminemo o serviço na Eletrosul ai depois eu vim pra cá que na época era bom de serviço; era só saí duma firma e pegava na outra. Em Criciúma tinha mina, tinha tudo, hoje em dia é desemprego. E aonde que eu vim pra cá, só por causa disso, era bom de serviço hoje em dia é difícil, difícil de serviço pra todo mundo, porque realmente, hoje em dia botaro robô, computadô nas indústrias né, pra tirá os emprego. Isso ai que foi o desemprego no Brasil. Esse lado ai que eu tenho pra dizer isso aí é real. Num banco, antigamente o tinha 30 pessoa hoje em dia tem duas, três, duas, três pessoa quatro pessoa no máximo pra atender. Naquele tempo tinha uma porção de gente, mas quem que tirou o serviço das pessoa, foi o computadô, o computado, o robô, nas indústria foi o robô.

T: Robô. é?
D: É isso ai, tirando isso ai pro Brasil indireitá, si tirá essas máquinas tenho certeza que o Brasil vai pra frente. É o começo a gente se sente mau né... Tem que mudá né, depois com o tempo depende o lugar, depende do lugar si gosta do lugar, si arruma serviço no lugá ai a gente si sente bem isso ai não é problema. O lugá bom de se morá é onde tem emprego. Se não tem emprêgo, não tem vida.

T: Sente saudades?
D: A saudade sempre fica pra trás né, fazê o que, é obrigado a deixá né, isso ai é bom a vida penso assim.

T: Pode colocar mais se o senhor quiser dessas histórias ai da sua vida mesmo, assim por exemplo. O senhor nasceu em Braço do Norte, tem lembranças de lá?
D: Tenho claro. Ah! Naquele tempo eu tinha bicicleta, tava na casa dum lote do meu cumpadre, ai ele deu o lote pra mim construir a oficina de tauba, fininha né, mas logo em seguida a filha dele casô né, ai fui obrigado a desocupá pra dá lugar pra filha

dele qui casô e quiria fazê a casa né, ai eu fiquei desempregado né, fui pra outro lado né, arranjá outro jeito de vivê né, daí eu vim pra Tubarão, trabalhei em Capivari, depois de Capivari ai eu vim pra cá pra área 18, Tubarão.

T: Seu David, agora farei um outro tipo de entrevista com o sr... eu falo, coloco algumas questões, pergunto algumas coisas e o sr. responde. Está bem assim?
D: Tá.

T: Seu David, há quanto tempo mora no bairro?
D: 12 ano vai faze 13 ano... acho que 14 ano.

T: Seu David, o que vem na cabeça quando o senhor ouve falar no nome do bairro?
D: Nome do bairro antigamente era Mina Quatro, agora é Renascer.

T: E quando o senhor ouve falar nessa palavra, vem assim o que lhe vem assim na sua cabeça?
D: Ah ! Pra mim a mesma coisa né, não toca nada, e a Mina Quatro, Mina Quatro pra mim é a mesma coisa né. Não deixa de ser Mina Quatro igual, parece Renascer mais é Mina Quatro, igual quando eu vim pra cá era começo, primeiro moradô que teve aqui foi eu, e pra mim é a mesma coisa.

T: Mas que sentimentos o senhor tem, em relação a esse bairro Mina Quatro?
D: Há! O sentimento que eu tenho aqui é só por causa do esgoto, não tem outro motivo.

T: Sentimento ?
D: Tenho, até que um dia pode ser que eu...

T: O sr. pode me dizer aqui no bairro se tem lugares que o senhor gosta de ir além da sua casa, da sua oficina, os lugares que são especiais para o senhor, o senhor sabe me dizer algum?
D: Ah! ...fico mais por casa, não sô mais de chegar em bar em bar, salão de baile, assim não sô muito chegado nessas coisas, mais por casa.

T: Nem passeia pelo bairro?
D: Ah! Passeá a gente passeia, dá uma volta pra distraí um pouco.

T: Onde o senhor gosta de passear?
D: Ah! ...dá uma volta aí, por ai ao redor do bairro de bicicleta, de a pé.

T: Quando o senhor passeia de bicicleta, aonde o senhor vai aqui no bairro?
D: Ah! ...dá uma volta na Mina Quatro inteira, bairro Renascer inteiro.

T: Tem algum lugar especial nessa volta que o senhor dá que o senhor acha mais bonito, que o senhor gosta de ficar?
D: Não, eu ficá... ficá eu não gosto de ficá em lugar nenhum né, a gente dá uma volta assim pra distrai. Gosto de passeá de bicicleta em volta do bairro.

T: Mas qual rua por exemplo que o senhor gosta de passear? Quando está andando de bicicleta?
D: Ah! ...gosto de passiá na, gosto de andá ao redor né, ao redor do bairro.

T: Tem uma visão do bairro como um todo?
D: Justamente.

T: Como era antes o bairro, quando o senhor chegou aqui, e o que mudou?
D: Ah! ... mudou que quando eu cheguei aqui era lixo, é vamos supor lixo do cimitério.

T: Lixo do cimitério?
D: É, lixo de cimitério, era caixão de difunto, era osso de cimitério, era perna de gente cortada qui eles cortavo no hospital, no hospital eles cortavo e jogavo aqui né, ai depois tiraram o lixo melhorô muito, que ai a turma si reuniro aqui e tiraro o lixo daqui né ai melhorô muito, onde que tinha população antigamente que antigamente que aqui era tudo era limpo quando eu vim para cá, não existia água não existia nada no começo.

T: O que mudou?
D: O que mudou é que saiu o grupo, saiu a creche, saiu o posto de saúde, mudou tudo.

T: O grupo é o colégio?
D: É o colégio, é justamente.

T: O senhor vai no centro da cidade?
D: Vô, não saio de lá, to quase todo dia.

T: Quando o senhor está voltando pra casa qual a altura da rua , da estrada, da rodovia que o senhor se sente assim eu estou chegando, estou chegando no bairro estou chegando em casa, onde que o senhor sente isso?
D: Ah! ...da estrada de lá pra cá né, da ponta aii da cabeceira da ponte.

T: Da ponte sobre a linha do trem?
D: É, justamente, é outra coisa que tem que melhorar no lugar é vamos supor vô dá uma vota de bicicleta daqui pro centro, não tem acostamento é tudo cheio de buraco, cai aqui, cai lá, cai aqui, cai lá né, divia de fazê acostamento daqui por centro, na Luiz Rosso que é o caminho que eu faço até o centro para í na igreja matriz

T: Não tem espaço pra ciclista para bicicleta?
D: Muito buraco.
T: Muito buraco...
D: Em lugá de asfalto aquele pedaço pra ciclista anda né, e daqui pra lá é tudo cheio de buraco isso é uma coisa que devia ser arrumado né, da cabeceira da ponte pra lá né.

T: Está reclamando de uma faixinha para o ciclista andar não né?
D: É pro ciclista andá, é pro ciclista andá, pra pessoa andá a pé, bicicleta, moto, quando dá um negócio, um carro quando encosta ali é cheio de buraco, então é uma coisa que falta.

T: Quando o sr. era criança o sr. gostava de andar. Quais os caminhos aqui no bairro e da cidade de Criciúma que o senhor gosta de percorrer?
D: Ah! ...que eu gosto de percorrer é um pouco, é o jardim na igreja.

T: Na cidade?
D: Na cidade é, eu gosto de dá uma volta no centro.

T: O senhor acha o centro de Criciúma bonito?
D: Justamente, não é feio o centro de Criciúma é bonito sim.

T: Tem algum lugar na cidade de Criciúma que o senhor gosta de ficar, que lhe faz bem, sente-se bem ?
D: Ah! E me sinto bem é dentro da igreja.

T: Qual igreja?
D: Igreja Católica.

T: Matriz?
D: É a matriz, é o lugá que acho mais... sinto bem que eu vou no centro que eu chego lá.

T: Como é que o senhor se sente lá dentro da igreja?
D: A, eu me sinto com a maior maravilha.

T: Como é seu contato com os vizinhos aqui?
D: Ah! Tenho contato com todo mundo, não tenho inimizade com ninguém dô com todo mundo e comigo. Eu não sô de culpá vizinho também né. Nunca culpei gosto de servi, claro que se pudé servi o cara faz o máximo pra servi.

T: O senhor tem nenhuma história para contar dos seus vizinhos?
D: Não, história não tem nenhuma.

T: O senhor nasceu em Braço do Norte, o senhor já falou né, é... que lembranças ainda tem de Braço do Norte além daquela que o senhor já falou?
D: A lembrança que eu tenho lá de Braço do Norte é horrível, é pesca, é e lá pesca, pegá um peixe, tá fazendo nada é i lá pegá um peixe lá, tem que mandá aonde tem serviço.

T: Como era sua família lá em Braço do Norte, quando o senhor era criança como ela era lá?
D: Assim motivo assim?

T: Quantos eram irmãos, como viviam, como é que era?

D: Ah! Nois era em sete irmão, morreu um o resto tem dois irmão lá e uma irmã que mora lá. Em Braço do Norte nos...

T: Como era, que lembranças tem do seu pai da sua mãe? O senhor brincava? Como é que o senhor fazia?
D: Ah ! O pai e a mãe já morrero tudo né.

T: Como era quando estavam vivos ?
D: Ah! Era bom né, a dificuldade era muita né. muita dificuldade naquele tempo era difícil de se vivê.

T: Seu pai trabalhava em que?
D: Meu pai trabalhava na roça né, dia com um. dia com outro. Trabalhava o dia na roça é.

T: E da sua mãe o senhor lembra, dela assim em casa na cozinha fazendo alguma coisa?
D: Claro, sempre justamente da mãe nunca vou deixá de me lembrá, que eu lembro da mãe, é que ela levava nóis pra roça trabalhá, saía trabalhá pros outro. Nóis ia pra roça, a meia, nóis tinha terreno a meia né. E vai a gente se lembra de tudo!

T: Que sentimentos, que lembranças, o senhor tem dela, assim uma especial?
D: Ah! Eu queria que ela vivesse di novo.

T: O senhor queria que ela vivesse de novo se o senhor pudesse... E quando vocês eram crianças como se alimentavam, compravam leite para as crianças, como era?
D: Ah! Naquele tempo não dava leite e nóis era muito pobre né.

T: Sua mãe amamentava as crianças?
D: Naquele tempo era feito um pirão assim um pirão de água doce, ali nóis um pirão de água doce e a chupeta naquele tempo não existia mamadeira. Era botado um tipo de pra criança chupá né, hoje em dia tem tudo pilado hoje em dia tem mamadeira e de tudo quanto é coisa. Naquele tempo as crianças chupavo na chupeta, no dedo, vamo supor hoje em dia tá tudo moderno.

T: O que é pilado ?
D: É facilitado.

T: E a sua mãe amamentou algum filho?
D: A amamentou todos eles né.

T: O senhor também, você sabe quanto ela lhe amamentou?
D: Quatro anos.

T: Quatro anos. E o senhor brincava , tinha tempo para brincar? Brincava?
D: É dispois, que nóis tinha sete anos pra oito anos ai dispois nóis ia pra roça, do grupo nóis ia direto pra roça, não tinha tempo pra tá brincando, hoje em dia

barbaridade. Naquele tempo que é pegava a mão na enxada e ia pra roça, a mãe ia na frente e nóis atrás.

T: Quando o senhor brincava? Algum momento o senhor brincou na sua vida?
D: Ah ! No domingo né.

T: Brincava de quê?
D: Ah! Naquele tempo não tinha brinquedo, naquele tempo era carretão de 2 roda né.

T: Carretilha?
D: Carretão, carretilha, inquilibri.

T: Inquilibri, o que é?
D: Inquilibri.

T: Ah! Equilíbrio!
D: É eu naquele tempo não tinha outro brinquedo, canoa, coqueiro.

T: Funda?
D: Não, funda era difícil naquele tempo era bodoque.

T: Ah! Bodoque.
D: É, e tem gente que diz que é atirador de fecha né, era o brinquedo que tinha naquele tempo, canoa do coqueiro a gente ia no pasto, catando coqueiro era o brinquedo de antigamente.

T: A canoa do coqueiro é a casca do cacho do coqueiro, quando seca ela fica do formato de uma canoa e as crianças então iam para um declive, no pasto, e um puxava e soltava e a "canoa" descia barranco abaixo, era isso.
D: É isso ai.

T: Tinha amiguinho assim, dava-se bem com os amiguinhos?
D: Ah! sim dava, si dava, naquele tempo tinha poca gente, poca gente e os vizinho morava um longe do outro.

T: Alguma história da família?
D: Eu, nunca fui santo, quando era criança a gente fazia coisa.

T: Agora peço ao senhor um desenho aqui do bairro. A sua opinião é importante e o seu desenho também. O que interessa é que o senhor desenhe os lugares que o senhor acha importante no bairro.
D: Tá bom.

T: Seu David termina o desenho do bairro. Localizou os lugares que ele acha especial e também desenhou a casa dele no mesmo pátio onde está a oficina, seu local de trabalho.
D: Porque tinha a casa e a oficina né.

T: Qual é o lugar que o senhor gosta de ficar?
D: Na oficina.

T: Por quê?
D: Porque é lá que dá trabalho pra i passando o tempo né.

T: Seu David eu quero fazer mais uma pergunta sobre sua infância: quando o senhor era menino, era mocinho com que o senhor sonhou?
D: Ah!, eu sonhava di ser bem di vida né, o sonho da pessoa sempre foi isso.

T: O que é ser bem de vida?
D: Ser bem di vida é ter tudo um pouquinho né.

T: Por exemplo?
D: Ah! Só pra gente tê um terreno pra prantá, criação sua é o que interessa, porque o resto? Carro? Sai muito moderno é muito caro, a gasolina nem compensa a gente ter, eu digo carro essas coisas nem compensa o cara tê porque a gasolina é muito cara, mão de obra é muito cara, mais é o terreno...

T: O terreno é seu?
D: Não, terreno que eu quero dizer é pra prantá.

T: Ah! Para plantar, para ter roça.
D: Isso ai eu nunca consegui e nunca vô consegui.

T: Que idade o senhor tem hoje?
D: 56 anos.

T: É seu David o senhor vê a televisão. O senhor tem aí o aparelho de TV não é... Já ouviu falar em natureza? Natureza, meio ambiente, o que são essas coisas para o senhor?
D: Ah! Isso aí não significa nada.

T: Não significa nada?
D: Não significa nada, porque si tem um criando tem 10, 30 destruindo.

T: Mas o senhor gosta da natureza, o senhor queria uma roça...
D: É, justamente, claro, mais eu quero dizer sobre árvores, bichos, essas coisas porque, si tem um cuidado tem 100 matando tem que vê esses lado ai. É justamente, isso ai é a natureza hoje em dia, é isso ai muitas pessoas conversam, conversam mas ninguém faiz nada.
T: Então, meio ambiente para senhor é mato, árvore, bicho?
D: É, a natureza pra mim é...

T: E espaço? O que o senhor entende por espaço, o que é espaço?
D: É espaço pra mim é ter bastante como eu digo né, ter um terreno grande né, criação, ter um pouco de criação e um pasto bem grande né, e um lugar pra plantá, isso ai é espaço.

T: E cidade. Que imagem vem na sua cabeça quando falo cidade? Que é uma cidade para senhor?
D: Há! Cidade pra mim é um lugar grande né, um lugar igual a Curitiba né, já tive lá em Florianópolis né, cidade grande também, diz que é uma grande cidade mais não é, Criciúma também não é grande, lugar igual a Curitiba.

T: Cidade é Curitiba. E como é que o senhor gostaria que o seu bairro fosse hoje?
D: Não, eu gostaria que tivesse indústria né, tivesse industria não pra mim, já tô velho, prus jovem, prus jovem trabalhar né, e gostaria que fosse assim.

T: Eu vou fazer uma pergunta muito pessoal para o senhor, o que é felicidade para o senhor? Que é felicidade?
D: Ah! Felicidade é viver bem com os filhos com a mulhé né, e ter algo para comprar comida pra comê, não devê pros outro se deve paga isso ai é felicidade.

T: O senhor gostaria que eu tivesse perguntado alguma coisa que eu não perguntei?
D: Não, não, tudo que a senhora pergunta eu respondo sem problema nenhum.

T: O senhor gostaria de ter falado alguma coisa que não falou?
D: Não,não.

T: Além do senhor desenhar o bairro, a casa que foi muito importante, eu tenho uma maquininha que está lá no seu Rubinho. Gostaria que o senhor tirasse algumas fotos do bairro, da sua casa, daí eu passo outro dia aqui, aí o senhor me entrega, eu mando revelar as fotos. Mas o importante é o senhor tirar as fotos. O senhor concorda?
D: Concordo.

T: Então está na hora, obrigada seu David.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – UFPR

Entrevista

História de Vida III – Patrício

Curitiba, 2002

Curitiba

Entrevista
1ª Fita/K **Data: 07/02/2001**

Laboratório: Doutorado

Ficha Técnica:
Entrevistado: Patrício
Entrevistador: Teresinha Maria Gonçalves

Local de Gravação:
Casa do entrevistado
Bairro: Renascer
Cidade: Criciúma

Equipamento:
01 Microcassette Recorder
Marca: Panasonic FP (Fast PlayBack) 2- SPEED
1ª FK MC- 60'

Transcrição e digitação:
Patrícia Elaine Medeiros

Revisão:
Teresinha Maria Gonçalves

HISTÓRIA DE VIDA III – Patrício

Nome: Patrício

Local de Nascimento: Criciúma-SC

Idade: 43 anos

Estado Civil: Casado

Profissão: Operário

Tempo que mora no bairro: 11 anos

Lugares em Criciúma onde morou antes do Renascer/Mina Quatro: Mina do toco, Mina Naspoline, Lote Seis, Morro do Bainha, Vera Cruz, Maria Céu, São Luiz.

Proveniente: do meio rural

ENTREVISTA

T: Seu Patrício, eu gostaria que o senhor falasse tudo que o senhor tiver sobre a sua vida, desde que o senhor nasceu, onde nasceu. Como era sua vida antes de vir para cá. Como é viver aqui no bairro Renascer. A entrevista é sobre a vida das pessoas no bairro. O senhor tem todo tempo que o senhor quiser, tudo que o senhor disser para é muito importante e será guardado em compromisso técnico em sigilo.

P: Eu, quando nasci, vou falar do meu nascimento, nasci 24 de dezembro 1958, tenho 42 anos, nasci num bairro pequeno né, era o bairro Mina do Toco muito conhecido hoje, e até para chegar aqui, faz 40 anos que eu moro em Criciúma, porque nasci e me criei dentro de Criciúma, me casei aqui dentro de Criciúma. Tem gente que foi criado numa época até muito boa, boa numa parte difícil na vida, porque a gente tinha muito irmãos, tinha que trabalhar para sustentar os irmãos. Naquele tempo tinha estação ferroviária aqui da Teresa Cristina ali no centro né. E me criei até os meus 21 anos. Depois me casei, faz 23 anos que sou casado, hoje tenho treis filhos, e sempre tive assim uma vida normal como uma criança tive uma vida normal, a gente não teve aquela mocidade aquela infância, porque os pais naquela época eram mais e mais cheios de filhos né. Nós éramos em 17 irmãos né. O mais velho era eu provavelmente. Trabalhei só para sustentar meus irmãos, mais ele me criou né, criou numa honestidade numa cartilha sem mexer com drogas, sem mexer com ninguém né. Hoje tenho um filho moço, filho com 19 anos, um casado já com 21 , outro com 17 graças a Deus né, a gente vai vivendo a vida conforme o padrão, aquilo que a gente foi criado, que a gente foi acostumado. Eu me criei ai em Criciúma, aí nos bairros né, como até na Mina do Mato, Naspoline, Lote seis, Morro da Bainha, e Bairro Vera Cruz. Por ali vendendo pipoca, engraxando, fazendo essas coisas que mantém um padrão de vida né. Mas, graças a Deus, hoje sou casado e sou tranquilo, não passo necessidades. É não passo necessidades, a gente passa, não passa é fome né, porque por mais pobre que a gente seja, se ele disser que passa fome ele tá, ele não tá querendo nem botar mão numa enxada pra carpi um quintal né. Mais então é isso ai, minha vida é isso ai. MInha mãe também é daqui de Criciúma, meu pai é de Chapecó né. Minha mãe mora ali na Maria do Céu. Minha mãe e irmã do falecido Lalao né, que a senhora conheceu né, ele era diretor de Faculdade, diretor do CIS. Fomos assim uma família bem unida, uma família Bem criada sem dar problema para sociedade e eu depois me casei, morei um tempo em Tubarão, depois de Tubarão vim para Maria do Céu. Do Maria do Céu vim pro bairro São Luiz. Do Bairro São Luiz acabei aqui no Bairro Renascer a antiga Mina Quatro. Aqui então arrumei um lotezinho e fiz uma casinha. Agora graças a Deus, estou numa casinha melhor, hoje ela não é mais inundada, hoje é nossa mesmo né. Então a agora temos esse padrão de vida ai fazendo, conforme as nossas forças, tudo aquilo que nós pudemos o resto é, o que eu tenho para falar da minha vida até o tempo que eu estou morando aqui no bairro.

T: Agora eu vou fazer um outro tipo de entrevista com o sr. Faço as perguntas e o sr. responde está bem?

Há quanto tempo o senhor mora no bairro?
P:11 anos.

T: Quando o senhor fala nesse bairro Renascer, que o senhor mora hoje, quando o sr. ouve a palavra Mina Quatro ou Renascer o que lhe vem á cabeça, no seu coração, o que representa isso, Renascer, Mina Quatro?
P: Renascer, representa uma mudança de bairro, uma mudança uma nova vida, porque mina quatro há 11anos atrás era um bairro muito mal formado, um bairro de muito perigo mesmo. Era perigoso há 10 anos atrás. Mas, agora graças a Deus, a gente acha que dá para tapar um pouco aquele emblema daquelas pessoas perigosas que tinham ai então nós se reunimos com o presidente do amigos dos bairros, nóis fizemos o apelo comunitário e fizemos uma reunião para trocar o nome desse bairro que está, graças a Deus, está sendo privilegiado. Porque era meio difícil quando a gente chegava numa empresa e ouvia assim, olha mora aonde? Mina Quatro? Ninguém dava emprego, agora bairro Renascer, a gente mora aonde? No Renascer, ah ! Tá, então tem serviço. Mina Quatro foi começo de bairro né, muito problema, muito assalto, muita morte, mais agora graças a Deus isso ai já tá humanizado, o pessoal já tá mais humano.

T: Aqui no bairro tem algum lugar especial? Que o senhor acha bonito que o senhor quer ver? Tem algum lugar especial para senhor aqui?
P: Tem, tem ali a creche as crianças é um lugar bem gostoso pra gente ver, tem também o campo de futebol também que é bem gostoso pra gente ver e outras áreas verdes. Aqui pra trás tem muito que dá para ver também no centro da Mina Quatro, tem mais verde porque desmataram né. E também tem um lazer que eu gosto muito que é a minha igreja evangélica, Assembléia de Deus. Então essa é a que eu mais adora porque é ali que eu passo, nos fins de semana, a maior parte do tempo da minha vida é lendo a bíblia, é cantando com os irmãos, então esses são a minha área de lazer aqui na Mina Quatro que eu gosto de preservar, gosto de adorar, gosto de ver, porque são coisas criativas né, coisas que dão condições ao bairro de trazer movimento.

T: Quando o senhor sai do bairro, o senhor deve sair do bairro de vez em quando. Quando o senhor está voltando para cá, em que altura o senhor sente assim, estou em casa, estou no meu bairro, em que altura da volta para cá o senhor sente isso?
P: Geralmente para mim é quando nós estamos chegando aqui passamos a Ana Maria e quando estamos chegando aqui na primeira parada ali do trilho que vem pelo Ouro Negro, Bosque do Rio Pouso quando desce ali é a melhor fase que a gente, pronto cheguei em casa. E quando descemos aqui no trilho, entramos no Ana Maria passamos o Ana Maria já sentimos que estamos em casa.

T: Quais são os caminhos do bairro, todo lugar tem um caminho, uma trilha que você gosta de ir. Quais são os caminhos do bairro que o senhor gosta, o senhor tem algum caminho aqui no bairro?
P: Olha, o caminho que eu mais gosto de caminhar aqui no bairro é o da minha casa, atravessa o rio, ir lá em cima no mercado Solange e voltar. É o trajeto que eu faço né.

T: O senhor gosta de Criciúma? O senhor tem algum lugar, algum caminho na cidade de Criciúma, que o senhor gosta? Algum lugar que o senhor gosta de estar, de ver, de andar, de trilhar, na cidade de Criciúma?
P: Tem sim, tem uns pontos históricos que eu gosto muito é a praça do Congresso eu gosto muito daquele lugar ali, porque ali eu conheci, quando Criciúma só era mato, só atalho né, então eu gosto muito de sentar ali as vezes vou no centro no culto evangélico, e as vezes termina o culto eu vou para lá, me sento lá embaixo, fico apreciando a natureza né, apreciando o verde a vida. É coisa muito boa. E só um ponto; que eu gosto de estar ali na praça do Congresso porque ali a gente descansa, fica lá no cantinho sozinho refletindo né, se preparando para o novo começo de semana e isto é muito bom. Tem muitos outros lugares importantes né, que a gente né... mas, para descansar, para lazer é ali. Já no nosso jardim central que é ali na rua 6 de janeiro, ou na Getúlio Vargas ali já é difícil de ficar, eu já não gosto muito de ficar naquele ambiente ali por causa das más companhias. Ali se juntam muitas coisas desagradáveis. Então né, a gente que quer refletir alguma coisa, tem que procurar ali a praça do Congresso, porque ali é uma área de lazer tem aquelas crianças brincando né. Então é uma coisa que me agrada muito. Então ali no jardim central eu não paro, eu não paro mais, é só na praça do Congresso.

T: Outra coisa, vamos considerar uma hipótese, se o senhor não morasse aqui no Renascer, qual o bairro de Criciúma, de coração, o senhor gostaria de morar?
P: Olha, o bairro que eu gostaria de morar de coração era o bairro São Luiz né. O Bairro São Luiz eu gostaria de morar porque os meus filhos alguns deles foram criados lá, nasceram lá né. Então toda minha vida assim que meus filhos começaram a nascer foi ali no bairro São Luiz e também por estar mais perto da cidade né, porque é mais fácil. Aqui se chove não tem passagem, tem que esperar o tempo passar para poder caminhar a pé né. E se vai de noite para o centro, para vir já é aquela baita da necessidade que a gente nunca sabe o que pode acontecer nesses matos aqui dentro da Mina Quatro, Renascer. Não acontece nada mais para fora que vem de lá para cá de madrugada. É perigoso né, porque é cercada de mato e mais família é no bairro São Luiz.

T: Como é o relacionamento seu com seus vizinhos? O senhor tem assim alguma história para contar, alguma história triste ou alegre relacionada a vizinho?
P: Eu com meus vizinhos me dou muito bem com todos eles, não tenho encrenca com os vizinhos né, me do muito bem como todos eles quero bem todos eles né. Se a gente pode ajudar um ajuda o outro, a gente faz aquilo que pode um pelo outro porque hoje vem da boa criação Vizinho é cada um e ele na casa dele e eu na minha né. Se o vizinho pediu um pão a gente reparte porque é isso que nós temos que fazer, porque somos seres humanos, mas de vizinho aqui não tenho nada que dizer bem, os vizinhos acho que também não tem nada que dizer de mim porque né, a gente cuida da vida da gente e é isso que tá acontecendo.

T: Bem, o senhor já falou que nasceu aqui em Criciúma, na Mina do Toco. E como era assim esse lugar? Que lembranças o senhor tem de lá desse seu tempo? O sr. tem alguma lembrança de lá?
P: Tenho. A Mina do Toco era um bairrozinho pequeno. Era na época em que eu nasci, tinha se tivesse 10, 15 casas, porque lá tinha mina, tinha mineração, pra lá né,

Minha Monte Negro, Mina do Sete, MIna do Dia né. Então era tudo para aquela parte lá, Mina da CBCA. Então era um. era um vilarejozinho assim, uma casa salteada, uma da outra porque era um lugar que tinha também muitos descendentes de Italianos.

T: E as lembranças quais são?
P: As minhas lembranças são boas de quando era mocinho né, carregava aquelas marmitinhas de comida para os mineiros né. Eu carregava até, inclusive meu apelido é bóia fria, eles me conhecem por bóia fria, porque eu fazia uma carretinha de rodinha de tampo de lata de leite ninho, levava o almoço para os minero. Então essa é a lembrança que eu tenho e era muito bom. Sabe, era muito bom era bem diferente da criação de agora né, criação sadia sem problema, sem droga né, porque eu nunca soube o que foi vício nenhum, porque naquela época os pais eram mais firmes né.

T: E sobrava tempo para brincar? O senhor brincava de alguma coisa?
P: Brincava, brincava. Gostava muito de brincar de bolinha de vidro né, de bolinha de vidro essas bolinhas de jogar né, burica, essas bolinhas de vidro era a brincadeira daquela época né. Armá arapuca E caçar de gaiola é coisa saudável né.

T: Como era sua família? Era uma família grande?
P: Era era uma família bem grande. Nós éramos em 17 irmãos, éramos em 17 irmãos. Passámos grande necessidade, alguns não aguentaram.

T: 17 irmãos de um mesmo pai e uma mesma mãe?
P: Do mesmo pai e mesma mãe. Minha mãe faz 45 anos que é casada e então somos todos de uma, de um mesmo pai de uma mesma mãe só, fomos criados quase que todos juntos, só que foram morrendo. Ficamos agora..., morreu..., somos em seis, morreu 12, morreu 11 irmãos, todos crianças de dois a cinco anos.

T: E uma criançada dessa precisava de leite não né? Leite. Como é que faziam para tratar das crianças?
P: Ah! Na época a gente, meu pai, trabalhava na mina né. Meu pai aposentado da mina, trabalhava na mina, então aquela época mineiro que trabalhasse na mina ele sempre tinha um, ele sempre tinha um ganhosinho bom né, porque tirava e as coisas eram mais fácil né. E a gente que era mais velho ajudou muito, muito, vendia muita coisa, pé de moleque, fazia uma coisa, fazia outra. Então quer dizer, sempre ajudando a criar os irmãos porque naquela época os mais velhos, eram os que sofriam mais né. A gente é que apanhava pelo mais novo porque o mais novo ia lá aprontava e a gente apanhava, porque não tinha tomado conta. Fomos até o pai se aposentar, depois que o pai si aposentou, ele se aposentou com um salário muito baixo, se aposentou com um salário muito baixo, ai a gente veio aqui para cidade, ali para a Mina do Mato, e ali começamos a passar uma vida de necessidades. De certo por causa da necessidade que alguns irmãos nem aguentaram por causa da disnutrição né. Mas, os que aguentavam estão por ai.

T: E criaram assim na mamadeira ou foram amamentados?

P: Olha! Alguns forram amamentados né. No meu caso eu já não, no meu primeiro mês eu depois larguei, e comecei a comer aquele mingau de farinha de mandioca, porque os antigos davam muito aquele pirão d'água, aquele é o mingau de pirão d'água né, água, farinha e açúcar, fazia aquele pirão e a gente ficava barrigudo, achava que tava engordando, tava enchendo tudo mais a gente não morreu não, estamos ai.

T: A água era tratada?
P: As águas que tinham eram tudo de vertente. Água de poço naquela época né, tinha pouco encanamento. Então a gente pegava água da bica e aquelas águas que eram pegadas da bica sabe que eram águas cristalinas, água pura.

T: E como o senhor veio morar aqui nesse bairro? Quem lhe indicou?
P: Quem me indicou esse bairro foi uma cunhada minha que mora aqui já, há mais tempo do que eu . Ai indicou esse bairro para nós vir pra cá porque lá no bairro São Luiz aonde eu morava a casa de inventário né. Aí começa a dar problema, ai eu para não brigar ou para não fazer coisas desagradaveis eu fiz negócio aqui numa casinha piquininha 3 por 2 bem piquininha. Aí queria um lotezinho, aí fui lutando, fui trabalhando, fui lutando, agora consegui. Uma casa lá em cima na esquina né, a primeira casa bonita que está lá era minha. Vendi aquela lá e comprei essa aqui.

T: Então essa é a sua primeira casa própria?
P: É.

T: Não o senhor vendeu uma lá, mas, não era sua? A que o senhor vendeu lá...
P: Não, lá não era minha, aqui eu vendi aqui na Mina Quatro.

T: Ah! O senhor já estava aqui na Mina Quatro, e existe alguma outra cidade, outros lugares que o senhor conhece que gostaria de morar ou de estar?
P: Olha! Para mim, seria Ana Maria ou fora de Criciúma, Ana Maria, aqui na saída da La, Mina Quatro.

T: O senhor conhece outras cidades?
P: Olha! Que eu gostaria de morar se eu fosse morar seria Tubarão porque a família de minha esposa é tudo de lá né. Ali em Joinville também é muito bom pra morar porque é uma cidade de muito emprego e tirando isso a melhor cidade pra mim é Criciúma, porque nasci e me criei aqui, todo mundo me conhece. Aqui se falta um pão eu vou ali na padaria ele me vende fiado, quando me vê já me dá uns três pães e gente tem como...

T: O seu sonho de criança. Todos nós quando fomos crianças tínhamos um sonho. Sonho de vida, qual que era seu sonho de criança?
P: É, não se realizou não, não se realizou o meu sonho de criança, era estudar para ser médico né. Era estudar para médico. Mais não deu, esse era meu maior sonho, era estudar para ser médico, cuidar das vidas humanas, está no meu coração, gosto muito de olhar para vidas humanas mas, através daquela irmandade como eu já frisei alguns segundos atrais, a gente teve que sair do estudo para trabalhar para criar os outros irmãos que eram muitos, ai não deu para estudar.

T: Como que o senhor gostaria que o Renascer fosse hoje?
P: Olha! Eu gostaria que fosse um bairro mais evoluído, que fosse um bairro de mais capacidade, que fosse um bairro que tivesse mais lazer, que tivesse mais lazer, uma bairro que atraisse turista né. que atraisse turista par ver né e que crescesse esse bairro, para sair aquela imagem da Mina Quatro, antiga né, que hoje é Renascer. Para sair aquela imagem teria que ter uma criatividade para atrair turista né. E tem área para fazer isso, tem porque tem uns verdes muito bonitos né, tem monumento antigo ai, como a entrada da Mina aii, a Mina, aquela ali dá para fazer um movimento dá para fazer um parque histórico, uma coisa que dá porque tem condições para isso. Mas o pessoal não se interessa, as autoridades também não se interessam e então aqui o pessoal que vieram para cá, era tudo pessoal de baixa renda né, tudo área invadida. Então agora é que tá dando uma melhorada porque já temos creche, temos posto, temos seis mercados, temos 8 igrejas evangélicas, tem igreja católica ali também, tem as ruas calçadas, iluminadas hoje já podemos dizer que nós temos no Renascer de novo.

T: Agora vou perguntar o que o senhor acha de algumas palavras que a gente escuta no rádio, na televisão, nos jornais. Nós da universidade falamos muito. Mas eu quero que o senhor diga o que o senhor entende por meio ambiente.
P: Olha! Eu creio que para mim o meio ambiente é a preservação de todo mundo, todos nós que somos ser humano, temos que se preocupar com o meio ambiente, porque o meio ambiente é a natureza temos que cuidar da natureza né. E si acabar com o meio ambiente, acaba com o verde e se nós não tiver o verde não temos oxigênio né. Então às vezes quando eu vejo na televisão esse desmatamento, essa mata pegando fogo, isso me revolta né, se a gente pudesse né, que a gente às vezes tem dentro da gente de querer, porque é pouco bonito sair daqui, passar por dentro de um capão de mato, ai respirar aquele verde, aquele ar gostoso, poder sentar embaixo de uma árvore, não tem aquele ar poluído né, este é o meio ambiente que tem que ser criado até mesmo para os nossos filhos. Se existisse meio ambiente bem cuidado irmã, era a coisa melhor porque a gente sai daqui com uma criança aqui vai ali é pirita, vai lá é barro, vai do outro lado é mato, vai do outro lado é mato que dá aqueles bicho aquela imundiça né. Então o meio ambiente tem que ser cuidado. Eu olho que as autoridades... ter o pouco que tem um oxigênio, se você respira bem e se defende da poluição, ele tem que manter o meio ambiente uma coisa caprichada.

T: E o que é natureza para o senhor?
P: Ah! Natureza para mim é aquilo que Deus criou, aquilo que a gente deve no dia a dia, deve com a natureza né, pode se a natureza plantar ali um pé de palmito ou um pé de mamão, qualquer uma outra fruta, a gente vai cuidando daquele verde, vai cuidando daquela natureza, porque a natureza é uma dádiva de Deus é o Deus criou o céu, criou a terra deixou a natureza né, deu fôlego da vida para o ser humano, e também deu fôlego de vida para os verdes né. Então a natureza é tudo, se pudesse aqui ó porque não dá para fazer um jardim não dar para plantar um pé de flor por que morre por causa do carvão né. Mas não tem coisa melhor do que preservar a natureza, plantar um pé de coqueiro, um pé de mamão, uma qualquer coisa .Sentar na varanda assim e ficar olhando né, o que é a criação de Deus a gente passa a

refletir e talvez, buscar até mais humildade porque se a planta crescer o humilde cresce também .

T: Também se fala muito de espaço, espaço disso, espaço daquilo. O que o senhor entende por espaço o que, vem na sua cabeça quando se fala a palavra espaço?
P: A palavra espaço se for uma coisa terrestre né, porque tem espaço nos planetas né, nos espaços, mais se for falar de coisa terrestre tem muito pouco espaço na nossa terra, ela tem é grande mais tem muito pouco espaço né, poderia ter uma criação melhor poderia ter um verde melhor, nossos filhos, poderiam ser bem mais criados com mais saúde porque hoje, não tem espaço para nada, porque é desmatamento é mineração de carvão, é plantação de fumo e a terra está sendo invadida mesmo. Então a senhora vê o espaço que tem aqui, aqui não tem espaço para criar uma criança através de uma higiene boa, porque ali pirita, aquele rio aqui atrás né, tem essa raia de cavalo ali também né. Então que dizia cadê o espaço. Cabosse né! E no meu tempo que eu era criança até falo para os meu filhos, tinha muito espaço há muitos anos atrás, porque eles preservavam muito os verdes, preservavam muito o espaço, o lazer né, a gente era criança a gente ia longe com uma gaiola para caçar coleiro, porque tinha espaço aberto, agora não, a gente sai daqui, ali já não tem mais. Vai ali, arma uma gaiola, não pega mais um passarinho. Tinha muita cerca para passar isso se não se dá conta não leva um corridão dos gatos ainda...

T: Outra coisa que se fala muito na universidade e na imprensa é o progresso. O que é progresso para o senhor?
P: Agora progresso, falar de progresso neste mundo ! Está tudo poluído, porque de progresso tá curto, tá curto. Se houvesse bastante ordem e progresso não teria tanta criança passando fome não teria tantos favelados, não teria tanto estupro, não teria tanto assalto, tanto roubo, porque, o nosso progresso brasileiro ele tá mal, creio que tão mal, creio que tá tão mal que o brasileiro agora corre lá para os americanos que vão lá para os Estados Unidos, porque lá o progresso é maior. Tem gente que sai daqui pobre e sai de lá rico, porque lá o progresso é maior né. Aqui nós podemos ter a ordem porque ainda em matéria de ordem no nosso Brasil, ainda se vive muito bem sossegados. Existem muitos lugares que eles fazem aquelas guerras, aquelas coisaradas né. Nós vivemos num país muito sossegado que é o Brasil né, em vista de outras cidades maiores, outros países maiores o nosso. Está em primeiro lugar de descanso né, porque tem lugar ai pra fora, ai que a gente sai a não ser essas grandes cidades ai, como São Paulo né. E mais o nosso progresso tá ruim, si tivesse bastante progresso as nossas crianças não estariam passando fome, não estariam roubando né, teria emprego para as nossas crianças, teria mais escola, teria mais creches né, as mães solteiras iam tudo trabalhar porque teria creche à vontade né. Mas, hoje tudo é cobrado. Botá numa creche tem que pagar tando por mês, botá numa escola tem que pagar tanto por mês, olha o nosso progresso tá ruim.

T: E desenvolvimento? Que que é desenvolvimento para o senhor?
P: Ah! Desenvolvimento é o nosso desenvolvimento né, podemos falar do nosso desenvolvimento econômico né e nosso desenvolvimento e na área de certos setores ele tá bom, como no ensino, no ensino ele deu uma grande melhorada né, hoje já se tem se pode. Se é filho de pobre já pode fazer uma faculdade, porque

agora já tem a bolsa de estudo, fica sem estudar hoje quem, né... Então, isso ai tá sendo uma benção né, e muitas outras coisas que estão criando espaços né. Isso ai tá dando bastante espaço e as crianças também ai agora né, tem esse aqui esse desenvolvimento aqui em Criciúma, para nós é uma maravilha tem esse rotativo ai que a gente há um ano atrás ai esse tempo atrás, lutou para que saísse esse rotativo porque os meus filhos todos eles passaram pelo rotativo.

T: O que é rotativo?
P: Rotativo é essa, aquele projeto daqueles guri. Ali no girasol que arruma o jardim, esses guri que andam na rua cobrando né, as multas. Então quer dizer esse é um desenvolvimento muito bom, muito bom, agora eu diria uma coisa que o maior desenvolvimento está nos bairros, porque nos bairros tem pessoas inteligentes, crianças inteligentes né, o pessoal olha muito a classe social, olha muito a parte que o maior desenvolvimento está na classe do pobre né, porque o pobre todo que ele faz ele faz com fé, porque ele sabe que ele não vai conseguir adquirir de novo né, então é verdade.

T: Agora a última pergunta par o senhor; sinceramente, o que é felicidade?
P: Felicidade para mim primeiramente é a saúde, que Jesus lhe deu e a maior felicidade pra mim é ser crente, é servir a Jesus né, é uma família unida a gente entra nesse lar não tem cigarro, não tem bebida alcoólica, tem uma bíblia aberta o que tem a gente como em nome de Jesus, está enfermo a gente ora um pelo outro, é a maior felicidade da minha vida é ter Jesus e viver em paz com o mundo em paz com o povo em paz com minha família e ter os meus filhos livres desse mundo de droga de carnaval de corrupção, essa é a minha maior felicidade eu encontrei depois que eu aceitei Jesus como salvador, que eu deixei de viver aquela vida torta que eu vivia eu encontrei uma grande felicidade porque quando estou aflito eu vou na minha bíblia e Deus dá o consolo.

T: Seu Patrício, eu deixei de lhe perguntar alguma coisa qeu senhor queria que eu perguntasse?
P: Não.

T: O senhor deixou de falar alguma coisa que queria falar?
P: Não.

T: Então o senhor concorda em desenhar a casa e o bairro?
P: Concordo.

T: Então a gente encerra a entrevista com seus dados pessoais, e seu nome completo?
P: Arinelson dos Passos dos Santos.

T: Sua idade?
P: 42 anos.

T: Seu grau de escolaridade?
P: 2º primário.

T: Profissão.
P: Mineiro né.

T: Aposentado?
E: Não.

T: Ainda trabalha?
P: Não, simplesmente agora eu não trabalho porque tenho enfermidade né.

T: Ah! Sim. Muito obrigada então. Hoje dia 7 de fevereiro de 2001, no bairro Renascer, a gente fez a última entrevista da pesquisa com o senhor Patrício.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – UFPR

Entrevista

História de Vida IV – Olga

Curitiba, 2002

Curitiba

Entrevista
Fita/K **Data: 12/01/2001**

Laboratório: Doutorado

Ficha Técnica:
Entrevistado: Olga
Entrevistador: Teresinha Maria Gonçalves

Local de Gravação:
Bairro: Renascer – casa da entrevistada
Cidade: Criciúma

Equipamento:
01 Microcassette Recorder
Marca: Panasonic FP (Fast PlayBack) 2- SPEED
1ª FK MC- 60'

Transcrição e digitação:
Patrícia Elaine Medeiros

Revisão:
Teresinha Maria Gonçalves

HISTÓRIA DE VIDA IV – OLGA

Nome: Olga

Local de Nascimento: São Joaquim-SC

Idade: 77 anos

Estado Civil: Viúva

Profissão: do lar, ex-agricultora

Tempo que mora no bairro: 20 anos

Outros lugares onde morou fora de Criciúma: Guatá e São Joaquim

Proveniente: do meio rural

ENTREVISTA

T: Dona Olga, eu gostaria que a senhora falasse tudo que quiser sobre a sua vida, desde quando a senhora nasceu, onde que morou antes de vir para cá, o que fez na vida, como que é viver aqui no bairro. A entrevista é sobre a vida das pessoas no bairro. O que fazem, o que pensam o que sentem, tudo que a senhora falar me interessa e é muito importante, temos bastante tempo temos todo o tempo que a senhora desejar.

O: É sobre o bairro aqui, aqui agora ta bom, já foi ruim, porque no começo deu muito assim, não tinha água, nóis não tinha Luiz, eu caminhava uma meia hora pra trazer um barde d'água, depois os meus filho, fizero uma caixa né, daí o caminhão pipa trazia a água pra nóis, toda a semana ele trazia né, intão já foi miorando, mas eu morei o que, uns dois, três anos sem luz, sem água, pegando a água do caminhão e eu quando carregava de lá né.

T: De lá de onde?
O: É uma distância, uma meia hora.

T: Era uma fonte?
O: Uma fonte é lá em baixo, então eu lavava lá e trazia a água pá gasta em casa né, daí os meus filhos si interessaro em faze um poço que tenho até hoje ali di prova. Ali uma caxa bem grande, ai o caminhão pipa enchia d'água pra mim, então, aquele, essa caxa dava, pra em casa tudo, di já foi miorando né, aí intão tinha estrada de ferro aqui, às vezes quando eu não quiria ir busca lá na fonte eu pegava água do trem, tem o trem aqui, que a mina que é aqui pertinho né, então eu pegava às vezes do trem.

T: Como é pegar do trem? O trem trazia um vagão cheio d'água.
O: É, tinha uns latão, ele tinha uns latão de água boa né, água boa mesmo, então eles davo, porque eles sabia que nóis sofria muito por causa da água né, então dava sempre às vezes um.

T: O trem parava ali e vocês iam buscar a água?
O: O trem carregava aqui, a mina era aqui, ele às vezes vinha carrega, parava quase, vinha di manhã até carrega tudo os vagão. Ele parava bastante, duas, três horas aqui, carregando sabe na mina. Com o tempo que eu vim morar aqui não tinha casa nenhuma, nóis era só em três vizinho era só eu aqui e outros lá embaixo, bom uma meia hora de viagem, intão sofri muito aqui mais agora ta bom, agora ta.

T: Conta mais como era quando a senhora veio mora aqui? Era mato? O mato era muito? E tinha córrego limpo? Como era?
O: Tinha mato, calipo, grama, era tudo mato pura que assim, eu e meu marido ganhemo muito dinheiro aqui nesse lugar né, bá! Cortando lenha e uns caminhão pegava né, nóis vendia.

T: Lenha de eucalipto?
O: Lenha de calipo, lenha de mato mesmo né, lenha de mato também era tudo mato. Calipo era só cum pé longe, era tudo mato, intão aqui eu sofri muito, sofri com a água, energia qui não tinha, mais foi um lugar muito bom di se ganhar dinheiro, aqui pur acaso qui daí a mina queria bota pirita, então eles davo os mato pra nóis tira a lenha para vende, então eu ganhei bastante, aqui era.

T: Vocês, tiravam a mata para depois o minerador abrir a mina?
O: Não, pra ele botá a pirita, que aqui assim era tudo pirita até lá pra São João.

T: Ela queria fazer um depósito de rejeito do carvão, ela desmatava e colocava pirita?
O: É botava pirita, é porque a Mina tem que descê pra baixo para tira o carvão lá embaixo é.

T: A mina era de poço?
O: É. A pirita então vinha, e eles tinham qui te um lugar pra bota né, fora né, intão nóis aqui ganhamo bastante dinheiro é nóis trabalhava na roça toda vida.

T: Tinha roça aqui?
O: Tinha, nóis prantava bastante, vendia de caminhãozada de mandioca pra faze farinha pru i ingenho né, eu trabaio muito i ainda trabaio, um pouco mais trabaio, agora um porco só, já faiz o que, 8 ano que eu sô viúva né, intão agora meus filho não quere mais qui eu trabaie só o quintarzinho mesmo i agora sobre o bar aqui ta muito bom, bar já temo, temo posto, temo creche, que mais que nóis temo aqui, é o coiégio também né, qui não tinha nada disso, tinha agora tem tudo então tá bom.

T: Há muito tempo que a senhora convive com o carvão e a pirita. Isto não a incomoda? Por exemplo, eu vi que a estrada está quase tomada de um lodo preto.. Esse lodo preto, essa coisa não a incomoda?
O: Incomoda porque se pega assim numa ropa branca ela não sai né, fica aquele amarelo e então incomoda muito esse lodo da pirita, mais fazê o que? A gente tem que vivê com ele.

T: A senhora estava dizendo agora que o bairro está bom...
O: É agora tá bom né, no começo foi muito ruim como eu lhe falei e depois assim no começo quando fizero essas casa, os que, os que mandaro fazê as casa, às vezes, quando vinho morá já tinho invadido. Então dali a polícia tirava, dava muito roubo, assim quando começou o bairro. Veio tanta gente assim que mexia nas coisas né, que eu tinha roça aqui pra baixo eles vinho roubaro aipim, roubaro galinha, mais isso foi no começo. Agora tá bom. Ladrão sempre tem né, todo lugar tem, só que fazê o que né. E no mais tá tudo bom. Agora né tem água, tem luiz, tenho, moro com umcasal de filho muito obediente pra mim, trabaio o dia todo.

T: A senhora mora a quantos há anos aqui?
O: 20, 21 ou 20 anos.

T: 21 anos?

O: 21 ano.

T: E hoje a senhora vive de quê?
O: Sô aposentada né, meus filhos também trabaio, então dá pra gente levá a vida né.

T: A casa da senhora e o terreno são próprios?
O: São, são, não pago aluguel nada né, então, tenho o quintalzinho que eu trabaio, pranto eu, meu lote são, são quatro lote né, são bem grande, então não tenho em mais nada que falá daqui.

T: Agora nós encerramos a entrevista aberta, uma entrevista livre, vamos começar uma outra entrevista. Eu faço perguntas e a sra. responde, está bem?
O: Ta.

T: Dona Olga, quanto tempo a senhora mora no bairro?
O: Faz 25 anos.

T: 25, a senhora disse que era 20.
O: A 20, eu disse que era 20?

T: É 25?
O: É 25.

T: Esse bairro aqui, ele tem um nome, Renascer. Quando escuta esse Renascer, o que que lhe vem na cabeça, no seu coração? O que que a senhora sente?
O: O Renascer até qui é um nome bom né, um nome bonito né, que primeiro era Mina Quatro né, agora mudô, sempre um nome mais...

T: O que que mudou de Mina Quatro? Porque que Mina Quatro era um? Que sentimentos lhe despertava? Mina Quatro, que sentimento lhe desperta o nome Renascer?
O: Ah! O sentimento é o mesmo né, não tem sentimento por isso, só porque mudô o nome né.

T: A senhora acha mais bonito qual?
O: Renascer né.

T: Por quê?
O: Porque é um nome mais assim, mais novo né, agora Mina Quatro. Mina Quatro já foi, era o nome da mina quando era a mina né, mais hoje em dia não tem mais mina aqui, então mudô, acho que melhorô por causa do nome por causa disso ai.

T: Como era antes o bairro e como é hoje?
O: Hoje ta muito bom em vista do que era.

T: E como era?

O: Ah! Era tudo mata assim, tinha lenha nós prantava, nóis cortava lenha, ganhava muito dinhero com essa cortação de lenha aqui. Foi um lugar qui pra mim foi bom aqui, eu nóis ganhava muito dinhero aqui eu nóis não era aposentada nem eu nem meu marido né, então nóis tinha que trabalhá pra sobrevivê. Nóis tinha o ganho perto de casa né, que era cort lenha e vendê pros caminhão da mineração.

T: Dona Olga a senhora pode me dizer quais são os lugares especiais para a senhora aqui no bairro?
O: O lugar aqui pra mim tudo é bom, meu é o melhor de tudo porque já moro aqui muitos anos né, então pra mim não tem outro lugar esse é o meu.

T: Sua casa seu terreno?
O: É minha casa meu terreno.

T: Fora disso tem outro lugar pelo qual a senhora tem afeto?
O: Não.

T: Não tem? Quando a senhora sai? Vai à cidade de vez em quando?
O: Custo muito eu não sô mulhé de sai de casa assim né.

T: Mas, quando a senhora sai e quando a senhora está voltando em qual altura da estrada que se sente assim com vontade de dizer: puxa estou chegando em casa?
O: Ah! Eu sempre digo assim que eu já to vindo mais perto de casa, já to chegando na minha parada do ônibus, temo em casa já.

T: Quando está avistando a casa?
O: Quando eu to avistando a minha casa né, ai eu sei que eu tô chegando.

T: Quais os caminhos que a senhora gosta de percorrer aqui no bairro que a senhora percorre?
O: Oia, eu não sô dia sai di casa mais aonde eu vo é sempre o mercado né. Mercado, no posto também né, o posto de saúde, aonde eu vo mais, sô uma mulhé duente, intão di veiz em quando eu to na médica ali, intão é aonde eu vo mais.

T: A senhora conhece Criciúma?
O: Muito poco.

T: Do pouco que conhece o que mais gosta de Criciúma?
O: Do jardim.

T: De qual jardim?
O: Da Praça do Congresso e o da Igreja também.

T: Por que que gosta do jardim da Praça do Congresso?
O: Porque sei lá, lá tem bastante criança brincando a gente oiando as crianças brincá então... Mas vô poucas vezes também não que eu diga vô lá.

T: E os caminhos quando a senhora vai a Criciúma, quais são os caminhos que a senhora faz lá?
O: Os caminhos que eu faço, é mais pra ir na farmácia, às vezes no mercado lá né se eu não quero compra aqui, no nosso bairro vô lá no mercado, na farmácia quando tem que comprá remédio.

T: Se a senhora não morasse aqui no bairro Renascer em qual bairro de Criciúma a senhora gostaria de morar?
O: Oia, e só depois que eu vim morá em Criciúma eu só morei em dois lugar, foi na Minera e aqui. E é só dois lugar e eu prefiro memo é o meu né.

T: Prefere morar aqui?
O: É se eu sai daqui parece que eu não midou em lugar nenhum.

T: Como são seus contatos com os vizinhos?
O: Muito bom, muito bom, mi do bem com meus vizinhos, meus vizinhos são muito bom.

T: A senhora tem alguma história para contar de algum vizinho?
O: Não, não tenho.

T: Onde a senhora nasceu?
O: Eu nasci em São Joaquim.

T: Serrana, Serrana?
O: Minha terra natal.

T: Como era esse lugar lá em São Joaquim? A senhora lembra?
O: Me lembro, minha família é tudo lá né, é um lugar bom, um lugar bom, um lugar de frio, um lugar de maçã, lugar de pinhão, um lugar bom São Joaquim.

T: Que lembranças lhe trazem, o lugar onde nasceu, que se criou. Que lembranças a senhora tem de lá?
O: Mi lembro muito né, porque minha família mora tudo lá então tenho saudade né.

T: Saudades do que? Conta alguma coisa.
O: Saudade do lugar, da minha família dos meus parentes. Saudades do frio. Me lembro daqueles pomar de maçã. As macieira cheinha de flor. Aquele perfume naquele campo lindo...daqui sinto o cheiro do enxofre e da banana frita.

T: Até do frio?
O: Até do frio, porque o frio aqui dói mais que lá na serra. Do fogão de lenha, o cheiro do pão assando no forno do fogão de lenha. Quando a gente passava manteiga naquelas fatia de pão ela derretia. Lá, tem doce de jila, de maçã, marmelada. Aqui é quente, a gente fica tudo suada, pegajosa...
O: Escuta querida agora você ta me priguntando tudo isso,dipois outro dia tu vorta pa mi...

T: Pra ler com a senhora.
O: Eu sô muito isquicida minha filha, tu grava bem na tua cabeça porque eu sô muito isquicida.

T: Está gravando tudo aqui, depois eu posso rever com a senhora.

T: Está bem, ninguém vai saber qui foi a Dona Olga que falou, tá? Seu nome será substituído por outro para ninguém saber .Concorda que seja assim?
O: Sim.

T: Vamos continuar?
O: Continuá.

T: Essas coisas que eu estou lhe perguntando são muito importantes pra mim. Quero conhecer as pessoas que moram aqui. Somos professores da universidade é a nossa função é formar gente para trabalhar em muitos lugares, inclusive aqui na cidade de Criciúma. O conhecimento a gente não aprende só nos livros; aprende também assim, conversando com as pessoas.
O: Com as pessoas sabendo o que elas passo né o que elas sofrero né.

T: Isso. Como era sua família lá na serra, quando a senhora era criança? Como viviam?
O: Óia, eu a minha famia, nois era em oito filho, mas meu pai era um homem bem de vida, tinha, fazia queijo, tinha tropa de mula que naquele tempo não tinha ônibus, sabi intão, meu pai carniava vaca assim, gado, trazia o charque pra vende aqui embaixo, daqui ele comprava laranja, comprava melado, essas coisas meu pai foi um homem bem de vida, eu não me criei muito na pobreza.

T: Mas a gente tem lembranças... A senhora lembra de quê? Brincava com quem? Brincava? Essas lembranças de crianças lembra alguma?
O: Óia, tenho poca lembrança, mais me lembro como que tô lhe falando que meu pai vinha pra baixo assim era tão bom quando ele chegava. Nois avançava nas laranja, banana que nóis nem conhecia um pé de bananeira né, então nóis levava aquilo, nóis gostava que nossa. Meu pai tinha um banquinho que ele sentava na beira do fogo. Eu ainda tenho esse banquinho na minha casa. Ele tem quarenta ano.

T: Para esclarecer: a serra que dona Olga fala é a Serra do Rio do Rastro, aqui em Santa Catarina, parte da Serra Geral. Tem 1.446 metros de altitude. O planalto serrano de Lages e São Joaquim ficam acima da serra. Em baixo, está já o litoral, há 120 km. Nessa região alta e muito fria cai neve, não dá banana, nem laranja. É de tudo isso que dona Olga está falando. Ela está se referindo ao tempo que a estrada da serra não era asfaltada. Tinha um caminho que só as tropas de mulas percorriam com suas "broacas" (bolsas feitas de couro de boi, colocada sobre o lombo dos animais). Os serranos usavam para transportar seus produtos e levar os produtos do litoral para cima da serra. Enchiam-nas com maçã, queijo e outros produtos serranos e desciam ao litoral. Vendiam e levavam as coisas, os artigos, os produtos alimentícios e os manufaturados que não tinham lá na serra. É essa a história que dona Olga está contando. Ela não é "barriga verde" ela é serrana.

O: Há, há, há, a barriga é bem madura bem da serra.(dona Olga sorrri, acha muita graça dessa história dos barriga verde)

T: Barrigas verdes são chamados os moradores do litoral. O Regimento Barriga Verde na região de Laguna na guerra Farroupilha usavam uma tarja verde que ia do ombro até o quadril, passando pela barriga, por isso, o codinome barriga verde para os habitantes do litoral sul de Santa Catarina. No extremo sul de Santa catarina quem não é barriga verde, é serrano.

T: Dona Olga, lá na serra as crianças tinham bastante leite para tomar?
O: Ah! Óia, muito difícil.

T: A mãe amamentava?
O: A mãe sempre tinha bastante leite né.

T: E a sua mãe amamentou todos vocês?
O: Tudo nóis se criemo no peito.

T: E a senhora mamou muito tempo?
O: Ó, parece que foi um ano. Porque nóis, irmão a diferença era um ano, seis meses, assim né, então mamei um ano e poco.

T: A senhora gostou da sua infância?
O: Eu gostei, gostei sim.

T: E lembranças da sua mãe assim à senhora tem, ela é viva ainda, não?
O: Não, não tenho nem mãe nem pai. Mas eu mi lembro minha falecida mãe era muito enérgica, muito brava intão...

T: Como a senhora veio morar aqui nesse bairro? Quem disse que existia esse bairro e lhe informou?
O: É porque meu marido era daqui né, daí ele foi passiá aí a mãe dele também era de São Joaquim, então foi aonde nóis se conhecemo e se casemo aqui.

T: Existiram outras cidades e outros lugares que a senhora conheceu ou morou?
O: Só em São Joaquim né, foi em dois lugar qui eu morei aqui em São Joaquim i quando eu mi casei lá, aonde que eu mi casei morei no Guatá, porque meu marido e daí.

T: Morou no Guatá?
O: Morei no Guatá um, uns 3 anos dispois viero embora pra cá, e tô aqui até hoje né.

T: Quando a senhora era criança sonhava com o que? Que sonhos a senhora tinha?
O: Ah! Eu sonhava de me casá, ter filho, ter uma casa ter uma família né, a gente lembrava isso né, como tenho.

T: Realizou seu sonho?

O: É graças a Deus minha família são muito, uma famíla muito, uma família muito, tudo trabalhando,tudo honesto, não tem nem um maconheiro, nem um viciado nada só trabaio.

T: A senhora concorda em desenhar o seu bairro e sua casa?
O: Óia, meio mal né, porque eu não sô artista.

T: Dona Ondina, a senhora tem televisão?
O: Tenho.

T: Pois é, na televisão às vezes, a gente ouve muito as pessoas falarem na natureza. O que é natureza para senhora?
O: A natureza pra mim é aquele que o homem não desmatô, ainda é a natureza pra fora do mato, assim como a gente vê na televisão, aquele matão tudo pra lá, aquilo lá e a natureza que Deus deixo né.

T: Tem natureza por aqui?
O: Aqui a natureza qui Deus deixô. Já o homem tirô tudo né, nem mato quase.

T: Quando a senhora chegou aqui tinha bastante natureza?
O: Quando eu cheguei aqui ainda tinha bastante mais agora...

T: Era bonita?
O: Era, era bonita sim.

T: Tinha rio com peixe alguma coisa?
O: Tinha, hoje tá tudo, nem água pra se tomá não tem né, que nóis fizemo um poço aqui mesmo, dispois tivemo qui.

T: A senhora já ouviu falar nessa palavra, espaço?
O: Espaço? Espaço que eu entendo, o que é ter espaço né, uma casa espaçosa, grande não sei, se é isso é espaço.

aT: É o que é cidade para a senhora? O que vem à sua cabeça quando eu fa lo essa palavra cidade.
O: Cidade é aonde tem a prefeitura né, que é a prefeitura da cidade né, eu acho que é isso né, aonde tem prefeitura.

T: É a cidade?
O: É a cidade, porque um lugarzinho piqueno, não tem prefeitura, não tem.

T: Aqui o Renascer é cidade?
O: Óia, por enquanto ainda não é porque não tem cidade e só uma operária como dizem né, mas...

T: Que cenas, que imagens lhe trazem a prefeitura?

O: É na minha cabeça vem a cena da prefeitura, assim o como é que eu posso lhe falá. Agora esqueci. Aonde tem esses prédio, essas coisa né, e aqui não tem, então aqui não é cidade.

T: Agora eu vou fazer uma pergunta, a última. Felicidade, com a Dona Olga essa serrana de São Joaquim pensa sobre felicidade?
O: Felicidade pra mim, a minha felicidade maió é a saúde, ter disposição pra gente eu acho que é a felicidade pra gente.

T: Dona Ondina a senhora gostaria que eu tivesse perguntado alguma coisa pra sinhora que eu não perguntei?
O: Não, acho que ta ao meu arcance o que eu passei, acho que você perguntô tudo.

T: E a senhora gostaria de falar mais alguma coisa que não falou?
O: Não, eu acho que eu já falei tudo que era.

T: Então vai, desenha?
O: Vô, vô desenhá, não sei como é que vai ficá o desenho, mais vou arriscá né.

T: Dona Olga a senhora sabe ler e escrever?
O: Não, não sei, querida.

T: Então, eu vou escrever para senhora lá no seu desenho o nome das coisas que desenhar tá?

T: Dona Olga, agradeço sua colaboração, vou passar tudo isso para o papel e depois eu venho para ler com a senhora como ficou. Vou trazer também a maquininha de fotografia para a senhora tirar umas fotos daqui do bairro, da sua casa, do que que a senhora quiser. Mas, é a senhora que tem que tirar tá?
O: Tá. Muito obrigado. Eu queria agradecer, gostei muito da sua visita e tivemo uma boa conversa.

T: Obrigada. Eu é que lhe agradeço pela atenção e colaboração.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – UFPR

Entrevista

História de Vida V – ANTÔNIO

Curitiba, 2002

Curitiba **Entrevista**
1ª Fita/K **Data: 11/01/2001**

Laboratório: Doutorado

Ficha Técnica:
Entrevistado: Antônio
Entrevistador: Teresinha Maria Gonçalves

Local de Gravação:
Bairro: Renascer – residência do morador
Cidade: Criciúma
Data: 11/01/01

Equipamento:
01 Microcassette Recorder
Marca: Panasonic FP (Fast PlayBack) 2- SPEED
1ª FK MC- 60'

Transcrição e digitação:
Patrícia Elaine Medeiros

Revisão:
Teresinha Maria Gonçalves

HISTÓRIA DE VIDA V – ANTÔNIO

Nome: Antônio

Local de Nascimento: Tubarão-SC

Idade: 50 anos

Estado Civil: Casado

Profissão: "Negociador de gado" e vigia noturno

Tempo que mora no bairro: 18 anos

Outros lugares onde morou fora de Criciúma: Tubarão e Urussanga – Santa Catarina.

Família: 13 irmãos

ENTREVISTA

T: Bem, hoje, dia 11 de janeiro de 2001, estamos aqui no Bairro Renascer na casa do seu Antonio, um dos mais antigos moradores aqui do bairro, que vai dar uma entrevista para a pesquisa. Seu Toni, eu gostaria que o senhor falasse tudo o que o senhor quiser sobre sua vida, desde quando o senhor nasceu, onde morou antes de vir pra cá, o que fez na vida. Como é viver aqui no bairro. A entrevista é sobre a vida das pessoas no bairro. O que fazem, o que pensam, o que sentem. A entrevista é sigilosa, seu nome não será divulgado. Depois de tudo terminado eu passo para o papel e volto aqui para a gente ler juntos. Tudo o que o senhor falar me interessa e muito. E é muito importante. Temos todo o tempo. Tome todo o tempo que o senhor quiser.
A: Eu, faiz 18 anos que eu moro aqui na vila. Gosto de morá. Morei 16 ano em Urussanga. Nasci emTubarão. E continuo aqui e gosto daqui. Moro aqui. Pra mim não tem lugar melhor. E vô continuá aqui porque, tô localizado aqui, a casa é minha e vô ficando por aqui. Não tenho nada a reclamar, do bairro. Prefeito ai pra mim esse tempo tudo ai foi bom, porque, aqui era um lixão aqui na Mina Quatro. Era só mato quando eu vim pra cá. Hoje já está quase igual a cidade de Criciúma que tem posto de saúde, tem a creche, tem esse ônibus que leva as crianças lá pra Scan. Pra mim tá bom. Sempre tem arguém algum pessoal que reclama, aí eu não sei como é que eles reclamam porque eu pra mim aqui eu vivo bem aqui nesse lugar.
A Scan é o ônibus que pega as crianças aqui e leva lá pro Pinheiro. Leva o ônibus lá pro Pinheiro. Pra Scan lá, né. É, uma escola. Todo dia eles vem buscá de ônibus. Então leva o ônibus e leva as crianças pra lá. Um bairro que já é novo, tá bom né. Não tinha nada, hoje tem bastante coisa. O ônibus aqui, direto, direto. Eu não tenho nada a reclamar daqui.

T: Mas não é só para reclamar... Pode contar outras coisas. Pode contar coisas antes de vir para cá, como era morar antes fora daqui. Essas coisas.
A: É. Eu morei lá em Urussanga 16 anos. Mutio bom de morar lá também, bom, porque a gente trabalha né. Eu trabalhava direto lá, era, trabalhava na Cerâmica, trabalhava na Cerâmica de Cocal, sempre trabalhei. Trabalhei muitos anos na mina também. Tô quase me aposentando, agora que tá dando certo, tô muito feliz. E é assim, a pessoa que é honesta, qualquer lugar é bom. Agora se não é... Aí em qualquer lugar é ruim pra eles. Porque eu estou aqui, me dou com os vizinhos tudo, não tenho nada a reclamar de ninguém aqui, e, deu uma confusãozinha outro dia com uma cunhada minha que mora dentro de um lote meu, mais, alguma coisinha, tô deixando passá, porque, a gente não vai tá discutindo com mulher. Isso aí vai levando. Moro aqui com meu filho. Moro junto com uma mulhé muito bacana também, criei um filho meu desde novinho aí, me viro. E assim a gente vai levando. Aqui não tinha energia, conseguimos energia aqui nesse loteamento, água, tudo, foi tudo eu e o meu ex-sogro aqui, que conseguimos esse loteamento, faiz muitos anos né, então a gente vai se virando. Então foi a Dizalda que deu, a vereadora, a energia pra nóis ai. Hoje tem muito vizinho que mora aqui, novo não sabe as vezes das coisas, ai reclama de alguma coizinha, isso aqui, nóis passemo coisa ruim aqui, que isso aqui era tudo matão, botaram o lixão pra tampá as pirita da mina e coisa, e hoje

isso aí tá uma cidade. Então eu acho que tá bom. Se arguma pessoa tem alguma coisa, tão reclamando de uma cavalada que tem ai. até eu também uso com criação, mais eu tenho minhas criação tudo ali num terreno que eu tenho, tudo amarrado, aí na vila tá meio canalizado cavalada dos meu vizinho ai. mais. Tendo uns amarrado que se vire né. Que a prefeitura parece que vai tirá essa cavalada deles daí.

T: Catadores de papel?
A: É. É que eles sorto. É porque um tem um cavalinho, o outro tem outro, eles pudio amarrá, achá um cantinho. Todo mundo que amarra. Tem muitas estrebaria ai dentro da vila que não dá. Porque é uma coisa incrível o cheiro do cavalo. Mais eles tem que se virá por fora, amarrá nesse lote na beira de coisa e se virá né. Tocando a vida assim né. Também mutio bom não tá, porque, eles tem que catá o papel deles, porque se não vão fazê o que nessa crise de serviço que tá aí. E tem gente aí que eu tinha as veiz algum servicinho aqui, pra ele trabalha comigo ganhando até 8 pila por dia, e não tem nada. É ruim. Pra muito tá bom demais e pra outros as vezes tá ruim né. Porque não tem um creditozinho prá comprá um fiadinho, não tem nada pra vendê, então.

T: Para quem está bom?
A: Hã?

T: Para quem está bom?
A: Há, tem muita gente que tá bom Dona Teresinha.

T: É?
A: Tem. Tem muita gente aí que não tem nem onde gastá o dinheiro. Eu conheço muito amigo meu aí. Aqui não. Aqui tá ruim, a maioria tudo assalariado, ainda depende de ônibus para ir trabalhar, é toda vida aquela. Eu acho que...o negócio podia melhorar um pouco, mais agora melhorar como? Nóis não podemo melhorá. Se eles dessem a passagem pro pessoal trabalhá de graça, mais como é que vai dá, pois agora aumento de novo. Divia de deixá a passagem como tava, que né, também 0,10 centavos, mais o pessoal já se revolta né, porque 10 da quanto já num méis. É assim, né. Fazê o que? Agora vamo vê com essa troca de prefeito ai né. Porque esse primeiro prefeito eu não posso falar dele. Eu não falo.

T: Meller?
A: É. Porque ele ajudou muito aí. Ele ajudou teve lá naquela outra invasão, lá da Ana Maria, deu aquele loteamento lá pra aquele pessoal, deu água e luiz sem pagá, agora que fizeram pontalete. Agora que começaram pagar, dois anos sem pagar água e luiz. Eu não posso falar, agora se tem outras pessoas que falam, não sei, eu pra mim, pra mim não saiu nada, mais feiz pra muita gente que precisava, que andava aí pelas ruas e não tinha onde morar. Pagando aluguel. Cada um fez uma casinha pequeninha, velhinha, mais já tão melhorando, porque tem um lotezinho, então, eu acho que, eu não posso falá, porque se eu falo tô mentindo. Pra mim não feiz nada, mais feiz pros outros. E olha que ali naquele loteamento lá de cima saiu arguma casa. E dois ano, sem pagá água e luiz. Agora todo mundo tá pagando. Mais ficaram dois anos, sem pagá. E aqui também mora nessas casa aqui um pessoal que pegaro essas casa branca aí, nunca ninguém pagô nada também.

Tamo pagando IPTU, mais a casa nunca ninguém pagô. Nem prestação não. Ninguém. Um vende pro outro e é tão fazendo assim o IPTU, é até vieram aí fizeram um acordo pra pagá um pouquinho, mais, ninguém paga.

T: Seu Toni, agora vou fazer outro tipo de entrevista com o senhor. Eu falo, coloco algumas situações e o senhor responde. Está bom assim?
A: Tá.

T: Seu Antonio, há quanto tempo o senhor mora aqui no bairro?
A: Há 18 ano.

T: Esse bairro né, que foi Mina Quatro e hoje é Renascer. Quando o senhor ouve esses nomes o que vem na sua cabeça?
A: Pra mim não preferia trocar, podia ficar só Mina Quatro, porque o lugar é bom.

T: No bairro tem algum lugar que o senhor acha muito especial? Eu sei que o senhor caminha por todo de bicicleta, mas tem algum lugar assim, algum caminho que goste, goste de fazer que acha especial?
A: Pra mim todo lugar dentro da Mina Quatro é bom. O lugar que pra mim que é um pouquinho mais especial é ali na da creche, posto de saúde que eu vou buscar o meu menino é o lugar que eu mais me sirvo.

T: O senhor já falou bastante sobre o seu bairro, mas gostaria que me dissesse como ele era e como ele é hoje.
A: Antes ele era mato, era mina velha hoje, hoje tá todo cheio de casa, fizeram as casa, então, melhorou muito né, cem por cento que era aqui era o lixão antes. Aí tamparo, tamparo com terra um pouco com brita e construíram as casas em cima.

T: É. Como o senhor gostaria que o bairro fosse hoje?
A: Eu acho como está, tá bom. Só muita gente desempregada, muita gente desempregada e muita criança aí que eu acho que até fome passa, que vejo aí por aí e o resto, pra quem trabalha tá bom, agora pra quem não tá, tá difícil.
T: Qual é o lugar assim quando o senhor sai de Criciúma, aliás, quando o senhor sai aqui do bairro Renascer, e vai aqui para Criciúma por exemplo, ou para outro lugar e o senhor está voltando, quando o senhor está chegando, o senhor diz agora estou chegando em casa, onde é esse lugar?
A: Há, é chegá na minha casa né. O lugar que eu mais gosto é na minha casa.

T: É, se tivesse algum bairro, vamos numa hipótese que o senhor não morasse nesse bairro, qual o bairro que o senhor gostaria de morar?
A: Bairro Próspera.

T: Porquê?
A: Porque eu gosto dali também é um lugar bem sossegado.

T: Quais os lugares de Criciúma que o senhor gosta de ir, acha bonito, que o senhor conhece?

A: Há, em Criciúma todo lugar é bonito e quando eu tenho algum tempinho pra mim descansar lá, eu vou lá naquela Praça do Congresso naquele jardim lá. Sento lá.

T: E fica olhando o que?
A: Fico olhando as crianças brincando, que tem muitas crianças que brincam ali naquelas cadeirinhas, fazendo isso aí.

T: Como é a sua vida, seu contato com os vizinhos aqui?
A: É tudo, não tem coisa melhó. Moro aqui há dezoito anos, me dou com todo mundo, semo igual a irmão, nunca teve discussão, nunca teve briga com ninguém.

T: Onde o senhor nasceu?
A: Em Tubarão.

T: Como era esse lugar? Tubarão.
A: Lugar bom.

T: Que lembranças o senhor tem de lá desse tempo que o senhor viveu, o senhor contou que viveu até os 16 anos é, passou a adolescência. Que lembranças lhe trazem esse lugar?
A: Há, lembrança que eu tenho é que eu passava até fome lá, trabalhava na roça né, é isso aí, tempo de criança, estudava um pouquinho porque eu tinha que trabalhar, a lembrança que a gente tem é isso aí.

T: Brincava do que? Quando podia brincar?
A: Há, era veis com os primos. Brincadeira era pôca porque a gente não tinha tempo porque a mãe levava nóis pra roça, a mãe trabalhava na roça e levava nóis pra roça.

T: Sua mãe, ela ainda é viva né? Que sentimentos o senhor tem dela. Lembranças que o senhor tem dela, da vida com ela.
A: Há, muita. A coisa que eu mais me lembro é da minha mãe. Porque eu não posso estar do lado a toda hora, porque eu tô morando aqui longe.Mais eu estou sempre junto com ela quando eu posso. Gosto muito da minha mãe e dos meus irmãos.

T: Eram muitos irmãos?
A: Treze.

T: Como é que viviam aí? Como é, tinham vaca de leite lá, que dava leite para toda essa criançada?
A: Não, era leite de cabra. Leite de beca. Nóis se criemo com leite de beca lá. Vaca tinha mais não tirava leite, era só de cabra.

T: Mas a mãe também amamentava algum filho?
A: Todos eles. Todos eles.

T: Bastante tempo?

A: Há, bastante tempo.

T: Por exemplo, quanto tempo?
A: Há, eu fui até seis anos. Eu fui o mais "atentado" da família.

T: Tem alguma história assim da sua infância que o senhor queira contar?
A: Não! História eu não tenho pra contá.

T: Como é que o senhor veio morar nesse bairro?
A: Eu vim morar nesse bairro porque o meu irmão casou com uma guria daqui, aí conheci uma cunhada dele, comessemo a namorar e se casemo e tô inté hoie aqui, faiz 18 ano. Tenho duas filha com essa mulhé e, hoje semo separado mais, amigamente, não tem nada de errado no meio e assim a gente vai levando.

T: Quando o senhor era criança, o senhor sonhava? Sonhava com o que? Por exemplo quando o senhor morava em Tubarão.
A: Há, eu desde idade de 9 anos eu sempre tinha as vezes umas criaçãozinha, alguma coisa. Eu nunca tive sonho de ter muita coisa não. Porque a gente não adianta sonhá e não consegui. Então a gente tem que ir levando conforme pode. Eu nunca tive sonho de ter coisa não.

T: Senhor Antonio o senhor deve ter ouvido pela televisão, ou ouvido no jornal ou simplesmente ouvido de alguma pessoa, essa palavra natureza. O que é natureza para senhor?
A: A natureza é os mato, as coisa bonita. Árvore, mato, é a coisa que eu mais gosto. É a natureza, é as árvores, mato, as coisas.

T: Tem árvores no seu quintal?
A: Não! Não, porque eu tenho as criação e come tudo. E eu sou obrigado a ter as criação porque eu vivo disso. Aí ou a árvore ou a criação. Eu vivo disso. Mais meu sonho era Ter um sítio, gado, vaca de leite.

T: E cidade? O que é cidade? O que vem na sua cabeça quando a gente diz, cidade! E qual é o exemplo de cidade que o senhor tem?
A: Cidade, cidade isso é uma coisa bem caprichada, limpa, bonita né, um lugar pra, lugar bonito. Cada um cuidar do que é seu certo, dentro do seus lotes, dentro da cidade, que cada um é dono e proprietário e a prefeitura capricha bem que é o dever deles, e é cidade né. Coisa bonita, coisa rica.

T: Diga-me, por favor, o nome de uma cidade que o senhor gosta?
A: Criciúma, eu adoro. Tubarão, eu gosto. Urussanga, é um lugar que eu gosto. É as treis cidades que eu mais participo né. Mais perto também. As treis que eu mais gosto.

T: Espaço. O que é espaço para o senhor?
A: Espaço é ser livre para andar né. Vai onde qué, ninguém incomoda, eu acho que é isso aí.

T: E uma ultima perguntinha. Felicidade? O que é felicidade?
A: É saúde e ter um dinherinho do borço, tá trabalhando pra vivê bem, vivê bem com a família. E com os filhos.

T: Seu Antonio, o senhor gostaria que eu tivesse perguntado alguma coisa que eu não perguntei?
A: Não! Pra mim tá tudo beleza.

T: E o senhor gostarla de ter falado alguma coisa que não falou?
A: Não! Eu só falo o certo.

T: Tá! Então por hoje eu agradeço, voltarei para apresentar a entrevista no papel para o senhor, vou trazer uma máquina para o senhor tirar umas fotos, mas por hoje eu agradeço muito, sua disponibilidade. seu tempo para a entrevista, muito obrigada.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – UFPR

Entrevista

História de Vida VI – Roberto

Curitiba, 2002

Curitiba **Entrevista**
1ª Fita/K **Data: 05/01/2001**

Laboratório: Doutorado

Ficha Técnica:
Entrevistado: Roberto
Entrevistador: Teresinha Maria Gonçalves

Local de Gravação:
Bairro: Renascer – residência do morador
Cidade: Criciúma

Equipamento:
01 Microcassette Recorder
Marca: Panasonic FP (Fast PlayBack) 2- SPEED
1ª FK MC- 60'

Transcrição e digitação:
Patrícia Elaine Medeiros

Revisão:
Teresinha Maria Gonçalves

HISTÓRIA DE VIDA VI – ROBERTO

Nome: Roberto

Local de Nascimento: Criciúma-SC

Idade: 57 anos

Estado Civil: Casado

Profissão: Comerciante (dono de bar), ex-graniteiro, ex-mineiro

Tempo que mora no bairro: 16 anos

Proveniente: do meio urbano

ENTREVISTA

T: Estou na casa do seu Roberto aqui no bairro Renascer, fazendo a entrevista para a pesquisa. Seu Roberto eu gostaria que o Senhor falasse tudo o que o Senhor quiser sobre sua vida, desde quando nasceu, onde nasceu, onde morou antes de vir pra cá, o que fez na vida, como é que vivia no bairro. A entrevista é sobre a vida das pessoas do bairro, O que fazem, o que pensam, o que sentem. Tudo o que o senhor falar me interessa, interessa muito. Temos bastante tempo. Todo tempo que desejar. A entrevista é sigilosa.
R: Bom, eu nasci no dia 02/09/43. Tenho 57 anos. Trabalhei na companhia carbonífera, fui mineiro, trabalhei por conta própria, hoje tenho um barzinho aqui, mais já faiz dia 27 de maio, vai pra 16 anos que eu moro aqui na Mina Quatro. Hoje é o bairro Renascer, antigamente era conhecido por Mina Quatro, né, aqui a prioridade, a prioridade hoje, aqui, é a canalização do valão que existe, que ali o esgoto corre a céu aberto, é, precisamos de mais pavimentação, porque vieram pra cá quando eles começaram a pavimentar, pavimentaram a metade, as parte mais de prioridade, ficou que é a entrada do colégio que eles sempre dizem que aqui eles queriam fazê um cartão de visita. Tem asfalto na rua Aristide Amboni, tem lajota na frente do colégio e a principal entrada do colégio não tem pavimentação. Esses são os pontos mais críticos que a gente tem, né. Aqui, nós temos uma nós temos uma creche, temo um colégio, que hoje ta bem servido, temo um posto de saúde, um pouco aqui tà faltando medicamento mais com certeza talvez possa que venha melhorar, né. Essas são as prioridades daqui que são devido pessoal que aqui reside, um pouco carente, que é como a gente sabe é um barro de periferia sempre tem as pessoas carente né, então o que eu mais quero salientar aqui agora, quero registrar que venha, que venha dá uma melhoria no nosso bairro, que aqui é um bairro novo, mais se ele fosse um bairro que não existisse, aquela invasão seria os um dos melhores bairro de Criciúma, né, porque aqui, aqui nos temos esse loteamento que foi fundado em 84, de 84 a 85 que era na gestão de Zé Augusto que aqui era o loteamento de pirita né, porque era carbonífera. Então hoje tá um loteamento, ele ta bom, mais falta algumas prioridades que tem pra aperfeiçoar o nosso loteamento né. Mais aqui é um bairro bom, apesar da difamação, que tem porque sabe que os bairros carentes sempre têm aquela difamação. Não dos moradores antigos, mas, principalmente, dos moradores novos que estão chegando que tão cada vez continua aquela difamação. Esse pessoal de colarinho branco, do centro, eles chegam e dizem que esse loteamento era para não ter existido. Falaram que aqui na Mina Quatro, só tinha vagabundo, só tinha ladrão, não tem mais gente de capacidade, porque por exemplo, eu tiro por mim, eles podem levantar o meu currículo que eles conhecem o Roberto daqui de Criciúma. Tô com 57 anos, nunca tive passagem nenhuma pela polícia, sequer por autoridade porque eu sempre procuro me manter, preservar minha imagem que hoje é principalmente é a imagem da pessoa. Não dei o local onde mor. O principal, o principal é a pessoa, porque por exemplo, não é o bairro que vai fazê aquela pessoa. Então aqui, to contente, daqui não saio. Já tive oportunidade de trocar a minha casinha pra outro local mais aqui me sinto muito bem, não é daqui que eu vô sai por causa da difamação lá fora. Então, aqui hoje nós temo tudo, tempo água, luz, né só o

principal temo a coleta de lixo, o mais aqui que nós queria , que nós precisamo de um centro comunitário que aqui não tem. Aqui não tem o clube de mães, eu cedo minha salinha todas as quintas feiras, porque por exemplo, clube de mães já foi formado aqui na minha casa eu sedi a sala, catequese já foi formado aqui, porque antigamente não tinha e não tinha local. Então trouxe aqui pra minha casa, hoje eles dão a catequese aqui no colégio que ao por exemplo são todos os sábados e eu todos os sábados eu chegava, cedia, fechava o meu barzinho que é a única renda que eu tenho. não sô aposentado, a única renda que eu tenho é daquilo ali, mais eu me sacrificava, fechava, pra vê aquelas crianças fazê a primeira Eucaristia, pois é porque aquilo ali é o principal, porque por exemplo as crianças estavam ali, aquelas duas horas que elas ficava, pra mim não me fazia falta porque Deus quando tem que dá ele dá pra todos né. Não é aquelas duas horas que ia pegá. Dizia não, vai me atrasá o lado. Não não atrasa porque por exemplo, as crianças chegavam eram bem recebidas aqui, catequistas vinham davam a catequese pras crianças, depois pegaram feita a 1ª comunhão que aqui foi a 1ª que foi feita, foi surgido aqui da minha casa. Sempre que eu pude faze, eu faço né, nunca foi uma pessoa de chega e dizê, há eu não vô fazê, porque isso aqui eu não viso lucro, não eu nunca visei lucro, eu quero fazer o melhor, pro meu bairro, enquanto eu fizer pro meu bairro, eu to fazendo pra mim, to fazendo pros meus filhos, pros meus netos, então aonde que eu sempre quis. Aperfeiçoar bem o bairro, tira essa imagem que sempre teve, porque eu sempre digo pro pessoal, nóis se conscientizando, nóis tiramos essa imagem que existe aqui na Mina Quatro.

T: Na casa de seu Roberto tem, também, na frente, um bar. Teminamos a primeira entrevista, chamada entrevista aberta ou entrevista livre. Agora passaremos para um outro tipo de entrevista, chamada de semi-estruturada. Seu Roberto, agora eu faço asperguntas e o senhor responde. Seu Roberto, há quanto tempo o senhor mora aqui no bairro?
R: Vai agora dia 27 de maio para 16 anos.

T: Seu Roberto quando o senhor houve o nome do bairro o que, que vem a sua cabeça?
R: Aqui sempre vem, porque por exemplo, a gente fica um pouco descontraído porque por exemplo, lá fora é só crítica a respeito do bairro né, porque o bairro, a periferia toda vida foi discrimindada, então a onde a gente se sente, porque não é aquilo que eles faltam tudo lá fora. Porque aqui é um bairro bom de se mora, eu graças a Deus eu aqui me sinto muito bem, né, não é crítica deles lá fora que vai faze eu me desfaze daqui do bairro Renascer.

T: Seu Roberto, o bairro tem vários lugares. Quais são os lugares especiais para o senhor?
R: Bom, aqui eu saio praticamente quando, eu saio, vou em todos os locais ali, ou outros colegas que tem bar eu freqüento a praça de esporte que hoje nóis temos um campo de futebol, nos domingos vou participar ali com o pessoal ali, aquela hora de lazer do esporte que é o principal então, aqui não tem lugar ruim pra gente ir, a onde a gente vai todos os locais a gente se sente bem.

T: Quando o senhor para fazer alguma coisa na cidade, ou vai viajar, e quando o senhor esta voltando para casa, para o bairro em que ponto do caminho o senhor diz: estou chegando em casa?
R: Todos os locais que eu saio, quando retorno já to, desde o terminal de ônibus na hora que eu tomo o ônibus, eu já to. chegando em casa.

T: Por que. Por que isso?
R: É porque é o local que é aonde a gente reside, é o local que a gente gosta.

T: É. Como o bairro era antes e o que mudou?
R: Oh! Aqui era um bairro como eu já tinha dado na outra entrevista que aqui era um local todo piritoso, aqui era um depósito de lixo, nóis conseguimos a recolher esse levantamento do lixo aqui, porque nós quando viemo pra cá muitos falavam. Há porque lá na Mina Quatro tem lixão, mais ninguém veio enganado, todos os moradores que vieram pra cá, eles eram conscientes que tinham o depósito de lixo aqui. Então conseguimos a retirada do lixo né, graças a encontrar uma perna humana que foi encontrada no lixão, aí foi onde nós recolhemos, se reunimos nóis moradores daqui, vamo tira o lixo daqui de dentro que foi aonde nóis conseguimos que foi na época de 1983,1984 qeu foi retirado o lixão daqui de dentro, do bairro Renascer.

T: Quais são os caminhos do bairro? Um bairro sempre tem caminhos . Quais os caminhos do bairro que o senhor gosta de percorrer?
R: Oh! Aqui a gente sempre pega, essa avenida Aristide Amboni, como pega a outra aqui que é a José Patrício de Souza que são a saída do bairro para outros bairro, pra grande Próspera né, pro Centro que muitas vezes nós vamos aqui pela Aristide Amboni, se nóis, nóis pegamo, nóis tomamos o ônibus aqui na Luiz Rosso, vê vão pro Centro; então são as 2 principais saídas do bairro pra outra localidade.

T: Em Criciúma na cidade, o senhor também vai em Criciúma? Quais são os caminhos que o senhor gosta de percorrer lá na cidade?
R: Principalmente o centro. É o centro que mais, mais conhece né, tem ali locais que aonde a gente às vezes que passa uns minutos ali, quando a gente vai na praça do Congresso porque ali tem, tem aquelas, tem aquelas piscinas que tem ali, que tem os cágados tem várias coisas ali, que a gente vai e fica aqueles minutos ali na praça do Congresso né, é um local que é aonde o pessoal freqüenta.

T: Seu Roberto Se o senhor não morasse no bairro Renascer, qual bairro de Criciúma que o senhor gostaria de morar?
R: Se eu não morasse aqui na Mina Quatro o bairro que mais me simpatizou aqui em Criciúma foi bairro Ceará.

T: Por quê?
R: Porque, eu morei ali 2 anos e foi um bairro que eu me senti muito bem. Já morei em vários bairros, mais foi o único bairro que me satisfez foi aquele, foi o bairro Ceará.

T: Poderia detalhar mais porque gosta tanto de lá?

R: Porque ali eu também ajudei a construir o bairro Ceará né, porque eu morei ali, participei da associação de moradores, então nóis na época que eu morava ali, participei, ajudei a comunidade ali a fazer o centro comunitário, a fazer a pavimentação, rede de esgoto, lutei com eles pra sempre aperfeiçoar o bairro, por isso me deixou simpatizado pelo bairro, pela comunidade também que era uma comunidade, que era parceira pra luta né, para benfeituria do bairro. Por isso é que eu cheguei bem, bem contente daquele bairro de eu morar por ali por dois anos.

T: Como é o contato com os vizinhos aqui no bairro?
R: Aqui, me dou muito bem como todos os vizinhos não tenho intimidade com ninguém, todos pra mim são bons né, eu também não só de dá muito, as vezes em contato, de casa em casa, isso aí pra mim, eu não vou. Que dize, todos os meus vizinhos pra mim são bons, eu não tenho nada a fala com eles a respeito deles, eles me respeitam eu também respeito vizinho, porque o vizinho é o principal, um tem que respeita o outro pra se respeitado, então onde os vizinho pra mim são tudo excelentes.

T: Tem alguma história de vizinho que o senhor assim lembra, que queira conta por um motivo ou por outro? Engraçado, ou triste, ou alguma coisa, tem alguma história?
R: A respeito de vizinho aqui, história não tem. Porque por exemplo, nós sempre, sempre convivia tudo junto né, participava de reuniões mais sempre sobre isso aí não tem.

T: Agora eu vou pedir para o senhor me fazer um favor muito importante não sei se o senhor vai concordar. Eu vou colocar um papel aqui e gostaria que o senhor desenhasse o bairro e os locais do bairro que são especiais para o senhor e a sua casa por dentro e qual é o local da sua casa que é especial para o senhor. O senhor concorda?
R: Sim.

T: Seu Roberto terminou de desenhar o bairro que a gente pediu pra ele com os lugares especiais. Então aqui tem duas ruas uma é Aristides Amboni e a outra José Patrício de Souza, que eu gostaria que o sr. explicase porque porque essas ruas estão aqui no desenho, elas são importantes aqui no bairro?
R: É, principalmente essas duas são importantes porque essa Aristides Amboni, é rua da trajetória do ônibus né, que é o principal e essa foi José Patrício de Souza é uma rua que dá acesso aos mercados então são as ruas principais que tem né, então aonde a gente sempre tem aquelas ruas de prioridade que é devido a José Patrício de Souza que é a respeito dos mercados.

T: Esse desenho aqui o que que é? Esse aqui?
R: Esse é a estrada da F.T.C. (Ferrovia Dona Teresa Cristina) que é onde ela faz quase paralelo com a José Patrício de Souza e a Aristide Amboni.

T: E esses lugares que o senhor colocou ai o campo de futebol, a escola o posto de saúde e a creche são os lugares especiais para o senhor?

R: Sim. Porque por exemplo, a escola porque nóis temo muitas crianças que estudam aqui no colégio que ai. as séries que tem eles estudam aqui, depois quando eles passam da série que não têm aqui, aí eles vão a outros colégios qual Arruda Ramos, vão pro Heriberto Wilse, vão pro centro lá no prof. Lapagesse, então a escola é uma prioridade, posto de saúde que nóis não tínhamos que hoje nóis temos por exemplo, atende a nossa comunidade né, a creche que hoje ela tem a capacidade de 200 e poucas crianças na creche, que é onde facilita as mães, porque elas trabalham e tem o local pra deixar as crianças, eles entram às 6:30 da manhã até às 6:00h da tarde às 18:00h. E aqui nóis temo esse campinho de futebol que aquilo ali foi lutado, mais muito ano foi lutado pra adquirir, adquirir esse campo de futebol que é onde por exemplo ajuda a tirar as crianças da rua porque por exemplo enquanto eles estão ali brincando não ta passando coisas ruins pela cabeça, porque por exemplo eu hoje sabe que a situação pra cria um filho não ta fácil, porque tem que cuida muito bem, porque devido essas drogas, enquanto eles tão ali no campo eles não tão pensando em faze coisas erradas.

T: Seu Roberto então acabou também de fazer o desenho de sua casa.
Um, dois, três quartos. Um tem banheiro, a cozinha uma sala e bem na frente ele colou um espaço que é o bar, e eu agora vê pergunta pra ele, qual é o espaço especial para ele na casa dele.
R: Oh, o especial pra mim, todas as peças são especiais, mais sempre tem aquela que a gente fica mais a vontade que é parte do bar.

T: Porque o senhor gosta de lá?
R: Porque ali a gente sempre se encontra, os amigos chegam, a gente conversa, sempre tem mais tempo ali pra fica mais a vontade né, porque por exemplo eu também tenho tempo pra minha família né, pra minha esposa tal, porque por exemplo, nóis enquanto eu não tou conversando com ela, nóis não estamos juntos eu estou naquelas parte do bar e estou sempre com os meus amigos juntos.

T: Tem gaiolas com pássaros aqui no bar...
R: Gosto muito de passarinho, fui mineiro. Mineiro gosta de passarinho...

T: Ok. Seu Roberto. Então a gente prossegue a entrevista. Vou perguntar agora para o seu Roberto como ele veio morar neste bairro e nesta casa, como foi?
R: Oh, eu lembro na época eu era funcionário da Prefeitura na administração de José Augusto, então eu por exemplo não tinha terreno, não tinha lote, pra faze a minha casinha, morava em casa alugada e por intermédio desse loteamento que foi feito pelo prefeito foi José Augusto eu consegui este terreno e foi aonde eu fiz a minha casa e vim morar aqui que eu morava em casa alugada. Então esse tempo todo que é onde eu estou bem a vontade aqui, porque por exemplo foi a minha primeira casa de eu ser o proprietário da minha primeira casa, então onde eu gosto muito e não saio.

T: Agora eu queria que o senhor pensasse bem assim, mexesse lá no seu baú, lá bem no fundo, existe alguns lugares nesse cidade Criciúma ou em outras cidades, neste bairro ou em outros bairros que o senhor morou e deixaram saudades? E porque?

R: Bairro que me deixou saudade onde eu morei, foi lá no bairro São Defende que eu morei que na época eu trabalhava na companhia na Metropolitana né, lá eu morei, fiz muitos amigos que hoje eu ainda tenho só meus amigos lá, e foi um bairro também me marcou né. Então onde que eu todos os bairros, onde moro, só deixo saudade porque eu me dou muito bem com a comunidade que lá reside.

T: Seu Roberto como foi a sua infância? O senhor brincava? O senhor teve pai, teve mãe, muitos irmãos?
R: Bom. Nós éramos em oito, oito irmãos, quatro homens e quatro mulheres. Tem o meu pai que hoje ele falecido, a minha mãe também é falecida. Eu infância eu não tive, porque nóis era uma família uma família pobre, eu pouco estudei, porque eu tinha que trabalhar pra ajudar na manutenção da casa. Foi onde eu, infância eu não tive.

T: Neste momento o trem passa aqui na frente do bar do seu Roberto. O senhor chegou a brincar? Trabalhava mais sobrava algum tempinho pra brinca?
R: Muito pouco. Porque eu, eu quando eu comecei a estuda, então eu de manhã, porque eu estudava das 11h às 2h, então pela parte da manhã eu já tinha o serviço pra fazer e após o colégio eu voltava e tinha que trabalhar porque eu tinha que ajudar a rende da casa, porque meu pai na época, ganhava muito pouco e nóis não tínhamos condições de te uma vida boa pros filhos poderem brincar, então não sobrava tempo.

T: Nunca, nunca brincou?
R: Muito pouco, nos domingos depois que eu vinha da missa aí sempre tira aqueles uma hora ou duas horas pra brincá.

T: De que brincava?
R: Bolinha de vidro, peão, funda.

T: O senhor, sonhava naquela época? Sonhava. Sonhava com o quê?
R: Sonhava com o meu pai melhorar a situação dele financeira pra gente ter alguma coisa, porque sempre sonhava que tinha uma bicicleta, sonhava te uma bola, quando a gente brincava, brincava era de bola de pano e era briga pela bola de pano, e ia brinca né. Era a única solução que a gente tinha pra podê satisfaze brincadeira era aquela bola de pano.

T: Conte alguma história assim da sua infância. Tem alguma que lhe vem na mente?
R: A minha história.

T: Não é história especial assim, um caso que aconteceu.
R: Tá. O que aconteceu foi a veis que quando o meu irmão que hoje ele é falecido que ele me deu uma bicicleta, aquilo marcou bastante. Aquilo me marcou porque daí ele chegou, ele diz ele o que o pai não pode te dar, hoje eu vou te dar que é uma bicicleta. Ele me deu uma bicicleta foi o que me satisfez bastante, aquilo me deixou contente e eu nunca esqueço.

T: Era seu irmão mais velho?
R: Era meu irmão mais velho. Então aquela bicicleta me marcou bastante.

T: O senhor lembra o lugar que o senhor nasceu assim. Fale a primeira lembrança de lugar que o senhor morou assim.
R: Bom. Porque na época que eu nasci em Criciúma. próximo ao hospital São José. Foi dia 02/09/43, na. foi em casa, não foi no hospital. Minha mãe teve parte normal e depois daquela época meu pai ele sempre troco muito de residência porque ele sempre pegava aonde tinha serviço que o ordenado era mais. Toda vida negócio dele era sabe onde ganhava mais para ele, ele não queria sabe se ele ia faze uma mudança, 2 mudança por mês, isso aí para ele não era diferença.

T: Sobre sua mãe, que lembranças e sentimentos elas lhe trazem?
R: Minha mãe não sai do pensamento nunca né, aquilo ali a fisionomia a gente tem gravado toda vida. É o que a gente mais gosta mais ama. A fisionomia dela não sai do pensamento

T: Mas, que lembranças ela traz assim, de que o senhor gostava dela?
R: Eu gostava por que ela era mãe e era minha amiga. Uma porque eu era filho caçula, daí ela tinha sempre aquela ganja né. Muitos ela chegava é mais procurava faze tudo pra mim porque ela sempre dizia, esse aqui, esse aqui é meu filho último, então é o meu caçula então a gente sempre tem aquela, aquela prioridade com ela. porque toda vida o que queria ela sempre chegava e fazia, mais aí era muito, ligado a ela.

T: o senhor era muito chegado a ela?
R: Ligado a ela.

T: Ela lhe amamentou?
R: Sim.

T: O senhor sabe o tempo?
R: É, cinco anos, cinco anos e pouco.

T: Cinco anos? E da sua família né, como é que ela era se o senhor poderia me descrever. O senhor já falou né, bastante de sua família mais o senhor podia me descrever mais alguma coisa, assim como é que ela era, viviam o seus irmãos todos assim, além do trabalho assim, tinha alguma outra coisa, assim vem a lembrança?
R: É, porque por exemplo da nossa convivência como a irmandade é o seguinte. Porque os irmãos eles sempre procuraram na hora que eles se formaram eles, já procuraram a sair, trabalhar fora, então por exemplo o que mais ficava junto era eu que era o caçula e as outras três irmãs, e as outras três irmãs porque a mais velha depois ela tinha casado ela saiu da casa. Aí ficou a Nadir, Delicia e a Vaci então, era onde nóis quatro que mais convivia porque os irmãos mais velhos os três homens eles saíram né, porque um foi trabalha em Porto Alegre, outro foi trabalha em Curitiba que hoje ainda tenho um irmão que mora 43 anos em Curitiba que é o Henrique né, é o outro irmão Jaci, ele mora lá no Sangão. Então onde que depois que eles foram se formando a nossa família foi se desviando um pouco né, mais

sempre de vez em quando se encontra, um vai na casa do outro, que na época só eles se formaram começaram a sair de casa.

T: O senhor falou de um sonho...
R: Ah! Eu gostaria que o meu bairro que ele fosse dado um pouco mais de atenção pelo administrador do município, porque aqui por exemplo nóis precisamos de se amplia a creche, amplia mais o colégio, por exemplo ele ainda está pequeno e principalmente fazer um centro comunitário, porque tendo um centro comunitário aonde já melhora bastante porque por exemplo, porque ali já vai club de mães, já vai catequese, já vai todos se utiliza dali, então aonde que ai ficaria bem melhor se o centro comunitário eles pegassem fizessem pra realizar nosso sonho aqui no bairro Renascer.

T: Seu Roberto o senhor gostaria que eu tivesse perguntado alguma coisa que eu não perguntei?
R: Até agora todas as perguntas que foram feitas, todas ela me satisfez.

T: E o senhor gostaria de falar alguma coisa que não falou?
R: Acredito que tudo o que tinha pra fala, falei porque eu não tinha nada a esconder.

T: Eu preciso mais da sua ajuda ainda. Trouxe uma máquina aqui bem simples, se o senhor concordar eu gostaria que o senhor tirasse algumas fotos da sua casa, do bairro eu pego noutro dia, porque esse mês de janeiro eu vou viver praticamente aqui no bairro. O senhor tira as fotos não pode ser uma outra pessoa. Eu explico, é assim, do bairro e dos lugares que o senhor mais gosta, mais acha bonito, e da casa também, pode ser de fora da casa, de dentro da casa, tá? Dos lugares as fotos. É, o senhor concorda?
R: Sim, concordo não tem problema.

T: Então seu Roberto por hoje muito obrigado, nós vamos voltar a conversar, tenha um bom dia.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – UFPR

Entrevista

História de Vida VII – Lídia

Curitiba, 2002

Curitiba

Entrevista
FIta/K **Data: 09/01/2001**

Laboratório: Doutorado

Ficha Técnica:
Entrevistado: Lídia
Entrevistador: Teresinha Maria Gonçalves

Local de Gravação:
Bairro: Renascer – residência da moradora
Cidade: Criciúma

Equipamento:
01 Microcassette Recorder
Marca: Panasonic FP (Fast PlayBack) 2- SPEED
1ª FK MC- 60'

Transcrição e digitação:
Patrícia Elaine Medeiros

Revisão:
Teresinha Maria Gonçalves

HISTÓRIA DE VIDA VII – LÍDIA

Nome: Lídia

Local de Nascimento: Imaruí-SC

Idade: 49 anos

Estado Civil: Casada

Escolaridade: 7ª série do Ensino Fundamental

Profissão: do lar, ex-balconista, ex-operária da indústria de confecção

Tempo que mora no bairro: 19 anos

Proveniente: do meio rural

ENTREVISTA

T: Dona Lidia eu gostaria que a senhora falasse tudo que a senhora quizer sobre a sua vida, desde quando a senhora nasceu, onde morou antes de vim para cá, o que fez na vida, como é viver aqui no bairro Renascer. A entrevista é sobre a vida das pessoas no bairro, o que fazem, o que pensam, o que sentem, tudo que a senhora quizer falar me interessa, é muito importante, temos bastante tempo, temos todo tempo que desejar. A entrevista é sigilosa, seu nome não será divulgado.

Ld: Tá, o que eu tenho pra ti dizê é o seguinte né, eu sô nascida natural de Imaruí né, não tenho mais meus pais, já são falecidos né, i moro já a 28 anos em Criciúma porque eu trabalhava na CESACA e depois conheci um garoto né, a gente namoro, firme namoramos, casamos portanto , fazem 25 anos meu filho mais velho tá com 21 anos e moro aqui no Renascer a 19 anos. Não tenho, no começo assim eu reclamava porque não tínhamos vizinhos. Os vizinhos que tinham era lá em cima no bosque du repouso. Tinha um lixão no que era muita imundiça né. A maioria do pessoal também trabalhava nesse lixão. De manhã cedo, acordava com aquele mal cheiro que ardia os olhos e nariz tudo né. Aqui , ai depois saiu minha casinha aqui né, até na prefeitura tinha uma casinha nos fundo como eu já falei pra vocês, então não tenho nada pra reclamar porque assim a gente em a linha de ônibus, de 15 em 15 minutos , temos telefone público né, temos mercadinho até demais, também e tem uma escolinha que é bem próxima aqui da minha casa, inclusive tenho meu menino com 9 anos que ta estudando desde o comecinho ali né. Assim que saiu. Temos creche para aquelas mãe precisam trabalhá, tem os neném que não tem com quem deixá né então deixa na creche e é só isso as pessoas aqui ,a maioria , trabalha porque já estão com emprego mais tempo. Quero trabalhar estou com problema meio grave de saúde, tenho meus dois filhos mais velho que trabalham e meu marido está desempregado. Somos em cinco pessoas, então o ambiente pra mim aqui é bom, tenho tudo, tudo prontinho né, tem como si chama a rede de esgoto tudo certinho, os gramado tudo certinho, então não tenho nada que reclamar tá tudo bem. E gosto muito de morar aqui né, tenho minha casa própria né, tudo certinho não tá terminada mais, mais é minha não pago aluguel né, é sô obrigada procurá minha casa ficá por aqui.

T: Tem mais alguma história da sua vida. Tem mais o que dizer? A senhora nasceu em Imaruí?
Ld: Sou nativa de Imaruí .

T: Tem alguma lembrança de lá?
Ld: Não, eu não tenho porque meu pai veio morar ali em cabeçuda, a gente veio vim muito novinha com dois anos. Acabei de estudá ali mesmo e depois que fiz 16 anos vim trabalhá em Criciúma. Meus tios, tenho pouco tio que mora aqui né; intão fiquei por aqui, mais gosto muito daqui, não tenho nada que dizê, todas as pessoas também que isso é importante. Gostava muito de voltá a trabalhá mais a hora que eu melhorar de repente eu trabalho só não tenho mais o que fala pra ti que eu vô falá

mal do bairro eu não posso. Somos uma comunidade vamos nos juntá nossa comunidade as vezes tem tem muita coisa errada que eu quero dizê é, e animal solto ai na rua, e a gente fica meio invocada né. com o mal cheiro e já iniciamos a coleta de lixo que foi muito importante também pra nóis, demoro mais saiu. E o pessoal ai atem aqui tem esses animal ai não tão cuidando também ai fica ruim.Tá todo mundo reclamando não só eu né, que pelo menos na minha rua aqui que eu conheço todo mundo tá bravo por causa dessa imundice ai né.

T: Que animais?
Ld: Cavalo, força de cavalo né, então tem que tomá providência também é isso.

T: Dona Lidia agora farei um outro tipo de entrevista com a sra. Coloco algumas questões, faço algumas perguntas e a sra responde, está bem?
Ld: Ta.

T: Há quanto tempo mora no bairro?
Ld: 19 anos.

T: Quando a senhora ouve o nome antigo ou o nome atual do bairro o que a senhora sente? Que sentimentos lhe despertam? O que lhe vem na cabeça?
Ld: Simplesmente eu não sinto nada. Aquele ali é a Mina Quatro por causa da Mina que teve ali. Colocaro Mina Quatro até que o prefeito achasse um nome para pôr no nosso bairro né que portanto hoje é Renascer. Criou esse nome. Já faz dois anos ai 19 anos que eu moro aqui, faz dois anos.

T: Quem deu esse nome?
Ld: A prefeitura. Mais quem eu não sei, deve ser o pessoal do meio ambiente . Meio ambiente tem que ser.

T: Como era o bairro antes, e como é que é hoje?
Ld: Ah! Era terrível, era uma pantanera nas rua, tudo estreitinha, rua de chão, não tinha até como a gente passa com uma bicicleta, muito ruim, a gente atolava mais agora tá ótimo ó, nota 10, agora não é que a gente tem um, tá calçado aqui como é que se chama asfalto né, é a rua de trás tudo com paralelepípedo a não tá muito bom né.

T: Dona Lidia, a senhora está há 19 anos aqui, a sra. tem alguma lugar especial, assim que a senhora acha que é importante que a senhora se sente bem, que a senhora gosta de ir lá ?
Ld: Ah! especial eu tenho dois, que é aqui a nossa igreja né, que tá saindo em mutirão e um campinho de futebol que saiu aqui bem próximo aqui do trilho. Deve dá uns 40 metros por ai, então é bom mais, porque eu tenho meu menino também que gosta, não é porque ele gosta de bate uma bolinha né agora nas Férias não, ele sempre gostô de partida de futebol, tudo né. Meus menino são ligado no futebol e só aqui não tá assim como a gente queria né, cercadinho né, direitinho pra, pra gente entra ficá do lado da cerca ali assim tá pra terminá né, de certo vão terminar, vão vê agora o novo prefeito né, as pessoas interessada que gosto de futebol também na prefeitura que vão se virá pra esse nosso campo ali.

T: Quando a senhora sai aqui do bairro, em que altura da estrada sente que está voltando para casa , para o bairro sente-se assim : estou chegando em casa!
Ld: Ah! Já cansei. Até fui a Porto Alegre por motivo de doença com meus menino mais velho e a gente ficou três dias em casa de estranho lá a gente foi muito bem recebida e na volta então ao chegar na Rodoviária eu falei: __ Ai meus filho, estamos chegando, lar doce lar.

T: Na Rodoviária de Criciúma.
Ld: É na rodoviária de Criciúma é.

T: Quais os caminhos que a senhora gosta de percorrer aqui no bairro i lá em Criciúma?
Ld: Não, aqui, aqui no meu bairro e aqui mesmo é do Renascer ao São João de apé fazer assim uma...

T: Em outro bairro?
Ld: Bairro São João ou também do bairro Renascer e o bairro São Luiz, chega até ali naqueles colejuzinho que tem ali né, e muito bom conheço muitos professores ali i em Criciúma Deus me livre né. A Praça do Congresso nunca esqueço. Foi lá que eu e meu marido... a gente se namorô então a gente ia muito lá né, brincá. Era tão legal dava saudade e quando no centro levo meu pequenininho que ele gosta e falo: aqui a mãe foi bem feliz. Contei pra ele. A gente, brincô na gangorra, no balanço, foi tão legal. Pena que a gente não tá indo mais, não sei porque a gente tá velho não sei o que tá acontecendo. Gostaria muito de voltar àquele tempo porque olha era legal. Eu plantei uma palmeira. Gosto dessa palmeira; ela me lembra a praça do Congresso. Plantei bem na frente de minha casa.

T: A senhora falou dos lugares que são especiais para a senhora e além desses lugares tem algum outro lugar aqui no bairro que a senhora gosta ?
Ld: Não, eu acho que é só isso ai mesmo, é.

T: Se a senhora não morasse nesse bairro Renascer qual bairro de Criciúma que a senhora gostaria de morar?
Ld: Que eu gostaria de morar, nossa senhora já morei próximo do CI que, claro na época não existia né.

T: Dona Lidia, se a senhora não morasse no bairro Renascer, em que bairro de Criciúma a senhora gostaria de morar?
Ld: Ah! Eu gostaria muito de morar no bairro Boa Vista, porque claro eu já morei no Boa Vista né, mas tive que sair, pagar o aluguel ali aonde é o Cique não existia o Ci de antes mas gostaria muito de voltar pra lá, muito mesmo.

T: É, conte como é seu contato com os vizinhos aqui nesses dezenove anos. Como a senhora se relaciona com seus vizinhos?
Ld: Ah! Eu o meu relacionamento é o seguinte. É, seu não que dizê assim que eu não precise lógico né, que a gente precisa dos vizinho, mais a gente né, sempre trabalhei faz só dois anos que eu que eu estou parada então tinha poquinho tempo de falar com meus vizinhos né, de manhã se já tava levantada a hora de eu sair pro

trabalho oi, oi, já estou indo, fulano, e tal né, e a volta a mesma coisa e ai no caso pensando bem minha casa tive assim como uma penção né, parava o dia inteiro lá no meu trabalho, doméstica e a noite só voltava pra dormi né, então vamo dizê assim porque realmente é né é nos sábados que era pra mim né sair a tarde conversar um pouquinho não dava porque tinha casa pra limpá, roupa pra lavar, domingo gosto muito de i no culto dominical quando não tem a missa né, que era na escolinha agora já estamos fazendo na nossa igrejinha. tinha pouco tempo para falar com os vizinhos.

T: Tem alguma história de vizinho para contar, Ld?
Ld: Não, não tenho. Única coisa que eu tenho, mesmo é sobre a doença, não sei se devo fala né.

T: Pode falar.
Ld: É, que a menina da minha vizinha deu uma...

T: Nesse momento o trem novamente passa aqui pela linha férrea.
Ld: Tava.

T: Então a senhora estava contando a história da menina que ficou doente.
Ld: AH! Eu tô contando a história. A menina que de repente ela deu assim um sei lá, um desmaio, ai que que eu fiz: a vizinha começou a gritar minha filha tá morrendo, tá morrendo, ai eu disse que que aconteceu ai, não sei Linda, não sei ela desmaiô, ai vinha vindo um carro que eles eu, não olhei se eles tavo em trabalho assim, só fui saber depois, ai que que eu faço, solto um baranquinho que tem ali, que até hoje ainda existe aquele barranquinho né, que a gente não corto aquele barranquinho muito poco é fui pru meio da rua né gritando, pedindo socorro os cara muito atencioso pararam o carro eu falei por favor me socorre a menina da vizinha aqui que deu um desmaio e não voltou mais e, a eu acho assim que isso ai é uma convolução eu falei pro rapaiz. Dona Maria nós tamo indo pra Quarta Linha fazê uma instalação, nóis somo da Celesc. Disse, tudo bem ai vocês volto, gente vão, vão, ai abriu a porta ai toquei a mão e a menina tava dentro do carro ao ai i lá eu não pude e porque eu tinha que trabalha naquele momento né, então a mãe da menina foi. Chegou no hospital, fomos muito bem atendido lá no hospital São José, que nem era época de atender as crianças, mas como é agora o Santa Catarina, já era o Santa Catarina também né, mas ai a irmã lá, foi muito legal e mandô a mãe entrá coma menina desacordada. Fomos sabê notícia só a noite como a menina estava né, ai a mãe chegou e ficou de pé e me deu a noticia que realmente era uma convolução. E hoje a menina tá com acho que dez anos, não tenho nem certeza, nove ou dez, está em tratamento pra cabeça. Foi só a única história que aconteceu mesmo comigo foi essa ai.

T: Como era sua família lá em Imaruí, depois aqui em Criciúma assim. Quantos irmãos eram como que viviam como é que era essa dinâmica, dessa casa com essa família?
Ld: Lá em Imaruí eu lembro muito pouco, o meu pai tinha, ele tinha uma chácara assim de café lá na, como era o nome, ai é ai é, Ribeirão é o nome então. A gente levava, a gente tudo piquininhos nois somos em sete né, minha mãe tinha boa

saúde aí nóis ia colhê aquele café lá, ai enchia as latinha dessas latinha de leite ninho e nóis virava tudo ali dentro dos balaio que tinha né os café bem madurinho, aí eu era muito safada, chupava muito café, ai eu adorava, o meu pai dizia, não chupa café estraga as mendinhas que o pai tem que torrá, depois bota pra vendê, esse café a mais é pouquinho pai, não vô chupá tudo sua lata, aí derrepente passou-se a gente era em sete. A gente brincava muito nessa chácara, subia nos galhos né, de café uma abaixava pro outro e era aquele que mais queria pegar o melhor. Ai minha irmã mais velha disse que eu a do meio, aí ficô braba pegô aquela latinha sentô na minha cabeça, daí abriu um corte, minha mãe correu mi levô pra casa e vá pó de café, eu disse a mãe não bota isso ai, vai escorrê sangue nas minhas costas, ai que nada minha filha, isso aqui melhora é um remédio de médico que a gente faiz em casa. Ai tudo se normalizô e fomos trabalhá novamente e hoje estou aqui com quarenta e nove anos. Mais era uma família unida né, nossa família.

T: Da sua mãe, que lembranças sentimentos a senhora tem dela?
Ld: Ah! Eu tenho uma lembrança mesmo da minha mãe é essa ai do café, que a tente trabalhava tudo junto né e depois uma gravidez ruim que minha mãe teve que infelizmente minha irmãzinha, nasceu mais uma irmãzinha, mas não sobreviveu, não até hoje não sabe porque aconteceu aquilo ali e minha mãe já é falecida, morreu muito jovem, cinqüenta e quatro anos e a data de aniversário dela na semana Santa Quinta feira Santa né, que ela faz aniversário todo ano e de morte é um data muito marcante. Vinte e quatro de dezembro então às vezes não gosto de me lembrar dessas datas eu fico meia triste né

T: Quando vocês eram crianças tinha leite de vaca, como vocês se alimentavam? Como as crianças os bebês eram alimentados?
Ld: Não, meu pai possuía umas cabrinhas né, e ele, a gente se divertia muito, porque já era grande demais, já éramos grandinho, pois agente tava intendendo né, aquele que mais quiria tirar o leite das cabrinhas né, ai meu pai não dava moleza pra nóis não, dizia que nóis ia judiá do bixinho, tinha que só ela tal, então ele criou nóis mesmo foi com o leite da cabrinha né.

T: E, sua mãe amamentou algum filho?
Ld: Ah! Ela amamentou somente essa qui, não essa que, claro, não deu tempo né, uma outra irmã que era caçula vamos dizê assim que ela era caçula e hoje continua sendo porque a caçula mesmo faleceu né, só então eu me lembro foi só dela agora eu não sei, di certo, acho que sim, não lembro.

T: A senhora não lembra se foi amamentada?
Ld: É, eu não lembro eu só sei do leitinho da cabrinha que era muito gostoso, que ela fazia aqueles.

T: Dona Linda eu gostaria que a sra. desenhasse numa folha o bairro e na outra a casa, vamos tentar ?
Ld: Não consigo.

T: Como a senhora veio parar aqui, nesse bairro. Parece que já contou mas, eu gostaria que a senhora explicasse um pouquinho melhor.

Ld: Tá eu, surgiu assim né, na habitação, tava saindo assim o, inscrição para as pessoas carente que, não tinha casa própria.

T: Habitação é Secretaria da Habitação da Prefeitura.
Ld: Da Prefeitura realmente, Então eu fui convidada por outras pessoas, lá do bairro que eu morava que é a boa vista. Ah, Linda vamo lá fazê a inscrição, ai eu falei mas dizem qui lá é um matagal ainda não tem nada planado né, eu falei para as pessoas que hoje eu não lembro mais quem são porque elas também vieram mais não tão mais aqui né, são outras pessoas então eu falei ali mais tá quase no tempo de eu ganhar meu neném que agora tá com dezoito anos né, e qualquer coisa lá, ai a gente socorre a Prefeitura, ta lá mesmo né, ai sei lá essa pessoa tinha uma fé assim né, tudo bem então vamos, então viemos de a pé né, mais umas três vizinhas da Boa Vista chegamos lá a fila estava enorme e eu com um barrigão isso foi dia quatro de agosto de 82 e então o sol muito quente e ai a secretária lá da Habitação viu que a única grávida era eu né, ai já veio na fila confirmá e distribui os número tudo pra gente que era tudo por número, então peguei o número ali, não lembro se era o 15 se era o 10 ai olhei, nossa até chega lá, mais credo dismaio, mais ai na hora que começô entrô umas quatro, cinco eu acho que alguém o da frente foi assim, a mandá atender primeiro aquela sinhora que ela ta muito gorda né, daqui a pouco vai ter o neném ai né, parece qui tava sabendo que eu já ia ganhar, mas não sabia a data certinho que ia ganhá o neném né, ai a secretária veio nunca esqueço, o nome dela é Lídia né, é o nome da minha irmã mais velha. Vai ela. Falou a senhora, não vai ficar aqui nesse sol quente, vamos lá fazer sua inscrição, ai prontamente fui, agradeci a ela tudo, me levou lá na salinha, conversou com o Toninho que hoje trabalha na AFASC não sei se ainda esta né, o novo prefeito agora assumiu não sei como que está o ambiente lá, ai fiz minha inscrição tive que esperar minhas companheiras né, que foram comigo, mais ai já tava pronta né, fiquei lá dentro, tomei uma aguinha, tudo esperando-as. Quando a gente foi embora era cinco horas da tarde, já pudia ter ido mais cedo mais quis ser honesta ficar esperando elas né, a gente veio de a pé e fomos de a pé, voltamos de a pé né, ta ai depois levou, ha isso aqui vai demorar uns três, quatro anos o cara falou né, ta tudo lá no mapa ainda, mais tanto faiz não é problema o importante e que eu quero um lotizinho para construir uma casinha né, nesse meio tempo o meu marido trabalhava com a SCAN, lá na SCAN ele conheceu lá, uma diretora lá, Dona Silvia né, daí ela estava desmanchando um paiol, ai muitas madeira eram boas outras eram ruins, então Jó se você quisé, um pouco dessa madeira até lhi do. Ai ele assim. Quero, vou vim trazer meus minino aqui né, meu menino mais velho e a minha mulhe mas ela ta pra ter neném num pode vir agora, não. Não isso ai depois a gente conversa, ai dia nove de agosto né de 82, mais seis dias nasceu o neném bem forte, sadio. Nasceu muito bem, ai fez 30 dias fomos lavá essa madeira nossa, fiquei muito contente daí a gente arrumou um caminhão com a Prefeitura tudo, ai jogamo lá no lote que eu já sabia mais ou menos aonde é que a gente ia tá, porque o Toninho falou né, aí deixamo ali amontoadinho, depois ai no outro dia ele veio, ver se era aquele lote ali mesmo e realmente é até hoje, ai a dona Silvia meu marido ficou doente, ela me ajudou, mandou uns carpinteiro aqui, a gente começou a levantar a casinha né, ficou assim uma casinha de seis por quatro e eu tava contente porque já em seguida eu já ia vim morar na minha casinha até sai teste da Prefeitura que eu tinha sido sorteada a mais eu esperei muito mais quatro anos naquela casinha daí íamos trabalhar, o

mais velhinho cuidava do piquininho né, nessa altura não lembro se ele já tinha dois aninho, um ano e meio, aí íamos os dois trabalhar, voltávamos, nóis voltava a noite, cinco, seis horas, chegava em casa trabalhava na mesma empresa, empresa que era a Titam, não sei se você conhece, indústria de móveis que eu trabalhei muito tempo ali, ta vindo a nossa casinha, mais foi assim que consegui o meu lote, como que eu, construi essa casinha abaixa de ajuda né, de outras pessoas que não tinha nada a ver com a Prefeitura e hoje estou aqui com a casinha maior, ta tudo bem.

T: Dona Linda a senhora já ouviu falar na televisão, ouve falar por ai em duas palavras natureza e meio ambiente ?
Ld: Ah! O que que eu posso dizer, eu o meio ambiente eu acho que é tudo né. Assim, começando pela saúde né, limpeza eu entendo assim né, o meio ambiente também as árvores que também tem pessoas que tão cortando as árvores que como é que é que a gente respira o ar né, então eu acho que não devia ter maltratos da árvores né, é claro que a maioria trabalham com lenha que querem cortar para fazer a venda pra ter o dinheirinho deles que elas trabalham naquilo ali mesmo né. E a natureza acho que é assim né, Deus criou a natureza acho que a gente deve também construir a natureza não destruir a natureza manter a natureza e acho assim entendo assim não sei.

T: Tem árvores no seu quintal?
Ld: Tenho, eu tenho, aliás uns dois pé de árvore, eram três, tenho duas goiabeira um pé de limão e três que era um pé de abacate e infelizmente eu cortei para fazer uma sombra ali para botar o carro do meu rapaiz.

T: E espaço? A senhora também já ouviu falar? O que é para senhora: espaço ?
Ld: Espaço não é fácil dizer o que é espaço. É um campo, um sei lá, espaço, ó não sei, nem faço idéia do que é um espaço, eu gostaria que alguém explicasse.

T: E cidade, que é cidade para senhora?
Ld: Cidade? Que cidade para mim? Não eu sei lá, também não sei que que é cidade.

T: Um exemplo de cidade?
Ld: Ah! Criciúma é uma cidade é um exemplo né, que mais, quer dizer... a cidade fica lá na cidade. A cidadae é para quem pode. Acho que a gente que trabalha no dia a dia não pode tá nessa cidade.

T: O Renascer não faz parte dessa cidade?
Ld: Sim. O Renascer faz, mas eu quero dizer que imagina o nosso bairro que é o Renascer visto do centro de Criciúma meu Deus! É vaiadinho.

T: O que que é vaiadinho?
Ld: Vaiadinho, pobrinho né, pobrezinho né.

T: Eu gostaria de saber se a senhora concorda em tirar as fotos na maquininha, tirar umas duas, três, fotos...
Ld: Eu, tirar foto?

T: Se a senhora quizer , do bairro, da casa.
Ld: Sei lá né, eu acho que não dá nada, vamo tirá né, na frente da casa né.

T: Está bem. Dona Linda eu gostaria de saber se eu deveria ter perguntado alguma coisa e não perguntei ?
Ld: Ah! eu acho que sim, que ficou uma coisa para trás, porque a gente falou do meio ambiente, falou que que era cidade, mas não falamos da saúde como é o atendimento né, do nosso médico aqui no Renascer né.

T: Como é?
Ld: Ah! Eu para mim é ótimo né, e as meninas a gente chama se precisa e se precisa é de grande necessidade né. Oh, eu vou contar um ele deu umas tropicadas e mais perto que foi parar foi no quarto né, tropicando mais veio, fui lá no postinho prontamente as infermeiras vieram medir a pressão, ai tava muito alta não lembro mais, foi dezoito pro dez, ali levou aquela notinha lá pra médica dar uma olhada. A médica largo tudo lá e veio atende meu marido né, eu acho ótimo não tenho nada que reclamar.

T: É, a senhora deixou de falar alguma coisa que gostaria de falar?
Ld: Não. Eu acredito que não, eu acho que falei o que sei e o que sinto né.

T: Então, agora a última pergunta: o que é felicidade para a senhora?
Ld: Ah! eu acho assim que felicidade é a saúde em primeiro lugar, já é uma felicidade viver bem com o marido e os filhos né, que hoje em dia não é fácil né, eles tão fazendo quinze, dezessete anos já tão até criando violência dentro de casa e meus filhos são ótimo então eu sou muito feliz, não quero ter casa bonita, não quero ter carro do ano, o que eu quero mesmo é que meus filhos que tive três filho homem e o pequininhho tá com nove anos, meus dois mais velhos já são bem adulto, quer dizer assim que não tão, que ainda tem um menor de dezoito anos que não é adulto mais muito trabalhador, inclusive tá trabalhando não é lá um serviço muito bom mais não existe serviço bom mesmo o bom mesmo e tá lá na praia numa rede pra quem gosta né, sombra e água fresca mais eu, ta tudo bem comigo ta ótimo.

T: Dona Lidia quero agradecer muito sua contribuição, foi valiosa para a pesquisa, muito mesmo, fique despreocupada que é tudo sigiloso a gente vai passar tudo isso ai que a senhora falou e quando tiver pronto eu venho aqui para lermos juntas para analisar e ver suas fotos também juntas tá?

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – UFPR

Entrevista

História de Vida VIII – Ilda

Curitiba, 2002

Curitiba **Entrevista**
Fita/K **Data: 15/01/2001**

Laboratório: Doutorado

Ficha Técnica:
Entrevistado: Ilda
Entrevistador: Teresinha Maria Gonçalves

Local de Gravação:
Bairro: Renascer – residência da entrevistada
Cidade: Criciúma

Equipamento:
01 Microcassette Recorder
Marca: Panasonic FP (Fast PlayBack) 2- SPEED
1ª FK MC- 60'

Transcrição e digitação:
Patrícia Elaine Medeiros

Revisão:
Teresinha Maria Gonçalves

HISTÓRIA DE VIDA VIII – ILDA

Nome: Ilda

Local de Nascimento: Laguna-SC

Idade: 55 anos

Estado Civil: Viúva

Profissão: do lar, ex-operária da indústria de curtume, ex-empregada doméstica

Tempo que mora no bairro: 15 anos

Família: 12 irmãos

Proveniente: do meio urbano

ENTREVISTA

T: Dona Ilda eu gostaria que a senhora falasse tudo o que quiser sobre a sua vida, desde que nasceu, onde morou antes de vir pra cá, o que fez na vida. Como é viver aqui no bairro.A entrevista é sobre a vida das pessoas no bairro. O que fazem o que pensam, o que sentem. Tudo o que a senhora faiar me interessa é muito importante, temos bastante tempo, tome todo tempo que a senhora desejar. A entrevista é sigilosa. Neste momento aqui, passa um caminhão vendendo melancia, buzinando. Então recomeçamos a entrevista com a dona Ilda que foi desligar a máquina de lavar roupa que estava lá com problema.

I: Olha! Minha vida no bairro, desde quando eu tive meus filhos foi uma vida de trabalho, eu fiquei viúva do primeiro marido, fiquei viúva do segundo e tive um terceiro também que infelizmente se foi também. E foi uma vida muito trabalhosa porque eu botei meus filhos na SCAN, eu criei sozinha com muita dificuldade, passei trabalho.

T. SCAN é uma escola?

I: É a, como é que é o nome, Bairro da Juventude né. Botei os dois lá, botei os três, mais um veio, ficou doente, teve pra morrer no hospital, passei muito trabalho mesmo com os meus filhos. Tive uma vida de muita dificuldade. Pagando aluguel, ganhando 20 real por, 20 cruzeiros, por mês, naquela época né. Mas, sustentei meus filhos não dei nenhum, porque mãe não dá filhos, passa dificuldade mais eu adoro meus filhos. Hoje, tenho uma casada, tenho um casal solteiro em casa, mas hoje eu me sinto rica porque o trabalho que eu já passei da vida, não foi fácil. Mais hoje graças a Deus tudo recompensou né? Pois tive uma, eu fiz uma inscrição pra ganha um terreninho, porque eu estava com os três filhos sozinha, eu fiz a inscrição, não ganhei há, ganhei aqui na Mina Quatro. Fiquei muito feliz, passei um pouco de dificuldade, deu um temporal derrubou a minha casa. Olha, até chegá onde eu estou foi um trabalho. Mais agora graças a Deus eu estou bem, tenho uma filha casada, muito bem graças a Deus, tenho dois solteiros em casa que tão trabalhando só que eu não posso trabalha porque eu tenho problema de coração, problema de pressão, e sabe, agora passo dos cinqüenta, ninguém mais como né, porque, a gente vai procura serviço eles dizem, passô dos 50 não tem mais serviço é porque não precisa comê. Mais lá, tudo bem agora graças a Deus, minha filha trabalha só tem uma coisa, depois que delas casarem porque eu não sô aposentada, não tenho pensão nenhuma porque tive três maridos mais não me casei com nenhum. Não me case com nenhum. Um era disquitado da mulher né, tive dois filhos a mulher foi que pegou, depois casei com o segundo tive um filho também mais também era separado da mulher, não tive direito, o terceiro que era viúvo que era para deixar pra mim não deixou, então no mais.

T: Não deixou por quê?

I: Porque era pra mim te procurado antes de um ano né, ai eu não procurei, fui procurar depois de dois anos ai o juiz disse que caducou ai eu não tive mais

direito. E mais graças a Deus só o que me falta é me aposentar agora porque daqui a pouco meus filhos casam tudo né, ai eu vô fica sozinha, sem uma pensão, sem nada como é que eu vô vive, sem nem serviço eu não tenho e nem posso ter né, porque hoje em dia ninguém dá serviço pra gente, mais vamo vê os meus filhos dizem que me ajudam eu fui no INPS eles disseram que só vou me aposentar só com 60 anos porque eu tenho 15 anos de firma mais não eu não posso me aposentar porque eu tenho que ter 30 né, e ai eu não posso me aposentar. Então eu vou esperar os 60 eu chego até lá né. Se eu chegá até os 60.

T: Que idade a senhora tem hoje?
I: 55. Tô com 55, se eu chegá aos 60 para me aposentá, se não vô te que esperá pelos filhos né. A história do bairro até agora eu sô contente com o prefeito não tenho o que dizê nada do prefeito, porque pra mim todos os prefeitos são iguais né. E o bairro eu tô aqui, agradeço ao prefeito também que deixam esse lugarzinho pra gente né, que construíram aqui pra nóis e to bem o que falta no bairro é uma mudança no posto de saúde, porque ali começando desde o médico, o enfermeiro pra atendê é um sacrifício. O mais tá tudo bom, tudo bem.

T: A senhora tem a escritura dessa casa?
I: Não. Não tenho escritura. Quando eles deram o terreno prometeram que iam dá a escritura, mas, até hoje nada... agora nóis temo que disseram que nóis temo que dá 200 reais pra pegá a escritura das casas, como é que a gente vai pegá escritura se a gente não trabalha e não é aposentada não é nada. Então, a minha filha que trabalha, tadinha mais ganha 300 reais né, para sustentá a casa e tudo é ela que sustenta, porque se não for ela, como é que, daqui a pouco ela casa, e eu não tenho nem como vivê. Porque não tenho ganho nenhum. E é assim.

T: Bem a dona Ilda terminou a entrevista aberta, agora então agente vai começar uma outra entrevista, entrevista chamada "entrevista focalizada", eu faço pergunta e a senhora responde. Dona Ilda, há quanto tempo a senhora mora no bairro?
I: 15 anos.

T: De onde que a senhora veio?
I: Eu vim do bairro Santa Augusta.

T: Em Criciúma?
I: É, aqui em Criciúma é.

T: Mas antes de mora em Criciúma a senhora morou em outro lugar?
I: Morei em Florianópolis, morei em Blumenau, Joinville, morei por lá tudo, porque o meu marido não era fichado então cada lugar que aparecia ele saía de um lugar e ia pro outro né, porque ele cortava essas pedras da rua né e então chamava ele num lugar e ele ia, eu morei em Balneário Camboriú, morei em Indaiau, Timbó, tudo pra lá eu já morei, Florianópolis.

T: Morou em muitos lugares?
I: Foi. Em muitos lugares já morei, pra lá, pra cá, só aqui em Criciúma.

T: Desses lugares aí tem algum especial para senhora que lhe deixou saudade?
I: Ah! Florianópolis.

T: Por quê?
I: Porque, sei lá. Florianópolis foi lá que eu tive meus filhos né, morei cinco anos lá, e sei lá, tenho irmão morando lá, tenho parente morando. Lá deixou bastante saudade. Acho que meu futuro ainda vai sê lá.

T: Hoje a senhora mora num bairro que era Mina Quatro e há pouco tempo passou a chamar-se Renascer. Quando a senhora escuta Mina Quatro ou Renascer o que lhe vem na cabeça, o que que esse bairro diz para o seu coração?
I: Olha! Pra mim ele dá uma grande esperança, porque é um bairro que desde quando eu vim pra cá, meu menino tinha um aninho eu criei as duas meninas piquinininha aqui e eu aqui me sinto bem, pra mim é um dos melhores bairros que eu morei.

T: Sente-se bem aqui?
I: Graças a Deus.

T: Tem algum lugar no bairro que é especial para senhora, que a senhora gosta de ir, que a senhora gosta de vê, que a senhora gosta de caminhar. A senhora gosta de estar em algum lugar no bairro? Algum lugar?
I: Olha! Eu gostei morei, e gostei da Santa Augusta. E sinto saudade daquilo ali. Porque foi desde aqui, foi um dos bairros que eu morei que eu adorei, vizinho era tudo maravilhoso lá.

T: Mas, aqui neste bairro, agora aqui no Renascer tem algum lugar especial para Senhora? Lugar dentro do bairro, assim alguma coisa que a senhora goste de ir aqui dentro?
I: Olha! Tem o posto de saúde, tem aqui mesmo, eu gosto de caminhar de passear, gosto lá do outro lado.

T: O que que tem iá do outro lado?
I: Tem pobreza né!

T: Não, mas a senhora gosta lá? Porquê?
I: É, porque a gente tem bastante lugar pra gente caminhar né?

T: Ah! A senhora caminha?
I: É, eu caminho bastante, caminho.

T: Quais os seus caminhos? Qual é o seu roteiro que a senhora fez dentro do bairro?

I: Ah!. eu ando pelas ruas né!

T: Quais ruas?
I: É, as ruas principais. Que eu sou hiper tensa né, então a médica me manda eu dá caminhada todos os dias, então eu vô pra lá eu me sinto bem, caminho nas ruas principais.

T: Como era o bairro e como é hoje?
I: Ah! Era horrível, agora não, agora ele é um centro, posso dize que ele é um centro. Porque aqui na minha casa mesmo eles traziam os presos pra cá, eles prendiam aqui na minha casa.

T: Por quê?
I: Porque eles fugiam, os presos fugiam as vezes a polícia queria pega então eles corriam pra cá, ai atrais da minha casa eles pegavam os prisioneiros. Muita gente que roubava, que assaltava aqui no bairro, então não era cercado não era nada aqui, então eles corriam né, para trais da casa para se defenderem até dentro da minha casa já foi pego preso. Foi, antigamente né, agora não, agora a gente já cerco né, por isso agora eu me sinto no centro. Antigamente eu passei muito trabalho aqui dentro, meus 3 filhos.

T: O bairro já foi outras coisas né? Tem uma história esse bairro?
I: É, tem a história triste, né. Só história triste. Porque aqui fugiu lá do presídio Santa Augusta vinham pra cá. Então tinha muito baraco né, não tinha casa, era tudo barraquinho e inclusive trouxe uma casinha piquinininha da Santa Augusta pra cá, tinha uma pecinha só. Ai trouxe pra cá essa casinha. Morei aqui. Depois surgiu essa aqui. Eu trabalhei de pedreiro junto com os pedreiros pra ajuda a levantar essa casa, eu e meu filhinho.

T: A senhora ganhou material de construção?
I: Ganhei. Ganhei e ajudei a levanta os pedreiros estavam aqui também, eu que ajudei a levanta e o meu menino com dois aninho eu comprei um carrinho de mão pra ele piquenininho e ele me ajudava a carregar areia para nóis faze o piso dessa casa. E eu lutei.

T: Mas o início do bairro, a senhora lembra a história do bairro? Como começou?
I: Olha! A história do bairro começou com muito lixo, muito carvão, ai inclusive nóis aterremos né, aqui foi aterrado porque era um lixão, aqui era a mina né, aqui na minha casa tinha mina, não era exatamente a mina era o lavado né, aqui era o lavado, tinha coisa do lavado, tudo aqui, foi retirado depois uma pedra grande foi retirada pra construir a. Eu tive até no pronto socorro. Ela deu um estouro muito forte e eu me senti mal. Aqui extremeceu toda a casa e eu...

T: Derrubaram com dinamite?
I: Foi. Foi o bombeiro que derrubou. Mais o resto, tem história. Aqui era um matagal né, eu trabalhava no Dal Bó, eu deixava os três filhinhos sozinhos aqui, tomava água do trilho da beira do trilho.

T: Como da beira do trilho?
I: É. não tem aquela água que corre na beira do trilho ali.

T: A senhora tomava aquela água?
I: Eu e meus três filhos tomava daquela água ali. Eu fervia, eu trabalhava no Dal Bó da 2h às 10h.

T: O que que é o Dal Bó?
I: Dal Bó é uma coisa de couro, um curtume. Então eu carregava água do trilho eu trabalhava das duas às 10 eu carregava água do trilho, fervia pra eles, com uma velinha acesa e eu ia trabalha. Eu vinha quase a meia noite aqui para Mina Quatro sozinha, no escuro. Muitas vezes quer era o começo da Mina Quatro mesmo, gente gemendo atrais da minha casa, bêbados, maconheiros. Eu com meus três filhos ali dentro. Uma vez eu até peguei um homem cheio de pregos. Eu tinha colocado umas madeiras atrais de casa que eu tinha trazido da Santa Augusta. Madeira velha de uma casinha que demancharo e me dero; veio umas tauba de pregos atrais e aí quando eu cheguei do serviço tinha um bêbado dormindo lá atrais. Minhas meninas estavam tudo gritando dentro de casa porque tavam com medo pensando que era bandido né, ai eu fui vê: era o próprio vizinho que tinha bebido e tinha errado a casa dele e foi lá para trais da minha casa. Aí tiramo ele cheio de prego, esse tal do seu Walmor. Tava cheio de prego, o homem, todo ensangüentado. Aí, eu e a mulher dele,pegamo levamo pra casa e ela cuidô dele lá na casa dela.

T: A senhora conhece a cidade de Criciúma?
I: Eu conheço, conheço.

T: Quais os lugares de Criciúma que a senhora gosta? Bairro, rua ou qualquer outra coisa em Criciúma que a senhora gosta?
I: Dentro de Criciúma?

T: Hum, hum.
I: Olha! Eu gosto muito do bairro São Simão, gosto de lá, gosto da Mina Brasil que foi lá que a minha mãe faleceu é, minha mãe faleceu na Mina Brasil e nóis fomos criados na Mina Brasil eu adoro aquilo lá, tem muita gente lá mesmo.

T: A senhora é Criciumense?
I: Não, eu sou lagunense.

T: Mas criou-se lá?
I: Sim, eu me criei aqui, eu vim com nove meses pra cá, então eu sou mais de Criciúma do que de Laguna. Mais eu adoro isso aqui.

T: Tem alguns caminhos em Criciúma dentro da cidade que a senhora gosta de fazer, percorrer?
I: Olha! Eu gosto de ir até a gruta. Adoro de ir até a gruta. Eu gosto muito de caminhar no centro da cidade.

T: Por quê?
I: Sei lá, eu gosto de ver as coisas boas, bonitas né, Bastante dinheiro no bolso. Mas isso, a gente não tem.

T: Dona Ilda, quando a senhora sai, vai a outro lugar e volta pra casa, o que sente quando está voltando? Em que altura do caminho a senhora tem vontade de dizer: estou chegando no bairro, estou chegando em casa!
I: Ah! é quando eu estou dentro do ônibus.

T: O ônibus que vem pra cá? Aquele ônibus azul, que diz "Renascer"?
I: Isso, é o ônibus quando vem pra cá, eu me sinto, a graças a Deus eu estou chegando em casa.

T: Como é o seu contato com seus vizinhos aqui?
I: Olha, muito bem.

T: É?
I: Eu não tenho vizinho aqui, principalmente dum lado, dos dois lados né. Porque, inclusive eles ficaram de mau comigo porque eu pintei a minha casa.

T: Ofenderam-se?
I: Inveja. Essa aqui foi à mesma coisa, o dia que eu fiz o muro, ela não fala comigo até hoje, essa aqui faiz dois anos que está aqui também não fala comigo porque só questão de inveja, nunca fiz mal pra vizinho nenhum não. Mais os outros eu me dou bem.

T: Tem alguma história de vizinho pra contá além desse, que ficou tudo cheio de pregos?
I: Não, acho que não, mais é não acho que não, história de vizinho até é boa.

T: Tem alguma história para contar?
I: História engraçada não, só quando elas apanham né, que daí a gente fica...

T: Quem apanha?
I: Aqui tem uma que bate no marido de vez em quando.

T: Ah! bate no marido.
I: Aqui tem uma que deixou o marido sem calção uma vez e deu uma surra nele também, saiu de faca atrais dele e é assim.

T: Onde a senhora nasceu?
I: Eu nasci em Caputera, município de Laguna.

T: Veio com nove meses pra Criciúma.
I: Sim.

T: Criou-se na Mina Brasil. Como era esse lugar? Que lembranças à senhora têm de lá?

I: Ai, Mina Brasil era um matagal, era , sei lá. era só morro né. o dia que, na Mina Brasil eu tenho história triste. Porque nóis fomos pra li tudo pequenininho e uma veiz deu um temporal aquela estrada ali, desceu o barranco a nossa casa aterrou tudo, aterrou nossa casa, roupa, nóis ficamos sem nada. O dia que a minha mãe morreu também o que me ajudou foi o seu. ali da Padaria Brasil, ajudaro nóis, porque nóis tava tudo doente o dia que a minha mãe faleceu, minha mãe faleceu, tava com neném, ela engravidou, teve sete meses grávida né e depois ela deu a varíola e ela morreu e o neném morreu também. inclusive o meu pai estava com varíola, nóis tava tudo doente mesmo, tudo mesmo e nóis ganhamo ajuda de muita gente lá na Mina Brasil, todo mundo ajudavo nóis, todo mundo que conhece nóis de lá, adoro nóis, porque minha mãe foi um bom vizinho, uma boa vizinha lá, meu pai todo mundo gostava lá, e nóis lá da Mina Brasil nóis só temo coisa boa pra informa porque tem história triste mais também tem coisa muito boa.

T: A lembra de alguma travessura de criança? Alguma brincadeira que a senhora fazia lá, quando criança?
I: Ah! Eu lembro. Eu gostava muito de roda sabe. aquela roda assim.

T: Banbolê?
I: Não, pega uma no braço da outra e rodá né. E eu quebrei o meu braço, eu tenho braço torto até hoje. Ai meu pai deu uma surra em mim assim mesmo com o braço quebrado, porque eu quebrei o braço da outra menina também.

T: Rodopiando forte?
I: Foi, foi uma brincadeira estúpida né, mais é brincadeira de criança né, e mais daquela vez nóis nunca mais fizemo burrice.

T: Oh! A senhora, eram em muitos irmãos?
I: 12 irmãos.

T: 12 irmãos?
I: 12 irmãos.

T: E como assim é que se criavam? Leite pra toda essa gente ai, quando eram bebê, como é que era?
I: Olha! Na nossa época que nóis viemo pra li, nóis era tudo piquinininho então tinha o seu falecido Magnanhim, não sei se a senhora lembra, falecido Magnanhim, a Dona Ilta, seu Toni Martinelo que eles tinham vacas a Dona Geraldinha então todos eles davam pra nóis.

T: A mãe amamentava?
I: Sim. Minha mãe amamento todos, só que ela era muito fraquinha.

T: Todos, inclusive a senhora?
I: É, eu fui amamentada. Sim só não lembro né, mais ela que contava né, que eles amamentava nóis né.

T: Como era sua família quando era criança, como é que viviam assim, como é que se tratavam.
I: Não, nóis era em 12 filhos mais tudo escrito bem, nóis vivia muito bem, as irmandade quando eram nova se davam muito bem, agora não se enquadram muito não, as irmandade são tudo uma longe da outra então se uma tá doente a outra não se preocupa muito e é assim.

T: Sua mãe ainda é viva?
I: Não.

T: Que lembranças que a senhora tem dela? Conte a história da sua mãe.
I: Ah! Eu tenho uma lembrança da minha mãe, minha mãe foi uma pessoa muito pobre, uma pessoa que lutou muito, nóis passava com um ovo, ela dava pros12 filhos, ela repartia, às vezes não tinha comida pra nóis como ela dava banana com farinha de mandioca que os vizinho dava, então nóis já era sustentado assim. Mais graças a Deus temo tudo vivo ela que morreu, 1º do que nóis, que ela morreu com neném.

T: Que idade ela morreu, a senhora lembra?
I: 39 anos.

T: 39?
I: É, era o 13º filho que ela ia tê.

T: Morreu de parto?
I: Sim, ela morreu na hora do parto.

T: Morreu no hospital ou em casa?
I: Não, no hospital São José.

T: A senhora viajou, passeou em muitos lugares, já falou que Florianópolis lhe traz lembranças, mais tem mais alguma outra cidade, algum outro bairro que a senhora morou que lhe deixou saudade?
I: Balneário Camboriú.

T: Por quê?
I: Eu morei lá, e eu me sentia muito bem lá, e foi o lugar que eu me senti muito bem, foi Florianópolis e Balneário Camboriú, Itajaí também foi uma cidade que eu gostei.

T: Morou lá também?
I: Morei.

T: Vamo numa hipótese, numa idéia. Se a senhora não morasse aqui no Renascer, que é o bairro de Criciúma que a senhora gostaria de morar?
I: Pinheirinho.

T: Pinheirinho? Por quê?

I: Sei lá, eu gosto de lá. também, eu acho sei lá, um bairro tão delicado tão bom pra morar. Eu já morei ali também. Quando eu sai da Santa Augusta eu fui morar ali, e os vizinhos também me ajudavam bastante ali.

T: Como que a senhora gostaria que fosse a sua casa?
I: Olha, eu acho que a minha casa eu gostaria que ela fosse como ela é. Porque eu gostaria de ter uma garagem graças a Deus eu tenho, eu gostaria quando era assim eu não tinha nada, eu sempre sonhava em te uma casa assim com a garagem pra lota uma rede pra mim balança, pra mim descansa, uma área de serviço graças a Deus eu consegui tudo com muito esforço com muito suor.

T: Como que a senhora gostaria que o seu bairro fosse?
I: Olha, eu gostaria que o meu bairro fosse melhor, o meu bairro é um bairro bom mais é, tem muita gente ruim ainda aqui ainda. Eu gostaria que fosse um bairro melhor que saísse essa ruindade toda daqui voltasse um pouco de coisa boa, mais tudo quanto é lugar é sempre tem suas coisas ruins e coisas boas né?

T: Como que a senhora veio morar nesse bairro?
I: Olha, eu vim morar nesse bairro por intermédio do Prefeito que me deu esse terreno me deu essa casinha.

T: Como que a senhora soube que ele estava dando?
I: Ah! Eu já estava fazendo inscrição a muitos anos né.

T: Na Prefeitura?
I: Sim. Eu estava grávida do meu menino. Meu menino está com 15 anos tu vê, vai faze 16 eu tava grávida dele eu já tava fazendo inscrição eu tinha feito seis bairros e não consegui, ai eu fui lá na prefeitura com a barriga bem grande quase ganhando ele ai elas dissero, não nóis vamos da iá no bairro Renascer pra senhora, a senhora não se preocupe porque a preferência é pras mulheres sozinhas, e que tem filhos, aí foi aonde eles me deram aqui e eu aqui estou e me sinto bem aqui, eu gosto daqui apesar desses dois vizinhos que moram aqui mais eu não...

T: Voltando a história da sua infância, quando a senhora era criança, tinha sonhos né, todo mundo tem sonhos né. O que é que a senhora sonhava da vida, quando era criança?
I: Olha, esperava da vida de se, de se, estuda né, de nunca, ter filho, que queria ter filho, solteira mesmo sem marido eu queria ter filho e graças a Deus, Deus me deu os 3 que eu queria. E mais eu queria estuda, porque eu queria dar bastante coisas pra eles e eu não pude né, porque fui uma pessoa pobre não tive infância pra dize, logo eu já me juntei com a pessoa errada né, que não era solteiro, tive três filhos, graças, tive dois depois eu tive o segundo marido, que era maravilhoso pra mim também, mais também não fui casada né, e mais eu me sinto feliz com meus três filhos.

T: Aqui na sua casa qual é a peça da casa que a senhora gosta mais de ficar?
I: Ah! No meu quarto.

T: Por quê?
I: Porque lá eu me deito, me sinto bem. Não lá no outro porque aqui é o da menina né. Então eu me sinto bem no meu quarto.

T: Dona Ilda eu queria que a senhora me dissesse de coração o que significa essa palavra para a sra. : natureza. O que que é natureza para senhora?
I: Natureza eu acho que é. O que que eu vô dize que é natureza. Olha, quando tu vê uma criança nasce né, tu já vê que é uma coisa da vida, uma natureza né, então ali eu acho bonito, eu me sinto bem ta, então eu é isso ai acho que deve ser.

T: E meio ambiente, já ouviu falar disso?
I: Já, já ouvi falar.

T: O que que é meio ambiente para senhora?
I: É meio ambiente eu acho que é essas árvores que estão arrancando agora né. Que ta tirando tudo o que é de bom pra nóis né, inclusive esse calor essas coisas dando aí, isso ai é tudo da natureza né, que tão arrancando essas árvores, essas coisas aí que não tão deixando nóis nem com um p é de árvores plantado. Então eu disse eles vão arrancando lá, e eu vou planta tudo na frente da minha casa.

T: Mais, quem está arrancando?
I: É o pessoal né. Tão cortando, fazendo madeira, e essas.

T: Tem outra palavra também que eu acho que a senhora já ouviu. Espaço. O que que é espaço para a senhora?
I: Espaço é um lugar eu acho onde pode caminha né, eu acho que é assim né. O lugar onde tu pode caminha, um ambiente onde tu te sente bem, eu acho que deve ser isso ai.

T: Nós estamos falando de espaço?
I: É, no espaço, mais eu acabei o espaço.

T: Então eu vou perguntar uma coisa para senhora. Felicidade para Dona Ilda, o que é?
I: Ah! Felicidade é uma coisa boa, quando a gente ta com os filhos tudo do lado da gente, quando a gente está com a família tudo com saúde. Eu acho que não existe felicidade melhor. Quando a gente vê que está tudo bem né. A família, até o pessoal né, vizinho. Quando agente ta no bairro que hoje tão tudo bem graças a Deus, tudo com saúde, não tem ninguém com fome, não tem ninguém doente, então acho que isso ai é uma felicidade pra gente.

T: E saúde, o que é para a senhora?
I: Oh! Saúde, é a coisa mais importante do mundo né, principalmente eu. De veiz enquando to atacada lá no pronto socorro. Saúde é quando a gente ta tudo bem em casa, quando né, os filhos estão tudo bem, quando isso aí é.

T: Agora eu quero pedir à senhora o favor de desenhar aqui neste papel o bairro e a sua casa. Que desenhasse o bairro e os lugares especiais do bairro. A senhora já até me citou alguns deles. Vamos tentar?
I: Eu que tenho que fazer isso?

T: É, a senhora.
I: Não pode ser o meu filho?

T: Não. A senhora que está conversando comigo.
I: Ai, Jesus.

T: Hã.
I: Ó Rafael vem cá pra desenhá!

T: Não, não, não pode, gostaria que a sra. desenhasse.
I: Como é que eu vou fazer isso aí?

T: Vamos tentar? Dona Ilda desenhou a casa, agora vai descrevê-la.
I: Aqui é o meu quarto, aqui é o banheiro, aqui é o quarto de Edinete, do Rafael e aqui é a cozinha né. Tudo piquinininho mais, de coração grande. Ta, aqui tem outro banheiro. Agora a área de serviço onde é que eu vô faze. Faze aqui em baixo. Aqui é a garagem.

T: Tem carro? Alguém tem carro?
I: Não, não. Ninguém tem carro só tem garagem. Aqui é a garagem. Aqui é uma rede pra mim balançá. Aqui eu vô botá o gancho. Esse gancho, eu fiz atravessando, mais não faiz mau. Pronto, eu acho que é mais ou menos assim.

T: Então como se vê, a casa tem vários quartos, tem o quarto da Dona Ilda com uma suíte. Tem uma garagem que ela transformou em uma varanda. Põe uma rede para se balançar. A senhora disse que gosta muito de ficar no quarto?
I: Gosto.

T: Pelo jeito a senhora gosta de ficar na varanda também, não é?
I: Não, gostaria sim. Eu adoro ficá na minha varanda me balançando na rede e dormindo o meu soninho da tarde. E ouvindo o que os outros falam quando passam na estrada.

T: Pois é, estávamos comentando ainda há pouco que tínhamos que virar a fita. Dona Ilda construiu a casa com as mãos dela ajudando os pedreiro, ela ganhou o terreno da Prefeitura o material de construção também, fez a casa em mutirão, inclusive o filhinho dela era bem pequeno, ela disse que comprou um carrinho de mão que o filho carregava areia. Mudou a cor da casa. É muito bonita, pintada e com piso cerâmico, cerca de grade de ferro, tudo mobiliada, tudo direitinho. Há pouco comentava que vejo uma bruxinha se balançando lá no quarto da filha dela. Uma TV de 25 pelegadas, aparelho de som, mais uma TV no quarto né, ela gosta da casa dela, ela gosta de ficar no quarto dela e também na varanda que tem rede. É uma casa agradável com jardim.
Dona Ilda, agradeço muito sua atenção.
I: Muito obrigado, foi um prazer.

T: O prazer foi meu. Obrigada.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – UFPR

Entrevista

História de Vida IX – Lisandra

Curitiba, 2002

Curitiba

1ª Entrevista
1ª Fita/K Data: 12/01/2001

Laboratório: Doutorado

Ficha Técnica:
Entrevistado: Lisandra
Entrevistador: Teresinha Maria Gonçalves

Local de Gravação:
Bairro: Renascer – residência da entrevistada
Cidade: Criciúma

Equipamento:
01 Microcassette Recorder
Marca: Panasonic FP (Fast PlayBack) 2- SPEED
1ª FK MC- 60'

Transcrição e digitação:
Patrícia Elaine Medeiros

Revisão:
Teresinha Maria Gonçalves

HISTÓRIA DE VIDA IX – LISANDRA

Nome: Lisandra

Local de Nascimento: Km 37 – Laguna-SC

Estado Civil: Viúva

Profissão: do lar

Proveniente: do meio rural

ENTREVISTA

T: **Dona Lisanda, eu gostaria que a senhora falasse tudo que a senhora quiser, sobre a sua vida, desde onde nasceu, onde morou antes de vir para cá, o que fez na vida, como é viver aqui no bairro?**
A entrevista é sobre a vida das pessoas no bairro, o que fazem, o que pensam, o que sentem, tudo que a senhora me falar é importante, me interessa, temos bastante tempo, tome todo o tempo que desejar.
L: Eu morei no 37, a vida foi muito de lutar. trabalhei demais né, criei quatro filho que tão tudo ai, tão vivendo bem, tudo aqui pertinho e muito bom pros filho que se de muito bem, é do pessoal do bairro daqui gosta muito deles né, não tenho nada o que dizer né, moro bem ai confortado com meus vizinho si demo muito bem, eles morando ai com nóis perto de nóis i meu vizinho como diz o ditado eu saio quando eles querem servi alguma coisa quando perciso e só si demo muito bem com o pessoal do bairro Renascer, agora to ficando mais contente porque ta saindo uma igreja também né, to muito contente, muito feliz, só que eu sinto muito é as doença é minha doença toda vida né, mas com isso ainda sou conformada. E o que é que tem pra falá mais?

T: Disse km 37 lá perto de laranjeiras?
L: É Laranjeiras, morava lá.

T: A senhora é de beira de mar?
L: É de beira de mar, mi criei lá e vim pra cá né, aqui já estou uns nove pra 10 anos né, aqui morava uma filha comigo, mas ela caso, deixo a casa pra mim e foi morar com o esposo dela na Içara.

T: A senhora pode falar mais se a senhora quiser .
L: Pois agora, pois é agora que fala mais. Filho precisa botá não né? Filho que eu tenho perto ai mesmo é o Antônio, tenho quatro filho, três filha mulher e um homem, mas cada um na sua casa eles tivero estudo, tivero bem assim trabalho né, tão indo bem né, não me incomodo pra nada, é só o que eu tenho vontade é pra isso ai né, meus filho são muito bem educado pra mim, não tenho nada o que fala não acho que é só né, ou mais?

T: Iniciamos agora a entrevista focalizada com a Dona Laura, eu faço as perguntas e ela responde.
Dona Lisandra, quanto tempo a senhora mora no bairro?
L: Aqui vai fazê uns nove anos pra 10 anos, 10 anos.

T: Dona Laura eu queria que a senhora me respondesse bem sinceramente com seu coração. Como quando a senhora ouve o nome do bairro, quando se fala Renascer ou Mina Quatro, o que que vem na cabeça da senhora?
L: Eu acho que eu tenho pra falar penso, bem, né, porque eles não me fazem mal, pra ninguém né, a gente ainda não sente né que qui vai fazer.

T: A senhora gosta do bairro?
L: Gosto, gosto do bairro gosto do vizinho né, são umas boa pessoa é.

T: Nesse, todo lugar assim, bairro, cidade tem uns lugares especiais que a gente gosta de ir. Aqui no bairro quais os lugares que são especiais para a senhora?
L: Eu gosto mais assim né ali na aqui, na igreja deles ali na nossa é no centro né, que eu vou na missa toda quarta feira, quase toda vida sempre.

T: Que igreja, a senhora vai?
L: Do centro.

T: Qual delas, a catedral?
L: É vou sempre ali.

T: Vai com freqüência?
L: Muito custosa a quarta feira que eu não vou, gosto de i, mesmo.

T: Como é que era o bairro antes, quando a senhora chegou aqui e como que é hoje?
L: Eu já to achando que aqui é mais aumentado agora né, já asfartaro já, ta tudo prontinho né, aqui nossa, nossa rua muito boa.

T: Quando a senhora chegou aqui como é que era?
L: É era estrada de chão, não tinha nada de afarto. Agora já asfartaro tudo né, não tenho o qui fala do lugar.

T: Quais os caminhos que a senhora gosta de fazer aqui no bairro? A senhora vai da onde para onde?
L: Que eu trilho mais é na minha filha a que eu tinha mais né, qui ela trabalha né, ai custa de vim aqui, ai sempre to trilhando ali pra baixo pra minha filha eu tenho três os três que moro aqui né, ai trilho mais um poco né, ando mais um poco pra perna né pra anda.

T: Que idade a senhora tem?
L: Eu to com 67, eu fiz dia 10 de dezembro.

T: Está firme ainda...
Se a senhora não morasse no Renascer qual bairro que a senhora gostaria de morar em Criciúma?
L: Agora qualé que eu gostaria, eu todo lugar pra mim é bom né.

T: Se a senhora não morasse aqui, qual bairro de Criciúma que a senhora gostaria de morar?
L: E agora!

T: Conhece Criciúma?
L: Conheço até Santo Antônio, lá eu conheço que eu tenho parente la, sobrinha mora lá.

T: A senhora morava antes aonde?
L: Assim antes de vim pra qui?

T: Não, antes de morar aqui no Renascer morava aonde?
L: Eu vim e morei uns tempos ali na Mina Naspoline na casa de uma cunhada minha, minha filha alugo ali.

T: Km 37?
L: Sim. Morei uns tempos ali.

T: Então a senhora não conhece bem Criciúma não é?
L: Agora que dizer que eu já to conhecendo mais, porque a gente né, mais não bem, bem mais já conheço Pinheirinho por lá.

T: Ah! Então já conhece um pouco. Se a senhora não morasse aqui em qual bairro de Criciúma que gostaria de morar?
L: Ah! Se eu fosse morar mesmo seria no Santo Antônio.

T: Ah! No bairro Santo Antônio, por quê?
L: Acho melhor também né.

T: Melhor por quê?
L: Melhor porque lá já tem meus sobrinho, já tem tudo lá né, mas melhor mesmo para morar mesmo e aqui acho que eu vou sai quando morrer.

T: Quando a senhora vai em Criciúma, além de ir na igreja da Catedral de São José a senhora vai em outros lugares ?
L: Eu vou assim nas lojas né, dar umas espiadas né, assim pra passear.

T: Então quais os lugares que a senhora mais gosta de Criciúma?
L: Eu acho que pra mim tinha que sê todos né ou não?

T: Mas que a senhora gosta de ir?
L: Ah! Ir ali no centro dá uma vortiada, pra lá um passeio por ali para repará comué que tá as lojas tudo ali né.

T: Sente-se bem indo lá?
L: Sinto muito bem.

T: E aqui qual é o espaço do bairro que a senhora se sente bem além da sua casa?
L: Bem mesmo, é não tem aonde, porque quase não saio mesmo né, gosto de sai assim quando assim, quando uma pessoa percisa de mim, aí é que eu saio né, ai eu não sou mulhé de anda na casa dos outros não.

T: Seu contato com os vizinhos a senhora falo que é bom. Tem alguma história de vizinho, história engraçada, história para contar?
L: Não, não tenho.

T: A senhora nasceu la em 37 mesmo?
L: Nasci.

T: Como que era sua infância lá no km 37, conta para mim. O que a senhora fazia quando era criança.
L: Ah! Era muito artera, fazia arte. Me queimei já, seis anus fui faze fogo, faze café pro meu pai, pra minha mãe, eles tavo na rosa, ai agarrei, trepei em cima do fogão pra fazê fogo quando em aprecatei mi queimei tudo né, sufri uns 6 meses na cama com esse meu braço queimado, mas não é porque eu era artera é porque eu fui fazê café né.

T: Mas, além dessa história que é triste a senhora tem alguma outra história de criança para contar?
L: Criança, não tenho.

T: A senhora brincava?
L: Brincava. Como brincava de boneca, brincava é.

T: Sua família era grande, pequena?
L: Minha família era grande.

T: Quantos?
L: Mais ou menos era uns 12.

T: 12 irmãos?
L: Por parte de pai né, eu tenho três, tenho cinco irmãos.

T: O pai ficou viúvo?
L: E o pai ficou viúvo, casou com três mulhé.

T: Três mulheres?
L: Mas, morreu e nunca teve separação né, nunca tive aquela tristeza com ele, minha mãe morreu de parto ai casou outra vez depois casou outra vez e morreu.

T: Como era a relação com sua mãe e sua madrasta?
L: Ah! Nóis se dava muito bem.

T: Com a madrasta?
L: Com a madrasta, até hoje eu tenho pesar dela morrer, tenho porque ela me zelava muito bem, eu era muito duente e ela me tratava muito bem.

T: Que idade a senhora tinha quando sua mãe morreu?
L: Eu tava com quatro anos, ainda me lembro.

T: Ela que a criou?
L: Foi, ela que me criou.

T: Quando ela morreu a senhora tinha que idade?

L: A minha madrasta? Eu estava com uns 35 anos. Ela que mi criou até hoje, eu tenho pesar dela. porque nóis sí dava muito bem né, nunca ela brigou com nóis por causa de irmão nada, i nóis se dava muito bem mesmo.

T: Com essa criançada toda, tinha vaca de leite?
L: Ah! Assim nu começo nóis tinha meu pai na primeira, meu pai não mi lembro mesmo,mais meu pai tinha o que ultimo meu irmão faz, o que uns três anos que morreu, parte de pai né, mais velho: nóis tava assim, nóis tava assim nóis si dava toda vida, não era a gente que si brigava né, porque tem família que si brigo por causa do ciúme de intiado, e nóis não, mesmo nóis tinha muito respeito nela porque ela zelava muito nóis, ai morreu.

T: A sua mãe amamentou as crianças ou foi com mamadeira?
L: Ah! Era ela amamentava mamadeira né, e maminha e tudo.

T: A senhora foi amamentada?
L: Eu acho que sim.

T: A senhora acha.
L: Eu acho não, eu mamei porque ela dizia assim, a quando nóis tudo vocêis si criaro tudo na maminha a intão ta bom né é mais i.

T: E com sua madrasta, como foi? Ela foi também sua mãe. A sua infância como foi?
L: Foi bom brincava, brincava com eles tudo né e ela veio, ela cuido muito de nóis né.

T: Além dessa história que se queimou, tem alguma outra história da sua infância? A gente sempre tem história não é?
L: Não, história não, era uma irmã que era parte de pai né, que sempre gostava de estar me biliscando né, ai eu disse não né, aí não minha filha, não, vocês são tudo filho de Deis é.

T: A senhora veio morar aqui por que? Quem indicou para senhora? Como a senhora soube desse bairro?
L: Ah! Nóis indiquemo por causa da minha filha, trabalhava de secretária a Tereza né, que tava comigo ai, ela era mãe solteira né, ai agora tava trabalhando na PPM, um cara que indico a casa para ela compra né, ai ela compro ai dispois ela aumento né, quando ela tava aumentando a casa ai dispois ela caso o marido dela, termino de fazê né, meus genro são querido né, muito boa pessoa.

T: Dona Lisandra, existe algum lugar numa outra cidade ou em Criciúma, que a sinhora morou e que lhe deixou saudades?
L: Deixei lá na Mina Naspolini.

T: Que saudades a senhora tem de lá?

L: Ah! Saudade deles lá, que é uma família muito boa, não tenho o que fala deles né, ai dispois elas querio vim pra cá a gente veio né, mais eu também gosto daqui, o pessoal falo muito do lugar mais.

T: A senhora é uma pessoa muito ligada ás pessoas eu estou percebendo , muito afetiva.
L: Ah! Eu não tenho nada assim a, mãe que engraçado só, chega ali é eu quando cheguei aqui a minha filha morava, nóis moremo aqui sozinha e eu quando cheguei aqui tinha cinco lavação, pra ajuda minha filha. Dispois elas não quisero qui eu lavasse mais porque só uma mulhé duente né, uso aparelho né, não posso ta fazendo quase mais nada só faço meu serviço da casa não gosto qui, gosto de faze tudo sozinha.

T: A senhora é viúva?
L: Sô.

T: Há quanto tempo?
L: Há uns nove anos pra 10.

T: Quando a sinhora era criança a senhora tinha algum sonho? Sempre tinha sonho quando era criança.
L: Ah! Tinha assim um sonhinho abobado de...

T: Sonho de quê?
L: Assim que a gente nomorar essas coisa assim, ai a mães namora pra que né, pra que né, eu assim pra minha irmã, ela assim a Laura mais é tão bom ela já era grande nem e digo qui bão o que rapariga é melhor ficar sozinha, solteirona eu sempre dizia assim né, ela intão eu quero ver se tu vai ficar sorteirona.

T: E daí, quando cresceu namorou porque casou não foi?
L: Casei né.

T: Gostava de namorar?
L: Gostava, mais depois quando casemo, inferno.

T: Separam?
L: Separemo, separei mais por pouco tempo né, ai dispois, nóis ai vei, ai nóis viemo pra cá minha, trucero ele pra morre aqui.

T: Dona Lisandra a senhora tem TV? Dona Lisandra, a senhora escuta na TV, essa palavra: natureza, todo mundo fala em natureza, que é isso? Que que lhe vem na cabeça quando ouve falar em natureza?
L: Natureza é pra pessoa si da bem né, eu acho que sim é da muitos conselhos pra muitas pessoas pra não fuma, essas coisarada que ta ouvindo ai né, como eu digo pro meu filho, primeiro de ano ainda tem aqui nóis sentamo aqui conversei, meu filho é assim, asism, assim meu filho, ai ele assim é memo né, mãe uma coisa tão incrível né, como a gente veja na televisão, tão batendo né a senhora não acha que o filho tão batendo, tão judiando, a mãe sofreu tanto tempo pra

botar um filho no mundo nove meis né, e dispois vem aquilo ali, é uma judiaria a senhora não acha?

T: E meio ambiente, o que é para senhora meio ambiente?
L: Agora, meio ambiente?

T: Meio ambiente, já ouviu falar nisso né? Meio ambiente, já ouviu falar nisso?
L: Já?

T: O que vem à sua cabeça quando ouve essa palavra meio ambiente?
L: Pois i agora!

T: Espaço o que que é espaço?
L: Espaço é que a gente anda numa distância longe não é?

T: Uma coisa grande?
L: Uma coisa grande, é isso ai. Uma casa grande que tem bastante espaço pra andar.

T: E cidade, o que é cidade para senhora?
L: Uma cidade é um, um centro né, que a gente vai e começa andá.

T: E felicidade para Dona Lisandra, o que é?
L: Ah! Eu tanto faz ser triste como não, é felicidade.

T: A senhora está triste e está feliz, não entendi.
L: Tem hora que tô triste, mais ai a gente ainda um pouquinho para aparecer mais feliz né.

T: Andar, para senhora é felicidade?
L: É, esticar os dedo né pra anda né.

T: Andar ou passear?
L: Pra passeá né.

T: Passar lá vendo as lojas bonitas de Criciúma. Dona Lisandra, a senhora gostaria que eu tivesse perguntado alguma coisa que não perguntei?
L: Eu acho qui eu não disse uma coisa.

T: O que a senhora quer falar?
L: A senhora veja o que da na sua idéia pode conversá, pode falá.

T: A sra. quer que eu pergunte? Para mim eu já perguntei tudo.
Esqueci alguma coisa?
L: Não, não esqueceu.

T: A senhora queria falar alguma coisa que não falou?
L: Não eu acho que já se conhecemo né.

T: Então agora a senhora concorda em fazer um pequeno desenho do bairro e da sua casa?
L: O que que a senhora queria que eu concordasse?

T: Eu queria que a senhora desenhasse para mim essa o bairro Renascer e a sua casa.
L: Está bem

T: Dona Lisandra fez os desenhos.
Conta-me de tantas mudanças que a senhora fez.
L: Ah! Eu fiz lá pra Laranjeiras, la do Km 37 para Laranjeiras dois Barreiro, do 37 pro Barreiro e do Barreiro vim pra Criciúma né.

T: Já era casada ou fez quando morava com o pai?
L: Era casada.

T: Quando morou com o pai, morou sempre no mesmo lugar?
L: Só.

T: Por hoje é só, muito obrigada pela sua atenção. Voltaremos a nos encontrar.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – UFPR

Entrevista

História de Vida X – Paulo

Curitiba, 2002

Curitiba **Entrevista**

1ª Fita/K **Data: 26/12/2001**

Laboratório: Doutorado

Ficha Técnica:
Entrevistado: Paulo
Entrevistador: Teresinha Maria Gonçalves

Local de Gravação:
Bairro: Renascer – na residência do morador
Cidade: Criciúma

Equipamento:
01 Microcassette Recorder
Marca: Panasonic FP (Fast PlayBack) 2- SPEED
1ª FK MC- 60'

Transcrição e digitação:
Patrícia Elaine Medeiros

Revisão:
Teresinha Maria Gonçalves

HISTÓRIA DE VIDA X – PAULO

Nome: Paulo

Local de Nascimento: Jaguaruna-SC

Idade: 60 anos

Escolaridade: Alfabetizado

Estado Civil: Casado

Profissão: Catador de papel

Tempo que mora no bairro: 8 anos

Outros lugares onde morou fora de Criciúma: Araranguá, Siderópolis, Jaguaruna – Santa Catarina.

Proveniente: do meio rural

ENTREVISTA

T: Seu paulo, gostaria que o senhor falasse tudo o que o senhor quiser sobre sua vida. Desde quando o sr. nasceu, onde morou antes de vir para o Renascer. A entrevista é sobre a vida das pessoas no bairro;o que fazem, o que pensam, o que sentem. Tudo o que o sr. quiser falar me interessa muito. Temos todo o tempo que o sr. desejar. A entrevista é segredo.
P: Aqui, minha vida quando começo tava bom, agora arruinou-se porque eu fiquei duente, fui pro hospital, pro hospital fui operado, me deu enfarto do coração, desde o começo quando eu vim pra qui, mi quebraro a casa, quebraro os documentos tudo agora pra faze os documento, fiz a profissional, ai fico duente, as vezes vo eu sai, vou buscar papel, já caio na estrada os outros que me socorre, a minha vida aqui é doente toda a vida é uma coisa e outra. Quero i pra frente mais não dá na minha força não da mais, tem hora que eu não posso dormi, tem hora qui, outra hora não posso dormi, eu ando porque sou obrigado a anda, porque sou o homem da casa é obrigado né, é tão necessário é isso e no mais, nu mais é eu é ela é a guria, a mulhe ali a menina que dessa vez foi levado no médico, quase morto, já febre, pressão ai ele ta caindo ai também e nois não temo socorro não temo socorro, quando eu preciso de socorro aqui não adianta. Tô com problema na perna. Agora querem cortá, mais eu não quero. prefiro morrê.
Tem tempo que nóis passemo mal, nóis passemo mal, aqui dentro de casa porque não tinha o que comer, porque o papel não dá no coro não, a gente é obrigado, porque tem a luz e a água né, pra pagar i agora si não paga a gente quase que sem água, e o mais que eu tenho que fala o bairro aqui esta casa vez mais. Tem força de maconhero é isso é aquilo, ladrão bandido, isso ai tem de montão né, já fui muito agredido, muito agredido aqui em casa eu e a mulher ali, mais vai si levando a vida devagarinho.

T: Agredido?
P: É, já fomo agredidos aqui já, então agora melhoro mais um pouco ninguém incomodo mais, a gente não incomoda ninguém mesmo, taí a mulher caida ai, ta o filho caido i eu ainda por enquanto to firmando por um lado e por outro sacrificando pra pode trazer o mantimento pra dentro di casa e a minha vida é essa minha vida, tem essa perna que deu trombose e foi operado, tem hora, que como daqui a li eu caminho, não da mais sô obrigado a para vô fazê um serviço caio na estrada, intonto que dinheiro pra compra remédio nóis não temo e assim a gente vai passando, tava com vontade de conta para senhora era isso.

T: E o carvão? O rejeito do carvão com é que é aqui?
P: Do quale o carvão?

T: Do preto que tem ai.
P: A esse ai é carvão da mina é isso ai queima, quando o sol esquenta ai ninguém pode anda i no mais eu acho que mais ou menos é o que tá fazendo mal

a gente aqui é o carvão porque o chero do carvão né. aquilo então é isso porque não é nada e pode ser.
T: É só o cheiro que faz mal?
P: É assim é, dispois aqui é assim morre um cachorro o morre isso e aquilo eles jogam ali ó. jogam ali na estrada, fica num nojo, uma catinga do diacho isso, tinha que tomar um providência por causa, providência tinha que toma por causa dessa multidão de cachorro eu sempre digo, vez de leva lá pro lixão, la pra queles canto lá, não jogo aqui, ninguém pode mais suporta esses dias um velhinho é porque eu não sei o que, a porque mataro um cachorro e botaro ai, outro dia passou um aqui com um cachorro na coisa morto ai a mulhe mando que jogasse pra lá, isso ai é uma poluição é uma nojeira. Tem dia que você não pode para aqui dentro da caatinga de nojo né, então às vezes ainda aprende, não quero, querem assim i né mais era só isso.

T: E aquela história da queimadura da criança?
P: Há! Da história da queimadura, esse carvão aí tem de tomar uma providença. O meu menino foi queimado lá embaixo. Saiu brincando daqui a pouco, tava mais o sobrinho sabe, o ex-primo foram pra lá foram lá brincá naquela pedra vegetal, pedra femo, aquilo queima mesmo. Jogaro lá ninguém tava sabendo foi quando viero dizê: o menino tá todo queimado, todo queimado. Logo que fez um mês, queimô uma menina lá também. Eu não sei de quem é essa menina.

T: Queimou?
P: Queimo a menina também. Queimo a menina, aqui também, agora terminou, agora terminou porque, foi uma menina e uma mulhe, ai o fiscal da higiênica teve aqui ele vai la tomar providencia também, não botaro mais, só estavam botando.

T: Botando o quê?
P: Pedra vegetal.

T: Que barulho é esse?
P: É o trem.

T: Trem?
P: É.

T: Passa trem aqui?
P: Passa.

T: Vem com o quê?
P: Vem com vagão de carga de carvão.
Barulho, muito barulho que tem noite que nem da pra dormi, toda hora, toda hora, toda hora, pra cima e pra baixo, cima e pra baixo.

T: Nesse momento, o trem passa carregado de carvão em direção a termelétrica de Capivarí.

P: E no mais foram aprendido eles ai né, ai não botaro mais, os fiscal da higiene tivero mais né levado la eu levei la ai Foram na cerâmica então proibiro ai não trouxero mais agora não vi mais queimadura.
T: A esposa do seu Pedro se refere que o menino foi queimado no rejeito e carvão ninguém indenizo ninguém pago nada.
P: Então isso ai é o cúmulo mesmo isso ai é o cumulo agora.

T: Saiu a pele?
P: Saiu, saiu o ouro .

T: Da perna?
P: Começou a queimá dali, foi até la em cima, fico 18 dias no hospital.

T: A criança esteve oito dias na UTI?
P: Então o que eu tenho pra dizê pra senhora é isso. Sofrimento que eu passo ai é só isso.

T: O dia de trabalho do senhor, o senhor sai cedo, porque eu cheguei aqui eram oito e cinqüenta e o senhor tinha saído, como foi o seu dia de trabalho hoje por exemplo?
P: Ah! Por enquanto tava meio ruim por causa que o pessoal, alguma coisa de natal eles não trabalharo então tava ruim de papel, tive que corre de um lado pra outro de um lado pro centro para pode arruma uma carguinha, i até essa tarde eu vou pra Canguru, vê se tá aberto lá pra mim pegá uma carga de papelão lá também né.

T: Canguru é uma Fábrica, não né?
P: É uma fábrica.
É la na Próspera. E depois é só isso né, o meu trabalho é só isso ai. Meu trabalho é catá papel. Outro dia, encontrei esse portão de ferro, é só uma parte, achei bonito. Coloquei aqui na entrada.

T: Seu Paulo, agora vamos trabalhar em outro tipo de entrevista, eu pergunto e o sr. responde concorda?
P: Sim.

T: Há quanto tempo mora no bairro?
P: Oito ano

T: Quais os lugares que o sr. morou entes de vir morar aqui?
P: Morei em Aranranguá, em Jaguaruna onde nasci. Em Araranguá morei trinta ano. Depois em Siderópolis.

T: Desses lugares que o sr, morou quais lhes deixaram saudades?
P: Juaguaruna me deixô saudade porque é terra boa, uma terra de capacidade, não se vê briga, não se vê mau elemento, não se vê nada. Em Araranguá já de vê muita coisa. Siderópolis eu morei e não vi nada. Já na Vila Manaus, em Criciúma,

morei muito tempo também, de três a quatro ano. Lá sim, dava briga por causa desses maconheiro.

T: Sua família era grande?
P: Era mais ou meno, quer dizê, nóis era em seis pessoa, quatro irmão e mais o pai e a mãe. Dava seis.

T: Que idade tem o sr.?
P: Quantos ano? Tô com 60, 65 a 66...

T: O sr. não aparenta ter essa idade.

T: Quando eram crianças, como se criaram?
P: Não tinha nada.

T: Sua mãe amamentava os filhos?
P: Ela amamentava no peito

T: O sr. foi amamentado?
P: Fui amamentado no peito.

T: Muito tempo?
P: Até a idade do apartamento.

T: Com quanto tempo apartava?
P: Mais ou meno sete ano.

T: Como era o bairro antes e o que o sr. acha que mudou?
P: Aqui, por enquanto, não mudou nada. Tem posto de saúde mais não adianta, ninguém atende direito. A pressão da mulhé não tava boa. Foi no posto e tava boa. Não melhorô, foi no médico do CEIC e a pressão tava bem alta.

T: O que é CEIC?
P: É um posto de saúde lá na Próspera.

T: Ah! No Próspera...
P: Já na Boa Vista também tem outro CEIC bem grande.

T: Tem algum lugar aqui no bairro que o sr. gosta?
P: Não, não aqui no bairro, não tem.

T: Em Criciúma?
P: Na Próspera. Eu não saio de casa. Minha saída direta é pra Próspera, é onde eu transito.

T: O sr. gosta de Criciúma, da cidade?
P: Eu gosto.

T: Quais os lugares de Criciúma que o sr. gosta?
P: De Criciúma eu gosto ali do centro, lá...lá no centro, na praça. Ali para a Mina do Toco, aquilo ali é bom, um lugá de saúde. Lá eu não me aperto com falta de dinheiro. Se tô apertado eu empresto dos amigo que tenho lá. Aqui não tenho amigo. É gente que me estima como o Sávio, uma turma aí do Justi, o Albino, todo mundo me estima, porque eu sou uma pessoa educada. Não sou mau elemento. Aqui, pra nóis, o que falta é médico que administre esse posto aí. Porque assim como tá não adianta, não adianta, não adianta. Não falei pra sra. da pressão alta da mulhé?

T: Se o sr. não morasse aqui, onde gostaria de morar?
P: Gostaria de morá no centro, ali perto da rodoviária. Por todo mundo. Alí que é um lugá bom pra morá.

T: Por quê?
P: É um lugá calmo, .Depois a gente vai numas loja daquelas é atendido com carinho. Tem muita loja, todo mundo atende com carinho de deois a gente precisa deles, o negócio do papelão, eles guardam pra gente. Tenho amizade com o pessoal das loja no centro, com o pessoal da Canguru porque é um pessoa que não tem luxo. Tem pessoa dessa que me ajuda, me empresta dinheiro, vem aqui em casa e me tris umas coizinha. Tenho muita amizade aqui da turma. Fui ajudado, não possa dizer que não fui ajudado.

T: Nasceu em Jaguaruna não foi? Viveu lá até que idade?
P: Foi.
Eu, quando sai de lá tinha 12 ano.

T: O sr. tem lembranças desse tempo?
P: É lembrança de brincar nos cômodo de areia da praia, hum! Era bom. Lá é um lugazinho bom de se morá.

T: "cômodo" a que ele se refere, são as dunas de areia da praia. Juaguaruna é uma cidade praiana.
Tinha algum sonho quando era criança?
P: O sonho que eu tinha... o sonho... que eu tinha... era de adquiri o que eu queria.

T: O que o sr. queria?
P: Eu queria um carro, queria aprendê a dirigi, era o meu sonho. E depois eu tinha um sonho de tê um cavalo.

T: O senhor quer falar alguma coisa que eu não tenha perguntado? Assim deixo livre para o senhor falar.
P: Não.

T: Posso tirar um fotografia de seu portão?
P: Pode tirá do que quisé.

T: Então muito obrigada pela sua atencão.
Volto para ler a entrevista com o sr. quando estiver escrita no papel.
P: Tá bom.

T: Boa tarde
P: Boa tarde.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – UFPR

Entrevista

Sebastião Neto Campos

Engº. Químico/Minerador

Curitiba, 2002

Curitiba **Entrevista**
1ª Fita/K **Data: 06/02/2001**

Ficha Técnica:
Entrevistado: Sebastião Neto Campos
Entrevistador: Teresinha Maria Gonçalves

Local de Gravação:
Bairro: Residência do entrevistado
Cidade: Criciúma

Equipamento:
01 Microcassette Recorder
Marca: Panasonic FP (Fast PlayBack) 2- SPEED
1ª FK MC- 60'

Transcrição: Teresinha Maria Gonçalves

Digitação: Patrícia Elaine Medeiros

Revisão: Sebastião Neto Campos

Nome: Sebastião Neto Campos

Idade: 77 anos

Escolaridade: Superior

Profissão: Engº. Químico e Minerador

Local de Nascimento: Mato Grosso do Sul

Residência em Criciúma: 51 anos

ENTREVISTA

T: **Estou na residência do Dr. Sebastião para conversar com ele sobre a história do carvão e sobre Criciúma, hoje 07 de fevereiro de 2001.**
Dr. Sebastião queria que o sr. ficasse muito à vontade para responder as minhas perguntas. O sr. tem todo o tempo que quiser eu não tenho pressa, também dou a garantia, como pesquisadora de uma universidade de que as informações dessa entrevista só serão divulgadas com a sua autorização. Também me comprometo trazer para o senhor a entrevista transcrita para que o sr. faça a devida revisão e aprovação.
S: Primeiro eu vou corrigir, hoje é dia 06/02/2001.

T: A primeira pergunta: dr. Sebastião o sr. é de Criciúma?
S: Eu não sou catarinense eu sou goiano da cidade de Catalão e lá em Catalão. Cursei Engenharia Química em Curitiba e depois fui trabalhar no laboratório de Produção Mineral na Praia Vermelha do Rio de Janeiro. Inicialmente trabalhei em micro análise junto a um judeu **Fritz Feisel** que era a maior assumidade em micro-análise, tinha fugido da guerra e estava lá no Rio de Janeiro no Laboratório da Produção Mineral. E no dia 10/05/1950 eu vim para cá como engenheiro do Departamento Nacional da Produção Mineral.

T: Dr. Sebastião o sr. teve várias funções; veio como agente do governo depois disse que trabalhou como empregado na mineração e depois foi Minerador.
Eu queria que o sr. falasse dessas fases, o que significou para o sr., para o cidadão Sebastião Neto Campos exercer esses papeis, nessas fases?
S: Inicialmente vou te responder da seguinte forma: eu vim pra cá inicialmente apenas para trabalhar no laboratório de Produção Mineral que fazia análise de carvão. Acidentalmente a pessoa que chefiava aqui saiu, eu assumi as funções de chefe. Então eu era chefe do Departamento de Produção Mineral que naquela região abrangia o estado de Santa Catarina, o Paraná e o Rio Grande do Sul. Mais na frente eu me tornei também representante do ministro da viação que era o presidente da Comissão que tratava de distribuir o carvão e o controle do carvão para os diversos consumidores: Central do Brasil, as Empresas de Navegação e outros. Eu era o representante da pessoa do Ministro Presidente desta Comissão. Então, com essa função de chefe do Departamento da Produção Mineral e também representante do Ministro eu exercia algumas atividades que eram as residuais do tempo da Guerra. Quando existia aqui o chefe da **Mobilização Econômica** que era o engenheiro Aníbal Alves Bastos. Essa autoridade ela sobrepunha às vezes até o próprio governador, tinha poderes de requisitar, por exemplo, carros, veículos e para você ter uma idéia, os próprios mineiros que vinham trabalhar no período da guerra eles eram tido como **"mobilizados" para o esforço de guerra**, era como eles estivessem prestando o serviço militar. Então eles não podiam faltar ao serviço. Para você ter uma idéia de que o carvão naquela época foi muito necessário ao esforço de guerra que o Brasil estava fazendo e ao final quando essas atividades naturalmente foram extintas e quando eu pequei eu não tinha o controle, por exemplo, das produções que cabia a cada uma das empresas como eles distribuíam não é, a análise

desse carvão para quem ia pra quem não ia a qualidade... Era o controle do governo sobre o carvão. Eu vivi isso e inclusive nessa condição aqui tinha um grupo que se reunia, uma espécie de **estado maior** que era o presidente do Sindicato dos Mineradores, os empresários, que eram naquela ocasião o ex-governador Heriberto Hülse, era o engenheiro Colombo Machado Salles, que também é ex-governador e ainda é vivo que era o chefe do Porto de Laguna. Era o engenheiro Otávio Ribeiro de Castro que era o chefe do Porto de Imbituba, era o dr. Annes Güallberto que era o chefe da Estada de Ferro Dona Teresa Cristina e o Geraldo... Geraldo, Geraldo... esqueci o nome o sobre-nome dele que era o chefe de todas as instalações da Companhia Siderúrgica Nacional em Capivari e Siderópolis. Eu era o mais jovem mas, eu os reunia na sede do Departamento da Produção Mineral e presidia as reuniões, as deliberações e procurava executar as deliberações. Era trazer navios, era mais equipamentos para a Estrada de Ferro, era qualidade de carvão, era produção. Então como governo, eu vivi esses aspectos e era o mais jovem e tinha a autoridade superior a eles todos. A guerra tinha acabado, as importações de carvão, as produções estavam ameaçadas de reduzir a produção, poderiam gerar desemprego e o consumo era mais pelas ferrovias, pela navegação, e outros pela Estrada de Ferro Leopoldina, a Central do Brasil e outras como as empresas de navegação e algumas indústrias cimenteiras e..., mas que estavam fazendo tudo para trocar o nosso carvão pelo importado em virtude de sua melhor qualidade, em virtude de preço e outros combustíveis mais fáceis de manipular. E isso era uma coisa que gerava uma apreensão muito grande das indústrias do carvão, isso em torno de 1950. A Companhia Siderúrgica Nacional que começou em 1946, naquela ocasião, ela ficou com quase toda a produção de carvão, quase toda. Era uma empresa muito subsidiada pelo governo porque o nosso, a produção de aço era muito cara, cara não por problema tecnológico mas o nosso carvão era de qualidade inferior, então onerava a produção também uma série de fatores, assim então o carvão passou, ele que foi essencial durante a guerra, desejado, necessitado, as pessoas eram obrigadas a trabalhar no esforço de guerra e produzir, ele começou a ser abandonado. Eu vivi essa fase em que o governo se esforçava, mas não tinha como, às vezes, dar o amparo que precisava ao carvão. Esse foi um aprendizado muito importante quando eu me transpus para trabalhar uma segunda fase e ser engenheiro de uma empresa de mineração Nessa fase, foi apenas dois anos eu poderia dizer que o meu esforço maior foi introduzir, copiar, equipamento já existia, mas foi inovação, minha mas que eu procurei introduzir. Lavadores de carvão aos primitivos "diques" para melhorar a qualidade do carvão para que se tornasse aceitável. Então esse foi o meu esforço como empregado. E depois na terceira fase eu me tornei diretor de uma empresa que estava já, em decorrência desses fatores, falida. Falida não no papel estava de fato. Uma situação muito difícil que era empresa mais antiga que de que foi a empresa pioneira. Aqui a empresa mais importante na vida de Criciúma e do carvão aqui de Criciúma era a CBCA. Eu me tornei diretor da CBCA. Lá em Lauro Müller tinha a empresa mineradora Barro Branco. Tornei-me diretor da CBCA e ai na CBCA eu chegava antes dos operários e saía depois dos operários. Ficava 90% do meu tempo debaixo da mina ou nas instalações de superfície da mina. Na maioria debaixo da mina. Visitava frente por frente de trabalho. E a partir de quatro meses de atividade a empresa deixou de ter prejuízo e salvamos a empresa e ela pode trabalhar muitos e muitos anos.

T: Ainda existe, não?
S: Existe. Ela existe e ela depois disso em virtude de uma providência tomada no governo Collor em que o governo inicialmente o governo desanda a proteção do carvão criou uma empresa chamada Caeb. Essa empresa do governo comprava toda a produção carbonífera das mineradoras no auge da produção naquela ocasião era quatrocentos e poucas mil toneladas por mês e essa empresa beneficiava esse carvão ali no lavador da Companhia Siderúrgica Nacional em Tubarão e entregava às Companhias Siderúrgicas ai. A Companhia Siderúrgica Nacional já a Cosipa, a Usiminas e Companhia e também Siderúrgica de Tubarão. Lá em Tubarão, Vitória -ES, uma parcela desse carvão era misturado com o carvão importado para produzir o carvão Siderúrgico o coque siderúrgico e a outra parte o governo subsidiava o transporte, o transporte ferroviário que era feito pelo próprio governo daqui ao porto, o transporte marítimo e colocava lá, junto ao consumidor. Então ai já não era tanto as ferrovias que já estavam com máquinas a diesel e também já não eram tanto os navios. O esforço do governo foi fazer com que as indústrias cimenteiras, passassem a utilizar o carvão nacional em substituição ao óleo combustível que o governo importava, subsidiado. Então não haveria como competir o carvão nacional com o combustível mais nobre, o óleo, quando o governo subsidiava aquele. Então o governo passou a subsidiar não mineradores, mas aos consumidores do carvão que eram as cimenteiras e foi um período de prosperidade para as cimenteiras.

T: Que período foi este dr. Sebastão?
S: Foi até o governo Collor. Foi mais ou menos entre 1973-1972 quando houve a primeira crise do petróleo uma elevação tremenda no preço do petróleo no governo Geisel e acabou depois, o final da coisa, o desastre foi no governo Collor. Quando ele procurando em abrir a economia do país para que houvesse concorrência abruptamente, pegou e fez com que o governo na pessoa da Caeb, que era a entidade do governo que fazia toda essa intermediação, saísse totalmente dos mercados e os mineradores ficaram então entregues... à mercê da própria sorte. Ai foi um desastre. A produção caiu, houve muito desemprego. De quatrocentos e poucas mil toneladas chegou a baixar para 120 mil toneladas mês.

T: O sr. não deixou de ser um administrador do governo, administrava e coordenava. Dessas três fases o sr. teve um papel importante. Qual a fase que o sr. mais gostou, que mais lhe satisfez, que mais o sr. aprendeu. Dessas três fases qual foi a...
S: A fase como governo ela não me trazia como é assim sofrimento. Eu estava só dando de mim, ajudando e tive oportunidade de fazer umas relações que são muito grandes, uma delas é que naquela época, quando se iniciou a mineração, aqui durante a 2ª guerra o importante era produzir e como eu lhe disse os operários eram até tidos como mobilizados para prestação do serviço num esforço de guerra. Então vinha operário de todo o lado e aonde o carvão aflorava, aonde o carvão aflorava em tão pouca profundidade se abria uma mina e fazia -se pequenas vilas ali de casinhas de madeira e não havia nem um cuidado com a poluição.

Então a cidade ficou rodeada com pilhas e pilhas de rejeitos de carvão jogados fora, pertinho da cidade. Hoje, muitos desses pontos estão dentro do perímetro urbanizado não é ? E essa pirita, eles poluíram quase todos os mananciais de água, tornando impossível para consumo humano. Era capaz de matar um animal de pequeno porte se caísse dentro do rio e ele podia morrer. Peixe acabou, bicho acabou, sapo e tudo mais desapareceu dos rios e a água tornou-se instável. E em decorrência da decomposição da pirita da queima natural do carvão com a chuva tal. O ar também se tornou muito "cheiroso", com ácido sulfúrico, o cheiro de ovo podre e o que aconteceu ? Em conseqüência disso não é, já na fase posterior, já passada a guerra, morria uma criança recém nascida e menor de um ano há quase toda hora. Quando morria uma pessoa o sino da igreja batia para avisar a comunidade. Então era um badalar constante do sino e aquela fileira de caixõezinhos que saiam das vilas, perto das bocas das minas, para de lá, saírem para serem enterradas. Morriam em conseqüência da má qualidade da água poluída. Dr. Aníbal Alves Bastos que era o chefe anterior a ele em decorrência do esforço de guerra ele trouxe recursos pra cá.Fez a captação e o tratamento da água do Rio Mãe Luzia. Foi o escritório do Saturnino de Brito, escritório especializado que fez a instalação moderna com captação de tratamento. Este rio, o Mãe Luzia, a cabeceira dele passava lá, exatamente lá, em Siderópolis aonde a própria companhia Siderúrgica Nacional desenvolvia o tipo de mineração mais agressiva que era a céu aberto com a "Marion". Então em pouco tempo as águas do Mãe Luzia se tornaram poluídas. Então aqui tinha uma estação de tratamento e coleta de água. Mas essas águas tinham quantidade excessiva de material pesado, material pesado, ferro etc. Tornou-se também uma água ruim e não era saudável. E eu estive no Rio de Janeiro porque tinha uma verba substancial, vamos dizer hoje valeria uns quatro ou cinco milhões de reais, ou mais, não sei, é difícil porque estaria a minha disposição. Quando eu estava aqui com os empregados do departamento com o salário atrasado, tinha esse problema de água dali e daqui desde que eu tivesse condições de comprovar a utilização dentro de um ano. Desses Em dois meses comprovei a utilização.

T: Dos recursos?
S: Dos recursos. Eu aceitei. Era uma proposta de utiliza e uma comprovação artificial. E, com esse dinheiro, além de pagar os operários, botar em dia, fazer um programa de sondagem que naquela época foi muito maior que a soma de todas as sondagens que tinham sido feitas na região carbonífera, eu tive, a felicidade de ter aqui um engenheiro da Alemanha fugido da guerra, um geólogo Ralf... um geólogo. Com as sondagens feitas por mim, por nós, da chefia e, principalmente, e pelo trabalho pessoal do Putz que percorria todos os campos vendo todos os afloramentos de carvão da mina e a sua capacidade. Era também professor na Alemanha de geologia. As reservas carboníferas de SC que naquela época eram consideradas apenas de 400 milhões de toneladas a partir daquela data tornaram-se conhecidas 1 bilhão e 200 milhões. Isto deu outra dimensão a importância do carvão. Ao mesmo tempo eu mudei a captação da água do Rio Mãe Luzia para o São Bento onde o governo hoje esta querendo...só que o ponto é diferente. Eu vim pegar mais embaixo. E só peguei no braço chamado Guarapari dos rios, represei e trouxe a água através de canais abertos na terra e onde não era possíve, a água era conduzida através de coxos de madeira.

T: De calha?
S: Calhas, calhas de madeira. E até chegar no Mãe Luzia onde tinha estação de captação. E para transpor o Mãe Luzia eu fiz uma pontes "pencils" com as calhas. Aí se mudou a captação da água.

T: Para consumo humano?
S: Para consumo humano. Durante algum tempo os resíduos acumulados nos canos ainda incomodou, depois não. Diminuiu nitidamente a morte das crianças. E fui eu quem realizou isso. E também tendo realizado isso compreendeu agora? Depois de todo esse tempo o governo então está tratando de fazer uma obra pegando água do próprio rio São Bento. È uma obra diferente da que eu fiz naquela época. Fiz uma obra muito mais simples e depois como eu tinha tempo e era... Criei aqui em Criciúma a primeira escola de alfabetização de adultos. Foi-me emprestado o Coelho Neto. O Coelho Neto não. o Lapagesse e eu tínhamos umas amigas professoras que propunham ajudar e tinha um "tcheco" que mal falava brasileiro que trabalhava numa coqueria francesa que me ajudava e fundei um curso de alfabetização de adultos e esses operários da CBCA os pretos, os brancos adultos, tínhamos 300. Mantivemos isso durante dois anos com o dinheiro do bolso e as professoras trabalhavam de graça. Então, eu tive a felicidade de fazer isso. Isso para mim foi muito gratificante. O Colombo Machado Sales, não sei se você conhece de nome.

T: O que deu o nome à ponte?
S: É. Ele foi governador de Santa Catarina.

T: Lembro.
S: Ele ainda é vivo. Ele era o chefe do porto.

T: De Laguna?
S: De Laguna, meu comandado. Não é meu subordinado, ele fazia pontes, dizer assim, de um comitê onde era o comandante maior e coordenava então a gente procurou defender o carvão ai. Então foi uma fase gratificante, não é? Uma parte dele foi esquecida ainda, eu era até solteiro, uma boa parte é que me tornei... recém casado.

T: Casou aqui?
S: Não. A minha mulher é de Curitiba. E eu também sou de Curitiba, tenho um irmão lá em Curitiba também que foi secretário de justiça até bem pouco tempo e agora é ministro do Tribunal de Contas. Aposentou recentemente. Foi uma fase gratificante em que a gente podia dar de si e não tinha as preocupações que eram as preocupações daquele que dirige uma empresa. Dirigir uma empresa você tem uma responsabilidade pelo salário, pela saúde, pela segurança.

T: Pelo que entendi, Dr. Sebastião o senhor gostou mais dessa fase em que o senhor era o representante do governo aqui, o senhor era esse coordenador.
S: Não, não, essa não, eu não diria você... essa fase para mim ela foi muito gratificante porque talvez a expressão dela seja forte mas ela é verdadeira, tem gente até que testemunhou e cooparticipou. Eu entrei para defender o carvão.

Porque eu estava, tinha estado do lado do governo. Conhecia como as coisas ali eram difíceis de caminhar. Lutei como um leão para defender o carvão; alguns episódios interessantes. Naquela época existia um programa na Rádio Nacional, no Rio de Janeiro, chamado Cartas na Mesa. Eu fui pra Rádio Nacional, no Cartas na Mesa debater. Uma outra pessoa que foi o Nerí Jesuíno, professor Nerí Jesuíno que também esteve lutando pelo carvão. Estive com todos os Presidentes da República, desde Getúlio Vargas, lutando, defendendo o carvão. Debatia no Congresso como minerador, não no plenário, eu também fui deputado federal mas, não no plenário, nas comissões, nas comissões, defendia o carvão com os ministros dali e daqui, procurar soluções e as empresas estavam lá e teve até um detalhe importante e gratificante. Um dia, estávamos nós, não só eu, tinham outros mineradores como, Sebastião Toledos Santos, que faleceu, e me parece o senhor João Zanette o Nerí Jesuíno estava no gabinete do chefe de gabinete da Casa Civil, da Casa Militar do presidente Jânio Quadros, Jango Goulart o general Albino Silva lá em Brasília e estávamos ali. Íamos ser, fomos recebidos, estávamos sendo recebidos pelo chefe da casa militar do Jango, general Albino Silva e íamos ser recebidos pelo Jango quando chegou, estava subindo a rampa do Planalto, quem? Yúri Gagari, baixote, forte, pescoço curto e nenhuma espiritualidade era o homem que tinha vindo da "esputinique", não da lua, do espaço e tinha o avião russo lá longe, a gente havia tido a oportunidade... Mas, lutei junto com outros mineradores, defender, isso me deu uma experiência muito grande e foi gratificante, muito gratificante porque foram lutas, lutas e mais lutas, que seria difícil de imaginar e eu não tinha medo.

T: Dr. Sebastião, eu escutando o sr. me veio na cabeça um pensamento. Foi tão dura essa luta, porque havia outros combustíveis para substituir o carvão. Combustíveis mais competitivos, quer dizer, não faziam tanto estrago, eram mais baratos. Parece que nosso carvão tem um teor de enxofre grande e faz tanto estrago ambiental. Por que a luta pelo carvão que o senhor falou com tanta paixão, com tanta veemência? Por que tanto empenho? Foi uma luta, todo tempo, para provar para o governo, achar uma alternativa se o carvão não dá para isso dá para aquilo. Acho também bastante importante a questão da região, sob o ponto de vista ambiental.
S: O carvão sempre tem, onde Deus o pôs. Terras urbanizáveis, terras agricultáveis, existem em muitos, em muitos lugares. Carvão só tem aonde Deus o pôs. O carvão nos primórdios do século até 1920, aproximadamente, era a segunda produção mineral do Brasil. Era o ferro e o carvão e era o principal combustível. O Brasil não tinha petróleo. A Petrobrás não existia. O Brasil não tinha nem um outro combustível, todo combustível que nós usávamos era importado. Se, por qualquer razão, os vendedores de carvão fechassem a torneira o país parava. Nós éramos dependentes mesmo. Tínhamos que fazer tudo o que eles queriam. O Brasil não era livre porque era o único combustível que nós tínhamos ra o carvão. Era mal usado naqueles anos. Nós dependíamos a nossa siderurgia dependia do carvão importado. A nossa indústria automotiva, automobilística que estava recém nascendo. A nossa indústria petroquímica não existia porque dependia do petróleo. O Brasil era totalmente dependente. Tanto que, para que para que o Brasil entrasse na guerra em 1942, o Getúlio Vargas obteve a troca com a EUA. É que os EUA se obrigaram a construir a Usina

Siderúrgica de Volta Redonda. Nós não tínhamos independência, tanto que no Brasil era o único combustível que existia. Foram as primeiras usinas de eletricidades geradas aqui no sul foram usinas a carvão.

T: Termelétricas?
S: Termelétricas a carvão. Lauro Müller, Laguna. Tubarão, aqui mesmo o abastecimento de energia era suprido pela termelétrica. O Brasil era totalmente dependente. Bastava dizer: não vendemos mais combustível para vocês... E isso aconteceu. Durante o esforço de guerra eles tinham me nos ter dado condições para sobrevivermos e produzirmos a matéria prima, os minerais e o excedente de grãos e tudo o mais para eles e eles tinham que nos ceder algumas coisas. Ainda assim o Brasil ficou carente de automóveis, carente de gasolina. Carente. As nossas locomotivas foi o carvão nacional que garantiu. Talvez, as nossas locomotivas estivessem em boa parte parada. As nossas navegações um pouco paradas também. Se não tivesse então o carvão era essencial e ainda é.

T: Por que ainda é?
S: Porque no mundo inteiro precisa ter uma produção de energia termelétrica. Não importa que ela seja o carvão, nuclear, ou seja, a gás, não importa. Ela precisa ser termelétrica para que nos períodos de estiagem possam suprir as necessidades, fazer a complementação. Mas, nesses períodos de estiagem, ela trabalharia como uma usina em plena carga e nos outros períodos ela trabalha apenas como usina de complementação. Isso é no mundo inteiro. O Brasil não tinha tecnologia nuclear e nem existia, naquela época. essa coisa por aqui, não tinha petróleo, não tinha gás, só tinha carvão.

T: E hoje?
S: Hoje o Brasil agora trouxe o gás da Colômbia está caminhando hoje tem o petróleo.

T: O gás vem da Bolívia não?
S: É, trouxe o gás da Bolívia aqui e o óleo o gasoduto não é. É necessário porque é o único combustível que nós temos. Agora o aconteceu é que o carvão quando ele começou a crescer e prosperar o próprio governo fez o maior estrago , foi o maior poluidor lá na mineração de Sid. rópolis a céu aberto. O governo federal e todas as empresas essas companhias tinham que fazer um projeto de lavra, um projeto de tratamento de efluentes líquidos, um projeto de tratamento de resíduos sólidos e era apresentado ao Departamento de Produção Mineral que aprovava como bom e correto compreende? Mas, eram as coisas da época como foi em outros paises nós não fomos diferentes.

T: Dr. Sebastião compreendo o problema do carvão que não foi só no Brasil foi no mundo inteiro o carvão era... Mas, veja bem: hoje se diz que esses combustíveis fósseis, carvão, o petróleo, podem ser substituídos por outros, por outros combustíveis que são produzidos com tecnologia mais limpa, como por exemplo a energia solar,a nuclear. Hoje quando a gente participa dos fóruns de energia ou meio ambiente fala-se que é um absurdo explorar carvão porque faz muito estrago ambiental, faz aquela sujeira, tem muito rejeito e tudo mais. Eu queria

sua opinião sobre isso. Por que hoje ainda o carvão é importante se já tem outros combustíveis que podem substituí-lo ?
S: Mas o Brasil não tem tecnologia, não tem recursos para isso compreendeu? E o próprio carvão houve uma evolução grande na tecnologia e no uso, tecnologia e também no uso. Hoje se pode utilizar o carvão minimizando os estragos poluentes não é? O tratamento da água dos rejeitos sólidos e da queima com filtros e catalisadores. Então... e no mundo inteiro ainda há produção de carvão e grande é muito grande. Eu quero acreditar que o carvão depois do petróleo ainda é o combustível mais utilizado. Em terceiro lugar, num país como os EUA a produção de carvão é muito grande. Nos Estados Unidos da América em todos os paises. Os Estados Unidos tem uma produção brutal de carvão.

T: A Polônia, a Alemanha...
S: A Polônia sempre foi um grande produtor mas, perto dos Estados Unidos da América, da Rússia?... Todos esses países produzem ainda. Mas, as minas de hoje são diferentes. Então o problema está em introduzir tecnologia de forma a preservar o máximo. Ora, era o caso. Sabe-se que os dejetos humanos e os carros são os maiores poluentes do mundo, porque não se acaba com a raça humana e os carros?

T: Isso é uma pergunta um tanto quando estranha. Agora, os carros o senhor sabe que tem tecnologia, nos Estados Unidos da América sei que produzem carros muito menos poluentes que os nossos. No Japão vou lá todo ano e não vejo, lá isso não vejo, nas ruas, carros poluindo como os nossos. Lá também os dejetos humanos são bem mais tratados do que aqui.
S: Que diz você então exatamente eu fiz a colocação por absurdo para lhe provocar compreendeu? Para lhe provocar. O carvão tem tecnologia que eles também melhoraram a tecnologia e eles continuam utilizando. O carvão deles está melhorando também o uso de todos os outros procurando utilizar dentro de um certo hoje já não é tão importante as usinas nucleares, teve seu período áureo. Depois foram vendo que gerava preocupações de ordem ambientais. E a energia solar ainda está muito longe ainda de ser uma solução. Ela não chega nem ser uma complementação. Haverá amanhã. Depois a força das águas não é, a força do vento sempre foram utilizadas mas isso tudo eu acho que pode ser amanhã, depois, a humanidade terá. Algum avanço mineral-nuclear possa ser utilizado sem os riscos de hoje né. A tecnologia avançou. Mas eu acho que o carvão como é ainda minerado em todos esses países citados. A França trocou muito carvão por nuclear, a Alemanha também. Hoje eles pararam um pouco com essa coisa. No Brasil acho o seguinte que o problema não se trata de abandonar esse recurso porque ainda é o combustível maior as maiores reservas de combustível no Brasil ainda é o carvão e o xisto. Ainda é o carvão muito mais do que o petróleo, as maiores reservas. Então porque não melhorar e não evoluir e minimizar esses aspectos poluentes? Corrigir os erros do passado. Eu acho que o carvão nós precisamos dele, muito, muito mesmo.

T: Tá bom Dr. Sebastião, está sendo uma verdadeira aula mas, eu vou puxar um pouco mais para a cidade de Criciúma. Como o senhor imagina Criciúma hoje e como ela seria se não fosse o carvão? Dá para o senhor imaginar?

S: Dá. Primeiro quem fez o desenvolvimento do sul e quem fez a implantação e o desenvolvimento da indústria carbonífera não foram os colonos, nem os como são chamados os locais. La em Lauro Müller, onde nasceu a indústria carbonífera nos primórdios foi o Visconde de Barbacena com os ingleses e Henrique Lage. Foi o primeiro. Segundo ponto; aqui nós tivemos em Urussanga uma família ligada ao ex-presidente, ao ex-deputado Carlos Luz que eram mineiros. Foi presidente do Brasil por um dia. Depois teve um sindicato ai uma espécie de cooperativa de alemães que controlaram a Próspera depois ela ficou na mão de uns alcaides locais venderam para um grupo não foi Matarazzo... ora, aquele outro Martinelli ora, não acho que é Martinelli. Um grupo de São Paulo, o Irineu Bonhausen e outro. A CBCA Paulo de Frontin que era prefeito o Guinli e depois veio Henrique Lage. A Metropolitana era uma empresa de colonização. Isso de 1920 para cá. Anterior à segunda guerra mundial. Durante a primeira guerra as minerações de carvão existiam lá em Lauro Müllller. Estavam até parada foi paradas porque nas produções o regime legal de concessão de carvão não existia. O dono do solo era dono do subsolo. Só depois da revolução de 1930 que o general Juarez Távora, ministro das minas e energia, copiando do código de minas da Alemanha separou a propriedade do solo e do subsolo. Então houve a separação a propriedade do subsolo era diferente. Ai vieram esses grupos fizeram contratos com os colonos e dali e só depois das primeira e segunda guerras mundiais é que as pessoas locais aqui passaram a adquirir de volta essas coisas. Então isso foi tudo eu vou te citar uns exemplos. Aqui no sul as principais cidades, os principais núcleos urbanos, econômicos, culturais, tudo eram: Laguna, Araranguá, e Tubarão. O carvão trouxe uma tal mudança na coisa que mudou totalmente essa geografia econômica. Hoje Criciúma é muito maior do que Laguna. Içara já é maior do que Laguna. Siderópolis deve estar na proporção de Laguna. Criciúma era um distrito de Araranguá. Mudou tudo por causa do carvão e mais. O carvão foi também a razão primeira da implantação aqui na região sul da indústria cerâmica. A indústria cerâmica de Imbituba foi a primeira fábrica de azulejos de toda a América Latina, implantada por Henrique Lage. Não é América do Sul não, América Latina. A primeira fábrica de azulejos na América Latina e utilizando inicialmente como um dos recursos de matéria prima chamado barro branco que está dentro da camada de carvão da chamada camada barro branco.

T: Por isso Barro Branco lá em Lauro Müller?
S: Sim. Então Henrique Lage fez essa primeira fábrica. Depois dessa fábrica de outros mineradores e também outras pessoas não mineradoras se associaram e fizeram uma outra cerâmica aqui a cerâmica Santa Catarina aonde um dos primeiros técnicos era o sr. Maximiliano Gaidzinski e tendo tido problema técnico ai, dificuldades técnicas de trabalhar porque os equipamentos eram inadequados ele resolveu sair. Daí comprou uma cerâmica que estava começando em Cocal que estava abandonada e foi para lá. Depois o Diomício que era minerador. Então essa atividade passou a surgir aqui também uma indústria metal-mecânica muito possante em decorrência da ferramentagem utilizada nas Minas Carvão compreendeu? Então muito posteriormente vieram para cá isso graças mesmo a esses industriais, pequenos industriais de confecção hoje ela tem uma importância muito grande na vida daqui de maneira que o carvão, foi sem favor,

de longe o impulsionador. Hoje ele já perdeu posição. Ele já não tem a mesma expressão econômica que tinha então.

T: O sr. é ligado com a cidade de Criciúma tem amor pela cidade tem alguém, um lugar na cidade que o sr. goste de ir ,goste de ver. O sr. convive com Criciúma?
S: Eu moro aqui nesta mesma casa que as primeiras pessoas que moraram aqui foram os padres. Depois moraram os primeiros diretores da CBCA, Heriberto Hülse. Eu moro aqui desde 1957 quase 50 anos, quarenta e poucos anos. Aqui nasceram os meus filhos. A casa não era assim. Eu a transformei um pouco, você vê tudo antigo. Aqui era uma pequena sala, para lá foi modificado. Eu e meus filhos moramos aqui. Meus filhos foram criados aqui. Eu e a minha mulher gostamos daqui. Tanto que até hoje eu vivo aqui, segunda à tarde, terça o dia inteiro, quarta o dia inteiro e quinta e sexta feira vou para Florianópolis, vou lá para Lauro Müller. Eu gosto de Criciúma. Minha mulher gosta e meus filhos gostam.

T: O sr. poderia me responder: da cidade, fora a sua casa, tem algum lugar em Criciúma que o sr., por alguma razão, gosta de ficar ?
S: Não sei, eu acho que não teria não, não, não teria. Acho que não teria um lugar assim que eu pudesse especial, porque os lugares que eram especiais para mim eram os lugares onde eram as minas. Hoje é cidade. Cidade inclusive esses terrenos foi o Sebastião Neto Campos que loteou e fez com que os moradores daquelas casas que viviam em casebres de madeira, empregados ou ex-empregados da CBCA comprassem pagando a prestação uma ninharia e hoje são donos dessas casas porque foram compelidos a comprar.

T: Dr. Sebastião, o sr. poderia me dizer o que o sr. entende por desenvolvimento?
S: Para mim desenvolvimento é uma coisa muito complexa, muito dinâmica, muito linda, porque tem o desenvolvimento puramente tecnológico e tem o desenvolvimento cultural e tem o desenvolvimento social, não é. Eu acredito muito no Brasil. Eu me entusiasmo quando eu vejo que dali daqui pipocando notícias que estão procurando tirar os meninos dali treinam futebol, um clube daqui, uma coisinha de acolá, dali daqui, é prestação de serviço dos voluntários e pessoas assim não é pois. Na minha gestão foi criada a SATC. Eu era o presidente do Sindicato dos Mineradores. Somos três pessoas que atuaram no criação: Sebastião Toledo dos Santos, Neri Rosa e Sebastião Neto Campos. Então foi uma contribuição que a gente fez. A Universidade ela tem um valor estimável para o sul, como também como está num período assim de amadurecimento de consolidação e peca pela falta de qualidade porque está crescendo muito na horizontal e não na vertical. Eu acho então, por exemplo, o desenvolvimento tecnológico não é, eu como disse para você no início, eu trabalhei num laboratório de pesquisas e eram pesquisas de ponta de micro-análises. A gente sublima talvez foi profissionalmente a fase mais linda da minha vida porque você se voltava para dentro de um universo que era um micro universo. Eram os prótons os nêutrons, as células. E o universo planetário, uma coisa linda então eu acho que o desenvolvimento tecnológico ele é que vai. Eu acredito no Brasil. Nós precisamos no Brasil é arranjar uma maneira de romper esses estado de na distribuição de renda. Então no momento deve se criar uma

melhor distribuição de renda e com toda essa propaganda esse apoio, essa transformação de mentalidade de coisa de procurando instruir, educar, informar, criança, então eu acho que o Brasil vai. Eu acho que esse desenvolvimento cultural sob um aspecto humanístico, estrelismo, é menos útil.

T: Em relação a que ele é menos útil?
S: Em relação à vida, a serventia, porque por exemplo, hoje você tem a internet, você tem uma quantidade enorme de propagandas, informações que sobrepõe o livro, então, que é uma fonte de cultura insubstituível. Aí você vê hoje essa turmazinha ai de rapazes e moças, eles têm um universo completamente diferente que são fruto dessas informações tumultuadas da vida, de maneira que eu se eu pudesse dizer para você, nem saberia avaliar mais como é conciliar esse desenvolvimento tecnológico, cultura tecnológica como a melhoria da estrutura social do país.

T: Tem outro conceito também que é muito falado que eu queria sua opinião. Qualidade de vida para o senhor o que é?
S: Quaiidade de vida para mim representa em primeiro lugar, saúde, segundo educação, terceiro trabalho, quarto lazer.

T: Vai ser retundante, mais, eu queria perguntar para o senhor. O senhor já citou, saúde. O que é saúde para o senhor?
S: Saúde é ausência de disfunções, de distorções genéticas, é o bom funcionamento do organismo, saudável isso que é saúde pra mim. Saúde no sentido fisiológico e biológico.

T: Outro conceito que está ai e não lhe deixaria de lhe perguntar: Meio ambiente. Seu conceito de Meio Ambiente?
S: Pois é, meio ambiente para mim... Estamos vivendo um período de transição né, porque o meio ambiente ele é essencialmente como todos os exageros que se comete, ai atrapalhando e atrasando tarefas muito mais importantes como é a implantação da BR 101 que fica a estrada por aqui ou passa por ali, passa ponte dali, coisa né, porque eu tenho essa impressão que nós temos que viver isso, porque tem que haver esse período um período de aprendizado.

T: O senhor tem então um conceito novo?
S: É.

T: Continuando, a entrevista vamos mudar a fita. Volto para perguntar sobre o entendimento que o sr. tem do espaço. Que seria espaço?
S: O espaço é um conceito que na mina opinião é dolorida,. É que um país das dimensões como o Brasil poderia ter sido concebido de uma maneira muito mais linda, muito mais feliz. Cidades mais amplas né, com ruas largas serem concebidas com lotes amplos, devia ficar um lotezinho de seis metros de frente por vinte de fundo sem pessoas empilhadas gerando problemas ecológicos de toda a natureza, problemas de lixo. Espaços que pudessem receber os excessos de chuva. Mas estamos ai todos amontoados. Algumas cidades, como Brasília foram concebidas de forma diferente, tentaram ser um pouco diferente, como foi

Belo Horizonte, Goiânia e ainda também então hoje estão numa situação completamente distorcida e não é muito diferente a situação. Então eu acho que o pior que está acontecendo é a falta de bom senso. O mundo está se tornando um mundo só urbano ou pelo menos daqui um pouco 95% é só de contingentes urbanos. Empilhados de uma maneira totalmente equivocada gerando cada vez maiores problemas ecológicos para nós problemas de água, porque a estrutura urbana que foram concebidas anteriormente não tem como é receber esse crescimento então vai ser uma problema ecológico muito sério. É um problema de espaço e ocupação equivocada do espaço urbano que para mim isso vai dar um trabalho muito grande, não sei se vão conseguir resolver assim. Asfalto, asfalto, asfalto, as águas não tem aonde penetrar, empilhar casinhas mais casinhas encima dos morros, desmatam de maneira que eu acho que é um problema é uso equivocado. É completamente fora de propósito eu não consigo ver nem um horizonte bom e **se eu pudesse tornar uma providência eu precisava de ter poderes de um ditador.** A educação deveria mesmo ser são obrigatória. Todo mundo mesmo as crianças é a fase de formar uma juventude que tenha que estude e trabalhe. Em que eles iriam trabalhar? Eles iriam trabalhar era educando, as pessoas no trato dos dejetos humanos, nas ruas, nas casas, nos espaços urbanos, porque são essas que **provocam**, elas que reclamam e elas não ajudam e continuam repetindo tudo. Se você fizer isso com um contingente humano que eu diria **soldado ecológico**, com a juventude, você estava educando os mais velhos e os compelindo a fazer e educando os mais jovens que viriam depois e o mais importante, esses mais jovens não iriam ser corrompidos não.

T: Seria uma espécie de brigada ambiental?
S: É quase uma inspeção mais perigosa quando ela, as pessoas levam assim pelo lado pior da coisa , uma espécie de juventude com disciplina como um soldado. Uma educação de amor à pátria, de amor à família.

T: Como os integralistas?
S: É os integralistas. Então uma juventude, poderia ser uma juventude ecológica não importa mais se tivesse educação não é? De amor à pátria, de amor à família, à ecologia. Evita que as pessoas sonegassem impostos para que as coisas pudessem, porque se um menino desse entra numa loja e for num posto do SUS ficasse um dois lá, sem fazer nada, só olhando, como é que os outros estão recebendo se o médico chegou no horário se não chegou se chegou se o médico esta tratando bem, ele não precisava fazer nada, isso já serve. Seria uma espécie de um trabalho comunitário, uma fiscalização comunitária.

T: Dr. Sebastião foi um prazer conhecê-lo, fico muito agradecida, ajudou bastante na minha tese. Muito obrigada, boa noite.
S: Boa noite. Para mim foi um prazer também, não sei se pude te ajudar, porque nós falamos pouco de carvão, você tinha me dito que era a história do carvão, falamos de muita coisa.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – UFPR

Narrativa

Mario Guadagnin

Ambientalista

Curitiba, 2002

Curitiba **Narrativa**
1ª Fita/K **Data: 05/02/2001**

Laboratório: Bairro Renascer

Ficha Técnica:
Narrador: Mário Guadagnin
Ouvinte: Teresinha Maria Gonçalves

Local de Gravação:
Bairro: Renascer
Cidade: Criciúma

Equipamento:

01 Microcassette Recorder
Marca: Panasonic FP (Fast PlayBack) 2- SPEED
1ª FK MC- 60'

Transcrição e digitação:

Patrícia Elaine Medeiros

Revisão: Teresinha Maria Gonçalves

Revisão da narrativa: Mário Guadagnin

Nome: Mario Guadagnin

Idade: 37 anos

Escolaridade: Superior

Profissão: Professor

Estado Civil: Casado

Local de Nascimento: Veranópolis-RS

Residência em Criciúma: 4 Anos

Observação: Participa de movimentos ambientalistas na região de Criciúma

NARRATIVA

M: Quando a gente pode começar? Hoje é um dia interessante para caminhar aqui porque está cheio de poças d´água depois dessa chuvarada toda de verão. É difícil caminhar num bairro que não é muito diferente dos outros bairros em torno de Criciúma. Porque a cidade teve um crescimento, um espaço urbano que foi um pouco desordenado com todos os impactos da mineração que são vistos em vários bairros desde o centro à periferia, esses rejeitos também tem isso de ficar aparente na pequena camada de argila que foi colocada para dar uma outra cor ao bairro, uma outra característica, então agora a gente vê ao caminhar por esta parte aqui do início, próximo a cerca de estrada de ferro, como tem essa mistura de argila com a pirita, com o rejeito piritoso. Porque que isso acontece? Até 1988 era comum ter no entorno da cidade de Criciúma os vulcões de pirita que geravam odores né, barulho? Há uma fábrica de explosivos. Fábrica de explosivos bem no meio de um bairro de gente, população, é um barulhinho interessante. Mas ai esse cheiro de enxofre com essa pirita ... Só em 88 praticamente 90 anos depois no início da exploração do carvão é que o pessoal começa se dar conta que era uma fonte de maus odores, cheiro de ovo podre, de enxofre um aspectos visual péssimo. Aí resolveram fazer o que? Fazer terra planagem, aqueles montes de pirita em combustão cheirando a enxofre acabou sendo feito terra-planagem naqueles montes de pirita em auto-combustão cheirando a enxofre em todos os entornos da cidade e na periferia também. Já era uma área de mineração foi explorado durante muito tempo e colocado em torno da mina os rejeitos da exploração carbonífera. Mas, depois de passada, depois de tirado o filão, tirado o recurso, ficou uma área não só de rejeitos de pirita. Mas também de segregação de classes, colocadas como rejeitos sociais vamos chamar assim, as pessoas com menor poder aquisitivo com dificuldade de acesso à casa começaram, de alguma forma, ocupar a área. Depois a administração tenta construir 265 a 300 casas no sistema de mutirão utilizando-se das pessoas, isso no governo Hülse. No sistema de auto construção com recurso do poder público e acabou criando um bairro.

Enquanto bairro, sobre rejeito piritoso era colocada uma camada de argila e depois eram construídas as casas. Esse bairro ele tem, antes de se transformar em bairro também no entorno ele tinha um dos grandes problemas do município; era a questão de deposição de lixo que é próximo aqui ao bairro no Naspolini. No entorno dele também foi criado um aterro chamado "aterro sanitário", que na verdade, é um processo de enterramento do lixo com camadas de pirita. Bem, aqui o que tem de interessante é esse campo de futebol. Campo de futebol olhando, está gramado, tem umas belas poças d´água, alguns problemas de drenagem, mas tem um gramado muito bonito, não é? Só que ele também foi feito numa área que é pra ser chamada de área verde ou espaço que seria de uso da coletividade, dos moradores do bairro. Também foram feitas da mesma forma que as casas foram construídas, colocadas umas camadas de argila e revegetado, colocado grama e construído, feito esse campo de futebol. Me parece que as pessoas aqui, estão acostumadas já com o cheiro do enxofre. Hoje, apesar de ser um dia nublado depois de uma quantidade grande de chuva

que caiu ontem na cidade. ainda dá para sentir o cheiro de enxofre, isso que a temperatura não está muito elevada. Até que está bem agradável. Hoje a temperatura deve estar em torno de 24 a 25 graus.
O cheiro de enxofre é nessa estrada que a gente está passando que dá acesso ao bairro. Fica claro isso, fica nítido o cheiro de ovo podre, bem característico e as pessoas que moram acabam se acostumando. Mas, quem não está nesse espaço que vem para cá para observar, para ver como foi planejado o bairro, a forma de ocupação desse bairro, acaba percebendo a diferença pelo, vamos dizer assim, pelo cheiro do bairro, pelo cheiro de enxofre, do carvão. E também é colocado aqui, para as pessoas, para quem não tinha onde morar e morava próximo à estrada de ferro em casebres ou em favelas em piores condições. A infra-estrutura que foi dada, as condições que foram dadas às casas daqui tão melhores que aquelas que eles estavam. Então para eles foi, de alguma forma, uma ascensão social. Foi um progresso que eles. Cresceram, conseguiram ter mesmo que seja uma meia água, mas é uma meia água já de alvenaria, tem lá é uma porta e duas janelas, é uma casa é ainda uma construção mas, é uma casa, tem um espaço no terreno para fazer outra metade, acabam construindo a casa como um todo. Tem a maior parte das casas, algumas casas são casas mistas, madeira com alvenaria, são poucos cômodos de quatro, no máximo talvez cinco cômodos. A maior parte delas deve ter três, a quatro é uma peças; cozinha, um grande quarto e um banheiro se tiver, se tiver em algumas casas. Eles acabaram aqui nesse barreiro todo. Aqui também, tem um problema: quando foi feita a construção desse bairro, foi feita, ali tem mais barro, por aqui ó, ele tem uma área mais de baixada um corregozinho dá para ver daqui da posição que a gente está que esse córrego subiu muito e deve ter alagado algumas casas de ontem para cá né.
Há algum tempo houve uma situação aqui em que essa questão do enxofre enquanto ainda estava em pilhas de pirita espalhadas em combustão teve acidentes. Crianças brincando em pilhas de rejeitos se queimarem por causa da combustão do carvão. É um bairro que tem uma estrutura, sistema de iluminação, água tratada, não sei se todos devem ter isso, mas a princípio tem os serviços básicos.
Fizeram aqui uma lombada de pirita para reduzir a velocidade dos carros. Provavelmente passavam numa velocidade muito alta né. A calçada dá para ver bem encima das lajotas a formação de sulfato ferroso é essa cor de ferrugem que é o resultado da oxidação, sinal de que ainda tem enxofre, que ainda está em combustão esse carvão. Está bem claro aqui na margem, na sarjeta, onde corre a água que veio do rejeito piritoso, o amareiado do enxofre aqui no meio da pedra, no meio do carvão e aqui o ferro, sulfato ferroso que corrói, por incrível que pareça, corrói até o cimento. Então está tendo uma reação ácida aqui né, está corroendo ali. Toda a sarjeta está sendo corroída porque é onde acumula a água que depois escorre. Vem do rejeito. E é incrível com essas enxurradas dá para ver bem toda aquela camada de argila que tinha e que foi rio adentro, não tem mais, fica uma parte do pátio da casa a pirita aparecendo, um pouco de argila e em seguida está a grama, está a pirita lá. Então, são poucas as casas que têm uma aparência um pouco mais interessante como essa que tem umas flores né, mas é com cuidado né, com zelo. Cuidado para cá, no aspecto não tem. Uma porque para fazer o que fizeram aqui tem que colocar argila com uma qualidade

melhor né, senão não teria e as outras casas estão em situações complicadas, veja nosso amigo ai.

T: Agora o narrador se dirige a um morador.

M: Como é que está? Tudo bem? Tudo bom? Choveu muito ai? Alagou? Alagou lá embaixo?
Morador : Lá embaixo está feio. Eu vi esse casal vindo lá, esse casal não me é estranho. Há, há, há.

M: São conhecidos ?
Depois a gente volta ai.
Como é nome do nosso amigo aí?

T: Francisco.

M: Francisco, ele é catador de papel. Trabalha com os filhos num serviço de coleta de papel, papelão, mais isso porque tem mais volume na cidade eles andam praticamente 20 km. por dia. Sai do Renascer vão até o São Luiz e a parte central da cidade próximo ao terminal urbano. E vão com carroça, puxada a cavalo. Os filhos menores também trabalham e a maior parte da população sobrevive com essa atividade. Aqui a gente tem um, no entorno do bairro, todo entorno do bairro ele é cercado por pilhas de rejeitos de carvão que dão sustentação à estrutura da estrada de ferro.
A pouca vegetação que tem sobre essas pilhas de rejeito é composta por samambaia, essa vegetação mais rasteira. Porque a samambaia? Porque a samambaia é um indicador de acidez do solo, com baixa fertilidade. Dá para ver aqui, no córrego, as crianças brincando dentro do rio.E ele está com volume de água mais alto em função das chuvas . Mas teve, foi uma inundação ai, lá na curva do rio, onde vem isso, toda essa água vem de área de carvão, ela vem provavelmente deve ter um Ph baixo. Teria que fazer uma análise para ver, mas deve estar em torno de 2 ou 3. Lá as crianças andando por dentro do rio. Aqui um pouco antes, na cabeceira do rio, antes de entrar no bairro, onde as crianças estão, não deve ter muito coliforme fecal mas, tem um córrego ali que dá acesso a maior parte do esgoto que aqui é jogado dentro do próprio rio. Lá, o arbusto que tem lá, mais alto nas pilhas de rejeitos, florido nesta época, é uma flor muito bonita e tem um odor muito interessante, atrai muito as abelhas. É o maricá. É uma leguminosa, é espinhenta, não tem uso assim no sentido de utilização de recurso para extração de madeira coisa assim. Ocorre naturalmente, até por ser agressivo, por resistir as características de solo totalmente degradado, por ocorrer todo esse rejeito piritoso é interessante usá-lo para revegetar porque dá para perceber que onde está nesse talude enorme que tem á frente o que está exposto aqui. Porque não tem nenhuma camada de argila. Lá onde permaneceu a camada de argila tem um pouco de grama e o maricá. É a mesma coisa aqui nessa parte dessa baixada que tem vegetação porque não tem a pirita onde ficou um pouco de argila ganha essa vegetação e quase recobre isso. O fato de colocar argila e colocar vegetação é um pouco

para esconder essa cor escura, preta, cinza escuro e um pouco para esconder a história do que aqui aconteceu também que acaba apagando da memória das pessoas. Se todo esse talude fosse revegetado como tem lá aquelas graminhas e aquele maricá, todo o entorno fosse assim, provavelmente os que vem aqui não tivessem percebendo essas manchas que é onde ficaram manchas de argila e o resto é pirita. Mas, se tudo tivesse coberto de argila e vegetação quem viesse para cá não teria percebido a não ser pelo cheiro, pelo odor de enxofre, não saberia dizer que aqui foi uma área de mineração, uma área de exploração. Que deu como resultado o que? Alguns poucos se beneficiaram com isso e a maior parte né, as pessoas como moram numa área sobre rejeito o entorno acaba sendo jogado. As sobras, os lixos não há um cuidado com essa questão. As pessoas jogam para dentro do rio, nessa barranca está cheio de lixo que é jogado ai, as sobras de cascas.
Sinal do trem, o trem está passando, lá encima onde tem o cruzamento, ele avisa que vem. Vem lá com a sua, toda sua força, ai quando vem em potência, fumegando, acelerando pelo jeito, né? Deve ter um aclive aqui então ele passa isso, ele está levando carvão para a usina termelétrica de Capivari de Baixo e continua a exploração do carvão... deve ter no município e na região ainda 8 mineradoras. O trem passa numa parte superior. Ai vai ele com a sua fumaça e a sua característica né. Vários, vários vagões, geralmente passam... É, essa é uma carga bastante grande, geralmente eles levam em torno de 20 25 vagões todos carregados de carvão até a usina. E passam várias vezes por dia né. Tem os horários, mais ou menos pré determinados.

T: Sem cobertura, é a granel?

M: Não, o carvão é jogado dentro do vagão aberto e sem uma lona o que pode também espalhar o rejeito. Dá pra perceber aqui que as pessoas que moram à margem do rio tiveram uma noite um pouco complicada. A marca da água lá está acima de 1, 20 cm. naquela casa deve ter alagado tudo aqui. Tem até um grupo de pessoas aqui na frente observando os moradores lá debaixo. Tem uma senhora lá fazendo a faxina, tirando o lodo da casa para fora. Quer dizer, dentro do próprio bairro há espaços melhores e quem está algum tempo a mais aqui no bairro acabou ocupando uma área mais alta né. E quem está a menos tempo acabou pegando o que sobrou de espaço, que é próximo ao rio. É uma área que não deveria estar tendo residência a margem deveria ter afastamento de pelo menos 30 metros sem casas. Infelizmente não é respeitado isso. Quando o rio volta ao seu leito normal, quando ocorre chuvas né, ele retoma o seu caminho. Se está assoreado, se está cheio de lodo ele acaba saindo do canal e invade as casas. E provavelmente causa um prejuízo considerável. Vamos por aqui para baixo aqui que lá no centro dá, no centro não, o bairro acaba sendo dividido uma parte alta e uma parte baixa e a divisão se dá por esse córrego que atravessa o bairro. Aqui, mais uma família de catador está tentando colocar em ordem as roupas depois das chuvas. E está ali, a casa que dá para ver que é uma casa que foi construída com um aproveitamento de sobras de outras casas, várias né, toda ela montada com sobras de outras casas, meia água de madeira. Aqui na

frente um depósito de lixo. Mas, não era para ser lixo é um depósito de material seletivo que alguém ou algum catador está recolhendo.
Vamos aqui para baixo que é pra cima? Ah ! Opa! Tem um espaço grande aqui com uma meia água de madeira lá no fundo todo está cercado né, um espaço que poderia ser para talvez duas casas. Tem uma meia água mista ainda e a pessoa para evitar que alguém passe o terreno, provavelmente, fez uma cerca alta, grande, um muro alto aliás, um muro alto com portão de ferro. É questão de preservar o seu espaço né para evitar ocupações. Evitar que alguém construa nesta área. Provavelmente há até a intenção, pela forma que está sendo construída a casa, de aumentá-la. Uma parte já está em alvenaria e o restante ainda em madeira. Então provavelmente já tem a intenção de melhorar fazer tudo em alvenaria. Aqui tem mais casas muradas. Outra casa com, era uma casa ou é ainda não sei se está abandonada. Ah ! Tem até garagem não, pelo jeito o terreno está abandonado ou não? Mas está fechado a cadeado, cercado para evitar que alguém invada ? Aqui, uma casa cheia de lodo ali, crianças brincando como podem. Uma criança está meio, meio vestida, meio despida, um menino está ali brincando... Cachorros tem um bocado pela viia. Este aqui é até um cachorro que está com sarna né. Um pouco é reflexo de como está a situação das pessoas aqui. Ali mais uma casa com cachorro fechada até com cadeado. Mais uma casa fechada, também uma meia água. Dá para contar talvez um cachorro para cada pessoa porque tanto cachorro q tem no mínimo, um por casa, com certeza. Eles tentam fazer umas melhorias nas entradas das casas, um caminho melhor, uma entrada como aqui nessa casa, colocam grama, tentam colocar um pouco de argila encima e aí tentam dar um ar de casa né.
Esse é um espaço segregado né, degradado Então é complicado ver que as pessoas são colocadas sobre um espaço rejeitado depois que foi intensamente explorado pela indústria carbonífera e várias mineradoras e ver isso acontecendo assim né. As pessoas não têm poder aquisitivo, não têm qualificação profissional colocação no mercado de trabalho, acabam sendo rejeitadas e colocadas num espaço segregado, afastado, longe olhos também porque é um bairro afastado do centro e aqui talvez, por isso, coloquem as pessoas que têm menor poder aquisitivo, bem longe né. Então os conflitos internos os problemas que acabam acontecendo aqui, muitas vezes, não têm reflexo lá. E é um bairro que tem uma série de problemas, boa parte das pessoas estão desempregadas e é complicado você colocar uma população que veio, muitos podem até ter sido mineiros, ter trabalhado em minas, e depois pela diminuição da atividade excluí-las do processo. São retiradas não tem mais o trabalho braçal que faziam e são colocadas num bairro com uma pequena infra-estrutura.
A qualidade de vida deles aqui é complicadíssima. Têm que sobreviver e aceitar como normal isso. Eles acabam aceitando o rejeito, a casa sobre o rejeito piritoso porque fazer isso é uma questão de sobrevivência. As sobras, as sobra da indústria de exploração de carvão cria um espaço para construção de um território de um espaço urbano, um território urbano pela ocupação pela construção de casas né e é visto como um grande avanço social porque dá uma condição, dá um dos requisitos de qualquer pessoa que é ter uma casa para morar não importa que qualidade de casa. Aí, depois, dá um arruamento mínimo, coloca ai estrutura mínima de luz e água, não tem saneamento , tem no máximo, fossa e os que moram próximo do rio largam dentro no rio mesmo. Aí você coloca um grupo de

pessoas. Como atender esses requisitos mínimos? Talvez porque elas não tenham uma perspectiva futura melhor aceitam com naturalidade essa condição e acabam se acomodando. Poucos, talvez, percebem que foram jogados, foram atirados sobre essa área, foram abandonados nesse espaço. Cuidado Teresinha, aqui se pode ser atropelado.
Apesar da rua está toda mexida com a chuva ai deve ter passado caminhão pesado aqui. Ali tem mais um grupo de catadores né, vários, quatro carroças, um cavalo lá parado. É complicado você dá essa condição de vida para as pessoas né. Deixar que elas tenham esse tipo de vida. Acho que nós vamos por baixo aqui dar uma volta. Vamos caminhar mais um pouco.
Estamos passando na frente da associação de moradores do bairro Renascer. Interessante aquela placa Bairro Renascer. Como se pode renascer numa condição de vida como essa? Porque, há uma característica na cidade de mudar os nomes dos bairros. Aqui era chamado Mina 4, Mina né, 4 porque era uma das estações de carvão. Era assim chamada a companhia que tinha a concessão para exploração do carvão nessa área. Para apagar um pouco da memória que isso foi um área de mina, de mineração, muda-se os nomes dos bairros né, passa a ser Renascer.

T: Sem consulta popular.

M: Sem consulta. Foi simplesmente alguém: "olha vamos chamar aquilo de Renascer", renascimento, ressurgir, em que condição né. Interessante essa associação com sete geralmente... Ah! Criação de associação de bairros coisa interessantíssima do ponto de vista aqui. Na década de 70 existiam 37 associações. Hoje são 180 associações de bairro em Criciúma. E boa parte da estrutura das associações de bairro elas foram utilizadas pelas lideranças para fins político-partidários e elevando ao poder quem estava até a pouco tempo na liderança do município. Dessa forma clientelista de atender as necessidades das pessoas, ora dando em ornamento, ora dando um poste para iluminação, construindo uma, ajudando a construir uma casa, garantisse votos né. A forma de atuação dessas lideranças, das associações sempre foram atreladas a um político. Na verdade, servem como cabos eleitorais de uma corrente ou de outra que acaba criando dentro do espaço urbano espaços segregados onde cada bairro, cada zona tem seu chefe né, vamos dizer assim, tem o seu líder, que coordena aquela área. Então as lideranças comunitárias acabam tendo uma vinculação direta a esses "líderes" e acabam induzindo a população.
Aqui, olha aqui, a ponte represou o rio e a levou. A água veio até aqui. Tá vendo? Subiu tudo aqui ó! Alagou tudo aqui. Foi até meio metro de altura lá. Olha lá! Alagou tudo, olha! Como alagou! Minha nossa! E o volume de água ainda é alto aqui. Barbaridade! Olha lá! Quem é aquele cidadão lá? Bom dia! É o presidente do bairro?

Morador: O presidente do bairro não mora aqui. Ele não mora aqui é lá do Pinheiro.
M: Onde?

Morador: Pinheirinho.

M: Pinheirinho?

Morador: É.
M: Quem é presidente do bairro aqui agora.
Morador: Ele era dono daquele mercado ali ó.

M: Há.

Morador: Aí ele vendeu aquele mercado ali. A calamidade que ficou isso ontem aqui, tinha água e lodo até no pescoço ai. Metade da população do lado de cá, tão tudo sem roupa pra dormir.
M: Foi até que altura o rio aí?

Morador: Aqui pra nóis lá na casa dos 43, 45 cm.
M: Da casa?

Morador: É.

T: Neste momento os moradores se aproximam do narrador que estava contanto sobre a enchente ontem no bairro, ao mesmo tempo que registra a chegada do "presidente do bairro" que mora em outro bairro, chegou agora aqui para ver o que aconteceu.

M: Tubo bem? Como é que está a senhora?
Moradora: Tudo bom.
Morador: Por isso que a população está revoltada com ele porque só chegou agora. Ontem que era pra ele tá na calamidade que nóis acudia as crianças minha casa que é onde não foi água que eu moro um pouco arretirado agasalhou um montão de crianças. Que é todo mundo pedindo socorro é aquela criançada, água dentro de casa, pessoas ficaram sem roupa de cama, tudo, sofá, só aparelho de som, foi uma calamidade. Isso eu digo uma coisa aqui, diante de voceis, eu quero que essas autoridades grandes que tem aí, prefeitos, vereadores, deputados, isto é uma calamidade o que está passando esse bairro, porque eu vô dizê uma coisa ; eu ainda não vi coisa que terrível como aconteceu ontem, de o bombeiro tirar gente de dentro do rio, porque tava morrendo afogado naquela casinha que tá lá ó. Aquela última lá ó.

M: Mas a água subiu até lá?
Morador: Até lá.
Moradora: Foi até na minha casa e a minha casa é alta.

M: Onde está sua casa?
Moradora: Aqui.

M: Ali? É, é.
Moradora: Tudo, aquele canto ai nem se fala a água bateu pela janela, aquela casa lá debaixo lá ó.

M: Mas, nunca tinha alagado aqui?
Moradora: É a primeira vez, assim feio, foi a primeira vez.
Morador: Mais faiz muitos ano, 11 ano, faz 11 ano que eu moro do Renascer a promessa desses políticos é sempre de arrumar esse rio. Como? Sempre arrumá, se o leito do rio volta e passa ano e vem ano e entra ano e isso aqui fica sempre a mesma calamidade.

M: E o que eles iam fazer aqui. Um canal?
Morador: Eles iam fazer um canal, é. Eles iam fazer um canal fechado, aumentar e fazer um canal.

M: Ah! Iam alargar e fazer um canal fechado.
Morador: Iam fazer um canal fechado. É mais só que isso ai já tá passando dos limites.

M: O senhor mora desde o início do bairro aqui?
Morador: Moro desde o início, faz 11 anos.

M: E o senhor veio para cá a pedido de quem, para cá.
Morador: Eu vim pra cá, eu vim para cá porque eu fiz um negócio com um lotezinho pequeno aqui.

M: Ah! Tá.
Morador: Eu tinha um lote do bairro São Luiz e fiz negócio com um lotezinho aqui.

M: Negócio e veio pra cá.
Morador: Foi isso. Mais olha é uma calamidade. Alguém tem que fazer alguma coisa. Alguém tem que fazer alguma coisa, porque se não... Não sou o presidente de bairro, mais eu vô reunir a partir de hoje a tarde, vô começar a reunir o pessoal, todos, todos, todos aqui, principalmente dessa área toda atingida e nóis vamo pra frente da prefeitura falar com esses responsável, pra saber desses demonho. Eu ontem andava na água acudindo criança ai que estavam chorando pedindo socorro nas portas, nas janelas, mãe de resguardo, que olho criança fazê aqui, atravessando essa água aí direto pra lá e pra cá. Quer dizer o presidente do bairro mora lá naquele inferno, naquele Pinheirinho lá, não se interessa pela população, só feiz promessa, foi candidato a vereador.

T: Neste momento o caminhão do gás, interrompe a conversa, o morador está aqui revoltado, falando para a gente todo o sofrimento que passaram ontem com a enchente aqui do bairro, da parte baixa do bairro, ocasionada por um rio que é semicanalizado, mas que corre em tubos a céu aberto.

Morador: Olha a calamidade daquela casa ali ó. Molhou tudo rapaiz, perdeu todo o móvel. Tudo perdido. Televisão, geladeira, molhou tudo. o que foi do rapaiz estragô tudo. É pobre tem problema de enfermidade incurável, quer dizer, isso é uma situação que, olha, isso ai revolta. Revolta a gente mesmo, revolta, revolta. Porque quando é pra tá pedindo voto, quando é pra tá pedindo pra gente fazer uma coisa e outra é mil promessas. Mas quando chega na hora da calamidade,

ninguém, não são capazes de vim aqui pra vê, se a gente está, não, vamo vê a situação desse povo, vamo vê como é que está, vamo fazer alguma coisa.

M: O pessoal não vem ai da prefeitura?
Morador: Não, não vem
Moradores: Bombeiro.

M: Só os bombeiros?
Moradora: Só os bombeiro e ainda assim eles chegaram aqui ainda ficaram parado olhando nóis salvando os pessoal que tavam dentro da água as mães das criança, eles chegaram ali e ficaram olhando. Ai eu perguntei pra eles. Se eles vieram ajudá ou vieram ficá olhando. Aí a única coisa que eles disseram é que vieram ajudá. Mais fazê alguma coisa eles não fizeram. Oh! Ontem aqui era a maior das tristeza. Era mãe com filho gritando. Lá em casa eu abriguei o que eu pude abrigá. Teve gente lá em casa que um ficô por cima do outro porque a minha casa é piquininha também. Aí quando começô a subi a água lá em casa nóis começamo a corre pras casa mais que não tavam indo água. Daí eu disse: ó onde não tá indo água é ali no Passinho que é esse que tava falando, lá na Maria, eu disse, vamo corre pra lá. E comecei a ajudá o pessoal aqui. Depois passei pro lado de lá para ajudá o pessoal do lado de lá, ajudá o pessoal do lado de cá também que estava debaixo d'água e não veio ninguém da prefeitura aqui. Só os bombeiro mesmo e o povo daqui que uns ajudavam os outros.

M: Foi só desse lado esquerdo aqui que alagou. Só da parte de baixo.
Moradora: Foi, da parte de lá.

M: Aqui pra cima não?
Moradora: Não, lá pra cima não.
Moradora: Ali pra lá foi a maioria foi a maioria.

M: E esse pessoal daqui veio ajudar?
Moradora: O pessoal daqui ninguém veio ajudá. Eles não queriam passá o rio, tava muito cheio. Foi só nóis aqui mesmo que ajudemo os pessoal. Ali mesmo as mulhé chegavam a gritá por socorro. As crianças também e ninguém se mexia, se não fosse nóis aqui ir lá e se metê... a mãe e ajudá com a água por aqui assim, tira as crianças de dentro da água. Olha, foi a maior tristeza ontem aqui.
Pra lá ainda tem gente com água dentro de casa. Aqui a maioria aqui, aquele lá que é doente perdeu tudo.Lá do outro lado a minha vizinha não perdeu tudo porque nóis cheguemo em tempo, erguemo as coisas tudo pra cima. Ali a mulhé também perdeu tudo. Aqui foi uma tristeza ontem, aqui dava dó. Se voceis tivessem vindo ontem voceis iam vê.

M: E que horas começou a subir? Começou a chover eram umas 6:30 da tarde, 8:00 hora tava...
Moradora: Oito horas já tava aqui tudo alagado. Oito horas nóis já tava tudo aqui acudindo uns aos outros porque não dava de vê a situação que estava ontem aqui.

Morador: As autorizadas tem que tomá alguma atitude, fazê alguma coisa, tem que fazê alguma coisa as autoridades, tem que tomá alguma providência, fazê alguma coisa que interessa, também tirá esse presidente de bairro ai porque até agora ele não nos fez nada de bom, nada, nada, nada, mesmo no bairro dele né. Ele é dono de padaria, el é dono de mercado. Ele não vai tá se importando com quem é com coitadinho desse ai que não tem, não tem um, não tem onde recliná a cabeça.

M: Ele foi candidato a vereador?
Morador: Foi candidato mais não se elegeu.

M: Por qual partido?
Morador: Pelo PMDB.

T: PFL.

M: PFL?
Moradora: E aqui os vereadô vieram para cá e fizeram 50 promessas: "se eu ganhá... dá o voto pra mim que se eu ganhá eu arrumo esse valo, arrumo esse valo". O povo aqui tudo se iludiu e votô. Votaram tudo nos vereadô.

M: Que partido veio mais vereador aqui.
Moradora: O partido que veio mais aqui foi do Décio Góes. Até o Décio Góes veio aqui. Que se eu ganhá as eleições eu arrumo o valão. Se eu me torná prefeito a primeira coisa que eu vô fazê é isso aí. Ai, se tornou prefeito cada a primeira coisa que ele disse que ia fazê? Só papo? Só pra conversá os outros?

M: Tem gente indo embora lá.

T: Alguém já está mudando do bairro apavorado com a enchente de ontem. Então o nosso narrador está aqui escutando as pessoas. Os moradores tomaram espaço na nossa narrativa e estão coletivamente narrando a situação do bairro. O sofrimento de ontem. E a gente está se apresentando como pesquisadora da universidade da área do meio ambiente (narrador). "Como que é a vida no bairro?" e hoje..

M: Catástrofe.

T: Uma pesquisa que já está rolando desde dezembro. Um cavalo magro, maltratado aparecendo as costelas e o lombo em carne viva e o menino montou no cavalo e saiu correndo.
A região do bairro Renascer, se imaginássemos antes da exploração da mina, era uma região extremamente conservada de mata nativa. Hoje tu vê a beleza dos maricás que florescem agora em fevereiro. É um terreno que não é muito acidentado e ainda se vê ao redor matas, umas exóticas outras nativas e no meio de toda essa beleza né, o caos que é o bairro, após uma noite de enxurrada. Vários casebres nas barrancas de rejeitos caindo pelo riacho que se modificou em rio. Essa é uma degradação, essa é uma questão sócio ambiental de Criciúma

que não tem um metro de esgotamento sanitário, que tem todos os seus rios poluídos e os moradores atônitos nos procuram porque nos viram passear gravando correram desesperados pedindo. Que alguém venha dar uma luz, dar uma ajuda.

M: Nessa situação aqui fica difícil falar como ambientalista, falar para essas pessoas que moram nessa condição, nessa situação que passaram por esta tragédia que foi a questão do bairro e da inundação que foi excesso de chuva. Como é que vou falar em questões ambientais, em preservação, do espaço, do ambiente, em preservação do recursos naturais se a primeira preservação que eles tem aqui é a preservação da vida, do ser humano, preservação deles, enquanto cidadãos com direitos e com pleno exercício de sua cidadania que dá bem com a construção do social da cidade? Que não é só ter uma casa mas ter dignidade, ter auto-estima, ser reconhecido como cidadão, não só em períodos eleitorais quando o pessoal vem buscar o voto, com promessas né mas, ter reconhecido o seu espaço de vida, as suas condições de vida, a sua qualidade de vida. Então, como é que a gente vem depois de um dia de inundação como ontem, vendo o rio passando ai, com um volume considerável de água e dizer pra pessoas: olha! Tu tens que preservar o meio ambiente, tu tens que preservar a planta, tu tens que colocar o lixo no lugar certo, você não pode descartar errado. Se eles já são descartados, são jogados no lixo. No lixo degradado, no lixo da sobra, do espaço segregado. Difícil.
É que é assim, a parte mais antiga, por exemplo, as primeiras casas as primeiras povoações que foram feitas com recursos do poder público, estão numa zona mais alta, numa área que sofre inundação, não é próxima ao rio. Depois com o início de 265 casas, que foi o começo. Ai teve, as pessoas sabendo que o município estava dando lotes e que estava ajudando a construir casa... Começou, então, um processo de ocupação desordenado. Ai a secretaria de habitação do município, não tem um sistema que acompanha essas ocupações e que oriente né. Não é não para não avisar, nem proibir, mas sim orientar eles, educar as pessoas no sentido de... olha! Não ocupem essas áreas porque vocês podem sofrer processos de inundação o rio pode sair do canal e é uma ocupação recente. No uso desse espaço, construção de um bairro, vamos chamar de espaço urbano, onde o território do Renascer, 11 anos, 11 anos onde em termo de fenômeno climático, é nada.

T: O bairro tem 20 anos.

M: Ah! 20. Mas, mesmo 20 anos, as pessoas que a gente ouviu alguns depoimentos, dizendo que estão ali a 11, 13 anos nunca tinha acontecido coisa desse tipo. Realmente para essas pessoas que estão nesse tempo, morando nesse espaço, é difícil dizer para elas. Olha! Vai ter uma enchente. Vai inundar a sua casa. Não more ali porque o rio vai sai do leito. Agora saiu. Agora elas viram. E o que a gente vê no final ai da nossa narrativa coletiva é que, caminhões saindo com mudanças, pessoas indo embora, jogando responsabilidade pela situação na prefeitura, na administração municipal. Mas, quando elas foram para aquele local, ninguém orientou elas no sentido de...Olha! Não ocupem esse espaço. Preservem essa área. Deixem esse espaço para o rio, que é do rio. E

assim como ali, vários espaços na área urbana acabam sendo ocupados de forma desordenada. Quando o rio retoma o seu leito normal, ele que passa, dá vazão às suas águas. E falta respeitar. Então falar disso, depois de acontecer esses problemas. Primeiro para falar para esse pessoal que eles tem que preservar o ambiente... Que ambiente? Em que condição? Qual é a qualidade de vida que eles estão tendo para dizê: Olha! Vocês são os responsáveis pelo futuro dos seus filhos. Ontem eles estavam fazendo isso, na hora em que se atiraram no meio do mar d'água, como alguns disseram que se transformou aquele córrego. Estavam salvando os seus filhos para não morrem afogados. Isso é a preservar gerações para eles naquele momento. Nadar, se atirar e socorrer as crianças que estavam sendo levadas pelo rio. Poderia ter sido evitado.

T: Falam em quadro epidemiológico e prevenção em saúde pública. Imagina só, a água suja daquela quantas doenças pode transmitir.

M: Nessas horas eles não estão nem um pouco preocupados se vai transmitir doenças se não vai transmitir. Eles não estão preservando. Não estão preocupados se vai transmitir doença se não vai transmitir doença. Eles estão preocupados em salvar a vida naquele momento. Falar em não jogar pneu para controlar a dengue, não, vamos falar em preservar a vida. Vamos falar em cuidar do ser humano. Dar condições de vida para o ser humano. Não, o importante é a dignidade. O que aconteceu durante muito tempo nessas ocupações em área rejeitadas, esses espaços que foram construídos, esses bairros, como Mina Quatro e hoje Renascer nunca deveriam ter sido habitados. São áreas que não tem, não comportam a vida, não tem condições, não tem. O resultado da degradação, o resultado todo aquele problema de rejeito. Então, as doenças que pode ocorrer, ai coloca-se sobre essa área rejeitada, onde passa um córrego... Mais um grupo de família ai que vai passar de 600 hoje e você quer que tenham que qualidade de vida? A questão da invasão ou ocupação. Agora tem uma ocupação do espaço e é isso que o município não presta atenção nesse sentido, que há um processo, muitas vezes aceito por algumas correntes de pensamento, que algum tempo atrás eram ligadas as pastorais da igreja católica, ou a pastoral operária ou a pastoral da juventude, no início do movimento popular aqui em Criciúma é que há esse processo de ocupação de áreas porque o município não adota uma política, não só o município, o estado, a federação não adota uma política urbana, de ocupação planejada do espaço urbano. Ai o que acaba acontecendo, as pessoas na busca dos seus direitos, acabam ocupando áreas indevidas, impróprias, ai tentam construir, ai começa um trabalho de ida e vinda até a administração municipal, alguns de forma até um pouco mais organizada, outros não, tentando com cartazes, com faixas, reivindicar o que? Ai começa a reivindicar. Além da casa que eles se auto-constróem, começam a construir e depois começam a receber ajuda de um de outra pessoa de um de outro candidato a vereador, ou até do próprio município. Depois eles começam a lutar pelo o que? Por água, por luz, por pavimentação de rua, ai sai aquelas ruas mal traçadas, não tem um ordenamento que é curvas, de acordo com o caminho que eles decidem fazer. Não há um planejamento desse espaço, é uma ocupação sem planejamento e aí o município acaba sendo forçado pela situação que está, tornar legal, o que é ilegal né.

Ele acaba tendo que equipar o espaço acaba tendo que dá toda a infra estrutura. Só que, algumas pessoas adotam num sistema do clientelismo e do populismo e acabam utilizando dessas necessidades dessa população para se manter no poder. Nós temos uma situação nesse sentido, muito característica no Renascer, que é o clientelismo, que é o presidente da associação de bairro que ele era proprietário de um mercado nesse bairro Renascer. Provavelmente o sistema de compra, dele devia ser na época no sistema do caderninho, só que as pessoas marcavam lá, as pessoas marcam no caderninho e pessoa digna sempre ia mandando, então criava uma dependência com esse, mercadista local. Ele acabou se tornando um líder comunitário. E esse líder se elegeu presidente da associação depois quando já conseguiu tirar recursos das pessoas melhorou um pouco a situação de vida e acabou falindo. Está morando no bairro Pinheirinho. Mora em outro bairro, bairro Pinheirinho, que não tem os problemas que esse bairro tem é um bairro mais antigo com mais de 50 anos de idade, só que ele continua presidente do bairro e foi candidato a vereador. Foi candidato a vereador, não se elegeu, felizmente. Ainda é presidente de bairro, como pode se explicar? A pessoa não mora, não reside no bairro, não passou ou não passa a necessidade da população do dia a dia e como é que ele vai reivindicar alguma coisa? Como ele vai organizar essa população para ser atendida em seus direitos? Não dá. Provavelmente a população aceita essa situação porque ele, de alguma forma, talvez, atendesse algumas necessidades deles na forma que se chama clientelismo, troca de favores. Vai lá arrumar a entrada de uma casa, depositar um pouco de argila, ou então arrumar, conseguir que o município arrume. Então ele alia a função dele enquanto presidente da associação de bairros com a figura de poder? Também né. Isso dá sustentação a ele. Então ele não está independente, ele está atrelado a máquina pública, ao poder público que utiliza desses para, através de troca de favores, se manter no poder. A população deve aceitar porque ela não tem um esclarecimento do papel que é um líder comunitário, o que ele deve fazer, que aquilo que está sendo reivindicado por essa liderança comunitária não é só porque ele é líder, que vai lá pede e consegue mas, qualquer um poderia estar solicitando porque é um direito de qualquer cidadão de ter as suas condições de vida adequadas e não é o que acontece. Há essa ligação paternalista né, ter um pai, um pai que atenda as suas necessidades, as pessoas não se valorizam, não se reconhecem como cidadãos, com direitos e deveres na sociedade. Também além de não se valorizarem não se reconhecerem como cidadãos. E essa dependência do "pai" né, de alguém que atenda as suas necessidades. A questão também, quando há alguém no bairro fazer uma reivindicação, quando é aquilo que eu colocava mesmo, melhorar a sua frente da casa, é no sentido individual, da sua propriedade, do seu espaço. Ficou claro ali no bairro hoje com as pessoas que moram na parte alta nem se atreveram a atravessar o rio. Tinham medo de se afogar, mais não estavam nem ai para os que estavam do lado de baixo. Estavam tendo as casas invadidas pelas águas e tal, ficaram das suas casas assistindo. Como se assistissem através de um de camarote. Ta lá na arena, vendo os leões devorando os inocentes. A mesma coisa, a mesma cena, estavam lá assistindo de camarote. Um rio devorando as crianças.

Esse processo dessa dependência é extremo, essa questão, do individualismo e da competição e da busca do seu, das suas necessidades. Pouco exemplos tem, raríssimos, são tão raros, de que as pessoas busquem a construção de uma qualidade de vida melhor pensando no coletivo. Então, esse é uma característica. Só falta dizer que é uma característica de Criciúma ?



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – UFPR

Narrativa

João Paulo Teixeira

Ambientalista

Curitiba, 2002

Curitiba

Narrativa
1ª Fita/K

Data: 06/01/2001

Laboratório: Bairro Renascer

Ficha Técnica:
Narrador: João Paulo Teixeira
Ouvinte: Teresinha Maria Gonçalves

Local de Gravação:
Bairro: Renascer
Cidade: Criciúma

Equipamento:
01 Microcassette Recorder
Marca: Panasonic FP (Fast PlayBack) 2- SPEED
1ª FK MC- 60'

Transcrição e digitação:
Patrícia Elaine Medeiros

Revião: Teresinha Maria Gonçalves

Revisão da narrativa: João Paulo Teixeira

Nome: João Paulo Teixeira

Idade: 44 anos

Escolaridade: Primeiro grau

Profissão: Pedreiro-autônomo e marceneiro

Estado Civil: Casado

Local de Nascimento: Urussanga-SC

Residência em Criciúma: 37 Anos

Observação: Militante de movimentos sociais e ambientais. Filiado ao Partido Verde

NARRATIVA

O bairro Renascer/Mina Quatro ele surge no governo de Zé Augusto. no período de 1982/1988, e é resultado de uma carência habitacional que há e havia na cidade. Essa comunidade ela não, é muito diferente da situação das demais comunidades. Parece, infelizmente que os administradores escolhem sempre os piores lugares para colocar as pessoas de baixa renda da nossa cidade. E o bairro Renascer é isso. As pessoas moram aqui numa situação não muito boa. É uma quantidade de casas que é básico, algumas peças um banheiro, uma cozinha, e são quase que, porque não dizer jogadas numa determinada área da cidade, pra poder viver, para poder constituir a família em condições que infelizmente aqui no bairro Renascer é bastante, é bastante complicada. Complicada porque as pessoas foram colocadas aqui e não foi oferecida nenhuma infra-estrutura, nenhuma condição digna para que as pessoas pudessem viver decentemente.

A maioria das estradas não é pavimentada, elas ainda conservam a sua cobertura com pirita e até é bom fazer o registro de que, a pirita não dá nenhuma fonte de renda para os mineradores; é usada comumente nas comunidades para revestimentos nas estradas de aceso secundários ou principais dos moradores das nossas cidades e também aqui no bairro Renascer. Agora é preciso dizer e a gente precisa ir atrás nas questões fundamentais dessa situação, o que , o que me diz o bairro Renascer? O bairro Renascer é fruto de uma concepção de cidade, de mundo, que os dirigentes as pessoas responsáveis tem, em relação à própria humanidade. Que dizer como é quer era isso? A urbanização dos nossos centros como se deu? Um grande proprietário, abre uma fábrica, precisa de mão de obras e aí envolta de dessa fábrica, constrói algumas casas para os seus trabalhadores. Quer dizer a origem se dá, se a gente for fazer uma análise e há pessoas que fazem essas análises, sobre a ocupação do solo urbano, ele se dá basicamente e a partir dessa situação. Do desejo econômico, da vontade econômica, do ganhar dinheiro. Então os moradores de uma cidade ou de uma comunidade eles se constituem basicamente a partir do interesse econômico é, de alguém, ou de algumas pessoas, sejam eles governantes ou fortes empresários. E o bairro Renascer expressa a continuidade de anos e anos desse tipo de pensamento. Então as pessoas não são vistas, como serem humanos, como pessoas integradas a um meio. Eles são vistos, nós infelizmente, somos vistos, como uma força de trabalho, braçal ou intelectual e para que gente possa oferecer esse serviço precisamos de um lugar para se abrigar minimamente. E bairro Renascer aqui em Criciúma é isso: um espaço, o suficiente, para que as pessoas digam: eu tenho onde morar, nada além dessa questão da moradia. A gente não consegue, infelizmente, aprender nem mesmo com o meio, com a natureza. Cada pássaro eu poderia usar como exemplo, constrói o seu abrigo a sua casa no melhor ponto, no lugar mais seguro, mais tranqüilo que ele possa cumprir o seu ciclo, que ele possa desenvolver as suas crias, criar os seus, na maior segurança possível; segurança do sol, da chuva, dos predadores né, e poderíamos pegar outros animais para citar de exemplo da necessidade do abrigo, da importância do abrigo na vida das pessoas. Agora, com a gente, ser humano, infelizmente não acontece. Estamos passando, continuando na rua de entrada, numa das ruas de entrada da comunidade e temos ao longo da margem da rua,

água, água da chuva que se mistura com água com certeza de esgoto, esgoto doméstico. Porque,aqui também, como na maioria ou como todos os bairros da cidade, não existe nenhum tratamento e nenhum cuidado e nenhuma discussão, nenhuma reflexão sobre o nosso, lixo do dia-a-dia. O lixo que a gente produz dentro das nossas casas. Aliás, alguns técnicos felizmente da UNESC já estão conseguindo fazer levantamentos, de onde que vai, para onde está indo o nosso lixo. Moramos numa cidade minada. Esse lixo, esse esgoto que nós produzimos ele acaba sendo absolvido pelo próprio solo. No que vai dá isso? Ninguém sabe. Não há pesquisas, estudos nesse sentido, mais infelizmente o cheiro que a gente pode sentir agora nessa água que corre ao redor, denuncia que essa situação é péssima. Estamos chegando enfrente, naquilo assim que eu chamo de uma vergonha, municipal de uma vergonha para nós todos. Como cidadãos nessa cidade a gente gostaria de poder vê-la n bonita que oferecendo condições para pessoas viverem decentemente.

Estamos de frente para um córrego que corta praticamente o meio da comunidade é um valo a céu aberto né, muito sujo, muito sujo, cheio de, de coisas, de plásticos, de pé, outros tipos de plásticos, sofás queimados, gaiolas de pássaros enfim e ao longo desse córrego, desse esgoto a céu aberto, né algumas casas, alguns casebres, alguns barracos né, "algumas meias águas" em condições bastante, bastante, bastante desumanas, entristece a gente vê essa situação, porque nós sabemos perfeitamente que Criciúma é cidade rica e as pessoas poderiam vive um pouco mais de decência e só não acontece porque não há um interesse, aquilo que eu dizia no começo além de outro fatores né, as pessoas são vistas apenas como força de trabalho, como pessoas que estão ali apenas pra produzir, para gerar riqueza, gerar bens, para algumas pessoas né, para a elite.

Continuando a nossa, a nossa caminhada a gente toma cuidado para não pisar encima de cocô de cachorro que está aqui bem próximo da gente. Pirita de novo, a gente tem o contato com o rejeito do carvão. Repito de novo: para alguns isso serve como base para construir uma comunidade. Uma comunidade inteira foi colocada encima de um lixão. Aí se pergunta: até que ponto foi feito algum tipo de análise, alguma investigação, alguma pesquisa que indicasse a possibilidade da construção ou o surgimento de uma comunidade encima de um lixão, sem que esse tenha sido preparado, trabalhado, obedecendo algumas técnicas mínimas necessárias? Para que as pessoas que viessem morar aqui como estão morando, ,não sentissem tanto os efeitos dessa, dessa situação de degradação.

Antes mina, depois mais tarde lixão e aí eu fico me perguntando, como se sente um morador ou uma comunidade que diante de áreas boas para se morar são colocadas encima de um lixão. Se partisse do meu sentimento, eu me sentiria menos que outros porque como que alguns podem morar em áreas que eles chamam de nobres e a outros fica reservado essa situação, essa situação de convivência dioturnamente com essa vergonha. Essa vergonha, ver que é o que a gente está vendo nesse momento que é esse valo, esse esgoto a céu aberto esse cheiro. É o cheiro uma água envenenada, uma água completamente morta. Está morta porque a gente produziu essa morte. Essa água, com certeza, já foi uma fonte quem sabe. Já serviu de alimento para algumas pessoas. Porque não tenha dúvida nenhuma; deve ter ou deveria ter havido peixes nesse o nesse córrego. Hoje está aqui e são pessoas. É bom a gente nunca esquecer disso. São pessoas que, em época de eleição, por exemplo, são procuradas, "valorizadas", têm um valor, têm

um preço. Alguns candidatos pagam valores "razoáveis" para garantir o voto de algumas dessas pessoas que fazem parte da cidade e são vistas com uma safra. De eleição em eleição, os políticos – tradicionais vem fazer a colheita. Vem tirar aquilo que é a única coisa que lhes interessa: o voto. É lógico, para continuar tudo como está.

Nós estamos agora encima de uma estrada pavimentada toda de lajota é um trecho curto, mais é uma das poucas ruas pavimentadas da comunidade. Ao nosso lado, tem uma área de terra próxima a um do chiqueirão. É campo de futebol. Com cobertura de pirita e em algumas partes eram camadas pequenas de terra. Parece que é isso que eles chamam de recuperação ambiental; jogar essa camada de menos de quatro dedos de terra encima da pirita .Essa é a política para toda a cidade. Construiram loteamentos, não só aqui no Renascer, como em outras comunidades. E as condições de estrutura, que foi garantida a essas pessoas são esses quatro dedos de terra sobre a pirita. Parece que quando a gente morre, tem um pouco mais de valor porque daí são sete palmos que colocam encima da gente. Aqui para as pessoas viverem basta botar quatro dedos de terra, na lógica dos poderosos. Quem sabe não é para apressar esse momento dos sete palmos...

Nós estamos chegando perto um mercado, do Táio, esse Táio lembra muita coisa; para alguns felicidade para outros é um azar. Na minha opinião é uma extensão da política equivocada, tradicional errada que usa o povo, as pessoas para se beneficiar, infelizmente. Mas, deixando a fofoca de lado, não estamos aqui para falar das pessoas, mais sim de uma concepção de mundo, uma concepção de vida, de uma concepção de cidade, de comunidade, de bairro.

E o bairro Renascer eu também queria falar uma coisa: ele foi um bairro que desde o começo sempre lutou, sempre batalhou para melhorar sua condição habitacional. Essa luta, porém, nunca foi suficiente para garantir essa melhoria de qualidade. Diferentemente de outros bairros que a gente conhece na cidade, que batalharam, brigaram e conseguiram melhorar a qualidade de vida. Aqui, isso não foi possível e a explicação, a melhor que tenho para isso, é um pouco da visão que as pessoas, que as lideranças das comunidades têm sobre a própria comunidade. Lembro das vezes que estive por aqui, não lembro de ter visto grandes reuniões, grandes assembléias que envolvessem a comunidade, desde o seu nascedouro.

Como a própria comunidade já é resultado de uma articulação política e uma vontade política dos políticos de plantão da época, ela já nasce meio que com seus caciques dentro do próprio bairro e esses caciques que sempre tentaram resolver seus problemas. Mas, como são figuras muito influentes na cidade ou dentro da própria administração, os moradores acabaram sempre sendo lograd os, enganados. Quem pagou com isso, na verdade , foi a comunidade.

Passamos nesse momento, na frente de uma placa da associação de moradores do bairro Renascer. Aliás, a Associação de Moradores que deve disputar para presidência, para diretoria, nesses próximos dias, agora no mês de março se não me engano, deve ter eleição por aqui. Existem pessoas se mexendo, se movimentando para articular chapas de situação e de oposição. Então deve ter uma luta bonita para tentar modificar a condição ou pelo menos a articulação das sociedades dessa comunidade.

Continuando, andando, nós passamos sobre um lugar com algumas pedras, pedras, é de britador , pedras de brita, com barro, barro que é daqui mesmo, é o que existe ainda de original. Dona Teresinha acaba de dar "um puxão de orelha" num moço

que não quer a companhia do seu cachorro .Não quer a companhia e resolveu bater no cachorro jogando pedra. Infelizmente é isso também a gente reproduz né, alguns mais forte. Tem gente que judia da gente e nós por nossa vez judiamos daqueles que podem menos e em relação a gente.
O bairro Renascer ele, ele surgiu eu não sei precisar o ano, mais no, no início da década de 1980. Esse bairro, como eu vinha dizendo nunca teve uma organização forte de base, de comunidade e isso explica um pouco a esse mesmismo que se vê em anos e mais anos. E as coisas continuam quase sempre do mesmo jeito. As pessoas quase sempre nas mesmas condições. A única coisa que muda é que vai aumentando a população e mais uma área sendo extrapolada. As pessoas, em função das necessidades, vão construindo as suas casas os seus abrigos.
Neste momento nós estamos passando num, numa área aonde tem sete ou oito casas construídas de madeira em cima de uma ponta de pirita, quer dizer, o que está sobrando de uma de um pedaço da comunidade está sendo ocupada e com certeza daqui mesmo alguns meses ou mais um ano haverá uma um espaço que servirá de rua e vamos ter mais um carreiro de casa ao lado e assim a comunidade vai crescendo e vão aumentando os problemas para a administração pública municipal que, infelizmente não faz frente a isso. Esperamos aliás que o novo governo que se instala em nossa cidade tenha uma preocupação maior com essa situação. Essa é a nossa esperança.
Mas enquanto nada se faz enquanto as pessoas, principalmente a comunidade, nós moradores, não tivermos uma consciência de que fazemos parte de um meio que é a terra, o ar , a água enfim , tudo aquilo que está em volta da gente deve ser pensado deve ser visto como uma coisa natural, que fazemos parte desse meio, infelizmente pouca coisa vai mudar.Fazemos parte desse meio e nem sabemos que somos parte dele. Acho que o bairro Renascer é fruto da consciência que nós homens somos superiores as outras coisas todas e sabemos que não é assim. Até preciso dizer aqui que enquanto não tomarmos consciência da necessidade da integração, da interação do homem com o meio ambiente, do meio ambiente com o homem vamos continuar produzindo Renascer, vamos continuar produzindo esse tipo de situação esse tipo de coisa isso não dá para dizer que é uma política habitacional. Isso é uma conseqüência de uma política muito equivocada que privilegiam o lucro, o dinheiro, que privilegiam o poder de alguns e a desgraça a miséria de tudo muitos. Tudo aquilo que tem de ruim é para a grande maioria das pessoas que não sabem o poder que tem.
Por outro lado, também vai ai uma opinião muito pessoal: muita gente que se interesse por isso, que vê essa situação se aborrece, acha que poderia ser diferente. Algumas delas inclusive, com conhecimento cientifico e podem contribuir para que a gente faça na cidade um grande debate sobre a uma forma de ocupar um espaço.
Estamos agora diante do trilho aonde durante anos e anos passa o carvão o carvão que se passa com medo passa carregando o medo é o trem que passa carregando o medo dos mineiros das suas esposas de seus filhos que passa carregando próprio carvão que passa carregando o lucro dos empresários que não fizeram outra coisa a não ser lucrar durante todo esse período. Ganharam muito dinheiro. Aliás, hoje eles são donos de outras fonte de renda, outras atividades econômicas não mais só o carvão. Mas, foi com certeza, o carvão formou uma "casta" em nossa cidade e que produziu a Criciúma que nós conhecemos. Uma Criciúma aonde alguns tem até

helicópteros tem aviõezinhos particulares. E a maioria vive nessa situação que eu e outras pessoas estamos relatando em relação ao bairro Renascer.
Então estamos diante do trilho que, na minha opinião, já deveria ser sido abolido. Já, desde aquele primeiro momento que alguns dirigentes tomaram consciência do mal que o carvão nos faz e que tomaram consciência da necessidade e da possibilidade de usarmos outras fontes energéticas que não comprometam tanto o meio ambiente como o carvão compromete. O carvão, infelizmente, nesse momento, tomou um fôlego e começa de novo a ser uma perspectiva de oferta energética para nossa cidade e para nossa região.
Ao lado do trilho, tem algumas bolsas alguns sacos de lixo que são colocado estamos aqui num, num entroncamento numa, numa encruzilhada de acesso a uma outra comunidade. É a rua que durante todo tempo está, assim, cheia de buracos com muita água , buracos cheios de água de pirita. Essa água se mistura ao areião, à a pirita, outros rejeitos e o lixo. Assim, dá um visual muito feio, muito sujo. Se não fosse a graça de alguns moradores que jogam algumas tintas nas suas casas, o resultado seria deprimente então nesse ponto que estamos no asfalto principal da comunidade nós vimos assim do lado do asfalto, no asfalto,a sujeira. Do lado esquerdo algumas moradias do lado direito eucaliptos que é o que resta a ser plantado nessas áreas degradadas.
Continuando ainda falar s sobre o trilho, o que ele representa para nós, percebemos um fator importante: registro que há uma cerca de arame farpado ao longo do trilho. Com certeza, essa cerca é para impedir a ocupação dessa área porque é uma área, uma faixa de terra razoável daria ali para, se fosse o caso, colocar mais que algumas dezenas de pessoas. Com certeza, se isso fosse possível, hoje, esse espaço seria ocupado, como já foi da mesma forma conforme eu relatei.
Num dado momento, de maneira muito irresponsável, a partir da necessidade sem nem uma orientação técnica daqueles que deveriam estar aqui próximo conversando discutindo refletindo, envolvendo a comunidade.
Dando as costas para o trilho, a gente fica olhando mais ao longe a gente observa que há ainda muito verde, há coisas, algumas casas, roça, uma parte de mata que mostra o que essa comunidade. Essa área aqui um dia não foi uma área degradada. Um dia essa área não era o Renascer, não era essa...esse pedacinho de terra comprometida como é hoje. E a terra está comprometida, as pessoas estão comprometidas tudo está comprometido. Fizeram, é bom que se diga o primeiro uso desse chão foi para mineração e depois, para encurtar conversa, foi para colocar o lixo da cidade inteira aqui. Agora porque que escolheram esse local para fazer o lixão com tantas áreas degradadas que tinha na nossa cidade? O lixão que vergonha né a gente sabe mais de 70% do nosso lixo hoje poderia ser reaproveitado, poderia inclusive, ser alguma fonte de renda para muita gente. Nada ou muito pouco é feito em relação a isso. Se não fosse a experiência de uma ou outra comunidade da nossa cidade a gente poderia dizer que uma das cidades mais poluídas do Brasil não tem nenhuma iniciativa no sentido de se que recuperar o lixo que a gente produz todos os dias. E isso não é uma coisa tão difícil de se fazer; basta que as pessoas da administração pública, as lideranças, os formadores enfim, sintam a necessidade disso e passem a discutir isso com a comunidade porque os últimos responsáveis por essa situação, inclusive de habilitação em péssimas condições, de não reciclagem do lixo produzido, os principais responsáveis não são os moradores. São as pessoas que não têm acesso que não tem informação e que

não tem muito como se defender dessa situação somos nóis os dirigentes ai ou digo nóis porque eu também de alguma forma sou responsável e cada um sabe o nível de comportamento que tem com a preservação ou com a degradação do nosso meio ambiente.
Demos um tempinho em nossa caminhada pelo bairro. Agora começaremos o nosso deslocamento para um outro ponto da comunidade .
Nesse momento, a gente passa pela rua que é asfaltada aonde passa ônibus que, aliás, é um problema para essa comunidade, é uma crise generalizada causada pelo descaso com os moradores. A grande maioria não tem como se deslocar se não com o ônibus. É uma comunidade que fica razoavelmente longe do centro da cidade e precisa de transporte coletivo. O transporte coletivo trabalha precariamente na comunidade principalmente nos finais de semana como é o caso de hoje que é sábado .Agora eu queria fazer um registro importante que apesar de Criciúma ser né, uma cidade muito comprometida do ponto de vista ambiental, não há um metro sequer de esgoto sanitário, um metro sequer. Até mesmo naqueles bairros chiques da nossa cidade não tem esgoto tratado ligado à rede que, por sua vez, deveria estar ligada a uma estação de tratamento. O nosso lixo vai sendo absorvido pela nossa terra. Uma terra que está toda perfurada, toda minerada Isso, com certeza, está alcançando o lençol freático .É um fato concreto é não sei se a gente não vai tá produzindo algum tipo de bactéria algum tipo de, de sei lá de problema de saúde de risco.A gente sabe produz vários elementos tóxicos né e o nosso lixo em contato com essas queimas de carvão com esse cheiro e não se sabe direito. Até algumas pessoas da UNESC tem colocado uma preocupação essa situação é porque hoje a gente pode não estar sentindo efeito mais amanhã daqui uma década, daqui duas décadas o que de que forma a natureza vai se defender dessa agressão porque a própria natureza vai se encarregar de enfrentar né esse essa agressão lhe dada agora como que ela vai, como sei né, e acho que ninguém sabe. Mas existe uma situação concreta a falta de tratamento de nosso lixo, o desrespeito as nossas nascentes, nesse momento passa um dos caminhões né caçamba que tem como papel principal fundamental o transporte do carvão, quem, quem tem comprido quem tem usado muito esses caminhões essas carretas caçamba no transporte do carvão hoje, é são sem duvida nenhuma são, são uns mineradores que é um veículo grande enorme carrega uma quantidade enorme de carvão .Apenas um caminhão e um motorista barateando então o custo, né diminuindo o custo, o preço do carvão facilitando a esse mesmo caminhão circular em todas, em parte né das ruas da nossa cidade destruindo a própria cidade, destruindo com os asfaltos com as lajotas, provocando uma poeira que a gente nem sempre vê né turque. Ela é muito fina, discreta, está levemente sobre nossas estradas, sobre nossas calçadas e esses caminhões acabam trazendo permanentemente isso para dentro da cidade. Eu trabalho por exemplo, no bairro Operária que é um bairro central e durante todo dia, desde a hora que chego até a hora que saio, passam caminhões transportando o carvão que desce aqui no centro da cidade de Criciúma. Continua aquele mesmo processo de jogar o rejeito do carvão seja até então através da poeira nas comunidades. Isso inclusive me remete a um período quando fui morar na comunidade da Vila Manaus que não tinha nada de pavimento e os caminhões circulavam nas ruas daquela comunidade e nós, principalmente as crianças, acordavam de manhã com os orifícios do nariz preto por dentro de respirar aquele pó do carvão, pó da pirita. Lembrei-me do carvão, lembrei-me do caminhão, e outro

caminhão está passando. Também é uma caçamba, é mais um veículo aí de transporte do carvão. Agora isso existe o carvão está ocupando um papel secundário na economia de Criciúma. Imagine só se eles conseguirem fazer de novo do carvão a ponta do desenvolvimento ou a frente do desenvolvimento da nossa cidade de novo, aí vai ser uma vergonha. Mais acho que isso não vai acontecer porque hoje, felizmente, existe uma gama grande de pessoas que têm uma consciência ecológica mais apurada, o censo de defesa da vida de preservação da vida. Isso é uma avaliação pessoal me parece ser muito maior hoje em Criciúma nas pessoas que moram em Criciúma do que era há dez, quinze, vinte anos atrás. Aos pouquinhos parece que as pessoas vão sentindo a necessidade de se defender e se defender hoje é preservar a nossa vida preservar o meio em que a gente vive.
Estamos chegando enfrente daquilo que eu chamo de uma vergonha municipal, de uma vergonha é para nós todos. Como cidadãos dessa cidade a gente gostaria de poder vê-la oferecendo condições para pessoas viverem decentemente. Nós estamos de frente para um córrego que corta praticamente o meio da comunidade. É um valo a céu aberto muito sujo, muito sujo, cheio de coisas, de plásticos, de papel, outros tipos de plásticos, sofás queimados, gaiolas de pássaros enfim. Ao longo desse córrego, desse esgoto a céu aberto, algumas casas, alguns casebres, alguns barracos, algumas meias-águas em condições bastante desumanas. Entristece a gente vê essa situação, porque nós sabemos perfeitamente que Criciúma é cidade rica e as pessoas poderiam vive um pouco mais de decência e só não acontece porque não há um interesse, aquilo que eu dizia no começo, além de outros fatores. As pessoas são vistas apenas como força de trabalho, como pessoas que estão ali apenas para produzir, para gerar riqueza, gerar bens, para algumas pessoas apenas, para uma elite.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – UFPR

Apresentação da Pesquisadora

Curitiba, 2002

unesc
Universidade
do Extremo
Sul Catarinense

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
DIRETORIA DE PESQUISA

Criciúma, 17 de janeiro de 2001.

Prezados Senhores.

Apresentamos a professora-pesquisadora Teresinha Maria Gonçalves, que necessita de vossa colaboração para realizar uma pesquisa sobre o bairro Renascer.

Agradecemos a atenção.

Cordialmente.

Guilherme de Castilho Queiroz
Diretor de Pesquisa/UNESC

unesc
Universidade
do Extremo
Sul Catarinense

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
DIRETORIA DE PESQUISA

Criciúma, 05 de fevereiro de 2001.

Prezados Senhores.

Apresentamos a professora-pesquisadora Teresinha Maria Gonçalves, que necessita de vossa colaboração para realizar uma pesquisa sobre a indústria do carvão em Criciúma.

Salientamos a necessidade de suas informações para o êxito da pesquisadora na elaboração de sua tese de doutorado.

Agradecemos a atenção.

Cordialmente.

Guilherme de Castilho Queiroz
Diretor de Pesquisa/UNESC

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – UFPR

Autorizações de Publicação das Informações do Minerador e dos Ambientalistas

Curitiba, 2002

AUTORIZAÇÃO

Autorizo à Professora *Teresinha Maria Gonçalves*, publicar minha entrevista em sua tese de doutorado, livro, revistas ou similares.

Criciúma, 23 de outubro de 2001

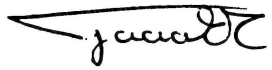


Dr. Sebastião Neto Campos

Criciúma, 29 de outubro de 2001.

AUTORIZAÇÃO

Autorizo a professora Teresinha Maria Gonçalves, a publicar em sua tese, livros e similares, a minha narrativa.



João Paulo Teixeira

Criciuma, 29 de outubro de 2001.

AUTORIZAÇÃO

Autorizo a professora Teresinha Maria Gonçalves, a publicar em sua tese, livros e similares, a minha narrativa.

Mario Ricardo Guadagnin